

V ECLAE

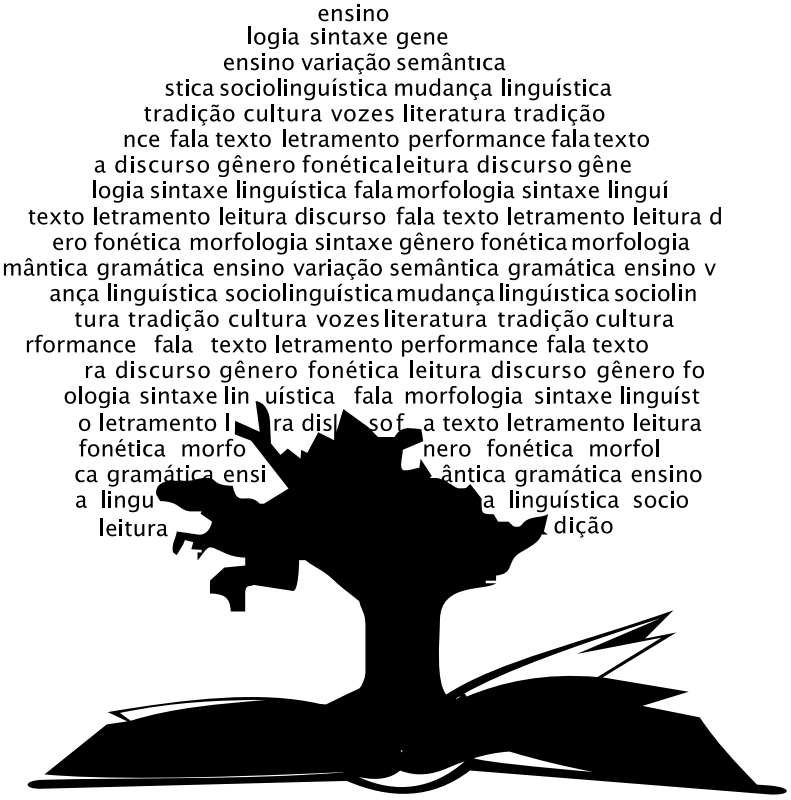
Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino

11 a 15 de outubro de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO

EDUFRN
Editora da UFRN



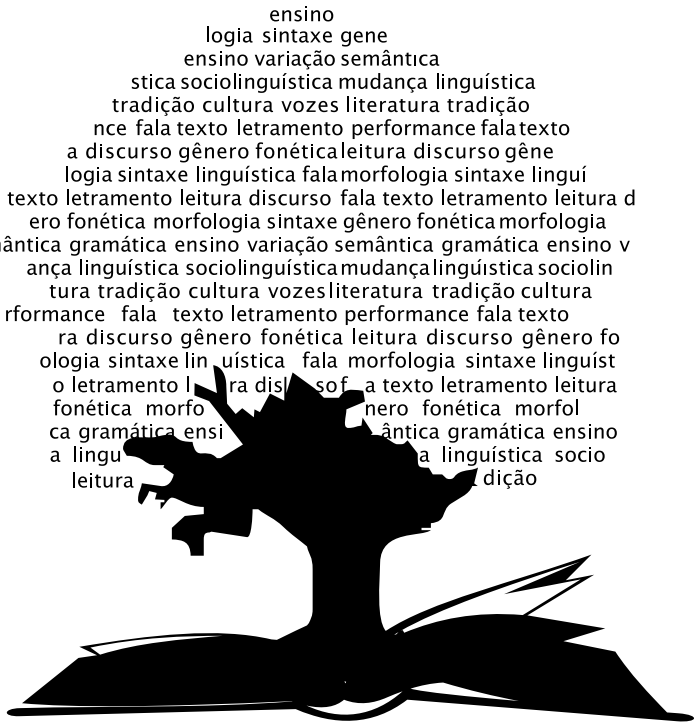
VECLAE

Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino

11 a 15 de outubro de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO



VECLAE

Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino

11 A 15 DE OUTUBRO DE 2011

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Departamento de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem

EDUFRN
Editora da UFRN

Natal/RN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
Natal-RN

EDITORA

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN
Campus Universitário – Lagoa Nova, s/n – Natal/RN
CEP 59.072-970 – Fone: 84 3215-3236 / Fax: 84 3215-3206
Site: www.editora.ufrn.br – E-mail: edufrn@editora.ufrn.br

ORGANIZAÇÃO EDITORIAL
Marco Antonio Martins
Luana Danielle do Nascimento Silva de Medeiros
Maria Joyce Paiva Medeiros
Aryonne da Silva Morais
Renato Kledson Ferreira
Thayse Santos Arimatéia
Kássia Kamilla de Moura

REVISÃO
Lucrécio Araújo de Sá Júnior
Sulemi Fabiano Campos

CAPA
Ismênio Souza (84) 9191.1239

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
GR Design Editorial
www.grdesigneditorial.com.br

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino (5: 2011: Natal, RN)
Caderno de Resumos do V Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino: ECLAE: 12 a 15 de outubro de 2011 / organizado por Marco Antonio Martins ... [et al.]. – Natal : GELNE, 2011.
360 p.

ISBN: 978-85-7273-814-9

1. Linguagem. 2. Língua. 3. Ensino. 4. GELNE. I. Martins, Marco Antonio. II. Sá Júnior, Lucrécio Araújo de. III. Rodrigues, Maria das Graças Soares. IV. Campos, Sulemi Fabiano. V. Título.

RN/BSE-CCHLA CDU 81'33



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

REITORA

Ângela Maria Paiva Cruz

VICE-REITORA

Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO - PROGRAD

Alexandre Augusto de Lara Menezes

PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO - PPG

Edna Maria da Silva

PRÓ-REITOR DE PESQUISA – PRO PESQ

Valter Jose Fernandes Junior

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – PROEX

Cipriano Maia de Vasconcelos

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO – PROAD

João Batista Bezerra

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL – PROPLAN

João Emanuel Evangelista de Oliveira

PRÓ-REITORA DE RECURSOS HUMANOS – PRH

Mirian Dantas dos Santos

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA

Herculano Ricardo Campos

VICE-DIRETORA DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA

Maria das Graças Soares Rodrigues

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LETRAS - DLET

Maria da Penha Casado Alves

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS MODERNAS - DLLEM

Renata Archanjo

VICE-CHEFE DO CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS MODERNAS - DLLEM

Marília Varella Bezerra de Faria

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - PPGEL

Luis Passeggi

VICE-COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM - PPGEL

Andrey Pereira de Oliveira

COORDENADORA DO CURSO DE LETRAS

Liomar Costa de Queiroz

VICE-COORDENADORA DO CURSO DE LETRAS

Silvana Moura da Costa

GELNE – GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO NORDESTE

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Departamento de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
(Sede Biênio 2010-2012)

Caixa Postal 1524 - Campus Universitário - Lagoa Nova - CEP: 59.072-970 - Natal/RN – Brasil

Fone: (84) 3215-3582 Fax: (84) 3214-3581
Homepage: http://www.gelne.org.br

DIRETORIA DO GELNE (BIÊNIO 2010-2012)

Presidente: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)
Vice-presidente: Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN)
Tesoureiro: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)
Secretária: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

CONSELHO

Profa. Dra. Denilda Moura (UFAL)
Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA)
Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira (UFC)
Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI)
Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena (UFPB)
Prof. Dr. Wagner Rodrigues Silva (UFT)

SUPLENTES DE CONSELHEIROS

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (UFAL)
Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA)
Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires (UEMA)
Profa. Dra. Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa (UFPI)
Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva (UFRPE)
Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA)

V ENCONTRO DAS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM APLICADAS AO ENSINO - ECLAE

REALIZAÇÃO

GELNE – Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste

COMISSÃO ORGANIZADORA DOCENTE

Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN) – presidente
Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN)
Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)
Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

EQUIPE DE APOIO

Aryonne da Silva Morais
Elisângela Tavares Dias
Kássia Kamilla de Moura
Luana Danielle do Nascimento Silva de Medeiros
Maria Joyce Paiva Medeiros
Marly Rocha Medeiros de Vargas
Rafael Aguar Moura
Renato Kledson Ferreira
Thayse Santos Arimatéia

COMISSÃO CIENTÍFICA

Andressa Cristina Coutinho Barboza (UFOP)
Ataliba T. de Castilho (USP, UNICAMP, CNPq)
Beliza Áurea de Arruda Mello (UFPB)
Célia Maria Medeiros Barbosa da Silva (UNP)
Cellina Muniz Rodrigues (UFRN)
Claudia Riolfi (USP)
Cleide Emília Faye Pedrosa (UFPB)
Derivaldo dos Santos (UFRN)
Dermeval da Hora (UFPB)
Gilton Sampaio (UERN)
Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)
Irandé Antunes (UFC)
Janaina Weissheimer (UFRN)
José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)
Leonor Lopes Fávero (PUCSP)
Leonor Werneck (UFRJ)
Luis Álvaro Sgadari Passeggi (UFRN)
Márcia Romero (UNIFESP)
Márcia Santos Duarte de Oliveira (USP)
Marcos Antonio Costa (UFRN)
Maria Alice Tavares (UFRN)
Maria Antónia Coutinho (Universidade Nova de Lisboa)
Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI)
Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR)
Maria da Conceição Passeggi (UFRN)
Maria da Penha Casado Alves (UFRN)
Maria do Socorro Oliveira (UFRN)
Maria Eugênia Lamoglia Duarte (UFRJ)
Maria Lobo (Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa)

Maria Lucia Pessoa Sampaio (UERN)
Marinalva Viera Barbosa (UFTM)
Mary Kato (UNICAMP)
Orlando Vian Junior (UFRN)
Paulo Henrique Duque (UFRN)
Roberta Pires de Oliveira (UFSC)
José Romerito Silva (UFRN)
Silvia Cavalcante (UFRJ)
Stella Telles (NEI/UFPE)
Tânia Lima (UFRN)
Tatyana Mabel (UFRN)
Valéria Severina Gomes (UFRPE)

APOIO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Pró-Reitoria de Extensão

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
Departamento de Letras
Departamento de Letras e Literaturas Estrangeiras Modernas

Centro de Educação
Departamento de Práticas Educacionais e Currículo
Departamento de Políticas Educacionais e Currículo
Programa de Pós-Graduação em Educação

Secretaria de Educação à Distância - SEDIS
Museu Câmara Cascudo

Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses - NCCEN

Editora Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN

Cooperativa Cultural Universitária

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte
Programa de Pós-Graduação em Letras

Universidade Potiguar

Escola de Educação – Letras

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior – CAPES

Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN

Editora Contexto
Editora Cortez
Editora Parábola

Apresentação

Prezados participantes,

Sejam bem-vindos ao *V Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino (ECLAE)*, à Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Natal!

Com o objetivo de discutir, na região nordeste, questões voltadas ao ensino de língua portuguesa e estrangeira e de literaturas, o ECLAE foi idealizado e realizado, em 2001, pela diretoria do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), no biênio 2000-2002, então sediado na Universidade Federal do Ceará. Dando continuidade à iniciativa proposta pela diretoria do Ceará foram realizadas mais três edições do encontro: na Universidade Federal da Paraíba, em 2003; na Universidade Federal de Alagoas, em 2007; e na Universidade Federal do Piauí, em 2009.

Nesta quinta edição, que se realiza entre os dias 11 e 15 de outubro de 2011, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – campus de Natal, o encontro tem como foco a interface entre diferentes áreas do conhecimento das ciências das linguagens e o ensino. São contempladas vinte áreas temáticas: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, linguística textual, sociolinguística, análise crítica do discurso, análise do discurso, letramento, gêneros discursivos, tradições discursivas, leitura e escrita, ensino de português, culturas populares, funcionalismo, cognição, aquisição da linguagem, ensino e aprendizagem de língua estrangeira, literatura e literaturas africanas de expressão portuguesa.

O V ECLAE conta com a participação de mais de mil sócios do GELNE inscritos no evento com apresentações de trabalho, nas diferentes áreas temáticas distribuídas em: duas conferências, vinte e quatro mesas-redondas, trinta e cinco sessões de comunicações coordenadas, noventa e seis sessões de comunicações individuais e sessão de pôsteres. São oferecidos, ainda, vinte e um minicursos, ministrados por renomados pesquisadores das diferentes áreas.

Publicam-se, neste caderno, a programação geral do evento e os resumos dos trabalhos apresentados nas mesas-redondas, nas comunicações coordenadas, nas comunicações individuais e na sessão de pôsteres.

Desejamos a todos um excelente ECLAE e, em terra de Câmara Cascudo, *um caçuá de abraços!*

Prof. Dr. Marco Antonio Martins
Presidente do GELNE – biênio 2010-2012

Sumário

Programação Geral **15**

Programação das Sessões de Comunicações Coordenadas **20**

Dia 12.10.2011 ..... **20**

Dia 13.10.2011 ..... **25**

Dia 14.10.2011 ..... **29**

Programação das Sessões de Comunicações Individuais **35**

Dia 12.10.2011 ..... **35**

Dia 13.10.2011 ..... **52**

Dia 14.10.2011 ..... **68**

Sessões de Pôsteres **84**

Resumo das Mesas Redondas **99**

Resumo das Sessões de Comunicações Coordenadas **121**

Resumo das Sessões de Comunicações Individuais **164**

Resumo das Sessões de Pôsteres **311**

Programação Geral

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES
11/10/11 (terça-feira)	Das 9h às 17h30	**Credenciamento** Local: Sala de eventos CCHLA da UFRN
	Das 9h às 12h - Das 14h30 às 17h30	**Minicursos** 1. Fonética e Fonologia: conceitos básicos e contribuições para o ensino de língua materna - Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP) 2. Letramentos Múltiplos – Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN), Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz (UFRN) e Profa. Dra. Ivoneide Bezerra de Araújo Santos 3. Educação plurilingue: a intercompreensão e o aprender com as línguas – Profa. Dra. Selma Alas Martins (UFRN) 4. Antropologia literária: autointerpretação humana e educação – Profa. Dra. Carmem Sevilla dos Santos (UFPB) 5. Material didático digital: como usar tecnologia digital no ensino de línguas – Profa. Dra. Nukacia Araújo (UECE) 6. Tradições discursivas e práticas escolares – Profa. Dra. Maria Lúcia da C. Victório de O. Andrade (USP) 7. O uso de ferramentas digitais no ensino de língua portuguesa – Profa. Dra. Áurea Zavam (UFC)
12/10/11 (quarta-feira)	9h	**Cerimônia de Abertura do V Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino** Local: Auditório da Reitoria - UFRN
	9h30	**Conferência de Abertura** Profa. Dra. Stella Maris Bortoni-Ricardo (UNB) Local: Auditório da Reitoria - UFRN
	Das 11h às 12h30	**Sessões de Comunicações Coordenadas** Local: Salas de aula do setor II/CCLHA
	Das 14h30 às 16h30	**LOCAL: Auditório A do CCHLA** **MESA-REDONDA 1 - ENSINO DE FONÉTICA E FONOLOGIA** Profa. Dra. Carla Maria Cunha (UFRN) – coordenadora Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP) Profa. Dra. Thaïs Cristófaro Alves da Silva (UFMG) Prof. Dr. Rubens Lucena (UFPB)
		LOCAL: Auditório B do CCHLA **MESA-REDONDA 2 - O ENSINO DE LITERATURA: PROBLEMÁTICAS E ALTERNATIVAS** Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN) – coordenador Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales (UFPA) Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCG) Profa. Dra. Vera Teixeira de Aguiar (PUCRS)
		LOCAL: Auditório C do CCHLA **MESA-REDONDA 3 - POÉTICAS ORAIS DAS CULTURAS POPULARES NA SALA DE AULA** Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN) – coordenador Profa. Dra. Beliza Áurea de Arruda Mello (UFPB) Profa. Dra. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira (UFPB)

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES
12/10/11 (quarta-feira)	Das 14h30 às 16h30	**LOCAL: Auditório D do CCHLA** **MESA-REDONDA 4 - ENSINO EM ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO** Profa. Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN) - coordenadora Profa Dra. Anna Elizabeth Balocco (UERJ) Profa Dra. Gisele de Carvalho (UERJ) Prof. Dr. Décio Bessa da Costa (UNEB)
		LOCAL: Auditório Biblioteca Central Zila Mamede **MESA-REDONDA 5 - ENSINO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA NA GRADUAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO "PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO" (PHPB)** Prof. Dr. Ataliba T. de Castilho (USP, UNICAMP, CNPq) – coordenador Profa. Dra. Sanderléia Longhin-Thomaxi (UNESP) Profa. Dra. Tânia Lobo (UFBA)
	Das 16h30 às 18h30	**Sessões de comunicações individuais** Local: Salas de aula do setor II / CCLHA
	19h	**Lançamentos de Livros** **Coquetel**
13/10/11 (quinta-feira)	Das 9h às 11h	**LOCAL: Auditório A do CCHLA** **MESA-REDONDA 6 - LITERATURA E ENSINO: A EDUCAÇÃO DO ESTÉTICO** Prof. Dr. Andrey Pereira de Oliveira (UFRN) - coordenador Prof. Dr. Gustavo Bernardo (UERJ) Profa. Dra. Carmen Sevilla dos Santos (UFPB) Profa. Dra. Marly Amarilha (UFRN)
		LOCAL: Auditório B do CCHLA **MESA-REDONDA 7 - FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E DIMENSÕES DA ALTERIDADE** Profa. Dra. Tatiana Mabel (UFRN) - coordenadora Profa. Dra. Irandé Antunes (UFC) Profa. Dra. Maria da Conceição Passeggi (UFRN)
		LOCAL: Auditório C do CCHLA **MESA-REDONDA 8 - O ENSINO DAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA** Profa. Dra. Tania Lima (UFRN) – coordenadora Profa. Dr. Anória Oliveira (UFBA) Profa. Dra. Rosilda Bezerra (UEPB) Profa. Dra. Marluce Pereira (UFPB)
		LOCAL: Auditório D do CCHLA **MESA-REDONDA 9 - ENSINO DE MORFOLOGIA** Prof. Dr. Romerito Silva (UFRN) - coordenador Profa. Dra. Margarida Basílio (PUC/RJ) Profa. Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR)
		LOCAL: Auditório da Biblioteca Central Zila Mamede **MESA-REDONDA 10 - SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO** Profa. Dra. Maria Alice Tavares (UFRN) – coordenadora Prof. Dr. Dermeval da Hora (UFPB) e Maria de Fátima de Souza Aquino (UEPB) Profa. Dra. Maria Eugênia Lamoglia Duarte (UFRJ) Profa. Dra. Edair Maria Görski (UFSC)
	Das 11h às 12h30	**Sessões de Comunicações Coordenadas** Local: Salas de aula do setor II/CCLHA
	Das 14h30 às 16h30	**LOCAL: Auditório A da CCHLA** **MESA-REDONDA 11 - INTERAÇÃO E ENSINO** Profa. Dra. Marise Adriana Mamede Galvão (UFRN) – coordenadora Profa. Dra. Kazue Saito de Barros (UFPE) Prof. Dr. Sandoval Nonato Gomes-Santos (USP)

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES
13/10/11 (quinta-feira)	Das 14h30 às 16h30	**LOCAL: Auditório B da CCHLA** **MESA-REDONDA 12 - GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO** Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN) – coordenadora Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo (UNITAU) Profa. Dra. Cellina Muniz Rodrigues (UFRN)
		LOCAL: Auditório C da CCHLA **MESA-REDONDA 13 – ANÁLISE LINGUÍSTICA, GRAMÁTICA E LÉXICO NA SALA DE AULA, PERPASSADOS PELA ENUNCIAÇÃO** Profa. Dra. Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI) - coordenadora Profa. Dra. Márcia Nogueira (UFC) Profa. Dra. Auxiliadora Bezerra (UFCG)
		LOCAL: Auditório D da CCHLA **MESA-REDONDA 14 - ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, TEXTO E EFEITOS DE SENTIDO** Prof. Dr. João Gomes da Silva Neto (UFRN) - coordenador Prof. Dr. Paulo Ramos (Universidade Federal de São Paulo) Prof. Dr. Francisco Alves Filho (UFPI)
		LOCAL: Auditório Biblioteca Central Zila Mamede **MESA-REDONDA 15 - ENSINO DE SINTAXE** Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN) – coordenador Profa. Dra. Mary Kato (UNICAMP) Profa. Dra. Maria José Foltran (UFPR) Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira (USP)
	Das 16h30 às 18h30	**Sessões de comunicações individuais** Local: Salas de aula do setor II / CCLHA
	18h30	**SESSÃO DE PÔSTER** Local: setor II de aulas **Atividade Cultural: vídeo sobre Oswaldo Lamartine**, Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN) Local: auditório A2 do setor de aula
14/10/11 (sexta-feira)	Das 9h às 11h	**LOCAL: Auditório A do CCHLA** **MESA-REDONDA 16 - LETRAMENTO E ENSINO** Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN) – coordenadora Profa. Dra. Maria Luiza de Menezes Dantas (MIRACOSTA COMMUNITY COLLEGE) Profa. Dra. Mary Cerutti-Rizzatti (UFSC)
		LOCAL: Auditório B do CCHLA **MESA-REDONDA 17 - ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA** Profa. Dra. Izabel Souza do Nascimento (UFRN) – coordenadora Profa. Dra. Cibele Krause-Lemke (UNICENTRO) Profa. Dra. Janaina Weissheimer (UFRN) Profa. Dra. Lucinéia Contiero (UFRN)
		LOCAL: Auditório C do CCHLA **MESA-REDONDA 18 – LÍNGUAS INDÍGENAS E EDUCAÇÃO: DISCUTINDO TRAJETÓRIAS** Prof. Dr. Clemilton Pinheiro Lopes (UFRN) – coordenador Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (NEI/UFAL) Profa. Dra. Cinthya Torres Melo (NFD/UFPE) Profa. Dra. Stella Telles (NEI/UFPE) e Zilma Henrique Melgueiro

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES
14/10/11 (sexta-feira)	Das 9h às 11h	**LOCAL: Auditório D do CCHLA** **MESA-REDONDA 19 - ESCRITA, ENSINO E SINGULARIDADE** Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN) - coordenadora Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores (UFRGS) Profa. Dra. Magali Lopes Endruweit (UFRGS) Prof. Dr. Eduardo Calil de Oliveira (UFAL)
		LOCAL: Auditório Biblioteca Central Zila Mamede **MESA-REDONDA 20 - ENSINO DE SEMÂNTICA** Prof. Dr. Luis Passeggi (UFRN) – coordenador Prof. Dr. Rodolfo Ilari (UNICAMP) Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira (UFSC)
	Das 11h às 12h30	**Sessões de Comunicações Coordenadas** Local: Salas de aula do setor II/CCLHA
	Das 14h30 às 16h30	**LOCAL: Auditório A do CCHLA** **MESA-REDONDA 21 - LINGUAGEM, COGNIÇÃO E ENSINO** Prof. Dr. Paulo Henrique Duque (UFRN) – coordenador Prof. Dr. Marcos Antonio Costa (UFRN) Profa. Dra. Ana Flávia Gehardt (UFRJ)
		LOCAL: Auditório B do CCHLA **MESA-REDONDA 22 - ENSINO DA LEITURA NA CONTEMPORANEIDADE** Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN) – coordenadora) Profa. Dra. Claudia Riolfi (USP) Prof. Dr. Valdir Barzotto (USP) Prof. Dr. Thomas Massao Fairchild (UFPA)
		LOCAL: Auditório C do CCHLA **MESA-REDONDA 23 - PRÁTICAS DISCURSIVAS DA IMPRENSA BRASILEIRA: UM OLHAR DIACRÔNICO NA SALA DE AULA** Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN) – coordenador Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade (USP) Profa. Dra. Valéria Severina Gomes (UFRPE) Profa. Dra. Aurea Zavam (UFC)
		LOCAL: Auditório Biblioteca Central Zila Mamede **MESA-REDONDA 24 - LINGUÍSTICA DE TEXTO E ENSINO** Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN) – coordenadora Profa. Dra. Leonor Werneck (UFRJ) Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (UFC) Profa. Dra. Vanda Elias (PUCSP)
	Das 16h30 às 18h30	**Sessões de comunicações individuais** Local: Salas de aula do setor II / CCLHA
	18h30	**Conferência de Encerramento** Prof. Dr. Ataliba T. de Castilho (USP, UNICAMP, CNPq) Local: Auditório da reitoria - UFRN
15/10/11 (sábado)	18h30	**Minicursos** 1. Ensino de Língua Portuguesa – Profa. Dra. Irandé Antunes (UFC) 2. Sociolinguística e ensino – Profa. Dra. Edair Maria Görski (UFSC) e Raquel Meister Ko. Freitag (UFS) 3. A leitura da linguagem verbovisual dos gêneros discursivos – Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo (Universidade de Taubaté) 4. História Social do Português Brasileiro e o ensino de língua – Profa. Dra. Tânia Lobo (UFBA) 5. Práticas jornalísticas do século XIX e o ensino da lingua(gem) – Profa. Dra. Valéria Severina Gomes (UFRPE) 6. Literatura infanto-juvenil – Profa. Dra. Vera Teixeira de Aguiar (PUCRS)

DATA	HORÁRIO	ATIVIDADES
15/10/11 (sábado)	18h30	7. Dêixis/referência questões e contribuições para o ensino do português – Profa. Dra. Jussara Abraçado (UFF) 8. Ensino de variação linguística: pluralidade de normas – Profa. Dra. Silvia Vieira (UFRJ) 9. Literatura e ensino - Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCG) 10. Linguística Aplicada e Formação de Professores de Língua Estrangeira - Prof. Dr. Orlando Vian Junior (UFRN) 11. Cadeias referenciais do texto – Profa. Dra. Cláudia Roncarati (UFF) 12. Práticas de linguagem em sala de aula: leitura, produção textual e análise linguística – Profa. Dra. Leonor Werneck (UFRJ) e Manuela Colamarco (Doutoranda-UFRJ) 13. Uso dos quadrinhos em sala de aula – Profa. Dra. Odete Pereira da Silva Menon 14. Semântica e ensino e Língua Portuguesa – Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira (UFSC)

Programação das Sessões de Comunicações Coordenadas

DIA 12 DE OUTUBRO DE 2011
Setor II de aulas - das 11h às 12h30

ÁREA TEMÁTICA 3: SINTAXE E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 7 - **Horário**: das 11h às 12h30*

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE GRAMÁTICA: OS PRONOMES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O ENSINO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO BRASIL: QUEBRANDO (PRE)CONCEITOS
Elisabeth Silva de Vieira Moura (Mestranda do PPgEL/UFRN)- coordenadora
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

PRONOMES PESSOAIS SUJEITOS E O ENSINO DE GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA
Kássia Kamilla de Moura (Mestranda do PPgEL/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

OS PRONOMES POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO SOBRE A ABORDAGEM DE GRAMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Marly Rocha Medeiros de Vargas (CELE/UFRN)
Marco Antonio Martins (UFRN)

SESSÃO 2
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 8 - **Horário**: das 11h às 12h30*

CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA ACADÊMICA PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS

CLÍTICOS ACUSATIVO E DATIVO NO ENSINO DE LÍNGUA PADRÃO
Gilson Costa Freire - coordenador

ENSINO DE SINTAXE: O ACUSATIVO ANAFÓRICO EM TEXTOS HUMORÍSTICOS
Ângela Marina Bravin dos Santos

ENSINO DE PORTUGUÊS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: CENTRADO NO PADRÃO REAL OU PADRÃO IDEAL?
Mayra Cristina Guimarães Averbug (ISERJ/FAETEC-RJ)

ÁREA TEMÁTICA 4: SEMÂNTICA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 9 - **Horário**: das 11h às 12h30*

ENSINANDO COM O HUMOR: PROPOSTAS DE ESTUDOS DO SIGNIFICADO A PARTIR DE TEXTOS HUMORÍSTICOS

TÓPICOS SEMÂNTICOS COMO RECURSOS LINGUÍSTICOS E CONTEXTUAIS DE CONSTRUÇÃO DO TEXTO HUMORÍSTICO: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA
Mônica Mano Trindade Ferraz - coordenadora

AS RELAÇÕES LEXICAIS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO(S) DE GÊNEROS DO HUMOR: PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA REFLEXIVA
José Wellisten Abreu de Souza
Mariana Lins Escarpinete
Orientadora: Mônica Mano Trindade Ferraz

PROCESSOS DE INFERÊNCIA NAS PRÁTICAS DE LEITURA: AS CHARGES NA SALA DE AULA
Mariana Lins Escarpinete
José Wellisten Abreu de Souza
Orientadora: Mônica Mano Trindade Ferraz

ÁREA TEMÁTICA 7: SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** auditório A do CCLHA - **Horário**: das 11h às 12h30*

VARIAÇÃO E ENSINO

VARIAÇÃO E ENSINO: A SOCIOLINGUISTICA COMO APOIO AO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA
Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC/UFPB) - coordenadora

VARIAÇÃO E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA
Maria Elias Soares (UFC)

A RELEVÂNCIA DO CÓRPUS *NORPOFOR* PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Aluiza Alves de Araújo

O LUGAR DAS MARCAS SOCIOLINGUÍSTICAS EM DICIONÁRIO ESCOLAR
Antônio Luciano Pontes

ÁREA TEMÁTICA 8: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** auditório B do CCHLA - **Horário**: das 11h às 12h30*

MÍDIAS NAS ESCOLAS: POR UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA CRÍTICA DE SUAS CONTRIBUIÇÕES

UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DAS MUDANÇAS SOCIAIS: O NOVO PODER DAS VOZES EMERGENTES NAS REDES SOCIAIS.
Leticia Beatriz Gambetta Abella (UFRN) - coordenadora
Orientador: Profa. Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

AS REVISTAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA ESCOLA: INSTRUMENTO PEDAGÓGICO EFICIENTE?
Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)
Paulo Sérgio da Silva Santos (UFSE)

A POBREZA SEGUNDO O GOVERNO BRASILEIRO: A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA NO DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DA LEITURA
Rodrigo Slama Ribas (CELE/UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 10 - **Horário:** das 11h às 12h30*

TRAJETÓRIAS PARA O LETRAMENTO A PARTIR DA ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS

LETRAMENTO A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS
Marcia Elizabeth Bortone (Professora da UNICAP) - coordenadora

O CONTINUUM FALA-ESCRITA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE MARCAS DE INTERATIVIDADE EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO NO FUNDAMENTAL II
Cassandra de Lemos Trajano (mestranda da UNICAP)

A AQUISIÇÃO DO LETRAMENTO POR MEIO DA ABORDAGEM DOS GÊNEROS
Natasha Ferraz Canto Pessoa de Luna (mestranda da UNICAP)

ÁREA TEMÁTICA 11: GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 11 - **Horário**: das 11h às 12h30*

A ATIVIDADE DOCENTE: UM ESTUDO DE TRÊS GÊNEROS TEXTUAIS

CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO "PROVA ESCRITA": PONDO O PROFESSOR À PROVA
Ana Maria Costa de Araujo Lima (UFPE) - coordenadora

O POWERPOINT VOLTADO PARA O ENSINO: UMA ABORDAGEM RETÓRICA E MULTIMODAL DO GÊNERO
Ana Regina Ferraz Vieira (IFPE)

O PARECER PEDAGÓGICO COMO ORGANIZADOR DA AÇÃO DOCENTE
Normanda da Silva Beserra (UFPE)

ÁREA TEMÁTICA 12: TRADIÇÕES DISCURSIVAS E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 12 - **Horário**: das 11h às 12h30*

PRÁTICAS DISCURSIVAS DA IMPRENSA BRASILEIRA: UM OLHAR

PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA E ESCRITA NO JORNAL CARAPUCEIRO DO SÉCULO XIX
Valéria Severina Gomes - coordenadora

ATOS DE FALA TRADICIONAIS NA FOLIA DE REIS
Elisângela Tavares Dias (PPGEL/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)

A CONTRIBUIÇÃO DA TRADIÇÃO DISCURSIVA PARA O ENSINO
Aucineide Marques de Oliveira (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)

ÁREA 13: LITERATURA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** auditório C do CCHLA - **Horário**: das 11h às 12h30*

A LITERATURA BRASILEIRA NOS SISTEMAS DE ENSINO

O SERTANEJO E A ÁGUA NA LITERATURA REGIONAL
Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN) - coordenador

A POESIA DO SEMI-ÁRIDO: A ÁGUA DÁ O TOM
José Luiz Ferreira

PORTAL DA MEMÓRIA LITERÁRIA POTIGUAR
Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro (UFRN)
Orientador: Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 14: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala13 - **Horário**: das 11h às 12h30*

ENSINO DE INGLÊS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: EXPERIÊNCIAS COM GÊNEROS E GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

PORTFOLIOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA PARA PROFESSORES DE INGLÊS EM FORMAÇÃO
Orlando Vian Júnior (UFRN) - coordenador

O GÊNERO *FLASH FICTION* NO ENSINO DE INGÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA
Jennifer Sarah Cooper (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Orlando Vian Júnior (UFRN)

O GÊNERO *PODCAST* EDUCACIONAL NO ENSINO DE COMPREENSÃO ORAL
Mauro Uchôa (UFAC)
Orientador: Prof. Dr. Orlando Vian Júnior (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 14 - **Horário**: das 11h às 12h30*

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONTEÚDOS, METODOLOGIA E FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DA FORMAÇÃO À SALA DE AULA
Josilete Alves Moreira de Azevedo (UFRN)
Orientador: João Gomes da Silva Neto (UFRN) - coordenador

A CORTESIA VERBAL NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: CONTEÚDOS E PROCEDIMENTOS PARA A SEQUÊNCIA DIDÁTICA
Elaine Araújo Gheysens (PPgEL/UFRN)
João Gomes da Silva Neto (PPgEL/UFRN)

A DISCIPLINA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: FASES DA AULA E A PRÁTICA DOCENTE
Celia Maria Medeiros Barbosa da Silva

ÁREA TEMÁTICA 19: COGNIÇÃO E ENSINO

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 15 - **Horário**: das 11h às 12h30*

ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DE COMPREENSÃO DE TEXTOS: PROPOSTAS DE ENSINO

MODELO DE SITUAÇÕES E COMPREENSÃO DE TEXTOS: O PAPEL DO ASPECTO
Paulo Henrique Duque (UFRN) - coordenador

A CONSTRUÇÃO DE MODELOS SITUACIONAIS NO PROCESSO DE COMPREENSÃO DA NARRATIVA EM MACUNAÍMA
Giezi Alves de Oliveira (UFRN)

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES
Vanilton Pereira da Silva (UFRN)

DIA 13 DE OUTUBRO DE 2011
Setor II de aulas - das 11h às 12h30

ÁREA TEMÁTICA 3: SINTAXE E ENSINO

SESSÃO 3
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala7 - **Horário**: das 11h às 12h30*

A EXPRESSÃO DO SUJEITO E DO OBJETO: ASPECTOS DA SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ENSINO DE GRAMÁTICA

A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Aryonne da Silva Morais (CELE/UFRN) - coordenadora
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

O DUPLO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Rimylles Fabrício Alve da Silva (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

A EXPRESSÃO DO OBJETO ANAFÓRICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Fernanda Rafaela Lopes de Medeiros (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

SESSÃO 4
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala 8 - **Horário**: das 11h às 12h30*

ENSINO DE GRAMÁTICA COM BASE NO TEXTO

ESTRATÉGIAS FUNÇÃO > FORMA & FORMA > FUNÇÃO: SUGESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA COM BASE NO TEXTO
Maria Alice Tavares (UFRN) - coordenadora

PERÍFRASE [IR/PEGAR/CHEGAR (E) V2] NA FALA E NA ESCRITA: SUGESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA COM BASE NO TEXTO
Josele Julião Laurentino (UFRN)
Laralis Nunes de Souza (UFRN)
Maria Alice Tavares (UFRN)

CONECTORES SEQUENCIADORES EM ARTIGOS DE OPINIÃO: SUGESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA COM BASE NO TEXTO
Flávia Angélica de Amorim Andrade (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 7: SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

SESSÃO 2
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala9 - **Horário**: das 11h às 12h30*

ESTUDOS DE SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

O CONTÍNUO RURAL-URBANO NA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
Lucia F. Mendonça Cyranka (UFJF/FAPEMIG) - coordenadora

SOCIOLINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA: ABORDAGENS DA VARIAÇÃO EM SALA DE AULA
Bruno Defilippo Horta

A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES?
Marianna do Valle Modesto Paixão
Patricia Rafaela Otoni Ribeiro

ÁREA TEMÁTICA 8: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

SESSÃO 2
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala10 - **Horário**: das 11h às 12h30*

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

O GÊNERO ANÚNCIO E A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: UMA LEITURA CRÍTICA COM FOCO NA ECONOMIA NEOLIBERAL
João Batista da Costa Júnior - coordenador
Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

CARTAS DO LEITOR NA REVISTA CLAUDIA: MUDANÇAS DISCURSIVAS E SOCIAIS SOB O VIÉS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO
Guianezza M. De Góis Saraiva Meira (UFRN)
Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

TEXTO CURRÍCULO LATTES: IDENTIDADE, AUTO-PROMOÇÃO, VENDA DE IMAGEM, E CONTRUÇÃO DO EU
Joao Paulo Lima Cunha (UFSE)
Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala11 - **Horário**: das 11h às 12h30*

LETRAMENTO NO TRABALHO E NA FORMAÇÃO PARA O TRABALHO

REPRESENTAÇÕES DA ENFERMAGEM SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO TRABALHO HOSPITALAR
Ana Maria de Oliveira Paz (UFRN/CERES/DCSH/PPgEL) - coordenadora

AS PRÁTICAS DE LEITURA NO TRABALHO DO AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE
Carlos Henrique da Silva (Mestrando/PPgEL/ UFRN)
Orientadora: Ana Maria de Oliveira Paz (UFRN/CERES/DCSH/PPgEL)

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA POLÍTICA PÚBLICA DO TRÂNSITO: UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE CONDUTORES DE VEÍCULOS
Klébia Ribeiro da Costa (Mestranda/PPgEL/ UFRN)
Orientadora: Ana Maria de Oliveira Paz (UFRN/CERES/DCSH/PPgEL)

ÁREA TEMÁTICA 11: GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala12 - **Horário**: das 11h às 12h30*

ANÁLISE DIALÓGICA DE TEXTOS VERBO-VISUAIS

ECOS DA PORNOCHANCHADA: UM ESTUDO DIALÓGICO DAS VOZES SOCIAIS QUE EMERGEM DAS COMÉDIAS ERÓTICAS DOS ANOS 70
Gilvando Alves de Oliveira (Doutorando - UFRN) – coordenador
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

A QUESTÃO DO IMAGÉTICO NA CHARGE: UMA REFLEXÃO ACERCA DA LEITURA DA IMAGEM
Fernanda de Moura Ferreira (Mestranda – UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

A LINGUAGEM VERBO-VISUAL NOS DIÁRIOS LEITURA: A CONFIRMAÇÃO DE UM POSICIONAMENTO
Rhena Raíze Peixoto de Lima (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

ÁREA 13: LITERATURA E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala12 - **Horário**: das 11h às 12h30*

O LUGAR DA POÉTICA ORAL EM SALA DE AULA: NARRATIVA, POESIA E MÚSICA

A POÉTICA CORDELISTA/REPENTISTA E OS ASPECTOS DA ORALIDADE EM SALA DE AULA
Marcelo da Silva Amorim (UFRN) – coordenador

A VOZ DO VERSO: ASPECTOS DA ORALIDADE POÉTICA EM SALA DE AULA
Lenise dos Santos Santiago (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 14: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

SESSÃO 2
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala 13 - **Horário**: das 11h às 12h30*

TICs E APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LE: ESTUDOS E REFLEXÕES

REFLEXÕES SOBRE O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS EM ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
Janaina Weissheimer - coordenadora

O ASPECTO MOTIVACIONAL DA LOUSA INTERATIVA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LE
Samara Freitas Oliveira (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Janaína Weissheimer (UFRN).

JOGOS ELETRÔNICOS DO TIPO MMORPG COMO FERRAMENTA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
Wilka Catarina da Silva Soares (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 15: LEITURA, ESCRITA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala14 - **Horário**: das 11h às 12h30*

A LEITURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

VOZES SOCIAIS DE EDUCADORES E ESTUDANTES: POSICIONAMENTOS SOBRE PRÁTICAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Ivone Rodrigues Diniz Monteiro (UFRN) - coordenadora
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA E AS PRÁTICAS DISCURSIVAS DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO
Francisca das Chagas Nobre de Lima (UFRN)
Orientadora: Ivone Rodrigues Diniz Monteiro (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala15 - **Horário**: das 11h às 12h30*

POR UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA PARA OS CURSOS DE LETRAS

EDUCAÇÃO LINGUISTICA, LIVRO DIDÁTICO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS CURSOS DE LETRAS
Angela Maria Gusmão Santos Martins
Ester Maria de Figueiredo Souza - coordenadora

LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXOS E REFRAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS PARA O ENSINO
Alessandra Cruz de Oliveira (UESB)
Valméria Almeida Vilela Ferreira (UNEB)
Orientadora: Ester Maria de Figueiredo Souza (UESB)

O GÊNERO PROPAGANDA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DISCURSIVA
Layane Dias Cavalcante Viana (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)
Orientadora: Profa. Dra. Ester Maria de Figueiredo Souza (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

DIA 14 DE OUTUBRO DE 2011
Setor II de aulas - das 11h às 12h30

ÁREA TEMÁTICA 3: SINTAXE E ENSINO

SESSÃO 5

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** Auditório B do CCHLA - **Horário**: das 11h às 12h30*

ASPECTOS DA SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Renato Kledson Ferreira (CELE/UFRN) - coordenador
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

CONSTRUÇÕES CLIVADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Nara Juscely Minervino de Carvalho Marcelino (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

A INCIDÊNCIA DO ÓBVIO: PORQUE ENSINAR GRAMÁTICA NA ESCOLA?
Sadart Vieira da Silva (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

SESSÃO 6
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** Auditório A do CCLHA - **Horário**: das 11h às 12h30*

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE SINTAXE EM LÍNGUA MATERNA

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ADVÉRBIO
Rafael Bezerra de Lima (UFRPE) - coordenador

LUGARES DE DIVERGÊNCIA ENTRE A NORMA PADRÃO E A NORMA CULTA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
Adeilson Pinheiro Sedrins (UFRPE)

COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA
Dorothy Bezerra Silva de Brito (UFRPE)

ÁREA TEMÁTICA 7: SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala 7 - **Horário**: das 11h às 12h30*

PROCESSOS VARIACIONISTAS NA PRÁTICA ESCOLAR

A ALTERNÂNCIA ENTRE O FUTURO DO PRETÉRITO (FP) E O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO (PII): UMA VISÃO DESCRITIVISTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Fernando Augusto de Lima Oliveira – coordenador

PROCESSOS VARIACIONISTAS NA PRÁTICA ESCOLAR: A MONOTONGAÇÃO NA CIDADE DE GUARABIRA-PB
André Pedro da Silva

ÁREA TEMÁTICA 8: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

SESSÃO 3
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala 8 - **Horário**: das 11h às 12h30*

LINGUAGEM E GLOBALIZAÇÃO: LEITURA CRÍTICA DO GLOBAL E DO GLOCAL NA ESCOLA

GLOBALIZAÇÃO E GLOBALISMO: ENSINO CONSCIENTE DA COMODIFICAÇÃO DO SOCIALISMO
Silvio Luis da Silva (UFRN e UnP) - coordenador
Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

GLOCALIZAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DAS MUDANÇAS
Taysa Mercia dos Santos Souza Damaceno (UFSE)

O GÊNERO TESTEMUNHO: MANIPULAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO NA ESCOLA
Derli Machado de Oliveira

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

SESSÃO 3

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 9 - **Horário**: das 11h às 12h30*

TRAJETÓRIAS PARA O LETRAMENTO A PARTIR DA ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS: NOVAS DISCUSSÕES

AUTORIA: O OLHAR DO PROFESSOR DIANTE DA PRODUÇÃO ESCRITA DO ALUNO NAS SÉRIES INICIAIS
Josiane Almeida da Silva (mestranda da Universidade Católica de Pernambuco)

FORMAÇÃO CONTÍNUA: O IMPACTO NA PRÁTICA NA MEDIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL - UM ESTUDO DE CASO
Michele Elias de Cavalho

SESSÃO 4

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 10 - **Horário**: das 11h às 12h30*

LETRAMENTOS: CENÁRIOS, SUJEITOS E PRÁTICAS

LETRAMENTO DIGITAL DO PROFESSOR: MAPEANDO PRÁTICAS E ACERVOS
Louize Lidiane Lima de Moura (UFRN)
Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

A ESCRITA ACADÊMICA NO DOMÍNIO ADMINISTRATIVO: O GÊNERO REQUERIMENTO COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO
Eliane Cristina Alves de Souza (UFRN)

MONITORIA DE GRADUANDOS DE LETRAS NO BACHARELADO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA/UFRN
Taynã Cavalcanti de Paiva (UFRN)
Glícia Marili Azevedo de Medeiros Tinoco

ÁREA TEMÁTICA 11: GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

SESSÃO 3

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 11 - **Horário**: das 11h às 12h30*

ANÁLISE DIALÓGICA DE GÊNEROS DISCURSIVOS

O ACABAMENTO ESTÉTICO NA LIRA PATATIVIANA
Janaína Moreno Matias (UFRN) – COORDENADORA

GÊNEROS DISCURSIVOS EM PERSPECTIVA DIALÓGICA: A LEITURA DOS ELEMENTOS VERBAIS E VISUAIS
Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

MEMÓRIAS DE LEITURA E A CONSTRUÇAO DO ETHOS DE LEITOR
Ester Cavalcanti da Silva Araújo (UFRN)

SESSÃO 4

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala12 - **Horário**: das 11h às 12h30*

RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DAS VOZES EM DIFERENTES GÊNEROS DISCURSIVOS

ENSINO DAS VOZES NO TEXTO POLÍTICO: UM ESTUDO SOBRE A (NÃO) ASSUNÇÃO DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA NO PRIMEIRO DISCURSO DE POSSE DE EVO MORALES - PRESIDENTE DA BOLÍVIA

Alexandro Teixeira Gomes (UFRN) - coordenador

O TRABALHO COM AS VOZES NO LIVRO DIDÁTICO: UM ESTUDO SOBRE A (NÃO) ASSUNÇÃO DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM ATIVIDADES DE LEITURA

Adriana Morais Jales (UFRN)

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN)

O ENSINO DAS VOZES NO TEXTO JURÍDICO: UM ESTUDO DAS MARCAS TEXTUAIS QUE EXPLICITAM A ASSUNÇÃO (OU NÃO) DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA

Maria das Vitórias Nunes Silva Lourenço (UFRN-PPgEL)

ÁREA 13: LITERATURA E ENSINO

SESSÃO 3

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala 13 - **Horário**: das 11h às 12h30*

LITERATURA PARA ALÉM DO ENSINO: O TEXTO LITERÁRIO COMO FORMADOR DO SUJEITO

A LITERATURA: UMA EXPERIÊNCIA HUMANA

Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN) – coordenadora

LITERATURA NO ENSINO: PARA QUÊ?

Paulo Henrique da Silva Gregório (UFRN)

Orientador: Profa. Dra. Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

LITERATURA: UM DIREITO DE TODOS

Valeska Limeira Azevedo Gomes (UFRN)

Orientadora: Profa. Dra. Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 14: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

SESSÃO 3

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco l/sala 14 - **Horário**: das 11h às 12h30*

ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MEDIADO PELAS NOVAS TECNOLOGIAS

PERCEPÇÕES DE NATIVOS DIGITAIS SOBRE O QUE É APRENDER INGLÊS

Claudio de Paiva Franco (UFMG) – coordenador

O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
Ana Carolina Simões Cardoso (UFRJ)
Claudio de Paiva Franco (UFMG)
Juliana Anunciação Almeida (UFRJ).

FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE INGLÊS INSTRUMENTAL DO PROJETO CLAC/UFRJ: O USO DA INTERNET COMO AUXÍLIO AO PROFESSOR-MONITOR
Ana Carolina Simões Cardoso (UFRJ)
Juliana Anunciação Almeida (UFRJ)

SESSÃO 4
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco I/sala 15 - **Horário**: das 11h às 12h30*

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM NATAL

O DESENVOLVIMENTO DA INTERLÍNGUA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA EM INGLÊS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE
Lígia de Souza Leite - coordenadora

MAPEAMENTO DO ENSINO BILÍNGUE EM NATAL/RN
Francislí Costa Galdino

O USO DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO NO DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE ORAL DE CRIANÇAS BILÍNGUES
Francisli Costa Galdino
Lucyana Mendonça Torres

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

SESSÃO 3
***Data:** 14/10/2011 (sexta-feira) **- Local:** setor 2/bloco D/sala 1 **- Horário:** das 11h às 12h30*

ENEM: CONFIGURAÇÃO DO EXAME, PROPOSIÇÃO DA REDAÇÃO E ELABORAÇÃO DE ENUNCIADOS

COMANDO INJUNTIVO EM ENUNCIADOS DE QUESTÕES DO (VELHO E DO NOVO) ENEM
Denise Lino de Araújo (Pos LE/PET LETRAS/UFCG) – coordenadora

O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO E AS REFORMAS NOS CURRÍCULOS DE ENSINO: A INOVAÇÃO E O TRADICIONAL
Ludmila Kemiac (Pos LE/UFCG)

A DISSERTAÇÃO ESCOLAR ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL NO ENEM À LUZ DO INTERACIONISMO SOCIO-DISCURSIVO
Samelly Xavier da Cruz (POS LE - UFCG)

SESSÃO 4

Data: *14/10/2011 (sexta-feira) -* ***Local:*** *setor 2/bloco D/sala 2 -* ***Horário:*** *das 11h às 12h30*

GRAMÁTICA E ENSINO: ABORDAGENS (SOCIO)FUNCIONALISTAS

GRAMATICALIZAÇÃO E ENSINO: O CASO DOS MARCADORES DE ESPECIFICIDADE DE SN INDEFINIDOS EMERGENTES
Francisco Wildson Confessor (UFRN) – coordenador

DA GENTE NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM SOCIOFUNCIONALISTA
Noelma Rafael (UFRN) – coordenadora

CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DOS CONECTORES: O ADVERSATIVO DUPLO EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS E EM BLOGS
Fabíola Barreto Gonçalves (PPgEL/UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 19: COGNIÇÃO E ENSINO

SESSÃO 2

Data*: 14/10/2011 (sexta-feira) -* ***Local:*** *auditório C do CCHLA -* ***Horário****: das 11h às 12h30*

ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DE COMPREENSÃO DE TEXTOS: PROPOSTAS DE ENSINO – NOVAS DISCUSSÕES

Paulo Henrique Duque (UFRN) – coordenador

O PROCESSAMENTO DISCURSIVO E SUAS BASES CORPÓREAS: AS ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA COMPREENSÃO DE NARRATIVAS
Natalia de Lima Nobre (UFRN)

OS BASTIDORES DA LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NA EAD/UFRN: UMA ANÁLISE DO PROCESSAMENTO COGNITIVO NA CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA
Emanuelle Pereira de Lima Diniz (UFRN)

Programação das Sessões de Comunicações Individual

DIA 12 DE OUTUBRO DE 2011
Setor II de aulas - das 16h30 às 18h30

ÁREA TEMÁTICA 1: FONÉTICA E FONOLOGIA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco A/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /e/e/o/ SEM MOTIVAÇÃO APARENTE
Valéria Neto de Oliveira Monaretto – coordenadora

ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS E ENSINO: ÁREAS DE APLICAÇÃO
Silvia Rodrigues Vieira

CONTRIBUIÇÕES DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA PARA A ALFABETIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
Daniele Marcelle Grannier

A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ALTAS PRETÔNICAS DO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL EM REGISTROS ESCRITOS: PROBLEMAS E CONDICIONAMENTOS LINGUÍSTICOS
Roberto Francisco Nasi
Orientadora: Valéria Neto de Oliveira Monaretto

ÁREA TEMÁTICA 2: MORFOLOGIA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco A/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O ADJETIVO EM PORTUGUÊS: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Ocirema Cristina da Silva Pacheco de Sousa (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

ENSINO DE GRAMÁTICA NA SALA DE AULA: SABER GRAMÁTICA OU SABER PORTUGUÊS?
Camilo Rosa Silva (UFPB)
Francielho Alves Barreto (UFPB)

O SUBSTANTIVO E O ADJETIVO EM PORTUGUÊS: REFLEXÕES E SUGESTÕES DE ENSINO
Simone Alves da Silva (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 3: SINTAXE E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

VINCULAÇÃO ENTRE CLÁUSULAS POR MEIO DO SEM QUE: UMA ANÁLISE DOS MATIZES SEMÂNTICOS ASSUMIDOS PELO CONECTOR EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS E DOS FATORES CONDICIONANTES DA SUA INTERPRETAÇÃO
Marta Anaísa Bezerra Ramos – coordenadora
Camilo Rosa Silva (UFPB)

A SINTAXE DAS ORAÇÕES ADJETIVAS NOS LIVROS DIDÁTICOS
Elenice Santos de Assis Costa de Souza

SINTAXE DAS ORAÇÕES COMPARATIVAS NOS LIVROS DIDÁTICOS
Felippe de Oliveira Totta (Mestrando - UFRJ)
Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

OBJETO DE APRENDIZAGEM SOBRE O PROCESSAMENTO DE ORAÇÕES RELATIVAS AMBÍGUAS
Jéssica Tayrine Gomes de Melo Bezerra (UFPB)
Márcio Martins Leitão (UFPB)
Thiago Gouveia (IFPB)

ÁREA TEMÁTICA 4: SEMÂNTICA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

ATIVIDADES COM LÉXICO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS
Jacqueline Jorente – coordenadora

OBJETOS DE APRENDIZAGEM EM SEMÂNTICA COGNITIVA NO ENSINO A DISTÂNCIA LEITE
Andréa de Oliveira G. Martins (UFPB/PIBIC/CNPq)
Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB/CNPq)
Mábia Nunes Toscano (UFPB/CAPES)

POLIFONIA SEM ARGUMENTATIVIDADE: O DISCURSO DIRETO E O DISCURSO INDIRETO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO
Elias Coelho da Silva (Faculdade Frassinetti do Recife)

REVISITANDO O ESTUDO DE CAMPOS LEXICAIS
Vanda Maria Cardozo de Menezes

NEXOS SEMÂNTICOS NO ENSINO DE TEXTOS
Maria Leonor Maia dos Santos

ÁREA TEMÁTICA 5: LINGUÍSTICA TEXTUAL E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O ENSINO E A MULTIFUNCIONALIDADE DO "ASSIM": DOS DÊITICOS DISCURSIVOS AOS MARCADORES DO DISCURSO
Iara F. de Melo Martins (UEPB) – coordenadora

LINGUÍSTICA FUNCIONAL APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A VOZ PASSIVA E SUAS INTENÇÕES COMUNICATIVAS
Hyléa de Camargo Vale

OS ELEMENTOS PARAVERBAIS E NÃO VERBAIS NA ORGANIZAÇÃO DO TÓPICO DISCURSIVO
Francisco José Costa dos Santos (PPgEL/UFRN)
Orientadora: Profª. Drª. Marise Adriana Mamede Galvão (PPgEL/UFRN)

ANÁLISE DE MANCHETES JORNALÍSTICAS SOBRE ADOÇÃO DO LIVRO "POR UMA VIDA MELHOR"
Laura Jorge Nogueira Cavalcanti

O FÓRUM EDUCACIONAL: UM ESTUDO PRELIMINAR DO AMBIENTE DE TEXTUALIZAÇÃO NO EAD
Marineide Furtado Campos

ÁREA TEMÁTICA 6: ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA
Tânia Lima (UFRN) – coordenadora

UMA ANTENA PARABÓLICA NO ENSINO
Orlando Brandão Meza Ucella (UFRN)
Orientadora: Tania Maria de Araujo Lima (UFRN)

A LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA NAS SALAS DE AULA DO ENSINO PÚBLICO BRASILEIRO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Eidson Miguel da Silva Marcos
Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI)

LITERATURAS AFRICANAS NO CONTEXTO ESCOLAR SOB A LEI 11.645/08
Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI)

NEGROS PROTAGONISTAS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL (BRASIL E MOÇAMBIQUE): E AGORA? COMO FAZER VALER A 10.639/03?!
Maria Anória de Jesus Oliveira

ÁREA TEMÁTICA 7: SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

VARIAÇÃO NO SISTEMA VOCÁLICO PRETÔNICO E APLICABILIDADE AO ENSINO DE LÍNGUA
José S. Magalhães (UFU) – coordenador

VARIAÇÃO DIALETAL E LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA AO ENSINO
Luana Anastácia Santos de Lima
Verônica Santos de Lima

A GRAMATICALIZAÇÃO DO PREFIXO [RE] NAS FÁBULAS DE FEDRO E DE MONTEIRO LOBATO
Valéria Viana Sousa (UESB)
Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
Lucas Santos Campos (UESB)

A ABORDAGEM DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM QUESTÕES DE PROVAS DO ENEM: UMA ANÁLISE À LUZ DA PROPOSTA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA
Fábio Pessoa da Silva (UEPB/CH)

DIREITOS HUMANOS LINGUÍSTICOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE COMUNIDADES ORIGINÁRIAS NA BOLÍVIA E NO BRASIL: EM DIREÇÃO A UMA ABORDAGEM PARTICIPATIVA
Carlos Maroto Guerola

SESSÃO 2
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

FALA E LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ENCONTROS E DESENCONTROS
Maria de Fátima de Souza Aquino – coordenadora

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Adjanir do Nascimento Bezerra (URCA)
Orientadora: Sandra Espínola dos Anjos (Universidade Regional do Cariri – URCA)

O ENSINO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA EM SALA DE AULA: SUBSÍDIOS EMPÍRICOS PARA UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA DOCENTE
Cleber Tourinho de Santana

VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO EM DOIS CORPORA
Josenildo Barbosa Freire (SEEC - RN)

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
Simone Rodrigues Peron
Orientador: Dr. Tiago Timponi (UFJF)

SESSÃO 3
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

AS DIFERENTES LINGUAGENS NA SOCIEDADE: O PAPEL QUE AS VARIANTES LINGUÍSTICAS SOCIAIS EXERCEM NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LÍNGUA PADRÃO - CAUSANDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO
Ana Paula Menezes de Santana – coordenadora

A LÍNGUA COMO CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DE UM POVO
Maria Eunice Rosa de Jesus

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
Simone da Silva (UFAL)

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA: A FALA E A ESCRITA DE ESTUDANTES RESIDENTES EM DUAS ÁREAS RURAIS DA BAHIA
Gredson dos Santos

ENTRE A NORMA CULTA E A NORMA POPULAR: A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL NA ESCRITA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS
Gilce Almeida
Vivian Antonino da Silva

ÁREA TEMÁTICA 8: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E TEORIA DA MULTIMODALIDADE: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO VISUAL/CRÍTICO
Derli Machado de Oliveira – coordenadora
Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E ENSINO DE PORTUGUÊS: PROPOSTA PARA FORMAÇÃO DE LEITOR CRÍTICO NO ENSINO MÉDIO
Érica de Abreu Azevedo

A POBREZA SEGUNDO O GOVERNO MOÇAMBICANO: A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA NO DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DA LEITURA
Rodrigo Slama Ribas (UFRN)

COM A PALAVRA, O OUTRO: PERSPECTIVAS BAKHTINIANAS ACERCA DO DISCURSO CITADO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA
Rafaelle de Oliveira Vieira
João Batista Costa Gonçalves

O DISCURSO SOB A ÓTICA JORNALÍSTICA
Ana Cláudia Soares de Paiva

ÁREA TEMÁTICA 9: ANÁLISE DO DISCURSO E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

UM RETRATO DA MACROESTRUTURA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DA *SCIELO BRASIL* E O ENSINO DA ESCRITA CIENTÍFICA
Rodrigo Moura Lima de Aragão (FFLCH-USP/FAPESP) – coordenador

HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA: O GERENCIAMENTO DE VOZES NA ESCRITA ACADÊMICA
Luana Danielle do Nascimento Silva de Medeiros (UFRN/REUNI)
Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

***YOUTUBE*: INTERAÇÕES E SABERES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO**
Marlyton da Silva Pereira (UFRN)
Profa. Dra. Maria Hozanete Alves e Lima (UFRN)

PARÁFRASE DE REFORMULAÇÃO E HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA NA ESCRITA ACADÊMICA
Thayse Santos Arimatéia (UFRN/REUNI)
Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

OS VÁRIOS ACENTOS IDEOLÓGICOS DA PALAVRA-DISCURSO EDUCAÇÃO/ENSINO EM ALGUMAS MATÉRIAS DA REVISTA NOVA ESCOLA.
Elisiany Leite Lopes de Souza
João Batista Costa Gonçalves

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO AGÊNCIA DE LETRAMENTO NA PROFISSIONALIZAÇÃO DO PROFESSOR
Fabíola Mônica da Silva Gonçalves (UEPB) – coordenadora

ANÁLISE DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO TRABALHO DE PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS DE ALUNOS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
Fernanda Louise Cisne Lemos Cardozo (UFJF)
Leticia Macedo Kaeser (UFJF)
Luciane Aparecida de Souza (UFJF)

O CONHECIMENTO DO PROFESSOR QUANTO AO LETRAMENTO DIGITAL: ECOS DA CIBER-CULTUR@
Louize Lidiane Lima de Moura (UFRN)
Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
Murillo Da Silva Neto

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EJA
Antonia Matilde Sarmento de Souza

ÁREA TEMÁTICA 11: GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

INCENTIVANDO A PRODUÇÃO DE GENEROS ACADÊMICOS - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA
Vera Lúcia de Lucena Moura (UFPE) – coordenadora

O GÊNERO TIRAS EM QUADRINHOS: ANÁLISE DE ALGUMAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO
Ana Alice de Freitas Neta Araújo (UERN)
Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN)
Francimeire Cesário de Oliveira (UERN)
Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN)

O AGIR DO PROFESSOR NO CONTEXTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE GÊNEROS DE TEXTO
Ricardo Rios Barreto Filho (CNPq/PIBIC/UFPE)
Orientadora Profa. Dra. Abuêndia Padilha Pinto (UFPE)

ENSINO DE CRÔNICA NA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA: DO PROPOSTO AO REALIZADO
Nathalie Lia Fook Meira Braga (Reuni/UFCG)
Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo (UFCG)

A MARGARIDA FEMINISTA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CONSTRUINDO O ETHOS DA PERSONAGEM DE DISNEY
Livia Maira Barbosa Felipe (UFRN)
Sylvia Coutinho Abbott Galvão (UFRN)

SESSÃO 2
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

TIPOLOGIA DOS EXERCÍCIOS ESCOLARES ENVOLVENDO GÊNEROS DIGITAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS
Benedito Gomes Bezerra (UPE) – coordenador

AS REPRESENTAÇÕES SOCIOSSUBJETIVAS NAS PRÁTICAS SOCIAIS DE LINGUAGEM EM TEXTOS EMPÍRICOS ESCOLARES
José Marcos de França

GÊNEROS ORAIS FORMAIS NA ESCOLA: AVANÇOS E ENTRAVES
Fabiana Albuquerque Farias (UFCG/POSLE/Bolsista REUNI)

GÊNEROS TEXTUAIS E FORMAÇÃO CONTINUADA: UMA PESQUISA COM PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA (EF)
Tânia Guedes Magalhães
Bruna dos Anjos da Costa Crespo

LETRAMENTO E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PESQUISA COM PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA
Michele Cristina Ramos Gomes
Orientadora: Laura Silveira Botelho

SESSÃO 3
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

ARTIGO DE OPINIÃO: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DE PORTUGUÊS
Mirelly Renally da Silva Azevêdo (UFCG) – coordenadora

OS GÊNEROS TEXTUAIS NO CONTEXTO DAS FORMAÇÕES CONTINUADAS
Rosilda Maria Araujo Silva dos Santos (FAESC)
Profa. Dra. Marígia Ana de Moura Aguiar

A EXPERIÊNCIA DO USO DOS BLOGS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
Marcela Aparecida Cucci Silvestre (UFRN)
Edna Maria Rangel de Sá (UFRN)

O GÊNERO TEXTUAL RESUMO DOCUMENTÁRIO: METODOLOGIA E ANÁLISE
Rildeci Medeiros
Orientador: José Romerito Silva

WEBCONFERÊNCIA: PROCESSO INTERATIVO?
Maria José de Matos Luna
Siane Góis Cavalcanti Rodrigues (UFPE)

ÁREA TEMÁTICA 12: TRADIÇÕES DISCURSIVAS E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O DISCURSO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CORPO FELIZ E PRODUTIVO
Maria Eliza Freitas do Nascimento (UFPB) – coordenadora

PRÁTICAS DE ALTERIDADE EM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM
Simone Correia Tostes

TRADIÇÕES DISCURSIVAS EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA IMPRENSA POTIGUAR DE 1902 A 1950
Aline dos Santos Silva Chaves (CELE/UFRN)
Bibiana Jost Perinazzo (CELE/UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Castilho da Costa (UFRN)

O NOMADISMO DAS VOZES POPULARES EM FARSA DA BOA PREGUIÇA
Jailine Mayara Sousa de Farias
Orientadora: Beliza Áurea de Arruda Mello

A TRAJETÓRIA DO EDITORIAL JORNALÍSTICO DO RIO DE JANEIRO
Suelen Sales da Silva

UNIVERSO CULTURAL QUE ENVOLVIA AS LETRAS E AS ARTES NO COLÉGIO ESTADUAL ATHENEU NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DE SUA FUNDAÇÃO
Oracilda da Silva Pacheco (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)

ÁREA 13: LITERATURA E ENSINO

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

METALITERATURA: E SE A LITERATURA ENSINA LITERATURA EM SI?
Nilson Pereira de Carvalho (UAG/UFRPE) – coordenador

POESIA NA SALA DE AULA: O QUE TRAZ O LIVRO DIDÁTICO?
Joao Paulo Fernandes (UFPB)
Orientador: José Hélder Pinheiro Alves (UFPB/UFCG)

AS VERTENTES DA POESIA DE ADÉLIA NA SALA DE AULA
Paloma do Nascimento Oliveira (UFPB)
Orientador: José Hélder Pinheiro Alves (UFPB/UFCG)

AS TESSITURAS TEXTUAIS EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO: RETRATOS DA PÓS-MODERNIDADE
Cleidiane da Silva Vieira Oliveira (UFS)

A ESTÉTICA DISSONANTE DO BARROCO NAS FIGURAS DE DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA
Dirce Jaeger (UPE)

SESSÃO 2
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

MARCEL PROUST ENTRE DOIS SÉCULOS
Mônica Fiuza Bento de Faria (UFRN) – coordenadora

MULHERES DE LIMA BARRETO NA SALA DE AULA: UMA LEITURA CRÍTICA E SUGESTÕES PARA O ENSINO
Andreia Maria da Silva Lopes (UFCG)
Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros(UFCG)
Orientadora: Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega (UFCG)

POESIA, ENSINO E EXPRESSÃO FEMININA: UMA PROPOSTA DE LEITURA COM POEMAS DE ADÉLIA PRADO
Patrícia de Farias Sousa (Bolsista REUNI/POSLE/UFCG)
Fabrícia de Farias Sousa (UFCG)
Geovanize de Farias Sousa Araújo (Pedagoga)
Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

O LETRAMENTO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO RELIGIOSO: UMA LEITURA DO MITO DO DILÚVIO EM DIÁLOGO COM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E MIGUEL TORGA
Araceli Sobreira Benevides (UERN)

LEITURA E LITERATURA NO MEIO ESCOLAR: A CONSTRUÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO
Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de Farias (UFS)

SESSÃO 3
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LITERATURA E HISTÓRIAS DE LEITURA DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO
Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT) – coordenadora
Dernival Venâncio Ramos Junior (UFT)

ESPAÇO E MEMÓRIA EM MÁRIO QUINTANA: CRÍTICA E REFLEXÕES METODOLÓGICAS
Adriana Vicente do Nascimento (Bolsista CAPES/POSLE/UFCG)
Orientadora: Fernanda Aquino Sylvestre (UFCG)

MÉTODO RECEPCIONAL: VIVENCIANDO A TEMÁTICA SONHOS A PARTIR DOS CORDÉIS VIAGEM À SANTA VONTADE, DE MARIA GODELIVIE E MEU SONHO DE ANTÔNIO FRANCISCO
Berenice da Silva Justino
Orientadora: Maria Marta Nóbrega

LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO LEITORA DE FUTUROS DE PROFESSORES DE LÍNGUAS
Cleudene de Oliveira Aragão (Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada/ UECE)

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA POR SUJEITOS SURDOS: REFLEXÕES PRELIMINARES
Maria Helena Cunha Malta de Carvalho
José Edmilson Felipe da Silva

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LEITURA E ESCRITA NAS PRÁTICAS DE ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA
Edna Sousa Cruz (UEMA/UFT) – coordenadora

A PRÁTICA DA FALA E ESCRITA EM INGLÊS COMO LE MEDIADA PELO GOOGLE DOCS E VOICE THREAD
Diêgo Cesar Leandro
Janaina Weissheimer

A AUTOAVALIAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E O ALUNO COMO AGENTE DE SEU PROCESSO AVALIATIVO
Vitoria Maria Avelino da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Ana Graça Canan (UFRN)

DESAFIOS DO ENSINO DE INGLÊS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO ENSINO TÉCNICO: QUE CAMINHOS PODEMOS TRILHAR?
Fabrícia Eugenia Gomes de Andrade (Instituto Federal da Bahia/Campus Salvador)

O IMPACTO DO USO DE DRAMATIZAÇÃO NO APRENDIZADO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO EM MOTIVAÇÃO
James Araújo de Vasconcelos

SESSÃO 2

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A CONSTRUÇÃO DA COMPETÊNCIA TEÓRICO-APLICADA DO FUTURO PROFESSOR DE INGLÊS ATRAVÉS DA PPCC
Waléria de Melo Ferreira (UNEAL-Campus I/IFAL-PI) – coordenadora

NEM TUDO SE RESUME À TRADUÇÃO GRAMATICAL: UM ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO
Lucélia Ramos Alcântara

MUDANÇA DE CÓDIGO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
Marcelo Augusto Mesquita da Costa

OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO FERRAMENTA PARA AS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA
Ayla Tércia Santos de Morais
Clebson Trajano Da Silva
Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos

O TEXTO LITERÁRIO EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA: POR UM ENSINO MAIS SIGNIFICATIVO
Leane Mayara da Silva Santos
Waléria de Melo Ferreira

SESSÃO 3

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O QUE É UMA TAREFA NA ABORDAGEM TBLT (TASK BASED LANGUAGE TAECHING)?
Marceonila Marcela Bezerra da Cunha – coordenadora

"ERRAR É HUMANO"! O ERRO COMO ELEMENTO DE EMPODERAMENTO NA AULA DE ELE
Iris Nunes de Souza (UESB)
Orientador: Lucas Campos (UESB)

AS IDENTIDADES DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO CASO EM UM CURSO DE IDIOMAS
Janaina Michelle França de Oliveira
Sheila Simone Paiva da Câmara Lins
Orientadora Profa. Marília Varella Bezerra Faria

O ENSINO DE GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NÃO MATERNA
Kaline Araújo Mendes
Lena Lúcia Espíndola Rodrigues Figueirêdo

A CONTRIBUIÇÃO PSICOPEDAGÓGICA PARA O ENSINO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Ednny Kelly de Almeida Sales (pós-graduanda FAL - professora do CEI)

SESSÃO 4

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 5 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O ENSINO-APRENDIZAGEM DA HABILIDADE ORAL EM LE NA MODALIDADE A DISTÂNCIA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES
Claci Ines Schneider (PGET/UFSC - Capes) – coordenadora
Sila Marisa de Oliveira

O USO DE BLOGS E MICROBLOGS NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DE APRENDIZES DE INGLÊS
Elisa Mattos de Sá
Renata Barcellos da Rocha Borges
Sila Marisa de Oliveira

ABORDAGENS DISCURSIVAS EM TEXTOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS NO ENSINO MÉDIO
José Roberto Alves Barbosa (GPELL/UERN)

BRASIL & ESTADOS UNIDOS: CONSTRUÇÃO DE SABERES INTERCULTURAIS: PRIMEIROS OLHARES
Rejane Maria Gonçalves

A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUA ESTRANGEIRA
Ana Emilia Fajardo Turbin

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O USO DA REFLEXÃO NO PROCESSO DE ESCRITA
Solanielly da Cruz Aguiar (UFCG) – coordenadora

ESCRITA-DIVERSÃO: CONTRIBUIÇÕES DE SOFTWARES PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE ESCRITA EM LÍNGUA MATERNA
Fernanda Rodrigues Ribeiro (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Nukácia Meyre Silva Araújo

O ENSINO DA PRODUÇÃO ESCRITA EM CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Elinaldo Soares Silva (UFC)
Orientadora Professora Vládia Maria Cabral Borges

DANDO UM SHOW DE LEITURA NA SALA DE AULA
Gláucia do Carmo Xavier (IFMG)

PROPOSTAS DE ESCRITA DE LIVROS DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA E O CONCEITO DE GÊNERO DO DISCURSO
Janima Bernardes Ribeiro (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

SESSÃO 2

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

COMPREENSÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL DE MÃOS DADAS: A ABORDAGEM DO GÊNERO PROPAGANDA NO LIVRO DIDÁTICO
Márcia Maria da Silva Santos (UFS) – coordenadora
Nívea da Silva Barros (UFS)

O AGIR PELOS TEXTOS NO AMBIENTE ACADÊMICO: A COMPOSICIONALIDADE DE RESUMOS
Jaqueline Andréa Medeiros Pereira (UFRN)
Clemilton Pinheiro Lopes (UFRN)

RECONTEXTUALIZANDO TEXTOS: (RE) LENDO E (RE) ESCREVENDO A PARTIR DE OUTROS TEXTOS
Rodrigo Santos Magalhães (UFRN)
Orientadora: Profª Drª Sulemi Fabiano(UFRN)

A INTERVENÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA
Aline Fabiana Amorim Santos (UFS)
Evellin Heide Souza Aragão (UFS)
Laura Camila Braz de Almeida (UFS)

GÊNERO DE TEXTO COMO AÇÃO SOCIAL DA LINGUAGEM – FORMAÇÃO DE PROFESSOR/ALUNO/ FAMÍLIA LEITORES – UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EXERCÍCIO
Lenaldo da Silva

SESSÃO 3
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LEITURA, ESCRITA E ENSINO: UMA EXPERIÊNCIA NO BCT DA ECT
Edna Maria Rangel de Sá (UFRN) – coordenadora
Marcela Aparecida Cucci Silvestre (UFRN)

ATIVIDADES DE REESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO TEXTUAL
Aline da Silva Malaquias (UFPB)
Regina Celi Mendes Pereira (PROLING/UFPB)

A ATUAÇÃO DO PIBID NO SERTÃO PERNAMBUCANO: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA NO ENSINO MÉDIO
Magda Wacemberg Pereira Lima (Secretaria de Educação de Pernambuco)
Dorothy Bezerra Silva de Brito (UFRPE)

REPRESENTAÇÕES COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DE COMPETÊNCIAS DE LEITURA
Adilson Ribeiro de Oliveira (IFMG – *Campus* Ouro Preto)

A VIDA NO ENUNCIADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO PRAGMÁTICO EXTRAVERBAL NAS ATIVIDADES DE LEITURA
Cristiane Malinoski Pianaro Angelo (UNICENTRO)

SESSÃO 4
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESCRITA E (INFLUÊNCIA DAS) TIC
Lucilene Lisboa de Liz (UDESC) – coordenadora

PROJETO CIENTÍFICO NA ESCOLA: POR UMA ESCRITA SIGNIFICATIVA E SOCIALMENTE RELEVANTE E POR UMA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CURIOSOS, PARTICIPATIVOS E CRÍTICOS
Erika Assunção dos Santos (UECE)
Orientadora: Dra. Iúta Lerche Vieira (UECE)

ANÁLISE DE PROPOSTAS DE LEITURA DE LDP DAS DÉCADAS DE 2000 E 1970
Aline dos Santos Silva Chaves(UFRN/CELE)
Geová Bezerra Guimarães (UFRN/CELE)
Louise Gabriella Lima Lopes da Silva (UFRN/CELE)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano (UFRN)

ESTILO E SUBJETIVIDADE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL: A CONSTRUÇÃO DA "AUTONOMIA" DO SUJEITO PRODUTOR DE TEXTOS EM SEU PROCESSO DE CRIAÇÃO.
Wellington Barbosa Silva (IFAL/ UFAL)

LEITURA E PRODUÇÃO ESCRITA NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA
Glaucia Rejane da Costa (EONS/AEVSF /FACAPE)

SESSÃO 5
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 5 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

É LENDO E CONTANDO HISTÓRIAS QUE SE FORMAM LEITORES: UMA AÇÃO EM PROL DA LEITURA NA CIDADE DE JOÃO CÂMARA-RN
Moama Lorena de Lacerda Marques (IFRN) – coordenadora

O JOGO DISCURSIVO DE VOZES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES NA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO ENSINO MÉDIO
Francisca das Chagas Nobre de Lima (UFRN)
Orientadora Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

OPINIÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS LIVROS ADOTADOS PARA O VESTIBULAR DA UFPB
Raquel Monteiro da Silva Freitas

AS CONCEPÇÕES DE ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO
Silmara Cássia Barbosa Mélo

O PROCESSO DE COMPREENSÃO EVIDENCIADO NA PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO: UMA ABORDAGEM COGNITIVA
Viviane Oliveira de Jesus

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

SESSÃO 1
***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 6 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

CRENÇAS SOBRE GRAMÁTICA: COM A PALAVRA, OS PROFESSORES
Camilo Rosa Silva (PROLING- UFPB) – coordenador

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO DA UNILAB
Geórgia Maria Feitosa e Paiva (UFC/ UNILAB)
Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UNILAB)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Elias Soares (UFC/ UNILAB)

O DOCUMENTO REORIENTAÇÃO CURRICULAR DE LÍNGUA PORTUGUESA DO SEE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (2006): UM TRABALHO COM OS GÊNEROS
Vanessa Souza da Silva (Doutoranda – UERJ)

O ENSINO DE LÍNGUA SOB UMA CONCEPÇÃO ENUNCIATIVA DA LINGUAGEM
Marcos Luiz Cumpri (UNESP)

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA À LUZ DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO
Francisca Tarciclê Pontes Rodrigues (PROTEXTO/UFC/IFCE)

ÁREA TEMÁTICA 17: CULTURAS POPULARES E ENSINO

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 7 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO NA ASSISTÊNCIA EXTRACLASSE A CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL: UMA PROPOSTA

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB) – coordenadores
Lucas Santos Campos (UESB)
Maria Aparecida Guimarães (UNEB)
Vera Lúcia L. Santos Campos (Prefeitura Mun. Vitória da Conquista - Sec. Educ.)

A LITERATURA POPULAR NO OLHAR DA SOCIOSSEMIÓTICA: UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA

Jailto Luis Chaves de Lima Filho (UFPB)
Orientadora: Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB)

MOVIMENTO SOCIAL EM CANÇÕES: UMA (RE)LEITURA

Maria Aparecida Souza Guimarães (UNEB)

ÁREA TEMÁTICA 18: FUNCIONALISMO E ENSINO

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 8 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

GRAMATICALIZAÇÃO E ENSINO: UM ESTUDO SOBRE O VERBO CHEGAR

Ediene Pena Ferreira (UFPA) – coordenadora

ENSINO DE PORTUGUÊS: UM OLHAR SOBRE AS PERSPECTIVAS GRAMATICAIS E NOVAS QUESTÕES PARA O TRABALHO EM SALA DE AULA

Ana Alice de Freitas Neta Araújo (UERN/CAMEAM)
Francimeire Cesário de Oliveira (UERN/CAMEAM)
Orientadora Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN/CAMEAM)

COMPROMETIMENTO E ARGUMENTAÇÃO: REFLEXÕES ACERCA DE UM ENSINO DE ORIENTAÇÃO FUNCIONALISTA E CRÍTICO-DISCURSIVA NA ESCOLA

Paulo Roberto Gonçalves Segundo

A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA NO PORTUGUÊS FALADO MINEIRO E FLUMINENSE: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA

Nilza Barrozo Dias (UFF)

CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS TEMPORAIS: PROPOSTA DE ENSINO

Ediene Pena Ferreira (UFPA)
Sérgio da Silva Pereira (UFPA)

ÁREA TEMÁTICA 19: COGNIÇÃO E ENSINO

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 9 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

AUSUBEL Y VYGOTSKY NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
Izabel Souza do Nascimento (UFRN) – coordenadora

A SIMULAÇÃO MENTAL COMO MECANISMO COGNITIVO NA COMPREENSÃO DE NARRATIVAS FANTÁSTICAS
Cleido de Noronha Freire (UFRN)

A COMPREENSÃO DO PADRÃO DISCURSIVO CHARGE NUMA ABORDAGEM COGNITIVA: PROCESSOS DE MESCLAGEM
Arethusa Andrea Fernandes de Oliveira Barros (UFRN)

A COMPREENSÃO DA NARRATIVA EM MACHADO DE ASSIS: UMA ANÁLISE DO PADRÃO DISCURSIVO CONTADOS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA ESCOLA PÚBLICA
Maria Dalva Rabêlo (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Paulo Duque (UFRN)

TRANSTORNOS DE LINGUAGEM E CONSEQUÊNCIAS NA LITERACIA
Maria Cecilia Mollica (UFRJ/IBICT/CNPq)

ÁREA TEMÁTICA 20: AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E ENSINO

SESSÃO 1

***Data**: 12/10/2011 (quarta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 10 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA - LSB: BREVES CONSIDERAÇÕES
José Edmilson Felipe da Silva – coordenador

LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS: ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE ALFABETIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES EM LÍNGUA MATERNA
Abigail Guedes Magalhães (UFJF)
Rafaela de Oliveira Baio (UFJF)
Raissa Pifano de Araujo (UFJF)
Vanessa Titonelli Alvim (UFJF)
Orientadora: Profa. Dra. Abigail Guedes Magalhães (UFJF)

LINGUAGEM, CORPO E SUJEITO: UM OLHAR ACERCA DA ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS
Gesebel de Lavor Araujo
Luiz Carlos Souza Bezerra

LINGUAGEM, CORPO E SUJEITO: INTERFACES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
Luiz Carlos Souza Bezerra

DIA 13 DE OUTUBRO DE 2011

Setor II de aulas - das 16h30 às 18h30

ÁREA TEMÁTICA 1: FONÉTICA E FONOLOGIA E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco A/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

FERRAMENTAS VIRTUAIS PARA O APERFEIÇOAMENTO DA PRONÚNCIA EM LÍNGUA INGLESA
Eva Carolina da Cunha (UFRN) – coordenadora

A FONOLOGIA COMO SUPORTE PARA O PROFESSOR DE INGLÊS
Alessandra Mara de Assis (UFT)

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DA SÍLABA COM CODA MEDIAL: ATIVIDADES ORAIS E ESCRITAS
Susie Enke Ilha

ASPECTOS FONÉTICOS DA LÍNGUA KRAHÔ: UMA ANÁLISE DAS CANTIGAS DE PEMPKAHÀK
Jane Guimarães Sousa
Orientador: Francisco Edviges Albuquerque

A ORGANIZAÇÃO DA FONOLOGIA DE OUTRA LÍNGUA: A LIBRAS
Simone Patrícia Soares de Souza

ÁREA TEMÁTICA 3: SINTAXE E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco A/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

DIVERGÊNCIAS DE TRANSITIVIDADE EM TRADUÇÕES E VERSÕES: ELAS REALMENTE EXISTEM?
Marília Gomes Teixeira – coordenadora

ALTERAÇÕES NO QUADRO DOS PRONOMES POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO CONSEQUÊNCIAS DIDÁTICAS
Ana Regina Vaz Calindro

SINTAXE DAS ORAÇÕES CONSECUTIVAS NOS LIVROS DIDÁTICOS
Evelyn Cristina Marques dos Santos (Doutoranda/UFRJ)
Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

ÁREA TEMÁTICA 4: SEMÂNTICA E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A SEMÂNTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS
Virginia Beatriz Baesse Abrahão (UFES) – coordenadora

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS E ENSINO DE SEMÂNTICA: CÂMARA CASCUDO POR MÁRIO DE ANDRADE E MÁRIO DE ANDRADE POR CÂMARA CASCUDO
Benedita Vieira de Andrade (IFPB)

A PRODUÇÃO DE SENTIDO A PARTIR DAS MARCAS LINGUÍSTICAS DA ENUNCIAÇÃO EM RESPOSTAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO
Elke Beatriz Felix Pena (IFMG / UFMG)

A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE SIGNIFICADOS EM UMA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS
Erinaldo da Silva
Ismar Inácio dos Santos Filho
Josefa Mendes da Silva

O TEXTO, QUESTÕES SEMÂNTICAS E O LIVRO DIDÁTICO
Daniela Virgínia de Souza Palmeira
Ismar Inácio dos Santos Filho
Josielma Marques da Silva

ÁREA TEMÁTICA 5: LINGUÍSTICA TEXTUAL E ENSINO

SESSÃO 2
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NAS PRODUÇÕES DISCURSIVAS NO FÓRUM EDUCACIONAL
Maria de Fátima Silva dos Santos (UFRN) – coordenadoras
Maria do Socorro Oliveira (FMC/NTE)

O RESUMO ACADÊMICO: PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO E ENSINO
Clemilton Lopes Pinheiro (UFRN)
Jaqueline Andréa Medeiros Pereira (UFRN)

OS CONECTORES ARGUMENTATIVOS FAVORECENDO A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM ARTIGOS DE OPINIÃO
Elis Betânia Guedes da Costa (IFRN/UFRN-PPgEL)
Lucineide Socorro da Silva (UFRN-PPgEL)

O PROCESSO REFERENCIAL NO GÊNERO *RESENHA*
Silvestre Gomes Martins (PPgEL- UFRN)

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO OBJETO MULHER EM LETRAS DE *BREGA* E *FUNK*
Thaís Ludmila da Silva Ranieri

SESSÃO 3

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS DE DISCURSO: ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO NOS TEXTOS ESCRITOS NO FÓRUM EDUCACIONAL
Maria de Fátima Silva dos Santos (UFRN-PPgEL) – coordenadora

O PROCESSO DE ESCRITURA E DE REESCRITURA NA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA EAD
Cínthya da Silva Martins
Nukácia Meyre Silva Araújo

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA FIGURA FEMININA NO JORNAL "O PORVIR" (CURRAIS NOVOS – 1926/1929): UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA
Karla Geane de Oliveira Souza

METADISCURSO INTERATIVO: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA AO ENSINO MÉDIO
Sâmia Araújo dos Santos (UFC/Protexto/Seduc-Ce)

A INTERAÇÃO PROFESSOR - ALUNO EM AULA EXPOSITIVA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
Maria Betânia Dantas de Souza (UFRN)
Marise Adriana Mamede Galvão (PPgEL- UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 6: ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LITERATURA AFRICANA NA ESCOLA: UMA PRÁTICA INCLUSIVA
Rute Maria Chaves Pires (UEMA) – coordenadora

RELAÇÕES ENTRE O LIVRO PARADIDÁTICO INFANTO-JUVENIL E A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO
Eveline Alvarez dos Santos (UEPB/PPGLI)

MIA COUTO: LITERATURA, PÓS-COLONIALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL
João Batista Teixeira
Orientadora: Rosilda Alves Bezerra

A LITERATURA E O PROJETO PRIMEIRO APRENDER NO ENSINO MÉDIO
Maria Eveuma de Oliveira (UERN)

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA NA SALA DE AULA: POR UM NOVO OLHAR
Maria Eveuma de Oliveira (UERN)
Sérgio Wellington Freire Chaves
Orientador Prof. Manoel Freire

SESSÃO 4

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

NARRATIVAS ORAIS TRADICIONAIS EM MATERIAL AUDIOVISUAL
Marilia de Nazare de Oliveira Ferreira – coordenadoras
Cinthia de Lima Neves

O APAGAMENTO DO RÓTICO /R/ EM CODA SILÁBICA NA ESCRITA DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO NA CIDADE DE MAMANGUAPE-PB
Jeferson Silva do Nascimento
André Pedro da Silva

ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS NO DIALETO PESSOENSE: PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS
Rafaela Veloso Machado

O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA: O REFLEXO DO PROCESSO INTERATIVO PROFESSOR-ALUNO
Danielly Lopes de Lima

O PAPEL DAS ESCOLAS XERENTE NA VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DAS ALDEIAS SALTO E PORTEIRA
Marta Virginia deAraujo Batista Abreu
Francisco Edviges Albuquerque (UFT)

SESSÃO 5

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

CONFIGURAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS E CULTURAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA (L2) EM COMUNIDADES INDÍGENAS BI/MULTILÍNGUES DA AMAZÔNIA BRASILEIRA: INVESTIGANDO REPRESENTAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUAS
Edson Santos da Silva Júnior – coordenador
Mônica Maria Guimarães Savedra

MANUSCRITOS: PONTE DIDÁTICA ENTRE A PRESCRIÇÃO E A DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA
Felipe Morais de Melo
Orientador: Maria Hozanete Alves de Lima

O EFEITO MULTIPLICADOR DE UMA CONSCIENTIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA
Elisângela dos Passos Mendes
Lanuza Lima Santos

A TOPONÍMIA NO CONTEXTO DA INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA
Lynara Raquel Cavalcante

OS NOMES DE LUGARES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA TOPONÍMICA NO CONTEXTO DA INTERDISCIPLINARIDADE
Karylleila dos Santos Andrade
Lynara Raquel Cavalcante

SESSÃO 6
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

VOU I(R)
Odete Pereira da Silva MENON (UFPR/CNPq) – coordenadora

O JOGO DE CINTURA DO PROFESSOR E A "TRAVESSIA METODOLÓGICA"?
Lêda Carvalho (UFRPE)

FRONTEIRAS E VARIANTES: UMAS REVISÕES
Pierre Guisan

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO NOS SISTEMAS APOSTILADOS DE ENSINO
Fernanda Rosário de Mello

ÁREA TEMÁTICA 8: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

SESSÃO 2
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO CURRÍCULO LATTES: A INFLUÊNCIA DO GÊNERO NAS PRÁTICAS DE ENSINO
Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN) – coordenadora
Danielle Brito da Cunha

ENTRE OS DISCURSOS POLÍTICOS E DISCRIMINATÓRIOS: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM HISTÓRICO-DISCURSIVA DE ANÁLISE (CRÍTICA) DO DISCURSO PARA O ENSINO LINGUÍSTICO CRÍTICO E EMANCIPATÓRIO
Herimatéia Ramos de Oliveira Pontes

IMPLICAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS DO USO PÚBLICO DA LINGUAGEM: POSICIONANDO-SE CRITICAMENTE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS
Emanoel Pedro Martins Gomes
Orientador: Raimundo Ruberval Ferreira

GÊNERO E LINGUAGEM NA BÍBLIA: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DO MASCULINO NA TRADUÇÃO DO NOVO TESTAMENTO
Helivete Ribeiro Pinto Bezerra
Dirce Jaeger

A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE INTERESSE DO MUNDO REIFICADO
Bruno Camilo de Oliveira

ÁREA TEMÁTICA 9: ANÁLISE DO DISCURSO E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A IMAGEM DO PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA SOB A ÓTICA DE ESTUDANTES DE LETRAS: UM ESTUDO DE CASO
Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros (UFS) – coordenadora

O TWITTER E AS MANIFESTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: A REALIDADE VIRTUAL SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO CÍRCULO DE BAKHTIN
Alan Eugênio Dantas Freire

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: (RE)VISITANDO A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOCENTE
Hilaíne de Lima Cunha (UFT)

QUESTÕES AMBIENTAIS ATUAIS EM DISCURSOS DE LICENCIANDOS: ANÁLISES DE RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIAS, TECNOLOGIAS E SOCIEDADE NA PERSPECTIVA DISCURSIVA.
Patricia Montanari Giraldi

O SUJEITO NO INTERVALO: ENTRE A MEMÓRIA E A ESPERA
Geovana Dias Lima
Luiza Helena Oliveira da Silva

PARA ONDE APONTE O DISCURSO DE DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR DOS JOVENS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE DEPOIMENTOS
Neandra Soares Silva

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

ALFABETIZAÇÃO: TRAJETÓRIA CONCEITUAL
Ana Lucia de Araújo (UFRN) – coordenadora

MODALIDADE EM DICIONÁRIOS INFANTIS ILUSTRADOS
Ana Grayce Freitas de Sousa (UECE)
Antônio Luciano Pontes (UECE)

MULTIMODALIDADE E DICIONÁRIOS INFANTIS ILUSTRADOS: A METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL NA PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS
Ticiane Rodrigues Nunes (UECE)
Antonio Luciano Pontes (UECE)

O LETRAMENTO E SUAS FACES: CONTROVÉRSIAS E DESCOBERTAS
Alessandra Cruz de Oliveira
Orientadora: Ester Maria de Figueiredo Souza

SESSÃO 4

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O PARECER PEDAGÓGICO COMO ORGANIZADOR DA AÇÃO DOCENTE
Normanda da Silva Beserra (UFPE) – coordenadora

CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E GÊNEROS TEXTUAIS: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS AO DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DOS SUJEITOS LEITORES
Rosilândia Flávia de Lima Ramos

ARGUMENTAÇÃO: ESTRUTURAS COMPOSICIONAIS E ESTRATÉGIAS PARA A PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA
Amitza Torres Vieira

LER EM TIRINHAS: AS ATIVIDADES DE LEITURA NO LIVRO DIDÁTICO DE LINGUA PORTUGUESA
Julianny de Lima Dantas Cavalcante

POSIÇÕES VALORATIVAS NA CONSTITUTIVIDADE DO SUJEITO - LEITOR: UM ESTUDO EM DIÁRIOS DE LEITURA
Ana Rafaela Oliveira e Silva (UFRN)
Fábia Érica de Matos (UFRN)
Joana Darck Severo Dantas (UFRN)
Profa. Dra. Gianka Salustiano Bezerril (UFRN)

SESSÃO 5

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

CORDEL NA SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DO GÊNERO
José Milson dos Santos (IFRN) – coordenador

DO RESUMO À EXPOSIÇÃO ORAL: ENSINO DE GÊNEROS ACADÊMICOS PARA ALUNOS DOS PERIODOS INICIAIS DO CURSO DE LETRAS
Elisa Cristina Amorim Ferreira (PET Letras - UFCG)
Rhayssa Késsia Alves da Costa (PET Letras - UFCG)
Roberta Andrade Meneses (PET Letras - UFCG)
Orientadora: Denise Lino de Araújo

GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO: UMA PROSPOSTA DE ATIVIDADES BASEADA EM SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS
Aparecida de Fátima Brasileiro Teixeira

QUERES SABER A ORIGEM DOS TEUS PROBLEMAS?: UMA ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DO GÊNERO ANÚNCIO DE VIDENTE
Márcia Ananda Soares Siqueira de Sousa

JORNAL NA SALA DE AULA: A CONSTRUÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS
Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva

SESSÃO 6

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

GÊNEROS MIDIÁTICOS E LIVRO DIDÁDICO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
Roseane Santana Santos Dias (UFS) – coordenadora

A PRODUÇÃO DE GÊNEROS ACADÊMICOS EM CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA: OS MESMOS GÊNEROS EM OUTROS CONTEXTOS
Ananias Agostinho da Silva (UERN)
Maria Gorete Paulo Torres (UERN)

GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: DA ORALIDADE À ESCRITA - UMA POSSIBILIDADE DE ENSINO
Maria Letícia Naime Muza

DO ORAL AO ESCRITO: OS RELATOS REFLEXIVOS COMO ESPAÇO PARA POLIDEZ EM PRÁTICAS SOCIAIS ACADÊMICAS
Ana Cecylia de Assis e Sá (UFCG)
Aloísio de Medeiros Dantas (UFCG)

A ESCRITA DE TEXTOS NA ACADEMIA: PROBLEMAS E POSSIBILIDADES
Fernanda Kelly de Andrade Oliveira (UFCG)
Maria de Fátima Alves (UFCG)

ÁREA 13: LITERATURA E ENSINO

SESSÃO 4

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

CANTORIA, CORDEL E ENSINO
Maria do Socorro Pinheiro (Professora da FECLI/UECE) – coordenadora

LETRAMENTO LITERÁRIO NO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO
Francisco de Assis Neto
Luiza Helena Oliveira da Silva

LITERATURA E MEMÓRIA EM A LETRA ESCARLATE (1850): UM ROMANCE DE FRAGILIDADE HUMANA E TRISTEZA
Albéris Eron Flávio de Oliveira
Joanna Angélica Borges da Silva

"EFEITO IXTLAN" *VERSUS* "PATOLOGIA DE MODERNIDADE" NO CONTO MISS ALGRAVE DE CLARICE LISPECTOR
Albéris Eron Flávio de Oliveira
Joanna Angelica Borges da Silva

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA E SUA PREPARAÇÃO PARA O USO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO
Isabela David de Lima Damasceno
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

SESSÃO 5

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

CLÁSSICOS DA LITERATURA UNIVERSAL: A IMPORTÂNCIA DE LÊ-LOS NO ENSINO FUNDAMENTAL
Francielly Coelho da Silva (IFRN) – coordenadora

A RETOMADA DA TRADIÇÃO REGIONALISTA EM ESSA TERRA, DE ANTÔNIO TORRES
Adriana Soares de Almeida (UFS)

O ENSINO DE LITERATURA E A MÚSICA: PRÁTICAS E REFLEXÕES
Sérgio Wellington Freire Chaves (UERN - CAMEAM)
Orientador: Manoel Freire (PPGL/UERN)

O CONTO PORTUGUÊS AFRICANO NA SALA DE AULA
Maria Eveuma de Oliveira (PPGL/UERN)
Sérgio Wellington Freire Chaves (UERN - CAMEAM)
Orientador: Manoel Freire (PPGL/UERN)

A UTILIZAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE LÍNGUA FRANCESA: USO DO CONTO COMO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS LEITORA E ESCRITA
Gisleuda de Araújo Gabriel (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

SESSÃO 6

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

APLICABILIDADE DA LEI 11.645/08 E O ENSINO DA LITERATURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA NA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA FEDERAL (RN)
Carlos Alberto de Negreiro (IFRN) – coordenador

A UTILIZAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: O CONTO COMO FERRAMENTA PARA A PRÁTICA ORAL
Marla Solara Pontes Mota (Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

LITERATURA POPULAR E ENSINO: POSSIBILITANDO DIFUNDIR IDEIAS DE NEGRITUDE
Maria Suely da Costa

RACHEL, CONCEIÇÃO, O ESPAÇO E OS LIVROS
Odalice de Castro Silva

UM OLHAR PARA AS MARGENS
Aline Muniz Alves

SESSÃO 5

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

CONTRIBUIÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA
Liana Marcia Gonçalves Mafra (IFMA) – coordenador

O ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA PARA JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DE UMA ABORDAGEM DIALÓGICA E REFLEXIVA
Tânia Maria Nascimento Diôgo (Mestranda em Linguística-UFPE)

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DO GLOGSTER NAS AULAS DE INGLÊS
Ilanna Maria Izaias do Nascimento
Tamara Pereira dos Santos

INGLÊS: UM JOGO DE APRENDIZAGEM
Ariana Salisa Brito Alves (UFRN)
Patricia Sayonara Lima de Araujo Pereira (UFRN)
Orientadora: Prof. Dra. Rosanne Bezerra de Araujo (UFRN)

NA ESCOLA PÚBLICA TAMBÉM SE APRENDE A FALAR INGLÊS
Ariana Salisa Brito Alves (UFRN)
Patricia Sayonara Lima de Araujo Pereira (UFRN)
Orientadora: Prof. Dra. Rosanne Bezerra de Araujo

SESSÃO 6

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

GRAMÁTICA E ANÁLISE CONTRASTIVO NO ENSINO DE ESPANHOL COMO SEGUNDA LÍNGUA
Shirley de Sousa Pereira (UFRN) – coordenadora

O USO DE GÊNEROS LITERÁRIOS NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA ESCOLA
Girlene Moreira da Silva (IFRN)
Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

ANÁLISE DE ERROS NA PRODUÇÃO ESCRITA DE PROFESSORES DE ESPANHOL/LE EM FORMAÇÃO
Triciane Rabelo dos Santos (UFCE)

O DISCURSO IDENTITÁRIO NUMA COMUNIDADE DE PRÁTICA (MOODLE)
Selma Maria Abdalla Dias Barbosa (UFT)

COMPREENSÃO ORAL EM INGLÊS: DIFICULDADES DE ALUNOS-PROFESSORES E SUAS PROPOSTAS PARA O ENSINO
Sibéria Maria Souto dos Santos (IFPB)

SESSÃO 7

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A SINTAXE DO PORTUGUÊS EM TEXTOS DE FALANTES DE ALEMÃO COMO LÍNGUA MATERNA
Francielly Rodrigues Soares (UFPB) – coordenadora
Profa. Dra. Margarete Von Mühlen Poll (UFPB)

O USO ALTERNANTE DE VERBOS PRONOMINAIS EM LÍNGUA ESPANHOLA
Arthur Martinelli Abrantes Estrela
Orientadora: Profa. Dra. Shirley de Sousa Pereira (UFRN)

USO DE TEXTOS LITERÁRIOS NOS MANUAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA APLICADOS NO ENSINO MÉDIO
Izadora Vasconcelos Braga (UECE);
Marcia Joselia Maia Moreira
Sandra Maria Souza
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão

ENSINO DE ESPANHOL COMO LE: USANDO TEXTOS AUTÊNTICOS
Thaís Cordeiro Souza de Morais (UFRN)
Yane de Andrade Ramalho (UFRN)
Profa. Dra. Izabel Souza do Nascimento (UFRN)

ESTUDOS INTERCULTURAIS EM CADERNOS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA
Lucia Maria de Assunção Barbosa
Olena Kovalek (UFSCar)
Orientadora: Profa. Dra. Lucia de Assunção Barbosa (UFSCar)

ÁREA TEMÁTICA 15: LEITURA, ESCRITA E ENSINO

SESSÃO 6

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA COMUNIDADES INDÍGENAS: VIVÊNCIAS ENTRE OS PARKATÊJÊ:
Ricardo Bezerra Sampaio – coordenador
Marilia de Nazaré Ferreira (UFPA)

QUANDO A REESCRITA (NÃO) FUNCIONA: ESTUDO SOBRE O PAPEL DA DIDATIZAÇÃO DA REESCRITA NO CURSO DE LETRAS
Elisa Cristina Amorim Ferreira (UFCG)
Orientadora Denise Lino de Araújo (UFCG)

A INFLUÊNCIA DAS CRENÇAS DOS PROFESSORES NO ENSINO DE LEITURA DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA
Carla Aguiar Falcão
Francisco Leilson da Silva

LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ENSINO DE GRAMÁTICA: UMA ANÁLISE DE DADOS COLHIDOS NO CONTEXTO DE SALA DE AULA
Gitanna Brito Bezerra
Luciene Barbosa de Souza
Hertha Maria Costa Tavares de Albuquerque

EXPERIÊNCIAS EM LEITURA E ESCRITA: TRAJETÓRIAS PESSOAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE
Merise Maria Maciel

SESSÃO 7
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 5 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O CONCEITO DE TEXTO EM MODELOS DE PROCESSAMENTO TEXTUAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO
Laís Maria de Melo Álvares Felix Rosal (UFPE) – coordenadora

PROCESSOS DE COMPOSIÇÃO NA ESCRITA MULTIMODAL – NARRATIVAS DIGITAIS
Ana Karoline Saboia De Albuquerque
Iuta Lerche Vieira

O EDITORIAL SOB O OLHAR CRÍTICO DE ALUNOS DE 3° ANO DO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ENSINO BASEADA NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA
Érica Alessandra Fernandes Aniceto (IFMG-OP)

DA ORIGEM DA LEITURA E DA ESCRITA AO ENEM: O ENSINO DA LECTOESCRITA NO CURSO MÉDIO
Keli Cristina Messias Rey (UFAL)
Sandra Araujo Lima

SESSÃO 8
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

RELATO REFLEXIVO NA DISCIPLINA FUNDAMENTOS EM LINGUÍSTICA APLICADA: O DIÁRIO COMO SUPORTE DE REFLEXÃO "EU-PARA-MIM" E "OUTRO-PARA-MIM"
Jocilene Pereira Lima – coordenadora

A PRODUÇÃO TEXTUAL EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ASPECTOS DE UMA ATIVIDADE INTERACIONAL SITUADA
Sônia Virginia Martins Pereira

DISCURSO E SUBJETIVIDADE NA LEITURA E PRODUÇÃO DE CARTAS: INVENÇÃO DO COTIDIANO COMO ARTE DE FAZER EM SALA DE AULA
Jose Gomes Filho

ABORDAGENS DE ENSINO SOBRE A FORMAÇÃO DO TEXTO ESCRITO
Lucila Carvalho Leite. (Mestranda PPGED – UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa (PPGED – UFRN)

LENDO INTERFACES DIGITAIS EM TEXTOS IMPRESSOS: O CASO DA PUBLICIDADE
Ana Elisa Costa Novais

SESSÃO 9
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO REFLETIDAS EM AVALIAÇÕES DE LARGA ESCALA
Lívia Suassuna (UFPE) – coordenadora
Maria Aparecida Barbosa da Silva (Secretaria de Educação de PE)

DECIFRANDO OS SEGREDOS DAS REGRAS DA ESCRITA
Edinelma Azevedo de Almeida (UFRN/CELE)
Francisca Felícia Lima Rodrigues (UFRN/CELE)
Marinalva Geraldo Bezerra (UFRN/CELE)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

ESTAR OU NÃO-ESTAR BEM NA ESCOLA: QUE CONVERSA DE INTERAÇÃO É ESSA?!
Ivonete Galvão de Araújo Virgulino (UFRN/CELE)
Alice Maria Lima da Silva (UFRN/CELE)

MEDIADORES DE LEITURA: UM PROJETO DE INCENTIVO À CONSTRUÇÃO DE LEITORES
Ana Berenice Peres Martorelli (UFPB)
Patricia Aparecida Espinar (UFPB)
Ruth Marcela Bown Cuello (UFPB)

IMPLICAÇÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA: ANÁLISE DO FILME ESCRITORES DA LIBERDADE
Pollyanne Pereira Barros Silva (UnP)g
Rafaela Elane França de Souza
Orientadora: Juliana Pereira Souto Barreto

SESSÃO 10
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA: ANTES E DEPOIS DOS PCN
Hubeônia Morais de Alencar (UERN/UFRN) – coordenadora

A PRESENÇA DA FALA NA ESCRITA DE ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL
Lyzianne Martins Bezerra (UFRN)
Maria Denilda da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

A INCLUSÃO DA TEMÁTICA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA
Kaliene Alessandra Rodrigues de Paiva (UFRN)
Mozart Dantas da Silva Xavier (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

OS LAÇOS DO TEXTO DO ALUNO NO TEXTO DO OUTRO: O RITUAL DO "Ctrl+C" E "Ctrl+V" NO ENSINO MÉDIO
Corina de Sá Leitão Amorim (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN)

A AUSÊNCIA DAS HABILIDADES DE INTERPRETAÇÃO E REDAÇÃO NA FALA E NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE SERRA TALHADA
Adrielio da Silva Moreno
Dorothy Bezerra

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

SESSÃO 2
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

AS CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA PRESENTES NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA "A ESCOLA É NOSSA"
Andréia Araújo da Nóbrega (UFPB) – coordenadora
Camilo Rosa Silva (UFPB)

OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E SUAS APLICAÇÕES NO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS DO CAMEAM/UERN
Francisco Fransueldo da Costa Soares (UERN)

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: REPRESENTAÇÕES DE PCN DE LÍNGUA PORTUGUESA
Raimundo Nonato de Pádua Câncio

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: A PROPOSTA DO PROGRAMA GESTÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR
Geisa Borges da Costa

INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: DESCRIÇÃO GRAMATICAL OU REALIDADE LINGUÍSTICA?
Neila Maria Oliveira Santana (UNEB)

SESSÃO 3
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 5 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM, LÍNGUA E GRAMÁTICA: UMA ANÁLISE NOS TEXTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS
Célia Maria Medeiros Barbosa (UnP)
Gyrlene Ester de Souza Medeiros (UnP)
Jerônimo Rocha Neto (UnP)
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS
Erika Fonseca Maciel

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA POR SUJEITOS SURDOS: REFLEXÕES PRELIMINARES
José Edmilson Felipe da Silva (CENEP)
Maria Helena Cunha Malta de Carvalho (CENEP)

O ETHOS DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA
Edmar Peixoto de Lima
Gilton Sampaio de Souza

SESSÃO 4
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 6 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA CENTRADO NOS GÊNEROS TEXTUAIS EM TURMAS DO 1º AO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
Suzan Kelly Negromonte de Oliveira (UFPB) – coordenadora

OS TEXTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS NA AULA DE PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO
Célia Maria Medeiros Barbosa da Silva (UnP)
Klaryssa Pinheiro Gurgel de Freitas (UnP)

REPRESENTAÇÕES DE DOCENTES SOBRE SEU PAPEL NO PROCESSO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ATORES OU AGENTES?
Alessandra Preussler de Almeida (UNISINOS/RS)
Ana Maria de Mattos Guimarães (UNISINOS/RS)

REPENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA ATRAVÉS DE GÊNEROS TEXTUAIS
Alessandra Preussler de Almeida (UNISINOS/RS)
Ana Maria de Mattos Guimarães (UNISINOS/RS)

ÁREA TEMÁTICA 18: FUNCIONALISMO E ENSINO

SESSÃO 2
***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 7 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A SEMÂNTICA DO TEMPO PRESENTE
Caroline Soares da Silva (UFF) – coordenadora
Orientadora: Profa. Dra. Jussara Abraçado (UFF)

INTERFACE SINTAXE, SEMÂNTICA E CONTEXTO DISCURSIVO NA CONSTRUÇÃO IR + INFINITIVO
Maria Aparecida da Silva Andrade (Instituto de Educação superior Presidente Kennedy)

ABORDAGEM FUNCIONAL DA GRAMÁTICA - A METAFUNÇÃO INTERPESSOAL
Vania Lúcia Rodrigues Dutra (UERJ e UFF)

A MODALIDADE DEÔNTICA E A MÍDIA TELEVISIVA: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA EM TEXTOS OPINATIVOS
Nadja Paulino Pessoa Prata (UFC)

ÁREA TEMÁTICA 19: COGNIÇÃO E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 8 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LÍNGUA É UM RECIPIENTE: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS DAS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM ADOTADAS POR PROFESSORES EM SALA DE AULA
Estevão Domingos Soares de Oliveira (UFPB) – coordenador
Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB)
Thalita Maria Lucindo Aureliano (UFPB)

INTERVENÇÃO NO DISTÚRBIO DE APRENDIZAGEM COM ENFOQUE EM HABILIDADES METAFONOLÓGICAS: ESTUDO DE CASO
Ana Cristina de Albuquerque Montenegro
Angélica Galindo Carneiro Rosal

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: O PROCESSO DE MESCLAGEM NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS
Monalisa Medeiros (UFRN)
Prof. Dr. Paulo Henrique Duque (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 20: AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E ENSINO

SESSÃO 2

***Data**: 13/10/2011 (quinta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 9 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

RELAÇÕES GRAFOFÔNICAS, CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E INSTRUÇÃO FÔNICA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICO DO PORTUGUÊS
Wilson Júnior de Araújo Carvalho – coordenador

PRODUÇÃO ESCRITA DE SURDOS COMO L2: CONTAMINAÇÃO DAS MODALIDADES ORAL E SINALIZADA
Adriana Di Donato (UFPE)
Débora Balbino da Silva (UFPE)
Elisabeth Cavalcanti Coelho (UFPE)
Orientadora: Profa. Dra. Elisabeth Cavalcanti Coelho (UFPE)

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E BILINGUISMO NA INFÂNCIA: TEORIAS, CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES
Ana Clara dos Santos Oliveira (Centro de Educação Integrada - Colégio CEI)

O LUGAR DO CORPO NA CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM
Francisca Cláudia Ferreira (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Duque (UFRN)

AQUISIÇÃO DA LIBRAS (L1) E LÍNGUA PORTUGUESA (L2) POR SURDOS EM CONTEXTO BILÍNGUE
Márcio Arthur Moura Machado Pinheiro
Maria José Nélo

DIA 14 DE OUTUBRO DE 2011

Setor II de aulas - das 16h30 às 18h30

ÁREA TEMÁTICA 4: SEMÂNTICA E ENSINO

SESSÃO 3

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco A/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

INTERPRETANDO O (CON)TEXTO: TRÊS CAMINHOS PARA O PROFESSOR
Maria Leonor Maia dos Santos – coordenadora
Miqueias Dos Santos Vitorino

UM ESTUDO SOBRE DESLOCAMENTOS ENUNCIATIVOS EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE VESTIBULAR
Stéfano Grizzo Onofre
Orientadora: Profa. Dra. Marilia Blundi Onofre

O FORRÓ NORDESTINO E SUAS PRODUÇÕES DE SENTIDOS
Nadja Araújo Maciel
Josefa Patrícia Santos Marinho
Sônia da Rocha

AS RELAÇÕES ENTRE AS PALAVRAS E O TRATAMENTO NO LIVRO DIDÁTICO
Amanda Oliveira Carvalho
Sileide Maria da Silva
Sonia da Rocha

ÁREA TEMÁTICA 5: LINGUÍSTICA TEXTUAL E ENSINO

SESSÃO 4

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco A/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

REFERENCIAÇÃO E ENSINO
Mariza Angélica Paiva Brito (Protexto/UFC, Estácio/FIC) – coordenadora
Mônica Magalhães Cavalcante (Protexto/UFC)

A PRODUÇÃO DE TEXTOS EXEMPLARES DO VESTIBULAR (OU DE COMO SE APRENDE A NÃO ASSUMIR A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA)
Vanessa Fabíola Silva de Faria

OS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO
Edilma Messias Porto (UFS)
Prof. Dra. Geralda de Oliveira

A MODALIZAÇÃO NO GÊNERO DICA: AS MARCAS DO SUJEITO NO TEXTO
Lidemberg Rocha de Oliveira

SCRAPT DO ORKUT: CURIOSIDADES DE UM GÊNERO EMERGENTE
Ludinalva Santos do Amor Divino

SESSÃO 7

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

NA PRÁTICA A TEORIA CONTINUA SENDO OUTRA: TRATAMENTO DADO AO "A GENTE" EM UMA SEXTA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL
Loremi Loregian-Penkal – coordenadora

O DINAMISMO LINGUÍSTICO DO ANGLICISMO BOY NA CIDADE DO NATAL
Nadson Gutemberg Gomes dos Santos (UFRN)
Orientador: Paulo Henrique Duque

USOS E DESUSOS DE "PALAVRÕES" EM AMBIENTE ESCOLAR
Agostinho Soares da Silva Neto (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

TRATAMENTO DISPONIBILIZADO ÀS VARIEDADES LINGUÍSTICAS EM LIVROS DIDÁTICOS
Kátia de França Monteiro Vasconcelos (Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição)

A FORMAÇÃO DE LEITORES (AS) PARA A COMPREENSÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICO-CULTURAL DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA
Jorge Augusto Alves da Silva
Lucas Santos Campos
Valéria Viana Sousa (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

A PROVINHA BRASIL E A COMPETÊNCIA SOCIOLINGUÍSTICA DO ALFABETIZANDO
Raquel Meister Ko. Freitag (UFS)

SESSÃO 8

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A NOÇÃO DE ESTILO NA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: IMPASSES, TENSÕES E SUA APLICAÇÃO AO ENSINO
Bruno Cardoso (PPgL/UFSC) – coordenador

A REALIZAÇÃO DE FRICATIVAS NO PORTUGUÊS ORAL POPULAR DE FORTALEZA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA
Ana Germana P. Rodrigues (Universidade Estadual do Ceará – bolsista FUNCAP)
Orientadora Aluiza A. de Araújo

OS PRONOMES POSSESSIVOS 'NOSSO' E 'DA GENTE' EM TEXTOS DE ALUNOS DO 6° E 9° ANO: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO
Maria da Conceição Silva dos Santos (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins

MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA E IDENTIDADE: PROPOSTAS PARA REFLEXÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA
Lívia Nascimento Arcanjo
Lucia Furtado de Mendonça Cyranka (UFJF)

TESTE DE ATITUDE E ENSINO: OPINIÕES DE FUTUROS PROFESSORES SOBRE A EXPRESSÃO *VOU IR* NO SUL DO PAÍS
Adriana Gibbon (FURG/UFSC)

ESTUDO VARIÁVEL NO RECIFE: A VOCALIZAÇÃO DO \nh
Gustavo da Silveira Amorim

ÁREA TEMÁTICA 9: ANÁLISE DO DISCURSO E ENSINO

SESSÃO 3
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

GÊNERO *RESENHA*: A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DO AUTOR EM TEXTOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS
Lafity dos Santos-Silva (UEMA/IDB) – coordenadora

GERENCIAMENTO DE VOZES NA ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVA DO GÊNERO ACADÊMICO
Elza Maria Silva de Araújo Alves (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN/CELE/GETED)

VOZ DO AUTOR EMPÍRICO NA PRODUÇÃO ESCRITA ACADÊMICA
Maria Aparecida da Silva Miranda (UFRN)
Sulemi Fabiano Campos (UFRN/CELE/GETED)

FALAR? EU JÁ FALO!
Christiane Jaroski Barbosa (Faculdade Cenecista de Osório/FACOS- CNEC RS)
Cristina Maria de Oliveira (Faculdade Cenecista de Osório/FACOS- CNEC RS)

A COESÃO LEXICAL EM DIFERENTES GÊNEROS DO DISCURSO
Thaisa Raphaela de Freitas Revorêdo (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

SESSÃO 4
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco B/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

SOBRE CONTOS MARAVILHOSOS
Lucineia Contiero (DEPED/UFRN)

DIALOGISMO, DISCURSIVIDADE E VALORAÇÃO: O GÊNERO PROPAGANDA DIRECIONADA AO PÚBLICO MASCULINO SOB A PERSPECTIVA SOCIODIALÓGICA DE BAKHTIN
Gianka Salustiano Bezerril (UFRN)

NEGRITUDE E LITERATURA INFANTO-JUVENIL: (RES) SIGNIFICANDO A IMAGEM DE SUJEITOS NEGROS E NEGRAS
Dayane Priscila Pereira de Souza (UERN)
Francisca Maria de Souza Ramos Lopes (UERN)

DISCURSOS DE IDENTIDADE: ESCOLA, AMIGOS E RELAÇÕES INTER-RACIAIS
Ana Gabriella Ferreira da Silva
Dayane Priscila Pereira de Souza
Francisco Allyson Rocha da Silva
Francisca Maria de Souza Ramos Lopes (UERN)

A AUTORIA NO CONTEXTO ACADÊMICO: UMA QUESTÃO DE PROSÓDIA
Juliana Pereira Souto Barreto (UnP)

AS ESCOLHAS LEXICAIS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS
José Fernandes Campos Júnior (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

SESSÃO 3
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

RELATOS, REGISTROS, ESCRITAS, CONFISSÕES: COMO OS REGISTROS ESCRITOS DE DOCENTES PODEM TRANSPARECER SUAS CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO?
Rita de Cássia Gonçalves Muniz – coordenadora

ILUSTRAÇÕES DE VERBETES QUE REPRESENTEM SENTIMENTOS: COMPARAÇÃO ENTRE DOIS DICIONÁRIOS INFANTIS
Daniel Martins de Carvalho (UECE)
Antônio Luciano Pontes (UECE)

LETRAMENTO FAMILIAR: PECULIARIDADES, IMPACTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS
Maria do Rosario da Silva Medeiros (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

O LETRAMENTO DO ACADÊMICO EM FORMAÇÃO INICIAL: SABERES, DOMÍNIOS E VALORAÇÃO
Rodrigo Acosta Pereira

PROJETO DE LETRAMENTO: NORTEANDO O USO DE GÊNEROS TEXTUAIS A PARTIR DO PROPÓSITO COMUNICATIVO
Francieli Cavalcanti de Paiva (UFRN)
Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

A AVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO
Izabel Souza do Nascimento (UFRN)
Joseneide André de Barros (FACULDADES DA ESCADA)

SESSÃO 4

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
Karla Epiphania Lins de Gois – coordenadora

NAVEGAR É PRECISO? DISCURSOS E PRÁTICAS DE LETRAMENTO VIRTUAL NO CONTEXTO DO ATENDIMENTO AO DEFICIENTE VISUAL
Sinara Bertholdo de Andrade
Juliana Pereira Souto Barreto

LETRAMENTO E ANALFABETISMO: REFLEXÃO SOBRE CONCEITUAÇÕES, ÍNDICES E DESAFIOS
Daiane da Costa Barbosa
José Adailton Cortez Freire (Instituto Federal de Alagoas)

ESCOLARIZAÇÃO, LETRAMENTO E NORMATIZAÇÃO NA SÃO PAULO DO FINAL DO SÉCULO XIX
Hosana dos Santos Silva

SESSÃO 5

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LETRAMENTO LITERÁRIO DOS ALUNOS DO 4º ANO MAGISTÉRIO DA REDE MUNCIPAL DE ENSINO DA CIDADE DE GUARABIRA – PB
Maria das Dores Justo (Centro Educacional Osmar de Aquino)

LEITURA E PRODUÇÃO DE GÊNEROS ACADÊMICOS NO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Camila Maria de Araújo (UPE)
Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (UPE)

RETEXTUALIZANDO AS NARRATIVAS DE UM EVENTO DAS ENTRELINHAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA
Ana Lucia de Araújo (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 11: GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

SESSÃO 7

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco D/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

AS MANIFESTAÇÕES DO INTERLOCUTOR NO PROCESSO DE DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO MEMÓRIA LITERARIA NA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA: DAS ORIENTAÇÕES DO MANUAL DO PROFESSOR À PRODUÇÃO TEXTUAL DO ALUNO
Diana Ribeiro Guimarães – coordenadora

NO RASTRO DO GÊNERO INFOGRÁFICO: UMA ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA
Francisco Vieira da Silva
Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LETRAS: A UTILIZAÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS COMO OBJETO DE ENSINO
Fernanda Barboza de Lima (UFPB)
Orientadora: Profa. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB)

OS BLOGS E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
Jéssica Lopes de Castro Ribeiro (UFRN)
Marcela Aparecida Cucci Silvestre (UFRN)

VOZES SOCIAIS EM DIÁRIOS DE LEITURA
Rhena Raíze Peixoto de Lima (UFRN)
Orientador: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

SESSÃO 8
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

FORMAS DE RETOMADA DO DISCURSO DO OUTRO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO
Ilderlandio Assis de Andrade Nascimento (UERN) – coordenador
José Cezinaldo Rocha Bessa (UERN)
Rosângela Alves dos Santos Bernardino (UERN)

RECEITA CULINÁRIA COMO GENÊRO DISCURSIVO ORAL E ESCRITO: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA
Maíra Cordeiro dos Santos (UFPB)
Orientadora: Profa. Dra. Beliza Áurea de Arruda Melo (UFPB)

SHREK 1 E SHREK 2: REPRESENTAÇÕES DA RUPTURA DOS TRADICIONAIS CONTOS DE FADAS
Ana Carolina Lourenço de Assis (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA BAKTINIANA PARA O ESTUDO DO GÊNERO CARTA DO LEITOR NA MÍDIA IMPRESSA
Albanyra dos Santos Souza (UFRN)
Gianka Salustiano Bezerril (UFRN)

O GÊNERO PUBLICITÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA E SINCRÔNICA
Sandra Maria Alves de Lima (PPGeL/UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN)

SESSÃO 9
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

MONOGRAFIA: DAS PERSPECTIVAS ESTANQUES À DOS GÊNEROS ACADÊMICOS
Clara Regina Rodrigues de Souza (UFCG) – coordenadora

O GÊNERO RESENHA ACADÊMICA NUMA AULA DE LEITURA NO CURSO DE LETRAS: OS MODOS DE DIDATIZAÇÃO DE UM OBJETO DE ENSINO
Maria da Conceição Azevêdo (USP)
Orientador: Sandoval Nonato Gomes Santos

TIRINHAS NA ESCOLA: REVELANDO POSICIONAMENTOS AXIOLÓGICOS
William Brenno dos Santos Oliveira (UFRN)
Aline Patricia da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

GÊNERO DISCURSIVO, HUMOR E APRENDIZAGEM NO ENSINO DA MODALIDADE EJA
Robeilza de Oliveira Lima (IFRN)

SESSÃO 10
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A EMERGÊNCIA DE IDENTIDADES SOCIAIS EM BLOGs: REPESSANDO O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA
Jorge França de Farias Jr. (Universidade Federal Rural de Pernambuco) – coordenadora

O USO DOS CONECTORES E SUAS FUNÇÕES NO TEXTO MEMÓRIAS DO CÁRCERE: UM OLHAR DE QUEM FOI VIGIADO E PUNIDO
Celina Maria de Freitas Carvalho (UERN)
Jocélia da Silva Gurgel Freire (UERN)
Rosângela Ferreira de Lima Souza (UERN)
Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN)

O GÊNERO HISTÓRIAS ORAIS CONTADAS POR RIBEIRINHOS: UMA ANÁLISE DE DISCURSO SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL
Maria das Graças da Silva (UFRN)

ÁREA 13: LITERATURA E ENSINO

SESSÃO 7
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco E/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

ONDE ESTÁ A LEITURA? UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID-LETRAS DA UFPI
Jasmine Soares Ribeiro Malta (UFPI) – coordenadora

A LITERATURA E O PROJETO PRIMEIRO APRENDER NO ENSINO MÉDIO
Maria Eveuma de Oliveira (PPGL/UERN)
Sérgio Wellington Freire Chaves (UERN - CAMEAM)
Orientador: Manoel Freire (PPGL/UERN)

(DES)CAMINHOS DA LEITURA LITERÁRIA NO ENEM: UMA QUESTÃO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES
Jose Augusto Soares Lima

O USO DE GÊNEROS LITERÁRIOS NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA ESCOLA
Girlene Moreira da Silva (IFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

A EFICÁCIA DA PALAVRA TRANSFORMADA EM VALORES PELO ENSINO DA LITERATURA
Antonio Peterson Nogueira do Vale
Orientadora: Professora Dra. Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

SESSÃO 8
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LER, CONTAR E CRIAR MARTINS
Naura Martins (FACOS- CNEC RS) – coordenadora

ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO DENTRO E FORA DA SALA DE AULA
Gislene Pires de Camargos Ferreira (UFT)
Maria José de Pinho

POEMA MODERNO E A SALA DE AULA: UM CASO ESTRANHO
Alexandre Bezerra Alves (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

MEDIAÇÃO DA LEITURA EM EXPERIÊNCIAS COM A CIRCULAÇÃO LITERÁRIA (FUNARTE) NO VIVA-BALE NORDESTE-SUDESTE: "CONTE DE LÁ QUE EU CONTO DE CÁ"
Emanuela Carla Medeiros de Queiros (UERN/PAU DOS FERROS)
Andreza Emicarla Cavalcante Pereira (UERN/PAU DOS FERROS)
Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio (UERN/PAU DOS FERROS)

SESSÃO 9
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

ENSINO DE LITERATURA: OUTROS OLHARES, NOVAS PERSPECTIVAS
Derlan Lopes Vieira (Universidade do Estado da Bahia) – coordenadora

ENSINO DE LITERATURA POTIGUAR: A PRESENÇA DE PALMYRA WANDERLEY NA VIDA LITERÁRIA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
Maria Aparecida de Almeida Rego (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Oliveira (UFRN)

O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA
Valquíria Maria Cavalcante de Moura

A FIGURA FEMININA DA PERSONAGEM PEQUENINA NO ROMANCE "NADA DE NOVO SOB O SOL" DE LÚCIA FERNANDES MARTINS
Margleice Lima Pimenta (UERN/CAMEAM)

CAMINHOS PARA A ESCOLARIZAÇÃO LITERÁRIA QUE SONHAMOS: GÊNEROS EM CONFLUÊNCIA
Rogério Cavalcante de Moura (UFPE /Unidade Acadêmica de Serra Talhada)

O POEMA EM SALA DE AULA: NOTAS SOBRE A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA
Henrique Eduardo de Sousa

SESSÃO 10
Data: *14/10/2011 (sexta-feira)* ***- Local:*** *setor 2/bloco H/sala 8* ***- Horário:*** *das 16h30 às 18h30*

CRENÇAS DE PROFESSORES- BOLSISTAS DO NÚCLEO DE LÍNGUAS E DO PROLIN SOBRE A FUNCIONALIDADE DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
Francisco Perivaldo Oliveira Reis Graduando (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene Aragão (UECE)

ANÁLISE DE TEXTOS LITERÁRIOS PRESENTES NOS MANUAIS DE ESPANHOL INTERACCIÓN E ESENCIAL PARA ENSINO FUNDAMENTAL II (6º AO 9º ANO)
Ivana Roberta Siqueira Marreiro (UECE - Bolsista PROVIC)
Alda Barros Vieira Fernandes (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

O USO DE TEXTOS LITERÁRIOS EM MANUAIS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA UTILIZADOS EM CURSOS DE IDIOMAS
Dalila Monteiro Dantas (UECE)
Maria Aparecida Moura de Lima (UECE)
Orientadora: Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

RELAÇÃO ENTRE A EXPERIÊNCIA LEITORA DE PROFESSORES-BOLSISTAS DE CURSOS DE IDIOMAS E O USO DO TEXTO LITERÁRIO EM SUA PRÁTICA DOCENTE
José Oliveira Cipriano (bolsista PIBIC/UECE)
Francisco Kennedy Castro Cunha

ÁREA TEMÁTICA 14: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

SESSÃO 8
Data*: 14/10/2011 (sexta-feira) -* ***Local:*** *setor 2/bloco F/sala 3 -* ***Horário****: das 16h30 às 18h30*

DO SURGIMENTO DA ESCRITA AO ENEM: O ENSINO DE PRODUÇÃO DE TEXTO NO ENSINO MÉDIO
Keli Cristina Messias Rey (UFAL) – coordenadora

DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE INGLÊS REFLEXIVO: O CURRÍCULO, O PROFESSOR-FORMADOR E O ALUNO-APRENDIZ
Rodrigo Nascimento de Queiroz (UFRN)
Orientador Prof. Dr. Orlando Vian Junior (UFRN)

ENSINANDO MARCADORES PRAGMÁTICOS DA LÍNGUA ESTRANGEIRA
Aurélia Leal Lima Lyrio (UFES)

RELAÇÃO ENTRE AS CRENÇAS E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES TUTORES DE INGLÊS DA LICENCIATURA SEMIPRESENCIAL EM LETRAS: INGLÊS DA UFC/UAB
Samia Alves Carvalho (UFC)

O APREDIZADO DA PRONÚNCIA DO TH ATRAVÉS DA MÚSICA POR ESTUDANTES ADOLESCENTES DE LINGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO.
Maria Ivanilda Simões de Lima Camargo (UFRN)

SESSÃO 9
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco F/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

AS REPRESENTAÇÕES VISUAIS NO MATERIAL DIDÁTICO DE INGLÊS: UMA APLICAÇÃO DA GDV
Raquel Ferreira Ribeiro – coordenadora

NOVAS TECNOLOGIAS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
Lucineia Contiero (DEPED/UFRN)

VOCABULARY ACQUISITION: A STUDY WITH EFL LEARNERS
Adelaide Augusta Pereira de Oliveira

CONSTRUINDO SENTIDOS SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE INGLÊS: EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS-PROFESSORES
Paula Graciano Pereira
Orientador: Prof. Dr. Francisco José Quaresma de Figueiredo

O USO DO DICIONARIO NO ENSINO DO VOCABULARIO DE LINGUA ESPANHOLA
Claci Ines Schneider
Orientadora Profa. Dra. Adja de Amorim Barbieri Durão

SESSÃO 10
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO E AS REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES DE INGLÊS INSTRUMENTAL NO NÍVEL SUPERIOR
Maria Kassimati Milanez (UFRN) – coordenadora

ENSINO DE COMPREENSÃO ORAL: O LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA
Mirelly Karolinny de Melo Meireles (UFCG)
Orientadora: Neide Cesar Cruz

OS JOGOS TEATRAIS NO ENSINO DE PLE
Edja Camila Gomes de Araújo (UFPB)
Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz

LA APLICACIÓN DIDÁCTICA DEL TEXTO LITERARIO EN LAS CLASES DE ESPAÑOL COMO LENGUA EXTRANJERA EN LAS ESCUELAS DE ENSEÑANZA MEDIA DE LA CIUDAD DE NATAL
Lusia Mary Rolemberg Menacho (IFRN)
Orientador: Prof. Dr. Adelmo Almeida Silva

SESSÃO 11

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

ASPECTOS DE COESÃO E COERÊNCIA EM TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
Maria Joyce Paiva Medeiros (UFRN/CELE) – coordenadora
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
Francisca Ferreira de Carvalho (UFRN / CELE)
Maria da Paz Batista de Souza (UFRN / CELE)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

O MANUAL DO PROFESSOR: ORIENTAÇÕES PARA A MEDIAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA
Maria da Conceição Rêgo de Araújo
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa

A LEITURA COMO PRÁTICA DISCURIVA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES
Ladmires Luiz Gomes de Carvalho (E. E. Prof. José Fernandes Machado)
Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

ANÁLISE DAS MÁXIMAS DE GRICE EM GÊNEROS TEXTUAIS DIVERSIFICADOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA
Gilberlande Pereira dos Santos (FAINTVISA)

SESSÃO 12

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O MITO DE NARCISO COMO ELEMENTO ESTRUTURADOR DO PROCESSO DE INTERTEXTUALIDADE
Maria Luciene Gomes Costa (UFRN) – coordenadora
Kilma Costa Moura dos Santos (UFRN)

UM OLHAR SOBRE A LEITURA NO ENSINO ESCOLAR
Dione Ribeiro Costa (UEPB)
Patrícia Maurício de Souza (UEPB)

A PROBLEMÁTICA DA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Rosiane Verônica de Matos (UFRN)
Jacqueline Araújo (UFRN)
Telma Elita da Silva (UFRN)

O USO ALTERNANTE DE VERBOS PRONOMINAIS EM LÍNGUA ESPANHOLA
Arthur Martinelli Abrantes Estrela (UFRN)
Shirley de Sousa Pereira (UFRN)

MONOGRAFIA: DAS PERSPECTIVAS ESTANQUES À DOS GÊNEROS ACADÊMICOS
Clara Regina Rodrigues de Souza

SESSÃO 13

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LETRAMENTO E ANALFABETISMO: REFLEXÃO SOBRE CONCEITUAÇÕES, ÍNDICES E DESAFIOS
Parte superior do formulárioJosé Adailton Cortez Freire (UFAL) – coordenador
Daiane da Costa Barbosa

AS INTERFACES ENTRE RETEXTUALIZAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE: UM ESTUDO DE RESENHA ACADÊMICA
Clara Regina Rodrigues de Souza

CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM QUE ORIENTA UMA CONCEPÇÃO DE LEITURA
Maria Marluce de Paula Araújo

LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: CONTINUIDADES E MUDANÇAS NO DISCURSO ARGUMENTATIVO SOBRE OS NEGROS E AFRO-DESCENDENTES
Ailton Sérgio Leal Bezerra (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos

CONCEPÇÕES DE ESCRITA EMBUTIDAS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL
Jariza Augusto Rodrigues dos Santos

SESSÃO 14

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco G/sala 5 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O TEXTO PLURISSIGNIFICATIVO NA FORMAÇÃO DO LEITOR SURDO
Viviane da Silva Gomes (UFPB) – coordenadora

TEXTO E SENTIDOS: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA
Daiane da Costa Barbosa
Nadja Naira Aguiar Ribeiro

LEITURA, PRODUÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS NA SALA DE AULA
Erica Sousa de Almeida

ASPECTOS DA INTERLÍNGUA DOS SURDOS NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA
Maria José Nélo
Márcio Arthur Moura Machado Pinheiro

ATIVIDADES DE REVISÃO: ASSUMINDO O PAPEL DE INTERLOCUTOR DO TEXTO
Marcilene Gaspar Barros
Profa. Dra. Maria Elias Soares

SESSÃO 15

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 1 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

LER E TECER: UM PROJETO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO
Hosana Cláudia Barbosa Borges (IFAL/UNEAL)
Marcos Henrique Lucena Serafim (IFAL)

A LEITURA NA ESCOLA: A AULA DE LÍNGUA MATERNA E A FORMAÇÃO DO LEITOR
Vilma Nunes da Silva

PARA UMA PSICOFILOLOGIA DO LATINO-PORTUGUÊS
Thomas Daniel Finbow (FFLCH/USP)

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

SESSÃO 5

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 2 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A ORALIDADE EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE ABORDAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS
Emanuele de Souza Pacheco (UFPE) – coordenadora
Ester Suassuna Simões (UFPE)
Laís Maria de Melo Álvares Felix Rosal (UFPE)

INTERAÇÃO PROFESSOR - TUTOR - ALUNO: PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DE LINGUA PORTUGUESA NO AMBIENTE VIRTUAL
Joelma Xavier Sousa Bandeira (UFPB)

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA TEORIA E NA PRÁTICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REALIDADE DE OEIRAS-PIAUÍ
Messias dos Santos Santana

SABERES DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA EM CURSOS DE LETRAS VOLTADOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM LÍNGUA MATERNA
Francisco Vieira da Silva
Profa. Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa

A REPRESENTAÇÃO DA INTERCOMPREENSÃO NO ESPAÇO SOCIAL
Rudson Edson Gomes de Souza (UFRN)
Orientador: Profª Drª Selma Alas Martins

SESSÃO 6

***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 3 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

O BLOG COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA
Amanda Danielle (FAINTVISA)
Cicera Ramos da Silva (FAINTVISA)
Gilberlande Pereira dos Santos (FAINTVISA)
Orientador Gilberlande Pereira dos Santos (FAINTVISA)

O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: UMA REFLEXÃO SOBRE PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS
Irenilza Oliveira e Oliveira (UNEB)
Cristina dos Santos Carvalho (UNEB)

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: EM ANÁLISE, O STATUS E O TERRITÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO
Augusto Ângelo Nascimento Araujo (UFMA)
Lélia Cristina Silveira de Moraes (UFMA)
Sonia Almeida (UFMA)

A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE: A (NÃO) EXPANSÃO DA LÍNGUA OFICIAL
Maria Aliete Cavalcante Bormann (UFRN)

SESSÃO 7
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 4 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

ENSINANDO A ENSINAR OU APRENDENDO A APRENDER?
Maria Helenice Araújo Costa (UECE) – coordenadora

A LÍNGUA E A LITERATURA NO ENEM
Eliane Mourão (UFOP)
Gustavo Fechus (UFOP)

A WEBQUEST COMO SUPORTE METODOLÓGICO PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Maria Jaberlânye da Silva (UEPB)
Luana Francisleyde Pessoa de Farias (UEPB)

AS PERSPECTIVAS DO ENSINO DE GRAMÁTICA NO LIVRO DIDÁTICO: UM OLHAR SEMÂNTICO SOBRE AS PREPOSIÇÕES
Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa (UFPB/PROLING)
Orientador: Erivaldo Pereira do Nascimento (UFPB/PROLING)

REPENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA ATRAVÉS DE GÊNEROS TEXTUAIS
Ana Maria de Mattos Guimarães

SESSÃO 8
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 5 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

AVALIAÇÃO POR COMPETÊNCIA NA PROVA DO ENEM: ASPECTOS EM RELEVO NA PROVA DE 2010
Denise Lino de Araújo (PET LETRAS/UFCG) – coordenadora
Jardiene Leandro Ferreira (Pos LE/PET LETRAS/UFCG)

ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE ESCRITA PRESENTES NAS PROPOSTAS DE REDAÇÃO DO ENEM
Marcela de Melo Cordeiro Eulálio (PET LETRAS/UFCG)
Jefferson Elierio Pontes Oliveira (PET LETRAS/UFCG)
Gessyca Pereira Vitorino (PET LETRAS/UFCG)
Orientadora Denise Lino de Araújo (PET LETRAS/UFCG)

VESTIBULAR UFCG E UEPB 2010: AS PROVAS REFLETEM AS PROPOSTAS DE ENSINO APRESENTADAS NOS PARÂMETROS ESTADUAIS?
Jéssica Amanda de Souza (PET-LETRAS/UFCG)
Marina Macedo Santos (PET-LETRAS/UFCG)
Orientadora Denise Lino de Araújo (UFCG)

REFERENCIAIS CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO DA PARAÍBA E VESTIBULARES: DIÁLOGOS POSSÍVEIS
Edilma Marinho Ribeiro (PET LETRAS/UFCG)
Fernanda Laíra Gonzaga Muniz da Silva (PET LETRAS/UFCG)
Juliane da Silva Messias (PET LETRAS/UFCG)
Orientadora Denise Lino de Araújo (UFCG)

A LINGUAGEM ORAL EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Lidemberg Rocha de Oliveira

ÁREA TEMÁTICA 18: FUNCIONALISMO E ENSINO

SESSÃO 3
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 6 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

A NATUREZA DISCURSIVO-PRAGMÁTICA DOS TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
José Fernandes Campos Júnior (UFRN) – coordenador

A MESMA ESTRUTURA SINTÁTICA SVOD CORRESPONDERIA À MESMA ESTRUTURA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA NA LÍNGUA EM USO? UMA INVESTIGAÇÃO DE MOTIVAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICA E PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS NO TEMPO DE CURTA DURAÇÃO COM APLICAÇÕES PARA O ENSINO
Ivanilde da Silva (USP)

CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS CONDICIONAIS: PROPOSTA DE ENSINO
Thaiza Oliveira da Silva (UFPA)
Profa. Dra. Ediene Pena Ferreira (UFPA)

ÁREA TEMÁTICA 20: AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E ENSINO

SESSÃO 3
***Data**: 14/10/2011 (sexta-feira) - **Local:** setor 2/bloco H/sala 7 - **Horário**: das 16h30 às 18h30*

ASPECTOS SINTÁTICOS EM AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO OS PARÂMETROS DE OBJETO NULO E DE SUJEITO
Mayra Cristina Guimarães Averbug (ISERJ/FAETEC-RJ) – coordenadora

ANÁLISE SOBRE AQUISIÇÃO DA ESCRITA EM UM CORPUS DIGITAL DE ESCRITA INFANTIL
Gladys Rocha (UFMG)
Raquel Fontes Martins (Universidade Federal de Lavras - UFLA)

TOMADA DE CONSCIÊNCIA NA ESCRITA COLABORATIVA EM LE NO USO DE TICS
Arthur Colaço Pires de Andrade
Joara Martin Bergsleithner (UNB)

ESTRATÉGIAS DE REPARO NA AQUISIÇÃO DE ONSETS COMPLEXOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA
Lídia de Almeida Correia
Wilson Júnior de Araújo Carvalho

Programação das Sessões Pôsteres

SESSÕES DE PÔSTERES

Setor II de aulas - das 18h30 às 19h30

ÁREA TEMÁTICA 1: FONÉTICA E FONOLOGIA E ENSINO

01. HABILIDADES METAFONOLÓGICAS E O DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA FONOLÓGICO EM CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES

Ana Augusta Cordeiro (UFPE)
Angélica Galindo Carneiro Rosal (UFPE)
Bianca Queiroga (UFPE)
Débora Balbino da Silva (UFPE)

ÁREA TEMÁTICA 3: SINTAXE E ENSINO

02. A ORDEM XV EM CARTAS DE LEITORES DO RIO GRANDE DO NORTE DOS SÉCULOS 19 E 20: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA

Rafael Aguiar Moura (Bolsista de IC/PROPESQ-UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

03. A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS NA IMPRENSA CEARENSE DOS SÉCULOS 19 E 20: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Geison Luca de Sena Pereira (Bolsista de IC/PROPESQ-UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 4: SEMÂNTICA E ENSINO

04. A LÍNGUA E SEUS SENTIDOS: UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Rozirlania Florentino da Silva (UNEAL)

05. O TEXTO E AS QUESTÕES SEMÂNTICAS: LEITURA ENUNCIATIVA DISCURSIVA DE *SMS*

Lívia de Araújo Melo
Helena Vieira de Andrade

06. O COMPORTAMENTO DAS EXPRESSÕES RESUMITIVAS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE EXATAS: DA MATEMÁTICA E DA FÍSICA

Maria Sirleidy de Lima Cordeiro (UFPE/ CAA)
Orientadora: Cinthya Lúcia Martins Torres Saraiva de Melo

07. O COMPORTAMENTO DAS EXPRESSÕES RESUMITIVAS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE PEDAGOGIA E DE LETRAS

Maria Rachel Fonsêca Braga

08. PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA TEXTUALIDADE EM AMBIENTE MIDIÁTICO

Isaac Itamar de Melo Costa (UFRPE/UAG)
José André de Lira da Silva (UFRPE/UAG)
Maria Williane da Rocha Souto (UFRPE/UAG)
Jaime de Queiroz Viana Neto (UFRPE/UAG)
João Paulo de Souza Araújo (UFRPE/UAG)
Ruth Raquel Lima Freitas Souto (UFRPE/UAG)

09. RECONHECENDO E FAZENDO USO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Maria Aline Rodrigues dos Santos

10. A CONTINUIDADE TÓPICA EM FÓRUNS EDUCACIONAIS: A CONSTRUÇÃO DO ENUNCIADO MOTIVADOR E A INTERVENÇÃO DO TUTOR

Rochelle Cabral Mota
Jéssica Oliveira Fernandes (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Nukácia M. Silva Araújo (UECE)

11. OS SENTIDOS DO TEXTO: DISCURSO E DICIONÁRIO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES

Dayvyd Lavaniery (IFRN)
Karla Geane de Oliveira Souza

12. CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM: FUNDAMENTO DA ATUAÇÃO DO PIBID

Charlles Targino da Silva (UFRN)
Eide Justino Costa (UFRN)
Emanuel Kleiton Souza de Morais (UFRN)
Júlio César Balisa da Silva (UFRN)
Thalita dos Santos Araújo (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

13. OCORRÊNCIA E EXPLORAÇÃO PEDAGÓGICAS DE GÊNEROS DIGITAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO

Joselma Alves de Goes (Universidade de Pernambuco)
Orientador: Benedito Gomes Bezerra

14. "DIFÍCIL É COMEÇAR": ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS RETÓRICAS NAS INTRODUÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

Erica Poliana Nunes de Souza Cunha (UFRN)
Charlyene Santos de Souza (UFRN)
Julianne Pereira dos Santos (UFRN)
Orientadora: Sylvia Abbott Coutinho Galvão (UFRN)

15. A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM DISCURSO DE POSSE DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF

Angélica Ferreira da Fonsêca (UFRN)

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues

ÁREA TEMÁTICA 7: SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

16. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O PANORAMA DAS ESCOLAS COM ENSINO FUNDAMENTAL II E MÉDIO DO AGRESTE MERIDIONAL PERNAMBUCANO

Marcelo Machado Martins

Marcio Vieira da Silva

17. A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGUÍSTICA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

João Paulo Pereira (UERN)

Marcos Paulo de Azevedo (UERN)

18. ICONICIDADE, ARBITRARIEDADE E EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILERA: OS SINAIS BÍBLICOS

José Edmilson Felipe da Silva

Maria Helena Cunha Malta de Carvalho (CENEP)

19. A ALTERNÂNCIA NA USUALIDADE DOS PRONOMES (TU) E (VOCÊ) EM UMA REALIDADE NORDESTINA: ASPECTOS QUE CONTRIBUEM PARA UMA REFLEXÃO SOBRE UMA ABORDAGEM MAIS COERENTE NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Josielice dos Santos Almeida

Orientador: Fernando Augusto de Lima Oliveira

20. VARIAÇÃO DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS DA REDE PÚBLICA: UMA ANÁLISE DA ESCRITA

Inaldo Firmino Soares (UFRPE/UAST)

Keroz Nunes de Aquino

21. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Lucirley Alves de Oliveira

22. CONCORDÂNCIA VERBAL VERSUS VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO

Inaldo Firmino Soares (UFRPE/UAST)

Rosicleide lima Silva (UFRPE/UAST)

23. A INFLUÊNCIA DA ESCOLARIDADE NO USO "PADRÃO" DA CONCORDÂNCIA NOMINAL NO SERTÃO PERNAMBUCANO

Alane Luma Santana Siqueira

Orientador: Adeilson Pinheiro Sedrins

24. A INFLUÊNCIA DOS ARCAÍSMOS NA FALA DE ALUNOS DO 9º ANO NA ZONA RURAL DE GIRAU DO PONCIANO-AL

Marcelino da Rocha Souza

Sérgio Ferreira Lima

Orientador: Fernando Augusto de Lima Oliveira (Universidade Estadual de Alagoas)

25. ANÁLISE LINGUÍSTICA DA RELAÇÃO FALA/ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS EXPLICITADOS EM GÊNEROS TEXTUAIS

José Robson da Silva

Orientador: Adeilson Pinheiro Sedrins (Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Serra Talhada)

ÁREA TEMÁTICA 8: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

26. SIGNIFICAR A MULHER: UM OLHAR SOBRE AS DEFINIÇÕES DO VERBETE "MULHER" EM DOIS DICIONÁRIOS ESCOLARES

Hugo Leonardo Gomes dos Santos

27. CARTAS DO LEITOR: A EXPOSIÇÃO DA 'FACE' E A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA IMPRESSA NO JOGO DE LEITURAS

Rafael Souza da Cruz (UFRN)

Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

28. O FUNCIONAMENTO DIALÓGICO EM REPORTAGEM E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Ana Carolina Almeida de Barros Albuquerque

Welitânia Renata da Silva (Faculdade Frassinetti do Recife- FAFIRE)

ÁREA TEMÁTICA 9: ANÁLISE DO DISCURSO E ENSINO

29. IMAGENS DA ESCOLA: ANÁLISE DAS FIGURATIVIZAÇÕES DA ESCOLA EM RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO

Leane Araújo de Oliveira (UFTO)

Orientadora: Luiza Helena Oliveira da Silva (Universidade Federal do Tocantins)

30. FRONTEIRAS DO ENSINO: ANÁLISE DA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS

Paulo Eduardo Benites de Moraes (Universidade Católica Dom Bosco)

Orientadora: Neli Porto Soares Betoni Escobar Naban

31. LEITURA À TECNOLOGIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS POEMAS DE MANOEL DE BARROS NO ENSINO MÉDIO

Edmilson Fagundes de Moura (Universidade Católica Dom Bosco)

Orientadora: Neli Porto Soares Betoni Escobar Naban (Universidade Católica Dom Bosco)

32. AS REPRESENTAÇÕES DE LÍNGUA DO ENEN: A HETEROGENEIDADE CONTRADITÓRIA DO DISCURSO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Anderson Lins Rodrigues (UFCG)

Orientador: Washington Silva de Farias (UFCG)

33. ENSINO E DOCUMENTÁRIOS: ANÁLISE DE DISCURSO E MÍDIAS FÍLMICAS EM SALA DE AULA.

ThyagoRuzemberg Gonzaga de Souza

Saulo Arão de Lima Sarmento

Orientadora: Crislane Barbosa de Azevedo

34. A INTERTEXTUALIDADE NA LINGUAGEM MIDIÁTICA: UMA ABORDAGEM DE ANÁLISE DO DISCURSO NO GÊNERO *BLOG*

Ewerton Mendonça de Oliveira
Wadson Augusto Corrêa
Orientadora: Profa. Dra. Lucineia Contiero (DEPED/UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

35. A CONTRIBUIÇÃO DA DISCIPLINA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA PARA A CONSTRUÇÃO DE JOGOS PEDAGÓGICOS E A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA

Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral (UFRPE-UAG)
Juliana Carine Tavares Silva (UFRPE/UAG)

36. CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO IMPLÍCITAS NO ENEM

Erika Vieira Araujo (UFRPE/UAG)
Orientadora: Sônia Virginia Martins Pereira (UFRPE/UAG)

37. O TRABALHO COM CONTOS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Aline Rafaela Lima e Silva (Universidade Federal Rural de Pernambuco)

38. O PROJETO DE LETRAMENTO NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS DA SALA DE AULA

Alana Driziê Gonzatti dos Santos
Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira

39. LETRAMENTOS: AMPLIANDO O ACESSO AO TEXTO JURÍDICO

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos (UFPB)
Érika Karla Almeida da Silva (UFPB)

40. DESENHAR FAZ PARTE DA VIDA: UMA PESQUISA EM ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO MULTILETRAMENTO

Ligivania de Barros Barboza

41. A EPIFANIA DA LEITURA: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Isaac Itamar de Melo Costa (UFRPE/UAG)
José André de Lira da Silva (UFRPE/UAG)

42. SIGNIFICADOS DO CONTEXTO FAMILIAR COMO ESFERA DE LETRAMENTO: MEMÓRIAS E PRÁTICAS ESCOLARES

Márcia Maria Soares Rodrigues da Câmara (Secretaria Municipal de Educação |Natal-RN. Capes-INEP)
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa (PPGED/UFRN)

43. A HISTÓRIA EM QUADRINHOS E O ENSINO DA ORALIDADE: UM ESTUDO DA ADEQUAÇÃO DA LINGUAGEM ÀS PRÁTICAS SOCIAIS

Daianna Fernandes de Menezes (UERN)
Orientador: Prof. Dr. Messias Holanda Dieb

44. UMA NOVA VISÃO DE LEITURA E ESCRITA "NASCIDA" EM UM PROJETO DE LETRAMENTO

Dayveson Noberto da Costa Pereira (UFRN)
Fernanda Nayara da Silva Mendonça (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

45. MODALIZAÇÃO E SUBJETIVIDADE EM TEXTOS ACADÊMICOS

Jone Jean de Sousa Correia (UFRN)
Lígia Maria da Silva (UFRN)
Orientadora: Sylvia Abbott Coutinho Galvão (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 11: GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

46. GÊNEROS TEXTUAIS NO FACEBOOK: LEITURA, ESCRITA E POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO

Renato Lira Pimentel (UPE)
Orientador: Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (UPE)

47. OS GÊNEROS TEXTUAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: USOS E DESUSOS

Linda Carter Souza da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa (UFRN)

48. CARLOS RUAS: HUMOR E CRÍTICA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DO PERFIL DE PERSONAGENS BÍBLICOS

Gabriela de Paiva Gomes Albuquerque (UFPE)

49. O PIBID E A PRÁTICA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL ORIENTADA PELOS GÊNEROS DISCURSIVOS

GessykaWiviane Delmiro da Silva (UFRN)
Janaina Arruda de Oliveira (UFRN)
Maria Fabiana Medeiros de Holanda (UFRN)
Mônica da Silva Moreira (UFRN)
Valdison Ribeiro da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

50. AS INTERFACES DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NO CURSO DE LETRAS

Lívia Maria Alvarenga de Lima
Tamires Soares de Oliveira

51. UM NOVO OLHAR SOBRE O GÊNERO TEXTUAL CONTO CRUEL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tamires Soares de Oliveira
Lívia Maria Alvarenga

52. TEXTO PUBLICITÁRIO: RELAÇÕES DE INTERGÊNEROS NA SALA DE AULA

Edilma Marinho Ribeiro
Manuella Soares Jovem

53. QUAL O EVENTO DEFLAGRADOR E COMO SE DÁ O PROCESSO DE ESCRITA DO GÊNERO REQUERIMENTO?

César Augusto Alves dos Santos (PIBIC-CNPq/UFPI)
João Batista de Sá (PIBIC-CNPq/UFPI)

54. SEMINÁRIO: ASPECTOS RELEVANTES DA EXPOSIÇÃO ORAL

Adriana Ramos da Silva (UEPB)
Pedro Fernandes da Silva Júnior (UEPB)
Orientadora: Luana Francisleyde Pessoa de Farias (UEPB)

55. OS GENÊROS TEXTUAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE MATEMÁTICA: ORIENTAÇÕES DE LEITURA/ESCRITA PARA RESOLVER PROBLEMAS

Luanna Priscila da Silva Gomes (UFRN)
Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa (UFRN)
Profa. Dra. Claudianny Amorim Noronha (UFRN)

56. AS MANIFESTAÇÕES DO SUJEITO EM ENSAIOS ACADÊMICOS

Amanda Pinheiro Marinho (UFRN)
Elizabeth Nascimento de Lima (UFRN)
Iranildo Mota da Silva (UFRN)
Karina Dantas Villar Ramalho (UFRN)
Micarla Gabriela Ramos (UFRN)
Orientadora: Sylvia Coutinho Abbott Galvão (UFRN)

57. A OCORRÊNCIA E O USO DE METÁFORA S NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

Aldeneide Mirelly da Silva Cavalcante (UPE)
Orientador: Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (UPE)

58. BOXE INFORMATIVO NO LIVRO DIDÁTICO: UM SUPORTE PARA OS DIVERSOS FINS

Erica Poliana Nunes de Souza Cunha (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

59. MOBILIZANDO ESTRATÉGIAS NA PRÁTICA DE SEMINÁRIOS

Glenda Hilnara Silva Meira (UFCG)
Orientadora: Profa. Dra. Williany Miranda da Silva (UFCG)

60. A FORMAÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO ATRAVÉS DO INTERDISCURSO NO GÊNERO SENTENÇA JURÍDICA

Danielly Gomes Reis (PET/LETRAS/UFCG)
Jefferson Elierio Pontes Oliveira (PET/LETRAS/UFCG)

ÁREA 13: LITERATURA E ENSINO

61. USO DE TEXTOS LITERÁRIOS EM MANUAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA APLICADOS NO ENSINO MÉDIO

Sandra Maria Sousa (UECE/Provic)
Izadora Vasconcelos Braga (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

62. HISTÓRIA AMBIENTAL E O USO DAS FONTES LITERÁRIAS

Rayane Dionisio da Silva (Escola Estadual Dr. Geraldo de Andrade Teixeira)

63. USO DE TEXTOS LITERÁRIOS EM MANUAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA APLICADOS NO ENSINO MÉDIO

Marcia Joselia Maia Moreira (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira (UECE)

64. PRÁTICAS DE ENSINO DE LITERATURA: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO LUGAR ATRIBUÍDO ÀS AULAS DE LITERATURA NA SOCIEDADE CAPITALISTA DE HOJE

Antônia da Silva Santos

65. A INICIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO A PARTIR DA NARRATIVA EM CONTOS

Carla Cristina do Nascimento Silva (UFRPE/UAST)
Orientadora: Profa Dra. Valquíria Maria de Cavalcante Moura (UFRPE/UAST)

66. REDESCOBRINDO A LITERATURA: ENTREMEIOS POÉTICOS EM SALA DE AULA

Emmanuelle Karla de Lima Silva

67. A IDENTIDADE DO NEGRO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Amanda Pinheiro Marinho (UFRN)
Elizabeth Nascimento de Lima (UFRN)
Karina Dantas Villar Ramalho (UFRN)
Iranildo Mota da Silva (UFRN)
Micarla Gabriela Ramos (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Andrey Pereira de Oliveira (UFRN)

68. POESIA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA COM O POEMA A BAILARINA DE CECÍLIA MEIRELES

Fabrícia de Farias Sousa (UFCG)
Geovanize de Farias Sousa Araújo (Pedagoga)
Patrícia de Farias Sousa (Bolsista REUNI/POSLE/UFCG)

69. LITERATURA E EXPERIÊNCIA: NOVAS REFLEXÕES ACERCA DO TEXTO LITERÁRIO NAS ESCOLAS

Samara Simone da Silva
Sheyla Maria Lima Oliveira

70. A CRÔNICA COMO ALTERNATIVA PARA O TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA

Ivanete da Silva Santos

71. DOS RITMOS, DOS DISCURSOS E DAS CANÇÕES: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DA MÚSICA POPULAR A PARTIR DA NOÇÃO DE LETRAMENTO LITERÁRIO

Karolina Pimentel de Almeida

72. A RELATIVA ESTABILIDADE DO GÊNERO DISCURSIVO: AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS QUE POVOAM O GÊNERO CORDEL

Gilvan de Oliveira (UFRN)
Valdison Ribeiro da Silva (UFRN)

73. LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: MUDANÇA OU REPETIÇÃO DE VELHAS PRÁTICAS?

Aline Conceição Carvalho Novais (IFBAIANO DE SENHOR DO BONFIM - BA)

74. TESSITURAS FEMININAS CONTEMPORÂNEAS: CAMINHANDO PELO ATROZ LABIRINTO DE LYA LUFT

Cícera de Souza Leite (UFRPE- UAST)
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

75. LITERATURA BRASILEIRA: MULHERES EM CENA

Cícera de Souza Leite (UFRPE- UAST)
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

76. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: TRILHA BARROCA NOS CAMINHOS DA SALA DE AULA

Alessandra Rodrigues de Sousa Silva - Graduada em Letras (UFRN)
Maria Aparecida Nogueira de Oliveira Lima - Graduada em Letras (UFRN)
Orientadora: Profa. Maria Eliane Souza da Silva (UFRN)

77. LENDO A CRÔNICA: CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO LITERÁRIO PARA A FORMAÇÃO LEITORES

Jordan Oliveira da Silva
Naiane Vieira dos Reis

78. UM DEBRUÇAR-SE NAS VARANDAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Jérssica Caroline Souza Santos
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

79. UM OLHAR PERQUIRIDOR NOS FIOS NARRATIVOS DE GUIMARÃES ROSA

Jérssica Caroline Souza Santos
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

80. O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Laudefânia Soares da Silva

81. O TEXTO LITERÁRIO COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS

Kátia Simone Diniz de Souza (UFRPE/UAST)
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

82. A POESIA REPENTISTA: ORALIDADE E LETRAMENTO NA ESCOLA

Alynne Ketllyn da Silva Morais (UFRN)
Orientador: Marcelo da Silva Amorim (UFRN)

83. ENSINO DE LITERATURA X CONCURSOS VESTIBULARES DA PARAÍBA

Jéssica Amanda de Souza Silva
Marina Macedo Santos Martins
Orientadora: Denise Lino de Araújo

ÁREA TEMÁTICA 14: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

84. LÍNGUA INGLESA NOS VESTIBULARES DA PARAÍBA: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DA FORMULAÇÃO DAS PROVAS MEDIANTE AS CONCEPÇÕES LISTADAS PELAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ESTADO

Djamara Virgínia Ferreira da Rocha Silva (UFCG)
Jessica Torquato Carneiro (UFCG)
Victoria Maria Santiago de Oliveira (UFCG)

85. A MÚSICA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Carmem Pradella de Medeiros

86. PONTUAÇÕES ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA "INGLÊS" PARA ALUNOS SURDOS EM SALA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Alana Guedes Barbosa Ramos
Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Souza Bezerra

87. PROJETO BEM-TE-VI - CURSO LIVRE DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA: UM FOCO NO VESTIBULAR

Joselania de Souza Silva
Nelson de Souza Palitot

88. A IMPORTÂNCIA DAS ABORDAGENS NO ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: A ABORDAGEM COMUNICATIVA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA

Agápito Pereira Tôrres Neto (UERN)

89. INGLÊS INSTRUMENTAL E AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA COMPREENSÃO DE TEXTOS: O PONTO DE VISTA DOS DISCENTES

Ana Klarissa Barbosa Gonçalves
Edmar Peixoto de Lima
Isabelly Furtado Da Silva

90. PRÁTICA PEDAGÓGICA: ATIVIDADES PARA A SALA DE LÍNGUA INGLESA

Lidiane Cristina de Souza (CERES/UFRN)
José Camilo dos Santos Júnior (CERES/UFRN)
Jennifer Sarah Cooper (UFRN)

91. A INTERDISCIPLINARIDADE E A FORMAÇÃO DOS DOCENTES DE LÍNGUA INGLESA

Carlos Vinícius Prates Fernandes (UNEB)
Gilvan Santos Leal (UNEB)
Orientador: Prof. Esp. Ginaldo Cardoso de Araújo

92. INFLUÊNCIAS NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LI NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Carlos Vinícius Prates Fernandes (UNEB)
Gilvan Santos Leal (UNEB)
Orientador: Prof. Esp. Esp. Ginaldo Cardoso de Araújo

93. O TEXTO NAS AULAS DE INGLÊS INSTRUMENTAL: O USO DAS ESTRATEGIAS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

Ana Caroline Bat
Bruno Sampaio Pereira
Diego Gomes Pereira (Faculdade Dr. Leão Sampaio)
Orientador Edmar Peixoto de Lima

94. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE NATAL-RN: UM ESTUDO DE CASO

Ewerton Mendonça de Oliveira
Wadson Augusto Corrêa
Orientadora: Profa. Dra. Lucinéia Contiero (DEPED/UFRN)

95. ENSINAR EM LÍNGUA INGLESA NA PERSPECTIVA VYGOTSKYANA

Géssica Fabiely Fonseca

ÁREA TEMÁTICA 15: LEITURA, ESCRITA E ENSINO

96. UMA DISCUSSÃO SOBRE AS ABORDAGENS DOS GÊNEROS TEXTUAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jéssica Amanda de Souza Silva (PET-LETRAS/UFCG)
Danielly Dayane Soares de Macêdo (PROBEX/UFCG)
Orientadora: Maria do Socorro Paz e Albuquerque

97. ENSINO DE LÍNGUA INGLESA VISTO ATRAVÉS DA LINGUÍSTICA APLICADA E DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Jordan Oliveira da Silva (UFT)
Naiane Vieira dos Reis

98. O TRABALHO COM PRODUÇÃO DE TEXTOS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral (UFRPE-UAG)
Cynthia Almeida (UFRPE-UAG)

99. ESPECIFICIDADES DAS ATIVIDADES DE LEITURA E DE ESCRITA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: GÊNEROS, TIPOS E ELABORAÇÃO DIDÁTICA

Civonício Vaniele Sales (UFRN)
Gislene Alves da Silva Costa (UFRN)
Lydiane Medeiros da Costa (UFRN)

100. O PIBID E AS PRÁTICAS DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Elizabeth Olegário Bezerra da Silva (UFRN)
Jefferson Eduardo da Paz Barbosa (UFRN)
Maria Rita Barros (UFRN)
Samira Gomes de Aguiar (UFRN)
Orientadora Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

101. LEITURA NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICIPIO DE ARAPIRACA ISABELLA DE SENA ROCHA

Isabella de Sena Rocha (UNEAL)
Marcelino da Rocha Souza (UNEAL)
Orientador Fernando Augusto de Lima Oliveira (UNEAL)

102. HIPERTEXTO COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ÂMBITO ESCOLAR

Edilaine Trajano de Almeida (UPE)
Orientador Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (UPE)

103. A CONCEPÇÃO DE ESCRITA NO PIBID: A DESMITIFICAÇÃO DA PRÁTICA EM SALA DE AULA

Daniel Bruno Miranda da Silva (UFRN)
Bruna Rafaelle de Jesus Lopes (UFRN)
Ci¬ntia Daniele Oliveira do Nascimento (UFRN)
Jone Jean de Sousa Correia (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

104. ESTUDANDO A LÍNGUA E RECONSTRUINDO A IDENTIDADE CULTURAL

Anderson de Souza Frasão (Universidade de Pernambuco)

105. EU REESCREVO, TU REESCREVES, ELE REESCREVE: A REESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Monique Cezar Merencio Galdino (UFPB)
Orientadora: Profa. Regina Celi Mendes (UFPB)

106. O LUGAR DA LEITURA DO TEXTO VISUAL NOS CRITÉRIOS OFICIAIS DE AVALIAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA (PNLD)

Aline Regina Alves de Moura (UFRN)
Tatyana Mabel Nobre Barbosa (UFRN)

107. ANALISANDO O OA DOM CASMURRO?: NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE OBJETOS DE APRENDIZAGEM.

Mayra Winnie de Sousa Lima (UECE)
Tainah Pereira Falcão (UECE)
Profª Drª Nukácia Meyre Silva Araújo (UECE)

108. LER E TECER: PROVOCAR SENTIDOS PARA OBTER RESULTADOS

Nadja Araújo Maciel (UNEAL)
Nibbya Karlla Pereira de Albuquerque (UNEAL)

109. UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS DO OBJETO DE APRENDIZAGEM "DRUMMOND E O JOGO DA PEDRA"

Cássia Joene Sobreira de Oliveira (UECE)
Suellen Fernandes dos Santos (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Nukácia Meyre Silva Araújo (UECE)

110. A PRODUÇÃO TEXTUAL NAS DIFERENTES ÁREAS: QUAIS ORIENTAÇÕES OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS APONTAM?

Luanna Priscila da Silva Gomes (UFRN)
Tatyana Mabel Nobre Barbosa (UFRN)

111. ENSINO DO TEXTO ESCRITO NA ESCOLA: ORIENTAÇÕES DOS LIVROS DIDÁTICOS PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO-ESCRITOR

Lucila Carvalho Leite (Mestranda PPGED – UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa. (PPGED – UFRN)

112. A LEITURA EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: DIÁLOGO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Rodrigo Luiz Silva Pessoa (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

113. PROJETO DE MONITORIA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

Michel Lima Fontoura (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

114. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO PNLD PARA A LEITURA E ESCRITA EM LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA

Renata Lucena Alves de Souto Lopes (UFRN)
Orientadoras: Tatyana Mabel e Claudianny Amorim Noronha

115. YAATHÊ: ENSINO BILÍNGUE COM SUA ESCRITA PADRÃO

Yracoama Cruz da Silva (UPE)
Francisca Núbia Bezerra e Silva

116. GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR: LEITURA E ESCRITA DE TEXTOS ARGUMENTATIVO. O QUE REVELA A PRODUÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO??

Josineide Maria dos Santos

117. DIÁRIOS (HOJE) DE LEITURA E (AMANHÃ) DE ESCRITA CONSTRUINDO O ETHOS DOS ALUNOS INGRESSANTES NO CURSO DE LETRAS

Anderson Menezes da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

118. O PROFESSOR PESQUISADOR NA VISÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA/UFRN

Maria Cilene de Menezes Silva (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)

119. O PIBID E A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Jéssica Jerlane Ferreira da Silva (UFRN)
Kívia Natália Ramos Passos (UFRN)
Thaís Karine Moura de Souto (UFRN)
Valquíria Samara P. F. V. Saldanha (UFRN)
Vanessa Cristina Maia dos Anjos (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves

120. A ABORDAGEM GRAMATICAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UM ESTUDO NO 9º ANO DA UNIDADE MUNICIPAL DE ENSINO JOSÉ DOS SANTOS NUNES (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS)

Cintia de França Silva (UNEAL)
Sérgio Ferreira Lima (UNEAL)
Orientador Fernando Augusto de Lima Oliveira

121. ALGUÉM/NINGUÉM - CADA/VÁRIOS: INDEFINIDOS OPERADORES DE DETRMINAÇÃO

Joana Darc Rodrigues da Costa

122. A PRODUÇÃO TEXTUAL NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jaciara Ferreira da Silva (FAESC)
Maria Rosilda Araújo Silva dos Santos (FAESC)
Ramon Gomes da Silva (FAESC)

123. A ANÁLISE LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONCEPÇÕES, CAMINHOS E ELABORAÇÃO DIDÁTICA

Maria do Livramento Silva Assunção
Maria Luciana de Araújo

124. A LOCUÇÃO ADJETIVA NO ENSINO DE PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM

Iury Mazzili Gomes Dantas
José Romerito Silva

125. ESTRATÉGIAS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS ALFABETIZADOS NA LIBRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Claudianny Amorim Noronha
Maria José Silva Lobato
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel (UFRN)

126. GÊNEROS TEXTUAIS E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

José Robson da Silva (UFRPE)
Orientador: Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (UFRPE)

127. A ORALIDADE EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE ABORDAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS

Ester Suassuna Simões

128. A ORALIDADE EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE ABORDAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS

Paula Antunes Sales de Melo

129. A ORALIDADE EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE ABORDAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS

Emanuele de Souza Pacheco

130. NOVOS RECURSOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

Adriana Roque Lima (UFRPE)
Orientador: Inaldo Firmino Soares (UFRPE)

131. UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE ARAPIRACA – ALAGOAS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS)

Alessandra dos Prazeres da Silva Reis
Darlla Vicente da Silva (UNEAL)
Orientador Fernando Augusto de Lima Oliveira

ÁREA TEMÁTICA 17: CULTURAS POPULARES E ENSINO

132. CANTORIA DE VIOLA FEMININA: IMPROVISO DE REPENTE NA SALA DE AULA

Andréia Maria da Silva Lopes (Bolsista CAPES/POSLE/UFCG)
Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros (Bolsista CAPES/PIBID/UFRN)

133. ALIENAÇÃO E SUBMISSÃO DA CULTURA POPULAR DENTRO DO CÂNONE LITERÁRIO

Elba Ramalho da Silva (UEPB)
Orientadora: Andréa de Morais Costa Buhler (UEPB)

134. CIRANDA, CIRANDINHA VAMOS TODOS CIRANDAR: A BUSCA PELO RESGATE DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Maria Souto Luz da Silva (UFRPE-UAG)
Maria Jaqueline Paes de Carvalho (UFRPE-UAG)

ÁREA TEMÁTICA 18: FUNCIONALISMO E ENSINO

135. ITENS CONJUNTIVOS NA ESCRITA PERNAMBUCANA DOS SÉCULOS XVIII E XIX: UM ESTUDO FUNCIONALISTA

Cleber Alves de Ataide (UFRPE/SERRA TALHADA)
Daniele Cardoso (UFRPE/SERRA TALHADA)
Ivanilson José da Silva (UFRPE/SERRA TALHADA)

136. LINGUAGEM E MEMÓRIA: INTERFACES DO ACESSO LEXICAL

Aniela Improta França (ACESIN/UFRJ)
Joyse Ashley Vitorino de Medeiros (ICe/UFRN)
Sidarta Ribeiro (ICe/UFRN)

137. ANÁLISE DE VERBETES DE VOCÁBULOS QUE REPRESENTAM CORES

Thaísa Maria Rocha Santos

138. MANOEL DE BARROS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Diego Bezerra de Oliveira
Raíssa Vale Miranda Cavalcante

Resumos das Mesas-Redondas

MESA-REDONDA 1. ENSINO DE FONÉTICA E FONOLOGIA

FONÉTICA E FONOLOGIA: QUE TÓPICOS ENSINAR NA GRADUAÇÃO E NA PÓS-GRADUAÇÃO?

Maria Bernadete Marques Abaurre (IEL/Unicamp/CNPq)

Nesta comunicação abordo o ensino de Fonética e Fonologia na graduação e na pós-graduação com o objetivo de refletir sobre as diferenças de abordagem e seleção de tópicos que devem pautar o trabalho com a disciplina nos cursos de Letras e nos programas de mestrado e doutorado em Linguística. Além de discutir a questão da necessária motivação para o estudo do componente fônico das línguas naturais, detenho-me na apresentação das justificativas para o ensino da disciplina enfatizando, no caso dos cursos de graduação em Letras, não só a necessidade de escolher tópicos significativos para a formação dos alunos nesse nível, mas também a relevância desse conhecimento para o acompanhamento da aquisição da modalidade escrita da língua. No caso dos cursos de pós-graduação, em que a ênfase está colocada na pesquisa, discuto a necessidade de definir criteriosamente os tópicos das disciplinas introdutórias na área que devem, em princípio, ser cursadas por todos os alunos dos programas de pós, e os tópicos das disciplinas avançadas, voltadas para os alunos que buscam uma especialização na área. Uma questão que merece particular atenção diz respeito à necessidade ou não de retomar, com os alunos, o percurso histórico da disciplina desde os seus primórdios até o momento atual, em que vivemos, na Fonologia Gerativa, um salutar embate teórico entre defensores de modelos fonológicos derivacionais e os que argumentam a favor de modelos representacionais, como a Teoria da Otimalidade. Em outras palavras: devemos simplesmente ensinar os alunos a operarem com um determinado modelo de análise fonológica, ou devemos prepará-los para escolherem o modelo que julgammais adequado para a modelagem dos fenômenos que lhes interessa investigar?

DESAFIOS E PERSPECTIVAS NOENSINO DE FONÉTICA E FONOLOGIA

Thaís Cristófaro Silva (UFMG/FAPEMIG/CNPq)

Este trabalho discute desafios e perspectivas impostos ao ensino de Fonética e Fonologia com ênfase nos estudos relacionados ao Português Brasileiro. Aborda-se a relação entre ensino on-line e presencial, avaliando, sobretudo, a criação, gerenciamento constante e a participação dos usuários do site www.fonologia.org. Argumenta-se que a socialização do conhecimento em mídias como a internet contribui para disseminar amplamente o conhecimento das áreas de Fonética e Fonologia. Por outro lado, enfoques teóricos específicos demandam participação em Grupos de Pesquisa e interação entre pares interessados nestas áreas do conhecimento. Com estes fatos em tela serão avaliados desafios e perspectivas no contexto de ensino presencial e à distância com enfoque específico em Fonética e Fonologia.

O PAPEL DA PESQUISA NO ENSINO DE FONÉTICA E FONOLOGIA DE L2

Rubens Marques de Lucena (UFPB/PROLING)

Um dos grandes desafios no ensino de Fonética e Fonologia de L2, nos últimos anos,tem sido articular uma ponte entre o conhecimento oriundo da pesquisa e a prática do professor de línguas estrangeiras. Sem essa ponte, a pesquisa se torna ineficaz e estéril e o ensino deixa de ser desafiador. O propósito desta comunicação é trazer essa problemática à tona, partindo de dois pontos, levantados pela pesquisa em Fonética e Fonologia, que dialogam com a prática do professor: um que procura explicitar o papel da identidade do falante na aquisição do sistema fonológico da L2 e o outro que evidencia a necessidade de se compreender a variação linguística da L1 nessa aquisição. Nesse sentido, iniciaremos essa discussão a partir da problemática da identidade do falante, do conceito de inteligibilidade da interlíngua e dos estudos da Teoria da Acomodação da Comunicação (GILES et al., 1987). Num segundo momento, teceremos considerações a respeito de estudos que levam em conta a questão da variação linguística da L1 na aquisição de L2. Esses estudos partem do pressuposto de que a pesquisa em L2 passa, necessariamente, pela verificação e análise teórica do sistema da L1 dos aprendizes. O foco principal é questionar se a produção variável, em língua materna, exerce efeitos na aquisição de formas da língua-alvo. Para isso, discutiremos um fenômeno específico: o afrouxamento da condição de coda (BISOL, 1999) da língua materna e suas consequências na aquisição do inglês como língua estrangeira. A partir dos pontos teóricos de pesquisa apontados acima, procuraremos promover uma discussão no sentido de que o exercício da pesquisa deve espelhar os problemas evidenciados em sala de aula e vice-versa, num movimento contínuo de retro-alimentação.

LITERATURA E ENSINO: O ESPAÇO DO LEITOR E DA LEITURA

Germana Maria Araújo Sales (UFPA)

Este trabalho objetiva apresentar uma reflexão acerca do ensino de Literatura e da formação do leitor, a partir das seguintes ponderações: Quais as ações possíveis para que o literário faça parte da vida do leitor iniciante? Qual a postura do professor como leitor em sala de aula? A avaliação desses pontos dialoga com uma corrente de estudos que se debruçam sobre o literário e a inserção deste conceito entre os alunos de ensino médio, entre os alunos dos cursos de Letras e entre os leitores comuns e interfere, diretamente, no processo de formação de leitores e de professores leitores. Para tanto, busca-se cogitar estratégias que viabilizem a concretização do ensino de literatura como espaço de iniciação à leitura, no qual interagem dois agentes fundamentais: o professor e o aluno.

A ABORDAGEM DO POEMA NO ENSINO MÉDIO: ALGUMAS ALTERNATIVAS

José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

O trabalho com o poema na escola vem tendo, nos últimos anos, um tratamento teórico e metodológico significativo, sobretudo na primeira fase do ensino fundamental, embora nem sempre isto se reflita nos livros didáticos. Por outro lado, no nível médio, momento teoricamente de consolidação da formação do leitor, a abordagem sobre o poema é bastante precária quer no número de poemas a que o jovem leitor tem acesso através de livros didáticos, quer através da abordagem dos referidos poemas.Tendo em vista esta precariedade , discutiremos uma proposta de ensino da poesia para o nível médio, ancorada em documentos parametrizadores e em pesquisas que vêm sendo realizadas sobre a abordagem do poema na escola.

A LEITURA LITERÁRIA NOS BASTIDORES DA LINGUAGEM DIGITAL

Vera Teixeira de Aguiar (PUCRS)

A leitura da literatura envolve uma série de percalços que se devem à má distribuição do capital cultural nas sociedades contemporâneas, que impedem os menos favorecidos de usufruírem das vantagens sociais do mundo letrado. Em certo sentido, o computador pode contribuir para a atenuação do problema, pois, cada vez mais, seu uso dissemina-se entre todas as classes. Considerando essa realidade, propomo-nos a utilizá-lo como mediador entre os leitores e os livros, isto é, como instrumento lúdico para as crianças e/ou ferramenta à disposição dos professores. Através das atividades que criamos, a partir sempre da literatura infantil, incentivamos os aspectos lúdicos e imaginativos, tão caros à infância. Igualmente, o computador funciona como uma base de conhecimentos ao dispor do professor, que pode fazer suas escolhas de modo a construir aulas inovadoras, desafiado que é a acionar sua criatividade . E, o que é mais importante, esse material, disponível na internet, está ao alcance de todos, como modelo democrático de difusão da leitura literária.

MESA-REDONDA 3. POÉTICAS ORAIS DAS CULTURAS POPULARES NA SALA DE AULA

CURRÍCULO, CULTURA E LETRAMENTO: AS POÉTICAS DAS CULTURAS POPULARES NA SALA DE AULA

Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN/CE-DPEC/PPgEL)

As tradições orais no âmbito das culturas populares se constituem por textos discursivos dos quais a escrita surge como arquivamento estratégico. Esse patrimônio imaterial pode contribuir na perspectiva pedagógica do letramento. Este trabalho não se fundamenta numa concepção de letramento como sendo o *impacto* ou as *conseqüências* da escrita sobre a sociedade, mas, para além de tudo isso, o *estado* ou *condição* de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa com os *eventos* relacionados ao uso e função da voz. Estender o conceito de letramento para além da leitura e escrita é o ponto principal deste trabalho, pois além de saber ler e escrever, e ter estas práticas como presença cotidiana, é preciso que os sujeitos sociais, enquanto educandos, possam ter o conhecimento dos valores intrínsecos da cultura que estão inseridos. Para discorrer sobre esse tema considero importante mostrar que a cultura exerce um papel significativo sobre o sujeito social. Em outras palavras, o que aqui se pretende é perseguir uma mais ampla compreensão de letramento, buscando um novo sentido para essa palavra e fenômeno, introduzido-o no contexto da cultura popular.

CORDEL NA HIPERMIDIA: CONEXÕES COM A SALA DE AULA

Beliza Áurea de Arruda Mello (UFPB/ DLCV/ PROLING)

No curso da história percebe-se um interesse crescente em diversos segmentos sobre o estudo das culturas populares. Mas, alguns preconceitos são constatados no ambiente da universidade, na qual ainda é comum a separação das poéticas orais, por exemplo, os folhetos de cordel, do conceito de "literário", permanecendo essestextos classificados sob olhares etnocêntricos e marcadamente restritos à literatura não-canônica. Como conseqüência, na Escola onde há a formação básica há oacantonamentoe o desprezo da cultura popular, sendo esta lembrada nas "tristes" comemorações da Semana do Folclore. Em tal conjuntura, um dos mais graves problemas que assola as Instituições de Ensino é a dificuldade de

se desenvolver dimensões conceituais e metodológicas que considerem a inter-relação das culturas tradicionaiscom a cultura do letramento e da inserção digital. Lamentavelmente, ainda é comum a visão equivocada sobre a inserção das narrativas orais nos programas de ensino, argumenta-se que esta reforçaria fatores "negativos e prejudiciais" à formação da criança, do adolescente e do adulto porque a oralidade aproxima-se da informalidade e se "distancia " do padrão culto da língua quase sempre subordinado à cultura letrada da classe dominante, e na mesma perspectiva apontam-se conceitos e adjetivos pejorativos ao mundo do ciberespaço. É nesse sentido que pretendemos discutir a presença das culturas e literaturas populares na sala de aula, como folhetos de cordel, histórias orais, textos e hipertextos diversos que compõem performances integrantes da memória coletiva. Para apoiar teoricamente essa discussão, buscam-se as propostas para os estudos das poéticas orais das culturas populares de Paul Zumthor (1993, 2000),Fonseca dos Santos (2007),Pires Ferreira (1999), Levy (1993 1998, 1999,2000), Ianni (1992,2003), Santaella (2007,2007b), particularmente, sobre as novas concepções de texto e escola Isabel Solé (1998) e Morin (2004) e Marcuschi (2004) sobre o processo de retextualização e as novas formas da construção da escritura.

LÍNGUA SOLTA/ TRAVA-LÍNGUA – CULTURA POPULAR EM ATIVIDADES DE LEITURA
Maria Claurênia Abreu Silveira (UFPB/CE/PROLING)

Neste trabalho discute-se a presença das parlendas, especificamente dos trava-línguas, divulgados não só através de alguns suportes textuais, mas também na oralidade, em performances que integram outros textos orais e os fazem presentes na memória coletiva. Observam-se também possibilidades de utilização desse gênero textual em propostas pedagógicas de incentivo à leitura. Para apoiar teoricamente essa discussão, buscam-se as propostas de Isabel Solé, 1998 e Paul Zumthor (2000).

MESA-REDONDA 4. ENSINO EM ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

LINGUAGEM E GLOBALIZAÇÃO: LEITURA CRÍTICA DO GLOBAL E DO GLOCAL NA ESCOLA
Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

Atualmente, a escola tem se voltado para o ensino da produção e interpretação de texto sem adentrar às idiossincrasias da construção do discurso e das possíveis relações de poder imbricadas na linguagem, que a tornam uma ferramenta de exercício de cidadania e compreensão das relações socioculturais. Por isso, esta apresentação traz à tona as relações dos textos com o universo discursivo do aluno e da sociedade. Para tanto, valemo-nos dos preceitos da Análise Crítica do Discurso, especialmente as postulações de Fairclough (2001, 2003, 2006) Chouliaraki&Fairclough (1999) e van DIJK (2008), para esclarecer as relações entre linguagem e sociedade, especialmente quanto à utilização da notícia como uma ferramenta de propagação de poder e de influenciação; para estudar os testemunhos de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus veiculados na seção *Superação* do Jornal *Folha Universal*, e identificar os valores e ideologias de "mercado" que passaram a permear o discurso da religião; e para investigar os discursos orientadores das avaliações institucionais e as propostas de mudanças no ensino de Língua Portuguesa, como telas da relação global-local, a partir dos desenhos curriculares e políticas linguísticas. Nos *corpora* eleitos, são analisados os aspectos da globalização e do globalismo na constituição das práticas sociais glocais e globais; os valores e ideologias de "mercado" que passaram a permear o discurso da religião, com base especialmente nos conceitos de comodificação, tecnologização e democratização apreensíveis das construções discursivas; e as inovações teórico-didáticas que apontam o caráter dialético das relações entre os discursos escolares revelando, uma política globalista de uma nova ordem discursiva como momento do processo social. Os resultados alcançados apontam para a necessidade de se observar as práticas de ensino e que o papel da escola necessita de considerar os aspectos da globalização como influenciadores do comportamento social e da constituição dos sujeitos e, por isso, o tratamento do ensino deve contribuir para o aprendizado "globalizado" do aluno, ou seja, deve propor discussões em que a leitura e a escrita tornem-se uma ferramenta do conhecimento a serviço do bem estar comum, dando-lhe ferramentas para o exercício de seu poder de cidadão.

A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO NA SALA DE AULA DE GRADUAÇÃO
Anna Elizabeth Balocco (UERJ)

Nesta apresentação, argumenta-se pelo uso da ACD no ensino de graduação, mais especificamente na sala de aula de língua estrangeira. Num primeiro momento, serão destacados os princípios e conceitos básicos da ACD considerados pertinentes para a sala de aula de graduação de língua estrangeira. Em seguida, será apresentado um enfoque discursivo à análise de uma notícia recente, com foco no fenômeno do discurso relatado, e será discutido como a análise discursiva baseada nos preceitos da ACD permite uma leitura crítica daquele texto e contribui para a formação reflexiva do professor de línguas.

ATIVIDADES DE LEITURA CRÍTICA & ACD – UMA COMBINAÇÃO IDEAL
Gisele de Carvalho (UERJ)

Atividades de leitura crítica, seja para as aulas de leitura em língua estrangeira ou materna, devem procurar promover a capacidade de análise e avaliação do discurso materializado no texto, para que o leitor possa se posicionar e negociar significados

com este. Para tal, parece-me necessário que o professor desenvolva não apenas seu conhecimento linguístico-discursivo, mas que também se aproprie de conceitos advindos da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) a fim de elaborar atividades que deem conta do desenvolvimento da consciência crítica do leitor acerca de determinadas relações de poder mobilizadas nos/pelos discursos. Tomando como ponto de partida duas noções básicas da ACD — o de poder constitutivo do discurso e o de naturalização de realidades criadas por meio dele— essa apresentação pretende demonstrar que essas questões podem ser abordadas na sala de aula de leitura por meio de "traduções didáticas" de conceitos explorados pela ACD, um modelo teórico-metodológico que se propõe a investigar as relações entre o linguístico e o social (Fairclough, 2003).

ADC E ENSINO: O TRABALHO COM LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL
Décio Bessa da Costa (UNEB/Campus X)

Por mais que pensemos diretamente em Letras/Linguística quando tratamos de Leitura e Produção Textual, sabemos que os demais cursos de graduação também têm essa disciplina/componente curricular. Observando em outro viés, percebemos que o que se faz constantemente e obrigatoriamente em cursos de graduação e pós-graduação são leituras e produções textuais. Muito mais do que utilizar a tecnologia da codificação (escrita) e decodificação (leitura), é necessário desenvolver amplamente a compreensão diante dos textos que nos são apresentados – isso vai além de simplesmente entender o que o/a autor/a pretenderia comunicar. A Análise de Discurso Crítica (ADC), como um paradigma de estudos linguísticos, trata inevitavelmente: de análises textuais (dados semióticos) que se orientam por um problema social (implicando interdisciplinaridade); de desmistificar ideologia e poder; de considerar um comprometimento de quem pesquisa (Wodak e Meyer, 2009). A abordagem dialéticorrelacional (Fairclough, trad.2001, 2003, 2009; Chouliaraki e Fairclough, 1999) compromete-se ainda com a identificação e a busca por mudanças sociais. Essa perspectiva linguística, discursiva e social interfere diretamente na leitura e também na produção de textos. Nesta apresentação, o objetivo será desenvolver brevemente esta discussão apresentando também amostras de pesquisas que apontam exemplos da utilização de categorias de análise linguística que contribuem para a formação crítica e reflexiva: gênero discursivo; intertextualidade; interdiscursividade; escolha lexical; representação de agentes sociais; bem como resultados de investigação da presença da ideologia (com base em Thompson, 1995) em textos. Neste caminho, perpassam relações de poder, silenciamentos, construções/representações do mundo (discursos), o olhar para o outrem (o que implica ações e permissão de ações), a transformação social.

MESA-REDONDA 5 - ENSINO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA NA GRADUAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO "PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO" (PHPB)

MUDANÇA GRAMATICAL NO SISTEMA CONJUNCIONAL: CONSIDERAÇÕES PARA O ENSINO
Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi (UNESP/CNPq)

O objeto da Linguística Histórica está, por excelência, na problematização da mudança linguística, com foco, entre outros temas, nas diferentes posições teórico-metodológicas, nas formas de percepção, na investigação das condições e descrição das trajetórias de mudança e na busca de um refinamento metodológico para seleção dos *corpora*. Dos vários temas, esta comunicação elege instâncias de mudança gramatical, particularmente no domínio dos juntores do português, como lugar de reflexão não propriamente acerca da óbvia contribuição dos conhecimentos em linguística histórica para a formação do aluno de Letras, mas das consequências para sua futura prática docente. À luz desse propósito, as discussões no âmbito da remodelação no sistema conjuncional deverão privilegiar três vias: (i) o desafio às categorizações discretas; (ii) as evidências do descompasso entre uso e norma; e (iii) as implicações para os "modos de dizer" social e historicamente convencionalizados.

HISTÓRIA SOCIAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÕES DO "PROJETO PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO" PARA O ENSINO DE GRADUAÇÃO
Tânia Lobo (UFBA)

Nos anos de 1990, destacam-se duas iniciativas do governo brasileiro, no que respeita ao estabelecimento de políticas de ensino para o país: a) Em 1995, instituiu-se o *Programa Nacional do Livro Didático* (doravante, PNLD), com o objetivo não só de assegurar a distribuição gratuita de livros nas escolas da rede pública, mas também de promover a sua qualidade, tendo-se implementado, já a partir de 1996, mecanismos públicos para a sua avaliação; b) Em 1998, vieram à luz os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (doravante, PCN), apresentados, em texto introdutório dirigido ao professor e assinado pelo então Ministro de Educação e do Desporto, Paulo Renato Souza, como um referencial ou "instrumento útil no apoio às discussões pedagógicas [na] escola, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e na análise do material didático". Foi também na década de 1990, no ano de 1997, que teve início o Projeto Nacional *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), que, congregando pesquisadores de diversas universidades públicas do país, tem promovido uma renovação nos estudos sobre a história linguística do Brasil, e, em particular, sobre a constituição histórica do português brasileiro. Nesta comunicação, partindo do pressuposto de que a mudança linguística é um aspecto central da linguagem humana, objetiva-se refletir sobre o papel da Linguística Histórica na formação dos professores de língua portuguesa, analisando o tratamento dado à história linguística do Brasil e à historicidade do português brasileiro pelos PCN e também evidenciando, a partir dos avanços da pesquisa promovidos no âmbito do PHPB, aspectos da história social do português brasileiro que merecem destaque nas grades curriculares dos cursos de Letras do país.

O PROFESSOR DE LITERATURA

Gustavo Bernardo (UERJ)

O texto "O professor de literatura" procura apresentar uma concepção pessoal do ensino de literatura, condensando a discussão das principais questões que o afetam: a singularidade da disciplina entre as demais disciplinas escolares; a crítica do realismo como valor dominante; a importância do exemplo; os efeitos da desvalorização salarial e moral do professor; a praga das adaptações literárias para jovens. A partir dessas questões, apresenta cinco modos de leitura e ensino do texto literário, a saber: ler como resposta; ler como pergunta; a leitura ingênua; a leitura crítica; a leitura teórica. O texto procura concluir pela necessidade de proteção radical à dúvida, fundadora da literatura e do próprio pensamento.

POR QUE (NÃO) PRECISAMOS LER LITERATURA?

Carmen Sevilla Gonçalves dos Santos (UFPB)

No seu texto sobre autoridade na escola, Yves de La Taille escreve que não é raro um aluno perguntar na sala de aula: "Para que serve o que o senhor ou a senhora está procurando me ensinar?" O sentido dessa pergunta costuma ser pragmático, explica o autor, mas quando o aluno pergunta: "Para que serve ler Machado de Assis? [...] Penso que devemos responder francamente," continua La Taille: "Para as exigências concretas do dia-a–dia, nada! Em compensação, para podermos fugir desse cotidiano, cujo peso acaba por asfixiar a todos, é ótimo ler uma boa literatura [...]" (LA TAILLE, 1999, p. 25). O pensamento do estudioso da psicologia cognitiva problematiza algo que já conhecemos: como ensinar ou justificar o ensino da literatura, cujo interesse nela deveria ser intrínseco, todavia, não o é? É importante neste momento sermos movimentados pelos novos ventosque têm dirigido e motivado uma antropologialiterária-quebuscaresponderindagações, algumas delas formuladas já na Teoria do Efeito Estético. Como work in progress, a Antropologia Literária tem aindamuitoquerefletirantessobreasperguntasquejulga pertinentes a uma teorialiterária do queacerca de determinadas respostasque acredita ter encontrado. O fato é que quer seja através de uma teoria do efeitoestético, quer seja através de uma antropologialiterária, a contribuição de Wolfgang Iser à teoria da literatura é inegável e faz de seu mentor um homem admirado até por seus antagonistas. Associá-lo a umteórico do quilate de Vygotsky, psicólogo da educação, com o intuito de inserir o leitor (real) emsuasformulações, parece-nos uma ideia pordemaisinstiganteparaimplementação de estratégias mobilizadoras de leitores de literatura. A leitura de literatura, porsisó, a despeito de qualquer pedagogização que se lhe imponha, da forma denunciada por Larrosa (2006), permite o alargamento e o autodesdobramento do serhumano como, aliás, corroborado pelaantropologialiterária. Assim, parece-nos bastanteprofícua a nossa imersão nestes tópicos: como a leitura de literatura usando o saberprévio de seusleitores pode extrapolá-lo emprol de simesmos? Bastaria ativar o saberprévio e favorecer a interação texto-leitor? Talveznãoprecisemos de métodos ou técnicas, pois elas podem estar carregadas de autoritarismo para "ensinar o gostopela literatura", ao passo que ela falaporsi, contantoque tenhamos a ousadia e o desprendimento de permitir ao leitor vivenciar sualiberdadecom o texto. A solidão da leitura, como a vê Larrosa (2006), pode quiçá ser mais produtiva que nossos autoritários monólogos acerca do que é precisoler e como se deve ler. Se considerarmos a atividade do leitor comum, da forma demonstrada por Pressler (1999, p. 36), o professor não precisaria funcionar como uma "muleta", mas sim como "um moderador e guia no aprofundamento teórico e histórico dessa percepção, reconhecendo que o ato de ler é uma atividade emancipativa no sentido de Paulo Freire." O papel de moderador é consonante ao modo como Vygotsky vê a função docente.

No que se refere ao âmbito da leitura de literaturaporcrianças, poderíamos propor a seguintelinha investigativa: existe diferençaentre a construção de sentido/significação porcrianças que leem diretamenteumtexto e esta mesmaconstrução-emcrianças queouvem a históriaserlidaporumadulto? E ainda, existe diferençaentre a construção de sentido/significação entre crianças que ouvem o adulto lendo a história e aquelas crianças que ouvem o adulto contando a história? Se existem diferenças, a que poderiam ser atribuídas? A forma da leitura (entonação, ritmo, ênfase) dadaporumadultonãoseria, de certomodo, um preenchimento de vazios? A posturacorporal e expressão facial tambémnão revelariam certos preenchimentos de vaziospeloadulto, influenciando, assim, a criançaque ouve? Quais as características da interação texto-leitor que a difere de modomaisperspícuo da interaçãotexto e ouvinte mediada por outro leitor?

São muitas as portas abertas paranovas configurações na arte de seduzir com e para literatura, afinal, não é apenas a existência de lugares vazios no texto que incita o leitor a um preenchimento: o modo como os vazios são apresentados informa ao leitorsobresuaação cognitiva. Os vazios podem ajudarouemperrar a efetivação da experiênciaestética, se não estiverem emconsonânciacom a ZDP de seus leitores.

EDUCAÇÃO E POESIA: O APRENDIZADO DO ESTÉTICO

Marly Amarilha (Educação- UFRN)

Discute e argumenta sobre o aprendizado da estética pela leitura de poesia. Reconhece o papel seminal da linguagem verbal que se apresenta em seu uso poético para educar o olhar, a inteligência e a sensibilidade. Explora aspectos da composição poética: melopeia, fanopeia e logopeia como camadas que se interrelacionam e provocam no leitor participação interativa e produtora de sentidos. Justifica a presença da literatura e, em particular, da poesia, na educação, como territórios de aprendizado do estético na linguagem e como aprendizado de discurso de transcendência da própria vida.

MESA-REDONDA 7. FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E DIMENSÕES DA ALTERIDADE

LINGUAGEM: A APREENSÃO DE OUTRAS CONCEPÇÕES E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO
Maria Irandé Costa Morais Antunes (UFC)

Os resultados evidenciados por diferentes meios da avaliação oficial de ensino têm deixado a descoberto uma carência profunda no que diz respeito à formação dos profissionais que lidam com o ensino da linguagem e, mais especificamente, com o ensino da língua portuguesa. As concepções que sustentaram a prática pedagógica do ensino de língua, no começo ou em meados do século passado, decorriam de uma visão imanentista de linguagem, abstraída de suas condições e de suas funções de uso, solta, portanto, das determinações discursivas e pragmáticas que - como aquelas de natureza sintático-semântica - definem os sentidos e as intenções de todas as ações de linguagem. As atividades do professor, nas propostas do estudo e da pesquisa em torno da linguagem, exigem uma sólida revisão de conceitos, ou uma "desaprendizagem " de tudo aquilo que, historicamente, aprisionou a linguagem na "estabilidade" estéril de seus princípios e frustrou todo projeto de "alteridade" que, a rigor, deve marcar o homem e o exercício de suas linguagens.

ESCRITAS DE SI: REFLEXIVIDADE AUTOBIOGRÁFICA, NARRATIVA E FORMAÇÃO
Maria da Conceição Passeggi (Centro de Educação/UFRN)

Neste trabalho, tematizamos as escritas de si (autobiografias, memoriais, portfólios, ensaios autobiográficos, autobiografia alimentar, relatórios), no ensino superior, com o objetivo de discutir sua importância como prática reflexiva nos processos de formação e de inserção profissional de professores, mais especificamente, dos professores de línguas. Partimos do pressuposto que a escrita de si é um ato performativo. Ao escrever a história das aprendizagens (formal, informal, não formal), cada narrador(a) dá um novo sentido a si mesmo e ao mundo e, nesse processo, ele se reinventa. Partindo desse pressuposto autopoiético, discutiremos as potencialidades desse tipo de escrita na ressignificação das aprendizagens, notadamente, a aprendizagem da língua na qual o narrador analisa e narra suas experiências. Traremos os conceitos de narrativa autobiográfica, fato biográfico, biografização e aprendizagem biográfica que têm nos ajudado a teorizar e a aprofundar a reflexão sobre o impacto das escritas de si na construção, desconstrução e reconstrução dos conhecimentos. Para finalizar, problematizaremos o lugar desse tipo de escrita em outros níveis de ensino, a fim de destacar aproximações nos vínculos que se entretecem entre linguagem, reflexividade e consciência histórica.

MESA-REDONDA 8. O ENSINO DAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ENSINO DA LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA
Tânia Lima (UFRN)

Existe uma divindade da lama, no candomblé, conhecida por Nanã Buruquê, orixá que entregou uma porção de lama a Oxalá. Na mitologia dos orixás, Nanã deu ao mundo matéria do começo. E o começo da literatura africana é a voz. A voz é avó da tradição. Enquanto o tempo caminhava em círculo, não se ouvia vestígios da palavra escrita. Ao redor da contação de histórias, a escrita era uma coisa, e o saber outra. "A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem", como bem diz Tierno Bokar. O chão era o ensino. No continente africano, ensinar estava ligado à herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontrava em tudo o que nos transmitiam. Ensinava-se primeiro a ser contador, depois cantador - griots. A voz do contador vinha carregada de entidades espirituais. Se olharmos bem, os primeiros arquivos da biblioteca do mundo serviram-se da oralidade para falar da totalidade humana. Mas afinal o que "me ensinavam essas aulas/ de solidão/ entre coisas da natureza/ e do homem?" (GULLAR, 2001). E o que é mesmo ensinar literatura africana a partir das leis 10. 639 e da lei 11.645? Como oportunizar aos estudantes mais acesso à cultura afro-brasileira? De que forma observar o que está por trás do olhar eurocêntrico no ensino de Literatura Africana? Onde e quando refletir sobre a natureza não apenas de questões como negritude, racismo e crioulização, mas também dos mais diversos tipos de preconceitos estereotipados dentro do quadro excludente das instituições de ensino? Em sintonia com novas democratizações do saber no mundo contemporâneo, essa mesa tem com principal proposta entender o ensino da literatura africana a partir da valorização das culturas orais em diálogo com os teóricos da pós-modernidade, como alerta Edgar Morin (2005): "a alfabetização arrogante que considera os portadores de culturas orais não como tais, mas somente como analfabetos, agrava o subdesenvolvimento moral e psíquico das favelas".

LITERATURA INFANTO-JUVENIL E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA NEGRA: BRASIL E MOÇAMBIQUE
Prof. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira (UNEB)

A presente explanação emerge de pesquisas na área literária e educacional, haja vista a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira em todas as áreas (Lei 10.639/03), principalmente em História, Literatura e Educação Artística. Nosso objetivo é destacar narrativas infanto-juvenis inovadoras no tocante à tessitura de personagens negros. Para tanto, realizamos pesquisa bibliográfica e nos nortearemos em estudos críticos e teóricos que possibilitaram a (re)leitura da literatura infanto-juvenil (afro-)brasileira. Até então, constatamos inovações em uma quantidade significativa de produções destinadas às crianças e jovens, mas, por outro lado notamos, também, a coexistência da estereotipia

em relação aos aludidos personagens. Esperamos, a partir dessa exposição, contribuir para problematizar e ampliar o nosso olhar quanto às produções literárias em foco, principalmente na atualidade, após a implementação da Lei Federal 10.639/03, e da conseqüente tendência à eclosão de tais obras no mercado editorial.

Palavras chave: Literatura infanto-juvenil, personagens negros, Lei 10.639/03.

LITERATURAS AFRICANAS NO CONTEXTO ESCOLAR SOB A LEI 11.645/08
Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI)

O presente trabalho expõe conteúdo oriundo de um estudo de campo, que analisa o resultado da concretização da ação de política afirmativa no que diz respeito à aplicabilidade dos conteúdos de literatura e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares da educação básica sancionada pela Lei nº 11.645/08. A proposta traz um recorte para os conteúdos de literaturas africanas de língua portuguesa apresentados em sala de aula, além de promover conhecimentos sobre a literatura africana e valores culturais capazes de educar cidadãos conscientes de seu pertencimento étnico-racial. O ambiente escolar é um espaço de discussão e pluralizador de ideais em criticidade nos arranjos discursivos, onde apresentamos o resultado do estudo analítico-social a partir das teorias educacionais e da aplicação modificante da subjetividade através do currículo. Nessa perspectiva, avaliamos de que forma o conteúdo programático foi gradativamente aplicado e utilizado em sala de aula, uma vez que foram incluídos aspectos da cultura afrobrasileira e africana, como formadora da população brasileira. Por meio do diálogo metodológico voltado para o estudo bibliográfico de teóricos dos estudos culturais e literaturas africanas foi possível estabelecer a relação entre conhecimento teórico e a aplicação no campo prático em maior relação com a realidade sócio-histórica das turmas observadas, bem como o apoio com a coleta de dados a partir das aulas e interferência no campo prático das atividades docentes em análise. No primeiro momento da pesquisa se priorizou a observação das aulas ministradas, e no segundo momento a interferência através de reuniões, propostas de construções de planos de aula e planos de unidade envolvendo os conteúdos da Lei 11.645/08 e a aplicabilidade em sala de aulas sob a orientação docente.

A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE UM JOVEM NEGRO: EFEITOS DE SENTIDOS EM "CURSO SUPERIOR" DE MARCELINO FREIRE
Marluce Pereira da Silva (UFPB/ Campus IV)

O trabalho versa para a análise da constituição identitária de um jovem negro diante das microlutas discursivas que enfrenta no cantos Negreiros de Marcelino Freire será analisada a partir da questão: de que modo o jovem negro constitui suas identidades face práticas discursivas que produzem sentidos em torno da mobilidade dos/as negros/as em diferentes esferas sociais em que se constituem.

MESA-REDONDA 9. ENSINO DE MORFOLOGIA

ASPECTOS MÓRFICOS E SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DO GRAU: UMA PROPOSTA DE CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DE PORTUGUÊS
José Romerito Silva (UFRN)

O grau (ou *gradação*, para alguns), de um modo geral, tem sido tratado como um tópico secundário entre os demais temas na descrição dos fatos linguísticos. Nas gramáticas tradicionais, a abordagem do grau se encontra na última parte da explanação sobre a "Flexão" das respectivas classes de palavras *substantivo*, *adjetivo* e *advérbio*. O tratamento dado a esse tópico, na maioria dos casos, limita-se à apresentação de uma tipologia "semântica" (aumentativo e diminutivo para o substantivo; comparativo e superlativo para o adjetivo e o advérbio, com suas respectivas subdivisões) e de seus aspectos formais (sintético e analítico, vistos como codificações distintas da mesma noção), muitas vezes, seguida de uma lista dos padrões cultos do superlativo absoluto sintético. Quanto a isso, raras são as abordagens que fazem menção às expressões de grau não canônicas, consideradas "populares", e mais raras ainda as que consideram o grau do verbo. No que se refere ao ensino de português, os livros didáticos não fogem à regra: adotam o mesmo modelo de tratamento dos compêndios gramaticais. No âmbito da linguística, as explanações sobre o grau oscilam entre as que privilegiam a dimensão semântica e outras que enfatizam aspectos formais. Em vista dessa realidade, este trabalho, inserido em um quadro de pesquisa mais amplo sobre o grau, propõe-se discutir esse tema, mais especificamente interessado na relação entre suas configurações mórficas e possíveis motivações semântico-pragmáticas subjacentes. Nesse sentido, busca compreender as motivações funcionais que licenciam as diversas codificações mórficas do grau no discurso. Utiliza como lastro teórico a vertente norte-americana da linguística funcional contemporânea, representada por pesquisadores como Haiman (1983), Givón (1995), entre outros, e a semântica cognitiva, nos termos defendidos por Lakoff e Jonhson (1999), Croft e Cruse (2004) e outros. O material de análise constitui-se de textos de diferentes gêneros discursivos, nas modalidades de fala e escrita.

O ENSINO DA MORFOLOGIA NOS CURSOS DE LETRAS: A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS.
Margarida Basílio (PUC-Rio/CNPq)

Nesta apresentação sobre o ensino da Morfologia, vou focalizar a formação dos professores e, portanto, o ensino da Morfologia nos cursos de Letras. E, tendo em vista a tendência tradicional de se dar uma atenção maior à Flexão, pretendo defender a ideia de que o aspecto lexical da Formação de Palavras, normalmente deixado num segundo plano pela Gramática Tradicional, é, no entanto, de fundamental relevância na formação dos professores de Português. Na primeira parte do trabalho, mostro que a estrutura geral dos cursos de Morfologia, incluindo-se o próprio nome "Morfologia",

conceptualizado de acordo com o modelo "Palavra e Paradigma" da Gramática Clássica, provém de um modelo de análise gramatical não mais condizente com muitas de nossas concepções atuais sobre a palavra, assim como nosso conhecimento sobre a estrutura da Língua Portuguesa. Em seguida, trago outros exemplos da influência de teorias no ensino e composição de currículos, questionando esse procedimento. Na segunda parte da apresentação, focalizo a questão específica da constituição do léxico e da relevância do ensino dos padrões sincrônicos do léxico, em oposição tanto à abordagem histórica implícita das gramáticas normativas, muitas vezes seguida sem maiores questionamentos nos currículos de cursos de Morfologia, quanto à dicotomia léxico/gramática, difundida no estruturalismo e seguida no gerativismo, a qual atribui ao léxico o lugar do não gramatizável e, portanto, o não-lugar no espaço do aprendizado. Passo, então, a apontar a relevância dos processos de formação de palavras e sua utilização como instrumento tanto de aquisição e expansão lexical quanto de compreensão e utilização na produção de textos, utilizando exemplos concretos da Língua Portuguesa. Na parte final, afirmo que a Morfologia não faz sentido se não atentarmos para o fator da regularidade no léxico; e que a relevância dos processos lexicais não poderá ser apreendida adequadamente sem a visão da relação do léxico com a sintaxe, o discurso, a semântica e as estruturas do texto. Concluo colocando para todos nós o desafio de refletirmos sobre o que é mais relevante para nossos alunos na disciplina de Morfologia em nossos cursos de Letras.

VARIAÇÃO NA EXPRESSÃO DA CONCORDÂNCIA: VÁRIAS GRAMÁTICAS E VÁRIOS GRAMÁTICOS
Miriam Lemle (UFRJ)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR)

Esteestudo se propõe a discutir o problema da expressão da concordância nas diversas variedades do português brasileiro (doravante PB). O ponto de partidapara a nossadiscussão é o famigeradolivro do MEC, intitulado "Por uma vida melhor", de autoria de Heloísa Ramos, em particular o modo escolhido pela autora paraformular a regraque rege a escolha da morfologiaverbal na variedade de língua popular que ela está expondo. Na descrição da assimchamada "variedadepopular" do português (brasileiro), a autora afirma que, na frase "Nóspega o peixe", o pronome é de [1a pessoa, plural] e o verbo de [3a pessoasingular]. Assim, paraela, a ausência de concordânciaverbal é o que diferencia a gramática dessa variedade da gramática do portuguêspadrão. Da perspectiva da gramática gerativa, no entanto, essa não é a únicanem a melhoranálise a oferecerparaesse e outroscasos: podemos pensarque na gramática dessa variedade da língua a forma pesca é subespecificada quanto à pessoa, assim como é subespecificada a forma pesca*v*a no português padrão, pois pode ser inserida noscontextossintáticos de predicado dos sujeitoseu**e**ele– eu pescava, ele pescava. O fenômeno da subespecificação morfológica está presentenão-apenas nas diferentesvariedades do português, mastambémem outras línguas do mundo, como no inglês, onde a subespecificação na conjugação dos verbos é pervasiva. Portanto, estamos frente a uma configuraçãogramaticalque existe também no portuguêspadrão e em outras línguas; o contexto licenciador dela é que é distinto na gramática davariedadeditapopular. A noção de subespecificação de traços é bem trabalhada na Morfologia Distribuída, e é motivada pordesencontrosentre a representação necessária no módulo da sintaxe e sua implementação na morfologia. Observe os seguintes dados: (1) eu pesc*o*,tupescas, ele pesc*a*, nós pescamos, vós pescais, eles pescam; (2) eu pescav*a*, ele pescav*a*. Para descrevermos os dados em (1), é necessário assumirmos três valores para o traço pessoa e dois para o traço de número; no entanto, para (2), a descrição dessa perda de implementação fonológica para a distinção entre primeira e terceira pessoa do singular é feita descrevendo a forma***pescavas***, na morfologia, como {+2a pessoa}, e a forma ***pescava*** como {Raiz+imperfeito+sg}. Desse modo, o feixe dos traços de ***pescava*** na morfologianão é incompatível com os feixescompletosdadosnosnósterminais da sintaxe, onde estão presentes os traços de segunda e terceirapessoa. A autora do livro e os gramáticos tradicionais que se hostilizaram naquele debate compartilham uma visãonãomodular da gramática e, portanto, não têm comopensarem desencontros entre as representações dos traçosgramaticais na sintaxe e a implementação deles no módulo da morfofonologia.

MESA-REDONDA 10. SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA AO ENSINO: FORMAS VERNACULARES NA ESCOLA
Maria Alice Tavares (UFRN)

Fenômenos de variação linguística são de alta frequência tanto na falaquanto na escrita, representando, assim, um aspecto central da língua.Apesar disso, as escolas de nível fundamental e médio reservam pouco oumesmo nenhum espaço para a abordagem à variação e suas implicaçõeslinguísticas e socioculturais. Há casos de variação em que uma dasvariantes é prestigiada pela comunidade de fala, e a outra é estigmatizadaou, ao menos, avaliada como adequada apenas para contextos informais. Asvariantes prestigiadas tendem a ser consideradas como típicas de contextosmais formais e são, geralmente, vinculadas à variedade culta da língua. Por sua vez, as variantes tidas como impróprias para contextos maisformais costumam ser mais frequentes no vernáculo, o estilo que representaa manifestação mais casual e espontânea da língua, e podem, pois, ser consideradas variantes vernaculares. As variantes vernaculares tendem a ser barradas na escola. A motivação para isso é compreensível: professorese pais querem assegurar que os alunos adquiram a variedade culta dalíngua, geralmente associada a sucesso acadêmico e mobilidadesocioeconômica. Todavia, é necessário que os professores criem condiçõespara a utilização da língua em toda a sua versatilidade, em situações deinteração reais e variadas, de fala e de escrita, com diferentes graus de formalidade. Dessa forma, será possível contribuir para o processo deaquisição, pelo aluno, da língua em suas diversas faces, incluindoestratégias de adequação das formas linguísticas a diferentes contextossocioculturais. Abrir espaço para o vernáculo em sala de aula significaabrir espaço para a compreensão e a apreciação não apenas da falacotidiana, mas também da literatura, da música, do jornalismo, entreoutros domínios

em que variantes vernaculares podem aflorar. Nessa perspectiva, fornecemos sugestões de estratégias a que os professorespodem recorrer para trabalhar com a variação linguística. Trata-se deprocedimentos que podem estimular os alunos a se tornarusuários-estudiosos da língua, levando-os não só a vivenciá-la na prática, mas também a discutir e a refletir sobre ela. Os alunos ganham, assim, aconsciência de que a língua é múltipla e heterogênea e passível de serdominada do vernáculo à variedade culta por seus usuários, e utilizadaconforme sua vontade e necessidade.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ATO DE LER: QUANDO AS ROTAS DEFINEM POSTURAS DO EDUCADOR
Dermeval da Hora (UFPB/CNPq)
Maria de Fátima de Souza. Aquino (UEPB)

Os estudos sociolinguísticos desenvolvidos até agora têm ratificado estágios variáveis que podem ser detectados tanto em nível da fala como em nível da escrita. Pouca atenção, entretanto, tem sido dada a como que esses estudos podem ser utilizados na análise da atividade de ler, especificamente no que concerne à leitura oral. É com Labov e Baker (2003) que surgem os primeiros esforços, no sentido de aplicar o conhecimento da variação dialetal à leitura, procurando salientar a distinção entre variação na pronúncia e alteração de significado, definida esta última como "erro" propriamente dito. Com base nessa ideia, e utilizando dados de alunos da primeira fase do Ensino Fundamental, identificamos que o processo de leitura, nessa fase, se dá por meio de duas rotas (COLTHEART, 2005): (a) uma rota fonológica; (b) uma rota lexical. A rota fonológica é um processo indireto que envolve a mediação fonológica para se chegar à pronúncia. A rota lexical envolve a procura da palavra no léxico mental. Ao ler, o aluno poderá apresentar variação em ambas as rotas, mas é a rota fonológica que o levará, possivelmente, a um maior índice de "erros" de leitura, uma vez que a decodificação errada da palavra poderá implicar outro significado.

O PAPEL DA SOCIOLINGUÍSTICA NA DESCRIÇÃO DA GRAMÁTICA DA ESCRITA ATUAL
Maria Eugênia Lamoglia Duarte (UFRJ/CNPq/FAPERJ)

A distância entre fala e as normas que a escola segue no ensino da escrita padrão no Brasil ultrapassa tanto as questões relativas à maior ou menor formalidade ou ao grau de planejamento do texto escrito quanto o caráter naturalmente mais conservador da escrita. Sabemos que essa distância é em grande parte decorrente do modelo lusitano adotado pelas gramáticas normativas em fins do século XIX e agravada por mudanças empreendidas pelo nosso sistema ao longo do século XX. Como tais mudanças não foram incorporadas pelas gramáticas e pela maioria dos livros didáticos - apesar dos resultados das pesquisas realizadas à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística – o aluno acaba tendo de lidar com regras que fazem parte outra gramática. O resultado é uma terceira gramática: uma combinação de traços da sua L1 e traços da gramática-alvo (cf. Kato 2005). Nesta comunicação, procuro ilustrar aspectos da gramática do letrado brasileiro, seguindo as ideias de Kato (2005), mostrando como formas ausentes da L-1 são recuperadas e como formas inovadoras são incorporadas pela escrita. Os resultados apresentados permitem afirmar que é urgente uma reunião das pesquisas sociolinguísticas que oferecem uma nova descrição da escrita brasileira atual e um esforço para torná-la acessível aos que produzem material voltado para o ensino.

O PAPEL DA SOCIOLINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LÍNGUA
Edair Maria Görski (UFSC)

A partir das orientações oficiais contidas nos PCN acerca da questão da diversidade linguística (a heterogeneidade como constitutiva das línguas, a questão do preconceito, a formação do sujeito-cidadão, o papel da escola diante da diversidade e da desigualdade etc), levantam-se alguns pontos para reflexão concernentes a contribuições da área de Sociolinguística na formação do professor de língua, quanto aos seguintes aspectos: diversidade linguística (seus tipos e suas motivações) e as forças político-ideológicas (refletidas na mídia, por exemplo) que a controlam; a descrição de fenômenos em variação e mudança no português brasileiro nos diferentes níveis linguísticos, na fala e na escrita, nas diferentes regiões, em diferentes épocas; a mescla de diferentes normas que se entrecruzam e se influenciam mutuamente; a questão da identidade sociocultural. Diante disso, se apontam algumas sugestões metodológicas para o ensino de gramática.

MESA-REDONDA 11. INTERAÇÃO E ENSINO

INTERAÇÃO E ENSINO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AULA NA GRADUAÇÃO
Marise Adriana Mamede Galvão (UFRN)

O trabalho em foco investiga a sala de aula de graduação, a partir de visões linguístico-discursivas e pedagógicas. Nesse sentido, salientam-se as necessidades do tempo e espaço da instituição, do conteúdo de ensino e aprendizagem, que influenciam a forma como o discurso é gerenciado. Assim, considera-se que a sala de aula apresenta especificidades que evidenciam o controle acadêmico e a "ecologia" social que se estabelece em qualquer local de trocas entre pessoas de determinado grupo, em uma cultura específica. A discussão em pauta se subsidia em algumas perspectivas que abordam a interação em sala de aula. Há, portanto, pontos de vista pedagógicos e discursivo-interacionais, subsidiados em pesquisas no âmbito da interação verbal, da microetnografia, da linguística aplicada, necessárias para a análise da interação em aulas no ensino universitário.

ESTRATÉGIAS DE PRESERVAÇÃO DA FACE E CATEGORIZAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR
Kazue Saito Monteiro de Barros (UFPE/CNPq)

A investigação insere-se no âmbito de um projeto de pesquisa sobre *Estratégias de (Im)polidez em Gêneros do Domínio Científico* que buscaidentificar pontos de similaridades e divergências em relação ao fenômeno da (im)polidez nos diversos gêneros que compõem tal domínio. Contrapondo-se aos modelos clássicos da análise do fenômeno da (im)polidez, parte-se de um aparato analítico de natureza interacionista, que prioriza o conceito de língua como prática social. Postula-se que a análise não deve fixar-se nos enunciados, mas nos comportamentos dos interactantes, isto é, não é o enunciado que é (im)polido, mas, antes, são as pessoas que os interpretam como tendo diferentes graus de polidez. Assim, é fundamental identificar os fatores que influenciam as percepções dos atores envolvidos a respeito do que é (im) polido, percepções essas que são dinâmicas e que dependem, em grande parte, das formas como se (auto)categorizam e categorizam seus interlocutores. O objetivo deste trabalho é examinar o uso de estratégias de preservação da face ativadas por professores e alunos em contextos de circulação escolar. Os resultados demonstram que essas estratégias cumprem funções bem específicas nos complexos processos de categorização que aí se constituem.

TEORIA DO TEXTO E TEORIA DO ENSINO: NOTAS PARA NOVOS DIÁLOGOS
Sandoval Nonato Gomes Santos (USP)

O desafio de aproximar a reflexão sobre a linguagem da compreensão da prática de ensino aparece em diferentes momentos do percurso da produção acadêmica brasileira desde, sobretudo, a virada dos anos setenta para a década de oitenta do século passado. Aparece como tópico de discussão em reuniões científicas (ver ABRALIN, 1981) e, mais recentemente, vem aparecendo em uma variedade de obras de divulgação científica cujos títulos buscam-nas inscrever no mundo da escola. A comunicação ora proposta pretende contribuir no enfrentamento deste desafio com base no confronto de duas abordagens teóricas particulares: a teoria do texto e a teoria didática. A primeira fornece dispositivos analíticos centrais na caracterização da materialidade textual da troca didática (MARCUSCHI 2005; ELIAS 2011); a segunda fornece, por sua vez, aqueles que subsidiam a interpretação dos efeitos das determinações didáticas na interação em sala de aula e nos textos que nela circulam ou ali são produzidos (GOMES-SANTOS, ALMEIDA 2009; MATÊNCIO 2001; SCHNEUWLY, DOLZ 2009). Para promover a articulação mencionada, considera-se um conjunto de dados gerados em ambientes de ensino e aprendizagem, interações em sala de aula e produções discentes, por meio de método de caráter etnográfico. O exercício de confronto, por um lado, de um conjunto delimitado de aportes teóricos, e, por outro, de um conjunto preciso de dispositivos analíticos constitutivos destes aportes é uma contribuição à tarefa de compreensão deste objeto complexo que é a linguagem na prática escolar.

MESA-REDONDA 12. GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

O GÊNERO DISCURSIVO COMO ORGANIZADOR DAS ATIVIDADES NO PIBID DE LÍNGUA PORTUGUESA
Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Os gêneros discursivos têm se constituído em objeto de investigação na área de Linguística Aplicada sob diferentes perspectivas (BUNZEN; MENDONÇA, KLEIMAN, 2006; MARCUSCHI, 2008; MOTTA-ROTH, 2004; 2005; ROJO, 2006; 2007) e seu papel nas atividades de leitura, de escrita e de análise lingüística. Este trabalho compreende, a partir da obra de Bakhtin e do círculo, que o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos, únicos, singulares, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Assim, pretende-se discutir o gênero discursivo no cronotopo escolar, especificamente na sala de aula de Língua Portuguesa, como orgaznizador das atividades de leitura e de escrita. Para tanto, nos reportamos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e ao projeto de Lingua Portuguesa nele inserido a fim de darmos visibilidade ás atividades desenvolvidas em uma escola pública da educação básica de Natal/RN.

GÊNEROS DISCURSIVOS: RELAÇÕES DIALÓGICAS ENTRE TEXTO,IMAGEM E CONTEXTO
Miriam Bauab Puzzo (UNITAU)

A presente comunicação tem por objetivo propor a leitura de um miniconto e sua ilustração de pé de página no intuito de estabelecer as possíveis relações de sentido entre a linguagem verbal, a imagem e o contexto social, buscando os elementos constitutivos do gênero, como propõe Bakhtin (2003), ou seja, o tema, sua forma composicional e o estilo -individual e genérico. Os elementos constitutivos dogênero conto são retomados com o intuito de observar como o autor concentra sua narrativa numa célula dramática, dispensando os componentes constitutivos do conto tradicional. Discutem-se as transformações por que passam os gêneros em seu formato composicional e estilístico em função das novas necessidades impostas pelas transformações sociais e pelas exigências do leitor pressuposto (BAKHTIN, 1990). Para cumprir tal proposta foi selecionado o miniconto 121, do livro *Ah, é?*de Dalton Trevisan (1994), e sua respectiva ilustração.A análise demonstra os sentidos implícitos que percorrem o enunciado, pressupondo um leitor ativo, capaz de acionar os discursos prévios que circulam no contexto social, principalmente na mídia, preenchendo os espaços, as lacunas que o texto deixa em aberto, incitados pela linguagem verbovisual. Nessa perspectiva, o estilo telegráfico e

sintético de Trevisan propicia um trabalho de leitura interativo com a ilustração logo abaixo do conto, cumprindo a proposta bakhtiniana de que o enunciado não se reduz ao texto, mas se estende numa rede de possíveis relações cujos fios se entrelaçam na cadeia discursiva. A leitura desse gênero em sala de aula, numa proposta dialógica, pode se tornar um material que exige a recuperação da memória discursiva e por isso permite a interação que acolhe o conhecimento prévio e a experiência individual do aluno. Com esse exercício de leitura, procura-se fugir da concepção mecanicista de modelos genéricos, inserindo o gênero na sua dinâmica viva como parte integrante da comunicação humana.

FANZINES, POSICIONAMENTOS DISCURSIVOS E ENSINO: ALGUMAS REFLEXÕES
Cellina Rodrigues Muniz (DLET-UFRN)

Esta comunicação tem o propósito de apresentar algumas reflexões sobre o ensino de linguagem a partir da leitura e produção de fanzines. O fanzine (do original inglês *fanatic magazine*, isto é, "revista do fã") implica uma caótica semiose, um suporte itinerante, uma tradição discursiva contrária aos circuitos e posicionamentos oficiais na produção e circulação de impressos, em que predomina o propósito de uma livre expressão. É nesse meio artesanal, em forma de folheto, que autores não-profissionais encontram o meio de divulgação do *eu*, com suas ideias, gostos, angústias e desejos, difundindo desde as preferências musicais de punk rock às crenças dos segmentos religiosos evangélicos, para além do aval do mercado de livros, revistas e jornais. Sua composição se faz de cortes e colagens, da mistura intensa de textos imagéticos e verbais, digitados e manuscritos, oriundos de fontes diversas, apropriados e ressignificados em função de outros sentidos. Na contramão dos circuitos de comunicação legitimados e dos posicionamentos discursivos de maior visibilidade, pode-se pensá-lo como aquilo que Barthes designou de *texto de prazer*: *O texto de prazer é Babel feliz.* (BARTHES, 2006, p.8).Sendo assim, o fanzine se apresenta como um instrumento didático importante para se pensar a língua como *a arena de vozes* (BAKHTIN, 1997) em que embates sociais e históricos se materializam através da linguagem. Nesta comunicação, portanto, discutimos alguns dos desdobramentos e das problemáticas possíveis com o uso de fanzines em sala de aula.

MESA-REDONDA 13. ANÁLISE LINGUÍSTICA, GRAMÁTICA E LÉXICO NA SALA DE AULA, PERPASSADOS PELA ENUNCIAÇÃO

A RELAÇÃO LÉXICO, GRAMÁTICA E TEXTO EM SALA DE AULA
Maria Auxiliadora Ferreira Lima (UFPI)

Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre a abordagem do léxico, em sala de aula, voltada para o processo de construção de significação de uma unidade lexical e não para uma meraidentificação de um sentidopreestabelecido. Fundamentamos nossa reflexão em um quadro teórico que defende que o sentido de uma unidade lexical é construído no e pelo enunciado. Com base neste princípio, mostramos, por meio de exemplos, como essa construção de significação ocorre em uma dinâmica de interação que envolve o contexto lingüístico e o contexto situacional.

REFLEXÕES SOBRE O TRATAMENTO DA RELAÇÃO *TEXTO E GRAMÁTICA* NO ENSINO DE LÍNGUA
Márcia Teixeira Nogueira (UFC)

Esta comunicação trata da relação entre o ensino de leitura e de gramática, com especial atenção à formação linguística do professor de português. Tem o objetivo de analisar propostas de atividades para avaliar em que medida elas cumprem o recomendável propósito de integrar esses dois eixos de ensino de língua. Para orientar esta reflexão, fazemos uma breve análise de algumas atividades de livros didáticos utilizados para o ensino de língua portuguesa. Conclui-se que, de um modo geral, nem a leitura se favorece com o ensino de gramática, nem a gramática se aprofunda com a leitura dos textos. Com pouca informação sobre a natureza dos aspectos empiricamente observáveis relativos à forma e à função dos sistemas linguísticos, as atividades dos livros didáticos pouco contribuem para a recuperação/produção dos sentidos dos textos; e a reflexão sobre o funcionamento da(s) língua(s) ainda constitui objetivo remoto, negligenciado em favor de exercícios de descrição meramente taxonômica para verificação de uma metalinguagem. Nesse contexto, cabe aos cursos de licenciatura em Letras oportunizar uma formação linguística abrangente e consistente aos alunos. Tal formação deveria capacitar os futuros professores para conduzir autênticas e produtivas reflexões sobre o uso da língua para que o ensino não seja uma mera repetição da descrição contida nas gramáticas tradicionais; e deveria ser muito mais diversificada e "desengajada" do que permita um ou outro quadro teórico linguístico mais recente.

A EXPLORAÇÃO DA GRAMÁTICA EM TEXTOS DE GÊNEROS DIFERENTES
Maria Auxiliadora Bezerra (UFCG)

A gramática tradicional tem sido motivo de crítica, quando se pretende estudar textos, tendo em vista que seu objeto é a palavra ou a frase. No entanto, conhecimento das classes de palavras pode ser necessário para a produção/compreensão de textos variados sob o enquadre de gêneros. Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo de mostrar possibilidades de como essas classes podem ser abordadas em gêneros diferentes, influenciadas por estudos enunciativos. Embora o componente linguístico não seja o único responsável pela organização de um gênero, ele tem sua importância, tendo em vista que, pela materialidade linguística, pode-se identificar o componente temático e o organizacional dos gêneros. O presente trabalho explora o papel do verbo em texto de divulgação científica e em conto, demonstrando a importância do conhecimento dos tempos e modos verbais para entender o funcionamento desses gêneros. Assim, o presente do indicativo na

divulgação científica remete a uma característica intrínseca a esse gênero, que é a apresentação de verdades da ciência divulgadas como certezas (mesmo que não permanentes) e o pretérito perfeito também do indicativo reflete o trabalho e seus procedimentos que motivam a construção dessas verdades. Em relação ao conto, o pretérito perfeito e o imperfeito do mesmo modo verbal predominam, visto que se está enunciando fatos ocorridos antes do tempo da enunciação. E o presente do indicativo ocorre por ocasião do diálogo entre os personagens. Explorar, em sala de aula, o verbo associado às estratégias de construção dos gêneros pode contribuir para que o ensino dessa classe gramatical se amplie para além de suas características formais e os alunos possam desenvolver reflexões epilinguísticas, seguidas de reflexões metalinguísticas, com o intuito não só de reconhecer o uso da língua em gêneros, mas também de teorizar a esse respeito.

MESA-REDONDA 14. ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, TEXTO E EFEITOS DE SENTIDO

AS SEQUENCIAS TEXTUAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

João Gomes da Silva Neto (UFRN)

Nesta mesa, apresentamos algumas reflexões sobre o ensino da língua portuguesa, tendo em vista a elaboração de encaminhamentos teóricos e metodológicos voltados para o estudo da gramática e das sequências textuais que, em tese, auxilia o desenvolvimento das atividades cognitivas fundamentais que permitem a leitura e a produção de textos. Nosso trabalho alinha-se a uma vertente de pesquisas que, na confluência dos estudos da linguagem e da educação, busca respostas para uma problemática envolvendo as atuais políticas públicas brasileiras para a educação, a formação docente e os estudos sobre o ensino da língua materna, em face da imperativa necessidade de melhoria dos atuais níveis de alfabetização e letramento de crianças, jovens e adultos. Assim, procuramos repensar aportes teóricos e metodológicos pertinentes que possam subsidiar a escolarização da língua portuguesa, de modo que se leve em conta uma gramática descritiva e reflexiva, mediada pela análise linguística, com base nos usos da língua, naquilo de que ela dispõe para os aprendizes leitores/escritores. Para tanto, partimos do pressuposto de que os estudos linguísticos – e, mais particularmente, a linguística textual –, conforme vêm sendo conduzidos no âmbito das discussões sobre gramática, texto e discurso na educação, apresentam sistematizações pertinentes que podem propiciar respostas adequadas aos questionamentos sobre os atuais níveis de desempenho escolar, particularmente aqueles envolvendo leitura e produção de textos orais e escritos.

JÁ CRIARAM A ESTAÇÃO QUADRINHOS NA LINHA LEITURA. SÓ NÃO DEFINIRAM AINDA AONDE O ITINERÁRIO VAI LEVAR

Paulo Ramos (USP)

Após um namoro de décadas, as histórias em quadrinhos foram oficialmente incluídas no escopo educacional brasileiro. O ingresso se deu via políticas de ensino – diretamente ligadas à área de Língua Portuguesa – capitaneadas pelo governo federal na última década e meia. Dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) ao PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), há registros explícitos e medidas afirmativas que inseriram diferentes obras quadrinizadas nas escolas. O que ainda carece de elucidação é o que se pretende com tais políticas. Os sinais existentes indicam que tais textos buscam efeitos de sentido diferentes do que se poderia pensar inicialmente. Os gêneros dos quadrinhos não são vistos como leitura *per se,* mas como ferramenta para instigar o estudante a chegar a obras literárias. Um atalho, portanto, que busca atingir outro ponto de chegada. É como um trem, cujo itinerário, embora criado, continua indefinido.

O TEXTO ENTRE O EVENTO DEFLAGRADOR E O PROPÓSITO COMUNICATIVO

Francisco Alves Filho (UFPI)

Os textos podem ser vistos como unidades de comunicação e interação que, por um lado, decorrem de eventos deflagradores e, por outro, visam atingir determinados propósitos comunicativos. Esta concepção nos estimula a ver os textos como unidades comunicativas e pragmáticas adaptativas, capazes tanto de se ajustarem às situações como de contribuírem para que estas próprias situações se constituam. No entanto, muitas estratégicas ou técnicas de ensino ainda tratam os textos como unidades abstratas e estáticas, desvinculadas do mundo real. Tendo em vista este hiato entre funcionamento concreto dos textos e estratégias de ensino, defenderemos aqui a necessidade de estratégias de ensino de produção de textos alicerçadas nas práticas reais de linguagem e esboçaremos alguns princípios que possam guiar alguns processos de ensino-aprendizagem textualmente produtivos. São eles: o trabalho com classes e conjuntos de textos; o trabalho com o significado social e cultural dos textos; e a fusão entre forma e função.

MESA-REDONDA 15. ENSINO DE SINTAXE

DA GRAMÁTICA NUCLEAR PARA A LINGUAL-I DO BRASILEIRO

Mary A. Kato (UNICAMP)

O conhecimento linguístico do adulto, a que Chomsky vem chamando de **lingua-I**, pode diferir grandemente entre os brasileiros, não apenas em função das diferenças dialetais, mas sobretudo graças aos graus diferentes de letramento. **A lingual-I do letrado** pode conter, ao lado da **gramática nuclear**, um sistema periférico de regrasque se aproxima daque-

le de uma gramática dos brasileiros no século passado, e que se assemelha, em sua aprendizagem,ao de uma **segunda lingual** (**L2**), e como tal, exposta a "erros e a hiper-correções. A linguística vem procurando desvendar o conhecimento e o uso gramatical do brasileiro adulto, através do ensino da gramática formal e functional, da socioliguística e da linguística histórica. Mas para formar docentes capacitados a atuar na escola brasileira, venho sugerir, neste trabalho, que se pode subsidiar a escola em três tipos de pesquisa: a) uma descrição do conhecimento linguístico que a criança traz para a escola. b) uma descrição da lingual-I dos escritores contemporaneous e c) uma descrição da forma como os aprendizes escolares bem sucedidos chegam a esse conhecimento.

ENSINO DE SINTAXE: ATANDO AS PONTAS
Maria José Foltran (UFPR/CNPq)

Os estudos referentes à gramática da língua já desfrutaram lugar privilegiado dentre os tópicos abordados no ensino formal. Em épocas mais remotas, compartilhava com lógica e retórica o núcleo de conhecimento obrigatório das pessoas mais educadas. Mais tarde, estudar gramática significava essencialmente estudar as línguas clássicas, grego e latim, modelos de clareza e organização lógica. Num próximo passo, esse estudo se restringiu às línguas vernáculas.
O currículo em que se desenvolveram os estudos gramaticais como tal é hoje obsoleto. Sabemos hoje que o latim e o grego são línguas que funcionam como qualquer outra língua humana. Mas isso não significa dizer que os estudos gramaticais perderam sua relevância. Nas últimas cinco décadas, a abordagem gramatical, em especial a sintaxe, renasceu com metas um pouco diversas: a gramática reaparece como parte de uma nova ciência, a linguística, que apresenta e investiga questões muito particulares, dentro de uma metodologia rigorosa.
Este trabalho vai mostrar a importância do estudo da sintaxe como forma de introduzir e aprimorar o pensamento científico. Além de propiciar uma iniciação efetiva ao pensamento científico, essa experiência permite uma compreensão apropriada do que seja o conhecimento linguístico. E mais: o professor que é formado nessa perspectiva tem mais condições de decidir o espaço que os ensinos gramaticais devem ocupar em diferentes níveis da Educação Básica.

DESCREVENDO O CONHECIMENTO DA LÍNGUA-I(INTERNALIZADA) POR MEIO DA ESCOLA – UM PROJETO EM CURSO EM JURUSSACA/PA
Márcia Santos Duarte de Oliveira (USP)

Este trabalho enfoca aspectos da aplicação da análise da sintaxe do português brasileiro ligada à 'escola' em uma área que temos denominado de 'português vernacular brasileiro do norte': PVBN. Logo, corroboramos a proposta de Mello (1996) de um contínuo de dialetos que formam o português vernacular brasileiro – PVB. No trabalho/pesquisa que aqui descrevemos, assumimos: *(i)* como PVBN o português afro-brasileiro da comunidade de Jurussaca/PA – cf. Petter& Oliveira (2011); *(ii)* no sentido de Chomsky (1988), que o PVBN é a língua-I(internalizada) dos falantes de Jurussaca.
As primeiras descrições sobre o PVBN apontam para: 1. No sistema nominal da língua – *(i)* uma 'idiossincrasia da 'norma de Jurussaca' no tocante à forma da 1ª. pessoa do plural oblíqua (e objetiva) com o emprego da forma tônica **nós** e da ordem pré-verbal – ver Oliveira, Campos & Fernandes (2011); *(ii)* a preponderância de complementizadores e não de pronomes relativos (exceto no caso de 'relativas livres') na formação de orações relativas – ver Silva (em preparação). 2. No sistema verbal da língua – um grande número de construções com verbos leves – ver Cecim (em preparação). Veja exemplo:
Nós *1ª Pessoa do Plural Oblíquo*– Oliveira, Campos & Fernandes (2011: 137)
(1) ...chegando aqui o (Castamba) ***nós*** deu... aquele*pedacim* pra *mim [...]*
Por meio de um projeto-piloto – Cecim (em preparação) – ligado a uma tese de doutorado em andamento sob nossa orientação – em conjunto com o colega Valdir Barzotto (FEUSP) –, estamos trabalhando com 'produções' na escola LuduvinoAntonio de Araújo da comunidade quilombola de Jurussaca. A metodologia tem sido levar os alunos a produzirem textos 'livres', centrados em duas normas: a norma orientada na escola – a dita 'padrão' – e a norma da comunidade, que corrobora descrições como as apontadas acima para o PVBN. Logo, estamos centrados em dois processos distintos: o ensino da escrita padrão, de um lado, e de outro, o trabalho com 'a língua-I de Jurussaca' que envolve também a escrita com a sua variedade. Este trabalho, ligado a um projeto maior, centra-se no objetivo de descrever o conhecimento linguístico que a criança de Jurussaca traz para a escola e corroborar para a formação de uma geração de aprendizes escolares bem sucedidos de sua língua: o PVBN.

MESA-REDONDA 16. LETRAMENTO E ENSINO

LETRAMENTOS E POLÍTICAS PÚBLICAS: ESCOLA *VS* MUNDO CONTEMPORÂNEO
Maria do Socorro Oliveira – UFRN/PPgEL

A consideração de que o letramento está na vida social, e não, especificamente, na escola, tem levado muitos pesquisadores a explorar as práticas de leitura e escrita fora do contexto escolar, na intenção de compreender não só o modo como essas práticas são instituídas mas também a forma como elas interferem no desempenho dos alunos, manifestando-se como pontos de continuidade ou de ruptura no processo de ensino-aprendizagem. No Brasil, diferentemente, de outros países (por exemplo, Inglaterra e Estados Unidos), pouca atenção tem se dado à relação letramento e políticas públicas. As iniciativas que se registram estão direcionadas para a educação como um todo e não para a compreensão de práticas de leitura e escrita como formas de 'acesso' e 'desenvolvimento' social e econômico. Com vistas a se gerar 'disposições'

para o desenvolvimento do letramento, entendido como uma prática de acesso e participação efetiva num mundo contemporâneo de muitas transformações, esta comunicação pretende discutir projetos de letramento (OLIVEIRA, 2008; OLIVEIRA; TINOCO; SANTOS, 2011) que ofereçam alternativas de trabalho com a linguagem culturalmente relevantes, tendo como lente interpretativa os estudos que olham a relação local *vs* global (AGAR, 2005).

Palavras-chave: Letramentos. Culturas. Políticas públicas. Global e Local.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA FORMAÇÃO DOCENTE: POSSIBILIDADES E DESAFIOS
Maria Luiza Dantas - MiraCosta Community College, Califórnia

Professores ao redor do mundo lidam com uma diversidade de alunos e famílias. Nos Estados Unidos, por exemplo, o aumento de populações com diferentes referências culturais e étnicas e práticas de linguagem apresenta novos desafios para a formação docente. Quando educadores estão despreparados para entender e capitalizar na diversidade de experiências que representam o mundo fora da escola dos seus alunos, eles tendem a caracterizar diferenças como deficiências (COMPTON-LILLY, 2003; MOLL, AMANTI & GONZÁLEZ, 2005). Práticas de letramento, baseadas numa perspectiva etnográfica e pedagogia culturalmente relevante, criam espaços na formação docente para o questionamento de generalizações e estereótipos sobre conceitos de família e diversidade. Partindo de uma perspectiva etnográfica e sociocultural, este trabalho examina práticas de letramento (por exemplo, estudos de caso de tipo etnográfico) que servem de espaço para questionar e problematizar o conceito de família e suas fontes de conhecimento bem como espaço para reflexão sobre identidade e competência cultural. O trabalho discute ainda desafios no processo de formação de professores quanto à relevância prática, à capacidade de fazer conexões entre teoria e prática, e à transformação de conhecimentos teóricos em técnicas para aprender *sobre* e *com* seus alunos e suas famílias.

Palavras-chave: Formação docente. Práticas de letramento. Perspectiva etnográfica. Pedagogia culturalmente relevante.

LETRAMENTOS DOMINANTES E ESCOLARIZAÇÃO: O LIMIAR ENTRE UMA AÇÃO EM FAVOR DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E A SUBSERVIÊNCIA À TECNOBUROCRACIA
Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti - PPGLg – UFSC/SC

Os estudos do letramento têm contribuído para reflexões acerca do papel da escola em se tratando da implementação dos usos da escrita nas diferentes comunidades escolares. Conceber que tais usos são situados (BARTON; HAMILTON; IVANIC, 2000) implica o desafio de empreender uma ação educacional sensível às *práticas de letramento* (STREET, 1988; HAMILTON, 2000) locais, na busca pela hibridização entre tais *práticas* e os letramentos dominantes (STREET, 2003). Em se tratando desse desafio, Gee (2006) e Kalantizis e Cope (2006) chamam atenção para as mudanças no papel da escola no cenário global contemporâneo, universo em que os saberes assumem uma dimensão fragmentária e no qual as pessoas são, sob vários aspectos, concebidas como *portfólios*. No que respeita a esse cenário, Britto (2011) atenta, ainda, para o risco de concepções, em relação à modalidade escrita da língua, subservientes à tecnoburocracia. Uma reflexão pautada nesses aportes constitui filtro para estudos que vimos desenvolvendo em escolas públicas em Florianópolis/SC, na busca por compreender como se processa a apropriação dos letramentos dominantes na esfera escolar e em que medida a ação educacional situada ressignifica as práticas vernaculares em favor do desenvolvimento humano, ou, por outro lado, em que medida essa mesma ação é subserviente à tecnoburocracia. Nossos resultados de pesquisa têm mostrado a prevalência de ações fundadas no *modelo autônomo de letramento* (STREET, 1984) e as dificuldades para empreender um processo de hibridização entre *letramentos vernaculares* e *letramentos dominantes*. Os espaços de escolarização pública em que temos atuado, em pesquisas-ação (MORIN, 2004) e em estudos de caso de tipo etnográfico (MASON, 1996; ANDRÉ, 1995), têm visibilizado processos didático-pedagógicos em que as *práticas de letramento* dos alunos não oferecem suporte para os *eventos de letramento* propostos pelas escolas (HAMILTON, 2000). Constitui desafio substantivo, nesses cenários, empreender uma ação pedagógica que faça sentido para os sujeitos ali situados, na busca de fugir a uma atividade escolar suscetível ao pragmatismo estreito da tecnoburocracia.

Palavras-chave: Letramentos dominantes. Desenvolvimento humano. Escolarização.

MESA-REDONDA 17. ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

PROCESSOS MENTAIS E ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
Izabel Nascimento (UFRN)
Janaína Weissheimer (UFRN)

Nossa comunicação fará uma exposição dos processos mentais implicados na aprendizagem, mais especificamente na aprendizagem de línguas estrangeiras, e suas consequências para a sala de aula. Na primeira parte da exposição serão considerados os tipos de memória bem como os processos de codificação, armazenamento e recuperação de informação, envolvidos na aquisição de línguas. Na segunda parte do trabalho, proporemos uma sequência didática que, motivada pelos processos já citados, encontre maior quantidade de subsunçores (teoria cognitivista de Ausubel), aumentando as possibilidades de aprendizagem. As línguas estrangeiras por sua especificidade (pode-se falar de tudo em língua estrangeira: geografia, matemática, sociologia, atualidade, politica...) requerem material diversificado, estratégias diversificadas e uma continuidade em círculos espirais que proporcionam ao professor uma liberdade, pela diversidade do que se pode

ensinar, e uma angústia, pela necessidade de uma seleção de temas. A compreensão dos processos de aprendizagem e as estratégias propostas ajudarão o professor a fazer estas escolhas e desenvolver suas sequências didáticas baseado em critérios cognitivistas e sociocognitivistas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS EM CONTEXTO MULTILÍNGUE
Cibele Krause-Lemke (UNICENTRO – PR)

Objetiva-se, nesta se nesta apresentação, tratar da realidade multilíngue do Estado do Paraná a partir de práticas linguísticas escolares, com o intuito de compreender como ocorre a gestão das línguas em um contexto em que convergem o ucraniano e o português como línguas veiculares, e a língua espanhola como a língua estrangeira que se ensina no currículo escolar. Em vista disso, elabora-se uma discussão sobre o conceito de alternância linguística em contextos de aprendizagem, bem como sobre a gestão das línguas como reflexo do desenvolvimento de uma competência plurilíngue (MOORE, 2009). A partir das práticas linguísticas escolares analisadas, observou-se que os alunos manifestam um saber elaborado das línguas, ao alternarem entre o português, o ucraniano e o espanhol, e ao negociarem seus conhecimentos linguísticos com as docentes. No entanto, não reconhecem as suas práticas como plurilíngues. Assim, pois, defende-se a necessidade de uma reconceitualização do ensino de línguas, tanto ao problematizar os discursos hegemônicos sobre as línguas, como ao trabalhar para que práticas linguísticas plurilíngues sejam legitimadas, sobretudo, na escola.

MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA.
Lucinéia Contiero(DPEC/CE/UFRN)

Uma incomparável aceleração do fluxo de informação, de transmissão de formas simbólicas e de conteúdos cognitivos e emocionais está entre as importantes transformações ocorridas nas últimas décadas. A realidade hoje exige, cada vez mais, que os sujeitos saibam lidar com uma imensa gama de informações que invade diariamente a vida cotidiana. Pensadores da Educação, diante da possibilidade de acesso quase infinito às informações, concordam que é tarefa importante preparar os jovens para selecionar, perguntar, discernir o que desejam. A Internet propicia, atualmente, informações sobre quase tudo, e instantaneamente. Contudo, é tarefa da Educação indicar caminhos, mostrar prioridades, mostrar por onde navegar, quando parar e como aproveitar resultados de buscas. A pergunta orientada é a pergunta que liberta.
Há uma relação intrínseca entre a mídia e as novas tecnologias. Se as novas tecnologias não nasceram e cresceram dentro do espaço da informação e da comunicação, por elas foram transportadas e veiculadas. Ao se refletir sobre as conseqüências das novas tecnologias, damos conta de que elas trouxeram mudanças profundas para o ser humano, pelo menos em três dimensões: da distância, do espaço e do tempo. Tais dimensões repercutem diretamente na evolução do conhecimento de línguas estrangeiras. Busco, pois, refletir sobre o ensino de língua estrangeira a partir do uso de novas tecnologias enquanto recursos metodológicos e suas implicações para a formação do educador.

MESA-REDONDA 18. LÍNGUAS INDÍGENAS E EDUCAÇÃO: DISCUTINDO TRAJETÓRIAS

POLÍTICA LINGUÍSTICA PARA AS LÍNGUAS INDÍGENAS
Aldir Santos de Paula (NEI/PPGLL/FALE/UFAL)

O Brasil tem cerca de quatrocentos mil índios, remanescentes de uma população que pode ter sido de mais de cinco milhões. Esta população está distribuída entre os cerca de duzentos povos indígenas, que falam cento e oitenta línguas. A diferença entre o número de povos e línguas é resultante da perda linguística vivenciada por alguns povos. As línguas indígenas são faladas em um vasto território, com maior concentração delas nas regiões norte e centro-oeste do país e vivenciam situações sociolinguísticas bastante diversas, que vão de um monolinguismo em língua indígena a um bilinguismo gradual em que a língua indígena encontra-se mais ou menos ameaçada frente à presença da língua portuguesa. Além deste quadro, muitos povos indígenas são monolíngues em Português e, embora seja possível encontrar esta situação em todo o país, ela é mais aguda na região nordeste, por onde as frentes de expansão colonial iniciaram o processo de posse do território. O panorama é bastante complexo e exige respostas específicas para cada situação sociolinguística e grau de contato experimentado por cada povo e pelo grau de deslocamento funcional por que atravessa suas respectivas línguas. Certamente, esta é uma tarefa que demanda um esforço muito grande, tendo em vista a dispersão geográfica dos povos e a carência de estudos nas mais variadas áreas sobre os povos indígenas e suas respectivas línguas.Este trabalho tem por objetivo apresentar o quadro geral das línguas indígenas existentes no Brasil, descrever algumas situações sociolinguísticas, enfatizando a relação entre o grau de vitalidade linguística e as estratégias de manutenção ou avivamento linguístico.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA COMUNIDADES INDÍGENAS NAS PERSPECTIVAS DA DIVERSIDADE, DA INTEGRAÇÃO DE SABERES E DA METODOLOGIA DA ALTERNÂNCIA
Cinthya Torres Melo (UFPE)

A minha experiência com o ensino de língua portuguesa construído conjuntamente com os índios no Curso Intercultural Indígena-Licenciatura, na Universidade Federal de Pernambuco-Centro Acadêmico do Agreste, tem mostrado que os conteúdos desta área precisam ser vivenciados levando-se em conta as dimensões sociais e acadêmicas de uma educação intercultural que exige transformações, aprendizados, reflexões e ações que envolvam situações das

realidades dos estudantes indígenas. Em sala de aula, essas dimensões têm sido integradas à perspectiva da diversidade, respeitando as diferenças culturais e históricas de cada povo indígena, concebendo-os como sujeitos de direito e afirmativos de suas identidades, inseridos no contexto de uma proposta de ensino intercultural indígena em instituição de nível superior, que deve possibilitar o diálogo entre os saberes populares e científicos, visando sempre a construção de novos saberes comprometidos com as realidades desses povos. Quando há a integração dos saberes populares com os científicos, percebo uma construção educativa que favorece o fortalecimento do diálogo entre os conteúdos de língua portuguesa, os outros conteúdos da formação da licenciatura intercultural e as realidades dos estudantes índios, unindo, dessa maneira, as dimensões sociais e acadêmicas em torno de uma educação com respeito à diversidade. A metodologia da alternância tem assumido um papel importante nessa relação educativa, pois tem possibilitado o diálogo entre o saberes construídos na universidade e os saberes aplicados nas aldeias. Sem esse diálogo, muitos dos conteúdos ministrados caem no vazio da não-relação entre esses saberes. Por esta razão, o ensino de língua portuguesa em cursos interculturais deve se preocupar, sempre, em buscar respostas para duas perguntas básicas: *A quem se destina o ensino de língua portuguesa em um curso intercultural?* e *Quais são os seus objetivos sociais e acadêmicos?* Sem essas respostas, pode-se tornar árdua a tarefa do ensino de língua portuguesa intercultural, com características específicas que valorizem os saberes indígenas e os saberes acadêmicos, satisfazendo às necessidades de ensino e aprendizagem que são exigidas por ambas as partes.

ATITUDES LINGUÍSTICAS E REPRESENTAÇÃO SOCIAL: ELEMENTOS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA
Stella Telles (NEI/PPGL/UFPE, CNPq)
Zilma Henrique Melgueiro (Fundação Carlos Chagas, NEI/PPGL/UFPE)

A exteriorização de concepções e ideias podem ser consideradas como projeções das crenças que um indivíduo ou uma sociedade constitui ao longo de sua história. As concepções são codificadas e largamente manifestas através das línguas particulares. As atitudes linguísticas, por sua vez, são expressões concretizadas e refletem a projeção de si e a concepção do outro no processo de alteridade presente na representação social que se desenvolve em meio às relações estabelecidas na sociedade. Quando esse processo se dá entre vários indivíduos ou entre vários grupos de indivíduos que não compartilham de uma mesma matriz cultural mas que convivem em um mesmo espaço social, o resultado poderá ser um quadro complexo que envolve a negociação de direitos e fronteiras culturais entre os membros da sociedade, assim como entre as diversas instituições que a constituem. Um quadro como esse pode ser encontrado na realidade multiétnica que caracteriza a cidade de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. No entendimento de Meliá (1999), é necessário se compreender qual a alteridade projetada pelos diferentes grupos indígenas, considerando-se que essa se confunde com a construção do ideal do grupo, bem como com a constituição da própria pessoa. Este trabalho trata de aspectos que referem a representação social observada em atitudes linguísticas de jovens índios diante de sua auto-identificação étnica e reflete tais aspectos em face da realidade local da educação escolar indígena.

MESA-REDONDA 19. ESCRITA, ENSINO E SINGULARIDADE

Os trabalhos reunidos nesta mesa-redonda tomam a escrita e o processo de escritura a partir do quadro teórico da Linguística Enunciativa (BENVENISTE, 1970). Flores (2011) desenvolve "uma análise da enunciação escrita como forma complexa dos discursos"; Endruweit (2011) estuda os movimentos de supressão, de inserção e de substituição na negociação do sujeito com o interlocutor e com a língua"; e, Calil (2011) descreve as "relações associativas" manifestas no processo escritural de poemas por alunos recém-alfabetizados.

SOBRE O QUADRO FORMAL DE REALIZAÇÃO DA ENUNCIAÇÃO ESCRITA
Valdir do Nascimento Flores (UFRGS/CNPq)

Émile Benveniste, no texto *O aparelho formal da enunciação*, publicado em 1970, apresenta o quadro formal da enunciação após considerar os diferentes aspectos a partir dos quais ela admite ser abordada. A enunciação é entendida como *um grande processo* que pode ser visto quanto ao aspecto vocal – "O mais imediatamente perceptível e o mais direto (...) é a realização vocal da língua." (PLG II, p. 82) –; ao aspecto da semantização – "O mecanismo desta produção é um outro aspecto maior do mesmo problema. A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação (...)" (PLG II, p. 83) –; finalmente, quanto ao quadro formal de realização –"pode-se, enfim, considerar uma outra abordagem, que consistiria em definir a enunciação no quadro formal de sua realização." (PLG II, p. 83). No final desse mesmo texto, encontra-se uma observação programática do autor segundo a qual *seria preciso distinguir a enunciação falada da enunciação escrita*. Tal distinção encontraria abrigo na análise de *formas complexas do discurso*, o que poderia ser feito *a partir do quadro formal esboçado* no texto. Com base nessas indicações de Benveniste – o estudo enunciativo das *formas complexas do discurso* e a distinção entre *enunciação falada e enunciação escrita* - este trabalho busca responder duas questões de pesquisa: qual a especificidade da enunciação escrita? Como essa especificidade pode ser tomada no quadro formal esboçado por Benveniste em *O aparelho formal da enunciação*? Acredita-se que a escrita, entendida como uma das *formas complexas do discurso*, tem estatuto próprio na enunciação: o quadro formal de realização da escrita – o ato, a situação, os instrumentos – é-lhe muito específico, em especial, com relação às categorias ligadas à temporalidade. Busca-se, enfim, esboçar uma análise da enunciação escrita como forma complexa do discurso.

A ESCRITA E OS RASTROS DE SUBJETIVIDADE
Magali Lopes Endruweit (UFRGS)

Este trabalho trata da escrita como um acontecimento enunciativo, sendo, portanto, como toda enunciação, cada vez única, irrepetível e singular, manifesta a cada vez que alguém diz "eu" a um "tu" em relação a "ele". Decorrente desse entendimento, os movimentos feitos pelo sujeito durante o processo da escrita apenas poderão ser observados se tomados como rastros. O que se pode acompanhar é a história de cada escrita materializada no rascunho e na versão final de um texto, tomado como possibilidade de descortinar a negociação do sujeito com o interlocutor e com a língua, capturada através de três movimentos: *supressão, inserção e substituição*. O referencial teórico mobilizado é o da linguística da enunciação na versão de Émile Benveniste (1989, 1991), tendo como unidade de análise o enunciado, ou seja, a delimitação do que pode ser considerado um enunciado se dará tendo em vista o "recorte enunciativo", cuja extensão sendo variável, pode ser composto por uma palavra, uma frase, um parágrafo ou todo o texto.

ESCRITURA EM SALA DE AULA: SÉRIES ASSOCIATIVAS NA GERAÇÃO DO TEXTO
Eduardo Calil de Oliveira (UFAL/PPGE/PPGLL/L'ÂME/CNPq)

A língua é um sistema de valor, dizia Saussure (1989). O valor de uma palavra não será jamais determinado senão pelo concurso de termos coexistentes que o limitam. Os "termos coexistentes" devendo ser levados em conta tanto pelas relações horizontais (associações sintagmáticas, *in praesentia*), quanto pelas relações verticais (associações associativas, *in absentia*). Partindo desta asserção e destacando a noção "relação associativa", mas tomando como objeto de estudo o processo de escritura em ato, isto é, o ato enunciativo efetivado no momento em que se está escrevendo, este estudo discute o surgimento de associações que irão gerar o texto. Consideramos esta noção segundo a releitura feita por Suenaga (2005) ao propor 3 tipos de associação: "associação por significante e significado", "associação por significado" e "associação por significante". Nosso corpus é composto por 11 filmagens de propostas de produção de poemas criados entre os anos de 2004 e 2005 por alunos recém alfabetizados. A escola localiza-se na periferia da cidade de Maceió e os alunos atendidos eram filhos de pais com baixa escolaridade e parcos recursos econômicos. As propostas estavam vinculadas ao projeto didático "Poema de Cada Dia" (Calil, 2001), os alunos trabalhavam em díades e o professor solicitava-lhes a combinação e criação de um poema. As filmagens foram transcritas com o software ELAN (*EudicoLinguisticAnnotator*) e elegemos como categoria de análise o surgimento de termos que gerassem a associação com outros termos e interferissem no surgimento de ideias e na criação de versos. Nossos resultados indicam que a geração de ideias e a configuração do manuscrito estão relacionadas tanto à singularidade das relações associativas produzidas oralmente (enunciação oral), quanto às restrições impostas pelas propriedades estruturais do gênero (enunciação escrita) em tela. Estes resultados confirmam a hipótese com a qual estamos trabalhando (Calil, 2010): dado que a estruturação subjetiva do sujeito falante se constitui por aquilo que Dufour (2000) nomeou como "trindade natural da língua" (eu-tu/ele-~~ele~~), o "ele" do processo de escritura destes alunos se explica não só pela instanciação do valor entre um elemento e outro posto em destaque no ato enunciativo; nos processos de escritura analisados, os tipos de associações se articulam em "séries associativas" envolvendo, simultaneamente, o acaso, o dialogismo, o que é recuperado da memória dos escreventes e o que é efetivamente grafado. Deste modo, o processo criativo e escritural é gerado não só pelo concurso de termos coexistentes que limitam o valor, mas também por memórias de diferentes ordens (cognitiva, visual, auditiva, etc.), sendo alinhadas na cadeia sintagmática e articuladas semanticamente (ou não) a uma unidade maior que é o texto, o manuscrito entregue ao professor.

MESA-REDONDA 20. ENSINO DE SEMÂNTICA

FAZ SENTIDO FALAR SOBRE SENTIDO (LINGUÍSTICO) NA ESCOLA?
Roberta Pires de Oliveira (UFSC/CNPq)

Faz muito sentido! Refletir, nas escolas (abstratamente, porque a proposta que faremos é passível de ser aplicado em diferentes níveis de escolaridade. Cabe ao professor, juntamente com a equipe de outros professores, propor caminhos que permitam que a conversa seja estabelecida), sobre o que é o sentido nas línguas naturais é pelo menos inovador e pode criar conversas novas, abrir outros espaços para o professor de português. Minha reflexão vê a semântica, o estudo sobre o significado, como um componente da gramática. Há aqui uma harmonia com as pesquisas em sintaxe, em particular aquelas que se ancoram no modelo gerativo, mas nada impede do componente central da gramática ser a semântica. Nosso ponto de vista é que falar uma língua natural, algo que caracteriza o ser humano – somos animais, e falar é sem dúvida alguma uma vantagem evolutiva, nos termos darwinistas – é passível de ser explicado por uma capacidade infinita de gerar e interpretar significados.

Mostrar que as línguas naturais geram infinitos interpretáveis é algo que podemos fazer olhando qualquer língua ou variedade. Nessa perspectiva, uma língua natural qualquer – o português brasileiro vernacular, nos termos de Ataliba (2010) – é um cálculo. Nosso objeto de reflexão é esse português brasileiro vernacular (PB), que ainda está fora da escola. Trata-se aqui obviamente de uma escolha política. Esse é o meu dialeto e dele eu sou dona!

Construir uma teoria sobre o PB não é ditar regras de fala ou escrita, mas ensinar a construir hipóteses que podem ser verificadas. Nesses momentos, as aulas de português são "meta"-aulas, aulas em que o aluno reflete sobre como se constrói uma teoria sobre um fenômeno qualquer. Pretendo, nesta fala, mostrar como fazemos isso, refletindo sobre a sentença em (1):

(1) Professor ganha muito pouco (no Brasil hoje em dia).

Essa sentença constitui uma marca do português brasileiro, porque ela não ocorre nas outras línguas românicas da atualidade. A estrutura diferente é chamada de Singular Nu, trata-se de um sintagma nominal, em posição argumental, sem marcação de número e sem nenhum determinante ou quantificador aparente. O nominal sozinho, solitário, nu. Há muito a ser explorado sobre essa estrutura, inclusive, como dissemos a sua história. Nesse ensaio vamos mostrar o que essa estrutura significa e que ela não diz o mesmo que outros tipos de sintagma nominal. (1) não têm a mesma interpretação que:
(2) Um professor ganha muito pouco.
(3) Todos os professores ganham muito pouco.
(4) Qualquer professor ganha muito pouco.
(5) Professores ganham muito pouco.
(6) O professor ganha muito pouco.
Diferenças que também aparecem na posição de objeto. Sinta a contribuição do SN nas sentenças abaixo:
(7) a. João comeu bolo.
b. João comeu um bolo.
c. João comeu o bolo.
d. João comeu bolos.
e. João comeu todos os bolos (da geladeira)
Ao olhar para a língua como um objeto de estudo e fazer hipóteses sobre ela, podemos, a um só tempo, notar a capacidade, absolutamente incrível, que é falar uma língua humana, sua complexidade estonteante, e participar do método científico aplicando-o a um objeto muitas vezes tão desprezado. A minha língua, aquela que falei na infância, com a qual tive um contato umbilical e que conheço melhor que ninguém, essa língua, eu não vi na escola. Ao contrário, na escola eu não sabia falar! Mas talvez os tempos sejam outros...

MESA-REDONDA 21. LINGUAGEM, COGNIÇÃO E ENSINO

SIMULAÇÃO MENTAL E COMPREENSÃO DA LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LEITURA

Paulo Henrique Duque (UFRN)

Como ouvintes/leitores extraem sentido das expressões que ouvem/lêem? Uma perspectiva que vem ganhando impulso nos últimos anos é a hipótese de que a compreensão envolve a ativação de simulações perceptuais e motoras das cenas descritas. Vários experimentos (BARSALOU, 1999, STANFIELD, ZWAAN, 2001, ZWAAN *et al*., 2002, RICHARDSON *et al*., 2003, BERGEN *et al*., 2003, NARAYANAN *et al*., 2004, BERGEN *et al*., 2004) evidenciam que tais simulações mentais envolvem a ativação e o acionamento de determinadas áreas perceptivas e motoras do cérebro que interagem com a percepção e o controle motor reais. Este trabalho visa recuperar o que essas pesquisas têm evidenciado acerca do papel da simulação mental nas pesquisas sobre compreensão. Para isso, durante a apresentação, realizaremos algumas reflexões sobre como ouvintes/leitores acessam e representam entidades, eventos e categoriasa que os elementos linguísticos se referem; qual o papel da gramática na compreensão; como elementos "contextuais" participam das simulações mentais; como ouvintes/leitores fazem previsões e criam expectativas durante o cursode um enunciado; por que é possível coexistirem múltiplas interpretações de um mesmo enunciado e; de que maneira os ouvintes/leitores lidam com a linguagem figurativa.

CATEGORIZAÇÃO: O TRABALHO DA COGNIÇÃO CORPORIFICADA NOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO E ORDENAÇÃO DA REALIDADE

Marcos Antonio Costa (UFRN)

Através de quais mecanismos somos capazes de agrupar entidades distintas em uma mesma categoria, tratando-as como equivalentes? Embora algumas respostas para essa pergunta ainda se mostrem fortemente marcadas pela tradição filosófica que remonta à filosofia na Antiguidade clássica, nomeadamente às ideias de Platão e de Aristóteles, a contribuição das várias ciências cognitivas tem revelado, nas últimas décadas, diferentes e importantes perspectivas quanto à categorização. No que tange à abordagem cognitiva contemporânea no interior dos estudos da linguagem, estudos diversos tem demonstrado que não existe uma faculdade autônoma da razão desvinculada de nossas capacidades sensório-motoras e que, portanto, a categorização não pode ser tomada como produto do raciocínio consciente, mas como resultante de nossa interação com o meio ambiente com base em nossos corpos e nossas mentes. De acordo com o conceito de mente corporificada (*embodiedmind*), a atividade cognitiva está diretamente associada à estrutura do nosso corpo, bem como às nossas restrições de movimento no espaço. Assim sendo, a captação dos dados da experiência é determinante para a construção da significação referente ao nosso entorno biopsicossocial. A categorização, portanto, não resulta da relação de causa e efeito entre processos cognitivos e propriedades linguísticas, uma vez que as expressões linguísticas não retratam diretamente os objetos, eventos e situações concretos ou imaginários. No lugar dessa perspectiva essencialista, tornam-se prioridades as complexas redes de conhecimento que se organizam e que se estabilizam, embora que provisoriamente, na forma de estruturas cognitivas que são, simultaneamente, modelos socioculturais por nós evocados durante situações concretas de uso da língua. Tais estruturas funcionam como padrões recorrentes, estrategicamente regulando as atividades de ordenação de nossas experiências. Pretendemos, neste trabalho, discutir o conceito de categorização a partir do enfoque da "corporalidade" de acordo com o qual o aspecto semiológico da linguagem decorre, sobremaneira, do acoplamento entre nossa constituição biológica e nossas experiências no mundo, que resulta em estruturas de conhecimento organizadas na forma de domínios cognitivos.

A COGNIÇÃO ESTENDIDA E A PESQUISA EM ENSINO
Ana Flávia L. M. Gerhardt (UFRJ)

Os estudos em cognição em perspectiva não autonomista, desde os trabalhos experiencialistas pioneiros de UlricNeisser, legitimados na Linguística Cognitiva pelos achados seminais de George Lakoff e Mark Johnson, têm advogado por um entendimento da cognição humana como sendo necessariamente corporificada e identificada por padrões abstraídos de todas as experiências e aprendizados multiepistêmicos que o ser humano assimila durante sua vida. Não obstante, o sentido da corporificação encaminhado nesses trabalhos e em outros que posteriormente ampliaram o campo não permite a problematização da construção do significado em contextos reais, mais ou menos institucionalizados, no sentido de que esse contextos são constitutivos não apenas do significado, mas da construção das nossas identidades imersas nessa processualidade): "A mente (…) tem um aspecto material *no mundo (*que é frequentemente negligenciado) *e não apenas no cérebro*" (Sinha, 2009).

Nesse sentido, quando se busca compreender e enquadrar os estudos em cognição para um questionamento relevante do ensino, em particular o ensino de lingual materna, faz-se necessário um aparato teórico que fundamente a percepção das semioses num lócus altamente institucionalizado, como é a escola. A nosso ver, neste momento, o que há de mais interessante para estudos dessa natureza encontram-se nas postulações de uma mente estendida, com base em estudos da Biologia Evolutiva que favorecem o reconhecimento de que o entorno ecológico *lato sensu*, com seus artefatos materiais e simbólicos, nos constroem e constituem como espécie. Levando em conta tal premissa, uma investigação fidedigna da cognição pode basear-se na perscrutação dos processos de integração conceptual relacionados à pessoa cognizando num ambiente específico, com objetivos específicos, e interagindo com seus co-partícipes mediante tais especificidades.

A apresentação pretendida para o ECLAE-UFRN parte das ideias dispostas acima, enumerando, ainda que brevemente, os conceitos relevantes para a discussão da construção de significados em ambientes de ensino: em primeiro lugar, a intersubjetividade no seu sentido ontológico (Crossley, 1996; Quincey, 1999), que abre caminhos para um entendimento da pessoa levando em conta as premissas básicas dos estudos em cognição estendida. O relacionamento constitutivo, dinâmico e estrutural entre pessoa e ambiente (Sinha, 1999; Sinha2000; Clancyetal, 2006; Rohrer, 2007; Zlatevet al, 2008; Sinhaand Rodriguez, 2008; Itkonen, 2008; Tomasello, 2009; Chemero, 2009. O significado compreendido de acordo com as práticas discursivas situadas onde é produzido – "o contexto é criado" (Walkerdine, 1990, p.12). O caráter situado da conceptualização (*vs* conceitos descolados/não descolados da realidade imediata), que leva à refocalização dos conceitos para a pessoa. A construção do significado como partilhado e normatizado (= regularidades funcionais) - "quem está em posição, e está permitido e autorizado para dizer o quê a quem e com que efeitos" (Walkerdine, 1990, p. 12). Todas essas condições estão articuladas aos processos cognitivos realizados pelas pessoas.

A consideração de tais construtos abre caminhos para a observação da sala de aula, lócus central na pesquisa em ensino, como um nicho cognitivo, que por sua vez é uma unidade de análise ótima para estudos em cognição estendida, pelo fato de ser "uma estrutura negociada, ordenada e estruturada espácio-temporalmente para o relacionamento entre organismo e habitat, onde os comportamentos são uma parte transformativa do ambiente para o qual elas estão adaptadas" (Sinha, 1988, p. 131). Vista como nicho cognitivo, a sala de aula é um universo delimitado onde as pessoas, através de suas ações cognitivas, estão sendo afetadas pela sua organização estrutural, e ao mesmo tempo constroem (=agem significativamente sobre) os artefatos simbólicos e materiais propostos pelo professor e pelo material didático, transformando-os em coisas que elas podem compreender, usar, da forma como lhes convém.

Em última instância, como contribuição para a pesquisa em ensino, acreditamos que os estudos em cognição estendida podem mostrar que, diferentemente do que têm defendido os parâmetros curriculares nacionais brasileiros para o ensino de língua materna, o grande gatilho do processo pedagógico não está no conteúdo a ser ministrado, mas sim nos comprometimentos normativos conjuntos da sala de aula (num sentido estrito), e da instituição educacional (num sentido lato). Tais comprometimentos estão relacionados à construção do significado e ao tratamento dado aos artefatos materiais e simbólicos na sala de aula.

MESA-REDONDA 22. ENSINO DA LEITURA NA CONTEMPORANEIDADE

QUE PAÍS É ESSE? A CONTEMPORANEIDADE E A NÃO-LEITURA NA NÃO-LÍNGUA PORTUGUESA
Claudia Riolfi (USP)

Somos, hoje, 81,3 milhões de internautas em um país onde 16.295 milhões de pessoas maiores de 15 anos são incapazes de ler e escrever um bilhete simples (13,6% da população). Somos a sétima maior economia do mundo, com produto interno bruto próximo de 2,5 trilhões de dólares e, aqui, apenas um adulto alfabetizado em cada três lê livros. Quando se trata de leitura espontânea, somos os 27º em um ranking de 30 países, apresentando uma taxa de leitura que configura menos da metade do que se lê nos EUA ou na Europa. Agora, os turistas brasileiros batem um recorde histórico de gastos no exterior enquanto 55% de nossas crianças brasileiras da 4ª série do Ensino Fundamental apresentam níveis **crítico** e **muito crítico** em relação ao desempenho em Língua Portuguesa. Que país é esse? O que estão fazendo as legiões rurais e urbanas de professores quando se dedicam a ensinar a língua pátria? Defendendo a necessidade de reler, com a psicanálise, as noções de código restrito e código elaborado, antes de terminarmos de vender as almas dos brasileiros num leilão, o trabalho interroga os motivos linguísticos, subjetivos e educacionais que geraram o paradoxo de um país que cresce sem que, de maneira lógica, aprofunde-se, também, a relação do falante como sua língua.

QUE LÍNGUA É ESSA!? SE PORTUGUÊS É ISSO AÍ, ENTÃO EU NÃO SEI PORTUGUÊS
Valdir Heitor Barzotto (USP)

Ler então, nem se fala! De que adianta ficar reafirmando que a gente não lê se nem na nossa língua os textos são escritos?! Como brasileiro obrigado a aceitar como língua materna uma vaga língua chamada de português, escrevo este trabalho para perguntar mais uma vez: se era pra mim ler, por que não escreveram na minha língua? Isso aí pra mim é grego! A resposta que encontro para essa pergunta está relacionada com a dificuldade do falante em aceitar o que tenho chamado de *língua materna postiça*. A partir de exemplos que mostram a resistência brasileira em aceitar a negação de nossa língua materna confrontados aos discursos que nos dizem quem nós somos e qual é nossa língua, teço considerações sobre a leitura que vai se consolidando em nossa brasilidade. Temos concluído que a formação do leitor, feita em uma situação de menosprezo da língua materna, abre espaço para que o aprendizado da leitura se dê por acréscimos de fragmentos de leituras de outrem. O resultado desse processo é que o domínio da leitura continua sendo muito parecido com o domínio reconhecidamente precário da *língua materna postiça*.

QUE ESCOLA É ESSA? NÃO TEM OBJETO DE ENSINO ONDE NÃO TENHA UM SUJEITO QUE ENSINE
Thomas Massao Fairchild (UFPA)

Dos anos 1960 para cá, o monopólio da gramática e do beletrismo foi ruidosamente superado, dando lugar a propostas baseadas no estudo científico da linguagem e a uma variedade de abordagens impensáveis até a primeira metade do século XX. Esses avanços, entretanto, não parecem ter deixado o trabalho do professor mais fácil, ainda que ele supostamente disponha de mais recursos para lidar com as situações vividas em sua prática. Pelo contrário, o que se tem percebido é uma dificuldade cada vez maior de se decidir se o que os alunos produziram, afinal de contas, está bom ou não. Essa dificuldade de avaliar é resultado, pelo menos em parte, do fato de que muitas das referências fixas em que o papel do professor de português se baseava foram desconstruídas, sem que nenhum modelo em particular as substituísse como parâmetro hegemônico. As conseqüências dessa posição relutante que o professor tem assumido são inúmeras. Vou discutir um pouco como isso pode afetar a formação de leitores, já que, sem aceitarem ou recusarem claramente as interpretações dos estudantes, muitos professores têm optado por abandonar o texto enquanto objeto trabalhável. No lugar de ler, fazem-se outras coisas – conversa-se sobre um assunto, opina-se livremente, responde-se a perguntas, apontam-se características de um gênero, grifam-se sequências descritivas e por aí vai. Partindo da idéia de que a dificuldade de posicionar-se frente à palavra do outro é um traço marcante de nossos tempos, vou defender a proposta de que o ensino de língua materna, mais do que qualquer outra disciplina, precisa trabalhar no registro da *enunciação* para recompor as referências que não estão mais disponíveis nos enunciados que circulam na cultura – como, em outros tempos, teria sido fácil avaliar a interpretação de uma obra recorrendo-se a uma relação de características da escola literária. Isto implica que o professor de língua portuguesa não pode contar com um objeto de ensino dado de antemão, mas precisa produzi-lo no ato de responder às palavras que são dirigidas pelos estudantes.

MESA-REDONDA 23. PRÁTICAS DISCURSIVAS DA IMPRENSA BRASILEIRA: UM OLHAR DIACRÔNICO NA SALA DE AULA

A IMAGEM DA MULHER NA IMPRENSA PAULISTA DO SÉCULO XIX
Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade (USP)

Fazer sua própria história por meio da escrita esse é o objetivo da mulher paulista do final do século XIX. É nessa época que, tanto na Europa quanto nas Américas, um grande número de mulheres começa a escrever e publicar. Entretanto, para conseguir esse feito as mulheres precisaram, primeiramente, ter acesso à palavra escrita. Nessa perspectiva, segundo Telles (2008: 403), a mulher - que era vista como a auxiliar do homem, a educadora dos filhos ou o anjo do lar - necessitava ter condições de continuar sendo a reprodutora da espécie e de sua nutrição, mas precisava marcar seu espaço e para isso era preciso lidar com a palavra escrita: Este estudo traz uma reflexão da história das mulheres na sociedade paulista do final do século XIX e como eram representadas nas cartas da editora. A percepção desta representação realiza-se através da análise de textos divulgados na revista A Mensageira, observando as normas de civilidade que instituía a comunidade da época, especificamente, a vida das mulheres. Percebemos pelas análises propostas a posição que as mulheres ocupavam na família e na sociedade brasileira, nesse final de século. As análises estão relacionadas a seis cartas da editora, querevelam um espaço em que a editora escrevia para as leitoras, estabelecendo um diálogo entre amigas ou confidentes, com o intuito de esclarecer qual o papel da mulher na sociedade paulistana, e como deveria ser o comportamento feminino. A partir dessas cartas resgataremos os discursos que fundamentam e prescrevem o sentir, o fazer e o saber do sujeito mulher do final do século XIX, na sociedade paulista e determinam suas formas de ser no desempenho de diferentes papéis, seja como esposa, como dona de casa ou mãe , e como mulher que agora tem um profissão e se projeta na sociedade por desempenhar mais essa função. Para construir um perfil da enunciadora (ethos) e como ela deseja transformar sua enunciatária (as leitoras), consideramos não apenas as escolhas lexicais e as implicações sociais e ideológicas, mas também o contexto sociocultural em que o texto se instaura. Cabe apontar que a noção de ethos é empregada na perspectiva de Maingueneau (2006), que trabalha a instância subjetiva como "voz" e "corpo" enunciante, historicamente especificado e inscrito em uma situação discursiva. Importa observar também as relações de poder que a enunciadora exerce sobre as leitoras e como esse gênero textual, a carta da editora, forma e propaga um conceito de comportamento social feminino que perpassa toda a revista, trabalhando como a linguagem empregada constitui uma estratégia de persuasão que le-

gitima os padrões ideológicos existentes em nossa sociedade no século XIX. Em síntese, busca-se caracterizar a carta da editora como uma Tradição Discursiva, descrevendo seus elementos constitutivos, as marcas de envolvimento presentes em tais textos e sua função social, tendo em vista as relações sociais estabelecidas no século XIX, a importância da solidariedade em relação à comunidade feminina para a qual a revista se dirige.

PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA E DE ESCRITA N'O CARAPUCEIRO DO SÉCULO XIX
Valéria Severina Gomes (UFRPE)

Mesmo com as contribuições de linguistas brasileiros que se ocuparam e se ocupam com o estudo diacrônico do português brasileiro, analisando a língua e os gêneros discursivos de épocas passadas, ainda há uma lacuna significativa entre as pesquisas de cunho sócio-histórico e a transposição para o ensino da língua(gem). Em meio a essa discussão, emergem alguns questionamentos, que têm sido levados para alguns espaços de debate, concernentes às contribuições que as pesquisas sócio-históricas podem trazer para o desenvolvimento da competência comunicativa. Essas questões talvez não obtenham respostas nos limites desta comunicação, mas servirão para incitar outras discussões: Qual o espaço para a inserção dos estudos sócio-históricos da língua(gem) nos livros didáticos? A formação na graduação ou a formação contínua dos professores tem contribuído para que eles utilizem as informações históricas sobre a língua e sobre os textos/discursos em suas práticas na sala de aula? Como, por que e para que o professor pode inserir, em suas ações didáticas, componentes sócio-históricos que auxiliem o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos?Partindo dessa questão, o objetivo deste artigo é analisar as práticas sociais de leitura e escrita no jornal O Carapuceiro do século XIX e contribuir com os trabalhos que buscam formas de aproximação processual e dinâmica entre os estudos diacrônicos e sincrônicos voltados para o ensino. Este estudo foi organizado em duas partes: na primeira, será discutida a reconstrução da *performance* d'*OCarapuceiro* no contexto da imprensa do século XIX e na segunda são abordados os gêneros que estão na composição do jornal, verificando a pertinência aos propósitos do jornal e analisando elementos linguístico-discursivos.

A TRANSMUTAÇÃO DOS GÊNEROS: UM ESTUDO COM EDITORIAIS DE JORNAL
Aurea Zavam (UFC)

Quando se refere à estabilidade relativa dos enunciados, Bakhtin (2000 [1979]) acena para a possibilidade de os gêneros serem passíveis de reelaboração, uma vez que suas formas são mais maleáveis e livres que as formas da língua, mais padronizadas, condicionadas a leis normativas. As transformações pelas quais passam os gêneros receberam atenção de Bakhtin (2000[1979], 2005[1963]) e continuam a mover o interesse dos que se debruçam sobre o fenômeno da transmutação, como Araújo (2006), Lima-Neto (2009) e Costa (2010). Com base nas categorias da transmutação que desenvolvi em minha tese de doutoramento (ZAVAM, 2009) e no conceito de reelaboração, proposto por Costa (2010), analiso, neste trabalho, a recorrência de elementos (entendidos como tradições discursivas) de outros gêneros do jornalismo impresso, como abertura e olho, prototípicos da entrevista e reportagem, respectivamente, em editoriais do jornal, com o objetivo de investigar a transmutação em gêneros mais rígidos. Os achados revelam a quebra da rigidez estrutural desse gênero do discurso, reconhecido por se apresentar constituído de um texto inteiro sem outros elementos a interromper-lhe o "fio do texto". A análise nos leva ainda a crer que esse recurso tem sido usado para imprimir uma configuração própria ao editorial de alguns jornais do País e, ao que tudo indica, tem sido revalidado pelos redatores, assim como pelo seu auditório social, que parece não contestar tal inovação. Poderíamos estar, assim, diante da incorporação de tradições discursivas de outros gêneros pelo editorial.

MESA-REDONDA 24. LINGUÍSTICA DE TEXTO E ENSINO

(NÃO) ASSUNÇÃO DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E ENSINO
Maria das Graças Soares Rodrigues (UFRN)

O gerenciamento das vozes constitui um tema estudado por várias disciplinas, às vezes, em uma perspectiva interdisciplinar. Nesta direção, temos estudadoa (não) assunção da responsabilidade enunciativa em gêneros do discurso político, em gêneros do discurso acadêmico, em livros didáticos do Ensino Fundamental, subsidiando-nos na Linguística de Texto (ADAM, 2008a; 2008b; 2011a, 2011b) e na Linguística da Enunciação (RABATEL, 2008, 2009, 2010, 2011). Assim, nesta comunicação, propomo-nos a responder à questão: como livros didáticos de língua portuguesa tratam o tema? Para tanto, estabelecemos como objetivos analisar livros didáticos de língua portuguesa adotados no Município de Natal.

REFERENCIAÇÃO E ENSINO: TEXTO E LEITURA
Leonor Werneck dos Santos (UFRJ)

Como desdobramento do projeto de pesquisa "Abordagem textual no ensino de língua portuguesa: problemas e perspectivas", discutiremos a importância das estratégias de referenciação no ensino de língua portuguesa, numa perspectiva integrada das Práticas de Linguagem (cf. PCN) – leitura, análise linguística e produção textual. Focaremos nossa apresentação em dois objetivos principais: (1) demonstrar de que maneira os livros didáticos de português de Ensino Médio de língua portuguesa, publicados a partir de 2010 e aprovados no PNLD-EM/2012, estão trabalhando o conceito de referen-

ciação; (2) analisar algumas estratégias de referenciação, mostrando como podemos ajudar os alunos a compreenderem textos, identificando os efeitos de sentido das escolhas linguísticas no projeto de dizer. Partimos do aporte teórico da Linguística de Texto, especificamente Cavalcante *et al.* (2003, 2005, 2007), Koch (2003, 2008), Koch e Elias (2006, 2009) e Marcuschi (2002, 2008), dentre outros.

INTERTEXTUALIDADE E ENSINO
Mônica Magalhães Cavalcante(UFC)

A intertextualidade é um fenômeno estudado pela Linguística de Texto não apenas como algo constitutivo de toda e qualquer prática de linguagem (como o dialogismo e/ou a interdiscursividade), mas com uma estratégia pontual de textualização por meio da qual, em geral conscientemente, o enunciador convoca para seu texto outros textos previamente produzidos e de algum modo conhecidos, esperando que seu coenunciador reconheça essa interseção, a que chamamos de intertexto, e que reconstrua, assim, novos sentidos. Partimos de uma divisão maior dos tipos de intertextualidade, estabelecida por Genette (1982): de um lado, há tipos intertextuais que se relacionam por copresença; de outro, há os que se relacionam por derivação, esta, por sua vez, está subdividida em casos de transformação e de imitação. A essa orientação classificatória, acrescentamos algumas descrições propostas por Sant'Anna (1985), por Piègay-Gros (1996), por Marcuschi (2001) e por Koch, Bentes e Cavalcante (2007). Nosso objetivo, nesta apresentação, é ressaltar que, mais do que meramente levar o aluno a identificar possíveis relações intertextuais buscando classificá-las, é fundamental mostrar a que funções se presta cada recurso empregado, uma vez que o fato de recuperar-se o intertexto pode ser decisivo para a construção dos sentidos do texto.

PRODUÇÃO ESCRITA EM REDES SOCIAIS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Vanda Maria Elias (PUCSP)

As produções escritas nas redes sociais digitais vêm gerando discussões sobre o modo como os textos são constituídos em ambientes digitais, os recursos disponíveis à atividade do escritor/leitor, o imbricamento fala/escrita, a emergência de novas práticas comunicativas etc. Considerando que: i) a tela do computador constitui-se em um espaço de escrita que propicia uma particular compreensão tanto para o processo de escrita quanto para o processo de leitura (Bolter, 1991); ii) esse espaço de escrita alimenta a emergência de práticas comunicativas com características peculiares ao domínio em que emergem (Marcuschi, 2002; 2004; 2005); a Linguística Textual oferece ferramentas e recursos conceituais para a análise de textos cada vez mais complexos produzidos no contexto de uso das novas mídias sociais (Blühdorn e Andrade, 2009), analiso textos produzidos em redes sociais, a fim de responder às questões: o que os produtores dessa escrita nos revelam sobre a prática da produção escrita? Que desafios se apresentam para professores no tocante ao ensino da produção escrita em tempos de "cultura digital" (Costa, 2002)?

Resumos das Sessões de Comunicações Coordenadas

ÁREA TEMÁTICA 3: SINTAXE E ENSINO

SESSÃO 1
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE GRAMÁTICA: OS PRONOMES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Temos por objetivo, nesta sessão de comunicações coordenadas, discutir o ensino do sistema pronominal na Língua Portuguesa, a partir da análise de volumes da coleção didática de 6º a 9º anos do Ensino Fundamental, de autoria de Cereja e Magalhães (2009). Para dar suporte à análise, confrontaremos a proposta da Gramática Tradicional (GT) – mais especificamente aquela apresentada por Bechara (2009) e Cunha e Cyntra (2009) – aos resultados descritos em estudos linguísticos acerca do paradigma pronominal em português. Objetivamente, pretendemos: (i)contrapor o que dizem gramáticos tradicionais e linguistas sobre os padrões de colocação dos pronomes clíticos no português e analisar como o livro didático do 9º ano apresenta o ensino da norma-padrão e suas variantes, focalizando, em especial, o ensino da colocação pronominal no Português Brasileiro (PB);(ii)investigar o processo de variação/mudança envolvendo os pronomes pessoais na posição de sujeito (caso nominativo), quais sejam aqueles associados a 2ª pessoa do singular (tu/você), 1ª pessoa do plural (nós/a gente) e 2ª pessoa do plural (vós/vocês), comparando o paradigma exposto no livro didático de 6º ano, da coleção supracitada, com o paradigma em uso no PB; (iii) mostrar a posição do livro didático de 6º anoem relação aos paradigmas dos pronomes possessivos em português, ante o que diz a GT e os estudos linguísticos. A sessão toma por base os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, cujas investigações revelam a língua como uma instituição socialmente determinada e, por isso, sujeita a variações e mudanças, conforme as circunstantes heterogeneidades que a definem, uma vez que, como sistema, está em permanente e dinâmico movimento de constituição. De igual modo, nos apoiaremos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, cuja abordagem ratifica a concepção de língua como um sistema de regras variáveis.

O ENSINO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NO BRASIL: QUEBRANDO (PRE)CONCEITOS
Elisabeth Silva de Vieira Moura (Mestranda do PPgEL/UFRN) – coordenadora
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, este artigo tem por objetivo sistematizar algumas contribuições teóricas trazidas pelos estudos linguísticos atuais sobre o ensino da colocação pronominal no Português Brasileiro (PB). Mais especificamente, pretendo (i) contrapor o que dizem gramáticos tradicionais e linguistas sobre os padrões de colocação dos pronomes clíticos em português e (ii) analisar como o livro didático do 9º ano de Ensino Fundamental Português - Linguagens, de Cereja e Magalhães (2010) aborda o ensino da norma-padrão e suas variantes, focalizando, em especial, o ensino da colocação pronominal. Sobre os padrões de colocação dos pronomes clíticos no português, farei um estudo comparativo entre os gramáticos Carlos H. da Rocha Lima (2010), Evanildo Bechara (2003), Celso Pedro Luft (2002) e Celso F. da Cunha e Luís F. Lindley Cintra (2008), e os trabalhos de Martins (no prelo), Schei (2003), Perini (2010) e Castilho (2010). Considerando que o ensino, refletido no livro didático em análise, se volta a padrões bastante distintos daquele em uso no Brasil, buscarei apontar uma proposta mais adequada para o ensino desse aspecto gramatical na atualidade, visto que já há muitos estudos científicos e propostas de gramáticos do PB, nessa área, que ainda não chegaram às escolas. Assumimos, neste trabalho, que a aula de português não deva ser orientada por ações corretivas preconceituosas às formas não-padrão da língua. É fundamental a admissão das variedades utilizadas pelo aluno e uma descrição real da língua brasileira, inclusive de sua colocação pronominal, já que esse é um contexto de diferenciação significativa entre as variedades do Português Brasileiro e do Português Europeu.

PRONOMES PESSOAIS SUJEITOS E O ENSINO DE GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA
Kássia Kamilla de Moura(Mestranda do PPgEL/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

Temos por objetivo, neste trabalho, verificar e analisar o paradigma do sistema pronominal da língua portuguesa ensinado na educação básica, mediado pelo livro didático da coleção português linguagens, de Cereja e Magalhães (2009),

6º ano do ensino fundamental II. Partimos, pois, do princípio de que o livro didático, em geral, é o principal norte para os professores de Língua Portuguesa. É importante observar, nesse sentido, que a estruturação gramatical da maioria dos materiais didáticos se fundamenta na Gramática Tradicional (doravante, GT). No nosso trabalho, ressaltamos o processo de variação/mudança envolvendo os pronomes pessoais na posição de sujeito (caso nominativo), sejam eles: 2ª pessoa do singular (tu/ você), 1ª pessoa do plural (nós/a gente) e a 2ª pessoa do plural (vós/ vocês) e, comparamos o paradigma exposto no livro didático, que é o referido e adotado pela GT e confrontamos com os paradigmas em uso no Português Brasileiro (PB) tomando por base os estudos linguísticos de Lopes e Machado (2005); Rumeu (2008) e Lopes et al. (2009). Na sistematização deste estudo, pretendemos responder algumas questões, tais como: 1) Em decorrência da entrada de pronomes que se combinam com formas verbais de 3ª pessoa do singular é possível perceber o enfraquecimento do sistema de flexões verbais no PB? 2) Quanto à desinência verbal, houve alguma perda com a entrada dos novos pronomes você(s)/ a gente? Para isso, recorremos ao suporte teórico metodológico da sociolinguística variacionista, a qual postula que o sistema linguístico é heterogêneo e a variação é uma propriedade regular e inerente ao sistema. Tal teoria postula, ainda, que as comunidades de fala heterogêneas e falantes-ouvintes nunca se expressam da mesma maneira e todas as variedades são igualmente estruturadas sendo mais ou menos "adequadas" a determinadas situações comunicativas. É importante salientar que os Parâmetros Curriculares Nacionais reconhecem que a língua é heterogênea, historicamente situada, estando sujeita a variações e mudanças. E o trabalho pedagógico, nesse sentido, deve contemplar, de maneira articulada, os usos linguísticos (ouvir-falar, ler-escrever) e a reflexão sobre a língua, de modo que o uso da língua adequado aos propósitos comunicativos e às demandas sociais.

OS PRONOMES POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO SOBRE A ABORDAGEM DE GRAMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Marly Rocha Medeiros de Vargas (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um diagnóstico do ensino de Língua Portuguesa, no que diz respeito ao sistema pronominal possessivo em português. A análise teve como objeto o Livro Didático de Língua Portuguesa (LDP) do 6º ano do ensino fundamental, dos autores Cereja e Magalhães (2009), adotado em muitas escolas da Rede Municipal de Ensino de Natal/RN. Num primeiro momento, partimos do pressuposto de que a abordagem assumida pelo mencionado LDP refletisse os ideais expostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs), publicados na década de 1990, dentre os quais está o de uma concepção de língua condicionada e determinada histórica e culturalmente, e, portanto, sujeita a variações e mudanças, conforme as circunstantes heterogeneidades externas. O desenvolvimento deste trabalho pressupôs o levantamento das definições e paradigmas referentes aos pronomes possessivos, expostos nas Gramáticas Tradicionais (GTs) de Almeida (1977), de Bechara (2009) e de Cunha e Cintra (2009), bem como na abordagem do referido LDP. À luz da teoria sociolinguística variacionista, segundo Bortoni-Ricardo (2004; 2005), empreendeu-se, então, uma análise confrontual, sob uma ótica crítico-reflexiva, entre a proposta apresentada pelo LDP e os paradigmas apresentados pelos estudos linguísticos, no que diz respeito ao sistema dos pronomes possessivos em uso no Português Brasileiro, conforme, por exemplo, o estudo realizado por Lopes (2009). É importante destacar que assumimos uma concepção de Língua (e consequentemente de ensino de Língua materna), que advoga uma pedagogia sensível aos saberes linguísticos dos alunos, quais sejam os que configuram mudanças decorrentes das situações reais de uso. Aspectos. Os nossos resultados apontam, no entanto, que a abordagem do LDP reproduz o paradigma pronominal da GT, sem considerar os diferentes usos dos pronomes possessivos no português brasileiro (PB).

SESSÃO 2
CONTRIBUIÇÃO DA PESQUISA ACADÊMICA PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS

Esta sessão tem por objetivo reunir pesquisadores cuja preocupação está voltada para o ensino de Língua Portuguesa no âmbito escolar, reunindo estudos alicerçados na Sociolinguística Variacionista, os quais apresentam propostas que podem auxiliar o professor no processo de letramento do aluno. Sabe-se que, por razões de ordem sociocultural, a escola não poderia eximir-se de ensinar a norma oficial, haja vista as diversas situações em que esta é exigida. No entanto, na execução dessa tarefa, o professor de Língua Portuguesa deve ter consciência de que existe uma profunda diferença entre a língua prescrita pelas gramáticas e a língua que seus alunos trazem de casa. Nesse sentido, os trabalhos desta sessão debruçam-se sobre as estratégias comumente empregadas na escola para o ensino de sintaxe, a fim de avaliar até que ponto correspondem à realidade linguística dos alunos. Do mesmo modo, serão apresentadas propostas que não tratem o ensino a partir de uma concepção tradicional, mas que efetivamente proporcionem ao aluno a aprendizagem de estruturas sintáticas prestigiadas pela língua padrão.

CLÍTICOS ACUSATIVO E DATIVO NO ENSINO DE LÍNGUA PADRÃO
Gilson Costa Freire - coordenador

Há tempos diferentes estudos acerca da língua oral no português brasileiro vêm registrando a praticamente consumada perda dos clíticos acusativo e dativo na referência à terceira pessoa (cf. Omena, 1978; Duarte, 1986; Malvar, 1992; Gomes, 1999; Freire, 2000, entre outros). No que diz respeito à língua escrita, em Freire (2005), verifica-se que esses itens linguísticos

aparecem preferencialmente em contextos de maior letramento, entendido como um padrão de comunicação sistematizado pela tradição literária e altamente prestigiado nas camadas sociais letradas (cf. Bortoni, 2004), e ainda assim sob certas condições estruturais. Não obstante tais constatações sobre o português do Brasil, sabe-se que a escola se lança à tarefa de ensinar a chamada norma oficial, que prevê o uso de formas muitas vezes estranhas à fala corrente brasileira, entre as quais os referidos clíticos de terceira pessoa. Assim, o presente trabalho levanta uma discussão acerca das estratégias comumente usadas pelos livros didáticos no ensino dos clíticos acusativo e dativo, verificando a eficácia de tais estratégias a partir de redações de vestibular. De um modo geral, as redações analisadas apresentaram muitas irregularidades no emprego dessas formas linguísticas, o que põe em xeque as práticas de ensino da língua padrão propostas pelos livros didáticos, que são frequentemente reproduzidas na escola. Em vista disso, este trabalho pretende fazer uma ponte entre o conhecimento acadêmico e o trabalho do professor em sala de aula, oferecendo uma proposta ao ensino de língua portuguesa a partir de práticas inovadoras que efetivamente proporcionem ao aluno a aprendizagem do padrão de prestígio.

ENSINO DE SINTAXE: O ACUSATIVO ANAFÓRICO EM TEXTOS HUMORÍSTICOS
Ângela Marina Bravin dos Santos

Esta comunicação tem por objetivo apresentar estratégias didáticas para o ensino do acusativo anafórico (objeto direto) em textos humorísticos. Trata-se de propostas que resultaram das investigações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa ESAELP (Estudos Sociolinguísticos Aplicados ao Ensino de Língua Portuguesa), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). As pesquisas do grupo ESAELP mostraram que o apagamento do acusativo anafórico é um traço linguístico a favorecer o humor em piadas e charges. Os resultados obtidos serviram de base para o desenvolvimento das propostas didáticas que exploram exatamente a atuação dessa categoria na construção do humor presente nessas organizações discursivas. A comunicação apresentará tais propostas.

ENSINO DE PORTUGUÊS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: CENTRADO NO PADRÃO REAL OU PADRÃO IDEAL?
Mayra Cristina Guimarães Averbug (ISERJ/FAETEC-RJ)

A Imprensa, o MEC, a Escola, em sintonia com as expectativas da sociedade em geral, trazem novamente à tona questionamentos sobre conteúdos e metodologia de Língua Portuguesa. Surgem críticas, inclusive severas, a respeito de "equívocos" em livros didáticos, assim como da enorme defasagem linguística do alunado. Na verdade, o ensino de português nas escolas brasileiras parece ignorar (ou ignora) resultados de variadas pesquisas das últimas décadas: de natureza sociolinguística, de base laboviana (Labov, 1972; Weinreich, Labov & Herzog, 1969, 2005; Guy & Zilles, 2007) ou paramétrica, (Tarallo & Kato, 1989); ou de base gerativista (Chomsky, 1981, 1986, 1999). São desconhecidas (ou relegadas) características prototípicas do Português Brasileiro (doravante PB), muitas predominantes na fala espontânea, algumas já incorporadas à escrita. Inúmeras variações e/ou mudanças que constituem a gramática brasileira são marcas do uso real no Brasil, não necessariamente as da gramática portuguesa (cf. Kato, 2005 e hipótese de Galves, 1997, 1998). É preciso: (a) primeiramente distinguir o "padrão real" do "padrão ideal", aquele prescrito pela norma portuguesa, prestigiado pela elite intelectual brasileira e, naturalmente, valorizado pela Escola; (b) tomar como base a análise de resultados em pesquisas, alicerçadas por dados reais, sobre fenômenos sintáticos presentes no PB, seja em sua aquisição natural, verificada na fala espontânea de crianças antes do letramento (Averbug, 2008), seja na língua escrita produzida por estudantes em ambiente escolar, do 1º ano de escolaridade à universidade (Averbug, 2000); (c) levantar interessantes casos de hipercorreção e "desvios", a fim de constatar dificuldades de processamento pelos alunos do padrão culto escrito; (d) discutir duas tendências possíveis de ensino de língua, "pedagogia centrada no código" de "pedagogia centrada no uso do código" (Gagné, 2006, 1980; Bagno, 2006, 2000). Cabe a professores e pesquisadores interessados na construção e execução de um projeto pedagógico consistente entrar em consonância com a atual realidade linguística brasileira.

SESSÃO 3
A EXPRESSÃO DO SUJEITO E DO OBJETO: ASPECTOS DA SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ENSINO DE GRAMÁTICA

Nosso principal objetivo, nesta sessão de comunicações coordenadas, é discutir a maneira como o ensino do sujeito e do objeto vem sendo abordado nas aulas de Língua Portuguesa do ensino básico. Trataremos, mais precisamente, sobre os seguintes fenômenos linguísticos associados à gramática do Português Brasileiro (PB): (1) o preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal que, segundo Duarte, está associado a um processo de mudança em curso no PB e teria sido provocado pela redução no paradigma flexional; (2) a duplicação ou redobro do sujeito, que é bastante muito comum no PB, especialmente na modalidade oral da língua, embora possa ser encontrada na escrita; e (3) a expressão do objeto nulo anafórico no PB que não parece ser um fenômeno prestigiado nas aulas de gramática do ensino básico. Para atingirmos nosso objetivo, observaremos tanto gramáticas tradicionais, tais com as de Bechara (2001) e de Cunha e Cyntra (2008), quanto livros didáticos dos ensinos fundamental e médio – Terra e Cavallete (2009) e Cereja e Magalhães (2005, 2009). Para a realização dos trabalhos expostos nesta sessão, baseamo-nos em estudos realizados por Duarte (1993, 1995), Braga (1987), Pontes (1987) e Cyrino (1997, 2000, no prelo). Mais especificamente, almejamos: (i) tomar como referência estudos já realizados e observar a ocorrência desses fenômenos linguísticos; (ii) observar como esses fenômenos são tratados nos livros didáticos e na Gramática Tradicional; e (iii) discutir uma proposta de ensino sobre os fenômenos em questão.

A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Aryonne da Silva Morais (CELE/UFRN) – coordenadora
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

Neste trabalho, abordaremos o processo de variação/mudança relacionado ao preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal no Português Brasileiro (PB), com o objetivo de observar de que maneira essa questão é tratada em livros didáticos dos ensinos fundamental e médio. Mais especificamente, teremos por objetivo: (i) tomar como referência estudos já realizados e sistematizar a ocorrência do preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal no PB; (ii) observar como esse fenômeno é tratado nos livros didáticos de Terra e Cavallete (2009) e Cereja e Magalhães (2005), respectivamente do 6º ano do fundamental e da 2ª série do médio; (iii) observar como essa questão é abordada pela Gramática Tradicional e (iv) trazer uma discussão sobre o ensino do sujeito gramatical nos bancos escolares. Para a realização deste trabalho, tomaremos como principal referência, os estudos realizados por Duarte (1993, 1995), segundo a qual a mudança linguística envolvendo o preenchimento do sujeito no PB está em curso e teria sido provocada pela redução no paradigma flexional na gramática dessa língua. Redução esta que estaria ocorrendo em virtude do uso generalizado dos pronomes você e a gente, que passaram a concorrer, respectivamente, com as formas de segunda pessoa do singular (tu) e de primeira pessoa do plural (nós), porém, associados a verbos sem a marca flexional distintiva.

O DUPLO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Rimylles Fabrício Alves da Silva (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

Este trabalho trata de um fenômeno linguístico conhecido como construções com duplo sujeito, ou redobro do sujeito, no Português Brasileiro (PB) e o modo como (ou se) tais construções são reconhecidas pelo ensino de gramática nos níveis fundamental e médio. A proposta é (i) fazer uma breve revisão da temática a partir da literatura linguística - como Pontes (1987), Braga (1987) e Duarte (2005); (ii) observar livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, mais especificamente a coleção "Português Linguagens", de Cereja e Magalhães (2009), e do Ensino Médio a coleção "Português Linguagens" (2005), dos mesmos autores. Serão observadas também as gramáticas de Bechara (2003), Cunha e Cintra (2008) e Castilho (2010) com a mesma intenção. As construções com duplo sujeito são muito comuns no PB, especialmente na modalidade oral da língua, embora possam ser encontradas na escrita. E, nesse sentido, estão presentes na fala e na escrita dos estudantes nos bancos escolares. Os objetivos deste trabalho são: (1) mostrar a ocorrência deste fenômeno no PB, como uma construção produtiva na língua; (2) verificar em que contextos linguísticos o sujeito pode ser duplicado, quais seriam as prováveis motivações linguísticas para tal; e (3) discutir essa questão no âmbito do ensino de gramática, especificamente o ensino de sintaxe no que diz respeito ao estudo do sujeito. Partindo desse confronto entre as posições da Gramática Tradicional e dos estudos linguísticos, é importante perceber se a duplicação do sujeito, de algum modo, é contemplada nos materiais didáticos analisados, ou seja, se essa questão vem sendo tratada pelos professores em sala de aula.

A EXPRESSÃO DO OBJETO ANAFÓRICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Fernanda Rafaela Lopes de Medeiros (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

Dentre as possibilidades de expressão do objeto anafórico em Português Brasileiro (PB), bem como em outras línguas, está aquela em que o objeto é retomado por um pronome nulo. E este é um fenômeno presente tanto na fala quanto na escrita. A possibilidade da não realização do objeto anafórico no PB, no entanto, não parece ser discutido nos bancos escolares. Sendo assim, este trabalho objetiva analisar tal fenômeno, destacando como os livros didáticos, em especial, a coleção de Cereja e Magalhães (2009), trazem esse assunto. Propõe-se, portanto, confrontar a visão da gramática tradicional (refletida nas gramáticas de Evanildo Bechara (2003) e Celso Cunha e Lindley Cintra (2008)) com estudos linguísticos como o de Cyrino (1997, 2000, no prelo), que observam um crescente aumento do objeto nulo no PB. Objetivamente, (i) verificaremos a expressão do objeto anafórico no PB, observando os contextos que favorecem ou não a ocorrência do objeto nulo ou preenchido (pronominal ou Sintagma Nominal); (ii) verificaremos como esse fenômeno é tratado no livro didático acima referido; para, então, (iii) fazermos uma discussão sobre tal assunto no âmbito do ensino de gramática, especificamente de sintaxe, no que diz respeito ao estudo dos complementos verbais nos ensinos fundamental e médio. Após consultarmos as GTs e os livros didáticos do ensino básico, faremos uma reflexão crítica sobre a (não) abordagem do fenômeno, do objeto nulo propriamente, nas aulas de língua portuguesa.

SESSÃO 4
ENSINO DE GRAMÁTICA COM BASE NO TEXTO

O ensino de língua portuguesa nos níveis fundamental e médio tem, muito frequentemente, tratado as questões gramaticais de modo artificial, ao privilegiar o estudo de palavras ou frases soltas, isoladas de seu contexto de uso ?isoladas do texto. Perde-se, assim, a oportunidade de levar os alunos a perceber que as relações gramaticais não se reduzem à palavra ou à frase e sim perpassam o texto como um todo. Os textos, muito além de meramente servirem para ilustrar modos de emprego de algum item ou categoria gramatical, representam em si o objeto mais adequado ao estudo da língua. É o trabalho com textos de gêneros variados que deve levar à análise de certos tópicos gramaticais, especialmente os que

mais importam para a compreensão e interpretação dos textos em questão e, em decorrência, para a ampliação da competência comunicativa dos alunos, meta principal do ensino de língua portuguesa. Quando o texto é o objeto de estudo, de qualquer tópico gramatical que tomemos como ponto de partida para a análise em sala de aula, podemos chegar a inúmeros outros, percorrendo uma trajetória de abordagem aos fatos gramaticais que faça sentido para os alunos, isto é, que represente uma experiência real com a língua e não uma situação artificialmente criada. Alinhando-nos a essa perspectiva, apresentamos, na sessão coordenada "Ensino de gramática com base no texto", sob uma ótica funcionalista, reflexões e proposições com o objetivo de fornecer subsídios para a construção de uma abordagem à gramática da língua portuguesa como uma prática cotidiana centrada no texto.

ESTRATÉGIAS FUNÇÃO > FORMA & FORMA > FUNÇÃO: SUGESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA COM BASE NO TEXTO
Maria Alice Tavares (UFRN) - coordenadora

De uma perspectiva funcionalista, apresentamos duas estratégias que podem ser adotadas pelos professores de língua portuguesa na orientação de seus alunos para o trabalho de análise linguística em sala de aula. A primeira dessas estratégias tem como ponto de partida a forma linguística. Nesse caso, os alunos analisam as diferentes funções desempenhadas por uma dada forma em textos de gêneros variados, orais e escritos, de diferentes graus de formalidade. A segunda estratégia tem como ponto de partida a função, caso em que os alunos analisam diferentes formas que possuem uma mesma função, também fundamentados em textos de gêneros variados. Com a finalidade de exemplificar ambas as estratégias, descrevemos procedimentos passíveis de ser seguidos para: (i) estudar a miríade de funções desempenhadas pela forma AÍ em âmbitos gramaticais como dêixis, anáfora e articulação textual; (ii) estudar uma função do âmbito da articulação textual, a indicação de consequência/conclusão, identificando as formas que a desempenham e seus contextos de uso prototípicos. Com base nos procedimentos sugeridos, concluímos que, quando o processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa acontece em uma situação em que o texto é o objeto de estudo, de qualquer aspecto gramatical – seja uma forma, seja uma função –que tomemos como ponto de partida para a atividade de análise linguística, podemos chegar a inúmeros outros, percorrendo uma trajetória de abordagem aos fatos gramaticais que faça sentido para os alunos, isto é, que represente uma experiência real com a língua e não uma situação artificialmente criada. Nessa ótica, o momento de estudar advérbios ou a coordenação entre orações não é determinado apenas pela ordenação dada aos capítulos de um livro didático ou uma gramática normativa, mas também porque alguém falou, ouviu, leu ou escreveu algo que trouxe à tona a necessidade dos alunos de aprofundar o conhecimento a respeito de certo tópico gramatical. Uma experiência com a língua leva à outra, e todas são válidas para que os alunos consigam ampliar suas gramáticas individuais de modo a torná-las cada vez mais heterogêneas, isto é, dotadas de uma multiplicidade de estratégias gramaticais que podem ser adaptadas às exigências de situações de comunicação variadas.

PERÍFRASE [IR/PEGAR/CHEGAR (E) V2] NA FALA E NA ESCRITA: SUGESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA COM BASE NO TEXTO
Josele Julião Laurentino(UFRN)
Laralis Nunes de Souza(UFRN)
Maria Alice Tavares(UFRN)

Guiadas pelo referencial teórico do funcionalismo linguístico, focalizamos a perífrase [V1 (E) V2], em que V2 é o verbo lexical principal e V1 é um verbo auxiliar que indica aspecto global, sinalizando que o evento denotado por V2 é um todo pontual, repentino e/ou surpreendente. O papel de V1 é comumente desempenhado por verbos como IR, PEGAR e CHEGAR, em construções como "Foi/Pegou/chegou e disse que discordava", "Foi/pegou/chegou e acreditou no amigo". Esse uso é frequente no português brasileiro contemporâneo, especialmente na fala, mas também aparece na escrita, em gêneros variados, como romances infanto-juvenis, entrevistas publicadas em jornais e revistas, histórias em quadrinhos, tirinhas, letras de música, blogs. Por predominar em textos marcados pela informalidade, a perífrase [V1 (E) V2], embora recorrente na vida cotidiana dos brasileiros, dificilmente é abordada na escola, que tende a se deter em textos de registros mais formais – isso quando textos são trabalhados, pois, não raro, os alunos defrontam-se mais com regras e nomenclaturas e muito pouco com atividades de leitura e produção textual. Face a essa situação, temos por objetivo fornecer sugestões para uma abordagem à perífrase [V1 (E) V2] na disciplina de língua portuguesa em escolas de nível fundamental e médio de ensino, defendendo que a análise de qualquer aspecto da gramática deve ser feita com base em textos de diferentes gêneros orais e escritos. Articulando os processos de leitura, produção textual e análise linguística para fornecer experiências ricas e variadas de emprego da perífrase sob enfoque, a escola contribuirá com o desenvolvido de habilidades para o uso da língua de forma autônoma, crítica e criativa, aprimorará a reflexão e a prática da língua oral e escrita e possibilitará a ampliação do universo linguístico do aluno.

CONECTORES SEQUENCIADORES EM ARTIGOS DE OPINIÃO: SUGESTÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA COM BASE NO TEXTO
Flávia Angélica de Amorim Andrade(UFRN)

Segundo o funcionalismo linguístico, a gramática é adquirida através da experiência do indivíduo com a língua em diferentes situações de interação, processo que tem início na infância, sofre maior sistematização no período escolar e perdura por toda vida. Nessa perspectiva, o professor de Língua Portuguesa dos níveis fundamental e médio de ensino tem o importante papel de orientar e incentivar seus alunos a passarem por experiências reais – e frequentes – com as várias faces da língua, criando estratégias para que eles tenham seu conhecimento gramatical expandido e tornem-se aptos a manejar os itens gramaticais com criatividade e eficiência nas mais variadas situações de interação. Para tanto, é necessário que o objeto de

estudo das aulas de Língua Portuguesa seja o texto (oral e escrito, formal e informal). É a partir do contato com os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade que os alunos aprendem a diferenciá-los e utilizá-los, o que inclui o domínio das propriedades gramaticais características de cada gênero. Neste trabalho, apresentamos e discutimos propostas que visam a contribuir para a abordagem, em sala de aula, de conectores sequenciadores, mecanismos gramaticais fundamentais para a coesão e a coerência textuais. Mais especificamente, tendo por base artigos de opinião produzidos em situação de vestibular, fornecemos sugestões de atividades que podem estimular os alunos a ampliar o leque de conectores sequenciadores que utilizam nesse gênero textual, bem como a adequar esses conectores a diferentes relações semântico-pragmáticas. Destacamos, ainda, atividades voltadas à divulgação de textos argumentativos elaborados pelos alunos através de redes sociais, *blogs* e *twitter*, como forma de valorizar e dar maior sentido à produção textual realizada na escola.

SESSÃO 5

ASPECTOS DA SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

Na presente sessão de comunicações coordenadas, temos como objetivo apresentar alguns aspectos da sintaxe do Português Brasileiro (PB), com o objetivo de fazer uma discussão sobre o ensino de gramática nos bancos escolares. Tendo em vista tal objetivo tentaremos explanar uma reflexão acerca da necessidade de (e como) ensinar construções associadas à gramática do PB. Baseados em estudos linguísticos recentes, pretendemos, mais especificamente: (i) mostrar como são tratadas as construções de tópico pelos estudos linguísticos, apresentando sua tipificação e características, tendo como referencial teórico as idéias de Pontes (1983), Mateus et all (2003), Araújo (2009) e Castilho (2010) para tecermos reflexões de como se deve aplicar e/ou ensinar as construções com tópico no ensino de gramática na escola; (ii) verificar se (e como) as construções clivadas, evidencialmente percebidas no falar e escrever do brasileiro, são trabalhadas nas gramáticas tradicionais (GTs) de Cintra e Cunha (2008) e Bechara (2009), bem como averiguar se (e como) essa construção é estudada nas salas de aula dos ensinos fundamental e médio, adotando, para tanto, como referencial teórico, os estudos linguísticos de Brito e Duarte (2004), Kato e Ribeiro (2006) e Ribeiro (2009); e (iii) observar, no ensino da gramática na escola, sua importância enquanto estudo imprescindível para o conhecimento produtivo da própria língua, tendo como caso exemplificador, a ser analisado, a realização sintática do sujeito indeterminado e do pronome indefinido na função de sujeito, tendo como norte as lições da Gramática Tradicional, observadas principalmente em Bechara (2009), contrapondo a concepção de gramática que perpassa pela linguística variacionista, pela sociolinguística, sob a égide de gramáticas do uso do Português Brasileiro, numa análise dos escritos de Castilho (2010), Kato e Nascimento (2009), Menon (2006), Vieira e Brandão (2008). Os procedimentos teórico-metodológicos dessa sessão têm como base os pressupostos da sociolingüística variacionista, uma ciência empírica que estuda a língua em uso para compreender a interação entre língua, cultura e sociedade, tendo em vista um estudo de reflexão linguística e não apenas de memorização de nomenclaturas ou regras gramaticais, pois temos a consciência de que os professores de língua portuguesa, sobretudo na sala de aula, não encontram suporte nos materiais utilizados para apresentar uma nova proposta no ambiente de ensino.

CONSTRUÇÕES DE TÓPICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Renato Kledson Ferreira (UFRN)–coordenador
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

O presente trabalho pretende mostrar se as construções de tópico (CT), bastante recorrentes no Português Brasileiro (PB), são abordadas na Gramática Tradicional (GT). E, se são trabalhadas, como a GT apresenta essas construções? Mostraremos como são tratadas as construções de tópico pelos estudos linguísticos, apresentando sua tipificação e características, tendo como referencial teórico as ideias de Pontes (1983), Mateus et all (2003), Araújo (2009) e Castilho (2010). No primeiro momento, daremos mais ênfase à classificação adotada por Mateus et all (2003): tópico pendente (TP), deslocação à esquerda de tópico pendente (DETP), deslocação à esquerda clítica (DEC), topicalização (TOP) e a topicalização selvagem (TOP´s). No PB, as construções de tópico aparecem com uma maior predominância na modalidade oral, em contextos informais, mas também ocorrem na modalidade escrita. O tópico ocupa necessariamente um lugar marcado na frase, devendo ser um sintagma nominal posto no início da oração, com o comentário vindo obrigatoriamente em seguida; ou seja, o tópico-comentário está ligado à questão da colocação do termo na sentença. Por fim, tentaremos tecer reflexões de como se deve aplicar e/ou ensinar as construções com tópico no ensino de gramática na escola. As GTs utilizadas são as de Bechara (2004) e de Cunha e Cintra (2008), as quais classificam as construções de tópico como figuras de sintaxe, mais especificamente de anacoluto. A proposta deste trabalho é, pois, trazer uma reflexão para o ensino dessas construções nas escolas de maneira que se faça um trabalho comparativo entre o uso da língua – em suas diferentes modalidades – e o que a GT prescreve, na sala de aula, propondo, assim, um estudo de reflexão linguística e não apenas de memorização de nomenclaturas ou regras gramaticais.

CONSTRUÇÕES CLIVADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA
Nara Juscely Minervino de Carvalho Marcelino(UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins(UFRN)

O presente trabalho tem como objetivo verificar se (e como) livros didáticos do Ensino Fundamental contemplam as construções clivadas – evidencialmente percebidas tanto no falar quanto no escrever do Português Brasileiro (PB) – em seus conteúdos, bem como fazer uma reflexão a cerca do estudo dessa temática nas Gramáticas Tradicionais (GT) de en-

sino. A saber, as construções clivadas se caracterizam pela presença de um termo focalizado entre um verbo copulativo e um complementizador, que encabeça uma oração relativa ou tipo-relativa. Tem-se como exemplo a assertiva "Foi João que não aceitou o convite", em que "João" é um foco exaustivo, já que entre tantas outras possíveis pessoas que pudessem "não ter aceitado o convite", "João" foi aquele que fez isso. "João" é, assim, o elemento focalizado/clivado, colocado entre o verbo copulativo ser e o complementizador "que". Segundo Perini (2009), a relação que se estabelece entre os termos que constituem uma estrutura clivada é complexa, contudo, é uma construção percebida com frequência tanto na escrita quanto na fala do brasileiro. Analisando mais especificamente os volumes dos 8º e 9ºs anos do Ensino Fundamental da coleção "Aventuras da Linguagem", organizada por Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009) e as GTs de Cintra e Cunha (2008) e Bechara (2009), percebemos que esses materiais abordam tal construção no capítulo destinado às figuras de Sintaxe, denominando-as "Expressões Expletivas ou de Realce". A nossa análise toma por embasamento os trabalhos linguísticos Brito e Duarte (2004), Kato e Ribeiro (2006) e Ribeiro (2009), que enfatizam as "construções clivadas" como um fenômeno intencional de focalização, em que o locutor tem finalidade de enfatizar um elemento, considerando, entre tantos, o caráter exaustivo, contrastivo ou de exclusividade. Dessa forma, a proposta do nosso trabalho é trazer uma sugestão de como as construções clivadas podem (e devem) ser trabalhadas nas salas de aula, partindo de conceitos pré-estabelecidos em livros didáticos e também nas Gramáticas Tradicionais e fundamentando esse estudo nas perspectivas de focalização dos estudos linguísticos.

A INCIDÊNCIA DO ÓBVIO: PORQUE ENSINAR GRAMÁTICA NA ESCOLA?
Sadart Vieira da Silva (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

Com este trabalho de análise e observação teórico-prática de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa, pretende-se atentar para a necessidade dos estudos gramaticais, que devem ocorrer numa disciplina em que se pretende ensinar a língua materna. O ensino da gramática será observado em referências teóricas observadas na gramática tradicional (também conhecida por gramática normativa /prescritiva), até a decantada gramática do texto ou do contexto. Neste ínterim, a pesquisa observará visões que partem de gramáticos muito utilizados na produção dos livros didáticos de língua portuguesa no Brasil, como Evanildo Bechara, por exemplo, para que se possa cotejar a concepção de gramática que perpassa pela linguística variacionista, sob a égide de gramáticas do uso do Português Brasileiro. Tal análise incide no pressuposto da necessidade de ensino da gramática em suas noções e usos no que se refere à compreensão dos conceitos teóricos e dos mecanismos e particularidades gramaticais que são ensinados nas aulas de língua portuguesa. Partiremos da observação da realização e do entendimento da noção de sujeito e de como tal noção é trabalhada no ensino da língua, bem como de sua importância. Esta abordagem estará centrada nas possibilidades de ensino do sujeito indeterminado e do pronome indefinido como sujeito da oração, para que se possa discutir e refletir sobre as possíveis dúvidas de compreensão e de uso linguístico desses dois termos em suas funções sintáticas, uma vez que na compreensão da frase parece haver certa semelhança significativa, mas na construção sintática há diferenças a serem debatidas. A partir dessas análises, levar-se-á em conta, portanto, como devem ser discutidas, no ensino desses conceitos, a concepção de sujeito gramatical e a importância da gramática como mecanismo de construção e compreensão da própria língua.

SESSÃO 6
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE SINTAXE EM LÍNGUA MATERNA

Esta sessão coordenada tem como objetivo apresentar reflexões sobre o papel do ensino de sintaxe nas aulas de língua portuguesa, tendo em vista que a criança domina a sintaxe da sua língua antes mesmo de entrar na escola, o que evidencia que esse conhecimento altamente complexo não é produto de situações de ensino-aprendizagem. O quê, como, e para quê ensinar gramática, são questões que têm preocupado teóricos numa tentativa de mudar o quadro do ensino de língua materna, que ainda hoje parece tão ineficiente. Com o intuito de responder à pergunta sobre o que é ensinar a sintaxe da língua portuguesa a falantes dessa língua, tendo em vista que, de fato, eles já a dominam, trazemos à discussão algumas questões sintáticas abordadas de forma deficiente em manuais de gramática tradicional, que ainda são direcionadores do ensino de língua portuguesa, como, por exemplo, a conceituação e os critérios de classificação do sujeito da sentença e as noções de adjunto adnominal e de complemento nominal. Concluímos que o ensino da sintaxe, em geral, se dá sob dois aspectos: norma e metalinguagem. A escolha pelo ensino da sintaxe da norma padrão não é tomada com qualquer fundamento científico, consistindo em mostrar ao aluno as variantes que gozam de prestígio na língua. O ensino da metalinguagem, por sua vez, carece de uma total reparação, tornando imprescindível a adoção de uma posição crítica e reflexiva sobre a estrutura da língua por parte do professor, o qual tem de estar capacitado para a realização de tal tarefa.

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ADVÉRBIO
Rafael Bezerra de Lima(UFRPE)– coordenador

O ensino de Língua Portuguesa (LP), no Brasil, tem por finalidade, segundo diversas propostas curriculares, criar situações nas quais os alunos ampliem o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, possibilitando, nesse sentido, sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania. Entretanto, de uma maneira geral, o que se pode observar atualmente em diversas

escolas, tanto na rede pública quanto na rede privada, é que essas situações são excluídas das aulas do ensino de LP, e se ocorrem, são de maneira oblíqua, dando ênfase maior às regras meramente normativas, encontrando-se o aluno impossibilitado de criar suas próprias ideias e desenvolvê-las. Partindo disso, buscamos amenizar as deficiências sofridas pelos alunos e professores no que diz respeito às formas tradicionais de ensino de língua, em especial o tema advérbio. Por essa razão, propomos então uma alternativa de ensino, partindo não das definições, como propõem as gramáticas normativas (BECHARA, 2001; CEREJA e MAGALHÃES, 1999; SAID ALI, 1964 e outros), mas do conhecimento linguístico que o aluno possui. Segundo Moura Neves (2000), o próprio gramático encontra dificuldades para definir as categorias, levando-nos a classificações conflitantes, como é o caso do próprio advérbio. Com base no exposto, propomos fazer uma reflexão sobre o advérbio, destacando sua classificação a partir do uso (textos produzidos por alunos do ensino fundamental). Para tanto, apresentamos algumas recomendações, entre as quais; que o professor passe a olhar a gramática normativa não mais como um conjunto de regras incontestáveis, e sugerimos que é mais importante que o aluno saiba classificar os advérbios destacando a sua função na produção textual, pois permitirá precisar, complementar, distinguir melhor as ações verbais etc. (cf. SEDRINS e LIMA, 2000; LIMA, 2007). Sugerimos ainda que o professor procure desenvolver no aluno a capacidade de utilizar circunstancias em seus textos, explorando vários meios de precisar, complementar a suas informações, respondendo a questões como: Onde? Quando? Como? Por quê? Com quem? Etc., sem necessariamente recorrer a terminologias e definições que bloqueiam a atividade lingüística do aluno em sala de aula.

LUGARES DE DIVERGÊNCIA ENTRE A NORMA PADRÃO E A NORMA CULTA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO
Adeilson Pinheiro Sedrins (UFRPE)

É comum atribuir à escola, mais precisamente às aulas de língua portuguesa, o ensino da norma padrão do português, entendendo esta, muitas vezes, como a norma culta da língua. Padrão e norma são tomados, dessa forma, como sinônimos, demonstrando uma falta de reflexão acerca do que efetivamente representa a norma culta do português brasileiro a qual se distancia em certa medida da norma padrão tal como preconizada pelos manuais de gramática. A partir da discussão apresentada em Faraco (2002) sobre o percurso histórico de estabelecimento de uma norma padrão do nosso português brasileiro (PB), bem como da problematização apontada em Bagno (2002) sobre o que de fato corresponde à norma culta do PB, este trabalho apresenta uma discussão acerca de padrões sintáticos representativos da gramática dessa língua, entendendo e defendendo a noção de padrão como aquilo que é regular na gramática representativa de uma língua. Considerando a realidade heterogênea da língua e sua sistematização (Labov, 1972), este trabalho tomará como ilustração da divergência entre norma padrão e norma culta o padrão de três sistemas da gramática do PB atual: o sistema pronominal, o sistema de concordância e o sistema de determinante. No que tange ao sistema pronominal, iremos problematizar o estatuto que formas como a gente e tu desempenham na gramática em relação à concorrência com as formas nós e você, bem como os padrões de colocação pronominal, onde se verifica uma forte discrepância entre o que dita a norma que se supõe padrão (existência de mesóclise, contexto mais amplo para aplicação de ênclise) e o que de fato representa o padrão de colocação pronominal do PB atual (inexistência de mesóclise, mesmo em variedades cultas; ênclise empregada em contexto restrito, como o de complemento de infinitivo) (cf. Monteiro, 1991; Pagotto, 1996; Galves, 2001, entre outros). Sobre o sistema de concordância, a discussão tomará como foco as construções inacusativas, que apresentam a ordem verbo-sujeito como a mais produtiva no PB e um padrão de concordância distanciado daquele preconizado pela gramática tradicional (cf. Berlinck, 1989; Silva, 2004; Menuzzi, 2004, entre outros). Acerca do sistema de determinante, buscaremos discutir a variação atestada da forma expletiva do artigo definido no PB (cf. Castro, 2006), que também apresenta um contraste entre o que prescreve a gramática normativa e o que de fato Callou & Silva (1997) atestaram em seu estudo sobre a realização desse fenômeno em dados representativos da norma culta.

COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA
Dorothy Bezerra Silva de Brito (UFRPE)

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão sobre as contribuições da noção de competência linguística ao ensino de língua materna. Partindo do pressuposto do Programa de Investigação Gerativista, lugar de onde realizamos essa discussão, de que existe uma componente da mente/cérebro humano dedicada à linguagem, a qual tem sido nomeada de Faculdade da Linguagem (cf. CHOMSKY, 2000), defendemos que dominar a estrutura da língua implica, entre outras coisas, dominar a sua sintaxe, o que, por sua vez, implica dizer que a sintaxe de uma língua particular – a forma como os itens lexicais da língua são organizados para formar constituintes e sentenças – é adquirida fora de situações de ensino-aprendizagem (pelo menos em termos de aquisição de sintaxe de língua materna). É a especificação da Faculdade da Linguagem, que possui um estado inicial determinado geneticamente, o qual prevê os possíveis estados estáveis que ela pode assumir, ou seja, as diferentes línguas particulares, que vai resultar na aquisição desta ou daquela língua e, consequentemente, da sua sintaxe. A fim de ilustrar esse conhecimento implícito que o falante tem sobre sua língua, que o permite compreender e gerar sentenças, obedecendo a princípios gerais de organização destas, fazemos uma breve discussão sobre as expressões nominais, a saber, anáforas, pronomes e expressões referenciais, e sobre como as suas propriedades referenciais interferem na sua sintaxe, interferência esta que, em geral, não é captada pela metalinguagem ensinada através dos manuais de gramática tradicional, que são, ainda hoje, o principal instrumento para o ensino de sintaxe nas salas de aula de língua portuguesa.

SESSÃO1
ENSINANDO COM O HUMOR: PROPOSTAS DE ESTUDOS DO SIGINIFADO A PARTIR DE TEXTOS HUMORÍSTICOS

O objetivo desta sessão coordenada é destacar a importância da utilização de gêneros textuais próprios do discurso humorístico no processo de ensino/aprendizagem de conteúdos semânticos, como as relações lexicais e os processos de inferência. Pretende-se abordar uma análise de mão dupla: mostrar que tanto o conhecimento semântico contribui para a compreensão do texto de humor, quanto o trabalho com o texo de humor possibilita a abordagem dos tópicos semânticos em sala de aula. O primeiro trabalho intenciona mostrar a riqueza de recursos linguísticos presentes no texto humorístico, especificamente os recursos semânticos, e a função de tais recursos como constitutivos do(s) sentido(s). Dado este panorama geral, ainda neste trabalho encontram-se resultados parciais de práticas de sala de aula, com os quais é possível verificar as dificuldades encontradas pelos alunos no processo de leitura e compreensão dos texto de humor. Partindo da hipótese de que tal dificuldade se dá pela falta de percepção dos recursos semânticos e pela falta de leitura dos níveis implícitos do texto, ratifica-se a proposta de inserção deste tipo de prática em sala de aula. O segundo trabalho a ser apresentado nesta seção propõe atividades didáticas a partir do gênero charge. Pretende-se mostrar o quanto tal gênero permite que se desenvolva no aluno a habilidade leitora dos níveis implícitos, tanto a pressuposição semântica quanto a implicatura pragmática, uma vez que é próprio da charge requerer do leitor inferências e associações com o conhecimento de mundo, desvendando o que não está dito. Por fim, o terceiro trabalho apresenta propostas de trabalho para a sala de aula com os gêneros crônica e chiste, destacando as relações lexicais, entre elas a homonímia, a polissemia, a antonímia e a sinonímia, como recursos responsáveis pela elaboração do humor dentro de tais gêneros. Em todos os trabalhos o enfoque a ser dado é a inserção de tópicos da semântica nas aulas de língua materna. A escolha pelos gêneros do humor como objeto de análise se dá pelo fato de tais gêneros apresentarem possibilidades de se desenvolver o ensino dos conteúdos semânticos, uma vez que estes funcionam como recurso de elaboração do próprio texto.

TÓPICOS SEMÂNTICOS COMO RECURSOS LINGUÍSTICOS E CONTEXTUAIS DE CONSTRUÇÃO DO TEXTO HUMORÍSTICO: PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA
Mônica Mano Trindade Ferraz – coordenadora

Abordando o aspecto educacional, este trabalho visa à discussão sobre as possibilidades de inserção dos gêneros textuais próprios do discurso humorístico nas aulas de língua portuguesa, considerando tais textos como objeto de leitura, produção textual e análise linguística. Em um primeiro momento, expõem-se os elementos constitutivos do humor, nos diversos níveis de estudo da linguagem - fonológico, morfossintático, semântico-pragmático-discursivo – enfatizando os aspectos semânticos presentes em gêneros como chistes, crônicas e charges. Para tal, como aporte teórico, apresentam-se as considerações acerca do humor como objeto de estudo linguístico encontradas em RASKIN (1985), TRAVAGLIA (1990) e POSSENTI (1991, 2010). Além disso, focando os aspectos semânticos entre os recursos responsáveis pela elaboração do texto humorístico, acrescentam-se os conceitos de Indeterminação de Sentidos, a partir das leituras de PINKAL (1995) e RAVIN & LEACOCK (2000), e de Inferências, dados em MOURA (1999). Em um segundo momento, apresentam-se resultados parciais de práticas de sala de aula, apontando para as atividades de leitura e produção escrita de textos humorísticos. No processo de leitura analisam-se quais aspectos linguísticos, contextuais e intertextuais responsáveis pela construção de sentido(s) de um texto humorístico são compreendidos pelo aluno. Em relação à produção textual, é analisado o modo como o aluno seleciona e relaciona mecanismos linguísticos e extralinguísticos para se chegar ao efeito de sentido intencionado. O trabalho, realizado com alunos do Ensino Médio, revela que ler e produzir alguns dos gêneros do discurso humorístico pode levar o aluno, além da reflexão sobre as funções dessa modalidade discursiva na sociedade, à percepção de importantes aspectos da língua, exercitando a habilidade de compreender os níveis implícitos de um texto e a multiplicidade de sentidos da língua.

AS RELAÇÕES LEXICAIS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO(S) DE GÊNEROS DO HUMOR: PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA REFLEXIVA
José Wellisten Abreu de Souza
Mariana Lins Escarpinete
Orientadora: Mônica Mano Trindade Ferraz

Este trabalho tem por objetivo apresentar as possibilidades de se trabalhar, a partir da leitura de gêneros do discurso humorístico como crônicas e chistes, as relações lexicais, precisamente a homonímia, a polissemia, a sinonímia e a antonímia, visando à inserção de tal prática no ensino da língua materna. Para tal, como aporte teórico, apresentam-se as considerações, focando os aspectos semânticos entre os recursos responsáveis pela elaboração de sentido(s) do texto humorístico, acerca da Indeterminação de Sentidos, a partir das leituras de PINKAL (1995) e RAVIN & LEACOCK (2000) entre outros. Em sequência, apresenta-se a análise, demonstrando o uso de tais tópicos semânticos na construção de sentido em dois dos diferentes gêneros do humor supracitados. Justifica-se o corpus pelo fato de ambos, mesmo apresentando diferenças em seus propósitos, estrutura e linguagem, serem textos em que se prevê alta frequência destes processos semânticos, além do fato de que buscaremos propor atividades, por meio das quais é possível instrumentalizar o aluno visando à interpretação dos sentidos permitidos pela construção de tais textos e a presença dos recursos semânticos citados. Assim, busca-se mostrar o quanto as relações lexicais são responsáveis por evidenciar as intenções de humor e a

construção de sentidos contidas nos enunciados. Como considerações finais, discutem-se as possibilidades de aplicação desses textos e desse tipo de abordagem analítica reflexiva nas práticas escolares, em que propomos a reflexão sobre o ensino de Língua, a partir das leituras de NEVES (2002), MENDONÇA (2006) e ILARI e GERALDI (2006), com a finalidade de proporcionar ao aprendiz a compreensão de que tais nexos semânticos são recursos essenciais na constituição do sentido nos gêneros de humor trabalhados, assim como preconizam os PCN/LP.

PROCESSOS DE INFERÊNCIA NAS PRÁTICAS DE LEITURA: AS CHARGES NA SALA DE AULA
Mariana Lins Escarpinete
José Wellisten Abreu de Souza
Orientador: Mônica Mano Trindade Ferraz

Considerando a importância da inserção dos conteúdos semânticos em sala de aula, este trabalho intenciona discutir esta prática a partir do discurso humorístico, especificamente pela utilização do gênero charge. Desse modo, a partir desse gênero textual de viés humorístico, faremos a inserção da abordagem semântico-discursiva mostrando, para tanto, a importância do estudo dos níveis de Inferências como contribuição ao processo de leitura e compreensão no contexto do ensino de Língua Portuguesa. Iniciaremos com uma exposição sobre a necessidade de se trabalhar com os gêneros de humor (especificamente com o gênero charge), embasados nos teóricos RASKIN (1985), TRAVAGLIA (1990) e POSSENTI (1991, 2010). Em seguida, apontaremos a viabilidade do conhecimento semântico (especificamente os processos de inferência), norteados no apresentado por MOURA (1999), para melhor compreensão/aprendizagem no processo de leitura destes textos. Por fim, proporemos algumas atividades que capturem os processos semânticos de inferências em charges, as quais demonstrem o melhor entendimento deste gênero nas práticas dos alunos em sala de aula e para além dela. Este trabalho revela proposições acerca da importância deste trato semântico nas práticas dos alunos em sala de aula, no que concerne ao ensino/aprendizagem de gêneros textuais, focando o gênero humorístico, tão dinâmico e próprio das situações comunicativas do nosso cotidiano. A escolha do tópico semântico "processos de inferência" se dá pela sua particularidade ao substrato da leitura, uma vez que estamos embebidos em situações comunicativas marcadas pelo implícito, a saber, nas charges, em que este recurso é tão comumente usado para dar o tom de realce humorístico e acaba por formar uma trama de relações intercambiáveis que direciona nossa interpretação.

ÁREA TEMÁTICA 7: SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

SESSÃO 1
VARIAÇÃO E ENSINO

A Sessão pretende discutir problemas de políticas lingüísticas para o ensino da língua portuguesas, o uso adequado das variações diatópicas e diastráticas no ensino da língua portuguesa, discute, ainda, o uso do dicionário em várias dimensões: espaciais, sociais, temporais e diatécnicas, como instrumento de apoio na sala de aula e o aproveitamento de dados de corpus de pesquisas com material lingüístico representativo do falar popular, em seus componentes fonético-fonológico, morfossintático e semântico-pragmático para o ensino da língua. Os trabalhos a serem apresentados seguem diferentes abordagens com suportes teóricos da sócio e etnolinguistica, da lingüística aplicada, das orientações técnicas e legais de políticas lingüísticas, sob o enfoque fonético-fonológico, léxico-semântico e pragmático.

VARIAÇÃO E ENSINO: A SOCIOLINGUISTICA COMO APOIO AO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA
Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC/UFPB) - coordenadora

O chamado fracasso do ensino do português nas escolas do ensino Fundamental e Médio, em nosso país, vem sendo estudado e discutido há muito tempo, sem, contudo, se chegar a um denominador comum das causas dessas dificuldades encontradas pelos alunos em falar e escrever sua própria língua materna.As teorias sobre o assunto são as mais diversas, usando-se pressupostos teóricos diferentes, desde o sentido de código restrito e código elaborado além de ideologias diferentes como a ideologia do dom, a ideologia da deficiência cultural e a ideologia das diferenças culturais. Nossa proposta segue a linha laboviana das diferenças culturais.Talvez por isso mesmo, não haja, até agora, quem se atreva a dizer, com segurança, porque os alunos têm tantas dificuldades na aprendizagem da língua materna, em nosso país. Uma das soluções discutidas por Soares (1992, p. 49) é a do bidialetalismo para a transformação, em que a escola levará em conta não apenas o dialeto padrão, mas o não-padrão, trazido para a escola pelas crianças de classes menos favorecidas. A autora propõe, a partir das discussões das diferentes teorias, uma Escola Transformadora, em que as diferenças sócio-lingüístico-culturais dos alunos serão levadas em consideração. Nossas reflexões sobre o assunto baseiam-se, também, em algumas dessas teorias, mas nosso enfoque é o do multidialetalismo - para nós multidialetalismo é o uso de diferentes variações, ou dialetos - que devem existir na sala de aula. Como se sabe, o aluno é um caldeirão de "dialetos", no sentido amplo que se dê ao termo dialeto, envolvendo, nessa mistura, os dialetos regionais, diatópicos, os sociais, diastráticos, nesses, os diageracionais, diagenéricos e estilísticos ou diafásicos. Com toda essa variação que constitui a fala dos alunos, como, por exemplo, a escola privilegiar apenas a linguagem de uma região, um dos registros - o culto ou padrão, no seu aspecto mais formal, ou a linguagem dos adultos? É sobre esses aspectos que falaremos no presente trabalho.

VARIAÇÃO E POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Maria Elias Soares (UFC/UNILAB)

O trabalho tem como objetivo discutir temas relacionados à política linguística para a língua portuguesa, seja no que diz respeito à questão da diversidade, seja no que se refere a questões vinculadas à norma e ao ensino da língua. Por ser abrangente e ao mesmo tempo interdisciplinar, o tema envolve questões e reflexões de natureza política e social, bem como ações que demandam decisões de instituições sociais e governamentais. As discussões sobre o tema são necessárias, no sentido de que podem conduzir a uma maior reflexão no âmbito científico e suscitar uma atitude de respeito à diversidade linguística nas regiões onde se fala a língua portuguesa, bem como maior valorização de todas as variedades do português. O ensino de português, como segunda língua ou como língua estrangeira, tem-se apresentado como uma área em franca evolução, sobretudo pela necessidade de formação específica para os professores. Neste sentido, serão considerados dois eixos – política linguística e ensino da língua portuguesa – compreendendo que a relação entre estes se explica, por exemplo, pelo fato de que as políticas linguísticas, quer sejam explícitas ou implícitas, subsidiam o ensino, a produção de materiais didáticos, o processo de formação de professores e o uso da língua nos meios de comunicação de massa.

A RELEVÂNCIA DO CORPUS *NORPOFOR* PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Aluiza Alves de Araújo

Iniciado em 1993, o projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) foi idealizado com a finalidade de armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses, possibilitando assim a realização de pesquisas sociolinguísticas dessa variedade, em seus componentes fonético-fonológico, morfossintático e semântico-pragmático. Reconhecendo que o ensino da língua pressupõe o conhecimento da realidade linguística dos seus usuários, torna-se, extremamente, necessária a constituição de corpora de língua falada nas diversas regiões do Brasil. Por isso, conhecer tal realidade é imprescindível em virtude das frequentes situações de heterogeneidade linguística no ensino com as quais professor e aluno se deparam, principalmente no Brasil, em que, pela vasta extensão territorial e grandes contradições sociais, há muito espaço para a diversidade linguística. O corpus em questão é, quantitativamente, representativo do falar fortalezense, pois foram coletadas amostras de fala de 198 informantes, e qualitativamente também o é, já que este banco de dados está organizado em função das seguintes variáveis sociais: gênero (104 pessoas do gênero masculino e 94 do gênero feminino), faixa etária (I: 15 a 25 anos- 62 falantes; II: 26 a 49 anos- 75 indivíduos; e III: a partir dos 50 anos- 61 pessoas), grau de escolaridade (A: 0 a 4 anos- 58 informantes; B: 5 a 8 anos- 69 falantes; e C: 9 a 11 anos- 71 indivíduos) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador: DID- 85 falantes; Diálogo entre dois Documentadores: D2- 74 indivíduos; e Elocução Formal: EF- 39 pessoas). O perfil de cada informante obedece aos seguintes requisitos: são fortalezenses natos ou cearenses que vieram morar na capital cearense com menos de 5 anos; são filhos de pais cearenses e nunca se ausentaram de Fortaleza por mais de 2 anos consecutivos. A gravação dos inquéritos foi feita, na sua maioria, por professores e alunos do curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Embora o corpus ainda não se encontre totalmente transcrito, algumas pesquisas já se utilizam deste banco de dados.

O LUGAR DAS MARCAS SOCIOLINGUÍSTICAS EM DICIONÁRIO ESCOLAR
Antônio Luciano Pontes

A língua que se registra nos dicionários se apresenta heterogênea em várias dimensões: espaciais, sociais, temporais e diatécnicas. Essa diversidade determinará a existência de tipos de marcação expressa pelo emprego de marcas de uso, entendidas como informações concretas que condicionam o uso das unidades léxicas. As marcas têm uma finalidade pedagógica importante para o usuário escolar, a de auxiliar o consulente na produção de seus textos. Além disso, definem normas linguísticas, permitindo uma comunicação transcultural no interior de uma mesma comunidade. Neste trabalho, pretendo examinar o modo como às marcas Sociolinguísticas se configuram na composição de verbetes em dicionários escolares brasileiros e de que modo podem auxiliar o usuário do dicionário na compreensão e produção de um texto. Para tanto, tomamos por base os trabalhos de Fajardo (1996-1997), Strehler (1997) e Welker (2004). Morales (2010). Os verbetes que compõem o corpus foram extraídos dos dicionários escolares: Ferreira (2008), Mattos (2010), Aulete (2010). As análises em andamento nos permitem entender que algumas marcas de uso se apresentam como categorias fluidas, sendo possível aparecerem superpostas a outra(s), assumindo múltiplas funções. As marcas estão presentes nos dicionários, em uns mais, em outros menos e ocorrem, em geral, abreviadas.

SESSÃO 2
ESTUDOS DE SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

Esta mesa, como tema central, apresenta reflexões sobre dados de pesquisas realizadas em escolas públicas de Juiz de Fora (MG) sobre a questão da variação linguística em aulas de Língua Portuguesa. Um dos trabalhos investigou o estado de arte dessa questão, sem pretender interferir no processo, concluindo sobre o quão distantes estamos ainda de poder ver implementada, nessas escolas, uma pedagogia da variação linguística (FARACO, 20008), ainda que tal problemática já esteja presente no discurso dos professores. Os dois outros se constituíram, do ponto de vista metodológico, como pesquisa-ação e pretenderam verificar a possibilidade de se adotar, em turmas do Ensino Fundamental, a reflexão sociolinguística de modo a levar os alunos a se tornarem bidialetais. Em parceria com as professoras de três turmas de 5º, 6º e

7º anos, desenvolveram-se sessões semanais de intervenção direta em sala de aula, com estratégias didáticas centradas, a princípio, no contínuo rural-urbano (BORTONI-RICARDO, 2004). Os alunos se reconheceram como falantes de pontos desse contínuo, fazendo análises contrastivas entre diferentes variedades, nos níveis fonético/fonológico, morfossintático e lexical. Uma das pesquisas se preocupou em investigar os efeitos desse processo na mudança de atitudes das professoras. Entrevistas semi-estruturadas e dados de anotações de campo demonstram que elas, integradas nas ações, perceberam as significativas mudanças nas crenças dos alunos sobre a legitimidade de seu vernáculo, e na sua predisposição em desenvolver sua competência linguística em direção ao domínio da variedade culta da língua. Desse modo, a pesquisa pôde constatar a importância da pedagogia da variação linguística.

O CONTÍNUO RURAL-URBANO NA PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
Lucia Furtado de Mendonça Cyranka(UFJF/FAPEMIG) - coordenadora

Este trabalho tem a finalidade de descrever, analisar e discutir a aplicação dos princípios da Sociolinguística na sala de aula, a partir dos resultados da pesquisa-ação empreendida pelo projeto "Os dialetos sociais na escola pública" (UFJF/FAPEMIG). O projeto teve por objetivo verificar a viabilidade de se adotar a reflexão sociolinguística em sala de aula com alunos de dialetos desprestigiados, através de uma pedagogia da variação. Buscou-se ensinar a variedade linguística prestigiada sem desvalorizar o vernáculo do aluno, respeitando a heterogeneidade da língua. Para isso, o aporte teórico envolveu os estudos da Sociolinguística desenvolvidos por Labov (1995, 2008), com especial destaque para o viés educacional apontado por Bortoni-Ricardo (2004, 2005). O trabalho enriqueceu-se com as reflexões de Bourdieu (2002) e Gnerre (1984) sobre a Sociologia da linguagem. Respaldou-se também, na concepção bakhtiniana de linguagem (BAKHTIN, 2006), buscando-se adotar uma pedagogia culturalmente sensível Erickson (1987). A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, com caráter qualitativo, desenvolvida em encontros semanais de uma hora/aula em três turmas do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Juiz de Fora - MG, durante o período 2009/2010. Em 58 ações desenvolvidas, procurou-se adotar uma pedagogia da variação (FARACO, 2008), levando os alunos a visualizarem as diferenças linguísticas dentro do contínuo rural/urbano (BORTONI-RICARDO, 2004) e a realizarem análises contrastivas das estruturas fonético/fonológicas, morfossintáticas e semântico-lexicais presentes nessas variedades. Os alunos foram capazes de se situarem como falantes "rurbanos"; construíram crenças positivas sobre sua variedade linguística e reconheceram a tarefa da escola de levá-los à expansão de competências no domínio das variedades prestigiadas. Os resultados obtidos evidenciaram a maturidade com que conseguem lidar com as variedades linguísticas, transitando no contínuo rural-urbano e adaptando a linguagem ao contexto comunicativo, com esforço para dominar a variedade de maior prestígio social. Constatou-se que é possível e viável adotar uma pedagogia da variação na escola. Nosso intuito é que tais reflexões ganhem corpo e forma no ensino de língua materna nas escolas brasileiras.

SOCIOLINGUÍSTICA E LÍNGUA PORTUGUESA: ABORDAGENS DA VARIAÇÃO EM SALA DE AULA
Bruno Defilippo Horta

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados das investigações sobre como é abordada a variação linguística (doravante VL) no âmbito da sala de aula, especificamente nas aulas de língua portuguesa, em quatro escolas do município de Juiz de Fora (MG). Com esse intuito, realizamos um trabalho de natureza qualitativa, de base etnográfica (ANDRÉ, 2000), a fim de investigar se aquilo que os docentes pensam a respeito de suas ações e posturas quanto ao tratamento da VL corresponde às suas práticas no ambiente de ensino durante as aulas de língua portuguesa (doravante LP). Com base nos pressupostos teóricos sobre Linguagem e Interação (BAKHTIN, 2009), Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972 [2008]; 1975) e Sociolinguística Educacional (MATTOS E SILVA, 2004; BORTONI-RICARDO, 2004), analisamos as notas de campo feitas no decorrer do período em que assistimos às aulas e contrastamos o que foi observado quanto à prática dos professores com as respostas dadas por eles através de entrevistas semiestruturadas. Pelas observações e respostas obtidas até o presente momento, nossas análises revelam que o trabalho com a LP a partir de uma perspectiva sociolinguística não é desenvolvida pelos professores em sala de aula, que, em sua maioria, desconhecem os princípios norteadores do trabalho com a VL. Muitos inclusive deslegitimam a fala de alunos que se expressam em desacordo com o que prescreve a norma padrão, deslegitimando, assim, a identidade destes, os quais são seres sociais que se constituem pela linguagem (CYRANKA, 2010 apud BAKHTIN, 2006). Dessa forma, com base em tais observações, percebemos a necessidade de trazer à baila a discussão e a revisão dos parâmetros para se trabalhar a variação no âmbito das aulas de LP, visto que é dever da escola, desde os primeiros anos escolares, propor a prática da reflexão sociolinguística a partir dos usos reais da língua dos próprios alunos.

A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES?
Marianna do Valle Modesto Paixão
Patricia Rafaela Otoni Ribeiro

O presente trabalho tem como objetivo discutir a aplicação da reflexão sociolinguística nas escolas brasileiras a partir dos resultados de uma pesquisa-ação realizada com alunos e professores do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Juiz de Fora (MG). Com o intuito de investigar a viabilidade de se adotar, em sala de aula com alunos de dialetos desprestigiados, uma educação linguística a partir dos postulados sociolinguísticos, o projeto "A Sociolinguística no Ensino Fundamental", coordenado pela Profa. Dra. Lucia F. M. Cyranka, vem mostrando as possibilidades e desafios no que tange à aplicação de uma "pedagogia da variação". Neste estudo, apresentaremos os resultados da pesquisa, com um recorte especí-

fico para os dados oriundos das reflexões de seis professoras participantes do projeto. O corpus foi obtido através de observações de campo, entrevistas, reuniões de orientação, relatos por e-mails e depoimentos durante o período de 2009/2011. No primeiro momento, apresentaremos os pressupostos teóricos da Sociolinguística, em especial a sua vertente aplicada: a Sociolinguística Educacional (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005). Nesse sentido, recorreremos aos estudos sobre a relação entre língua e sociedade (LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001), tecendo considerações sobre as relações de poder e de identidade do sujeito que se estabelecem através da língua (GNERRE, 1994; BORDIEU, 2002; BAGNO, 1999, 2007; LUFT, 1998, BAKHTIN, 1992/2003; 2006; ERICKSON, 1987, SOARES, 1989). Em seguida, analisaremos os dados, apontando os núcleos mais significativos proferidos pelas docentes ao se referir à sociolinguística na escola. Assim, traremos à discussão as concepções e as crenças que envolviam as professores de língua portuguesa em relação à heterogeneidade linguística e suas práticas pedagógicas e o que mudou a partir da pesquisa-ação. Através desses resultados, pretendemos evidenciar que a Sociolinguística Educacional tem apontado uma nova direção para o ensino de língua materna e discutir a necessidade da implantação das reflexões sociolinguísticas nos cursos de formação inicial e continuada e a importância de instrumentos didáticos que, de fato, auxiliam o professor no tratamento da variação linguística em sala de aula.

SESSÃO 3
PROCESSOS VARIACIONISTAS NA PRÁTICA ESCOLAR

Ao consultar uma Gramática Tradicional (GT) vemos que o pretérito imperfeito do indicativo (PII) é definido como um tempo que expressa uma ação habitual ocorrida em um intervalo de tempo passado, ao passo que o futuro do pretérito (FP) é caracterizado por noções de hipótese, incerteza ou futuro relativo a um momento passado. Em geral, as gramáticas não abordam o emprego do PII pelo FP satisfatoriamente, pois não a apresentam de maneira clara como, quando e em quais circunstâncias pode-se empregar um tempo verbal pelo outro. Alguns gramáticos como Melo (1978), Bechara (1999) e até mesmo o descritivista Perini (1996) afirmam que um tempo pode ser substituído pelo outro, de acordo com os valores semânticos em que as ocorrências aparecem. Entretanto, há outros, como Rocha Lima (1994), que não faz menção à alternância dessas formas. Diz Haiman (1978) apud Moura Neves (1999, p. 497) que não há uma explicação satisfatória, nem filosófica, nem muito menos linguística para as construções condicionais das línguas naturais, e que, na falta dessa definição, o único critério para a identificação dos membros da classe é a forma superficial: em inglês, a conjunção if, nas outras línguas, as construções correspondentes. Desse modo, de acordo com Moura Neves (1999), em português, a análise dessa classe de construções se representaria na análise das orações iniciadas por se. Levando em consideração as aulas de Língua Portuguesa (LP), vemos que os assuntos gramaticais são sempre abordados do ponto de vista tradicional, não levando os alunos a uma reflexão da funcionalidade da língua. O mesmo problema acontece quando estudamos tal alternância. Assumindo a concepção de que a língua é dinâmica e heterogênea, consideramos o estudo dessa alternância relevante. O presente trabalho foi desenvolvido seguindo os parâmetros teórico - metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), segundo a qual a variação é algo inerente à língua e indissociável da comunidade que a fala.

A ALTERNÂNCIA ENTRE O FUTURO DO PRETÉRITO (FP) E O PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO (PII): UMA VISÃO DESCRITIVISTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Fernando Augusto de Lima Oliveira - coordenador

Ao consultar uma Gramática Tradicional (GT) vemos que o pretérito imperfeito do indicativo (PII) é definido como um tempo que expressa uma ação habitual ocorrida em um intervalo de tempo passado, ao passo que o futuro do pretérito (FP) é caracterizado por noções de hipótese, incerteza ou futuro relativo a um momento passado. Em geral, as gramáticas não abordam o emprego do PII pelo FP satisfatoriamente, pois não a apresentam de maneira clara como, quando e em quais circunstâncias pode-se empregar um tempo verbal pelo outro. Alguns gramáticos como Melo (1978), Bechara (1999) e até mesmo o descritivista Perini (1996) afirmam que um tempo pode ser substituído pelo outro, de acordo com os valores semânticos em que as ocorrências aparecem. Entretanto, há outros, como Rocha Lima (1994), que não faz menção à alternância dessas formas. Diz Haiman (1978) apud Moura Neves (1999, p. 497) que não há uma explicação satisfatória, nem filosófica, nem muito menos linguística para as construções condicionais das línguas naturais, e que, na falta dessa definição, o único critério para a identificação dos membros da classe é a forma superficial: em inglês, a conjunção if, nas outras línguas, as construções correspondentes. Desse modo, de acordo com Moura Neves (1999), em português, a análise dessa classe de construções se representaria na análise das orações iniciadas por se. Levando em consideração as aulas de Língua Portuguesa (LP), vemos que os assuntos gramaticais são sempre abordados do ponto de vista tradicional, não levando os alunos a uma reflexão da funcionalidade da língua. O mesmo problema acontece quando estudamos tal alternância. Assumindo a concepção de que a língua é dinâmica e heterogênea, consideramos o estudo dessa alternância relevante. O presente trabalho foi desenvolvido seguindo os parâmetros teórico - metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), segundo a qual a variação é algo inerente à língua e indissociável da comunidade que a fala.

PROCESSOS VARIACIONISTAS NA PRÁTICA ESCOLAR: A MONOTONGAÇÃO NA CIDADE DE GUARABIRA-PB
André Pedro da Silva

Este trabalho tem a finalidade de apresentar um estudo sobre o fenômeno da monotongação, recorrente na oralidade, e que provavelmente venha a ocorrer também na escrita, uma vez que a língua escrita tende a pautar-se ou seguir a língua falada. A monotongação constitui-se de um processo fonológico presente no interior da formação silábica, em que ocor-

re o apagamento da semivogal (glide) do ditongo. Esse processo ocorre com mais evidência nos ditongos decrescente, casos em que o glide ocupa a posição de coda, na estrutura silábica, embora ocorram alguns casos com os ditongos crescentes. Alguns estudos relacionados a esta pesquisa, trazem o aspecto linguístico como determinante desse processo de monotongação, este fenômeno está mais presente na fala, porém iremos encontrar também na escrita, o qual será nosso foco na pesquisa. Nosso estudo se desenvolveu a partir de uma análise de dados coletados, por meio de um ditado de palavras, o qual foi realizado, no âmbito escolar, com alunos do ensino fundamental e médio. O interesse em estudar esse tema surge da necessidade de desenvolver mais pesquisas nessa área, uma vez que constitui um tema importante pelo fato de está relacionado ao desenvolvimento tanto da oralidade, como da escrita dos alunos e por constituir um fenômeno direcionado aos aspectos sociais desenvolveremos nosso estudo pautado na pesquisa sociolinguística. Para tanto usou-se como aporte teórico alguns representantes dessa linha de pesquisa, tais como: Bortoni-Ricardo, (2005) e Hora (2004); e como referencial do nosso objeto de estudo: Bisol (2001) e Silva (2001). A partir das colocações desses pesquisadores, realizou-se a investigação, para com isso chegar aos nossos resultados, ou seja, observar se a presença do processo de monotongação ocorre com frequência na escrita dos alunos do ensino regular.

ÁREA TEMÁTICA 8 : ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

SESSÃO 1
MÍDIAS NAS ESCOLAS: POR UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA DE SUAS CONTRIBUIÇÕES

Esta sessão coordenada tem por objetivo propor uma concepção de ensino de leitura baseada na Análise Crítica do Discurso, doravante ACD. Esta teoria concebe a linguagem como prática social, e se atêm, em suma, às questões relacionadas ao abuso de poder e influenciação da mente do público pela mídia e pelas elites hegemônicas da sociedade, uma vez que tem, como premissa, a idéia de que a linguagem é carregada de ideologias que podem modificar o sujeito e a sociedade. Com uma proposta interdisciplinar, esta sessão irá unir a Teoria Social da Linguagem, ou seja, a Análise Crítica do Discurso, como as questões concernentes à sala de aula, tendo como missão possibilitar ao professor, e, sobretudo, ao aluno, uma nova leitura, com uma abordagem mais crítica, mais profunda e acurada dos textos que trazem determinados discursos, o que, consequentemente, cria uma consciência contra a fácil influenciação destes pela grande mídia e pela elite hegemônica que controla a circulação do discurso. Os três trabalhos desta sessão têm textos que se sustentam na mídia como corpus, textos estes que podem, facilmente, ser trabalhados em sala de aula; são dois trabalhos que utilizam mídias virtuais, e um que se vale da mídia impressa. Estes trabalhos abarcam desde questões relacionadas às redes sociais, passando por websites do Governo Federal, até o universo das revistas científicas. A proposta, aqui, é incentivar aos professores e alunos a atentarem, valendo-se dos preceitos dos teóricos da Análise Crítica do Discurso, tais como Fairclough (2001[2008], 2006), Teun A. van Dijk (2008), entre outros.

UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DAS MUDANÇAS SOCIAIS: O NOVO PODER DAS VOZES EMERGENTES NAS REDES SOCIAIS.
Leticia Beatriz Gambetta Abella - coordenadora
Orientador: Profa. Dra. Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

Esta comunicação tem o objetivo de analisar as mudanças na sociedade que as mídias e redes sociais estão gerando através da manifestação aberta das vozes dos cidadãos comuns. Esses novos canais de comunicação têm propiciado um fluxo de informação que não responde aos critérios de seleção das grandes mídias tradicionais. Novas correntes de pensamento estão percebendo a transformação das esferas discursivas com a democratização do acesso à comunicação. A Análise Crítica do Discurso entende que a linguagem é uma prática social ideológica que trás consigo manifestações de poder e controle, porém a linguagem é para a ACD também um instrumento de mudança social. A Comunicação para a Mudança Social acompanha essa tendência, entendendo que as transformações sociais não podem surgir verticalmente dos poderes hegemônicos e sim mediante um intercâmbio horizontal de necessidades e soluções. O marco teórico do trabalho terá como base: a concepção de Fairclough (2001) de que a linguagem é também ação, o olhar de Van Dijk (1994) através de seus critérios para identificar os casos que são objeto de estudo da ACD, e as premissas da Comunicação para a Mudança Social defendidas por Gumúcio (2001) e Navarro (2010). Para alcançar os objetivos propostos serão analisados casos no Rio Grande do Norte, recolhidos pela imprensa local, onde as redes sociais constituíram o cenário propício para que as vozes dos usuários se fizessem ouvir. A pressão exercida pelos setores da sociedade gerou, por parte dos poderes públicos e econômicos, uma mudança de posicionamento na procura de manter o status hegemônico.

AS REVISTAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA ESCOLA: INSTRUMENTO PEDAGÓGICO EFICIENTE?
Cleide Emília Faye Pedrosa
Paulo Sérgio da Silva Santos

O presente trabalho pretende discutir o lugar que as revistas de Divulgação Científica estão ocupando no processo educacional brasileiro. É evidente que há uma crescente demanda por informações de cunho científico, e as revistas de Divulgação Científica estão ocupando esse lugar de instrumento de alfabetização científica nas escolas de todo o país. Para nós, essas publicações estão longe de ser fonte neutra de informação, e merecem um olhar mais atento a respeito do status de instrumento pedagógico que alcançaram na atualidade. A nossa hipótese é que os erros cometidos pelo divulgador causam prejuízos graves, uma vez que a plateia é jejuna em ciência. Na análise proposta, lançamos mão de um arcabouço teórico

composto pela Análise Crítica do Discurso; Pragmática e Estudos em Divulgação Científica. A ACD, tal como postulada por Fairclough (2008); van Dijk (2008) e Wodak (2001) nos permitirá tratar os discursos científico e jornalístico não só como práticas discursivas, mas como práticas sociais. A Teoria dos Atos de Fala desenvolvida por Searle (2002) nos mostrará o caminho percorrido pelas publicações no sentido de proteger a própria face quando tem que assumir erros em publicações anteriores. Por fim, as obras de Sánchez Mora (2003) e Vogt (2001) nos darão conhecimento mais aprofundado do funcionamento tanto do discurso científico, quanto do discurso de divulgação. O nosso corpus foi composto por erratas das edições dos anos de 2010 e 2011 das duas maiores publicações de divulgação científica do país, a revista Galileu da Editora Globo, e a SuperInteressante da Editora Abril. Os objetivos foram: analisar se as erratas contidas nessas edições continham erros referentes ao conteúdo programático da disciplina de Ciências Naturais para o ensino fundamental, bem como verificar a gravidade desses erros e seu consequente prejuízo para os estudantes. Os resultados desta investigação sinalizam que as revistas de DC, ao tempo em que possibilitam maior contato com informações sobre ciência, fazem com que a compreensão dos estudantes sobre os fatos científicos venha acompanhada de fantasias, mitos e equívocos.

A POBREZA SEGUNDO O GOVERNO BRASILEIRO: A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA NO DESENVOLVIMENTO
Rodrigo Slama Ribas (CELE/UFRN)

Este trabalho promove uma reflexão acerca da (re)produção do discurso sobre a pobreza pelo governo do Brasil, como as possíveis influências que ele pode causar no leitor, declinando-o a determinadas crenças, além de propor uma melhoria da habilidade de leitura, de modo geral. Utilizo, para tanto, a Análise do Discurso Crítica, ADC, segundo os preceitos de Norman Fairclough (2006, 2008), Chouliaraki e Fairclough (1999), e Teun A. van Dijk (2008), como aparato teórico para abarcar as questões ligadas à apresentação do discurso sobre a pobreza no website do Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome (MDS), que serve como a janela do poder político de maior importância para os brasileiros, a imprensa, o mundo. O MDS tem uma secretaria específica para as questões concernentes à pobreza extrema: a Secretaria Extraordinária de Superação da Extrema Pobreza, que tem como foco os mais de 16 milhões de brasileiro com renda per capta de até setenta reais. Tomando estes postulados, é importante salientar que a Análise do Discurso Critica oferece a possibilidade de uma leitura profunda, crítica e reflexiva, e, tomando o corpus, é possível promover o melhor desempenho da habilidade de leitura, percebendo como os elementos linguísticos são dispostos a fim de originar determinado entendimento, uma vez que facilita a percepção das ideologias inerentes ao texto, que influenciam a leitura e o leitor, que aquiesce ou não a determinadas ideias. Segundo a proposta aqui apresentada, a ADC promove, então, o melhor desenvolvimento da leitura, e, consequentemente, proporciona o maior entendimento das configurações específicas do discurso sobre a pobreza difundido pelo governo brasileiro.

SESSÃO 2
ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Esta sessão coordenada congrega trabalhos embasados na Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente a corrente social desenvolvida por Fairclough (2006, 2008), bem como a contribuição desta teoria no estudo dos gêneros textuais. Ao estudar os gêneros textuais com foco nos parâmetros teórico-analíticos da ACD, os analistas críticos do discurso não estão interessados apenas nos elementos linguístico-discursivos subjacentes aos textos, mas em questões sociais que incluem maneiras de representar a realidade, manifestação de identidades e relações de poder (MEURER, 2005), uma vez que a língua, como preconiza Bakhtin (1992), é expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material. Sob esta ótica, investigações ancoradas em gêneros textuais permitem revelar aspectos importantes da vida da social, já que é por meio dos gêneros que nós seres humanos interagimos com ou outro, legitimando as relações de poder que são estabelecidas por meio do uso da linguagem instaurando mudanças sociais e discursivas em movimentos dialéticos. De acordo com Brent (2009), os objetos de pesquisa no campo da ACD variam de acordo com os pesquisadores. Questões relacionadas a racismo, gênero (gender), identidade, poder, discurso da mídia e discursos políticos têm-se tornado proeminentes. Essa variedade de questões implica em diferentes metodologias aplicadas. As abordagens aqui descritas ressaltam as variedades dos tipos de texto. Entretanto elas valorizam ainda a particularidade que cada gênero assume - juntamente com seus processos de produção, distribuição e consumo - conforme Fairclough (2008). Dessa forma, o ensino deve-se pautar nos pressupostos que vão além das abordagens que levam em conta os aspectos físicos do texto, ressaltando sua inscrição nos diversos contextos. Portanto, a proposta desta sessão coordenada foca o processo ensino-aprendizagem dos gêneros e sua análise crítica considerando sua inserção no contexto escolar, ao mesmo tempo que prima por uma abordagem direcionada à linguagem e suas diferentes manifestações discursivas estabelecidas pelo poder constitutivo do discurso, pois este cria, reforça ou desafia formas de conhecimento ou crenças, relações sociais e identidades ou posições sociais instituídas no mundo contemporâneo (MEURER, 2005).

O GÊNERO ANÚNCIO E A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: UMA LEITURA CRÍTICA COM FOCO NA ECONOMIA NEOLIBERAL
João Batista da Costa Júnior - coordenador
Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa

A sociedade contemporânea passa por profundas mudanças sociais, tecnológicas, econômicas e culturais enredadas por fortes indícios do discurso hegemônico da economia neoliberal (CASTEELS, 2010; GIDDENS, 1991). Nesta conjuntura socioeconômica, o uso da linguagem promove mudanças sociais e discursivas em movimentos dialéticos,

permitindo compreender como o discurso funciona no seio das estruturas sociais, na constituição de relações de poder, de efeitos ideológicos e de traços hegemônicos, e como os eventos sociais moldam as práticas discursivas. Sob esta perspectiva, constata-se com frequência que as instituições privadas de ensino operacionalizam em suas práticas discursivas o pensamento hegemônico da economia neoliberal, mercantilizando e recontextualizando a educação face à lógica empresarial (SANTOMÉ, 2003). Ancorada nos pressupostos teórico-analíticos da Análise Crítica do Discurso (ACD) em sua vertente transdisciplinar (FAIRCLOUGH [2001] 2008 & 2006), a proposta de comunicação que ora apresentamos objetiva contribuir para uma visão crítica e reflexiva a respeito da funcionalidade do gênero anúncio nas campanhas publicitárias das Instituições Privadas de ensino em Natal/RN. O foco de nossa análise busca, especificamente, diagnosticar como o gênero em estudo dissemina noções da economia neoliberal nas campanhas educacionais, fortalecendo a noção de educação pelo viés da mercadorização e transformando-a em palco de disputa, lutas, combate. A análise do gênero em pauta tende a fornecer elementos necessários a uma leitura crítica das mensagens publicitárias, os quais poderão ser aplicados ao contexto ensino-aprendizagem como subsídios metodológicos para que os alunos desenvolvam criticidade em relação ao funcionamento discursivo das campanhas publicitárias nas práticas sociais em geral e especialmente àquelas voltadas para a venda de pacotes educacionais. Portanto, o estudo sobre o gênero anúncio publicitário conferiu uma fecunda reflexão concernente às transformações dos eventos sociais e discursivos que ocorrem no contexto da educação privada e permitiu-nos inferir como elas dialogam com a proposta mercadológica da política econômica neoliberal.

CARTAS DO LEITOR NA REVISTA CLAUDIA: MUDANÇAS DISCURSIVAS E SOCIAIS SOB O VIÉS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO
Guianezza M. de Góis Saraiva Meira (UFRN)
Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

Desde a tradução da obra Discourseand social change (Fairclough, 1992/Discurso e mudança social, [2001] 2008), várias pesquisas têm sido desenvolvidas no Brasil com esta temática, em especial, sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso, que tem como propósito investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem? (WODAK, 2004, p.225). Com foco nessa discussão, objetivamos nessa comunicação analisar as mudanças discursivas e sociais nas cartas do leitor veiculadas na revista feminina Claudia, que por sua vez, constituem um arquétipo para desenvolver pesquisa em ACD, visto que, os discursos dessas cartas refletem processos históricos vivenciados pelas mulheres leitoras da mídia em questão e nos permite analisar as relações de poder, os processos ideológicos e hegemônicos, como também é um excelente instrumento de ensino, por se tratar de um gênero textual com propósitos comunicativos específicos, na qual cumprem importante função social na medida em que possibilita o intercâmbio de informações, ideias, opiniões entre diferentes pessoas de um determinado grupo. Metodologicamente, o trabalho contempla o paradigma qualitativo-interpretativista. O corpus constitui-se de cinco cartas do leitor, datadas de diferentes décadas. Os dados evidenciam que as mudanças sociais, políticas e econômicas, permitiram às mulheres assumirem papéis diferentes aos impostos pela sociedade patriarcal, rompendo assim com as velhas certezas e produzindo novas formas de posicionamento. Dessa forma, propor a investigação das mudanças discursivas e sociais é uma forma de analisar o modo como as mulheres são construídas pela mídia e também o modo como se constroem por meio dela.

TEXTO CURRÍCULO LATTES: IDENTIDADE, AUTO-PROMOÇÃO, VENDA DE IMAGEM, E CONTRUÇÃO DO EU
João Paulo Lima Cunha (UFSE)
Orientador: Cleide Emilia Faye Pedrosa (UFRN)

Este trabalho apresenta um estudo sobre o gênero textual lattes : currículo eletrônico disponibilizado na plataforma lattes do site do O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O currículo lattes é utilizado em diversas seleções, tanto de emprego quanto de cursos, e servem para o sujeito como uma forma de valorização, enquanto para o leitor servem como um meio e criação de conceito sobre uma pessoa. Sendo assim, a análise do trabalho se pauta no texto inicial disponibilizado como apresentação de cada currículo por seus autores. Buscando entender como, no currículo, a construção da identidade dos sujeitos, edificada socialmente, faz parte intrínseca do processo textual. Logo após tal constatação, os aspectos que derivam dessa construção - auto-promoção e venda de imagem - são evidenciados. Verificar o funcionamento da valorização de si - consequência da identidade construída no discurso, visando à venda - ?comercialização e propaganda? é um dos objetivos dessa pesquisa por acreditar que tais mecanismos possibilitam aos autores se promoverem criativamente, através de estilo, conforme teoria dos gêneros textuais. Além de verificar os resultados do consumo desses textos. A pesquisa está fundamentada na Teoria Social do Discurso Faircloughiana (2001,2006 e 2008) - Análise Crítica do Discurso (ACD) - além dos outros teóricos que possuem trabalhos com base na ACD. Para fundamentação sociológica se utiliza estudiosos como Pierre Bourdieu, ZygmuntBauman, Anthony Giddens. O estudo desses temas pode contribuir com o ensino, auxiliando os alunos para se portarem criticamente frente a textos repletos de lutas hegemônico-ideológicas. Além disso, tem que se ressaltar a importância da produção textual para auto-promoção, já que vivemos em um mundo tão competitivo. A imagem estereotipada construída por práticas sociais é uma consequência da globalização discursiva. A fim de que possa construir uma fundamentação teórica, baseada na análise de discurso textualmente orientada, esta pesquisa cumpri mais uma etapa no processo ao qual foi concebido: mapear as práticas sociais que envolvem o currículo lattes.

SESSÃO 3
LINGUAGEM E GLOBALIZAÇÃO: LEITURA CRÍTICA DO GLOBAL E DO GLOCAL NA ESCOLA

Atualmente, a escola tem se voltado para o ensino da produção e interpretação de texto sem adentrar às idiossincrasias da construção do discurso e das possíveis relações de poder imbricadas na linguagem, que a tornam uma ferramenta de exercício de cidadania e compreensão das relações socioculturais. Por isso, esta apresentação traz à tona as relações dos textos com o universo discursivo do aluno e da sociedade. Para tanto, valemo-nos dos preceitos da Análise Crítica do Discurso, especialmente as postulações de Fairclough (2001, 2003, 2006) Chouliaraki & Fairclough (1999) e van DIJK (2008), para esclarecer as relações entre linguagem e sociedade, especialmente quanto à utilização da notícia como uma ferramenta de propagação de poder e de influenciação; para estudar os testemunhos de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus veiculados na seção Superação do Jornal Folha Universal, e identificar os valores e ideologias de "mercado" que passaram a permear o discurso da religião; e para investigar os discursos orientadores das avaliações institucionais e as propostas de mudanças no ensino de Língua Portuguesa, como telas da relação global-local, a partir dos desenhos curriculares e políticas linguísticas. Nos corpora eleitos, são analisados os aspectos da globalização e do globalismo na constituição das práticas sociais glocais e globais; os valores e ideologias de "mercado" que passaram a permear o discurso da religião, com base especialmente nos conceitos de comodificação, tecnologização e democratização apreensíveis das construções discursivas; e as inovações teórico-didáticas que apontam o caráter dialético das relações entre os discursos escolares revelando, uma política globalista de uma nova ordem discursiva como momento do processo social. Os resultados alcançados apontam para a necessidade de se observar as práticas de ensino e que o papel da escola necessita de considerar os aspectos da globalização como influenciadores do comportamento social e da constituição dos sujeitos e, por isso, o tratamento do ensino deve contribuir para o aprendizado "globalizado" do aluno, ou seja, deve propor discussões em que a leitura e a escrita tornem-se uma ferramenta do conhecimento a serviço do bem estar comum, dando-lhe ferramentas para o exercício de seu poder de cidadão.

GLOBALIZAÇÃO E GLOBALISMO: ENSINO CONSCIENTE DA COMODIFICAÇÃO DO SOCIALISMO
Silvio Luis da Silva (UFRN/UnP) - coordenador
Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa (UFRN)

Atualmente, os termos globalização e globalismo têm sido muito veiculados veiculados, mas pouco discutidos, especialmente no contexto escolar. Dada a sua importância para o entendimento da sociedade moderna, os estudos de texto devem passar a contribuir para o aprendizado "globalizado" do aluno, ou seja, deve propor discussões em que a leitura torne-se uma ferramenta do conhecimento a serviço do vem estar. Por isso, este trabalho faz uma análise, em duas notícias pontuais sobre Cuba, a saber: Cuba admite que existem obstáculos para as reformas de Raúl Castro e Líder cubano vai rever economia e implementar reformas, dos reflexos da globalização e do globalismo na comodificação do socialismo. Para tanto, vale-se da Análise de Discurso Crítica (ADC), especialmente as postulações de Fairclough (2001, 2003, 2006) Chouliaraki&Fairclough (1999) e van DIJK (2008), para estabelecer as relações entre linguagem e sociedade, especialmente no que tange à utilização da notícia como uma ferramenta de propagação de poder e de influenciação. Primeiramente, este trabalho esclarece o contexto atual, entendido como modernidade tardia, e conceitua os termos globalização, globalismo e comodificação para, em seguida, aplicar verificar como o discurso veiculado nas notícias presentificam esses comportamentos. Os estudos demonstram a importância de serem associados comportamentos históricos com a mudança do comportamento global, especialmente aqueles influenciados pelas alterações econômicas das relações entre os países. Ao final, apresenta uma maneira de, durante o processo de ensino e aprendizagem, abordar o discurso em conjunto com o aparato histórico e defender que a consciência dos aspectos globais e locais, demarcados pelo discurso, devem fazer parte do conjunto de conhecimentos necessários aos estudantes de ensino médio.

GLOCALIZAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DAS MUDANÇAS
Taysa Mercia dos Santos Souza Damaceno (UFSE)

Esta comunicação se insere na proposta de ACD, e tem como foco as mudanças de paradigmas acerca do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, a partir dos processos de globalização e organização das práticas escolares na modernidade tardia. O trabalho elege como corpus os discursos orientadores das avaliações institucionais e as propostas de mudanças no ensino de Língua Portuguesa, como telas da relação global-local, a partir dos desenhos curriculares e políticas linguísiticas. Essas inovações teórico-didáticas apontam o caráter dialético das relações entre os discursos revelando, uma política globalista de uma nova ordem discursiva, como momento do processo social. As análises foram pautadas a partir dos postulados teóricos constantes nas obras LanguageandGlobalization, Fairclough (2008) e Discourse in late modernity, Chouliaraki(2001). Para dar conta dessas premissas os documentos oficiais e as orientações curriculares para o ensino de Língua Portuguesa foram analisados em três níveis de abstração: estruturas, práticas e eventos sociais.

O GÊNERO TESTEMUNHO: MANIPULAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO CRÍTICO NA ESCOLA
Derli Machado de Oliveira (UFRN)
Orientador: Cleide Emilia Faye Pedrosa (UFRN)

Nesta comunicação, cujo objetivo é apresentar a Análise Crítica do Discurso (ACD) como ferramenta para o ensino/aprendizagem da língua materna, estimulando a consciência crítica dos alunos através da percepção das relações entre texto e contexto, discutiremos as mudanças no mundo globalizado e a mercantilização e marquetização da re-

ligião, com enfoque nas transformações das práticas discursivas que provocaram profundas alterações no discurso religioso no cenário nacional contemporâneo. A ACD propõe o estudo da linguagem como prática social. Para tanto, é necessário considerar a relação entre linguagem e poder e as marcas ideológicas presentes nos textos. Para isso, recorremos aos conceitos da comodificação, da tecnologização e da democratização, apresentados por Fairclough (2008), que invadiram o discurso das instituições religiosas, em particular da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A análise concentrou-se no estudo de testemunhos de fiéis desta instituição veiculados na seção Superação do Jornal Folha Universal, buscando identificar, nas construções discursivas, valores e ideologias de "mercado" que passaram a permear o discurso da religião. Com mais de 2,5 milhões de exemplares, a Folha Universal, jornal semanal da IURD, com circulação em todo o Brasil, é um dos jornais de maior circulação do Brasil e da América Latina. Além dos editoriais de um jornal convencional com variedades, saúde, esportes, dentre outros, o jornal tem um suplemento, a Folha IURD, só com informações sobre a igreja. Os resultados apontam que na construção do gênero testemunho o editor lança mão de diferentes estratégias retóricas para atingir não só o propósito comunicativo informativo como também o promocional.

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

SESSÃO 1
TRAJETÓRIAS PARA O LETRAMENTO A PARTIR DA ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS

O objetivo da pesquisa é construir trajetórias para a proficiência em leitura e escrita nos diversos gêneros discursivos/textuais, com base em uma perspectiva sociointeracionista e nos estudos sobre o letramento. Nossa hipótese é que a abordagem dos gêneros textuais como recurso para a compreensão da leitura e, consequentemente, para a produção textual, ajudará o aluno a desenvolver essas competências e, portanto, a se tornar letrado. A pesquisa teve como primeira etapa a constituição de um grupo de discussão, no qual a coordenadora e as pesquisadoras desenvolveram reflexões, tendo como suporte teórico os estudos dos gêneros textuais e estudos sobre letramento. O segundo momento será trabalhado, pelas pesquisadoras e pela coordenadora, nas escolas da rede pública do Recife e adjacências, por meio dos seguintes procedimentos:A 1ª Pesquisa de Josiane Almeida da Silva (mestranda da UNICAP) propõe uma breve discussão a respeito da intervenção docente frente à autoria das crianças do 4º ano do ensino fundamental. Dessa forma, temos por objetivo geral investigar até que ponto a prática docente constitui um catalisador para a construção ou desconstrução do sujeito-autor. Para tanto, pretende-se adotar como métodos investigativos a pesquisa etnográfica da sala de aula, bem como entrevistas aos docentes, gestores escolares e coordenadores pedagógicos das unidades de ensino em questão, além da pesquisa bibliográfica. A 2ª pesquisa de Michele Elias de Carvalho (mestranda da UNICAP) tem como foco principal investigar a prática docente do professor alfabetizador, no que diz respeito à concepção de língua e a metodologia utilizada nas aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente, no momento da mediação das atividades que objetivam a produção textual. A metodologia será uma etnografia da sala de aula, visando identificar como o direcionamento das atividades de produção textual. Posteriormente far-se-á um projeto de intervenção no qual o professor estudado participará de seis momentos de estudos cujos temas estarão voltados para o ensino da língua materna. Após essa etapa, voltaremos ao estudo etnográfico da turma, visando constatar as modificações na prática do professor pesquisado.

LETRAMENTO A PARTIR DOS GÊNEROS TEXTUAIS
Marcia Elizabeth Bortone (professora da UNICAP) – coordenadora

O objetivo da pesquisa é construir trajetórias para a proficiência em leitura e escrita nos diversos gêneros discursivos/textuais, com base em uma perspectiva sociointeracionista e nos estudos sobre o letramento. Nossa hipótese é que a abordagem dos gêneros textuais como recurso para a compreensão da leitura e, consequentemente, para a produção textual, ajudará o aluno a desenvolver essas competências e, portanto, a se tornar letrado. A pesquisa teve como primeira etapa a constituição de um grupo de discussão, no qual a coordenadora e as pesquisadoras desenvolveram reflexões, tendo como suporte teórico os estudos dos gêneros textuais e estudos sobre letramento. O segundo momento será trabalhado, pelas pesquisadoras e pela coordenadora, nas escolas da rede pública do Recife e adjacências, por meio dos seguintes procedimentos: pesquisa intervenção, pesquisa etnográfica e observação participante. A meta da presente pesquisa é levar o professor a desenvolver em seus alunos um processo real de letramento, que os habilitem a serem leitores e produtores de textos proficientes.

O CONTINUUM FALA-ESCRITA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE MARCAS DE INTERATIVIDADE EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO NO FUNDAMENTAL II
Cassandra de Lemos Trajano (mestranda/UNICAP)

Ligado a práticas sociais e não apenas a objetivos didáticos, o ensino da língua promove a interação, integração e inserção social do sujeito em uma situação comunicativa. Desta forma, este trabalho que tem como foco de estudo o texto e por objeto as produções textuais de alunos do 9º ano (2º ano do 4º ciclo - 8ª série) do município de Recife tem como objetivo geral investigar se as marcas de interatividade em trabalhos com gêneros textuais comparado com o trabalho com a redação escolar, constitui um diferencial no aproveitamento de alunos da rede pública de ensino no

final da segunda etapa da educação básica. A pesquisa se insere dentro da proposta de "Letramento e Ensino" porque rompe com a visão dicotômica entre sujeito que aprende e professor que ensina e o reducionismo que delimitava a sala de aula como único lugar de aprendizagem,agora temos a compreensão da dimensão sócio-cultural da língua escrita e de seu aprendizado. O trabalho que tem caráter comparativo e é uma pesquisa em andamento, busca respaldo na visão dialógica de Bakhtin, na perspectiva sociointeracionista e sociodiscursiva. A noção de texto como evento comunicativo, e os fatores pragmáticos de textualidade também são relevantes para este trabalho. Assim, espera-se obter dados teóricos que esclareçam a relação fala-escrita-interação e que refutem a visão equivocada da escrita escolar. Para tal, a pesquisa analisará documentos oficiais como o Plano Nacional de Educação, a LDB, os PCNs e o PPP (das escolas participantes), trabalhará com o método indutivo-dedutivo constituído por técnicas de observação direta (a entrevista),observação direta extensiva (questionário, análise de conteúdo, testes) além da pesquisa bibliográfica o que a insere como pesquisa qualitativa e quantitativa visto que pretende realizar cruzamentos de dados levantados a partir dos questionários, entrevistas e testes.

A AQUISIÇÃO DO LETRAMENTO POR MEIO DA ABORDAGEM DOS GÊNEROS
Natasha Ferraz Canto Pessoa de Luna (mestranda da UNICAP)

A pesquisa tem como foco principal desenvolver o letramento por meio da abordagem dos gêneros. O desafio a que nos propomos, neste trabalho, será de possibilitar aos professores de língua portuguesa uma formação em como podemos trabalhar o letramento e os gêneros em sala de aula, fazendo um projeto de intervenção, que será um facilitador na mudança da metodologia desses profissionais. Mostraremos a eles que o ensino da leitura e da produção de texto pode contribuir pra o desenvolvimento do letramento dos alunos, caso seja trabalhado em uma perspectiva sociodiscursiva e dentro da abordagem dos gêneros textuais. Acreditamos, portanto, que os gêneros textuais se configuram nas ações sociais. Eles representam o contato do sujeito com as práticas sociais, eles são determinantes não só pela estrutura textual, mas principalmente pela sua função social. Com o estudo dos gêneros, o sujeito torna-se parte integrante e participante dos funcionamentos da língua contextualizada.

SESSÃO 2
LETRAMENTO NO TRABALHO E NA FORMAÇÃO PARA O TRABALHO

A sessão objetiva promover discussões a partir da análise de práticas de letramentos que se efetivam nas áreas do trabalho e da formação para o trabalho. Assim sendo, serão focalizadas escritas relacionadas ao trabalho da enfermagem hospitalar, à atuação profissional do agente comunitário de saúde e ao domínio da formação laboral de condutores de veículos. Os trabalhos que integram esta sessão se apóiam nos estudos de letramento enquanto prática social (KLEIMAN, 1995; STREET, 1995) e nos estudos socioculturais do letramento (GEE, 1996). Tratam-se de investigações de abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; MINAYO, 2010, CHIZZOTTI, 2010), uma vez que procuram focalizar os fenômenos estudados "sem arrancá-los da tessitura de suas raízes" (SIGNORINI, 2004, p. 101), ressaltando aspectos do decurso de sua efetivação, captados por meio das diversas técnicas do olhar e do perguntar (ERICKSON, 1986, p. 56). Em termos de contribuição, acreditamos que, ao direcionarmos nossa atenção para o letramento promovido em áreas diferenciadas, estaremos, através de discussões geradas, abrindo novos caminhos para os estudos linguísticos que, em termos de Brasil, sempre estiveram mais centrados nas práticas de escrita pertinentes ao contexto educacional escolar.

REPRESENTAÇÕES DA ENFERMAGEM SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO TRABALHO HOSPITALAR
Ana Maria de Oliveira Paz (UFRN/CERES/DCSH/PPgEL)- coordenadora

Os artefatos são instrumentos de natureza conceitual e material que se apresentam nos níveis primário, secundário e terciário (COLE, 1998). São constituintes fundamentais da cultura de cada grupo e, em função disso, são mediadores da ação humana nas mais diversas atividades, coordenando as relações de quem os utiliza entre si e com o mundo, enquanto espaço físico e de interação social. Transportando a abordagem dos artefatos para o âmbito da enfermagem hospitalar, mais especificamente para a elaboração dos registros de ordens e ocorrências, podemos depreender que, como toda prática social de letramento, os registros tem sua efetivação mediada por artefatos como textos (artefatos materiais) e representações (artefatos conceptuais). Diante disso, o trabalho em foco objetiva analisar artefatos conceptuais ou, mais precisamente, as representações construídas pelos membros da enfermagem hospitalar, as quais evidenciam compreensões, crenças e imagens construídas a partir das vivências e interações estabelecidas cotidianamente pelos profissionais em sua comunidade de prática. Para tanto, tomamos como aportes teóricos os postulados da teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1984; 2003; JODELET, 1994; 2001; ABRIC, 1994). A investigação é de base qualitativa na medida em que leva em conta o ponto de vista dos participantes da pesquisa, "fazendo com que suas vozes sejam ouvidas", (CAVALCANTI, 2006, p. 250). As discussões apontam para a existência de representações vinculadas a princípios éticos que envolvem as práticas do trabalho hospitalar, às funções assumidas pelo uso dos registros na enfermagem, bem como a outras práticas de escrita circulantes em diversas esferas sociais e institucionais, inclusive no âmbito hospitalar. A contribuição da investigação está no fato de trazer para o campo do debate sobre letramentos tópicos como o dos artefatos conceptuais e sua relevância para a compreensão de questões ligadas às práticas de escrita da esfera do cuidar.

AS PRÁTICAS DE LEITURA NO TRABALHO DO AGENTE COMUNITÁRIO DE SAÚDE
Carlos Henrique da Silva (Mestrando/PPgEL/ UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz (UFRN/CERES/DCSH/PPgEL)

A leitura constitui-se ferramenta indispensável para o desenvolvimento do ser humano. Ela é fundamental para a construção dos conceitos e dos significados na vida dos sujeitos e do mundo que os cerca. Diante disso, faz-se necessário reconhecer a relevância da leitura não somente no âmbito escolar, mas também nas inúmeras esferas da atividade humana, sobretudo, na área do trabalho, lugar em que os sujeitos recorrem a essa prática no sentido de responder às inúmeras exigências sociais demandadas pela atividade laboral. Nessa perspectiva, a pesquisa proposta objetiva investigar as leituras realizadas pelo Agente Comunitário de Saúde (ACS) com vistas a efetivar suas atividades no âmbito do trabalho. Metodologicamente, a investigação se insere no campo da Linguística Aplicada e segue uma abordagem de natureza qualitativa. Como pressupostos teóricos, adotamos os fundamentos estabelecidos por Nouroudine (2002), Kock; Elias, (2008), e Paz (2008), dentre outros. Para construção dos dados, são utilizados questionários constituídos por perguntas abertas no sentido de compreender quais as leituras realizadas por estes profissionais da área da saúde em seu trabalho, assim como sua compreensão acerca das referidas práticas. Os resultados indicam a efetivação de leituras relacionadas à área da saúde, mais precisamente, no que diz respeito ao atendimento básico às famílias assistidas pelo Programa Saúde da Família (PSF) do Governo Federal. A contribuição deste trabalho reside na possibilidade de expandir as discussões acerca das práticas de leitura direcionando o foco para o campo das atividades laborais, reconhecendo estas práticas como ações desenvolvidas por pessoas que as utilizam para agirem no mundo do trabalho e contemplar exigências comunicativas inerentes à sua profissão.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA POLÍTICA PÚBLICA DO TRÂNSITO: UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE CONDUTORES DE VEÍCULOS
Klébia Ribeiro da Costa (Mestranda/PPgEL/ UFRN)
Orientadora: Profa. Dra.Ana Maria de Oliveira Paz(UFRN/CERES/DCSH/PPgEL)

Encontrar alternativas para tornar o trânsito mais seguro, tem se constituído como uma preocupação dos gestores públicos brasileiros, em virtude do alto índice de ocorrências que matam ou lesionam, principalmente, a população jovem. Vivemos numa sociedade onde se presentificam textos de diversas naturezas e com fins variados. Como defende Barton (1993), o mundo é mediado textualmente. Dessa forma, práticas de leitura e escrita são fundamentais para o desenvolvimento individual e social de um determinado grupo. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é discutir sobre as práticas de leitura e escrita de condutores de veículos em formação e que orientam as suas atividades laborais, uma vez que elas constituem a base teórica de conhecimentos para a agência desses sujeitos no domínio do trânsito. A nossa discussão está fundamentada nos estudos de letramento enquanto prática social (KLEIMAN, 1995; STREET, 1995) e nos estudos socioculturais do letramento (GEE, 1996). Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; MINAYO, 2010, CHIZZOTTI, 2010), mais especificamente, de natureza etnográfica (ANDRÉ, 1995; CANÇADO, 1996). Para alcançarmos tal intento, observamos eventos de leitura e escrita realizados nos centros de formação, dos quais participam condutores em processo formativo. Este estudo nos permitiu depreender que as atividades de letramento para o trânsito são mediadas por cartilhas que discutem os princípios de normatização de trânsito estabelecidos no Código de Trânsito Brasileiro (CTB). Por meio de uma linguagem acessível e ilustrada, essas cartilhas postulam a formação agentiva dos futuros condutores que, por sua vez, são orientados acerca das transgressões, multas aplicáveis, sansões e outras penalidades quando da prática de infrações. Em face disso, é possível reconhecer a importância da reflexão gerada por meio das atividades de leitura, acerca das responsabilidades dos condutores/aprendentes quanto à organização do espaço público e da segurança de todos que utilizam as vias públicas para deslocamento.

SESSÃO 3
TRAJETÓRIAS PARA O LETRAMENTO A PARTIR DA ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS: NOVAS DISCUSSÕES

A ABORDAGEM DOS GÊNEROS COMO ESTRATÉGIA PARA A LEITURA PROFICIENTE
Marcia Elizabeth Bortone (UnB/ UFPE/UNICAP)

Procurar-se-á demonstrar como a metodologia da leitura na escola pode ser bem sucedida se trabalhada dentro das perspectivas dos gêneros textuais É fundamental que o professor tenha clareza sobre o valor social da leitura e leve seu leitor em formação a entender para que "serve" ler determinado texto, ou, em outras palavras, leve-o a perceber a função social da leitura. Nossa pesquisa, que está em andamento em uma escola pública na cidade de Recife, está alicerçada a uma visão sociointeracionista de aprendizagem. (cf.SCHNEUWLY e DOLZ 2004). Entendemos que a leitura dos inúmeros gêneros textuais determina, em grande medida, a forma como pensamos e agimos no e sobre o mundo; compreendemos, ainda, que a leitura só pode ser construída em uma perspectiva discursiva e interacional, vista, portanto, de forma contextual, no interior de práticas socioculturais. Nesta concepção interacional e dialógica de língua (cf. Bakhtin, 2004), os sujeitos são tidos como atores/construtores sociais, ou seja, são protagonistas que, dialogicamente, se constroem discursivamente, seja pela oralidade ou pela escrita. É necessário, outrossim, atentar para o fato de que, no ato de ler, são desenvolvidas habilidades cognitivas e metacognitivas que incluem a capacidade de interpretar idéias, construir

inferências, perceber como uma escolha lexical cria um determinado efeito de sentido, entre outras habilidades. A leitura, portanto, é um processo complexo, em que o leitor lança mão de vários níveis de conhecimento além do linguístico, para que haja compreensão. Nossa meta nesta pesquisa é a de construir novas estratégias no ensino de leitura. O professor poderá, assim, contribuir efetivamente para a formação de leitores, adotando práticas de leitura e escrita que reforcem a busca de significados e da compreensão e não a simples decodificação.

AUTORIA: O OLHAR DO PROFESSOR DIANTE DA PRODUÇÃO ESCRITA DO ALUNO NAS SÉRIES INICIAIS
Josiane Almeida da Silva(Mestranda da Universidade Católica de Pernambuco)

O trabalho que apresentamos propõe uma breve discussão a respeito da intervenção docente frente à autoria das crianças das séries iniciais de escolas da rede pública municipal das cidades do Recife e Jaboatão dos Guararapes. Nosso objeto de estudo configura-se na prática docente de professores que lecionam no 4º ano do ensino fundamental de duas escolas das referidas redes de ensino, e tem o intuito de verificar como se dá o trabalho desses profissionais no que se refere à produção textual, bem como suas concepções de língua e linguagem. Esse estudo tem por objetivo geral: Investigar até que ponto a prática docente constitui um catalisador para a construção ou desconstrução do sujeito-autor. A pesquisa faz parte de um estudo mais amplo "Letramento e Ensino", que visa ao rompimento com as concepções dicotômicas entre escolarização e vida social desmistificando a ideia limitada de que a sala de aula seria o único lugar de aprendizagem e interação com a língua escrita. O trabalho é uma pesquisa em andamento, que busca respaldo na visão dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin, na perspectiva sócio interacionista e sociodiscursiva. Para fundamentar nossa pesquisa nos apoiaremos em aportes teóricos que nos deem condições de construir uma base sólida a respeito do processo de interação professor-aluno-autor, bem como nos permitam visualizar os equívocos que fazem parte da prática docente com relação ao tratamento da autoria e da prática de produção textual como lugar de interação no sentido de reconhecê-la como um processo de interdiscursividade e ainda a visualização da importância do trabalho com gêneros orais escritos na perspectiva do letramento. Dessa forma, pretende-se adotar o método indutivo constituindo-se de técnicas de observação com uma pesquisa etnográfica da sala de aula, bem como entrevistas aos docentes, gestores escolares e coordenadores pedagógicos das unidades de ensino já mencionadas, além da pesquisa bibliográfica.

FORMAÇÃO CONTÍNUA: O IMPACTO NA PRÁTICA NA MEDIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE PRODUÇÃO TEXTUAL - UM ESTUDO DE CASO
Michele Elias de Carvalho

As mudanças sociais, econômicas e culturais que acontecem em todo o mundo nos fazem refletir a respeito das novas demandas que chegam às escolas e, refletem consequentemente, à prática docente. Diante disso, surge para os professores a necessidade de uma formação contínua que permita a elaboração e reelaboração da sua prática. A formação contínua, em exercício, com o objetivo formativo é caracterizada como um conjunto de atividades desenvolvidas pelos professores, individualmente e/ou em grupo, que visa ao desenvolvimento tanto pessoal como profissional para o atendimento das novas e tão atuais demandas. Nesse contexto, percebe-se a necessidade de uma formação contínua para atender às referidas demandas no sentido de propiciar aos docentes a possibilidade de uma prática pautada na reflexão. Para atender a essa nova perspectiva de ensino, surge o professor alfabetizador que nos últimos anos vivenciou uma série de transformações nas concepções de ensino, aprendizagem e alfabetização. Tendo em vista que a escola é lugar privilegiado do ensino da leitura e da escrita, a presente pesquisa tem como propósito investigar a prática do professor alfabetizador, no que diz respeito à concepção de língua e, consequentemente, a metodologia utilizada nas aulas Língua Portuguesa no que se refere à mediação das atividades que objetivam a produção textual.

SESSÃO 4
LETRAMENTOS: CENÁRIOS, SUJEITOS E PRÁTICAS

Esta sessão de comunicações coordenadas tem o objetivo de propiciar o diálogo entre as pesquisas de mestrado desenvolvidas pelos membros do grupo de pesquisa Letramento e Etnografia junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL/UFRN). Nesse sentido, realizamos um recorte das pesquisas em andamento, resultando as seguintes comunicações: (i) Letramento digital do professor: mapeando práticas e acervos; (ii) Monitoria de graduandos de letras no bacharelado em Ciências e Tecnologia/UFRN; (iii) A escrita acadêmica no domínio administrativo: o gênero requerimento como prática de letramento. Nesse sentido, discutimos as práticas de letramento efetivadas pelos seguintes sujeitos, respectivamente: (i) professores da rede municipal de ensino da cidade do Natal/RN; (ii) estudantes de letras, precisamente, monitores do componente curricular *Práticas de leitura e escrita,* na Escola de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN; e (iii) alunos da UFRN, quanto à prática da escrita no domínio administrativo, especificamente quanto à produção do gênero requerimento. Tais comunicações situam-se no âmbito da Linguística Aplicada e buscam contribuições teóricas, principalmente, nos estudos do letramento (KLEIMAN, 1995; 2005; KLEIMAN; OLIVEIRA, 2008), os quais tem como objeto de estudo os impactos sociais do uso da escrita. Também consideramos essenciais para dar suporte aos estudos apresentados, a concepção de língua como interação (KOCH, 2005) e a compreensão de que o gênero textual/discursivo é uma forma de ação social (BAZERMAN, 1994; MILLER, 1984; 1994). No que diz respeito à metodologia, as pesquisas estão situadas na vertente etnográfica e englobam as dimensões qualitativa e quantitativa.

LETRAMENTO DIGITAL DO PROFESSOR: MAPEANDO PRÁTICAS E ACERVOS
Louize Lidiane Lima de Moura (UFRN)
Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

O advento da globalização acarretou o aparecimento de novas tecnologias no cenário mundial, com a finalidade de satisfazer o surgimento de necessidades humanas que também se renovaram. Nesse sentido, a educação foi um dos campos do conhecimento mais privilegiados, uma vez que a revolução tecnológica possibilitou maior agilidade quanto ao acesso a informações de toda e qualquer natureza. Embora essa revolução tecnológica reflita a ampliação do desenvolvimento humano em vários campos, boa parcela da sociedade ainda não está inserida na ciber-cultur@ (GONZÁLEZ, 1998; 2007). Tendo em vista essa problemática, este estudo investiga as práticas de letramentos digitais efetivadas por 30 (trinta) professores da rede municipal de ensino da cidade do Natal/RN, mapeadas através de questionários. A metodologia adotada é de cunho tanto qualitativo (PEREIRA; ROCA, 2009; OLIVEIRA, 2004), devido à natureza etnográfica da pesquisa, quanto quantitativo, haja vista a utilização de gráficos e tabelas para melhor visualização dos dados gerados. As questões de pesquisa que motivam este trabalho são as seguintes: (i) quais as práticas de letramento digital efetivadas por professores das escolas públicas da cidade do Natal/RN?; (ii) quais os acervos de gêneros digitais a que eles tem acesso? (iii) o letramento digital desses professores estabelece alguma relação com sua atuação em sala de aula? Para responder a essas perguntas, nos ancoramos teoricamente nos estudos de letramento (KLEIMAN, 1995; 2005; KLEIMAN; OLIVEIRA, 2008), na concepção de letramento(s) digital(is) (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008; BUZATO, 2006) e na teoria social do discurso (FAIRCLOUGH, 2001). Nossas análises preliminares apontam para uma a defasagem quanto ao conhecimento do professor para agir no mundo digital no que se refere, especialmente, à utilização de ferramentas como o computador e a internet.

A ESCRITA ACADÊMICA NO DOMÍNIO ADMINISTRATIVO: O GÊNERO REQUERIMENTO COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO
Eliane Cristina Alves de Souza (UFRN)

No ambiente administrativo das instituições públicas, muitas práticas de escrita são realizadas com propósitos estabelecidos. Considerando que o letramento é um fenômeno que compreende o agir das pessoas por meio da leitura e da escrita em inúmeros contextos sociodiscursivos (SCRINBNER; COLE, 1981; KLEIMAN, 1995), elegemos o gênero requerimento como questão central para refletirmos sobre a produção textual de graduandos no ambiente administrativo de uma instituição pública de ensino superior. A pesquisa tem como objetivos: 1) examinar as dimensões linguística, cognitiva e retórica dos requerimentos produzidos pelos graduandos no domínio administrativo; 2) analisar a construção do gênero requerimento pelos graduandos; e 3) apontar os elementos contextuais que determinam a construção desses requerimentos. O corpus investigado será constituído de textos produzidos por graduandos no âmbito da administração, com propósitos reais e específicos, coletados em 2010 e 2011; bem como de entrevistas realizadas com graduandos, servidores e coordenadores de curso de graduação, em 2011. Trata-se de um estudo de caráter documental e etnográfico com propósitos situados no paradigma qualitativo (BODGAN; BIKLEN, 1994). Para tanto, nos fazemos valer da concepção de leitura e de escrita como prática social, conforme a perspectiva dos "estudos de letramento" (BARTON, 1994; KLEIMAN, 2008; STREET, 1994, 1995) e da compreensão sócio-retórica de "gêneros discursivo" enquanto formas de ação social, realizados através de usos reais da língua (BAZERMAN, 1994; MILLER, 1984, 1994; SWALES, 1990). A análise parcial dos dados apontam que a elaboração dos requerimentos pelos graduandos relaciona-se tanto com a compreensão do gênero discursivo em questão, quanto com a compreensão dos elementos contextuais do domínio em questão. Dessa forma, é possível afirmar que a discussão sobre a escrita da escrita como instrumento de participação, bem como deste ambiente que se apresenta de modo amplo, diversificado e democrático para atuação social.

MONITORIA DE GRADUANDOS DE LETRAS NO BACHARELADO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA/UFRN
Taynã Cavalcanti de Paiva (UFRN)

A participação de graduandos dos cursos de licenciatura em atividades além da graduação, que envolvam o ensino, tem sido cada vez mais relevante para que esses sujeitos possam aprimorar o processo de formação docente. A experiência, no entanto, pode se tornar intrigante quando a área de atuação, em situações de monitoria, por exemplo, não é na mesma área da graduação em andamento desses estudantes. Esse caso pode ser verificado na Escola de Ciências de Tecnologia da UFRN que, para integrar o componente curricular Práticas de Leitura e Escrita do Bacharelado em Ciências e Tecnologia, conta com uma equipe de monitores que são graduandos de Letras. Vale salientar que há também monitores desse componente que são graduandos do próprio Bacharelado em Ciências e Tecnologia. Entretanto, o nosso enfoque neste trabalho será a experiência vivenciada pelos primeiros, tendo em vista o campo de atuação na monitoria ser numa área diferente do curso em andamento na graduação. Esperamos com isso sondar as expectativas, os desafios, os ganhos para a profissão que cercam essa atuação em um curso de ciências e tecnologia. A nossa fundamentação teórica é nos pressupostos da concepção de língua de Bakhtin ([1952-1953] 2000); nas concepções de leitura e escrita de Abreu (2002), Freire (2003), Paiva e Tinoco (2009), Possenti (2005), Soares (2002); nos estudos de letramento difundidos por Kleiman (2000, 2005, [1995] 2008), Kleiman e Signorini (2000), Kleiman e Oliveira (2008), Oliveira (2008), Street (1984), Tinoco (2008). Para proceder com o estudo, o corpus da nossa pesquisa é composto por entrevistas gravadas em áudio, cedidas pelos sujeitos, relatando suas impressões sobre o componente curricular supracitado do Bacharelado em Ciências e Tecnologia.

SESSÃO 1
A ATIVIDADE DOCENTE: EM ESTUDO DE TRÊS GÊNEROS TEXTUAIS

As reflexões linguísticas sobre o funcionamento dos diversos gêneros textuais e o consenso acerca da necessidade de eles serem objeto de estudo, nas escolas, acostumaram-nos a pensar que os gêneros devem ser trabalhados pelo professor, para que seus alunos tenham bom domínio de escrita e leitura e saibam atuar socialmente por meio desse domínio. Esquecemos, entretanto, que há gêneros textuais cuja circulação é um pouco mais restrita e que fazem parte do cotidiano de certos profissionais, e não de outros. Nessa perspectiva, esta comunicação coordenada tem como objetivo apresentar e discutir o funcionamento de três gêneros bastante utilizados pelos professores, em suas práticas cotidianas: as provas escritas, as apresentações em PowerPoint e os pareceres pedagógicos. O primeiro desses gêneros – a prova escrita – configura-se como o instrumento de avaliação mais utilizado pelos profissionais da educação. Apesar disso, muitos professores apresentam dificuldades em sua elaboração, o que contribui para reduzir consideravelmente o poder avaliativo do instrumento e, assim, falsear os resultados. O segundo dos gêneros mencionados – a apresentação em PowerPoint – está cada dia mais disseminado entre os professores, e caracteriza-se por integrar imagens, palavras e outros elementos gráficos ou sonoros que se combinam e cooperam entre si no espaço da página para criar significados. O terceiro gênero a ser debatido é o parecer pedagógico, que, constituindo-se como um importante gênero na ação docente de avaliar e registrar a aprendizagem escolar, requer que o professor produtor tenha clareza quanto a sua concepção formativa e diagnóstica de avaliação e suficiente competência comunicativa. O aspecto convergente entre gêneros tão distintos, e razão de estarem coordenados nesta comunicação, são as relações de influência sobre a prática pedagógica, as quais se mostram ressaltadas em maior ou menor grau, conforme o gênero ou conforme o produtor.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO "PROVA ESCRITA": PONDO O PROFESSOR À PROVA
Ana Maria Costa de Araújo Lima (UFPE) – coordenadora

A atividade de elaborar provas escritas é, se não a mais frequente, ao menos uma das mais frequentes atividades na prática docente. Apesar dessa alta frequência, os professores de todas as disciplinas são unânimes em reconhecer que elaborar provas não é tarefa fácil. Por isso, e por conta da sua relevância para a prática docente, defendemos que o gênero "prova escrita" não pode ser esquecido nos cursos de formação de professores, nem deve receber tratamento unilateral, ou seja, como se fosse um gênero que deve ser utilizado apenas do professor para o aluno. Do ponto de vista do ensino desse gênero, acreditamos que a tarefa de elaborar provas deve ser pensada em três etapas distintas: a primeira, anterior à elaboração das questões, envolve basicamente a definição da finalidade de cada questão e a seleção de um estímulo (texto, no caso de língua portuguesa), que seja adequado à finalidade pretendida e ao nível de escolaridade, e relevante, do ponto social e de seus conteúdos. A segunda etapa corresponde à de elaboração dos enunciados e das alternativas (no caso de provas de múltipla escolha). Por fim, a terceira etapa é a de revisão, que deve ser feita tendo-se em mente que toda a prova deve estar absolutamente legível, sem falhas de reprodução e de digitação, e, evidentemente, não deve apresentar usos, em qualquer nível, fora da norma padrão. Vê-se, assim, que a atividade de elaborar provas escritas envolve um amplo conjunto de habilidades que precisam ser aprendidas pelos educadores, com vistas a que o instrumento de avaliação – a prova – seja bem elaborado e, enfim, consiga revelar com maior precisão o nível de aprendizagem do educando. A partir dessa perspectiva, este trabalho pretende apresentar e discutir diversas questões envolvidas na elaboração do gênero "prova escrita". Acreditamos, em consonância com Antunes (2010), que esse gênero, além de apresentar características formais bastante peculiares, também revela de maneira muito clara as opções teóricas de seu elaborador.

O POWERPOINT VOLTADO PARA O ENSINO: UMA ABORDAGEM RETÓRICA E MULTIMODAL DO GÊNERO
Ana Regina Ferraz Vieira (IFPE)

Neste início de século, as Apresentações em PowerPoint configuram-se como documentos complexos, sofisticados em termos de layout e cada vez mais disseminados em resposta a um novo cenário tecnológico e, particularmente, às novas versões do PowerPoint® lançadas sucessivamente desde 1984, quando o Presenter inaugurou o mercado e o uso de softwares de apresentação multimídia. A Apresentação em PowerPoint emergiu como gênero essencialmente ligado ao mundo do trabalho e às novas tecnologias, caracterizando-se por integrar imagens, palavras e outros elementos gráficos ou sonoros que se combinam e cooperam entre si no espaço da página para criar significados. Com o mesmo vigor que conquistam usuários há 27 anos, o software PowerPoint® e as onipresentes Apresentações em PowerPoint suscitam polêmicas ou questões de naturezas diversas em esferas diversas, inclusive no âmbito do ensino que põem em dúvida o seu valor pedagógico. Este estudo investiga a organização retórica de Apresentações em PowerPoint disponibilizadas em domínio público na Internet e particularmente voltadas para o ensino, ou PowerPoints Educativos, ancorando-se nas perspectivas dos estudos retóricos de gênero (MILLER, 2009; BAZERMAN, 2005); da multimodalidade na semiótica social (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006; VAN LEEUWEN, 2005) e da Teoria da Estrutura Retórica – TER (MANN e TABOADA, 2009; MANN, MATTHIESSEN e THOMPSON, 1992; MANN e THOMPSON, 1988) e aplicando o framework de John Bateman (2008) para análise de documentos multimodais. Os resultados sinalizam que os PowerPoints Educativos: a) variam dentro de um continuum entre um maior ou menor uso de recursos visuais na realização de sua organização retórica; b) apresentam de forma recorrente uma estrutura retórica centrada em relações que refletem o caráter pedagógico do gênero, sobretudo as de elaboração; e, finalmente, c) variam quanto à intensidade de uso do layout como recurso semiótico em si que sugere propósitos retóricos específicos.

SESSÃO 2
ANÁLISE DIALÓGICA DE TEXTOS VERBO-VISUAIS

Esta sessão coordenada reúne pesquisas em andamento ancoradas nos fundamentos teóricos de Bakhtin (2003) e do círculo no que diz respeito às concepções de enunciado concreto, de dialogismo, de exotopia, de acabamento estético. Tais concepções dialogam na construção da arquitetônica do texto-enunciado e, portanto, devem ser consideradas na análise dos elementos verbais e visuais que o compõem. Isso quer dizer que os textos são híbridos em sua materialidade, ou seja, não se pode desconsiderar, sob o risco de comprometimento da leitura, que os textos não são organizados apenas a partir da letra, da palavra, mas que mesmo aqueles que à primeira vista nos parecem ser constituídos apenas do verbal já o são constitutivamente marcados pelo hibridismo de diferentes linguagens. Ademais, toda a construção visual presente no gênero, ou seja, a diagramação, cores, figuras, tipo de papel (no caso de texto escrito) ou até como as pessoas atuam nos textos orais (gestos, entonação de voz, expressões faciais) necessariamente fazem parte de sua arquitetônica e devem, portanto, ser objetos de leitura. Assim, precisamos compreender que a imagem ou qualquer outra linguagem quando se apresenta nos textos (de qualquer espécie) não são apenas apêndices, ilustrações ou enfeites, mas são partes dele e, portanto, merecem ser considerados e lidos tanto quanto a palavra. Todos os trabalhos se inserem na área da Linguística Aplicada, mais especificamente aquela de perfil sócio-histórico (ROJO, 1990, 2006), que concebe a linguagem como construção sócio-histórica na qual as interações intersubjetivas e as atividades de linguagem são determinantes desse mesmo processo. Para tanto, os procedimentos metodológicos advêm da pesquisa de base qualitativa e a construção dos dados se encontra em processo.

ECOS DA PORNOCHANCHADA: UM ESTUDO DIALÓGICO DAS VOZES SOCIAIS QUE EMERGEM DAS COMÉDIAS ERÓTICAS DOS ANOS 70
Gilvando Alves de Oliveira (Doutorando/UFRN) – coordenador
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

A produção das comédias eróticas dos anos 70 no Brasil foi denominada de pornochanchada. Tais comédias fizeram um grande sucesso frente ao público brasileiro, mas sempre foram ridicularizadas pela crítica que as julgava como cinema mal realizado. Por isso, esta palavra, desde o seu surgimento, vem sendo valorada, na maioria das vezes, de maneira pejorativa e foi/é utilizada para nomear não só as comédias mas também toda e qualquer produção cinematográfica apressada e mal acabada. Assim, nos propomos a analisar uma reportagem (E depois da pornochanchada, 1976) e dois artigos de opinião – o primeiro O lugar da pornochanchada (1980), de Eduardo Portella; o segundo A televisão é pornográfica (1994), de David Cardoso – publicados na revista Veja, a fim de investigar como algumas vozes sociais foram determinantes para imprimirem valores positivos e negativos atribuídos à pornochanchada. Para a análise desse corpus, nossa pesquisa ancora-se, principalmente, nas concepções de Bakhtin (1988, 1997, 2003, 2008) sobre linguagem, enunciação, dialogismo e vozes sociais Por meio dessas três análises de textos, produzidos em períodos distintos, observamos se o valor pejorativo atribuído ao enunciado pornochanchada foi dado apenas pelos sujeitos que estavam à sua margem (os críticos de cinema, por exemplo) ou se essa valoração também foi determinada pelos que realizavam as comédias (as atrizes, por exemplo). Além disso, investigamos como essas vozes dialogam entre si, possibilitando a construção de uma imagem (positiva e/ou negativa) da pornochanchada numa intricada rede dialógica. Por meio dessa análise, foi possível recuperar alguns posicionamentos acerca desse fenômeno cinematográfico brasileiro, já que, segundo Bakthin (1988), qualquer palavra encontra o objeto a que ela se refere recoberto de qualificações.

A QUESTÃO DO IMAGÉTICO NA CHARGE: UMA REFLEXÃO ACERCA DA LEITURA DA IMAGEM
Fernanda de Moura Ferreira (Mestranda/UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Os gêneros discursivos que apresentam linguagem não verbal são muito utilizados principalmente na esfera escolar, tendo em vista o interesse que despertam nos alunos. Porém, ao entrar nesse ambiente são colocados, em geral, em atividades que desconsideram a parte imagética do texto, focando unicamente no escrito e deixando de lado uma parte muitas vezes determinante para que se possa compreender plenamente o texto. Olhando por este ângulo, objetivamos refletir sobre a questão da leitura do não verbal no gênero discursivo charge. Para tanto, utilizaremos as postulações teóricas feitas pelo círculo de Bakhtin (2010; 2003; 1986) sobre linguagem e relações dialógicas, Antunes (2003) e Bagno (2002) sobre o ensino de Língua Portuguesa e Freire (2006) entre outros. Este trabalho é uma pesquisa de caráter qualitativo, ou seja, interpretativista e enquadrado na área de concentração da Linguística Aplicada.

A LINGUAGEM VERBO-VISUAL NOS DIÁRIOS LEITURA: A CONFIRMAÇÃO DE UM POSICIONAMENTO
Rhena Raíze Peixoto de Lima (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

O trabalho a ser apresentado tem como objetivo analisar a confirmação, por meio da linguagem visual, de posicionamentos de alunos nos textos produzidos em diários de leitura. Ao avaliarem textos nos diários, alguns alunos optam por utilizarem a linguagem visual não apenas como mera ilustração, mas como um enunciado que manterá diálogo com o texto verbal e confirmará o posicionamento já apresentado nele. Essa linguagem visual pode se fazer presente por meio de desenhos feitos pelos próprios alunos ou por meio de colagens em que utilizam imagens de revistas analisadas por

eles em seus textos. Sendo assim, podemos considerar que esses enunciados, híbridos em sua materialidade, podem constituir um corpus rico para um estudo sobre enunciados como atividade responsiva-ativa que se manifesta nos diversos aspectos de um texto: tanto nos aspectos verbais, quanto na construção visual (diagramação, cores, figuras, colagens). A análise dos textos será embasada pela concepção dialógica da linguagem, sobretudo os conceitos bakhtinianos sobre enunciado, gênero do discurso e relações dialógicas. (BAKHTIN, 2003/2010). A pesquisa se enquadra na pesquisa qualitativa de cunho interpretativista e sócio-histórico uma vez que tem o texto como fonte de dados para procurar compreender os sujeitos colaboradores a fim de, por meio deles, entender também o contexto social no qual estão inseridos. Além disso, a pesquisa visa conhecer a perspectiva dos participantes da situação estudada (FREITAS, 2007), considerado-os como sujeitos que relacionam-se, entre si e com o mundo, por meio da linguagem.

SESSÃO 3
ANÁLISE DIALÓGICA DE GÊNEROS DISCURSIVOS

Para Bakhtin (2003), sempre que falamos utilizamos os gêneros do discurso que são tão heterogêneos e multiformes como o são as nossas práticas sociais. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos, únicos, singulares, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Ademais, os gêneros apresentam um caráter sócio-histórico uma vez que estão diretamente relacionados a diferentes situações sociais. Dado esse caráter, os gêneros não são estáticos, imutáveis ou formas desprovidas de dinamicidade. Relativamente estáveis, eles mudam com as práticas sociais, alteram-se com a aplicação de novos procedimentos de organização e de acabamento do todo verbal e de uma modificação do lugar atribuído ao ouvinte. Além disso, cada gênero do discurso pressupõe um lugar e um tempo legítimos para serem enunciados e recebidos pelo ouvinte/leitor. Com essa compreensão dos gêneros discursivos, esta sessão coordenada agrupa trabalhos, pesquisas em andamento, que discutem o lugar dos gêneros discursivos em diferentes esferas da atividade humana (artística e escolar), considerando, para tanto, as injunções, o dinamismo e a mobilidade dos gêneros discursivos. Os trabalhos têm como fundamentação a obra de Bakhtin (1992, 2003) e do Círculo e se orientam pelas concepções de enunciado, de gênero discursivo, responsividade, ato ético, vozes sociais, acabamento estético a fim de construir a análise do corpus. Todos os trabalhos se inserem na área da Linguística Aplicada, mais especificamente aquela de perfil sócio-histórico (ROJO, 1990, 2006), que concebe a linguagem como construção sócio-histórica na qual as interações intersubjetivas e as atividades de linguagem são determinantes desse mesmo processo. Para tanto, os procedimentos metodológicos advêm da pesquisa de base qualitativa e a construção dos dados se encontra em processo.

"O ACABAMENTO ESTÉTICO NA LIRA PATATIVIANA".
Janaína Moreno Matias (UFRN) - coordenadora

Constitui objetivo central investigar como, na materialidade linguístico-discursiva dos poemas, Patativa do Assaré dá acabamento estético ao seu dizer, por meio do estilo que se constrói na fronteira de sua voz com a voz alheia. Buscamos, ainda, desenvolver um estudo sobre a poética de Patativa, observando o entrecruzamento das diferentes vozes constituidoras de sua vocalidade poética. Abalizamo-nos, teoricamente, na concepção de sujeito, de estilo, de vozes sociais e de relações dialógicas entre textos, conforme concebe Bakhtin (1992, 2003, 1995). A pesquisa de caráter documental situa-se na área de estudos da Línguística Aplicada e mantém interface com a Literatura. Metodologicamente, adotamos a abordagem sócio-histórica com perfil interpretativista (FREITAS, 2002; ROJO, 2008) para analisar o corpus que foi formado a partir da obra Cante lá que eu canto cá (2004). As considerações a que chegamos nos permitem afirmar que o universo descrito por Patativa do Assaré reflete, ao mesmo tempo em que refrata, aquela realidade. Sua poesia tem um aspecto de registro cultural, transparecendo em seus poemas todo o mundo quimérico e aparentemente ilusório do caboclo nordestino, pintando, em corrosivas estrofes, a realidade de uma região onde o homem e a terra estão intrinsecamente ligados pelo vigor do mesmo desamparo.

GÊNEROS DISCURSIVOS EM PERSPECTIVA DIALÓGICA: A LEITURA DOS ELEMENTOS VERBAIS E VISUAIS
Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Os gêneros discursivos têm se constituído em objeto de investigação na área de Linguística Aplicada sob diferentes perspectivas (BUNZEN; MENDONÇA, KLEIMAN, 2006; MARCUSCHI, 2008; MOTTA-ROTH, 2004; 2005; ROJO, 2006; 2007) e seu papel nas atividades de leitura, de escrita e de análise lingüística. Este trabalho compreende, a partir da obra de Bakhtin e do círculo, que o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos, únicos, singulares, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Assim, pretende-se discutir o lugar dos gêneros discursivos no cronotopo escolar, especificamente na sala de aula de Língua Portuguesa e nas atividades de leitura, considerando as injunções, o dinamismo e a mobilidade dos gêneros discursivos como também a premência classificatória e gramaticalizante que tem norteado algumas práticas de sala de aula que desconsideram o axiológico, o dialógico e a instabilidade inerente aos gêneros que circulam nas diferentes esferas sociais. A fim de compreender as peculiaridades da sala de aula, nos reportamos aos trabalhos de Bakhtin (1990) sobre cronotopo como categoria que evidencia a relação tempo-espaço como construções axiológicas de um sujeito imerso em interações heterogêneas, complexas e tensionadas. Por esse viés, concebe-se a sala de aula como um cronotopo cujas peculiaridades determinam ações, relações, construções, conflitos que precisam ser considerados nas atividades de leitura, especificamente de gêneros que apresentam

elementos verbais e visuais na sua arquitetônica. O trabalho se insere na área de Linguística Aplicada, mais especificamente aquela de perfil sócio-histórico (ROJO, 1990, 2006), que concebe a linguagem como construção sócio-histórica na qual as interações e as atividades de linguagem nas quais o sujeito se constitui são determinantes desse mesmo processo. Recorte de uma pesquisa maior desenvolvida na UFRN, "Gêneros discursivos: produção, circulação, leitura e análise em sala de aula", apresenta-se neste momento, as reflexões fundantes dessa pesquisa que tem como finalidade o estudo e análise de gêneros discursivos enquanto categoria norteadora nas atividades de linguagem em sala de aula no que concerne a um trabalho com leitura e escrita.

MEMÓRIAS DE LEITURA E A CONSTRUÇAO DO ETHOS DE LEITOR
Ester Cavalcanti da Silva Araújo (UFRN)

Para a construção desse trabalho selecionamos o corpus que é composto por "memórias de leitura" de alunos que participaram de um Curso de formação continuada, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Observamos em estudos realizados sobre o gênero discursivo "memórias de leitura" que o mesmo tem se tornado uma fonte para a investigação de questões relacionadas à leitura de discentes e sobre questões discursivas diversas. Nesse trabalho, nos propomos a analisar as "memórias de leitura" dos discentes com o objetivo de compreender o modo como eles constroem a imagem de si, enquanto leitores. Portanto, para analisar o corpus desse trabalho, utilizaremos as teorizações sobre gêneros discursivos e linguagem de BAKHTIN (2003), que compreende os gêneros discursivos como enunciados concretos e concebe a linguagem como prática dialógica, socialmente construída; sobre concepções de leitura, recorreremos às teorizações de FREIRE (2008), GARCEZ (2002), entre outros teóricos, que a entendem como prática discursiva construída na interação; e sobre formação de professores e memória nos ancoraremos nas teorizações de NÓVOA (2007), que aborda sobre dispositivos que procuram rememorar as práticas dos professores, através de estratégias diversas (narrativas orais, relatos escritos, etc.) como fonte de reflexão do seu percurso de aprendizagem/ensino.

SESSÃO 4
RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DAS VOZES EM DIFERENTES GÊNEROS DISCURSIVOS

Um dos principais objetivos do ensino de língua, seja materna ou estrangeira, é a formação de um cidadão autônomo e crítico. Nesse sentido, a presente sessão tem por escopo discutir a (não) assunção da responsabilidade enunciativa em diversos gêneros discursivos como meio de formação de um sujeito crítico, a partir de resultados parciais de pesquisas sobre o tema.

ENSINO DAS VOZES NO TEXTO POLÍTICO: UM ESTUDO SOBRE A (NÃO) ASSUNÇÃO DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA NO PRIMEIRO DISCURSO DE POSSE DE EVO MORALES - PRESIDENTE DA BOLÍVIA.
Alexandro Teixeira Gomes (UFRN) – coordenador

A noção de responsabilidade enunciativa na qual nos ancoramos é a que considera que "o sujeito responsável pela referenciação do objeto exprime seu PvD tanto diretamente, por comentários explícitos, como indiretamente, pela referenciação, ou seja, através de seleção, combinação, atualização do material linguístico" (RABATEL, 2008 apud RODRIGUES et al, 2010, p. 153). Nesse sentido, entendemos que a (não) assunção da responsabilidade enunciativa se configura como mecanismo argumentativo fortemente marcado pelo produtor do texto com vistas a determinados propósitos comunicativos. Assim, este trabalho tem por escopo analisar as diferentes vozes que perpassam o primeiro pronunciamento de posse de presidente boliviano Evo Morales, considerando os postulados da Análise Textual dos Discursos (ADAM, 2008, 2011, RODRIGUES et al, 2010). As categorias analisadas são aquelas consideradas por Adam (2008, 2011) ao referir-se ao grau de responsabilidade enunciativa dos enunciados, a saber: os índices de pessoas, os dêiticos espaciais e temporais, os tempos verbais, as modalidades, os diferentes tipos de representação da fala, as indicações de quadros mediadores, os fenômenos de modalização autonímica e as relações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados. Essas noções são complementadas por outras noções apresentadas por Rabatel (2008, 2009) para o estudo da responsabilidade enunciativa. Discutir esses mecanismos de (não) assunção de responsabilidade enunciativa em variados gêneros discursivos, sobretudo em gêneros que fazem parte da esfera política, que por si só são argumentativos, é oferecer ferramentas para que os discentes leiam textos identificando as diversas vozes presentes e seus efeitos de sentido, o que, seguramente, contribuirá para uma formação autônoma e crítica dos nossos alunos.

O TRABALHO COM AS VOZES NO LIVRO DIDÁTICO: UM ESTUDO SOBRE A (NÃO) ASSUNÇÃO DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM ATIVIDADES DE LEITURA
Adriana Morais Jales (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues

O presente trabalho é um recorte de uma investigação desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa "Leitura e escrita: recortes inter e multidisciplinares no ensino de matemática e português", (CAPES/INEP-PPGED/PPgEL/PPGECNM/CONTAR). Para desenvolver este trabalho, objetivamo-nos identificar, descrever e analisar como se materializa em livros didáticos de língua portuguesa a (não) assunção da responsabilidade enunciativa nas atividades de leitura e como isso é usado

para desenvolver o senso crítico do aluno-leitor frente ao(s) posicionamento(s) do(s) enunciador(es) dos textos que ele lê nos livros didáticos. Esta pesquisa assume um caráter descritivo, de base qualitativa e tem como universo de estudo os livros didáticos de língua portuguesa usados nas escolas públicas da cidade de Natal – RN. Para fundamentar este trabalho, ancoramo-nos nas contribuições teóricas de Adam (1992; 2008), Passeggi et al (2010), Rabatel (2009), Nølke, Fløttum e Norén (2004), Rodrigues et al, (2010) entre outros. Adam (2008) postula que os enunciados apresentam níveis ou planos de análise que se articulam para formar o texto, dentre os quais podemos citar a responsabilidade enunciativa e a coesão polifônica, foco do nosso estudo. Para o autor, é através dessa dimensão do texto que materializamos nossos pontos de vista e assumimos ou não os nossos posicionamentos. Acreditamos que o mapeamento das vozes nos planos do texto e do discurso, sendo essas vozes ditas na superfície linguística do texto ou não, auxilia os alunos a compreenderem as noções veiculadas em diferentes gêneros do discurso. Os resultados de nossa pesquisa, em andamento, apontam para a lacuna existente nos livros didáticos, objeto da investigação, de um trabalho que associe o fenômeno da responsabilidade enunciativa às atividades de leitura propostas, de forma a possibilitar a formação de um sujeito crítico.

O ENSINO DAS VOZES NO TEXTO JURÍDICO: UM ESTUDO SOBRE AS MARCAS TEXTUAIS QUE EXPLICITAM A ASSUNÇÃO (OU NÃO) DA RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA
Maria das Vitórias Nunes Silva Lourenço (PPgEL/UFRN)

Este trabalho propõe descrever, analisar e interpretar a materialização da responsabilidade enunciativa no corpo do texto petitório do domínio jurídico, especificamente, a Petição Inicial. Para realização desse estudo, fundamentar-nos-emos no quadro teórico da Análise Textual dos Discursos (ATD), que de acordo com Adam (2008, p. 13) é "uma teoria da produção co(n)textual de sentido que deve, necessariamente, ser fundamentada na análise de textos concretos". Assim como, consideramos também neste estudo os postulados teóricos em Rabatel (2009, 2010). Nesta direção, focalizaremos, particularmente, o modo como o autor dos textos faz uso das estratégias discursivas que explicitam a responsabilidade enunciativa. Partimos da afirmação de que assumir (ou não) a responsabilidade enunciativa é modo de enunciação que depende de como o produtor do texto trata e, possivelmente, elimina representações outras que não a sua própria. (CELLE, 2008). Elegemos, assim, a pesquisa com base qualitativa, de natureza interpretativista introspectiva, utilizando o método indutivo como modelo a seguir, uma vez que tais procedimentos possibilitam pensar sobre os processos e estratégias subjacentes ao uso da linguagem. Este trabalho contribui com os estudos dentro do campo da Análise Textual dos Discursos, reflete sobre a eficácia do texto jurídico produzido pelo advogado, "em função de suas próprias finalidades (objetivos, intenções)", cf. Adam, 2008, p. 114 e, ainda, contribui para a construção da crítica ao texto jurídico.

ÁREA TEMÁTICA 12: TRADIÇÕES DISCURSIVAS E ENSINO

SESSÃO 1
PRÁTICAS DISCURSIVAS DA IMPRENSA BRASILEIRA: UM OLHAR

PRÁTICAS SOCIAIS DE LEITURA E DE ESCRITA N'O CARAPUCEIRO DO SÉCULO XIX
Valéria Severina Gomes (UFRPE)

Mesmo com as contribuições de linguistas brasileiros que se ocuparam e se ocupam com o estudo diacrônico do português brasileiro, analisando a língua e os gêneros discursivos de épocas passadas, ainda há uma lacuna significativa entre as pesquisas de cunho sócio-histórico e a transposição para o ensino da língua(gem). Em meio a essa discussão, emergem alguns questionamentos, que têm sido levados para alguns espaços de debate, concernentes às contribuições que as pesquisas sócio-históricas podem trazer para o desenvolvimento da competência comunicativa. Essas questões talvez não obtenham respostas nos limites desta comunicação, mas servirão para incitar outras discussões: Qual o espaço para a inserção dos estudos sócio-históricos da língua(gem) nos livros didáticos? A formação na graduação ou a formação contínua dos professores tem contribuído para que eles utilizem as informações históricas sobre a língua e sobre os textos/discursos em suas práticas na sala de aula? Como, por que e para que o professor pode inserir, em suas ações didáticas, componentes sócio-históricos que auxiliem o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos?Partindo dessa questão, o objetivo deste artigo é analisar as práticas sociais de leitura e escrita no jornal O Carapuceiro do século XIX e contribuir com os trabalhos que buscam formas de aproximação processual e dinâmica entre os estudos diacrônicos e sincrônicos voltados para o ensino. Este estudo foi organizado em duas partes: na primeira, será discutida a reconstrução da *performance* d'*OCarapuceiro* no contexto da imprensa do século XIX e na segunda são abordados os gêneros que estão na composição do jornal, verificando a pertinência aos propósitos do jornal e analisando elementos linguístico-discursivos.

ATOS DE FALA TRADICIONAIS NA FOLIA DE REIS
Elisângela Tavares Dias (PPGEL/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)

Toda tradição se perpetua por gerações. Nesse sentido, a tradição oral não é simplesmente um registro da história de um povo, materialização do imaginário popular, mas, sobretudo, elemento identitário, que torna o modus operandi de uma sociedade vivaz. Certamente, é reconhecendo a relação dialética e cronológica da historicidade que Paul Zumthor (2000) enfatiza ser a voz humana o fenômeno central da cultura. As folias de reis culminam num pressuposto signifi-

cativo de representação cultural de nosso país. Reconhecendo esta tradição cultural, recorremos a tal folguedo para num viés sincrônico realizar uma investigação sobre a constituição da sua macroforma no que tange aos elementos de construção textual. Observaremos, portanto, a maneira em que opera a historicidade das tradições discursivas num enfoque híbrido, observando tanto as relações de estabilidade e tendência ao conservadorismo, quanto aquilo que é modificável através dos tempos, convergindo na construção de textos culturais contemporâneos. Objetivamos, com isso, exaltar a cultura popular oral como portadores de tradição na sala de aula, onde possamos discutir os conceitos da performance zumthoriana que se faz em sua vocalidade poética, bem como refletir sobre os traços performativos cunhados pelo filósofo John Langshaw Austin (1990), através da teoria dos atos de fala, dentro do universo da filosofia da linguagem. Sob tal perspectiva, também buscamos observar as reminiscências desses folguedos à luz das teorias de Johannes Kabatek (2006) e Peter Koch e Wulf Oesterreicher (2007), uma vez que estes autores pontuam o conceito de Tradição Discursiva sob o enfoque da inovação por diferenciação de tradições culturais, por mistura de tradições culturais e por convergência de tradições culturais. Em vista dos nossos objetivos, pretendemos examinar os processos ritualísticos da chegada, na Folia de Reis de Mossâmedes (GO), recolhida por Carlos Rodrigues Brandão (1977); nas Folias de Reis (RJ), recolhas de Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto (1977); na Folia de Reis de Jaraguá (GO) e nas Folias de Reis no Sul de Minas (MG), ambas de Maria Tereza Canesin e Telma Camargo da Silva (1983) e o Auto de Boi de Reis de Mestre Manoel Marinheiro (RN), 2005.

A CONTRIBUIÇÃO DA TRADIÇÃO DISCURSIVA PARA O ENSINO
Aucineide Marques de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)

A contribuição da Tradição Discursiva para o ensino Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir sobre a contribuição que a Tradição Discursiva pode trazer para o ensino tanto da língua quanto do texto, mostrando que a partir do conhecimento da origem do texto e de sua evolução, o aluno poderá refletir também sobre a própria língua em uso e sobre as estratégias de comunicação escrita que está aprendendo. Acreditamos que o aluno deve conhecer a história dos textos, visto que para escrever bem, é preciso ter conhecimento não somente da ortografia, mas também do tipo de texto e das estratégias discursivas que este deve veicular. Conhecendo a história dos textos, os processos constitutivos da enunciação escrita e as tipologias das estratégias comunicativas, o aluno terá conhecimento para entender sob quais paradigmas deve construir seus textos. Para dar suporte a esta pesquisa utilizaremos o modelo da Tradição Discursiva, para através dela comprovar que a competência para uso da linguagem em diversas estratégias discursivas deve passar pelo conhecimento dos textos e de sua história. Entendemos que a base do desenvolvimento linguístico está associado ao conhecimento textual, o qual se desenvolve no processo de interação, dessa forma o pressuposto que norteia esse estudo é que no processo interacional o aluno precisa compreender a construção do texto, e atribuímos à Tradição Discursiva uma ferramenta que o professor pode utilizar para desenvolver o aprendizado do aluno no que diz respeito ao processo de estudo do texto e de suas categorias.

ÁREA TEMÁTICA 13: LITERATURA E ENSINO

SESSÃO 1
A LITERATURA BRASILEIRA NOS SISTEMAS DE ENSINO

Discussão sobre o ensino da literatura brasileira no âmbito do estado do Rio Grande do Norte com ênfase na recepção de textos relacionados a aspectos da cultura local, suas implicações na formação do professor de literatura, na prática da educação escolar e na produção de conhecimento. A discussão terá como ponto de partida o relato de projetos concluídos e em andamento sobre a produçãoo de material didático relativo a temas da cultura do semi-árido e sobre a literatura do Rio Grande do Norte.

O SERTANEJO E A ÁGUA NA LITERATURA REGIONAL
Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)– coordenador

Análise do tema da água em textos literários e sua relação com a personagem "sertanejo", com vistas à problematização de temas da cultura do semi-árido na literatura do Rio Grande do Norte, considerando o sistema literário brasileiro e as formas de inserção das literaturas locais no ensino de literatura. O ponto de partida é a apresentação de uma seleção de textos de autores locais e nordestinos relacionados ao tema da água e no âmbito de movimentos literários e culturais contextualizados, com a perspectiva de produção de material didático a ser trabalhado no ensino fundamental e médio.

A POESIA DO SEMI-ÁRIDO: A ÁGUA DÁ O TOM
José Luiz Ferreira

A temática da água se faz presente em vários momentos da imaginativa que tem o ambiente do sertão como cenário. Na narrativa oral, nos versos de cordéis ou embalados ao som de violas, como ainda nos registros feitos pela literatura erudita, é frequente a presença do elemento água, seja para celebrar a sua presença, no período do inverno, ou para lamentar os efeitos de sua ausência. A partir da seleção de poemas de escritores regionais e locais, faremos uma análise

da recorrência desse elemento, buscando estabelecer os vínculos, pela via da literatura, entre a água e a vida cultural do homem ambiente no espaço do semiárido. O interesse maior do estudo é a apresentação, em forma de material didático, de um conjunto de texto/poemas, ambientados e contextualizados nos vários momentos da literatura brasileira, para ser utilizado pelos professores do ensino fundamental e médio nas aulas de literatura.

PORTAL DA MEMÓRIA LITERÁRIA POTIGUAR
Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

Apresenta dados coletados a partir de uma proposta metodológica para trabalhar com a literatura produzida no Rio Grande do Norte no ensino médio público do Açu/RN. A pesquisa investigou as possibilidades de trabalho do professor de ensino médio com essa Literatura. É um trabalho inovador porque estabelece uma parceria com a UFRN e utiliza os textos disponíveis no Portal da Memória Literária Potiguar (www.mcc.ufrn.br/portaldamemoria) como fonte de pesquisa. Como sabemos, conhecer a memória cultural de um povo é condição fundamental para se construir sua identidade e a literatura é um elemento constitutivo da cultura, e segundo Candido (2002), tem uma importante função humanizadora. Por isso, a relevância desta pesquisa, que relacionou ensino de literatura, memória e cultura local. Nesse ensejo, ela apresenta um aspecto pioneiro porque propõe a reflexão acerca da literatura local em situação de ensino; é relevante porque está preenchendo uma lacuna, pois está investigando acerca do ensino/estudo de literatura brasileira no Ensino Médio, tendo como foco a literatura local.

SESSÃO 2
O LUGAR DA POÉTICA ORAL EM SALA DE AULA: NARRATIVA, POESIA E MÚSICA

A aplicação da poética oral em sala de aula, a partir da narrativa, da poesia e da música, encontra lugar no processo de ensino-aprendizagem não apenas através dos aspectos sintático e semiótico, mas também por meio de estratégias que despertam no aluno o senso crítico e a aptidão necessários para que ele alcance as competências de um bom leitor, crítico e produtor textual. Tal matéria exige criteriosa reflexão para que a literatura não ocupe apenas a função de arte, deleite e emoção, mas que seja aplicada como instrumento pedagógico, através do qual se observem as singularidades que permeiam o aprendizado da literatura e da língua e se produza uma visão crítica de mundo voltada ao mesmo tempo para a ótica e a estética. Esta sessão de comunicações coordenadas tem por intuito promover o encontro de pesquisadores interessados em ensejar uma discussão sobre as metodologias de ensino da literatura, bem como as teorias acerca das relações entre aspectos da oralidade no/do texto, proporcionando ao discente uma visão funcional da língua e possibilitando-lhe a apropriação de outros gêneros. No geral, procuraremos identificar as possíveis contribuições que estudos dos gêneros poéticos orais possam trazer para a reflexão sobre a aplicabilidade da língua através das semelhanças e diferenças intermodais, bem como os efeitos ou impactos estãoticos que venham a causar sobre o processo de aprendizagem discente. Não se seguirá estritamente uma única corrente teórica. Privilegiaremos as propostas que tenham considerações a respeito de como o ensino de textos orais pode ser operacionalizado no ambiente de sala de aula de forma tal a facultar ou facilitar a apropriação de gêneros diversos pelos alunos do ensino fundamental e médio.

A POÉTICACORDELISTA/REPENTISTA E OS ASPECTOS DA ORALIDADE EM SALA DE AULA
Marcelo da Silva Amorim (UFRN) – coordenador

Os folhetos de cordel/repente contêm certos traços da chamada oralidade primária que os aproximam estruturalmente mais das epopeias gregas do século IX a.C. do que dos poemas da literatura contemporânea. Uma característica marcante da oralitura, em geral, e dos folhetos, especificamente, é a reiteração, em especial a repetição episódica intracomposicional, a repetição parcial de versos e de certas construções de transições entre pares e versos destituídas de debordamento ou em que os debordamentos são apenas parciais. De caráter misto — registrado por escrito, mas concebido para veiculação oral —, o hibridismo do folheto coloca-o entre aqueles gêneros que teriam um ótimo aproveitamento em sala de aula. Na esteira das propostas de reflexão estimuladas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para a construção e desenvolvimento das competências interativas, gramaticais e textuais de alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, procuraremos explorar a língua/literatura no plano da oralidade, em especial pelo caráter interativo que a poesia cordelista/repentista oferece entre seus cantadores e entre estes e seu público. Para o propósito específico de aplicação dos traços orais em sala de aula, usaremos os estudos de Goffman, Jameson e Entman, entre outros, cujas idéias estão focadas principalmente nas concepções de interação face-a-face. No ambiente da sala de aula, fica evidente a aplicação da poética cordelista/repentista como um mecanismo de interação propício a desenvolver habilidades dos educandos em diversos níveis, como, por exemplo, as estratégias de argumentação, a persuasão, a lógica da dicção vocal, a fluência, a memória e a atenção. Dentre várias propostas de atividade com a oralidade e suas características, buscaremos contemplar aquelas em que se possam traçar diretrizesgerais de reaproveitamento da fenomenologia oral primária dentro da realidade do letramento escolar, que constitui apenas uma faceta das práticas abrangentes dos letramentos. Trabalhos com as diferenças dentro do espectro das modalidades e dos gêneros textuais podem render aplicações como o debate das noções de registro, dialeto, adequação linguística, sinonímia, metrificação, modificações fonéticas como a elisão, a ditongação, a crase, o funcionamento da dicção poética dialetal em comparação àquela da lírica canônica, dentre vários outros empregos.

A VOZ DO VERSO: ASPECTOS DA ORALIDADE POÉTICA EM SALA DE AULA
Lenise dos Santos Santiago
Orientador: Prof. Dr. Márcio Venício Barbosa

Tendo em vista que a literatura, instrumento de aquisição de conhecimento e humanização do leitor, tem também como uma de suas funções a restituição da linguagem para além de seus usos normativos e prosaicos, como, por exemplo, a oralidade primária e o trabalho da voz sob o texto que se revela no enunciado literário, trazendo à luz da palavra escrita a vocação paradoxal de reencontrar a força ativa e a função real da palavra. É que pensamos o lugar da poética oral em sala de aula como instrumento pedagógico para o aprendizado língua/literatura. Considerando que a oralidade não está apenas relacionada com a fala, nem tampouco a literatura se constrói por elementos próprios de uma linguagem escrita, assim como, existem permeações nas quais a língua falada ocupa espaço na composição do texto escrito, é que este trabalho se propõe a apresentar uma abordagem sobre a utilização da oralidade poética. Estudo proposto a partir da poesia de Manuel Bandeira, como recurso construtor do processo de ensino de literatura no ambiente da sala de aula, uma vez que a poesia provoca o exercício da reflexão, da memorização, da criatividade e especialmente, da oralidade, por ser instrumento que favorece as habilidades de dicção e fluência linguística. Esta temática será abordada por meio da observação do papel que a dêixis representa na interação entre texto, leitor e autor, em que revelaremos as possibilidades de inserção da linguagem oral na escrita, apontando uma reflexão didática para o trabalho de produção textual a partir dos estudos entre literatura e práticas textuais, conforme os critérios de adequação pedagógica.

SESSÃO 3
LITERATURA PARA ALÉM DO ENSINO: O TEXTO LITERÁRIO COMO FORMADOR DO SUJEITO

Partindo da idéia de que a literatura tem o poder de formar o individuo culturalmente, a sessão coordenada, aqui apresentada, procura abordar o texto literário como uma ferramenta de emancipação e de desenvolvimento do espírito crítico. Mediante a leitura de narrativas, poemas, textos dramáticos e outros, o aluno terá oportunidade de vivenciar uma formação intelectual e afetiva, bem como irá adquirir uma melhor compreensão das regras e estrutura da língua. Como sugere Todorov (2010), o texto literário deve enriquecer o leitor, mostrando-lhe outros mundos. Conforme o autor, o objeto da literatura é a própria condição humana. O bom leitor é aquele que alcança a humanidade contida no texto literário e não aquele que puramente analisa a literatura de forma científica. Diante disso, o ensino da literatura na escola deve enfatizar primordialmente a leitura dos textos e não a historicidade e análise crítica das obras. Através do contato com a obra literária, o aluno perceberá a relevância da leitura para a sua vida e a sua formação. Autores como Antoine Compagnon (2009), Tzvetan Todorov (1977), Rildo Cosson (2009) e Antonio Candido (1995) ressaltam a riqueza que o mundo literário traz para o leitor. No que diz respeito à educação como emancipação do homem, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico do sujeito, Theodor Adorno (1995) produz uma reflexão acerca da educação e seu elo com o mundo externo. Nossa sessão coordenada reúne trabalhos que abordam o pensamento desses autores e as discussões levantadas por cada crítico para, em seguida, apontar conclusões acerca da utilidade do texto literário, do papel do professor no contexto educacional e da formação do indivíduo, formação esta que está para além dos muros da instituição, pois entendemos que a literatura forma o indivíduo para a vida.

A LITERATURA: UMA EXPERIÊNCIA HUMANA
Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN) - coordenadora

O presente trabalho aborda o sentido da literatura na formação cultural do indivíduo, bem como a importância do desenvolvimento da capacidade crítica do leitor. O referencial teórico aqui utilizado é o pensamento de Tzvetan Todorov (1939-). Em seu livro A literatura em perigo, publicado em 2007, o autor expõe a sua preocupação diante da forma como se encaminham os estudos literários. A literatura, por ela mesma, parece ser eclipsada, dando lugar a outros discursos que afastam o texto literário do real. Em seu livro, o autor reivindica o valor da literatura, pois somente ela parece ser capaz de dar sentido à existência. De acordo com Todorov, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo?. Diante disso, a proposta deste trabalho é promover uma reflexão acerca do texto literário como centro do processo educacional, principalmente nos cursos de literatura, como sugere o autor búlgaro. Conforme sua crítica, o estudo da literatura tende a se tornar mais científico, distanciando-se do mundo real, a partir do surgimento das correntes formalista e estruturalista. Desde então, a ligação da literatura com o mundo real vem sendo rompida e, conseqüentemente, o aluno é iniciado no estudo literário entrando em contato com textos de crítica, de história literária, e não do texto literário propriamente dito. Longe de criticar o formalismo-estruturalismo, busca-se um equilíbrio entre a recepção do texto literário e a vida contemporânea. Para além de uma abordagem interna da obra, o leitor deve compreender a significação da obra e o contexto que a envolve.

LITERATURA NO ENSINO: PARA QUÊ?
Paulo Henrique Da Silva Gregório(UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Rosanne Bezerra de Araújo(UFRN)

Há quem discuta acerca da necessidade de se estudar o texto literário, da relevância que tal estudo pode ter, ou não, para a nossa vida. É comum, inclusive, encontrarmos publicações cuja proposta é tentar encontrar uma resposta para

a pergunta: "para que serve a literatura?" No contexto escolar, em que muitos alunos se mostram insatisfeitos com a ideia de se estudar o texto literário, por não enxergarem uma aplicabilidade palpável dessa prática, tal discussão atinge proporções mais abrangentes. Quanto aos professores, muitas vezes não sabem como proceder diante do desafio de falar sobre literatura em sala de aula, e de promover discussões que possam vir a desenvolver a competência dos alunos enquanto leitores. Os livros didáticos, por sua vez, muitas vezes direcionam o foco para a história da literatura, enquanto o texto literário serve apenas para ilustrar características específicas de um dado movimento. Vemos, assim, que a problemática que gira em torno do ensino da literatura envolve vários elementos. Partindo dessas questões, neste trabalho, pretende-se trazer à tona a relação entre literatura e a forma como ela costuma ser trabalhada em sala de aula, levando em consideração uma suposta finalidade do texto literário, a visão que os alunos, em geral, têm acerca delas, e também o modo como o professor lida com isso. Para realizarmos esse estudo, tomaremos como base, principalmente, algumas ideias de Antoine Compagnon (2009) presentes na obra Literatura para quê?,na qual o referido estudioso discute assuntos como os valores que a literatura transmite ao mundo, a sua utilidade para a vida, a necessidade de inseri-la no contexto escolar, além de outros.

LITERATURA: UM DIREITO DE TODOS
Valeska Limeira Azevedo Gomes (UFRN)
Orientador: Profa. Dra. Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

Mesmo com o avanço tecnológico, a máxima racionalidade, o crescimento urbano e com a inserção das mídias no cotidiano informacional do homem nos tempos modernos, não foi possível superar as dificuldades como a fome, a má distribuição de renda, a falta de possibilidades culturais e de educação, entre outros, a que grande parcela da população está sujeita. Ou seja, desse desenvolvimento, por que passa o mundo, a massa condenada à miséria é excluída. Se por um lado, há o progresso, por outro, abre-se um fosso entre esse e o acesso à literatura, à educação. É refletindo sobre essas questões que Antonio Candido (1995) estabelece relações entre os direitos humanos e a Literatura, mostrando que esses direitos incluem a luta por um estado de acesso de todos aos diferentes níveis de cultura. Partindo de tais considerações, este trabalho pretende pensar a literatura como um direito de todos, e não somente de uma parte elitizada e intelectualizada da sociedade. Além de Antonio Candido, abordaremos o estudo de Theodor Adorno (1995), no que diz respeito à consciência e à educação - no sentido de uma educação voltada a uma autorreflexão crítica -, e RildoCosson (2009), no contexto da sala de aula, discutindo o valor social da literatura, o papel do professor em promover a leitura e a formação de alunos leitores. Finalmente, o presente trabalho irá apresentar a convergência dos discursos desses teóricos, nos pontos em que tratam do sentido da literatura, do seu caráter emancipatório, humanizador e como agente da educação.

ÁREA TEMÁTICA 14: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

SESSÃO 1
ENSINO DE INGLÊS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: EXPERIÊNCIAS COM GÊNEROS E GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

O objetivo desta sessão coordenada é partilhar experiências de professores de inglês em cursos de Letras para o ensino de diferentes habilidades, com foco nos gêneros discursivos e na gramática sistêmico-funcional. O trabalho de Cooper aborda o gênero flash fiction para o ensino da produção escrita e como este pode ser utilizado em sua relação com o contexto de ensino-aprendizagem. Uchôa apresenta uma discussão sobre o uso de podcasts para o ensino da compreensão oral e o potencial de tais materiais na aula de língua inglesa. A discussão de Vian Jr parte do uso de portfolios para registros de experiências com o ensino e a aprendizagem de gramática. A noção de contexto de cultura e de situação, bem como de gênero e de registro, conforme preceituados pela Linguística Sitêmico-Funcional (Halliday, 1978, 1994) são a base teórica e a perspectiva de linguagem utilizada nos trabalhos que compõem a sessão.

PORTFOLIOS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA PARA PROFESSORES DE INGLÊS EM FORMAÇÃO
Orlando Vian Júnior (UFRN) - coordenador

Esta comunicação relata experiências de ensino e de aprendizagem de gramática no contexto de um curso de Letras, com habilitação em Inglês, em que os portfolios são usados como fonte de descoberta, tanto do si mesmo quanto do mundo que o rodeia, bem como das questões teóricas e práticas envolvidas na formação inicial do professor de inglês como língua estrangeira e em sua aprendizagem de gramática, além do impacto desta em seu conhecimento sobre a língua(gem) (Knowledge About Language–KAL). Como preceituam Andrade e Gonçalves (2006, p. 4) o portfolio permite a monitoração e a avaliação do processo educativo. Partindo-se desse pressuposto, os portfolios são usados como ferramentas para a reflexão, nos quais são registradas experiências para futura reflexões e consequente reconstrução da prática, como revelam estudos como o de Santos (2011). O portfolio tem por base a reflexão crítica, para que o aprendiz possa resgatar, em ocasiões futuras, as experiências registradas, fazendo com que se descortinem diferentes experiências incitando-o a perceber a relação da gramática e sua interface indissociável com a linguagem e com o contexto em que ocorre, proporcionando uma visão de linguagem que possibilita tanto a descoberta quanto o aprendizado de diferentes habilidades na língua estrangeira e, por conseqüência, permite que se caminhe na direção da formação de um cidadão crítico de sua realidade.

O GÊNERO *FLASH FICTION* NO ENSINO DE INGÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA
Jennifer Sarah Cooper (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Orlando Vian Júnior (UFRN)

Com o advento da comunicação digital, que faz acelerar cada vez mais as práticas sociais na qual a linguagem tem lugar central, gêneros discursivos de rápida produção e acesso se tornam favoráveis, ou ainda necessários e atingem todos os campos, até mesmo o campo literário: Flash Fiction "narrativas entre 100 e 1000 palavras, e que incluem os estágios e fases obrigatórios elaborados em Martin e Rose, 2008"é um desses. Grandes escritores, norte e sul americanos, desde Sandra Cisneros até Garcia Marquez, têm produção escrita desse gênero, e mais recente, é seu uso no ensino/aprendizagem da produção textual de inglês como língua estrangeira que tem mostrado muitas vantagens (PARR, 2010). Widdowson (2010) cita alguns benefícios do uso de ficção curta (de 50 palavras) no ensino de inglês como língua estrangeira: desenvolver pensamento criativo e crítico, melhorar precisão e criar hábitos de auto-edição textual, mesmo nos níveis iniciais. Nesta comunicação apresento um estudo de caso, de um projeto em andamento, de produção de Flash Fiction restrito a exatamente 100 palavras, em uma turma, de inglês como língua estrangeira, numa universidade federal do Rio Grande do Norte, em 2011.1 e 2011.2, no qual essa produção será publicada num Blog conduzido pelos alunos. Com o projeto visamos identificar as características do gênero que possivelmente contribuem: com a motivação dos alunos, precisão na escrita, e criação de hábitos de auto-edição; e ainda, verificar evidência desses benefícios através das respostas de questionários administrados aos alunos, e a própria produção textual de Flash Fiction desses alunos por marcas lingüísticas e a capacidade de aderir aos padrões do gênero (Martin e Rose, 2008; Halliday, 2004). Antecipamos que esses resultados podem ajudar descrever alguns benefícios, e limites do uso desse gênero em aulas de LE para produção textual.

O GÊNERO *PODCAST* EDUCACIONAL NO ENSINO DE COMPREENSÃO ORAL
Mauro Uchôa (UFAC)
Orientador: Prof. Dr. Orlando Vian Júnior (UFRN)

O advento da Comunicação Mediada por Computador faz emergir diferentes gêneros do discurso. Com a instauração da Web 2.0, caracterizada pelo conteúdo compartilhado, da conexão à distância e da portabilidade remota, a oralidade passa a ser experimentada nas ambiências digitais. Neste contexto, vimos emergir o podcast educacional que se materializa na modalidade oral de uso da língua. Thorne e Payne (2005) sugerem que o podcast pode ser muito relevante quando utilizado como instrumento de ensino de línguas, pela possibilidade de facilitar o contato com gravações de fala em situações reais de comunicação. Segundo estes autores, no campo pedagógico, a aplicabilidade de podcast educacional poderá favorecer a comunicação em um mundo atual marcado pelos desencontros e pela falta de tempo para a instauração de práticas discursivas face a face. Para Stanley (2006) o podcast educacional deveria ser utilizado como um suplemento ao livro didático, como uma provável fonte fidedigna para prática de compreensão oral em aulas de línguas por permitir a audição de discursos proferidos oralmente por falantes nativos. Com esse propósito, seguindo a taxonomia de podcast educacional sugerida para Ensino/Aprendizagem de Língua (CARVALHO, 2008), apresento uma análise de caso em que utilizo esse instrumento de ensino para desenvolver a compreensão oral dos alunos de um curso de graduação em Língua Inglesa.

SESSÃO 2
TICs E APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LE: ESTUDOS E REFLEXÕES

No processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, aprendizes podem se valer das inúmeras possibilidades oferecidas pela Web 2.0, onde a palavra chave é interação e construção coletiva. Muitos estudos têm enfatizado as potencialidades oferecidas pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs) em promover aprendizagem ativa, motivação e desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas. Neste contexto, o objetivo desta sessão coordenada é sintetizar resultados de pesquisas recentes envolvendo o uso das TICs no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e apresentar resultados preliminares de dois estudos em andamento na Universidade Federal do Rio Grande do Norte sobre o uso de ferramentas online (GoogleDocs e Voicethread) e de jogos online tipo MMORPG (Massively Multiplayer Online Role-Playing Game), considerando aspectos linguísticos, cognitivos e motivacionais desenvolvidos por estas tecnologias. O estudo com as ferramentas online pretende investigar o comportamento linguístico e cognitivo dos aprendizes enquanto praticam a escrita e a oralidade em língua inglesa, atentando para o tipo de interação entre os co-autores e a natureza das edições, no caso do Google Docs, e para o desenvolvimento da fluência e da precisão gramatical no desempenho oral, no caso do Voicethread. A pesquisa com os games MMORPG pretende testar a hipótese de que nestes jogos os aprendizes têm a oportunidade de aprimorar habilidades linguísticas dentro de um contexto real, onde eles podem praticar leitura, escrita e até mesmo desenvolver habilidades orais. Por fim, pretende-se discutir nesta sessÃ£o coordenada as vantagens e desvantagens de uma metodologia híbrida voltada ao ensino e aprendizagem de LE.

REFLEXÕEES SOBRE O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS EM ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
Janaina Weissheimer (UFRN) –coordenadora

Com o surgimento e constante atualização das tecnologias de informação e comunicação (TICs), são inúmeras as tentativas de utilizá-las em prol do ensino e aprendizagem, para complementar ou apoiar este processo. Com o avanço das TICs, o computador e a Internet estão sendo incorporados ao cotidiano das escolas, trazendo desafios para os professores, na

medida em que favorecem o desenvolvimento de novas situações pedagógicas, ampliam as oportunidades de acesso à informação, à participação, à ampliação de redes, e intensificam o processo de ensino-aprendizagem (MACHADO, 2009). Como consequência, as TICs têm redefinido os ambientes de aprendizagem tornando-os necessariamente abertos e flexíveis, interativos, combinando diferentes modos e estilos de aprendizagem. Da mesma forma, a Internet já não é um espaço feito apenas para a busca de informação, ela é hoje descentralizada de autoridade, construída e gerida de forma colaborativa, onde cada um é livre para utilizar e reeditar a informação, seja ela oral ou escrita. Ainda, há uma gama de ferramentas online disponíveis, onde a informação pode ser compartilhada e publicada online, permitindo assim, a interação e o intercâmbio de ideias constante em tempo real. Diante deste novo contexto, faz-se necessária a análise mais profunda do papel das TICs no processo de ensino-aprendizagem, focando não só nos aspectos socioculturais, mas também nos aspectos linguísticos e cognitivos. Com isto em mente, visa-se nesta comunicação a revisar alguns estudos que têm investigado o papel das TICs no ensino e aprendizagem de língua materna e línguas estrangeiras (COUTINHO; BOUTTENTUIT, 2007; MOURA, 2007; SERAFIM, PIMENTEL & SOUSA, 2008, SOUZA; ALMEIDA, 2007; WEISSHEIMER; SOARES, no prelo; entre outros). Assim, almeja-se fornecer subsídios teóricos para a discussão à cerca das potencialidades de uma proposta metodológica híbrida em ensino e aprendizagem de inglês como LE.

O ASPECTO MOTIVACIONAL DA LOUSA INTERATIVA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LE
Samara Freitas Oliveira(UFRN)
Orientadora Dra. Janaína Weissheimer (UFRN)

A utilização de diferentes recursos tecnológicos nas aulas de línguas estrangeiras tem-se apresentado como um fator primordial para a motivação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. É por meio deles que encontramos um caminho de fácil acesso para cativar públicos que já convivem e lidam com esses aparatos de uma forma natural, regular e intensa, em especial crianças e adolescentes. Dentre esses recursos da tecnologia interligados à educação, destaca-se a lousa interativa e suas grandiosas particularidades. Este trabalho visa relatar, sob o olhar do professor, a experiência de alunos (crianças de faixa etária de nove a dez anos) de um instituto de idiomas da cidade do Natal e sua respectiva motivação no momento de interação com o quadro eletrônico durante as lições, trazendo para discussão o papel do aluno como "protagonista" de seu processo de aprendizagem. Tais momentos de interatividade em sala têm demonstrado que a lousa interativa é uma alternativa didático-pedagógica, a qual atua como um fator impulsionador para a motivação e interesse dos aprendizes já que possibilita uma sala de aula dinâmica, de caráter menos hermético e tradicional, permitindo, assim, um aluno mais ativo e participativo. O estudo buscará obter dados por via de observações de aulas de turmas com a idade-alvo, bem como analisar dados decorrentes da aplicação de questionários direcionados a esses alunos. A fim de complementar esta discussão, o estudo traz reflexões teóricas propostas por Paulo Freire (1996) e Michael Orr (2008) acerca do protagonismo do aluno e das percepções que este tem da interação aluno-lousa interativa nas aulas.

JOGOS ELETRÔNICOS DO TIPO MMORPG COMO FERRAMENTA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
Wilka Catarina da Silva Soares

Ainda que os jogos eletrônicos tenham sido criticados por pais e educadores como um entretenimento sem propósito, recentemente pesquisadores têm argumentado a favor das vantagens dos games na aprendizagem (GEE, 2006; STEINKUEHLER, 2006; PRENSKY, 2007; RANKIN et al, 2006, entre outros). Este trabalho visa relatar um estudo em andamento conduzido com o intuito de investigar as potencialidades dos jogos eletrônicos, mais especificamente dos jogos online de interpretação de personagens para múltiplos jogadores em massa (Massively Multiplayer Online Role-Playing Game - MMORPG) como ferramenta na aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Por serem online e darem acesso a um mundo virtual com um grande número de jogadores interagindo ao mesmo tempo, esses jogos podem proporcionar, além de diversão, um maior convívio com a língua alvo. A hipótese é de que nestes jogos os aprendizes têm a oportunidade de aprimorar habilidades linguísticas dentro de um contexto real, onde eles podem praticar leitura, escrita e até mesmo desenvolver habilidades orais. Para testar esta possibilidade, um estudo experimental será realizado com alunos de nível básico de língua inglesa. O grupo experimental participará de sessões monitoradas com o jogo Perfect World International além de assistir às aulas de inglês, enquanto o grupo controle somente assistirá às aulas regulares de inglês. Será aplicado um pré e um pós-teste no formato do Key Elementary Test da Universidade de Cambridge e um teste específico de vocabulário (adaptado de Rankinet al., 2006). Os resultados preliminares da fase piloto indicam que os aprendizes que jogam MMORPG em inglês há algum tempo (em média 5 anos), obtiveram uma média geral superior a do grupo controle no pré-teste.

SESSÃO 3
ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MEDIADO PELAS NOVAS TECNOLOGIAS

Comumente, o "novo" engendra mudanças que podem impactar a natureza das relações estabelecidas por muito tempo, podendo até transcender crenças, paradigmas e romper definitivamente laços com o passado. O advento das novas tecnologias não apenas trouxe mudanças para a sociedade em geral, como também permitiu que a educação a distância se tornasse um campo mais fértil para teoria, prática e pesquisa (Evans e Nation, 2007). Um exemplo concreto do crescente interesse pela referida área são os inúmeros trabalhos que se propõem a apresentar as potencialidades do uso de novas tecnologias no ensino-aprendizagem. Na verdade, existe uma grande expectativa para que as tecnologias emergentes

lancem possibilidades inimagináveis e ofereçam "novas" oportunidades de ensinar e aprender de modo a ultrapassarem as barreiras do passado. Esta sessão coordenada, por conseguinte, reúne trabalhos que visam discutir as implicações da integração tecnológica no ensino-aprendizagem de língua estrangeira. As comunicações desta sessão abordam questões relacionadas às percepções de nativos digitais sobre a aprendizagem de inglês a formação de professores de língua estrangeira e o uso de recursos digitais no ensino-aprendizagem de idiomas.

PERCEPÇÕES DE NATIVOS DIGITAIS SOBRE O QUE É APRENDER INGLÊS
Claudio de Paiva Franco (UFMG) - coordenador

A geração digital, também chamada de geração N (geração net, do inglês N-gen), tem chamado a atenção de pesquisadores por sua forte relação com a tecnologia. Os nativos digitais são aqueles que realizam multitarefas, isto é, são capazes de realizar diversas atividades simultaneamente, como navegar na Internet, escutar música, enviar mensagem pelo celular. Com o objetivo de melhor compreender a relação dessa nova geração com a aprendizagem, mais especificamente a língua inglesa, esta comunicação busca analisar, sob a perspectiva da complexidade, as percepções de um grupo de alunos pertencentes à referida geração sobre o que é aprender inglês. Pretende-se, fundamentado no paradigma da complexidade, oferecer uma alternativa para entender, sob um ângulo multidimensional, os comportamentos e experiências desses jovens em contextos de aprendizagem de inglês mediados por novas tecnologias. Os participantes envolvidos nesta pesquisa são alunos do Ensino Médio de uma instituição pública federal, localizada no Rio de Janeiro.

O USO DE FERRAMENTAS DIGITAIS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
Ana Carolina Simões Cardoso(UFRJ)
Claudio de Paiva Franco (UFMG)
Juliana Anunciação Almeida (UFRJ)

As novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano e, por consequência, nos contextos educacionais. De acordo com Moran (1995), embora as tecnologias estejam ligadas à educação, elas não modificam necessariamente a concepção pedagógica adotada. Em outras palavras, não é a tecnologia em si que pode trazer uma mudança pedagógica, mas sim o uso que se faz dessa tecnologia. Dessa forma, deve-se usar potencialidades oferecidas pelas NTICs– possibilidade de interação, acesso a informações, compartilhamento de ideias, entre outras – em contextos educacionais para promover a colaboração, co-construção do conhecimento e o pensamento crítico. Com base nesse princípio, este trabalho tem por objetivo discutir sobre o uso de ferramentas digitais no ensino-aprendizagem de língua estrangeira e apresentar algumas atividades de inglês mediadas por novas tecnologias utilizadas por três professores do Ensino Fundamental e Médio da rede pública do Rio de Janeiro. O trabalho busca, assim, compartilhar experiências com professores de outras regiões e incentivar o uso de NTICs em contexto de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE INGLÊS INSTRUMENTAL DO PROJETO CLAC/UFRJ: O USO DA INTERNET COMO AUXÍLIO AO PROFESSOR-MONITOR
Ana Carolina Simões Cardoso(UFRJ)
Juliana Anunciação Almeida (UFRJ)

A Internet é uma tecnologia de informação e comunicação cada vez mais utilizada para fins educacionais (TAVARES, no prelo). Em um contexto de ensino-aprendizagem de inglês instrumental com foco em leitura, em que é preciso atender às diferentes necessidades de cada turma, a Internet torna-se um instrumento fundamental para o professor. No entanto, é necessário preparar tais professores para utilizar essa tecnologia de forma eficiente e eficaz (ARAÚJO, no prelo). Dessa forma, este trabalho, em caráter de relato de experiência, tem por objetivo descrever o processo de formação do professor-monitor dos Cursos de Línguas Abertos à Comunidade (CLAC/UFRJ), tendo como foco o treinamento sobre o uso da Internet para o contexto de ensino-aprendizagem de inglês instrumental. O CLAC é um projeto de pesquisa e de formação de professores desenvolvido pelo Setor Cultural da Faculdade de Letras/UFRJ. Nele são oferecidos 10 cursos de línguas estrangeiras com foco nas quatro habilidades e 2 cursos de língua instrumental com foco em leitura. Os cursos de leitura instrumental têm como pressuposto a visão sócio-interacional de leitura (NUNES, 2005). As aulas são ministradas por alunos dos cursos de graduação em Letras da UFRJ, selecionados por processo seletivo e orientados por professores da Faculdade de Letras da instituição. O trabalho busca, portanto, apresentar uma visão geral do processo de formação do professor-monitor do CLAC e descrever, com mais detalhes, o treinamento oferecido a essesprofissionais sobre o uso da Internet tanto como fonte para busca e elaboração de material, quanto como ferramenta pedagógica para o contexto em que atuarão.

SESSÃO 4
REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM NATAL

O objetivo desta sessão é apresentar três estudos empíricos que tratam da prática de ensino-aprendizagem bilíngue em Natal. Sob a panorâmica do ensino de Inglês como uma segunda língua no atual contexto da cidade mencionada, abordaremos o desenvolvimento da interlíngua escrita em uma escola bilíngue incluindo os aspectos multimodais que podem vir a influenciar esse aprendizado e também as estratégias que os alunos utilizaram para realizar a escrita. Poden-

do ser influência da língua materna ou resultado de um processo de letramento, o intuito é identificar os padrões que caracterizam essa interlíngua, categorizar e avaliar as fases identificadas neste processo de escrita. Enquanto alguns teóricos definem o sujeito bilíngue como alguém que tem o desempenho linguístico semelhante ao de um nativo em todos os níveis, incluindo fala, compreensão, leitura e escrita (como, por exemplo, BLOOMFIELD, 1979), outros entendem que os bilíngues têm uma escala gradativa de fluência, e produzem enunciados significativos mínimos até atingirem um nível máximo de fluência (HAUGEN, 1969, entre outros). Assim, apresentaremos também um estudo cujo foco é a evolução do ?speaking? em um grupo de bilíngues sequenciais entre 6 e 7 anos de idade. A intenção é avaliar quais das estratégias utilizadas pelo professor foram mais efetivas para ampliar a produção oral dos alunos. E com a presença do bilinguismo em toda essa realidade, mostraremos um mapeamento realizado pelos alunos e professores do curso de Introdução ao Bilinguismo do programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte que teve como objetivos descrever a forma como o processo de aprendizagem bilíngue é visto e realizado na cidade, e auxiliar na sistematização de parâmetros políticos e curriculares, alicerçados por discussões acadêmicas.

O DESENVOLVIMENTO DA INTERLÍNGUA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA EM INGLÊS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE
Lígia de Souza Leite – coordenadora

O bilinguismo é uma realidade mundial e, em muitos casos, algumas organizações sociais já lidam inclusive com o multilinguismo. Portanto, para atender as necessidades de um mundo cada vez mais multilíngue, as escolas privadas incorporam a educação bilíngue cada vez mais cedo na rotina das crianças. Assim, a fim de abordar uma habilidade somente e consciente da dificuldade de desvinculá-la das demais (fala, audição e leitura), abordarei a escrita. Focando o desenvolvimento da interlíngua no processo de aprendizagem desta habilidade e considerando que a interlíngua de um aprendiz é um sistema linguístico único e que difere tanto do sistema de um falante nativo quanto de um alguém que já (SELINKER APUD ELLIS, 1994) domina a língua que ele quer aprender (língua alvo). É uma espécie de conhecimento sistemático sobre a língua que independente do sistema de língua materna (L1) e também do sistema da segunda língua (L2) que está sendo aprendida. Assim, considerarei para observação o sistema de regras linguísticas abstratas que esse aprendiz constrói e que envolve compreensão e produção de uma gramática mental na segunda língua expressa através da escrita. Desta forma, para avaliar o desenvolvimento da interlíngua na aprendizagem da escrita considerarei que os diferentes tipos de erros que os aprendizes produzem refletem diferentes estratégias de aprendizagem, bem como a generalização e influência da língua materna. O intuito é, sobretudo, analisar os processos que levam à construção dessa escrita e como esses bilíngues sequenciais consideram e lidam com o contexto social e a natureza do input que recebem para a aquisição de uma segunda língua.

MAPEAMENTO DO ENSINO BILÍNGÜE EM NATAL/RN.
Francislí Costa Galdino(UFRN)
Orientadora Profa. Dra. Janaina Weissheimer (UFRN)

Definir o sujeito bilíngue ou o conceito de bilinguismo parece ser uma atividade árdua. As concepções de bilinguismo vêm mudando constantemente, não há regras ou um conceito fechado a respeito do tema. Enquanto alguns teóricos definem o sujeito bilíngue como alguém que tem o desempenho linguístico semelhante ao de um nativo em todos os níveis, incluindo fala, compreensão, leitura e escrita (como, por exemplo, BLOOMFIELD, 1979), outros entendem que os bilíngues têm uma escala gradativa de fluência, e produzem enunciados significativos mínimos até atingirem um nível máximo de fluência (HAUGEN, 1969, entre outros). Ainda, outros estudiosos definem o bilinguismo como simplesmente a alternância de uma ou mais línguas (GROSJEAN, 1982; MACKEY, 1972). Em relação à educação bilíngue, foco desta pesquisa, Harmers e Blanc (2000) pontuam que esta é qualquer sistema de educação escolar no qual, em dado momento e período, simultânea ou consecutivamente, a instrução é planejada e ministrada em pelo menos duas línguas. Diante das diversas definições do que é ser bilíngue e do que é o ensino bilíngue, este estudo buscou construir um panorama atual do ensino bilíngue na cidade de Natal – RN, por meio de um mapeamento realizado pelos alunos e professores do curso de Introdução ao Bilinguismo do programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os objetivos foram descrever a forma como o processo de aprendizagem bilíngue é visto e realizado na cidade, e auxiliar na sistematização de parâmetros políticos e curriculares, alicerçados por discussões acadêmicas. O estudo foi conduzido em quatro escolas bilíngues da cidade de Natal/RN, por meio de entrevistas realizadas com os coordenadores dos cursos bilíngues de cada escola. A entrevista tinha como intuito a) traçar o perfil da escola bilíngue; b) caracterizar o perfil do professor bilíngue nesta escola; e c) descrever a proposta pedagógica bilíngue adotada pela escola. Os resultados preliminares apontam para diferentes concepções a respeito do que é o bilinguismo bem como para diferentes maneiras de realizar o ensino bilíngue nas quatro escolas pesquisadas.

O USO DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO NO DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE ORAL DE CRIANÇAS BILÍNGUES
Francislí Costa Galdino
Lucyana Mendonça Torres

O uso de estratégias de ensino no desenvolvimento da habilidade oral de crianças bilíngues. Dentro de diversas temáticas atualmente levantadas a respeito do bilinguismo na infância, esta comunicação visa reportar um estudo em andamento cujo intuito é pesquisar o desenvolvimento da habilidade oral (speaking) no aprendizado de inglês como língua estrangeira de crianças em um ambiente bilíngue. O objetivo do estudo é quantificar e qualificar as estratégias utilizadas pelos professores com aprendizes de idades entre 6 e 7 anos que fazem parte de um programa de ensino bilíngue. A

nossa hipótese é de que certas estratégias serão mais eficazes em gerar uma maior produção oral por parte dos alunos do que outras, aumentando assim a possibilidade de aprendizagem dos mesmos. ROD ELLIS (1995), por exemplo, diz que os aprendizes podem fazer transferências de uma língua para outra seja da língua materna para a língua alvo ou o contrário – na tentativa de ampliar seu vocabulário, as construções gramaticais e a produção oral espontânea. Assim, esses empréstimos tendem a contribuir com o processo de aprendizagem de uma segunda língua já que, segundo o mesmo autor, como aquisição da segunda língua (L2) está acontecendo depois da língua materna (L1), haverá uma já prevista e conhecida rota (universal route) que será percorrida pelos aprendizes. Essas estratégias cognitivas possuem faculdades linguísticas especiais que permitem os aprendizes a operarem sobre as informações que recebem. Além disso, é possível que uma maior variação das estratégias de ensino potencialize a aquisição de vocabulário por parte dos aprendizes em contexto bilíngue, uma vez que, ao serem expostos de diversas formas a insumos modificados (como o uso de cartões, mímicas, vídeo, etc.) sua aprendizagem possa vir a ser mais duradoura.

ÁREA TEMÁTICA 15: LEITURA, ESCRITA E ENSINO

SESSÃO 1
A LEITURA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Entendemos com Bakhtin (2003) que a leitura de qualquer texto (aqui tomado como enunciado) deveria proporcionar uma compreensão responsiva ativa que é a fase inicial e preparatória para uma resposta (qualquer que seja a forma de sua realização). Diante do texto, o leitor iria se constituir em sujeito falante que é capaz de responder, isso porque a compreensão do enunciado exige responsividade, juízo de valor, pois toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O leitor respondente, que diante do lido formula uma resposta marcada pela adesão, objeção, rejeição, conflito, prazer, é o sujeito que não apenas ?consome? o texto e, no máximo, o dubla por, geralmente, se calar diante da autoridade do autor e do professor que, quase sempre, se coloca como testemunha da autoridade daquele autor do texto. Essa visão de compreensão responsiva ativa tem em suas bases a visão de sujeito dialógico e respondente do círculo bakhtiniano. Nessa perspectiva, a realidade linguística do mundo da vida se apresenta para ele como um mundo de vozes sociais em infinitas e heterogêneas relações dialógicas com matizes das mais diversas entonações: de harmonia e aceitação, de recusa e dicórdia, de tensões e pacificações, de conflitos e submissões. Com essa compreensão de leitura, esta sessão coordenada agrupa trabalhos que têm como fundamentação teórica as contribuições de Bakhtin (1992, 2003, 1982) para, a partir delas, pensar a leitura, a formação de leitores, os documentos oficiais e os instrumentos de avaliação da competência leitora no Brasil. Todos os trabalhos se inserem na área da Linguística Aplicada, mais especificamente aquela de perfil sócio-histórico (ROJO, 1990, 2006), que concebe a linguagem como construção sócio-histórica na qual as interações intersubjetivas e as atividades de linguagem são determinantes desse mesmo processo. Para tanto, os procedimentos metodológicos advêm da pesquisa de base qualitativa e a construção dos dados se encontra em processo.

VOZES SOCIAIS DE EDUCADORES E ESTUDANTES: POSICIONAMENTOS SOBRE PRÁTICAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ivone Rodrigues Diniz Monteiro (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

A escola é o lugar social onde ocorre o processo de ensino-aprendizagem, o qual deve propiciar a formação de leitores críticos. Nesse contexto, o papel do educador é fundamental no que se refere ao ensino de leitura. Assim sendo, o trabalho de pesquisa de doutorado ora em desenvolvimento visa analisar as vozes sociais de educadores e estudantes que revelam posicionamentos sobre o ensino de leitura. Ademais, busca-se identificar, por meio dos posicionamentos, as práticas de leitura que promovem a competência leitora, bem como as concepções de leitura subjacentes às atividades de leitura do educador. Este artigo pretende, pois, apresentar esta investigação, a qual ocorrerá com educadores e estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, em turmas de Língua Portuguesa, das Escolas Estaduais do RN que apresentam bom desempenho escolar, conforme o IDEB 2009. Neste estudo, os posicionamentos sobre o ensino de leitura serão analisados à luz do pensamento bakhtiniano, que trata da concepção dialógica da linguagem. Esta pesquisa se insere no campo da Linguística Aplicada, a qual investiga a linguagem como prática social no contexto de aprendizagem de língua materna ou em contextos onde se evidenciem questões relevantes sobre o uso da linguagem. Serão adotados os parâmetros da pesquisa qualitativa procurando compreender o contexto escolar por meio dos sujeitos envolvidos na investigação. O corpus da pesquisa será constituído de empiria obtida por meio da aplicação de questionários com educadores e estudantes, como também pela análise documental do Plano de Desenvolvimento da Educação e das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos. Ao investigar, por meio das vozes sociais de educadores e estudantes, posicionamentos sobre o ensino de leitura, especificamente as práticas de leitura do educador, bem como as concepções de leitura subjacentes a essas práticas, teremos a oportunidade de analisar e refletir sobre o ensino de leitura, com o intuito de contribuir para a produção de conhecimentos que possam orientar e enriquecer o processo de ensino-aprendizagem de leitura, vislumbrando um fazer pedagógico construído a partir da relação com o outro, ou seja, do dialogismo, que proporcione a formação de jovens que exerçam sua cidadania.

O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA E AS VOZES DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO
Francisca das Chagas Nobre de Lima (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

O objetivo deste trabalho é compreender os eixos norteadores do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e as práticas discursivas dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio em relação à prática de leitura da linguagem dos quadrinhos na escola, uma vez que essa linguagem se encontra inserida no cotidiano do aluno dentro e fora do ambiente escolar, como também em algumas provas de concursos variados e em materiais didáticos, nos quais o leitor é suscitado a ler os signos verbais e não-verbais neles presentes. Nesse sentido, é preciso pensar a relação do espaço e do tempo no processo de ensino-aprendizagem em uma sociedade caracterizada pela velocidade imprimida pela modernidade. A pesquisa está fundamentada nos pressupostos teóricos desenvolvidos por Bakhtin (2009, 2010, a, b e c) sobre linguagem, Ramos (2009), Vergueiro e Ramos (2009) acerca de quadrinhos e ensino. A construção dos dados que subsidiam esse trabalho é qualitativa de orientação sócio-histórica ancorada em Freitas (2003) e Rojo (2006). Ademais, a pesquisa foi realizada por meio da aplicação de um questionário, contendo oito questões abertas com os professores de Língua Portuguesa da Escola Estadual Berilo Wanderley, localizada na Cidade de Natal, a partir da qual foi possível compreendermos quais são as concepções teórico-metodológicas que norteiam as suas práticas educativas com essa linguagem e os desafios enfrentados por eles no processo de formação de leitores proficientes em um mundo constituído por múltiplas linguagens, que exige múltiplos letramentos. O trabalho se insere na área de Linguística Aplicada que concebe a linguagem como prática social em circulação nas diferentes esferas da atividade humana.

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

SESSÃO 1
O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONTEÚDOS, METODOLOGIA E FORMAÇÃO DOCENTE

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DA FORMAÇÃO À SALA DE AULA
Josilete Alves Moreira de Azevedo (UFRN)
Orientador: João Gomes da Silva Neto (UFRN) – coordenador

Pesquisas na área de linguagem revelam que há uma grande preocupação dos investigadores em relação de ensino de língua materna, pois apesar de significativos avanços das teorias linguísticas, os professores têm se pautado em práticas pedagógicas que insistem no repasse de conteúdos gramaticais de forma fragmentada e descontextualizadas que enfatizam um ensino burocratizante dos atos de ler, de escrever e de falar, apostando numa concepção de linguagem enquanto sistema e no ensino meramente prescritivo. A proposta oficial vigente da educação brasileira traz orientações significativas e relevantes para a viabilização dos objetivos de ensino de Língua Portuguesa canalizados para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Para compreender como se realiza um ensino dessa natureza é preciso que se reflita sobre a formação de profissionais competentes que tenham, dentre outras qualidades, o domínio do conhecimento específico (saber disciplinar), que compreendam as políticas públicas educacionais, a escola, o próprio sistema de ensino, a dinâmica da sala de aula e a natureza complexa e diversificada dos alunos. Em virtude dessa problemática, propomo-nos a investigar um curso que forma professores de Língua Portuguesa para atuar nos níveis de ensino fundamental e médio. Nesta perspectiva, traçamos como objetivo geral investigar a Licenciatura de Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Literatura da UFRN/CERES/CAMPUS DE CURRAIS NOVOS para compreender como ocorre a formação de futuros professores para atender às expectativas das políticas públicas para o ensino de Língua Portuguesa. Para consecução dos propósitos do estudo, situado no âmbito da Linguística Aplicada, optamos pela pesquisa qualitativa de natureza interpretativista, a partir de uma abordagem de inspiração etnográfica do ambiente do estágio. Constituindo-se, assim, como um estudo que tem a pretensão de contribuir com a formação e atualização de professores, bem como buscar alternativas para a melhoria da qualidade do ensino.

A CORTESIA VERBAL NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: CONTEÚDOS E PROCEDIMENTOS PARA A SEQUÊNCIA DIDÁTICA
Elaine Peixoto Araújo Gheysens (PPgEL/UFRN)
João Gomes da Silva Neto (PPgEL/UFRN)

Tendo em vista os encaminhamentos propostos pelos documentos que orientam o ensino de língua portuguesa em nosso país, nossa pesquisa tem como objetivo a discussão de propostas didático-pedagógicas que venham auxiliar o trabalho de professores, a partir de sequências didáticas baseadas no fenômeno da cortesia verbal. O estudo justifica-se pela carência, nas escolas, de conteúdos associados às práticas de linguagem que, conduzidos de forma adequada, possam propiciar a diminuição da violência entre alunos e, ao mesmo tempo, a consolidação de valores individuais e sociais voltados para a sociabilização e a civilidade, tais como o auxílio mútuo, o respeito e a tolerância. No que diz respeito ao aparato teórico adotado para a nossa proposta, utilizaremos os contributos da Análise da Conversação, da Linguística Funcional e da Linguística de Texto, que nos oferecem perspectivas de trabalho com a língua materializada em seus usos efetivos, na oralidade e na escrita. Nessa abordagem, em que se integram os aspectos gramaticais e textuais, espera-se que o aluno compreenda como a cortesia funciona nas relações intersubjetivas e seja capaz de utilizá-la de maneira produtiva nas ações que realiza com a linguagem. Considerando que as estratégias linguísticas de cortesia podem alcançar

uma vasta gama de situações comunicativas e interacionais, propomos, em um primeiro momento, o estudo escolar da cortesia em seus níveis verbais, não-verbais e paraverbais e, em seguida, a abordagem das formas corteses em ações de natureza injuntiva. Certos de que a cortesia verbal seja um dos fatores responsáveis pelo êxito de nossas práticas discursivas, propomos aos alunos uma reflexão sobre as sequências injuntivas na perspectiva de como saber ordenar, pedir e/ou solicitar. A discussão toma como base a elaboração e a aplicação de unidades de ensino em que a cortesia verbal constitui a base dos conteúdos de ensino. O material empírico é extraído de um corpus elaborado em função e a partir de práticas de sala de aula do Ensino Médio em uma escola de São Luís, Maranhão.

A DISCIPLINA LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: FASES DA AULA E A PRÁTICA DOCENTE
Celia Maria Medeiros Barbosa da Silva

A disciplina Língua Portuguesa encontra-se abrigada, nos PCN, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Especificamente para a disciplina, essa área visa à constituição de competências as quais deverão ser trabalhadas no processo de ensino e de aprendizagem, ao longo de todo o ensino médio. Dessa forma, a perspectiva é que o ensino de língua portuguesa deve procurar desenvolver no aluno desse nível uma competência linguística cuja essência não se pauta na exclusividade do domínio técnico do uso da língua "padrão", mas, sobretudo, no saber empregar a língua na sua diversidade, em que se leva em consideração o contexto interativo. Diante de tal realidade, este estudo objetiva discorrer sobre a disciplina Língua Portuguesa no ensino médio, em particular como se processam as fases da aula e de que forma o professor trabalha nessas fases, isto é, como ocorre a prática docente. Para isso, reportamo-nos, inicialmente, aos PCNEM (BRASIL, 1999), aos PCN+ (BRASIL, 2002) e a uma nova orientação aos PCNEM (BRASIL, 2006). Em seguida, situamo-nos em descrever as fases da aula de português e a prática docente, por meio de um recorte de uma investigação em uma escola pública da cidade de Natal/RN. Situada no âmbito da Linguística Aplicada, este estudo é conduzido numa perspectiva qualitativa e interpretativista. Para uma compreensão mais adequada das questões, recorremos também a trabalhos voltados para a temática que encontramos em Antunes (2009, 2003), Furtado da Cunha e Tavares (2007), Geraldi (2005, 2003) e Neves (2003). O estudo permitiu-nos verificar como o ensino e aprendizagem se faz na disciplina Língua Portuguesa, bem como se processa a prática docente em cada uma das fases da aula.

SESSÃO 2
POR UMA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA PARA OS CURSOS DE LETRAS

EDUCAÇÃO LINGUISTICA, LIVRO DIDÁTICO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO NOS CURSOS DE LETRAS
Angela Maria Gusmão Santos Martins
Ester Maria de Figueiredo Souza - coordenadora

A comunicação polemiza sobre o componente estágio supervisionado no currículo do curso de licenciatura em Letras. Expõe a organização do estágio em regência, extensão e pesquisa, na modalidade de projetos de intervenção didática para o ensino fundamental e o ensino médio, nesse último caso, propondo a realização do estágio projeto para o ensino de literatura. Realça as experiências já desenvolvidas no curso de Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, referenciadas na concepção dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin e na concepção de currículo pós-critico. Expõe, ainda, o papel do livro didático como objeto cultural e um gênero do discurso, concluindo pela necessidade de aproximar a formação do licenciado com os aspectos da pesquisa e ensino.

LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXOS E REFRAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS PARA O ENSINO
Alessandra Cruz de Oliveira (UESB)
Valméria Almeida Vilela Ferreira (UNEB)
Orientadora: Ester Maria de Figueiredo Souza (UESB)

Este trabalho visa discutir orientações epistemológicas, objetos e metodologias que compõem o ensino da disciplina Língua Portuguesa a partir de 1980. Elegeu-se, assim, como objeto de investigação, o Livro Didático de Português (LDP), por apreendê-lo como um elemento cultural importante no processo de seleção e organização de objetos e metodologias de ensino. Nesta investigação, foram analisados os Livros Novo português através de textos de Magda Soares (1982) e Português: linguagens de Cereja e Magalhães (2005). Tais LDPs foram vistos como "enunciados em um gênero do discurso" (BUZEN, 2005) que refletem e refratam os discursos "inovadores" sobre ensino de língua portuguesa na década de 80 e nas primeiras décadas do século XXI. Sob essa ótica, buscou-se refletir sobre a historicidade da disciplina Língua Portuguesa- através dos materiais didáticos escolhidos - a fim de identificar as teorias, metodologias e objetos de ensino legitimados nos períodos supracitados. As perguntas que nortearam essa pesquisa foram:1) Que teorias linguísticas sustentam as propostas dos autores dos LDPs analisados? 2) O que para os autores desses materiais implica rejeitar práticas tradicionais e desenvolver um ensino inovador? 3) Que princípios e valores subordinam a inclusão ou exclusão de objetos de ensino? A partir dessas perguntas, discutiu-se o processo dialógico (caracterizado pela interação dos autores dos LDPs/ teorias da linguagem/ documentos oficiais) que subjaz à construção das propostas pedagógicas desses LDPs e a dimensão axiológica que perpassa a seleção de seus objetos e metodologias de ensino. Constatou-se que, como enunciados, os LDPs analisados refletem e refratam as teorias linguísticas (teoria da comunicação e teoria da enunciação) vigentes nas épocas investigadas. Percebeu-

-se também, que tais LDPs constituem-se por uma associação de discursos (teóricos da linguagem, especialistas do MEC, etc.) que tentam romper com a "tradição", enfatizando o discurso da mudança que é concretizado pela apresentação de "novos" objetos e metodologias de ensino.

O GÊNERO PROPAGANDA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DISCURSIVA
Layane Dias Cavalcante Viana (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)
Ester Maria de Figueiredo Souza (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

Este trabalho é parte de uma pesquisa que compreende o livro didático de língua portuguesa - LDP como um gênero do discurso complexo e plurilinguístico, cuja composição é, por excelência, da intercalação dos mais diversos gêneros. E pelo fato de compreendermos o LDP em sua discursividade, o próprio LDP, bem como os enunciados que nele se intercalam, sugerem análises discursivas. Buscamos, sobretudo, para este trabalho, apresentar uma abordagem discursiva de propagandas que integram o gênero LDP, compreendendo como se dá o processo de intercalação desse gênero na complexa composição do LDP. Tomamos o referencial teórico de Bakhtin (2003) sobre os gêneros discursivos para a compreensão das propagandas e do LDP como gêneros do discurso. Foram selecionadas, para a análise, duas propagandas no livro Português: linguagens dos autores Cereja e Magalhães (2003): a propaganda institucional dos Correios brasileiros e a propaganda da Bombril. Nelas serão indicadas estratégias discursivas de exploração didática, colocando em evidência conceitos bakhtinianos a exemplo de gêneros discursivos, enunciado e plurilinguismo. O gênero propaganda é um elemento complexo, constitui-se, geralmente, de materialidade verbal e não verbal; transita por vários gêneros e esferas discursivos sem perder a sua autonomia e individualidade como gênero. Discutiremos, ainda, o que mobilizou a presença de textos propagandísticos no LDP compreendido como um gênero do discurso. A análise pretende confirmar a presença de uma construção discursiva para o gênero propaganda e um encadeamento enunciativo na depreensão e construção dos sentidos do texto a partir da materialidade linguística e imagética apresentados por esse gênero no interior de uma unidade discursiva que é o LDP.

SESSÃO 3
ENEM: CONFIGURAÇÃO DO EXAME, PROPOSIÇÃO DA REDAÇÃO E ELABORAÇÃO DE ENUNCIADOS

Esta sessão coordenada reúne três trabalhos vinculados a uma pesquisa mais ampla sobre ENEM que focaliza diferentes aspectos (práticas letradas, paradigma de avaliação, efeito retroativo, gênero discursivo) e realizada como parte das atividades dos grupos de pesquisa *Teorias da Linguagem e Ensino,* e *Letramentos, Tecnologias e Formação de Professores*, ambos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (UFCG). O foco dos trabalhos ora apresentados é o discurso de inovação X o discurso sobre a tradição nesse exame, a configuração da dissertação como gênero textual e a formulação de enunciados das questões. Todas são pesquisas documentais e foram realizadas à luz da metodologia qualitativa. Os resultados ainda em andamento apontam para um quadro de hibridismos no que diz respeito ao discurso, à definição da dissertação como gênero e à formulação de enunciados. Acreditamos que pesquisas como essas podem ajudar a desvelar discursos de hegemonia articulados por políticas governamentais, bem como podem ajudar a analisar práticas letradas que têm impacto sobre a educação básica.

COMANDO INJUNTIVO EM ENUNCIADOS DE QUESTÕES DO (VELHO E DO NOVO) ENEM: COMPARAÇÕES POSSÍVEIS
Denise Lino de Araújo (UFCG)

O presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla sobre o ENEM que focaliza práticas letradas, paradigma de avaliação, efeito retroativo, gênero discursivo. Neste estudo, nos voltamos especificamente para comparação da formulação dos comandos injuntivos nas questões propostas aos candidatos em dois momentos: (1) na prova aplicada em 1998, primeira versão do exame, quando prova era interdisciplinar e um dos seus principais propósitos era o de servir de instrumento de autoavaliação para os candidatos egressos do ensino médio, e, (2), na prova aplicada em 2009, na décima segunda versão do exame, quando ele já estava dividido em quatro áreas de conhecimento e havia sido alçado, naquele ano, à posição de instrumento de seleção para ingresso na rede federal de ensino superior e tido como um exame inovador, portanto, um exame que se opunha aos da primeira fase do ENEM, tidos como "velhos". Enunciados de provas e atividades escolares são objeto de pesquisa em Linguística Aplicada (Matêncio 2001, Barros 2004, Marenco 2010), que os descreve, do ponto de vista linguístico, como uma sequência injuntiva, iniciada por um verbo no imperativo que visa orientar a ação a ser realizada, a partir da qual se pode inferir sobre o tipo de ação proposta, sua natureza e apoio didático dado ao candidato. Todavia, a análise das questões do ENEM 2010 (Lino de Araújo 2011) nos apontou outra forma de organização, expressa numa sentença a ser completada ou de uma pergunta a ser respondida. Em ambos os caso, o verbo não é o primeiro elemento do comando. O presente trabalho, documental e qualitativo, ainda em andamento, visa comparar os comandos das provas de 1998 e 2010 tendo como elemento para a triangulação a legibilidade do enunciado da questão.

O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO E AS REFORMAS NOS CURRÍCULOS DE ENSINO: A INOVAÇÃO E O TRADICIONAL
Ludmila Kemiac (POS LE – UFCG)

Nas últimas décadas, temos presenciado a emergência de discursos sobre a necessidade urgente de reforma nos currículos da educação básica e, mais especificamente, do ensino médio. Documentos que subsidiam o ensino são editados, formações continuadas de professores são propostas, programas de capacitação que visam qualificar os profissionais

do ensino para uma nova realidade são realizados. O Enem insere-se nesse quadro complexo, no qual críticas são feitas às formas 'tradicionais' de ensinar e avaliar. Nesse sentido, a avaliação por competências e habilidades, a avaliação que não focaliza tanto conteúdos e conceitos é investida em um 'discurso da modernidade'. Um ensino e, por conseguinte, uma avaliação centrada em conceitos e conteúdos parece não mais corresponder às necessidades e aspirações de um novo sistema de produção. Da mesma forma, o saber fragmentado, dividido em disciplinas, estaria em desacordo com as demandas decorrentes de uma reestruturação produtiva. A avaliação por competências e habilidades, com foco na interdisciplinaridade, desponta como tema do Enem, com vistas à implementação de uma reforma no currículo das escolas. Neste trabalho, em um primeiro momento, investigaremos de que forma se materializa o 'discurso da inovação' na Fundamentação Teórico-Metodológica do Enem (BRASIL, 2005), para, em seguida, analisarmos algumas questões da prova (edição 2010), com vistas a observar se as orientações da Fundamentação realizam-se, de fato, nas questões. Com base em nossas análises, observamos que, embora o Enem seja apresentado como 'exame inovador', é possível encontrar questões bastante tradicionais nesse exame. Assim, ratificamos as assertivas de Signorini (2007), segundo as quais onde são traçadas fronteiras entre o retrógrado e o 'inovador' tem-se, com efeito, bordas fluidas e zonas de constante entrelaçamento.

A DISSERTAÇÃO ESCOLAR ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL NO ENEM À LUZ DO INTERACIONISMO SOCIO-DISCURSIVO
Samelly Xavier da Cruz(POS LE -UFCG)

O objetivo deste artigo é demonstrar, à luz da teoria sócio-interacionista como a dissertação escolar é concebida e estruturada enquanto um gênero textual no ENEM. Embora saiba-se que este gênero circule originalmente no ambiente escolar, é fato que vem ampliando o seu domínio para outras esferas, incluindo os exames de larga escala, concursos públicos e até mesmo entrevistas de emprego. Tal questão comprova que a dissertação possui funções sócio-comunicativas específicas e traz à baila a discussão sobre como ensinar este gênero, não mais vendo-o – como a tradição teórica costumava fazer (Köche:2010; GARCIA:2007; et all) – como uma mera sequência pertencente a textos empíricos, mas como um texto possuidor de características e funcionalidades próprias. Para tanto, primeiro foi feito um breve panorama histórico sobre a corrente interacionista, especialmente nas concepções de Bronckart (2003) correlacionáveis as de Bakhtin, Foucault e Vygotski (citados pelo autor). Depois, de forma mais detida, foi comentado a noção de gênero textual para este autor e teóricos afins (Dolz & Schneuwly, 2004), além de explicitar algumas outras classificações de Bronckart (2003) que contribuem para o entendimento desta noção, como contexto de produção, ação de linguagem e estratos do folhado textual, baseando-se tanto em suas próprias explicações, como em Machado (2005). Em seguida, caracterizou-se o gênero dissertação, a partir de tais classificações. E, por fim, comentou-se brevemente os estudos mais recentes sobre a dissertação, para os quais ela é um gênero genuinamente escolar e que vem ganhando espaço nos vestibulares, em geral, como apontam Rojo (1999), Souza (2003) e Xavier (2010), correlacionando tais estudos aos critérios avaliativos que o ENEM utiliza para considerar este gênero em sua correção, de acordo com as cinco competências divulgadas como matriz para correção neste exame.

SESSÃO 4
GRAMÁTICA E ENSINO: ABORDAGENS (SOCIO)FUNCIONALISTAS

Esta sessão coordenada visa congregar trabalhos que apresentem resultados de pesquisas acerca de itens linguísticos que desempenham novas funções na língua e sua interface com o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental e médio. O aporte teórico comum aos trabalhos aqui reunidos consiste no funcionalismo linguístico norte-americano, especialmente os trabalhos voltados ao processo de gramaticalização (HOPPER, 1991, 1998; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; GIVÓN, 1995; HEINE; KUTEVA, 2007), na sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; TAGLIAMONTE, 2006), ou na confluência teórica dessas duas abordagens, constituindo o tipo de análise conhecido como sociofuncionalista (TAVARES, 2003; TAVARES; GÖRSKI, 2006). De acordo com Hopper (1987), as gramáticas das línguas sofrem mudanças constantes via processo de gramaticalização, desse modo, entende-se que itens lexicais e/ou gramaticais que são vistos, em certo período, como criativos tendem a se tornar mais constantes na língua, aparecendo com frequência em determinado contexto comunicativo. Labov (2001), Hopper e Traugott (2003) acrescentam que a mudança surge e espalha-se de forma gradual, dependendo de fatores como região, classe social, geração etc. Como a maioria dos falantes tem a falsa impressão de a língua ser estanque, é importante que o professor de língua materna trabalhe em suas aulas itens que sofrem essa variação e mudança, a fim de evitar que apenas uma forma linguística seja privilegiada em detrimento de outras ou determinadas formas sejam estigmatizadas. Assim, os trabalhos aqui elencados convergem para essa proposta, apresentando sugestões de atividades para as aulas de língua portuguesa do ensino fundamental e médio que levem em consideração essa dinamicidade da língua e a maleabilidade da gramática.

GRAMATICALIZAÇÃO E ENSINO: O CASO DOS MARCADORES DE ESPECIFICIDADE DE SN INDEFINIDOS EMERGENTES
Francisco Wildson Confessor (UFRN) – coordenador

Este trabalho tem dois objetivos básicos: primeiro, sob a égide do funcionalismo linguístico em sua vertente norte-americana, especialmente os trabalhos de Hopper (1991, 1998) – e suas propostas da gramática emergente e dos princípios de gramaticalização – e no construto teórico da iconicidade paradigmática de Krug (2000, 2001), visa discorrer sobre o processo de gramaticalização de AQUI, AÍ, ALI e LÁ, como marcadores de especificidade de Sintagmas Nominais indefinidos. De acordo com a proposta aqui advogada, esses itens linguísticos, por intermédio do processo de gramaticalização, migraram do domínio funcional da dêixis espacial para o da especificação nominal, passando a atuar também como marcadores de especificidade de sintagmas nominais indefinidos Confessor (2008). Nessa função, os itens sob enfoque pas-

sam a integrar o SN, acrescentando-lhe um traço [+específico], o que indica que seu referente é específico do ponto de vista do falante, isto é, o falante conhece a identidade do referente em questão ou conhece ao menos alguma informação sobre o referente do SN a respeito da qual, por alguma razão, não quer ou não pode revelar maiores detalhes. O segundo objetivo deste estudo diz respeito a empreender uma breve reflexão acerca do ensino de gramática e da possibilidade e validade de se trabalhar com itens marcadores da especificidade do sintagma nominal, sob a perspectiva dos estudos de gramaticalização (CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2007), nas aulas de língua portuguesa do Ensino Médio.

"DA GENTE" NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM SOCIOFUNCIONALISTA
Noelma Rafael (UFRN)

Este trabalho apresenta um duplo propósito: primeiro, sob a congregação de duas teorias – a sociolinguística variacionista (LABOV, 2008) e o funcionalismo norte-americano (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), isto é, o sociofuncionalismo (TAVARES 2003), pretende-se discorrer sobre a forma inovadora "da gente" como pronome possessivo de primeira pessoa do plural variando seu uso com a forma canônica "nosso(a)(s)", discutindo aspectos sociais e linguísticos que, aparentemente, motivaram o percurso da inserção da forma "da gente" para o quadro do sistema dos pronomes possessivos do português brasileiro (RAFAEL, 2010). Nas gramáticas de base tradicional, nos compêndios gramaticais e nos livros didáticos, a construção da gente não figura na lista dos pronomes possessivos, nem mesmo é mencionada como parte da estrutura da língua, entretanto, observa-se que essa forma é de uso regular no português brasileiro, inclusive em textos de gêneros contemporâneos como os presentes nas redes sociais e blogs da Internet. Esse uso vai ao encontro do segundo propósito deste estudo, qual seja, apresentar propostas pedagógicas que contemplem um quadro atual do uso dos pronomes, incluindo, desse modo, a forma inovadora da gente no ensino de língua portuguesa no ensino fundamental e médio.

CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DOS CONECTORES: O ADVERSATIVO DUPLO EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS E EM BLOGS
Fabíola Barreto Gonçalves (PPgEL/UFRN)

Há muito se sabe que a gramática normativa não dá conta de tudo o que há na língua, seus comportamentos e vicissitudes. Além disso, essa gramática registra e canoniza o que está na escrita, mas há inúmeras formas de uso da língua surgindo, em grande parte, via comunicação oral. Este trabalho propõe-se à análise dos usos conjugados de conectores adversativos, como, por exemplo, "mas porém", "mas no entanto", "mas só que" a partir de amostras colhidas em registros orais e escritos, de modo a observar se essas duas formas, quando utilizadas juntas numa mesma sentença, expressam a mesma função, sendo assim um caso de redundância ou funções diferentes; ou mesmo se há a necessidade de uma maior marcação; podendo ser, ainda, formas variantes em competição. Como aparato teórico, tem-se os postulados da Linguística Funcional sob a perspectiva norte-americana (GIVON, 2001; HOPPER, 1998) e da Sociolinguística (LABOV, 2001). Para compor o corpus foram colhidos redações de vestibular, que pedem uma linguagem mais formal; e comentários em blogs, textos, em geral, mais informais, a fim de mostrar que esse tipo de construção está presente em ambas as situações, tanto quanto está presente no discurso de muitos falantes. É importante, portanto, que variações como essa sejam trabalhadas em sala de aula, para que os alunos percebam que a nossa língua não é uma entidade estanque, mas que cada falante é um participante desse processo contínuo de mudança.

ÁREA TEMÁTICA 19: COGNIÇÃO E ENSINO

SESSÃO 1
ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DE COMPREENSÃO DE TEXTOS: PROPOSTAS DE ENSINO

Essa sessão coordenada tem o objetivo de apresentar e discutir as relações entre linguagem, cognição e corporalidade, priorizando a reflexão sobre a compreensão do texto narrativo, com a participação de alunos da Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UFRN (PpgEL-UFRN) que desenvolvem pesquisas voltadas para essa temática. Em síntese, a sessão coordenada deter-se-á sobre questões importantes para os estudos de modelos situacionais construídos durante o processo de compreensão de histórias, através das representações de personagens, eventos, estados, objetivos e ações. Avaliados por uma perspectiva cognitiva, esses modelos situacionais podem fornecer elementos para uma pedagogia da leitura e interpretação de textos; outro aspecto a ser abordado refere-se à indexação de constructos linguísticos a objetos representad os como símbolos perceptuais estocados na memória do leitor (compreendedor).

MODELO DE SITUAÇÕO E COMPREENSÃO DE TEXTOS: O PAPEL DO ASPECTO
Paulo Henrique Duque (UFRN) –coordenador

O objetivo deste trabalho é apresentar uma visão de processamento da linguagem, focalizando o papel do aspecto na perspectiva da simulação mental. Acreditamos que a abordagem do Modelo de Situação pode dar conta do fluxo de interconectividade das representações de eventos, mas que a simulação mental é necessária para dar conta da estrutura interna das representações do evento. A questão central acerca do Modelo de Situação é como essas representações de eventos são integrados na memória de modo a favorecer a compreensão global de textos. O trabalho demonstra, através de exemplos extraídos de contos fantásticos de Machado de Assis, como as teorias de simulação podem realizar essa façanha intelectual, fornecendo insights para propostas pedagógicas envolvendo a interpretação de textos.

A CONSTRUÇÃO DE MODELOS SITUACIONAIS NO PROCESSO DE COMPREENSÃO DA NARRATIVA EM MACUNAÍMA
Giezi Alves de Oliveira (UFRN)

Os estudos cognitivistas acerca da compreensão da linguagem apontam para a existência de um pareamento entre os aspectos linguísticos e extralinguísticos na construção de sentido em produções textuais de natureza predominantemente narrativa. Pesquisas demonstram que durante o processo de compreensão da linguagem diversos fatores estão envolvidos, dentre eles, o acionamento dos significados por meio de inferências, analogias, referenciações e representações mentais que são evocados por pistas linguísticas presentes no texto. A capacidade cognitiva do ser humano de criar Padrões Discursivos nos ajuda, enquanto compreendedores, a construir sentidos em textos, sejam eles ficcionais ou não. Alguns autores acreditam que na base do processo da compreensão linguística está envolvida uma Simulação Mental, conduzindo o compreendedor a criar imagens que se revelam no momento em que as coisas são descritas. Durante a leitura de um texto de ficção, leitores se envolvem com a história, criando expectativas e construindo probabilidades para ações que provavelmente aconteceram ou acontecerão. Eles assumem a perspectiva da personagem e passam a simular os eventos na medida em que eles são descritos. Ficam felizes quando percebem coisas boas, se preocupam quando as personagens estão em perigo, sentem-se tristes e podem até chorar quando graves infortúnios acontecem. Isso ocorre porque o compreendedor, por intermédio dos elementos linguísticos que tecem a história, aciona representações em sua mente. Essas representações são comumente chamadas de Modelos Situacionais. Baseado nessa teoria, este artigo pretende analisar, dentro do romance Macunaíma, de Mário de Andrade, o processo de compreensão da narrativa ficcional. Acreditamos que nessa obra a narrativa é instanciada por um processo de Simulação Mental e pela construção de Modelos de Situação construídos a partir de referentes como TEMPO, LUGAR e PESSOA. Julgamos que este trabalho possa contribuir para os estudos cognitivistas acerca da compreensão da Análise Construcional do Discurso, bem como possa servir de subsídio para o ensino de língua portuguesa e literatura, no tocante à produção e compreensão de textos.

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES
Vanilton Pereira da Silva

Esta comunicação se propõe a fazer uma exposição crítica de duas perspectivas de análise das expressões idiomáticas. A abordagem sugerida por Nunberg, Sag e Wason, de acordo com a qual as expressões idiomáticas prototópicas possuiriam um traço essencial (a convencionalidade) e cinco características típicas (a inflexibilidade, a figuracidade, a proverbialidade, a informalidade e a emoção) e a abordagem construcional proposta por Fillmore, Kay e Oâ€™Connor que tem como alicerce teórico a Gramática de Construções. Segundo esta perspectiva, haveria expressões idiomáticas com ou sem ponto pragmático, de codificção e de decodificação, gramaticais e extragramaticais, substantivas e formais. Além disso, defende que as características atribuídas às expressões idiomáticas são também compartilhadas por expressões não idiomáticas. Isso justificaria compreender a gramática não mais como sendo um conjunto de frases formadas pela aplicação de regras, mas sim como um conjunto de construções que, em menor ou maior grau, seriam idiomatizadas. A partir dessas considerações, tencionamos realizar uma discussão a respeito da aplicabilidade dos traços atribuídos às expressões idiomáticas, bem como um diálogo entre as duas perspectivas mencionadas, com o intuito de propormos um modelo analático-epistemológico mais satisfatório para essa temática. Acreditamos, por fim, que os processos de significação dos idiomatismos são extremamente complexos, pois envolvem não apenas componentes sintáticos e semânticos, mas também, pragmáticos e cognitivos. Em face disso, entendemos que, apesar do grande valor das proposições formuladas pela perspectiva tradicional acerca das expressões idiomáticas, achamos mais adequado concebê-las como sendo um continuum constituído por diversos graus de idiomaticidade, tal como proposto por Fillmore, Kay e Oâ€™Connor e não como um conjunto finito de elementos, como advoga Nunberg, Sag e Wason.

SESSÃO 2
ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DE COMPREENSÃO DE TEXTOS: PROPOSTAS DE ENSINO – NOVAS DISCUSSÕES
Paulo Henrique Duque (UFRN) – coordenador

O PROCESSAMENTO DISCURSIVO E SUAS BASES CORPÓREAS: AS ESTRATÉGIAS COGNITIVAS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA COMPREENSÃO DE NARRATIVAS
Natalia de Lima Nobre (UFRN)

Nos últimos anos, as pesquisas em Linguística Cognitiva (LC) têm se debruçado sobre a atividade de compreensão discursiva e postulam que nesse processo ocorre a ativação e integração de domínios conceptuais ou estruturas cognitivas estáveis, os esquemas e frames, a cada processamento cognitivo on-line. Os esquemas são estruturas pré-conceptuais, ou seja, são imagens multi-estésicas (mapas perceptuais) relacionadas a cada experiência sensório-motora. Os frames, de base social, correspondem a estruturas cognitivas complexas compostas por um conjunto de slots que descrevem os atributos (facets) dos "objetos" em diferentes contextos (views). A partir da ativação dessas estruturas estáveis, são criadas estruturas provisórias de processamento cognitivo, os espaços mentais. Para a perspectiva em tela, o sistema conceptual está intimamente relacionado ao sistema sensório-motor, portanto, as representações conceptuais acessadas durante o processamento discursivo são, ao menos em parte, equivalentes às representações sensório-motoras requeridas para a simulação dos conceitos, cenas e objetos apresentados nos textos. Partindo dessa perspectiva da compreensão enquanto simulação possibilitada pela ativação, integração e descompressão de domínios conceptuais, buscarei mapear

as estratégias cognitivas utilizadas no processamento discursivo de narrativas pelos alunos do 4° nível da EJA de uma escola da rede pública da cidade de Goianinha, ratificando a hipótese de que o processamento cognitivo do discurso tem base corporificada e que esse alunado utiliza as estratégias complexas de construção de sentido já descritas acima. Considerarei o processo de significação tendo como referência a Teoria da Integração Conceptual e o paradigma da Cognição Corporificada. Uma vez que a discussão aqui desenvolvida faz parte de minha dissertação de mestrado ainda em andamento, não apresentarei conclusões, apenas reflexões preliminares.

OS BASTIDORES DA LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NA EAD/UFRN: UMA ANÁLISE DO PROCESSAMENTO COGNITIVO NA CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA

Emanuelle Pereira de Lima Diniz (UFRN)

Sob os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva contemporânea, mais especificamente, da Teoria da Integração Conceptual, analisamos os processos cognitivos que operam na construção da referência no texto. Para tanto, escolhemos como corpus as produções textuais escritas de graduandos da Secretaria de Educação a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (SEDIS/UFRN). Essas produções estão disponíveis nas seções de respostas das atividades avaliativas presenciais e em atividades desenvolvidas no ambiente virtual moodle (modular object-oriented-dynamic--learning-environment). Esse ambiente é um sistema de administração de atividades de aprendizagem. Ele desenvolve interações online entre os indivíduos e objetos de conhecimento com o intuito de atingir determinados objetivos no âmbito da Educação. As atividades e textos foram produzidos na disciplina de Leitura, Interpretação e Produção Textual, ministrada nos cursos de Química, Física, Matemática, Biologia e Geografia, que monitoramos durante o período de 2008.1 a 2010.1. As atividades aplicadas tinham um objetivo comum: introduzir a noção de linguagem verbal/não verbal aos alunos da disciplina. Em todas elas, os alunos foram orientados a expor a íntima relação existente entre os elementos verbais/não verbais, considerando a existência da estreita ligação entre a leitura desses elementos e o contexto sócio--histórico-cultural que nos envolve. Através das produções discursivas, ratificamos o pressuposto cognitivista de que as expressões relacionadas às referências indicadas funcionam como guias de sentido, pois no momento em que os alunos constroem uma compreensão a partir da leitura dos textos, eles ativam, acionam vários domínios de conhecimento. Desse modo, os processos cognitivos têm um papel fundamental na construção da referência, pois ela se estabelece por meio da interação entre práticas socioculturais, esquemas cognitivos, capacidades corporais e linguagem.

Resumos das Sessões de Comunicações Individuais

ÁREA TEMÁTICA 1: FONÉTICA E FONOLOGIA E ENSINO

SESSÃO 1
O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /E/ E /O/ SEM MOTIVAÇÃO APARENTE
Valéria Neto de Oliveira Monaretto

As vogais médias pretônicas /e, o/ podem ser realizadas, no português brasileiro, em sílabas átonas, como [i, u], respectivamente. Por ser possível tal realização na fala, a escrita algumas vezes reflete esse dado, que deve ser considerado na prática de ensino da Língua, como uma forma de registro do fonema. Assim, por exemplo, as palavras menino/coruja (1º grupo); pequeno/cometa (2º grupo) podem ser pronunciadas como m[i]nino/c[u]ruja; p[i]queno/c[u]meta. No primeiro grupo, a motivação para que /e, o/ se tornem [i, u] se dá pela presença das vogais altas /i, u/ na sílaba tônica. Esse fenômeno chama-se de Harmonia Vocálica. No segundo grupo (pequeno/cometa), também é possível o alçamento de vogais quanto à altura. Porém, não há, nesse caso, nenhuma motivação aparente para que esse processo ocorra. Por isso, é chamado de Alçamento sem Motivação Aparente. É sobre este último processo que este trabalho versará. A ocorrência de [i, u] em contexto pretônico parece ser um fenômeno variável na fala do português brasileiro. Contudo, há controvérsias sobre seu status como regra variável, em termos labovianos, pois não haveria, em princípio, fatores linguísticos e sociais que o influenciariam em dados de fala da região sul do Brasil (Bisol 2010). Essa pesquisa tem como tarefa principal investigar quantitativa e qualitativamente a questão desse fenômeno ser condicionado ou não, conforme o modelo da Teoria da Variação de Labov (1966). Para tanto, foram utilizadas duas amostras de fala de indivíduos portoalegrenses, coletadas em diferentes épocas (1970 e 1990), o que nos possibilita também fazer algumas inferências sobre mudança linguística em tempo real. A variável dependente analisada considera palavras, como refogado, erradamente, por exemplo, e desconsidera casos em que há vogal alta, como perigosa. Espera-se dos resultados índices consideravelmente baixos de aplicação de Alçamento sem Motivação Aparente, pela falta de condicionador fonológico relevante, o que pode sinalizar um caso de interferência apenas lexical.

ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS E ENSAINO: ÁREAS DE APLICAÇÃO
Silvia Rodrigues Vieira (UFRJ)

O espaço destinado a aspectos fonético-fonológicos no ensino de Língua Portuguesa nos níveis fundamental e médio, ao que parece, é irrisório. Supostamente, professores e pedagogos atribuem um caráter por demais especializado da área e aparentemente pouco aplicável nas propostas de leitura e redação dos textos, associados ou não a atividades de natureza gramatical. O presente trabalho propõe um mapeamento dos temas de natureza fonético-fonológico que cumprem objetivos relevantes no ensino de Português como língua materna. Com base em reflexões gerais sobre os objetivos desse ensino, quatro áreas temáticas são delineadas como objeto didático-pedagógico: (1) Fonética e representação gráfica dos segmentos/suprassegmentos; (2) Fonética e segmentação de unidades sintagmáticas; (3) Fonética e variação lingüística; e (4) Fonética e interfaces. A fim de demonstrar os propósitos e o alcance do ensino desses temas, algumas propostas de aplicação na sala de aula são, por fim, propostas.

CONTRIBUIÇÕES DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA PARA A ALFABETIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
Daniele Marcelle Grannier

Neste trabalho apresentam-se os resultados da aplicação dos estudos fonético-fonológicos da língua portuguesa a pontos específicos de dificuldades ortográficas de alunos de 5ª. à 8ª. séries, no contexto da distinção de duas fases básicas do processo de aquisição da escrita: a fase do estalo e a fase da aquisição das irregularidades da ortografia da língua portuguesa. Serão considerados diferentes tipos de irregularidades ortográficas que causam dificuldades nessa segunda fase, e suas relações com as propriedades fonético-fonológicas da língua portuguesa, levando-se em conta algumas variações regionais da língua no Brasil, tais como as diferentes realidades fonético-fonológicas representadas pela letra "l" em final de sílaba, sendo discutida sua repercussão no processo de alfabetização. Além disso, será apresentada uma sequência de atividades aplicadas ao trabalho com a letra "s", demonstrando a necessidade de práticas diferenciadas de acordo com o

grau de irregularidade do uso dessa letra em oposição ao uso de outras letras. Retomando as reflexões de Cagliari (1989), propõem-se atividades e exercícios para a sala de aula com a finalidade de trabalhar esses pontos, que vão da prática da leitura extensiva à pratica da leitura intensiva, com foco na forma, no significado e no uso linguísticos, que têm como objetivo a produção de uma escrita de acordo com os padrões socialmente reconhecidos, de modo que o professor possa ajudar o aluno a superar suas dificuldades, recorrendo a diferentes procedimentos. Conclui-se afirmando, por um lado, a necessidade de materiais didáticos diferenciados para cada região linguística do Brasil e reconhecendo, por outro lado, a necessidade de se formar o professor para diagnosticar a natureza das dificuldades específicas de seus alunos e para identificar quais as melhores práticas para cada caso.

A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ALTAS PRETÔNICAS DO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL EM REGISTROS ESCRITOS: PROBLEMAS E CONDICIONAMENTOS LINGUÍSTICOS
Roberto Francisco Nasi
Orientadora: Valéria Neto de Oliveira Monaretto

Regra Variável é um processo de escolha recorrente entre duas ou mais alternativas discretas em diversos contextos. Segundo Sankoff (1988), o estudo da percepção da existência de algum tipo de escolha entre duas estruturas linguísticas é chamado de análise de regra variável. Além da fala, o registro escrito também pode servir como fonte para estudo de fenômenos em variação ou mudança linguística. Os resultados obtidos em análise dessa natureza podem ser utilizados como subsídios para o ensino de línguas. Diante dessa perspectiva, este trabalho propõe uma análise preliminar de possíveis regras variáveis encontradas através do registro escrito, em textos de português produzidos no Rio Grande do Sul do século XIX. A investigação é baseada na possibilidade de estudar o passado com base em fontes históricas, conforme LASS (2000) e LABOV (1994). Mostraremos os problemas que existem para se trabalhar com esse objeto de análise e para a obtenção de dados bons. Propomos classificar dados, como fazem LASS (2000) e MONARETTO (2005), e, com base em registros escritos e em resultados de fala, abordaremos o comportamento de uma regra variável fonológica do português falado no sul do Brasil, confirmando a relação passado/presente e contribuindo para o ensino do português brasileiro.

SESSÃO 2
FERRAMENTAS VIRTUAIS PARA O APERFEIÇOAMENTO DA PRONÚNCIA EM LÍNGUA INGLESA
Eva Carolina da Cunha (UFRN)

Este estudo pretende investigar como a ferramenta virtual voicethread pode ajudar alunos no estudo e no aperfeiçoamento da pronúncia de uma língua estrangeira, no caso, do inglês. A pergunta base para o desenvolvimento da pesquisa é: qual o papel da pronúncia num contexto de ensino que privilegia a comunicação? Parte-se do princípio de que para níveis introdutórios ou intermediários de falantes, a necessidade de comunicação determina a busca pelo estudo da língua, mas para pessoas que trabalham com a língua em nível avançado, como no caso de professores ou pesquisadores, é requerido um entendimento mais profundo oferecido por estudos teóricos da língua e de áreas relacionadas à linguística. No caso deste trabalho, o foco se dá nos princípios que regulam o uso dos sons no inglês falado. A pesquisa, em caráter inicial, basear-se-á em pressupostos teóricos da etnografia da comunicação e dos estudos de fonética e fonologia da língua inglesa, com vista a compreender as dificuldades de comunicação e verificar a eficácia de elementos facilitadores da pronúncia quando da prática de variáveis como ritmo, volume, entonação e articulação fonética. Parte-se do pressuposto de que a melhoria da capacidade de se comunicar com fluência garante aos alunos, graduandos em Letras/inglês, maior motivação para estudar a língua, pois contribui para o domínio de parte relevante no tocante de um idioma, falar bem, além de corresponder a parte significativa entre as competências que se espera de um professor de línguas estrangeiras. Serão investigados entre 10 e 15 alunos por semestre durante um ano e meio. A cada semestre serão armazenados entre seis e oito voicethread para o corpus expandido. Dois aspectos da produção oral, mais especificamente da fonética, serão investigados: produção/articulação de fonemas do inglês tradicionalmente problemáticos para os falantes brasileiros (th, m, n) e fluência. Espera-se que os alunos respondam aos testes de gravação com base em orientação e auto-avaliação que propiciem o aperfeiçoamento de suas produções orais no tocante não apenas à comunicação, mas à pronúncia.

A FONOLOGIA COMO SUPORTE PARA O PROFESSOR DE INGLÊS
Alessandra Mara de Assis (UFT)

Durante um estudo que buscava identificar as interferências do Português Brasileiro (PB) na aquisição de Inglês como língua estrangeira e investigar as dificuldades que os alunos nativos de PB encontravam ao aprender as vogais do inglês, principalmente as vogais altas frontais longas e curtas com os traços [+ tenso] ou [- tenso], percebemos que muitas vezes os alunos não conseguiam distinguir esses traços distintivos e menos ainda distinguir os fonemas. No decorrer da pesquisa verificamos que dentre as várias falas dos sujeitos pesquisados, uma que se destacava era a dificuldade de produzir os fonemas do Inglês que não encontram correlação no PB. A partir daí, detectamos a necessidade de pesquisar um pouco mais sobre a fonologia como um dos saberes do professor de Inglês e como este conhecimento pode facilitar o processo de ensino/aprendizagem do Inglês pelo aprendiz. No final da pesquisa revisitamos quatro dos quinze sujeitos entrevistados e elaboramos uma aula com conhecimentos básicos de fonética

articulatória na qual introduzimos conceitos como fone e fonema, traços distintivos, pontos e modos de articulação. Os quatro sujeitos presentes na aula declararam que tais informações facilitaram a percepção e a produção dos fonemas estudados. O instrumento de pesquisa usado no início do trabalho foi entregue novamente a esses sujeitos e o estranhamento já não mais existiu, situação que fortalece a posição da fonologia como um dos saberes essenciais para o professor de língua estrangeira. Como base teórica usamos a Teoria de Traços Distintivos de Chomsky e Halle (1968), a classificação das vogais do PB de Câmara Jr. (1970) e, para as vogais do Inglês, utilizamos a descrição de Chomsky e Halle (1968).

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DA SÍLABA COM CODA MEDIAL: ATIVIDADES ORAIS E ESCRITAS
Susie Enke Ilha

Este trabalho objetiva apresentar atividades orais e escritas envolvendo a consciência fonológica de sílabas constituídas por coda medial no português brasileiro. Este está embasado na teoria fonológica da sílaba (Selkirk, 1982), na lei do contato silábico (Clements, 1990), bem como nas análises da sílaba (Bisol, 1999) e do acento (Bisol, 1991) para o português. Essas atividades de consciência fonológicas estão em fase de elaboração e estão sendo aplicadas em uma turma de estudos diferenciados no CAIC/FURG (Centro de Atenção Integral à criança e ao adolescente). Na fase inicial da aprendizagem da escrita as crianças, estudos evidenciam que há a possibilidade de as crianças não representarem a coda medial ou inverterem a posição do segmento em coda (Ilha, 2003; Lara & Ilha, 2010). Outros estudos mostram que os ditongos /ej/ e /ow/, também, podem não ser representados na escrita (Córdoba, 2008-2009). Para auxiliar as crianças a emergirem na sua escrita a representação de /s/, /l/, /n/, /r/, /s/, /j/ e /w/ em coda medial, propomos atividades de consciência fonológica dessas sílabas constituídas por coda medial. Sob o enfoque fonológico, as palavras utilizadas nessas atividades seguem uma estrutura hierarquizada da sílaba, a lei do contato silábico e a estrutura métrica. Quanto ao desempenho cognitivo, são solicitadas as tarefas de identificação da sílaba, rima constituída por núcleo e coda medial, fonemas em posição de coda; análise da palavra por meio da separação silábica; síntese de palavras; e manipulação através da inversão de sílabas. Essas são desenvolvidas a partir de jogos, como de trilha e de memória fonológica (Ilha & Lara, 2010), e concomitantemente atividades escritas (Ilha & Lara, 2011). Espera-se contribuir, dessa forma, com a aprendizagem de sujeitos que se encontram em fase inicial do processo de leitura e escrita.

ASPECTOS FONÉTICOS DA LÍNGUA KRAHÔ: UMA ANÁLISE DAS CANTIGAS DE PEMPKAHÀK
Jane Guimarães Sousa
Orientador: Francisco Edviges Albuquerque

Esta comunicação, parte integrante de uma pesquisa em andamento, faz um estudo sobre os Krahô, povos indígenas pertencentes ao Tronco Linguístico Macro-Jê e à Família Linguística Jê, que habitam às margens do rio Tocantins nos municípios de Itacajá e Goiatins. Os Krahô são uma sociedade remanescente dos Timbira e destacam-se por suas diversidades sócio-culturais. Aspectos como língua, corte de cabelo, ritos, mitos, cantigas e corridas de tora são algumas das peculiaridades desse grupo indígena, e se apresentam como elementos constitutivos da identidade e do universo cosmológico dessa sociedade. Esta pesquisa tem por objetivo realizar análise linguística (fonética) da língua Krahô, materializada nas cantigas de Pempkahàk, a proposta deste trabalho também será voltada para questões educacionais, numa tentativa de contribuir para a manutenção da língua desse povo. Tais cantigas fazem parte de um rito muito antigo, aqueles que as dominam (os velhos cantadores) são ágrafos, assim, o processo de transcrição envolverá informantes mais velhos com domínio das cantigas e mais jovens da escrita. Já o objetivo desta apresentação é trazer resultados parciais do estudo, focalizando a língua Krahô a partir de cantigas de Pempkahàk, ritual de passagem da vida adolescente à vida adulta e também de iniciação guerreira. Dessa forma a pesquisa que é qualitativa, assume o caráter interdisciplinar, multilinguístico e intercultural. Como metodologia faremos uma pesquisa de caráter etnográfico participante (EZPELETA & ROCKWELL, 1979) sistematizada por entrevistas e questionários. Esperamos que assim possamos contribuir com a valorização da cultura indígena Krahô, e consequentemente, com o respeito pelas diferenças promovendo a alteridade.

A ORGANIZAÇÃO DA FONOLOGIA DE OUTRA LÍNGUA: A LIBRAS
Simone Patrícia Soares de Souza

O presente trabalho tem o intuito de apresentar aos grupos acadêmicos do V ECLAE alguns estudos concluídos sobre a organização da fonologia da LIBRAS, denominada, por extenso, de Língua Brasileira de Sinais. O objetivo deste é identificar a estrutura e a organização da fonologia da língua de sinais, destacando as descrições de alguns parâmetros como a configuração de mão, o movimento e a locação, acrescentando-se mais outros tipos de parâmetros como a orientação de mão e as expressões faciais e corporais. Com a consulta a várias pesquisas e estudos feitos por autores como Quadros (2004), Karnopp (1994), Saussure (1995), Stokoe (1960), Felipe (1997), Monteiro (1997), Battison (1974, 1978) e à legislação brasileira (BRASIL, 2002; 2005), realizamos o trabalho com a metodologia utilizada nesses estudos, com os conceitos e exemplos da área da fonologia dos sinais, buscando elaborá-lo da forma mais clara e perceptiva possível. Durante os estudos, foi discutida a necessidade de novas formas de comparar a diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, cada uma com sua modalidade de percepção e produção, evitando subestimar a diferença entre esses dois tipos de sistemas linguísticos. O desenvolvimento dos estudos dessa disciplina é de suma importância para os linguístas e os outros profissionais da área educacional que trabalham com a LIBRAS e, implicitamente, com sua fonologia, cujos estudos

têm enfatizado a descrição dos parâmetros fonológicos completos: configurações de mão, movimento, locações, orientações de mãos e expressões não-manuais. A observação e análise desses trabalhos sobre a língua de sinais como língua própria da comunidade surda, portadora de parâmetros próprios, servirá sobremaneira àqueles que se interessam pela análise das línguas espaço-visuais como um todo.

ÁREA TEMÁTICA 2: MORFOLOGIA E ENSINO

SESSÃO 1

O ADJETIVO EM PORTUGUÊS: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ocirema Cristina da Silva Pacheco de Sousa (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Martins (UFRN)

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise da classificação do adjetivo em português tendo em vista a proposta da gramática tradicional fundamentada nas concepções de Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2003), assim como de estudos linguísticos, tomando como referência Negrão, Muller, Pembrton e Foltran (2008), Castilho (2010), Perini (2009) e Neves (2000) Procuraremos mostrar inicialmente, neste trabalho, como a Gramática Tradicional classifica o adjetivo em português e o ensino do adjetivo em português, a partir de regras, nomenclaturas, de forma que não se encontra uma coerência com a língua em uso efetivo e um ensino crítico da Gramática; na segunda parte, mostraremos como os estudos linguísticos classificam o adjetivo em português, numa perspectiva reflexiva, que procura buscar e detectar a constituição e o funcionamento das classes de palavras dentro de um conceito mais amplo e também mostraremos como o livro didático "Novo diálogo: língua portuguesa" de Eliana Santos Beltrão e Tereza Godilho (2007), editora FTD, referente ao 6º ano do Ensino Fundamental trata da classificação do adjetivo. Sendo assim, essa pesquisa partiu da necessidade de observar implicações que o estudo do adjetivo em português tem para o ensino de gramática na escola. Isso nos leva a pensar que o ensino de gramática deveria propor uma prática reflexiva quanto à estrutura do funcionamento da língua. Portanto, partindo desse pressuposto, seria imprescindível que a escola possibilitasse ao aluno conhecer as reais características das classes de palavras por meio da prática de reflexão para melhorar a capacidade de compreensão e expressão em situações de comunicação real de escrita e de oralidade.

ENSINO DE GRAMÁTICA NA SALA DE AULA: SABER GRAMÁTICA OU SABER PORTUGUÊS?

Camilo Rosa Silva (UFPB)
Francielho Alves Barreto (UFPB)

Para muitos falantes, ainda persiste a ideia de que saber uma língua significa saber uma gramática -no sentido de um conjunto de regras que determinam como falar correto. Para Perini (2005) e Neves (2002), citando alguns autores que vão além dessa noção, conhecer a gramática de uma língua não é somente dominar mentalmente algumas normas que se aprendem na escola ou ter condições de realizar algumas análises morfológicas e sintáticas, mas conhecer o funcionamento dos recursos linguísticos nos textos em uso (orais ou escritos) e os efeitos de sentido produzidos. O ensino de gramática no ensino fundamental não pode se restringir ao exercício da metalinguagem, mas uma atividade de reflexão sobre os fatos linguísticos, já que a língua é viva, estando em constante mobilidade. Utilizando como corpus as atividades que abordam o estudo dos substantivos, um dos tópicos de gramática propostos no livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do ensino fundamental Português: linguagens, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, objetivamos verificar que competências são exigidas dos discentes para a realização das tarefas expostas na seção "A língua em foco" que compõe a unidade 2 deste livro. Analisamos, pois, que tipo de atividade prevalece no livro - se atividades que exploram somente a análise metalingüística, através de classificações, ou atividades epilinguísticas, que levam os alunos a refletir sobre os fenômenos linguísticos nos diversos contextos de uso. Teremos como suporte teórico, as leituras dos seguintes autores: Perini (1996, 2005), Neves (2002), Possenti (2002), Travaglia (2002), Bagno (2005), que discutem como fundamentar o ensino de gramática na escola.

O SUBSTANTIVO E O ADJETIVO EM PORTUGUÊS: REFLEXÕES E SUGESTÕES DE ENSINO

Simone Alves da Silva (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins (UFRN)

A Gramática Tradicional - GT postula que as palavras pertencem a classes bem definidas. Enquadra os nomes como pertencentes à classe dos substantivos ou à dos adjetivos, por exemplo. Entretanto, alguns usos que os falantes fazem das expressões linguísticas desafiam o seu postulado, isto é, um vocábulo tradicionalmente enquadrado como adjetivo pode figurar como sujeito da oração, função exercida por um substantivo. O inverso também ocorre, um vocábulo tradicionalmente estabelecido como substantivo pode funcionar como um modificador, função prototípica do adjetivo. Este trabalho apresenta um estudo reflexivo acerca da classe dos nomes e está dividido em duas partes. Na primeira, buscou-se, de forma resumida, apresentar um panorama geral do quadro situacional das classes de palavras, em português, herdado da tradição greco-latina; refletir acerca das vantagens da categorização das palavras; pontuar a multiplicidade de critérios dos quais se utiliza a GT para a categorização dos vocábulos e apresentar reflexões e propostas de estudiosos da língua para descrever o comportamento gramatical das classes, e, em específico do substantivo e do adjetivo de forma diferente daquela proposta pela Gramática Tradicional. Na segunda parte, buscou-se analisar as atividades gramaticais para o estudo do substantivo e

do adjetivo no livro didático do 6º ano Português: linguagens de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães, buscando entender os critérios utilizados para a conceitualização das classes, bem como apontar sugestões metodológicas, para trabalhá-las dentro de uma perspectiva contextual em detrimento de uma prática de gramática prescritiva. Tenciona-se assim, contrapor a forma como é apresentada a classe dos nomes, no material do qual dispõe o professor para o ensino de língua portuguesa frente ao ensino centrado em uma prática reflexiva sobre a língua, como propõem os linguistas.

ÁREA TEMÁTICA 3: SINTAXE E ENSINO

VINCULAÇÃO ENTRE CLÁUSULAS POR MEIO DO SEM QUE: UMA ANÁLISE DOS MATIZES SEMÂNTICOS ASSUMIDOS PELO CONECTOR EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS E DOS FATORES CONDICIONANTES DA SUA INTERPRETAÇÃO

Camilo Rosa Silva
Marta Anaísa Bezerra Ramos

O processo de articulação de orações que envolve a oração nuclear e a oração satélite/adendo, também chamado de hipotaxe, é comumente explorado nas gramáticas sob uma perspectiva semântica, sendo a classificação da oração subordinada adverbial guiada pelo valor unitário (ou sentido primário) do conector que a introduz. Pesquisas de cunho funcionalista sobre o processo de gramaticalização de conjunções e sobre as cláusulas adverbiais revelam, por outro lado, não só o fato de que fatores de ordem cognitiva ou textual-discursivas provocam o esvaziamento do conteúdo original, levando a conjunção a acumular variados matizes semânticos, mas também a importância das cláusulas adverbiais para a coerência textual. Isso pode ser observado, por exemplo, no uso do conector SEM QUE ou sua variante SEM QUE + verbo no infinitivo, que, ao lado do valor de condição, citado nas gramáticas, assume novos matizes, como: concessão, causa e modo, este último raramente mencionado nas gramáticas. Considerando que essa ambiguidade de sentido põe em xeque o valor unitário das conjunções, e, por conseguinte, o ensino pautado nessa visão, propomo-nos, neste trabalho, a: i) delinear uma categorização semântica dos usos desse conector, tendo como corpus 27 textos: 15 entrevistas e 12 artigos de opinião, coletados em 28 periódicos da Veja, entre os meses janeiro a agosto de 2009; e ii) identificar, a partir de questionários aplicados a professores de língua portuguesa, os fatores que influenciam o leitor quanto à atribuição de um vínculo semântico entre as orações. Como aporte teórico, teremos como referência, além de gramáticas de autores como Bechara (1999), Lima (2000), Mateus (2000), pesquisas realizadas por Decat (2007), Romero (2009), Neves (2006), entre outros estudos de base funcionalista que destacam o papel das cláusulas adverbiais na interpretação dos textos.

A SINTAXE DAS ORAÇÕES ADJETIVAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Elenice Santos de Assis Costa de Souza

O objetivo deste estudo é avaliar o tratamento dispensado às cláusulas relativas (orações adjetivas segundo a tradição) nos livros didáticos destinados ao Ensino Médio, bem como as concepções de língua e de gramática que emergem dessa abordagem verificando se estão em consonância com as diretrizes traçadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Para isso, vem sendo analisada a abordagem do referido conteúdo em seis livros, todos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). O suporte teórico adotado é o Funcionalismo, segundo o qual todo fenômeno linguístico deve ser examinado tanto no nível da cláusula, quanto no âmbito do texto e dos contextos. Para efetuar a análise proposta, correlacionaram-se objetivos de ensino, concepções de gramática e metodologias. Sabe-se que o PNLD atua em conformidade com os PCN, que preconizam o ensino da língua nas perspectivas descritiva e produtiva dentro de uma concepção descritiva e, prioritariamente, reflexiva da gramática. A avaliação promovida pelo PNLD tem cunho mais geral, pois se examinam todos os conteúdos de Língua e Literaturas; já a análise que vem sendo desenvolvida com este estudo é bem mais específica, pois se atém ao tratamento dispensado às cláusulas relativas a fim de averiguar a compatibilidade entre a concepção de gramática que se depreende da abordagem realizada pelo livro didático e a concepção preconizada nos PCN. Estão sendo analisados os capítulos e/ou as seções que tratam das orações adjetivas, bem como dos pronomes relativos e da pontuação usados com essas cláusulas de acordo com os seguintes critérios: a) método; b) conceito de oração adjetiva; c) inventário dos pronomes relativos; d) menção a sinais de pontuação; e) menção a aspectos prosódicos; f) menção a variações decorrentes da modalidade; g) menção a variações decorrentes do registro; h) tipos de atividades propostas; i) concepção de gramática. Os livros didáticos selecionados para o presente estudo estariam, em princípio, em conformidade com os PCN; no entanto, já foram constatadas algumas divergências na abordagem das cláusulas relativas. A análise empreendida visa não só a auxiliar o professor na prática escolar, como também a contribuir para a construção de sua postura crítica em relação ao livro didático.

SINTAXE DAS ORAÇÕES COMPARATIVAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Felippe de Oliveira Totta (Mestrando/ UFRJ)
Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

Há muitos aspectos relevantes no que se refere às orações comparativas não abordados nos livros didáticos destinados ao ensino de Português como língua materna, dentre eles destaca-se a possibilidade de estas estruturas envolverem a correlação. Assim, o principal objetivo deste estudo é avaliar o tratamento dispensado às orações comparativas em seis livros didáticos destinados ao Ensino Médio, levando em conta as concepções de língua e de gramática que emergem dessa abordagem, verificando se ela está em consonância com as diretrizes traçadas nos Parâmetros Curriculares Nacio-

nais (PCN). Para análise das obras, usaremos, baseando-nos em Souza (2010), os seguintes critérios: o método de ensino usado; o conceito de oração comparativa adotado; o inventário de conectores comparativos apresentado; a menção a variações decorrentes da modalidade linguística – falada ou escrita; a menção a variações decorrentes de registros – formais ou informais; os tipos de atividades propostas; a concepção de gramática adotada. Como interessa-nos a língua em seu funcionamento no discurso, adotaremos como suporte teórico o Funcionalismo bem como a proposta de análise das orações comparativas de Rodrigues (2001), além dos pressupostos de Rodrigues (2010) sobre a correlação. Embora a análise dos livros didáticos esteja em andamento, já se pode afirmar que a ideia de comparação não é expressa apenas pelo que a escola denomina oração comparativa; um mesmo conector pode veicular mais de uma noção, sendo no discurso, muitas vezes, que as relações são desveladas; existem estruturas comparativas correlatas; os conectores comparativos previstos pela tradição gramatical não contemplam todos os usos da língua. Portanto, espera-se que este estudo possa contribuir para a caracterização das várias estruturas em Língua Portuguesa que expressam a relação de comparação e não somente o que o ensino denomina de oração comparativa.

OBJETO DE APRENDIZAGEM SOBRE O PROCESSAMENTO DE ORAÇÕES RELATIVAS AMBÍGUAS
Jéssica Tayrine Gomes de Melo Bezerra (UFPB)
Márcio Martins Leitão (UFPB)
Thiago Gouveia (IFPB)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar informações sobre um dos recursos de ensino que mais crescem com o avanço das novas tecnologias digitais: os objetos de aprendizagem. Os Objetos de Aprendizagem (OA) são recursos digitais que, podendo ser reutilizados, dão suporte à educação. Desse modo, discutimos as vantagens e desvantagens na utilização desses objetos como recurso pedagógico, assim como os procedimentos necessários para seu desenvolvimento e construção. Destacaremos dois pontos importantes: os repositórios (locais de armazenamento dos OA) e os metadados (dados sobre os objetos). Oferecemos como resultado da pesquisa a estrutura de um objeto de aprendizagem (animação interativa) desenvolvido para o ensino de Psicolinguística Experimental, que é a área da linguística que investiga como as pessoas processam a linguagem. Mais especificamente, nos prenderemos na Teoria do Labirinto, conhecida em inglês como Teoria do Garden Path, em que são postulados princípios de processamento referentes a frases ambíguas com base na economia em termos de custo para memória de trabalho. O princípio de processamento sentencial trabalhado pelo objeto é o da aposição local (Late Closure ou aposição baixa), que propõe que, diante de orações relativas ambíguas, o processador sintático (parser) tem preferência pelo sintagma nominal correntemente sendo processado, ou mais próximo. No objeto, o usuário é levado a montar e ler uma oração relativa ambígua (opções são disponibilizadas para montagem); depois deverá responder uma questão sobre o que leu, buscando desfazer a ambiguidade. Através disso, poderá observar o que postula a teoria do labirinto em relação ao processamento sintático com base no princípio da aposição local.

SESSÃO 2
DIVERGÊNCIAS DE TRANSITIVIDADE EM TRADUÇÕES E VERSÕES: ELAS REALMENTE EXISTEM?
Marília Gomes Teixeira

O século XX foi de grande relevância para os estudos dos fenômenos linguísticos, uma vez que novas tendências em termos de análise das línguas surgiram, passando a questionar antigos paradigmas. Foi então que linguistas pós-saussureanos propuseram analisar a língua considerando seu uso pelos falantes, outrora ignorado pelo estruturalismo. Assim, deu-se ênfase à função, isto é, passou-se a valorizar o uso da língua quando voltado para uma finalidade. Estabelecida a noção funcionalista da linguagem, os questionamentos voltaram-se aos princípios estruturalistas. O funcionalismo baseia-se na influência das funções externas à linguagem na estrutura gramatical. A partir deste fundamento, crítica teorias formalistas, entre as quais o modelo de transitividade da gramática tradicional, sistema de classificação verbal utilizado há séculos. Tendo em vista as correntes teóricas apresentadas, nossa proposta, neste trabalho, é comparar as possíveis divergências de transitividade em orações de mesmo significado, expressas em idiomas distintos (no caso, inglês e português) vertidas ou traduzidas, tanto sob a perspectiva do funcionalismo norte americano, sobretudo da teoria de Hopper e Thompson, como pelo ponto de vista da gramática tradicional, fundamentado em E. Bechara, A. Said, C. Luft entre outros. Assim, apresentaremos a transitividade tanto na abordagem da gramática tradicional como na funcionalista norte americana, contrapondo suas concepções, para em seguida analisar as orações traduzidas ou vertidas sob ambas as óticas, sendo que para a análise funcional utilizaremos a tabela dos dez parâmetros de Hopper e Thompson, enquanto a avaliação pautada na gramática tradicional se baseará na regência verbal de cada idioma. Ambos os métodos serão aplicados às orações no intuito de analisar suas possíveis diferenças em termos de transitividade, bem como as consequências que tais divergências podem acarretar.

ALTERAÇÕES NO QUADRO DOS PRONOMES POSSESSIVOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO – CONSEQUÊNCIAS DIDÁTICAS
Ana Regina Vaz Calindro

Como diversos estudos sincrônicos e diacrônicos já atestaram, o quadro dos pronomes pessoais em português brasileiro (PB) sofreu mudanças significativas no âmbito da segunda e terceira pessoas do discurso. A entrada do pronome de tratamento você em detrimento do tu e da expressão nominal a gente no lugar de nós gerou alterações em contex-

tos que abrangem o uso dos mesmos como sujeito, complemento direto e indireto. Por consequência, houve mudanças significativas no quadro dos pronomes possessivos, as quais deveriam estar contempladas nos livros didáticos que os apresentam primeiramente aos alunos do Ensino Fundamental II e posteriormente aos do Ensino Médio. Contudo, como verificado nesse estudo, isso não ocorre. Os materiais didáticos adotados, tanto por instituições públicas como privadas, trazem apenas os pronomes teu(s) / tua(s) de segunda pessoa do singular, vosso(s) / vossa(s) de segunda pessoa do plural e seu (s) / sua (s) de terceira pessoa do singular e plural, não fazendo menção às contrações dele (s) / dela (s) de uso corrente no PB. Neste trabalho, pretendo alcançar dois objetivos: (i) apresentar um panorama de como são tratados os pronomes possessivos nos livros selecionados; (ii) apresentar resultados de testes que apliquei em alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II – ano no qual esse assunto é introduzido. Tais atividades comprovam a ambiguidade gerada pelos pronomes possessivos seu (s) / sua (s) ao serem usados com o intuito de referirem-se à segunda pessoa do discurso e não à terceira. Em sentenças do tipo "Vi o João com o seu irmão", por exemplo, para o falante de PB, o pronome seu pode estar fazendo referência tanto ao irmão do João quanto ao irmão do interlocutor. Parece, então, que os brasileiros tendem a dar preferência ao uso de dele (s) / dela (s) para a terceira pessoa e continuam a usar teu (s) / tua (s) para a segunda, mesmo sem fazer uso corrente do tu, evitando, assim, a dupla interpretação gerada pelo uso de seu (s) / sua(s) (GALVES, 1993; LOPES, 1993, 1999, 2003; MENON, 1995, 1996, 1998; NEGRÃO & MÜLLER, 1996; ABRAÇADO, 2000; KATO, 2006; LOPES & RUMEU, s/d).

SINTAXE DAS ORAÇÕES CONSECUTIVAS NOS LIVROS DIDÁTICOS
Evelyn Cristina Marques dos Santos (Doutoranda/ UFRJ)
Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

Há muitos aspectos relevantes no que se refere às orações consecutivas não abordados nos livros didáticos destinados ao ensino de Português como língua materna, dentre eles destaca-se a possibilidade de estas estruturas envolverem a correlação. Assim, o principal objetivo deste estudo é avaliar o tratamento dispensado às orações consecutivas em seis livros didáticos destinados ao Ensino Médio, levando em conta as concepções de língua e de gramática que emergem dessa abordagem, verificando se ela está em consonância com as diretrizes traçadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Para análise das obras, usaremos, baseando-nos em Souza (2010), os seguintes critérios: o método de ensino usado; o conceito de oração consecutiva adotado; o inventário de conectores consecutivos apresentado; a menção a variações decorrentes da modalidade linguística - falada ou escrita; a menção a variações decorrentes de registros - formais ou informais; os tipos de atividades propostas; a concepção de gramática adotada. Como interessa-nos a língua em seu funcionamento no discurso, adotaremos como suporte teórico o Funcionalismo bem como a proposta de análise das orações consecutivas de Santos (2010), que também utiliza essa vertente teórica. Além disso, adotam-se os pressupostos de Rodrigues (2010) sobre a correlação. Embora a análise dos livros didáticos esteja em andamento, já se pode afirmar que a ideia de consequência não é expressa apenas pelo que a escola denomina oração consecutiva, ou seja, não se restringe ao âmbito da subordinação adverbial; um mesmo conector pode veicular mais de uma noção, sendo no discurso, muitas vezes, que as relações são desveladas; existem estruturas consecutivas correlatas; os rótulos previstos pela tradição gramatical não contemplam todos os usos da língua. Portanto, espera-se que este estudo possa contribuir para a caracterização das várias estruturas em Língua Portuguesa que expressam a relação de consequência e não somente o que o ensino denomina de oração consecutiva.

ÁREA TEMÁTICA 4: SEMÂNTICA E ENSINO

SESSÃO 1
ATIVIDADES COM LÉXICO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS
Jacqueline Jorente

Esta comunicação propõe discutir o exercício com léxico no ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, articulando reflexões linguísticas e educacionais. A partir da apresentação de algumas atividades tradicionais ligadas à questão focada, refletir-se-á sobre o trabalho lexical que é feito em sala de aula. A finalidade é questionar se o caminho muitas vezes tomado vai ao encontro da proposta de ampliação da competência discursiva dos alunos que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) postulam como objetivo das aulas de Língua Portuguesa. Por meio da crítica a algumas atividades, sugere-se pensar em exercícios voltados a uma exploração da atividade de linguagem em sala de aula, lugar em que muitas vezes é deixada de lado para dar espaço a abordagens meramente descritivas ou normativas. Acredita-se que a opção por simples descrições ou apresentação de regras empobreça a riqueza de possibilidades de exploração da linguagem na escola e defende-se então uma outra direção a ser seguida, mais condizente com o objetivo postulado para o ensino de língua materna. O trabalho proposto é sustentado por um diálogo entre enunciação e ensino. Ele pauta-se na proposta de Rezende (2000) de mediação entre a "Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas", do linguista francês Antoine Culioli, e o ensino e aprendizagem de línguas. Tal mediação sustenta-se na transposição ao contexto educacional dos conceitos de língua e linguagem elaborados pelo autor francês, que permitirão que se pense em termos de uma articulação entre gramática e produção e interpretação de textos na escola. A articulação sugerida torna possível o desenvolvimento de atividades capazes de levar os alunos a refletir de maneira acurada sobre a linguagem, mostrando a possibilidade de um caminho de trabalho com léxico diferente do muitas vezes tomado tradicionalmente.

OBJETOS DE APRENDIZAGEM EM SEMÂNTICA COGNITIVA NO ENSINO A DISTÂNCIA
Andréa de Oliveira G. Martins (UFPB/PIBIC/CNPq)
Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB/CNPq)
Mábia Nunes Toscano (UFPB/CAPES)

Este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir questões relativas ao ensino da semântica cognitiva no contexto de educação à distância (EaD) a partir da análise de atividades e objetos de aprendizagem elaborados para esta finalidade. Os cursos de graduação à distância, principalmente as licenciaturas, têm tido grande expansão e, em função disso, professores e tutores enfrentam o desafio de elaborar objetos de aprendizagem que facilitem a compreensão mais autônoma do aluno, visto que nesta modalidade de ensino não há a interação face-a-face durante as aulas, capaz de sanar as dúvidas no exato momento em que ocorrem. Se não há esse contado direto, por outro lado, a plataforma digital é uma sala de aula em tempo integral, a qual sendo bem utilizada pode suprir a necessidade do aluno e do professor em condições de aula presencial. Diante disso, escolhemos o ensino de metáforas conceituais e da teoria da integração conceitual como objeto do presente trabalho. Entendemos que diante da complexidade do conteúdo, apenas apresentar textos e estabelecer uma discussão teórica seria pouco proveitoso. Acreditamos ser mais vantajoso indicar uma maneira de aplicação dos postulados estudados analisando exemplos reais dos fenômenos em questão através de objetos de aprendizagem cuidadosamente formulados. Sendo assim, propomos inicialmente uma breve revisão das teorias da metáfora e da integração conceitual e a partir daí seguiremos com a análise de metáforas e mesclagens em textos verbais e não-verbais (multimodais), como cartuns, tiras, charges e fotografias/imagens de publicidade. Dessa forma, pretendemos discutir algumas vantagens e impasses dos objetos utilizados e analisados, encaminhando o aluno e o professor aos significados possíveis da leitura de mundo que cada um traz em mente para corroborar no processo de construção do sentido. Palavras chave: EaD, ensino, semântica cognitiva.

POLIFONIA SEM ARGUMENTATIVIDADE: O DISCURSO DIRETO E O DISCURSO INDIRETO NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO
Elias Coelho da Silva (Faculdade Frassinetti do Recife)

Este trabalho tem como objetivo analisar livros didáticos de ensino médio para observar se estes fazem uso da Teoria da Argumentação na Língua assim como da Teoria da Modalização, entendendo que tais teorias são muito importantes para o ensino de língua materna. Seguindo as orientações de Oswald Ducrot (1987) e colaborados, partimos do pressuposto de que a argumentação não se encontra apenas nas estratégias retóricas selecionadas por um orador ou usuário de língua natural, mas que está marcada na própria estrutura linguística, sendo, portanto, a argumentação, intrínseca às línguas naturais. Baseamos-nos também em Nascimento (2009) e Koch (2000) para os quais a modalização é uma estratégia argumentativa da qual os falantes fazem uso no momento de proferirem seus discursos. Assim, entendemos que tais teorias se complementam. Ambos os autores acima mencionados fazem menção ao discurso direto e ao discurso indireto como formas de argumentar na língua. Partindo desses referenciais teóricos, foi analisada a forma como os autores de livros didáticos abordam o discurso direto e indireto, e se os mesmos fazem uso da Teoria da Modalização e da Teoria da Argumentação na Língua para explicar o funcionamento desses tipos de discursos. As análises foram feitas a partir dos conceitos, exemplos e explicações feitos pelos autores dos manuais didáticos a fim de mostrar como funcionam os discursos citados. Vale ressaltar que tais manuais são em muitos dos casos o único material didático ao qual o aluno se apóia em sala de aula e por isso acabou ganhando destaque no dia-a-dia das práticas de ensino-aprendizagem na escola. Foram analisadas três obras utilizadas na rede pública estadual de Pernambuco, em apenas um dos livros aqui analisados constatou-se o uso de tais teorias.

REVISITANDO O ESTUDO DE CAMPOS LEXICAIS
Vanda Maria Cardozo de Menezes (UFF)

Neste trabalho, busca-se retomar o estudos sobre campos campos lexicais, em particular os apresentados por Eugenio Coseriu em "Princípios de semântica estructural" (1981), para mostrar a relativa atualidade desses estudos, se considerarmos os apresentados pela abordagem discursiva da referenciação e da metáfora. Ao conceito de ?arquilexema" poder-se-á relacionar a concepção de categorização por protótipos; da definição de solidariedades léxicas poder-se-á extrair a base teórica cognitiva para o estudo dos processos de estabilização de expressões lexicais. A proposta é a de reconhecimento de reflexões já formuladas no campo da semântica e de sua conciliação com os estudos atuais, para que haja de fato um avanço das idéias linguísticas e uma efetiva aplicação ao ensino.

NEXOS SEMÂNTICOS NO ENSINO DE TEXTOS
Maria Leonor Maia dos Santos

Os nexos semânticos são relações de sentido que permitem aos falantes da língua fazerem alguns tipos de inferências acerca do que é dito. Os nexos foram estudados desde a antiguidade clássica, e continuam recebendo a atenção dos semanticistas, tanto no tratamento do léxico (sinonímia, hiperonímia, etc.), quanto na discussão das relações entre enunciados (acarretamento, equivalência, contradição, contraditoriedade, etc.). O foco deste trabalho é o emprego das noções de nexos semânticos para auxiliar a abordagem, no ensino, de certos textos especializados (como os contratos, as instruções, as bulas, os avisos, e outros textos injuntivos), que, por suas características, oferecem dificuldades bem específicas de interpretação. Nossa hipótese é que conhecer os nexos semânticos pode permitir tratar tais textos especializados com mais desenvoltura. Para defendê-la, foi necessário rever, ainda que de maneira breve, as noções de acarretamento, equivalência semântica, contradição e contrariedade. Em seguida, destacamos um aspecto dos nexos que não costuma

receber atenção nos manuais de semântica: sua sensibilidade à existência de pressuposições e informações contextuais. Constatamos então que a aplicação das noções de nexos no trabalho didático com os textos não pode ser direta porque, ao contrário do que acontece com os exemplos "controlados" dos livros de semântica, os nexos podem alterar-se dentro do texto. Nossa conclusão é dupla: em primeiro, o tratamento teórico dos nexos semânticos pode ser enriquecido pela observação de seu comportamento em contexto; em segundo, essa visão mais flexível dos nexos pode nos revelar algumas das motivações para que os contratos sejam como são, e isso abre caminhos para a interpretação desses textos.

SESSÃO 2
A SEMÂNTICA NO ENSINO DE LÍNGUAS
Virginia Beatriz Baesse Abrahão (UFES)

Trata-se de projeto de pesquisa desenvolvido de 8/2009 a 7/2011 que contou com 5 (cinco) pesquisadores de Iniciação Científica. No primeiro ano de pesquisa, 2009/2010, desenvolvemos 3 (três) subprojetos voltados para o ensino da Semântica: Antonímia, Sinonímia e Metáfora, sendo que o subprojeto sobre Antonímia trabalhou a questão do dualismo, em conjunto com um estudante do curso de filosofia da Ufes. No segundo ano de pesquisa desenvolvemos 2 (dois) subprojetos sendo um deles referente ao ensino da Paráfrase e o outro voltado para uma publicação que demonstrasse os resultados da pesquisa. Contamos, ainda, com 4 (quatro) projetos de Mestrado, sob minha orientação, desenvolvendo propostas para se lidar com temas específicos da Semântica. As dissertações defendidas versaram sobre Metáfora e produção de sentido; Reformulação e Paráfrase; Pressuposição e formação do licenciado em Letras e Referência e discurso. Também orientei os seguintes projetos em nível de pós-graduação lato-sensu, voltados para a questão do ensino da Semântica: Ambiguidade em propagandas; Polissemia e Homonímia e Denotação e Conotação. Desenvolvi um projeto específico sobre o ensino da metonímia e orientei os seguintes Trabalhos de Conclusão de Cursos de graduação em letras sobre a temática: Hiponímia e construção do discurso; Metonímia e produção do sentido e Metáfora e ensino. Além disso, em 2008 e 2009 desenvolvi um projeto com dois alunos de Iniciação Científica que motivou as pesquisas posteriores, pois analisou o ensino da Semântica nos cursos de Graduação em Letras. O resultado dessa pesquisa preliminar demonstrou uma forte tendência da Semântica para o formalismo, com reflexo na Educação Básica. Isso nos motivou a pensar as possibilidades de um ensino de Semântica pautado na produção de sentido, com foco na enunciação e no discurso. A proposta de uma publicação que verse sobre as discussões desenvolvidas e os resultados das pesquisas sobre a atual situação do ensino da Semântica na educação básica continua em processo. Esta comunicação pretende apresentar uma panorâmica da situação do ensino da Semântica, demonstrada pelas pesquisas realizadas.

R**EPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS E ENSINO DE SEMÂNTICA: CÂMARA CASCUDO POR MÁRIO DE ANDRADE E MÁRIO DE ANDRADE POR CÂMARA CASCUDO**
Benedita Vieira de Andrade (IFPB)

Neste trabalho, examinamos a construção de representações discursivas na correspondência trocada entre Luís da Câmara Cascudo (LCC) e Mário de Andrade (MA). Neste recorte, analisa-se como LCC é representado discursivamente por MA e como este é representado por aquele. Os textos descritos pertencem, portanto, ao gênero discursivo das correspondências pessoais. O estudo se insere no quadro da Linguística Textual e, em especial, na Análise Textual dos Discursos (ATD), proposta pelo linguista J.-M. Adam. A noção de representação discursiva (Rd) remete ao nível semântico do texto e, para sua descrição, baseamo-nos nas seguintes operações de construção do significado: a) referenciação: operação que designa e redesigna os referentes; b) predicação: seleciona os processos: estado, ação, mudança de estado; c) aspectualização: atribui propriedades e qualidades aos referentes e aos processos; d) relação: assimilação por analogia, comparação e metáfora; e) localização temporal e espacial: indicação das circunstâncias espaciais e temporais (cf. ADAM, 2008; PASSEGGI, 2010). Nosso objetivo é descrever como as categorias semânticas referidas constroem as Rds focalizadas, contribuindo para o ensino de língua portuguesa, no que se refere ao estudo dos gêneros e da análise da produção de sentidos na descrição linguística concreta. Mais especificamente, permite-nos trabalhar a articulação entre semântica e gramática, numa perspectiva textual, tanto do ponto de vista formas > significados, como significados > formas.

A PRODUÇÃO DE SENTIDO A PARTIR DAS MARCAS LINGUÍSTICAS DA ENUNCIAÇÃO EM RESPOSTAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO
Elke Beatriz Felix Pena (IFMG/UFMG)

O formato pergunta/resposta é bastante comum no cotidiano escolar em avaliações ou exercícios escritos e como parte do processo de interação durante as aulas, próprio da prática pedagógica. Não é exagero dizer que diariamente alunos se veem diante dessa tarefa de responder a questões levantadas por seus professores. Essa prática na oralidade e na escrita acontece de forma diferente em relação a cada uma dessas modalidades, de acordo com as características próprias de cada uma delas. Quando oral, há, em grande parte das vezes, a participação de vários interlocutores e as retificações, as intervenções e as correções podem ser realizadas no ato da situação comunicativa. Quando escrito, há um trabalho individual por parte do produtor da resposta que requer habilidades de leitura e escrita que envolvem desde o conhecimento da língua até a consciência dos elementos que compõem a interação, como a presença do outro em seu texto, e a produção do sentido. Neste artigo, será apresentada uma análise de respostas de alunos do primeiro ano do Ensino Médio a perguntas em atividades escritas da disciplina Língua Portuguesa. Consideramos esse formato pergunta/resposta um gênero textual escolar por possuir características próprias em decorrência à regularidade de sua produção nas instituições de ensino. Acreditamos

que o funcionamento da língua se efetiva a partir de duas dimensões: a orgânica e a enunciativa. Dessa forma, buscamos demonstrar como o produtor da resposta, o aluno, constrói a relação do seu texto com a pergunta a que responde, procurando produzir sentido, a partir dos elementos linguísticos que constituem esse texto. Essa análise tem como base a Semântica da Enunciação, tal como propõem Eduardo Guimarães e Luiz Francisco Dias, e a Análise do Discurso Francesa, segundo Eni Puccinelli Orlandi. Serão utilizados conceitos como sujeito, memória discursiva e acontecimento enunciativo.

A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS: UMA ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE SIGNIFICADOS EM UMA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS
Erinaldo da Silva
Ismar Inácio dos Santos Filho
Josefa Mendes da Silva

Partindo da ideia de que as palavras contidas no texto carregam significados, mas não esgotam a possibilidade de construção de sentindo, a produção de significado é vista como uma atividade sócio-cognitiva, pois os sentidos são produzidos de forma interativa em um dado contexto. Ao verificar que o processo de significar pode ser visto de diversas perspectivas, e que, segundo Bakhtin (2004), nenhum discurso é original, que a palavra é um signo ideológico por excelência, pois ela é um produto da interação social e, sendo assim, se caracteriza pela plurivalência, retratando as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam, este trabalho pretende refletir sobre o seguinte questionamento: "Que formas de pensar o ato de significar estão presentes no discurso do livro didático de língua portuguesa"? Para responder a esse questionamento, tomamos como corpus a coleção "Português Linguagens", de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2009), livros destinados ao ensino fundamental II. Estes são analisados por meio de uma leitura enunciativo-discursiva, levando em consideração um Eu que fala e que fala para o Outro, verificando "traços linguísticos" (RIBEIRO, et. al. 2002) que nos façam identificar as diferentes concepções de significados presentes nesse material. Além, identificamos a presença de vozes no enunciado (BAKHTIN, 2004 e SANTOS FLHO, 2011). As reflexões realizadas apontam que os livros priorizam uma visão estruturalista da língua em seu uso sistematizado, fora da realidade social e descontextualizado, sem levar em consideração o papel desenvolvido pelo sujeito que pode atribuir sentidos às palavras a partir de sua interação com o outro.

O TEXTO, QUESTÕES SEMÂNTICAS E O LIVRO DIDÁTICO
Daniela Virgínia de Souza Palmeira
Ismar Inácio dos Santos Filho
Josielma Marques da Silva

O livro didático é de fundamental importância para o aprendizado dos alunos nas séries iniciais, sendo assim, faz-se importante a análise do tratamento dado às questões semânticas nesse recurso pedagógico. Sabemos quão relevantes são as abordagens semânticas, visto que elas influenciam nas interpretações textuais. Entra nessa compreensão, a afirmativa de flexibilidade que a língua tem de construir, de forma progressiva, novos sentidos para as palavras por intermédio da interação, devido ao fato de possuir oscilações. Em relação às atividades de leitura no livro didático, é notável que se voltam mais para as questões morfossintáticas, que por sua vez têm e produzem certo teor de significação, entretanto, numa visão estruturalista. Por isso, nos questionamos com a seguinte indagação: "Uma visão apenas estruturalista seria oportuna, ou uma abordagem mais interacionista renderia melhores resultados para a formação dos alunos"? É nesse sentido que tentamos aqui abordar as questões semânticas por meio de textos expressos nos manuais didáticos e como vem sendo trabalhada a percepção do aluno acerca da construção de sentido, refletindo sobre sua eficiência para a formação de um leitor critico, sujeito pensante, capaz de compreender a realidade a partir do contexto que lhe é apresentado. Para tanto, analisamos algumas propostas de leitura na coleção de livros didáticos "Português: ideias & linguagens", das autoras Dileta Delmano e Maria da Conceição Castro (2009). Essa análise se dá por meio de uma abordagem enunciativo-discursiva, procurando "traços linguísticos" que nos façam perceber qual(is) linha(s) de pensamento com relação à significação é(são) mais utilizada(s), de modo que possa(m) incentivar, ou não, nos alunos a prática de uma leitura mais eficiente. Sustentam nossos estudos Marcuschi (1999, 2004, 2007, 2008), Bakhtin (2004), Santos Filho (2011), Ribeiro et. al. (2002).

SESSÃO 3
INTERPRETANDO O (CON)TEXTO: TRÊS CAMINHOS PARA O PROFESSOR
Maria Leonor Maia dos Santos
Miqueias dos Santos Vitorino

A interpretação de uma mensagem qualquer depende intensamente da capacidade de inseri-la num contexto, e de resgatar informações, intenções e nexos que podem estar tanto no material linguístico quanto em outros fatores que o cercam. Considerando que uma grande parte do cotidiano escolar consiste justamente na busca do desenvolvimento das habilidades interpretativas e de construção de textos, nosso objetivo neste trabalho é mostrar que três ferramentas conceituais da Semântica, muito conhecidas e bastante díspares, podem ser vistas como recursos para auxiliar o professor nessa sua tarefa. Para isso, enfocamos aqui os conceitos de anáfora indireta, campo lexical e estrutura qualia, por meio de uma breve revisão teórica de cada um, e com a sugestão de uma aplicação didática. Desses, o conceito de campo lexical é mais antigo, e talvez o menos reputado atualmente, ao menos em sua versão componencial. A anáfora indireta é deles o mais marcadamente textual, discursivo, consistindo num processo de referenciação implícita que é estrategicamente usada pelo agente-produ-

tor. Ela possui particularidades que a distingue da anáfora comum, pois não mantém a referência constante, mas constitui novas entidades referenciadas. E a estrutura qualia, que faz parte da teoria do Léxico gerativo, é desses o menos usado em aplicações didáticas. Em seguida, tentamos mostrar que, apesar de oriundos de vertentes muito diferentes dentro das teorias semânticas, eles podem ser úteis na percepção e refinamento das habilidades interpretativas desejadas, porque permitem uma complementação importante, a saber, tanto o tratamento de informações que podem ser consideradas lexicais quanto daquelas que escapam às regularidades lexicais e advêm do conhecimento de mundo.

UM ESTUDO SOBRE DESLOCAMENTOS ENUNCIATIVOS EM PRODUÇÕES TEXTUAIS DE VESTIBULAR
Stéfano Grizzo Onofre
Orientador: Profa. Dra. Marilia Blundi Onofre

Os deslocamentos enunciativos são responsáveis por deflagrar inúmeros efeitos de sentido. Muitas correntes linguísticas têm se aventurado em teorizar e descrever o funcionamento desse mecanismo. Um exemplo de estudos desse tipo é atribuído a Fiorin. O trabalho desse autor descreve os significados gerados pela concorrência, em uma mesma cena enunciativa, das marcas de pessoa, espaço e tempo em textos literários. Inúmeras passagens de textos literários são extraídas de diversas obras e submetidas a análise metalinguística. São criados quadros que agrupam e categorizam as relações entre os dêiticos, relações estas extraídas do corpus em questão, o qual propicia algumas generalizações sobre o funcionamento enunciativo da língua portuguesa. O trabalho de Fiorin suscita alguns questionamentos que pretendemos abordar segundo os pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Culioli. A mera descrição das sequências linguísticas de textos consagrados acaba por desconsiderar ocorrências em que os deslocamentos enunciativos infringem o efeito estético. Assim propomo-nos a observar redações de vestibular em que esses fenômenos linguísticos aparecem de maneira deslocada. Dessa forma, pretendemos discutir que, mesmo diante da grande diferença de gênero entre os textos, há mecanismos de linguagem semelhantes sustentando as ocorrências de deslocamentos enunciativos tanto em textos literários quanto em textos de vestibular. Com isso, pretendemos evidenciar que os enunciados em questão são plásticos e que a linguagem é responsável por sustentar inúmeros ajustes de significação. Essa constatação aponta caminhos para o trabalho com a atividade epilinguística no contexto de ensino e aprendizagem, pois por meio dela é possível confrontar valores estáveis e criar novos sentidos.

O FORRÓ NORDESTINO E SUAS PRODUÇÕES DE SENTIDOS
Nadja Araújo Maciel
Josefa Patrícia Santos Marinho
Sônia da Rocha

O estilo de música forró, hoje, tão conhecido em todas as regiões do Brasil, e não apenas no nordeste, denota uma característica própria e específica da cultura popular nordestina. As formas de apresentar esse estilo musical foram mudando com o passar do tempo, chegando a ser subdividido em forró tradicional, também conhecido como forró pé de serra, e forró moderno ou elétrico. Nessa mudança, os objetivos de produção de sentido também mudaram, mas, apesar das transformações, a identidade do forró continua a mesma da raiz, ou seja, levar alegria aos salões e festas no país afora, contando de maneira irreverente o que vive e o que pensa o homem nordestino. Investigar as estratégias de produção de sentidos produzidas nas letras das músicas de forró pé de serra e do forró elétrico foi a motivação do trabalho. Como objetos de estudo foram selecionadas quatro músicas, sendo duas tradicionais e duas modernas, assim, teremos subsídios suficientes para expor as várias situações que o gênero sugere, como a denúncia do sertão sofrido do nordeste, a sensualidade de seu povo, o amor, a celebração da vida e tantos outros. Nestas, a análise é feita através da leitura enunciativo-discursiva, a partir da qual refletimos a respeito dos processos de referenciação e dos aspectos da interação sócio cognitiva, intrínsecas nas percepções de significados encontradas em Bakhtin (2002), Marcuschi (...), Lakoff (....), Salomão (1999) além do estudo do léxico discursivo das letras das músicas, apontando os significados criativos que só são possíveis de entendimento quando apresentados dentro de um determinado contexto histórico e social, revelando, assim, o sofrimento, as lamentações dos tempos difíceis e ao mesmo tempo a alegria de estar e viver nesta terra, exaltando muitas vezes de forma dúbia e chistosa que o importante é se divertir e ser feliz.

AS RELAÇÕES ENTRE AS PALAVRAS E O TRATAMENTO NO LIVRO DIDÁTICO
Amanda Oliveira Carvalho
Sileide Maria da Silva
Sônia da Rocha

É interessante notar que, sempre ao procurar estabelecer o sentido das palavras, os sujeitos costumam automaticamente se referir ao dicionário como primeiro veículo de consulta. Nessa percepção, a construção dos sentidos é tomada por uma vertente unilateral, isto é, não leva em conta outros fatores, tais como os aspectos interacionais, sociais, cognitivos, experiências de mundo e processos de referenciação (MARCUSCHI, 2000; LAKOFF, 1977 e BEAUGRANDE, 1997). Diante disso, pode-se levantar o seguinte questionamento: "Os livros didáticos, adotados nas escolas públicas de ensino fundamental do município de Taquarana/AL, alertam aos alunos para a possibilidade de construção criativa dos sentidos nas relações entre as palavras ou apenas sugerem a construção por uma ótica representacional de um simples código com imanente sistema semântico" Assumimos a posição de que a língua por si só não tem uma semântica própria, visto que ela é indeterminada e os sentidos são construídos durante a interação (MARCUSCHI, 2000). Também como postula Lakoff (1977),

as habilidades comunicativas não são puramente linguísticas, ao contrário, estão mescladas com outras habilidades. Para formar o corpus da pesquisa, escolhemos a coleção "Português Linguagens", de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Como conclusões, compreendemos que o material analisado aborda várias vertentes de significado, desde aquelas mais voltadas para o lado puramente estrutural àquelas que fazem o aluno refletir um pouco a construção dos sentidos nas relações entre as palavras. A análise do livro é a partir de uma leitura enunciativo-discursiva, na qual entendemos o texto como um enunciado que é produzido por um sujeito que fala para um outro, por isso, observamos "pistas de contextualização" e "vozes discursivas" (RIBEIRO, et. al, 2002 e SANTOS FILHO, 2011).

ÁREA TEMÁTICA 5: LÍNGUÍSTICA TEXTUAL E ENSINO

SESSÃO 1

O ENSINO E A MULTIFUNCIONALIDADE DO "ASSIM": DOS DÊITICOS DISCURSIVOS AOS MARCADORES DO DISCURSO

Profa. Dra.Iara F. de Melo Martins (UEPB)

O objeto de estudos linguísticos tem sido, nas últimas décadas, re-inserido no que podemos chamar de "dimensão contextual". Guiando-nos, neste trabalho, por uma estreita ligação entre restrições funcionais e cognitivo-interacionais, indissociáveis do contexto de uso, mostramos um estudo do funcionamento do item linguístico assim sob os aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos em 60 entrevistas sociolinguísticas que se encontram transcritas no Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). Para realizar esta tarefa, o referencial teórico é de caráter interdisciplinar: a Linguística Funcional (Givón, 1995, Heine; Claudi; Hünnemeyer, 1991) que alicerça as investigações em torno do funcionamento do assim e a Linguística Textual (Cavalcante 2000, Marcuschi, 1997, Mondada; Dubois, 1995) que, através das relações textuais, nos auxiliam na caracterização dos dêiticos discursivos. Após mapear todas as ocorrências do assim, investigamos e analisamos as diversas funções possíveis desse item quer no nível gramatical (dêiticos discursivos) quer no nível pragmático (marcadores discursivos). Os resultados verificados ratificam a hipótese fundamental da multifuncionalidade do elemento assim e a possibilidade de categorização desse item motivada pela dêixis discursiva, que fornecem indícios do "espaço" onde o destinatário poderá localizar esse elemento (ora na situação física real da comunicação, ora no próprio contexto e ora no conhecimento comum partilhado pelos interlocutores). Nesse trabalho também buscamos mostrar o despreparo dos manuais didáticos no trato dessas múltiplas funções, ou seja, não consideram o leque de atuações do assim: contribuir para recuperar entidades presentes na memória discursiva, chamar atenção para elementos do discurso e organizar e orientar os focos de atenção do destinatário.

LINGUÍSTICA FUNCIONAL APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A VOZ PASSIVA E SUAS INTENÇÕES COMUNICATIVAS

Hyléa de Camargo Vale

Na dimensão cultural, a aptidão humana é indispensável para se comunicar. A língua é a manifestação dessa aptidão. O discurso é constituído da atividade comunicativa por meio dessa língua. Os textos são os objetos pelos quais essa atividade se desenrola. Na construção, o texto revela sua dependência dos fatores do ato enunciativo: finalidade e circunstância da elaboração do texto e a identidade social do enunciador e do destinatário. Acredita-se que todos esses fatores devam ser considerados no ensino de língua portuguesa, para tanto, esta pesquisa respalda-se na Linguística Funcional, que percebe a língua inserida em um campo pragmático-discursivo, para desenvolver uma abordagem significativa da língua, indo ao encontro das deliberações inscritas nos PCNs. Este trabalho pretende demonstrar o ensino da sintaxe de forma contextualizada para que o aluno veja o porquê de aprender e como transformar esse conteúdo em conhecimento, ou seja, a aplicabilidade dessas informações. Selecionou-se a estrutura de voz passiva para ilustrar a aplicação discursiva da sintaxe. Optou-se por esse tópico uma vez que a sua utilização (ou não), com agente da passiva (ou não) é acarretada por situações discursivas diversas, vindo corroborar com a teoria da Linguística Funcional, que observa a língua como um todo significativo. Devido à importância em desenvolver em sala de aula atividades que tratem de temas atuais, portanto, em um ano eleitoral, a política está em evidência, encontrando-se nela ambiente fértil para a investigação das motivações desse fenômeno devido à premência dos enunciadores desses eventos comunicativos em não explicitar os participantes discursivos, sempre que isso os favorecer politicamente. Em se tratando de universo político, é o presidente da República o mais exposto a interlocuções, portanto utilizou-se como corpus desta pesquisa, disponibilizada no site oficial do governo (www.info.planalto.gov.br) e catalogada em tipologias, as entrevistas do presidente Lula de julho a dezembro de 2010, período da eleição de sua sucessora - Dilma Rousseff. Pretende-se, ao fim da pesquisa, não só ratificar a voz passiva como estratégia de sombreamento dos agentes discursivos, como também a aplicabilidade de uma estratégia de ensino entre sintaxe e discurso.

OS ELEMENTOS PARAVERBAIS E NÃO VERBAIS NA ORGANIZAÇÃO DO TÓPICO DISCURSIVO

Francisco José Costa dos Santos (PPgEL/UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Marise Adriana Mamede Galvão (PPgEL/UFRN)

O presente trabalho, recorte do trabalho dissertativo de mestrado em andamento, se propõe a descrever os elementos paraverbais e não verbais enquanto co-construtores de sentido no discurso do professor e do aluno e avaliar como esses elementos dão suporte ao verbal na organicidade do tópico discursivo em sala de aula. Como metodologia de coleta de dados se buscou a gravação em áudio e vídeo de algumas aulas na rede municipal de ensino da cidade de Lajes RN. Para suporte teórico lançamos mão dos estudos de Bakhtin (1997), Jubran (1991), Kerbrat-Orechioni (1996), Pinheiro (2008), entre outros. Para compreendermos o que está para além do verbal, Bakhtin (1997) afirma que em um diálogo "certos recursos

linguísticos podem até estar completamente ausentes, ainda assim o enunciado refletirá com grande agudeza, a influência do destinatário e de sua presumida reação resposta". De maneira que a comunicação verbal é "sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar" (Bakhtin/Volochinov, 1988). Parafraseando Kerbrat-Orechioni, podemos dizer que se excluirmos da análise das conversações todos os elementos não verbais, seremos, em alguns casos, incapazes de explicar a coerência do diálogo já que é nessa esfera de atuação que ocorre a interveniência sucessiva de atos verbais e não verbais. O sistema da língua, seja ela qual for, dispõe de uma reserva imensa de recursos puramente linguísticos para expressar formalmente o ato vocativo, tais como recursos lexicais, morfológicos e sintáticos. Contudo, esses recursos gramaticais não abrangem todas as expressões pelas quais uma enunciação se dirige a um destinatário. É aí que o não verbal assume campo de completude semântica. A presença desses materiais em análise parece levar ao entendimento de que o verbal e o não verbal co-existem de forma mútua a congregar semanticamente o discurso. E quanto a organicidade do tópico, o não verbal desempenha papel preponderante na condição de co-construtor de sentido.

ANÁLISE DE MANCHETES JORNALÍSTICAS SOBRE ADOÇÃO DO LIVRO "Por uma vida melhor"
Laura Jorge Nogueira Cavalcanti

Este trabalho investiga as manchetes jornalísticas publicadas nos websites dos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo subsequentes à adoção do livro didático "Por uma vida melhor" pelo MEC para alunos do programa EJA. O estudo dos títulos se apoia nos fundamentos teóricos da Linguística Textual e da Análise Crítica do Discurso para elucidar como foram aplicadas as estratégias linguísticas e textuais na elaboração do discurso das mídias jornalísticas à respeito do tema, ao mesmo tempo em que identifica como apenas à partir desse recurso discursivo se posicionam ideologicamente as referidas mídias na arena discursiva atual.

O FÓRUM EDUCACIONAL: UM ESTUDO PRELIMINAR DO AMBIENTE DE TEXTUALIZAÇÃO NO EAD
Marineide Furtado Campos

Pretende-se descrever e interpretar a explicação no fórum educacional do Programa de Formação Mídias na Educação, oferecido a Professores pelo MEC, observando não só como se estrutura esse gênero, a partir de Adam (2008), mas também como o professor aparece para tirar as dúvidas dos alunos cursistas ou interferir nas suas discussões, chamando-os a retomarem questionamentos anteriores, dentro do processo de textualização. Buscaremos observar como ocorre o discurso explicativo no fórum educacional, bem como, demonstrar que este é utilizado para alavancar as discussões entre os professores cursistas, que, na maioria das vezes, acabam não respondendo aos questionamentos do tutor, ocorrendo uma lacuna no processo interativo, o que compromete a proposta do trabalho virtual.

SESSÃO 2
PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NAS PRODUÇÕES DISCURSIVAS NO FÓRUM EDUCACIONAL
Maria de Fátima Silva dos Santos (UFRN)
Maria do Socorro Oliveira (FMC/NTE)

Este estudo analisa algumas das estratégias pelas quais se realizam os processos de referenciação nas produções discursivas, em fóruns educacionais no Ambiente Colaborativo de Aprendizagem e-proInfo. O objetivo é analisar como se dá o processo de referenciação em fóruns de discussão, partindo das estratégias interacionais dos enunciados apresentados nos fóruns de discussão pelo professor / tutor e pelos alunos/cursistas. Pressupomos, na pesquisa, que o processo de referenciação se dá com base numa complexa relação existente entre linguagem, mundo e pensamento, estabelecida centralmente no discurso. Ao interagirem, os sujeitos, a partir de entidades não estáveis, constroem sentidos – atividade esta a que Koch e Marcuschi (1999), em consonância com Mondada (1994), chamam de referenciação. Esses autores partem do pressuposto de que a referenciação é uma atividade discursiva, que implica uma visão não referencial da língua e da linguagem. Assim, a língua deixa de ser um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas e os referentes passam a ser objetos-de--discursos e não realidades independentes. O corpus consta de transcrições de eventos de ensino a distância, colhidos num curso do Programa de Formação Continuada Mídias na Educação/MEC. O estudo parte de pressupostos da análise textual dos discursos, em que as interações virtuais são percebidas numa perspectiva da interação e da abordagem sociocognitiva da linguagem. Na compreensão desse processo, consideramos a contribuição do computador e da internet, dentre outras tecnologias e mídias, para o processo ensino e aprendizagem, bem como a expansão do ensino a distância no cenário atual.

O RESUMO ACADÊMICO: PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO E ENSINO
Clemilton Lopes Pinheiro (UFRN)
Jaqueline Andréa Medeiros Pereira (UFRN)

Neste trabalho, realizamos uma análise de textos pertencentes ao gênero textual resumo acadêmico, assentada nas noções de parâmetros de gêneros e mecanismos de realização textual. Focalizamos especificamente a "atualização", ou seja, o fenômeno da construção textual em que um gênero é convocado e que se relaciona com a identidade do gênero. Tomamos a organização tópica do texto como unidade de análise, para verificar como os estudantes, ao produzirem seus resumos na atividade acadêmica, atualizam os parâmetros do gênero resumo, normatizados por essa atividade, relati-

vamente à organização do tópico discursivo. São analisados vinte resumos, dez produzidos por alunos de Publicidade & Propaganda e dez, por alunos de Química, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ao estudar o resumo sob essa perspectiva, pretendemos ainda apontar algumas contribuições para o ensino da escrita no contexto acadêmico.

OS CONECTORES ARGUMENTATIVOS FAVORECENDO A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM ARTIGOS DE OPINIÃO
Elis Betânia Guedes da Costa (IFRN/UFRN-PPgEL)
Lucineide Socorro da Silva (UFRN-PPgEL)

De acordo com Adam (2008, p. 189) os conectores argumentativos associam as funções de segmentação, de responsabilidade enunciativa e de orientação argumentativa dos enunciados,podendoauxiliar na sustentação ou reforço de um argumento ou de um contra-argumento. Neste trabalho temos como foco observar a materialização da responsabilidade enunciativa através de tais conectores no gênero artigo de opinião. Nossa pesquisa segue a abordagem qualitativa de natureza interpretativista. Para tanto, estabelecemos como objetivos identificar, descrever e analisar as funções dos conectores argumentativos e contra-argumentativos associados a questão da responsabilidade enunciativa. Adotamos como quadro teórico a Análise Textual dos Discursos (ATD), que se subsidia na Linguística Textual e na Linguística da Enunciação. O quadro teórico que subsidia nosso trabalho se constitui de vários autores, entre eles, Adam (2008, 2010); Authier- Revuz (1982, 1995); Bakhtin (1995); Charadeau e Maingueneau (2008) e Rabatel (2008, 2009). Nosso corpus constitui-se de 20 reescritas textuais elaboradas pelos alunos que participaram do curso de extensão "Argumentação em foco" desenvolvido no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFRN)- Campus Currais Novos, no primeiro semestre do corrente ano. O curso em questão tinha como público alvo alunos do Ensino Médio da própria instituição e pessoas da comunidade que concluíram ou estavam concluindo o segundo grau em outra instituição de ensino. A análise dos dados se deu, a partir de categorias trabalhadas por Adam (2008). Em suma, os dados revelam como os conectores argumentativos e contra-argumentativos favorecem a materialização da responsabilidade enunciativa nos textos analisados e suas implicações no processo de construção da argumentação e refutação no gênero em questão.

O PROCESSO REFERENCIAL NO GÊNERO RESENHA
Silvestre Gomes Martins (PPgEL/UFRN)

Este trabalho analisa algumas das estratégias pelas quais se realizam os processos referenciais no texto escrito. O objetivo é explicar como se dá a introdução, retomada, identificação e manutenção dos referentes. O corpus utilizado para a realização desta análise é composto por resenhas publicadas em uma revista da área de linguística. Os procedimentos metodológicos foram, de início, um levantamento de conceitos na literatura acerca do processo de referenciação e, posteriormente, a definição das categorias de análise que são: correferenciação, anáfora associativa, categorização, recategorização e anáfora encapsuladora. Estas categorias foram definidas a partir da pesquisa de Neves (2006). A relevância desta pesquisa justifica-se, em especial, para o ensino de leitura e produção de texto, pois mostra a essencialidade do sistema referencial para a organização tópica e coesividade do texto. Assim, podemos afirmar que a elucidação do processo referencial contribui sobremaneira para a compreensão do texto.

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO OBJETO MULHER EM LETRAS DE BREGA E FUNK
Thaís Ludmila da Silva Ranieri

Longe de ser apenas mais um tipo de música, o brega e o funk são manifestações culturais da massa. Assim, suas letras mostram-nos uma visão de mundo de um determinado grupo social, ultrapassando os aspectos puramente musicais. Nesse contexto, uma das temáticas que chama a atenção nesses ritmos é a mulher. Em várias letras, ela é o tema principal. Posto assim, este trabalho tem por objetivo mostrar a construção discursiva do objeto de discurso mulher nas letras desse ritmo, à medida que apresentamos uma proposta de trabalho para a sala de aula. Como suporte teórico, adotamos a discussão sobre referenciação, tal como proposta por Marchuschi (2007); Mondada e Dubois (2003) e Koch (2006). Salientamos ainda a discussão sobre o objeto de discurso presente em Koch (2006) e Mondada e Dubois (2003). De modo geral, pudemos perceber que as referenciações construídas para o objeto mulher nos dois ritmos apresentam pontos contrastantes. No ritmo brega, a mulher assume dois papéis: o de mulher traída e o de amante. Nesses dois papéis, o objeto de discurso vai ser construído, dependendo da voz presente na letra. Em oposição, o ritmo funk apresenta uma construção discursiva da mulher diferente. Nessas letras, a mulher se mostra despreocupada com sua condição social e assume um tom de independência emocional que se mostra em construções como cachorrona, 100% filé, danadinha. Posto assim, percebemos que, por mais que tenhamos um mesmo objeto de discurso a ser referenciado, as construções e reconstruções desse objeto serão influenciadas por questões sociais e culturais, como bem afirmam Mondada e Dubois (2003).

SESSÃO 3
CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS DE DISCURSO: ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO NOS TEXTOS ESCRITOS NO FÓRUM EDUCACIONAL
Maria de Fátima Silva dos Santos (UFRN-PPgEL)

Discute-se, neste trabalho, a referenciação como resultado de um processamento estratégico dinâmico e, sobretudo, intersubjetivo, que se estabelece no quadro das interações entre sujeitos sociais atuantes, e é suscetível de se transformar no curso dos desenvolvimentos discursivos, de acordos e desacordos. Ao interagirem, os sujeitos, a partir de entidades não

estáveis, constroem sentidos – atividade esta a que Koch e Marcuschi (1999), em consonância com Mondada (1994), chamam de referenciação. Assim como esses autores, este trabalho parte do pressuposto que a referenciação é uma atividade discursiva, que implica uma visão não referencial da linguagem, em que a língua deixa de ser um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas e os referentes passam a ser denominados de objetos-de-discursos. Nossa hipótese é a de que, uma vez introduzido no discurso o objeto temático, este se mantém, de alguma forma, ativo e é colaborativamente perfilado, graças a estratégias referenciais discursivas. O corpus é constituído de uma amostragem de textos colhidos em um curso de formação na modalidade de ensino a distância. O estudo parte de pressupostos da análise textual dos discursos, em que as interações virtuais são percebidas numa perspectiva da interação e da abordagem sociocognitiva da linguagem. Na compreensão desse processo, consideramos a contribuição do computador e da Internet, dentre outras tecnologias e mídias, para o processo ensino e aprendizagem, bem como a expansão do ensino a distância no cenário atual.

O PROCESSO DE ESCRITURA E DE REESCRITURA NA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA EaD
Cínthya da Silva Martins
Nukácia Meyre Silva Araújo

As ações de reescrita de um texto durante seu processo de produção podem visar a vários objetivos, a depender, entre outros aspectos, do propósito comunicativo e do gênero em que o texto é vazado. No caso da escrita de material didático para EaD, há que se considerar, por exemplo, o tom dialogal que deve ser assumido na interação verbal e as estratégias textual-discursivas usadas pelo enunciador para compensar a distância física, e muitas vezes temporal, estabelecidas entre professor e aluno nessa modalidade de ensino. Neste trabalho, relatamos estratégias e operações linguísticas de reescrita adotadas pelo enunciador no decorrer do processo de revisão do material didático produzido para um curso de extensão em Formação de Revisores - na modalidade semipresencial - realizado pela Universidade Federal do Ceará e Universidade Estadual do Ceará em julho de 2011. Apresentamos amostras de versões de textos escritos e reescritos, apontando as diversas operações de revisão realizadas (acréscimos, supressões, substituições e deslocamentos) ao longo do processo de (re)escritura, até que o material se apresentasse publicado no ambiente virtual de aprendizagem. Tomamos como base para a discussão teórica e análise dos dados a perspectiva sociocognitivo-interativa de escrita (BARTLETT, 1982; HAYES et al., 1987; CHENOWETH, 1987; SPOELDERS; YDE, 1991; GARCEZ, 1998; MENEGASSI, 2006), e postulados da Linguística textual, mais especificamente, os referentes aos operadores de discurso. A partir desses pressupostos, descrevemos e analisamos as estratégias de (re)formulação textual usadas pelos enunciadores para garantir a eficácia na interação com o aluno de EaD. Os resultados da pesquisa apontam para o uso de articuladores discursivo-argumentativos e os metaenunciativos (KOCH, 2004, 2008, 2009; CARVALHO, 2005; JUBRAN, 2006) na reescrita dos textos como forma de garantir o tom dialogal da escrita e a consequente aproximação entre interlocutores (professor/aluno).

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA FIGURA FEMININA NO JORNAL "O PORVIR" (CURRAIS NOVOS – 1926/1929): UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA
Karla Geane de Oliveira Souza

O ensino da Língua Portuguesa tem ganhado um significativo espaço de discussão não só no contexto das séries do Ensino Fundamental e Médio, mas também no que concerne o âmbito universitário. A disciplina de Língua Portuguesa permeia diferentes cursos na academia provocando impactos também diferentes. Dentro desse contexto, como uma forma diferenciada de trabalhar com essa disciplina, insere-se o nosso trabalho intitulado: A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA FIGURA FEMININA NO JORNAL NO PORVIR (Currais Novos1926/1929): uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa, objetivando articular a Representação Discursiva (ADAM, 2008) (PASSEGGI; RODRIGUES; SILVA NETO, 2010) dentro do panorama do ensino da língua.

METADISCURSO INTERATIVO: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA AO ENSINO MÉDIO
Sâmia Araújo dos Santos (UFC/Protexto/Seduc-Ce)

O objetivo do presente estudo é apresentar uma proposta teórico metodológica ao ensino médio de produção de sentido no processo de interação em práticas escritas de uso da língua. Com base na noção de metadiscurso interativo na perspectiva de Hyland (2005), para quem os recursos metadiscursivos são usados pelo enunciador para projetarem suas intenções comunicativas em seus discursos, posicionando-se tanto em relação aos seus argumentos quanto em relação ao seu coenunciador, propomos um estudo voltado ao professor de Língua Portuguesa como língua materna a fim de orientá-lo quanto ao modo de operacionalizar o ensino de produção de escrita de textos argumentativos os quais, muitas vezes, requer do enunciador um posicionamento, com vista a desenvolver no aluno/enunciador a capacidade de construir sentidos ao produzir seu discurso e de obter uma atitude responsiva positiva de seus coenunciadores, ou seja, engajá-los em seu discurso a fim de trazer uma consonância aos argumentos postos no texto. Com uma pesquisa de cunho qualitativo, apresentamos os exemplos e as funções enunciativo-discursivas das macrocategorias do metadiscurso interativo de posicionamento e de engajamento de Hyland no discurso jornalístico argumentativo; em seguida propomos os meios pelos quais o professor de língua materna pode promover em suas aulas de produção textual a fim de orientar o aluno/enunciador a fazer as escolhas dos recursos linguísticos necessários à produção de sentido do texto. A análise nos faz concluir que os enunciadores procuram utilizar a linguagem com o objetivo de oferecer aos seus leitores um texto pelo qual haja uma construção de relações. Dessa forma, acreditamos que essa mesma capacidade pode ser desenvolvida como estratégia teórico-metodológica de ensino-aprendizagem da língua nos três anos do ensino médio.

A INTERAÇÃO PROFESSOR - ALUNO EM AULA EXPOSITIVA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
Maria Betânia Dantas de Souza (UFRN)
Marise Adriana Mamede Galvão (PPgEL/UFRN)

Algumas pesquisas relacionadas à interação professor-aluno possibilitam uma reflexão a cerca das ações verbais no transcorrer de aulas expositivas. De acordo com Marcuschi (2005, p. 46) "A interatividade é um fenômeno constitutivo e irredutível das relações interpessoais". O presente trabalho tem como foco principal a análise de algumas propostas acerca da interação professor-aluno em sala de aula de Língua Portuguesa na Educação Básica. A pesquisa tem como objetivo investigar a relação professor / aluno e refletir sobre a ação verbal no decorrer do processo ensino - aprendizagem. Para tanto, apoiamo-nos nos postulados de pesquisas sociointeracionais, entre estas, as investigações de Marcuschi (2005), Kerbrat-Orecchioni (2006) e Matêncio (2001). Do ponto de vista metodológico, seguimos uma abordagem qualitativa e descritiva de investigação, bem como nos postulados da etnografia. O corpus de estudo constitui-se de uma aula expositiva de Língua Portuguesa, gravada em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, e transcrita de acordo com as normas previstas para os estudos da Língua Falada (Preti, 2008). Os resultados revelam que, na situação analisada, entre os participantes (professora e alunos) do evento de aula expositiva, a interação ocorre por meio do par adjacente perguntas e respostas. Sendo assim, constatou-se que, as perguntas quase sempre são retóricas, isto é, o professor direciona a pergunta aos alunos, mas, ele mesmo é quem responde com a intenção de instigar o aluno a compreender e assimilar o conteúdo trabalhado durante aula.

SSESSÃO 4
REFERENCIAÇÃO E ENSINO
Mariza Angélica Paiva Brito (Protexto/UFC, Estácio/FIC)
Mônica Magalhães Cavalcante (Protexto/UFC)

A referenciação é um fenômeno textual-discursivo dos mais importantes para a produção e compreensão de sentidos. Para que se compreenda o fenômeno da referenciação, é necessário partir das suas principais características, ou seja, devemos relacioná-lo com as duas dimensões principais da Linguística de Texto: a coerência e o texto (CAVALCANTE, 2011). Objetivamos mostrar, a partir da análise das redações feitas pelos alunos que se submeteram a concursos vestibulares, a relevância dos processos referenciais na construção da coerência de um texto e como eles interferem no produto final da escrita. Alguns autores (CHAROLLES, 1988; COSTA VAL, 2006) tomam a coerência a partir do princípio de interpretabilidade do texto como condição necessária para a existência deste, e a coesão como relações de identidade, de inclusão ou de associação dos constituintes no enunciado. Compartilhamos com Koch, (2009) Cavalcante (2010) a ideia de que a coerência não deve ser entendida apenas na superfície textual, mas, sim, como resultado de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação interativa dada pela atuação de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional e interacional. Nessa perspectiva, os processos de recategorização e de referenciação põem em relevo não somente um sujeito real, mas, sobretudo, um sujeito sociocognitivo, que constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso (MONDADA E DUBOIS, 1995). Isso pressupõe uma dinamicidade desses processos, que conferem possibilidades de escolha de referentes e de modos de designar um mesmo objeto discursivo, daí as expressões referenciais se prestarem não apenas para identificar referentes, mas conservarem, também, uma outra função no contexto discursivo, qual seja, a função argumentativa, sendo esta fundamental na elaboração de um texto "dissertativo", como os que analisamos em nossa pesquisa.

A PRODUÇÃO DE TEXTOS EXEMPLARES DO VESTIBULAR (OU DE COMO SE APRENDE A NÃO ASSUMIR A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA)
Vanessa Fabíola Silva de Faria

O texto apresentado tem como objetivo apresentar resultados de uma análise realizada sobre redações produzidas para o vestibular 2011/2 da UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) considerando-se os modos como os alunos se apropriam dos excertos apresentados como mote de reflexão. Este estudo fundamenta-se em Adam (2008), no que diz respeito à responsabilidade enunciativa (RE) para demonstrar como o vestibulando assume (ou não) a responsabilidade em relação ao desenvolvimento do conteúdo temático proposto na prova do vestibular. A hipótese que norteou o trabalho é a de que as produções mais "bem sucedidas" resultam de um modelo, já consagrado pela tradição escolar, que leva o aluno a um simulacro de uma produção acadêmica, sem, no entanto, comprometer-se com o que ele enuncia. Tal simulacro se apóia firmemente em modos de citação do discurso de outrem, marcados linguisticamente pelo que Guentcheva (1996) chama de categorias do mediativo, ou, conforme referido em Adam (2008), "quadros mediadores".

OS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO.
Edilma Messias Porto (UFS)
Geralda de Oliveira Santos Lima

Os estudos linguísticos começaram a se desenvolver com Ferdinand Saussure no início do século XX e nesse momento não havia preocupação os elementos extralinguísticos a língua era analisada por ela mesma. Logo, sujeito e contexto não eram considerados como termos importantes para serem estudados e considerados nos estudos relativos à língua e a linguagem. Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos e o surgimento da Linguística Textual (LT) que apresentou várias etapas,

mas passou a compreender a importância de se considerar o sujeito, o seu saber e o contexto comunicativo para os estudos relativos ao texto. A partir daí questões voltadas a construção do sentido, a progressão textual, a referenciação passam a ser de suma importância para a LT que nesse momento entende que o texto não pode ser visto como um produto acabado e sim em constante construção pelos sujeitos que o elaboram. É a partir disso que temos como objetivo expor como as práticas referenciais de sujeitos, em uma situação de produção escrita, encontram-se intimamente relacionadas ao contexto e para isso se analisará dez textos de alunos da educação básica, os resultados encontrados apontam que por meio de processos como a referenciação e a anáfora o texto progride assim como permitem ao escritor imprimir os seus valores e saberes sobre o mundo.

A MODALIZAÇÃO NO GÊNERO DICA: AS MARCAS DO SUJEITO NO TEXTO
Lidemberg Rocha de Oliveira

O presente trabalho tem o objetivo de descrever e analisar o processamento da modalização no gênero textual dica, esse comprometido em orientar os interlocutores quanto à realização de atividades nos diversos domínios discursivos, como também sugerir determinados comportamentos para objetivos serem alcançados. Entendendo que o estudo da modalização é importante à (re) construção do propósito comunicativo de um texto no sentido do (re) conhecimento ou avaliação do posicionamento do locutor em relação ao dito, este trabalho propõe o relacionamento das categorias modais do discurso às práticas de leitura e escrita em sala de aula. Entende-se que o direcionamento pedagógico da modalização a partir de gêneros textuais propícios possibilita ao aluno diferenciar as marcas que revelam as impressões do falante em relação ao conhecimento do mundo real, objetivo, por ele descrito, favorecendo a sua compreensão leitora. Nesse sentido, o referencial teórico utilizado foi a Teoria da Modalização, a partir de Neves (2000) e Koch (2000), e dos estudos dos Gêneros Textuais representado por Marcuschi (2008). O corpus adotado para esta análise é constituído por seis textos que revelam o tipo textual injuntivo e que apresentam temáticas variadas. Na análise são demonstrados os trechos onde foram detectados elementos modais com as respectivas classificações e comentários quanto ao uso linguístico. No gênero dica foram observados modalizadores epistêmicos, não-epistêmicos de raiz dinâmica e, com maior frequência, os modalizadores não-epistêmicos de raiz deôntica, além de certos adjetivos e advérbios marcando o ponto de vista do locutor. Por se tratar de um gênero que visa a ação do interlocutor pelo locutor, depreende-se que os modalizadores, além de marcarem o posicionamento do falante em relação ao dito, reafirma a intenção do fazer agir do sujeito.

SRAPT DO ORKUT: CURIODIDADES DE UM GÊNERO EMERGENTE
Ludinalva Santos do Amor Divino

Discute-se muito sobre a diversidade e a funcionalidade dos gêneros textuais, uma vez que os mesmos são inerentes aos seres humanos, visto que tem origem na linguagem e só se manifesta através desta. Por serem várias as situações comunicativas, muitas são também as modalidades de gênero textual e, à medida que os meios de comunicação se evoluem, os gêneros textuais se diversificam, se adaptam, se renovam. A exemplo dessa evolução pode-se citar a internet que, como se sabe, é um poderoso meio de comunicação, onde circula diversos textos, os quais migram de seu suporte original para o meio midiático e são chamados de gêneros emergentes. De acordo com o pensamento de Marcuschi (2002, p.22-24), a expressão gênero textual está relacionada aos "textos materializados que encontramos na nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativa". Dessa forma, existe uma infinidade de gêneros textuais capazes de manter a comunicação em determinados grupos sociais, dentre eles: avisos, propagandas, bulas de remédios, suvenires, epitáfio e tantos outros presentes no nosso cotidiano. Cada qual com seus objetivos: informar, instruir, divulgar, etc, mas também com um objetivo em comum: comunicar, como é o caso, por exemplo, do gênero scrap do orkut. Neste trabalho, discute-se um dos gêneros emergentes, o scrap do orkut (recados virtuais de um site universal de relacionamento), analisando aspectos relacionados à sua origem, linguagem, estrutura e funcionalidade. O referido gênero foi selecionado devido a grande disseminação entre os brasileiros, sendo o Brasil o país que possui o maior número de usuários desse site. Ao se fazer uma análise da funcionalidade do scrap, percebemos que ele é uma forma evoluída do bilhete comum e, como tal, carrega as mesmas funções do seu antepassado, mas ainda não inutilizado, bilhete. Serve para comunicar algo a alguém, de forma curta e prática. Na utilização do scrap do orkut, observa-se, já há algum tempo, o surgimento do Internetês, que nada mais é que uma forma específica de se comunicar, cuja característica principal é a simplificação de palavras. A linguagem da internet reflete a "lei do menor esforço" praticada na linguagem oral. O uso de palavras como "pq", "vc", "kd", "tb", "hj", "fds", "flw", demonstram essa forma de simplificação das palavras. Percebe-se também formas exageradas de se expressar o que se quer dizer, como por exemplo: "amoowwww", "bejãooooOoOoOoO", (...). O nosso corpus de pesquisa foi constituído a partir da seleção de alguns scrap do site de relacionamento Orkut.

ÁREA TEMÁTICA 6: ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

SESSÃO 1
O ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA
Tânia Lima (UFRN)

Existe uma divindade da lama, no candomblé, conhecida por Nanã Buruquê, orixá que entregou uma porção de lama a Oxalá. Na mitologia dos orixás, Nanã deu ao mundo matéria do começo. E o começo da literatura africana é a voz. A voz é avó da tradição. Enquanto o tempo caminhava em círculo, não se ouvia vestígios da palavra escrita. Ao redor da

contação de histórias, a escrita era uma coisa, e o saber outra. "A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem", como bem diz Tierno Bokar. O chão era o ensino. No continente africano, ensinar estava ligado à herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontrava em tudo o que nos transmitiam. Ensinava-se primeiro a ser contador, depois cantador - griots. A voz do contador vinha carregada de entidades espirituais. Se olharmos bem, os primeiros arquivos da biblioteca do mundo serviram-se da oralidade para falar da totalidade humana. Mas afinal o que "me ensinavam essas aulas/ de solidão/ entre coisas da natureza/ e do homem?" (GULLAR, 2001). E o que é mesmo ensinar literatura africana a partir das leis 10. 639 e da lei 11.645? Como oportunizar aos estudantes mais acesso à cultura afro-brasileira? De que forma observar o que está por trás do olhar eurocêntrico no ensino de Literatura Africana? Onde e quando refletir sobre a natureza não apenas de questões como negritude, racismo e crioulização, mas também dos mais diversos tipos de preconceitos estereotipados dentro do quadro excludente das instituições de ensino? Em sintonia com novas democratizações do saber no mundo contemporâneo, essa mesa tem com principal proposta entender o ensino da literatura africana a partir da valorização das culturas orais em diálogo com os teóricos da pós-modernidade, como alerta Edgar Morin (2005): "a alfabetização arrogante que considera os portadores de culturas orais não como tais, mas somente como analfabetos, agrava o subdesenvolvimento moral e psíquico das favelas".

UMA ANTENA PARABÓLICA NO ENSINO
Orlando Brandão Meza Ucella (UFRN)
Orientadora: Tânia Maria de Araujo Lima(UFRN)

Sintonizado com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio no que diz respeito à pluralidade cultural, este trabalho tem como objetivo analisar a poética da voz nas canções do CD Afrociberdelia (1996). Para tanto, seremos norteados por Zumthor (2010), Bachelard (2008) e Hampaté-Bâ (1980). Nessa perspectiva, tomaremos como pressupostos: a importância que a produção simbólica da música popular brasileira desempenha na construção, não de uma, mas das identidades afro-brasileiras (COSTA, 2001); e a Lei n.º 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares. Os CD's Afrociberdelia (1996) e Da lama ao caos (1994), do grupo Chico Science & Nação Zumbi (CSNZ), são o ponto de partida para a cena musical Mangue beat, que surgia durante a ebulição multicultural dos anos 90 em Recife. O fio que começa a costurar essa cena musical é a voz do poeta Chico Science, que, na levada das canções, insere elementos da cultura, afro-brasileira da música eletrônica, do rap, da embolada. Nesse sentido, pesquisar a poética da voz CSNZ é voltar o olhar também para esse discurso rizomático, de crioulização (GLISSANT, 2005) entre culturas, em especial a africana. Ao falarmos em canção, estaremos levando em consideração a letra atrelada ao arranjo musical, ou seja, a palavra em seu contexto musical- o ritmo, a métrica, os instrumentos utilizados, a maneira como a voz do instrumento, ou de quem canta, é colocada em uma determinada canção- levando em consideração as interpretações poéticas a que o conjunto desses elementos na obra nos leva. Dessa maneira, ao pesquisar sobre poética da voz afro-brasileira entramos em sintonia com as práticas de ensino orientadas pelos PCNs.

A LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA NAS SALAS DE AULA DO ENSINO PÚBLICO BRASILEIRO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Eidson Miguel da Silva Marcos
Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI)

Ao se pensar na emergência da inclusão de conteúdos voltados para a(s) história(s) e cultura(s) africana(s) e afro-brasileira(s) em nosso contexto educacional, conforme preconizam as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, devemos considerar os instrumentos culturais pelos quais enxergamos/transmitimos esses elementos, visto ter a experiência adquirida nos possibilitado perceber dificuldades concernentes ao alcance dos objetivos almejados com a inserção dosreferidos conteúdos, em especial a literatura, no espaço escolar público nacional. Experiência essa vinda de nossa formação superior em Letras (licenciatura), na bagagem obtida em pesquisa na área de literaturas africanas de expressão portuguesa, com ênfase no estudo comparativista entre obras de autores potiguares e cabo-verdianos, e no exercício da docência no âmbito do ensino público brasileiro. Dificuldades que vão desde as barreiras culturais existentes até as inerentes aos meios acadêmicos de ensino, em seus vários níveis. No presente trabalho buscaremos explicitar tais aspectos/problemas, bem como reflexões acerca dos desafios pedagógicos que, a nosso ver, estão no caminho do ensino de literaturas, principalmente as africanas de expressão portuguesa, em nosso contexto sócio-cultural. Para tais reflexões lançaremos mão dos subsídios, teóricos e empíricos, adquiridos no âmbito do trabalho de pesquisa que hora desenvolvemos como mestrando do PPGLI/MLI (Universidade Estadual da Paraíba), cuja tese em desenvolvimento trata do poeta, ficcionista e ensaísta africano, radicado em Natal/RN, Luis Romano de Madeira Melo, além das experiências acima mencionadas, depreendendo leituras, possibilidades e caminhos que tal bagagem fornece no tocante a busca de saídas quanto às questões que norteiam a realização do V ECLAE.

LITERATURAS AFRICANAS NO CONTEXTO ESCOLAR SOB A LEI 11.645/08
Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI)

O presente trabalho expõe conteúdo oriundo de um estudo de campo, que analisa o resultado da concretização da ação de política afirmativa no que diz respeito à aplicabilidade dos conteúdos de literatura e cultura afro-brasileira e africana

nos currículos escolares da educação básica sancionada pela Lei nº 11.645/08. A proposta traz um recorte para os conteúdos de literaturas africanas de língua portuguesa apresentados em sala de aula, além de promover conhecimentos sobre a literatura africana e valores culturais capazes de educar cidadãos conscientes de seu pertencimento étnico-racial. O ambiente escolar é um espaço de discussão e pluralizador de ideais em criticidade nos arranjos discursivos, onde apresentamos o resultado do estudo analítico-social a partir das teorias educacionais e da aplicação modificante da subjetividade através do currículo. Nessa perspectiva, avaliamos de que forma o conteúdo programático foi gradativamente aplicado e utilizado em sala de aula, uma vez que foram incluídos aspectos da cultura afrobrasileira e africana, como formadora da população brasileira. Por meio do diálogo metodológico voltado para o estudo bibliográfico de teóricos dos estudos culturais e literaturas africanas foi possível estabelecer a relação entre conhecimento teórico e a aplicação no campo prático em maior relação com a realidade sócio-histórica das turmas observadas, bem como o apoio com a coleta de dados a partir das aulas e interferência no campo prático das atividades docentes em análise. No primeiro momento da pesquisa se priorizou a observação das aulas ministradas, e no segundo momento a interferência através de reuniões, propostas de construções de planos de aula e planos de unidade envolvendo os conteúdos da Lei 11.645/08 e a aplicabilidade em sala de aulas sob a orientação docente.

NEGROS PROTAGONISTAS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL (BRASIL E MOÇAMBIQUE): E AGORA? "COMO FAZER VALER A 10.639/03"?!
Maria Anória de Jesus Oliveira

O presente trabalho resulta de instigações e sugestões constantes da tese de doutoramento intitulada "Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000 a 2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes", através da qual analisei cinco obras literárias infanto-juvenis editadas no Brasil e cinco moçambicanas, após a (re) leitura de uma média de 130 livros, ao todo. Metodologicamente, realizei a pesquisa bibliográfica e, por fim, apresentei algumas contribuições para subsidiar a prática docente em tal área. No tocante ao respaldo teórico, norteei-me na crítica e na teoria literária, cujas abordagens abrangem o viés considerado estruturalista e o prisma pós-estruturalista, buscando o entremeio analítico, sem incorrer na dicotomia entre as relações internas ou externas da obra literária. A questão que se insurge no referido estudo, dentre outras é: com o advento da Lei 10.639/03, quais produções literárias infanto-juvenis, cujos protagonistas negros contribuem para valorizar e ressignificar a história e cultura africana e afro-brasileira? Afinal, se levarmos em conta as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira observaremos que, pelo menos oficialmente, se prima pela desconstrução dos estereótipos face ao segmento negro, mas, quais produções se aproximam de fato, de tal, proposição? Eis o que evidenciarei, através do resultado da pesquisa centrando-me, mais, nas produções editadas no Brasil, a saber: 1) Ogum, o rei de muitas faces, de Chiab e Rodrigues (2000); 2) Fica comigo, de Georgina Martins; 3) O espelho dourado, de Heloísa Pires Lima (2003) 4) As tranças de Bintou, de Diouf (2004); 5) Entremeio sem babado, de Patrícia Santana (2007).

SESSÃO 2
LITERATURA AFRICANA NA ESCOLA: UMA PRÁTICA INCLUSIVA
Rute Maria Chaves Pires (UEMA)

A necessidade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica, conforme lei n. 10.639/03 nos faculta um estudo da literatura africana em sala de aula, a partir de leituras de textos e discussões práticas acerca da contribuição da cultura africana no nosso país, enquanto profissionais atuantes numa sociedade multicultural e pluriétnica. Para tanto, Rosa Margarida de Carvalho, em Educação das relações étnico raciais: pensando referenciais para a organização da prática pedagógica sugere que "os sistemas de ensino, os estabelecimentos e os professores terão como referência, entre outros pertinentes às bases filosóficas e pedagógicas que assumem,os princípios a seguir: Consciência Política e Histórica da Diversidade; Fortalecimento e Identidades e Direitos; Ações Educativas de Combate ao Racismo e a Discriminação". A proposta portanto, desta comunicação, é discutir o papel da escola frente às necessidades de inclusão da literatura e cultura africanas na sala de aula, bem como apontar direcionamentos metodológicos pertinentes a cada nível de escolaridade.

RELAÇÕES ENTRE O LIVRO PARADIDÁTICO INFANTO-JUVENIL E A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO
Eveline Alvarez dos Santos (UEPB/PPGLI)

As questões étnico-raciais estão percorrendo várias áreas dos estudos acadêmicos. A representação do negro está sempre presente nas discussões da atualidade. Seja na literatura, no cinema, nas artes plásticas, ou no teatro, sempre estaremos buscando uma maneira de compreender melhor toda a riqueza histórica e cultural do negro e como ele é representado nessas diferentes áreas investigativas. Adentrando nas questões que rodeiam o mundo da criança e do adolescente, sabemos que o livro infanto-juvenil é, para o educador da área, um elemento de trabalho e deve ser pensado como um agente transformador na formação de opinião de seus alunos. Estamos num período em que as questões étnico-raciais estão passando por um processo de transformação. A partir da obrigatoriedade da inclusão da história e da cultura afro-brasileira e africana em várias áreas de estudo, a necessidade de repensar a postura do educador e do livro paradidático usado em sala de aula se tornou essencial nas discussões sobre o ensino e aprendizagem. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo discutir a importância do livro paradidático infanto-juvenil na sala de

aula. Discutiremos como o negro vem sendo representado em algumas obras da literatura infanto-juvenil, fazendo um pequeno percurso em algumas obras de destaque na literatura. Daremos enfoque a duas obras da literatura infanto-juvenil: As Tranças de Bintou, livro lançado nos EUA em 2001 e no Brasil em 2004, escrito por Sylviane A. Diouf, e Amanhecer Esmeralda do escritor paulistano Ferréz. Para isso usaremos como base teórica alguns estudos feitos por Maria Anória Oliveira, Marisa Lajolo e Magda Soares dentre outras.

MIA COUTO; LITERATURA, PÓS-COLONIALIDADE E IDENTIDADE CULTURAL.
João Batista Teixeira
Orientadora Rosilda Alves Bezerra

O trabalho que propomos, vislumbra o ensino de literaturas africanas de língua portuguesa. Tal discussão se ampara na urgência da socialização dos discursos em torno de um mundo que se percebe cada vez mais globalizado como afirma Garcia Canclini (2007) em Globalização imaginada, ainda se propõe com esse estudo inserir na universidade e também nas escolas brasileiras o ensino de novas literaturas, textos esses que se coadunam com a língua e a linguagem numa negociação identitária e sociológica reconhecendo na língua portuguesa o idioma que une e divide ao mesmo tempo essas literaturas. Destacamos como ficção africana de língua portuguesa, a literatura de Mia Couto, como um texto que dialoga temas da sociedade moçambicana, desde ao mais tradicional até ao que chamamos de modernidade. Como aporte teórico, nos valemos de Appiah (1997), falando sobre África e Afonso(2004) sobre o conto moçambicano, Bonnici(2000) sobre a literatura pós-colonial,além de outros autores que dialogam com a temática proposta.

A LITERATURA E O PROJETO PRIMEIRO APRENDER NO ENSINO MÉDIO
Maria Eveuma de Oliveira (UERN/PPGL)
Sérgio Wellington Freire Chaves
Orientador: Prof. Manoel Freire

O presente artigo objetiva verificar como o Projeto Primeiro Aprender, que é uma ação voltada para os alunos do primeiro ano do Ensino Médio do Estado do Ceará, trabalha a Literatura nesta série; bem como analisar as realizações e atuações dos professores nas atividades propostas no material didático sugerido ao docente pelo mesmo projeto, por meio de manuais. Sabemos que a Literatura, por apresentar um caráter universalizante e interdisciplinar, apresenta ao leitor um leque de possibilidades; expressa a cultura, os costumes, a história de uma determinada época e lugar. A sua complexabilidade está no fato de não haver limites para a atuação do conhecimento, pois a Literatura divide espaço com diversas áreas, como a Filosofia, Sociologia, Psicologia, História etc. Compõem-se a metodologia nossa, além da análise do material proposto para a realização das atividades em sala, da utilização de um questionário aplicado aos professores para que os mesmos relatassem suas atividades desenvolvidas no espaço escolar. Nosso trabalho está pautado nos estudos de (BACK, 1987), (ZIRBERMAN, 1988), (MARTINS, 2006), entre outros teóricos. Diante análises das propostas ofertadas pelo projeto e dos questionários respondidos pelos educadores, podemos verificar que o Primeiro Aprender é um projeto significativo, embora com muitas falhas e limitações, no que se refere ao ensino da Literatura no primeiro ano do Ensino Médio. Portanto, algumas reflexões sobre o que ensinar e como ensinar determinados conteúdos, no espaço escolar, contribui bastante para o processo ensino-aprendizagem, pois requerem uma postura diferente dos profissionais de ensino, diante das metodologias a serem utilizadas.

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA NA SALA DE AULA: POR UM NOVO OLHAR
Maria Eveuma de Oliveira (UERN/PPGL)
Sérgio Wellington Freire Chaves
Orientador: Prof. Manoel Freire

O desenvolvimento da arte e da produção literária na África teve e tem características próprias em cada região e em cada país, sobretudo em função da colonização e da língua. Mas é fato que num período relativamente curto – desde a descolonização europeia, 1957, até os dias atuais – houve um grande amadurecimento em quase todo o continente. E o que surpreende é ter se dado num contexto de guerras civis e caos social – o pano de fundo da maior parte das obras literárias do continente ainda hoje. Alguns dos primeiros autores são as estrelas da literatura contemporânea, o que permite, pelo conjunto de suas obras, uma análise da evolução do fazer literário. É nesta perspectiva que o nosso trabalho procura levar para o espaço escolar os autores que se destacam na literatura africana e que muito contribuíram para a história do seu país, principalmente no que se refere à literatura, pois foi por meio desta que eles encontraram uma forma de "gritar" e mostrar as injustiças sociais, o preconceito e a indiferença... A despeito da precariedade de vida, dos altos índices de analfabetismo, dos traumas ainda sofridos por anos de conflitos armados e demais adversidades, uma legião de escritores de origem africana se revela, contando a história do continente em poesias, romances, contos, que, ainda hoje, reafirmam a diversidade e trazem a marca da resistência cultural. Dentro do ambiente escolar este trabalho busca em sua metodologia, criar momentos de reflexão crítica que venha contribuir com o respeito à diversidade cultural valorizando a história africana. Nosso trabalho está pautado nos estudos de ANDRADE (1980), BHABHA (2010), BOSI (2002). Em síntese, trabalhar a literatura africana no espaço escolar é mais uma forma de propor aos educandos novas possibilidades de aprendizagem. É a partir da literatura que podemos fomentar novos olhares para a diversidade cultural não só no espaço escolar como em outros espaços de aprendizagem.

SESSÃO I

VARIAÇÃO NO SISTEMA VOCÁLICO PRETÔNICO E APLICABILIDADE AO ENSINO DE LÍNGUA

José S. Magalhães (UFU)

Embora discutido de forma ampla por inúmeros pesquisadores, o ensino de língua ainda continua notavelmente pautado pela prescrição gramatical, que postula o que pode e o que não pode ser feito e ainda determinando o que é 'certo' e o que é 'errado'. Não podemos negar, contudo, que, nos últimos anos, com o advento das pesquisas em sociolinguística, muita coisa vem mudando positivamente. Considerando esses fatos, pretendemos, nesta comunicação, trazer à tona mais uma discussão sobre como transformar este cenário de autoritarismo em um ambiente de ensino/aprendizagem no qual a variação linguística possa contribuir para a prática efetiva do ensino que considere não apenas uma, mas várias modalidades de linguagem (ou uso dela). Para tanto, focalizaremos o estudo das vogais médias do Português Brasileiro - essencialmente o subsistema pretônico - em suas diversas manifestações, a partir de dados coletados junto a informantes do dialeto do Triângulo Mineiro. Trataremos da descrição variável deste subsistema e do debate acerca os processos dos quais as vogais pretônicas médias são alvo e, por vezes, gatilho, tais como: neutralização, harmonia e redução. Procuraremos apresentar alguns possíveis caminhos para que a descrição desses fenômenos, a partir da metodologia da sociolinguística variacionista, seja utilizada no ensino de língua. Com isso, nossa proposta visa a contribuir não apenas com a formação plural do professor, como também a discutir a relevância de uma prática educativa que considere, de fato, a variabilidade linguística como o ponto de partida para a formação de qualidade que se deseja ao educando.

VARIAÇÃO DIALETAL E LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA AO ENSINO

Luana Anastácia Santos de Lima
Verônica Santos de Lima

Este trabalho abarcará a correlação entre variáveis linguísticas e fatores sociais, tais como nível sociocultural, idade e escolaridade, de forma a investigar em que medida as marcas dialetais de alunos da rede pública da segunda fase do ensino fundamental interferem no desenvolvimento de atividades de letramento, como a leitura, por exemplo, bem como analisar o tratamento que esses professores da rede pública de ensino da cidade de Guarabira - PB têm dado às variantes dialetais trazidas pelos seus alunos e fortemente marcadas em suas leituras. Desta forma, foi possível identificar nas leituras "erros" provenientes da interferência do dialeto local e aqueles provenientes da decodificação incorreta de determinado vocábulo. No decorrer da pesquisa, foram gravadas leituras de alunos de cada ano letivo do ensino fundamental (6º, 7º, 8º e 9º), as quais foram transcritas e analisadas. Utilizou-se um aparato teórico metodológico pautado nas teorias da Sociolinguística (LABOV, 1976; BORTONI-RICARDO, 2006), Leitura (KATO, 2007), Ensino (BORTONI-RICARDO, 2004), Letramento (SOARES, 2005), entre outros. Observou-se a ocorrência de fenômenos linguísticos, dentre os quais os mais relevantes foram: troca de líquidas, monotongação, apagamento do /d/ no grupo "ndo", inserção de elementos, repetição, apagamento de elementos da coda silábica. Além disso, foram observados erros de decodificação no decorrer das leituras. Conclui-se, com base nos resultados que, a variação linguística é um fato inevitavelmente presente em nossas salas de aula e que por ser tratada, em alguns casos, inadequadamente pelas escolas, vem causando sérios danos ao aprendizado do aluno, principalmente, no que diz respeito ao campo da leitura. Assim sendo, comprovamos o quanto faz-se necessário que os professores desprendam uma atenção maior para o ensino da leitura, a fim de auxiliar o educando no desenvolvimento de competências necessárias para a aprendizagem das mais diversas práticas de letramento.

A GRAMATICALIZAÇÃO DO PREFIXO [RE] NAS FÁBULAS DE FEDRO E DE MONTEIRO LOBATO

Jorge Augusto Alves da Silva Lucas Santo (UESB)
Valéria Viana Sousa (UESB)
Lucas Santos Campos

A história do funcionalismo sempre foi pautada a partir da instabilidade entre a relação de estrutura e função. Os funcionalistas têm, então, como princípio chave da sua teoria, a noção de que o sistema funcional das línguas é determinado para uma finalidade e pela natureza das suas funções características. A língua, assim, é um sistema de meios de expressão apropriados a um objetivo, a um propósito; as estruturas linguísticas não são autônomas e estão imbricadas às circunstâncias discursivas e entrelaçadas aos aspectos cognitivos da produção, nos quais se encontram envolvidas a informação pragmática do falante (crenças, valores, práticas sociais) e a informação pragmática do destinatário (práticas sociais).Duas tendências, segundo Salomão (1994), emergem no funcionalismo à procura de justificativas para a estrutura linguística: a externalista, que apoia-se no contexto de uso discursivo, e a internalista, nos quais os processos mentais é que são os responsáveis pela origem de tais estruturas. Givón (1971) articula as duas tendências e afirma que a mente é a razão de ser da língua, mas só é passível de observação no discurso. Dessa forma, associa o funcionamento do que é externo como uma evidência do funcionamento do que é interno. O crucial em um estudo funcionalista, então, é verificar como acontece a comunicação em uma língua, reconhecendo que há uma estrutura pertencente à língua e que essa sofre pressões de uso, de ordem cognitiva, por parte dos falantes. Essas pressões fazem com que determinados itens usados antes com a função A passem a ser usados e rotinizados, além dessa, para outras funções, como A, B etc. A partir da linha de pensamento estabelecida por essa perspectiva teórica, neste estudo temos como objetivo investigar o sentido primeiro do prefixo [re] e

quais foram as motivações internas e externas que o fizeram sofrer uma expansão semântica passando a ser dotado de seis (6) acepções, segundo Carlos Gois (1945), no Dicionário de Afixos e Desinências. A saber: a) de novo; b) aumento, intensidade; c) oposição; d) reciprocidade; e) negação; f) lugar interior. Para a realização desse estudo, analisaremos o uso conferido a expressões que trazem o prefixo [re] em corpora formados pelas Fábulas de Fedro e pelas Fábulas de Monteiro Lobato.

A ABORDAGEM DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA EM QUESTÕES DE PROVAS DO ENEM: UMA ANÁLISE À LUZ DA PROPOSTA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Fábio Pessoa da Silva (UEPB/CH)

É sabido que os usos sociais da língua pelo falante são os responsáveis pelas evoluções e transformações ocorridas no percurso histórico dessa língua. Os estudos sociolinguísticos vieram ratificar essa tese e, no que diz respeito ao ensino, estabelecer a importância de, na aula de língua materna, reconhecermos e contemplarmos a variação linguística cuja ocorrência se dá em todas as dimensões de usos da língua(gem). Em vista disso, o presente artigo tem por finalidade demonstrar como a diversidade linguística vem sendo abordada em questões de provas de Língua Portuguesa do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. O recorte da pesquisa compreende um corpus de análise constituído pelas provas aplicadas nos anos de 2009 e 2010. Partimos do pressuposto de que os tópicos referentes aos variados usos da língua devem ser adequadamente observados em provas dessa natureza, deixando de lado aquele posicionamento inteiramente prescritivo em que só se reconhece a variação, seja ela qual for, para tratá-la como desvio de linguagem ou como sendo específica de um grupo social. A metodologia utilizada na pesquisa constituiu-se basicamente da seleção e análise das questões das referidas provas, as quais versam sobre o tema em pauta, a fim de estabelecermos uma discussão acerca das contribuições da abordagem sociolinguística para o ensino de língua numa perspectiva sociointeracional. Como respaldo teórico, utilizamos, dentre outros autores, Bagno (2002; 2009), Bortoni-Ricardo (2004), Neves (2010), Scherre (2005) e Antunes (2003). As conclusões a que chegamos mediante as análises das questões da prova de Língua Portuguesa do Enem referentes aos anos de 2009 e 2010 apontam para uma abordagem da variação linguística que atende aos pressupostos estabelecidos pela sociolinguística interacionista, a qual defende o reconhecimento da competência comunicativa dos usuários da língua cujo domínio não se restringe apenas ao uso de uma modalidade da língua, ou seja, da modalidade padrão.

DIREITOS HUMANOS LINGUÍSTICOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE COMUNIDADES ORIGINÁRIAS NA BOLÍVIA E NO BRASIL: EM DIREÇÃO A UMA ABORDAGEM PARTICIPATIVA

Carlos Maroto Guerola

O presente trabalho problematiza o conceito de direito humano linguístico educacional a partir de uma abordagem representativa: do olhar dos acadêmicos da sociolinguística aplicada de tradição ocidental e a legislação educacional boliviana e brasileira. O trabalho se insere numa pesquisa maior. Nela se ambiciona a aproximação em direção à reconstrução intercultural da democracia e dos direitos humanos. O contraste da abordagem representativa com a abordagem participativa do direito linguístico possibilitará a emergência, através da prática etnográfica, das vozes dos falantes de línguas minorizadas e das comunidades linguísticas escolares a que pertencem, a respeito dos seus anseios, necessidades e expectativas sociolinguísticas educacionais. Nesta parte do trabalho, após uma caracterização teórica do conceito de direito humano linguístico educacional, é estabelecida uma comparação entre a legislação educacional relevante à educação de comunidades originárias na Bolívia e no Brasil, a fim de interpretar como esse direito pode ser enxergado nos documentos oficiais norteadores da prática educativa de duas realidades sociolinguísticas e políticas extremamente díspares. O Brasil é o país com maior diversidade linguística da América do Sul (com mais de 180 línguas originárias), e a Bolívia o país com maior porcentagem de população indígena (62%). O contraste entre ambas realidades nos auxiliará no entendimento de como os diferentes contextos sócio-econômicos, políticos e étnicos influenciam no entendimento da educação escolar e das políticas linguísticas educacionais a respeito da mesma comunidade indígena: os guarani. O objetivo final da pesquisa é verificar se tais legislações são com efeito implementadas, os motivos da sua (não)implementação e a visão das comunidades escolares em estudo acerca do uso de línguas na educação formal.

SESSÃO 2
FALA E LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: ENCONTROS E DESENCONTROS

Maria de Fátima de Souza Aquino

A leitura é uma atividade complexa que requer o envolvimento de diferentes fatores linguísticos, sociais, culturais e cognitivos para sua realização. Este estudo focaliza o processo de decodificação na leitura oral e tem como objetivo analisar a influência de aspectos da linguagem oral na leitura de alunos do ensino fundamental, através da observação de aula e análise de leitura dos alunos. Nessa perspectiva, a atenção será focada na oralização do texto escrito, observando como as variantes dialetais do aluno leitor são postas no momento da leitura. Para tanto, tem-se como aporte teórico a Sociolinguística Variacionista e a Sociolinguística Educacional. O caráter da diversidade se mostra como um importante elemento no processo de consolidação e desenvolvimento da linguagem oral, o que pode interferir, também, no desenvolvimento da leitura. Neste sentido, a escola constitui ambiente propício para se observar a dinamicidade e a diversidade linguística. As pesquisas sociolinguísticas têm fornecido subsídios não apenas para o campo da variação e mudança linguística, mas também para o campo da educação, quando tenta solucionar problemas linguístico-educacionais de grupos menos privilegiados econômica e socialmente. Nessas pesquisas, o relaciona-

mento aluno, variedade linguística, escola, configura-se como um campo de investigação muito fecundo, porque, em alguns casos, as normas linguísticas da escola são completamente desconhecidas dos alunos, e as atitudes daquela em relação à variante dialetal destes pode ter um grande impacto no processo de ensino/ aprendizagem, já que as crianças refletem, geralmente, os valores de sua variante materna. As diferenças entre a linguagem utilizada pelas camadas populares e a linguagem formal defendida pela escola são compreendidas pelos educadores de formas diferentes, conforme sua orientação teórica e ideológica. Assim, o sucesso ou o insucesso escolar do educando é, muitas vezes, fruto da intervenção do professor, pois uma formação deficitária do professor aliada ao desconhecimento dos resultados de pesquisas envolvendo a linguagem e o processo de ensino/aprendizagem pode trazer consequências negativas para a qualidade do ensino.

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Adjanir do Nascimento Bezerra (URCA)
Orientador: Sandra Espínola dos Anjos (URCA)

Este trabalho procura destacar a ação do preconceito linguístico no ensino de Língua Portuguesa e o poder que esta tem de perpetuá-lo ou combatê-lo, chamando a atenção ainda para o tratamento da variação linguística pelos professores e para os prejuízos que um ensino preconceituoso pode acarretar aos estudantes. Na realidade, as variações acabam recebendo valores que refletem a hierarquia dos grupos sociais, sendo consideradas superiores ou inferiores, dependendo do contexto social em que se enquadram os seus falantes. O despreparo teórico apresentado por professores da área a respeito das variações, e a própria falta de conhecimento do que seja o preconceito na linguagem contribuem para que os alunos não gostem de Português e, consequentemente, sintam dificuldade em aprender a disciplina. Neste contexto, procura-se abordar de forma conceitual a questão deste tipo de preconceito e de como o mesmo tem se propagado não apenas no ambiente escolar, mas em vários lugares, através dos livros paradidáticos e da mídia. O preconceito é sempre resultado da não aceitação das diferenças e, no caso da língua, as avaliações sociais não tomam como base critérios linguísticos, são julgamentos essencialmente políticos e sociais, discriminantes e intolerantes, cuja propagação se dá, primeiramente, por meio de três elementos fundamentais, os quais são a gramática tradicional, o sistema tradicional de ensino e os livros didáticos. Paralelos a esses três elementos estão os "comandos paragramaticais", que são os livros do tipo "não erre mais", os manuais de redação e os programas de rádio e televisão que ensinam a "maneira certa de se dizer as coisas". Com relação às práticas de ensino, percebe-se com frequência a confusão entre língua e gramática, a qual faz a escola perder tanto tempo repetindo coisas que os alunos já sabem, ao invés de procurar desenvolver nos mesmos a intimidade com a linguagem, aperfeiçoando suas formas de expressão através da liberdade no uso da língua, fato que naturalmente combate a intolerância linguística.

O ENSINO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA EM SALA DE AULA: SUBSÍDIOS EMPÍRICOS PARA UMA TOMADA DE CONSCIÊNCIA DOCENTE
Cleber Tourinho de Santana

Este trabalho objetiva apresentar uma reflexão sobre a atuação de professores de língua materna quanto a ensinar, de forma cientificamente embasada, a variação e a mudança linguísticas a alunos do ensino básico. Partindo do pressuposto de que as variantes socialmente estigmatizadas da língua são alvo de preconceito muitas vezes oriundo dos próprios docentes, quando reproduzem, defendem e veiculam aos alunos o paradigma do erro versus acerto em questões de língua, propõe-se demonstrar os principais pontos das descobertas empíricas dos últimos anos que justificam uma adequada tomada de posicionamento por parte de professores e da comunidade escolar, ao tratar o tema com o rigor científico necessário, sem enviesamentos pessoais ou filosóficos. Por fim, discute-se a necessidade de maior atenção dos orientadores educacionais, em cada unidade escolar, para efetivar a tomada de consciência por parte do corpo docente, de forma geral e, em particular, dos professores de língua materna, quanto à abordagem dos conteúdos linguísticos com o máximo de cientificidade que seja apropriado aos seus alunos.

VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO EM DOIS CORPORA
Josenildo Barbosa Freire (SEEC/ RN)

Entende-se que a língua constitui-se num sistema variável que admite que restrições linguísticas e extralinguísticas podem exercer influência sobre o uso. Neste sentido, a língua tornar-se sistema de possibilidades de alternâncias no que se refere ao uso de um determinado fenômeno linguístico. A partir dessa concepção de língua, vem-se apresentar estudo comparativo entre o nosso resultado, Freire (2011), obtidos no Estado da Paraíba, e os resultados de Brandão (2007), alcançados em 13 comunidades do Estado do Rio de Janeiro, sobre o mesmo processo linguístico: a variação do segmento lateral palatal, ressaltando as convergências e divergências entre os estudos acerca da variação do fonema lateral palatal. A hipótese central de trabalho que orienta o presente estudo é a de que no dialeto carioca ocorra menos variação do fonema lateral palatal /?/ do que no dialeto paraibano, uma vez que segundo Rodrigues & Medeiros (2010, p. 09), o falar do Estado do Rio de Janeiro é transmitido ou divulgado em programas de televisão, e que esse estado ocupa significativa posição política e econômica no cenário nacional, e desse modo, o dialeto utilizado por seus falantes pode passar algo como positivo já que está na TV e, geralmente, não é avaliado como "falar errado", diferentemente da posição que geralmente ocupa o Estado da Paraíba no cenário nacional. A análise é feita seguindo o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1966, 1972) que evidencia que o uso de uma regra variável pode está condicionado por restrições sociais e linguísticas.

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL
Simone Rodrigues Peron
Orientador: Prof. Dr. Tiago Timponi (UFJF)

Este trabalho tem como escopo mostrar uma análise do tratamento dado à variação linguística em quatro livros didáticos de Língua Portuguesa, do sexto ano do ensino fundamental, que foram aprovados pelo MEC, sendo eles: Português Linguagens, de William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães, da editora Atual, 2006; Português uma proposta para o letramento, de Magda Soares, daeditora Moderna, 2002; Tudo é Linguagem, das autoras Ana Borcatto, Terezinha Bertin& Vera Marchezi, da editora Ática, 2006 e Viva Português, de Elizabeth Campos, Paula Marques Cardoso & Silvia Letícia de Andrade, da editora Ática, 2008. Por ser o livro didático uma importante ferramenta metodológica no ensino, como um dos mediadores entre o aluno e o aprendizado de sua língua, procuramos verificar se ocorre e de que maneira ocorre a imersão e legitimação das variedades estigmatizadas no ensino da língua materna. Adotamos a concepção de linguagem como sendo dialógica, o que nos impulsiona a investigar o que as propostas pedagógicas têm oferecido para os discentes diante da linguagem vernacular e desprestigiada que eles trazem para a escola, principalmente os das redes públicas de ensino. Consideramos os objetivos dos documentos oficiais do governo (PCN,s e PNLD), já que propõem desde a década de 90 uma nova perspectiva no ensino, uma iniciativa quanto a essa mudança que tem sido gradual no ensino de língua materna.Trata-se de uma pesquisa qualitativa norteada por um roteiro proposto por Bagno (2007), que foi desenvolvida em uma monografia de pós-graduação no Ensino de Língua Portuguesa (UFJF) no ano de 2010 , para verificarmos a adequação desse tema que tem sido discutido cada vez mais, por ser de grande relevância e abrangência em nossa sociedade, já que "Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra". (BAGNO, 2007, p. 38).Com base nos postulados da Sociolinguística, a escola precisa combater o preconceito linguístico e propiciar uma reeducação sociolinguística, já que esta é uma das principais agências veiculadoras do conhecimento. O aluno precisa ser poliglota em sua própria língua, e saber adequar-se linguisticamente aos diversos contextos comunicativos, sem menosprezar o seu vernáculo ou desconsiderá-lo.

SESSÃO 3
AS DIFERENTES LINGUAGENS NA SOCIEDADE: O PAPEL QUE AS VARIANTES LINGUÍSTICAS SOCIAIS EXERCEM NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA LÍNGUA PADRÃO; CAUSANDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO
Ana Paula Menezes de Santana

Esta comunicação irá abordar a influência dos elementos da língua falada coloquial. Com base no fenômeno das variações linguísticas. Partindo do pressuposto de que a relação entre fala e escrita baseia-se num problema social; busca-se, por meio do levantamento das principais marcas da oralidade encontradas na sociedade, demonstrar as semelhanças entre ambas às modalidades, e assim provar que não se pode falar de superioridade de uma com relação à outra. Sendo assim, tentar mostrar o quanto seria inconveniente para as pessoas alimentar o chamado preconceito linguístico. No que se refere ao ensino da norma padrão, pretende-se, levando a questão oralidade para as salas de aula, ampliar a visão dos alunos sobre a língua ao discutir as noções de heterogeneidade e preconceito linguístico. Discutiremos aqui as chamadas transgressões da norma culta, correto e incorreto, e o que se pode considerar regra-padrão e não-padrão.

A LÍNGUA COMO CONSTRUÇÃO E FORMAÇÃO SOCIOCLUTURAL DE UM POVO
Maria Eunice Rosa de Jesus

O presente trabalho tem o propósito de refletir sobre a importância de respeitar as variações linguísticas constitutivas do português brasileiro; a prática dos educadores a partir do processo ensino-aprendizagem e suas implicações na formação do aluno enquanto ser social resultados dos valores e das relações intrínsecas da sociedade a qual pertence fruto da dinâmica das relações e da produção nas infinitas formas de agir, ser, viver e pensar o mundo, tornado-se sujeito histórico. Fica posto, portanto, que a finalidade maior do sistema educacional brasileiro é contribuir para que educandos e educadores não ignorem os conhecimentos populares, bem como atitudes e valores gerados na trama das relações sociais quotidianamente. Assim, o processo de ensino e aprendizagem deve ser aquele que represente maneiras de construir e reconstruir significados, de compreender e interpretar relações, atitudes, interesses socais, formas de poder e de experiências que tenham a ver com os interesses também das classes populares.

VARIAÇÃO LINGUISTICA EM SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
Simone da Silva (UFAL)

Este trabalho investiga questões da variação linguística, no que se refere a abordagem feita em sala de aula quando se realiza o trabalho com a linguagem nas escolas municipais da cidade Pilar, onde buscamos conhecer a maneira como os professores da Educação de Jovens e Adultos trabalham as variedades linguísticas, tanto as variedades de prestígios como as populares dos alunos no contexto da sala de aula, e quais procedimentos pedagógicos utilizam para trabalhar tais questões. Vimos a necessidade de realizar este estudo, pois conhecer o trabalho que está sendo desenvolvido em sala de aula, em relação à variação linguística, e saber que conhecimentos subsidiam a prática pedagógica, para realizar a abordagem desse tema, é uma contribuição ao ensino, visto que a variação linguística é bastante complexa, pois envolve questões de identidade, estigma, discriminação, preconceito, norma, prestígio social entre outros. Temas como esses, quando não são abordados de uma forma adequada, em vez promover a conscientização e o avanço da cidadania do sujeito (sendo esse

um dos principais papéis da escola), podem gerar preconceitos e constrangimentos e a consequente evasão dos alunos jovens e adultos. Para desenvolver essa investigação, optamos pela abordagem metodológica da pesquisa qualitativa, na qual demos prioridade à pesquisa etnográfica, lançando mão também das orientações oriundas da SociolinguísticaVariacionista. Realizamos também uma revisão de literatura, onde recorremos a autores como: Labov, Mollica, Bortoni-Ricardo, Bagno, dentre outros. Esta pesquisa nos revelou que há muita dificuldade na abordagem do tema da variação em sala de aula, dificuldade esta que resulta da inexistência de formação inicial e continuada voltada para esse tema, o que limita as professoras trabalharem de forma superficial e algumas vezes até reforçar o preconceito linguístico em sala de aula.

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA: A FALA E A ESCRITA DE ESTUDANTES RESIDENTES EM DUAS ÁREAS RURAIS DA BAHIA
Gredson dos Santos

O trabalho discute, em linhas gerais, algumas questões relacionadas às consequências pedagógicas da variação linguística instalada no ambiente escolar como realidade evidentemente inevitável, que põe em confronto duas grandes entidades linguísticas: a norma-padrão e o vernáculo dos estudantes. Partindo do pressuposto de que fatos do vernáculo do estudante que inicia sua vida escolar aparecerão na escrita do mesmo, o problema que orienta a pesquisa diz respeito a até que ponto e em que medida os elementos em variação presentes na fala dos estudantes ocorrem na sua escrita monitorada à medida que eles avançavam na escolaridade. A hipótese básica assumida no trabalho afirma que, a despeito do consenso geral de que o ensino de língua portuguesa na escola pública não é eficiente, os estudantes se apropriarão cada vez mais de certos aspectos da norma que a escola se propõe a ensinar. Os princípios teóricos que norteiam a investigação são os da Sociolinguísticalaboviana, a partir dos quais são apresentados quatro aspectos fonéticos em variação na fala e na escrita monitorada de 14 estudantes do ensino fundamental I residentes em duas áreas rurais do município de Catu-Bahia. Após a gravação de uma hora de entrevistas orais espontâneas com cada estudante, foram realizados testes escritos em que eram postos em foco fenômenos como a iotização de/?/, o rotacismo de /-l/ em encontros consonantais, a monotongação do ditongo /ey/ e a síncope da vogal pós-tônica não final em vocábulos proparoxítonos. Alguns resultados indicam que a ação escolar, a depender de como se dá, desenvolve nos estudantes uma consciência bidialetal, que os leva a evitar os traços mais marcados do seu dialeto quando se percebem numa situação de formalidade.

ENTRE A NORMA CULTA E A NORMA POPULAR: A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL NA ESCRITA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS
Gilce Almeida
Vivian Antonino da Silva

O fenômeno da concordância verbal no português brasileiro tem sido estudado de forma sistemática desde a década de 1970, observando-se que a variação é mais produtiva na fala popular, de modo que estruturas em que não se percebe a concordância carregam consigo uma marca de estigma, que, no senso comum, remete à falta de escolarização. Neste trabalho, cujo objeto de investigação é a variação na aplicação da regra da concordância verbal de terceira pessoa em produções escritas de estudantes universitários, procura-se determinar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha do falante por uma das formas disponíveis e analisar, a partir dos resultados obtidos, as possíveis implicações para o ensino de língua portuguesa, refletindo sobre a atuação da escola na recuperação das formas padrão. Com base no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, que defende a ideia de que variação e a mudança linguísticas são condições de todas as línguas e acontecem de forma sistemática analisou-se uma amostra composta por cem textos de diversos gêneros produzidos por alunos de diferentes cursos de graduação, de duas faculdades públicas (uma federal e uma estadual) e uma particular de Salvador. Para a análise dos dados, recorreu-se ao programa estatístico GoldVarbX, que fornece os cálculos da frequência e do peso relativo necessários à discussão dos fatores que condicionam o uso das variantes sob análise. Como fatores linguísticos, o estudo apontou: realização, posição e distância do sujeito em relação ao verbo, paralelismo discursivo, concordância nominal no SN sujeito, caracterização semântica do sujeito, tipo de verbo e saliência fônica; e entre os sociais: instituição onde estuda e uso da escrita na atividade profissional.

SESSÃO 4
NARRATIVAS ORAIS TRADICIONAIS EM MATERIAL AUDIOVISUAL
Cinthia de Lima Neves
Marilia de Nazare de Oliveira Ferreira

A Constituição Federal assegura aos povos indígenas do Brasil uma educação escolar diferenciada e a utilização de suas línguas maternas com processos próprios de aprendizagem. A educação desenvolvida nesse ambiente "deve guiar-se pelo que orienta o conteúdo de toda Educação universal: aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. E deve contar com instrumentos para isso" (Loureiro, 2008). Dentre os diversos instrumentos de que dispõe o professor, materiais e mídias diversificadas são empregados na prática educacional para permitir ao aluno interpretar o mundo/cultura em que vive, provocando transformações nas formas de percepção e apreensão da realidade. Considerando que as tecnologias de informação e comunicação permitem estruturar contextos educativos mais ricos e variados, este trabalho pretende apresentar uma forma de, junto aos livros produzidos para referenciar e estimular a oralidade, mídias contendo narrativas orais tradicionais do povo parkatêjê servirem de suporte ao professor da área indígena, visando à manutenção e revitalização da língua.

O APAGAMENTO DO RÓTICO /r/ EM CODA SILÁBICA NA ESCRITA DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO NA CIDADE DEMAMANGUAPE-PB
André Pedro da Silva
Jeferson Silva do Nascimento

Alguns pesquisadores, obedecendo à cronologia do tempo, vêm desde as últimas décadas direcionando seus estudos ao campo fonético com o objetivo de observar fenômenos linguísticos na coda medial e final de vocábulos, por considerarem que essa posição apresenta certa instabilidade sujeita a variações na estrutura silábica. Um dos segmentos que se mostra instável, quando aparece nessa posição, é o rótico /r/, como comprovam os trabalhos de Votre (1978), Callou, Moraes e Leite (1996), Monaretto (2002), Oliveira (1983), Hora (2003) e outros. Essas pesquisas mostram que uma das possíveis variações na fala para essa variável é o zero fonético (vender ~ vende[Ø]; comprar ~ compra[Ø]; perturbado ~ pertu[Ø]bado; garfo ~ ga[Ø]fo). Muitos professores responsáveis pelo ensino da Língua Portuguesa, no ensino fundamental e médio, afirmam ser este fenômeno comum na língua escrita. Em vista disso, neste artigo, pretendeu-se desenvolver um estudo sociolinguístico quantitativo à luz da teoria da Sociolinguística Variacionista, com o objetivo de investigar marcas dialetais na língua escrita de alguns estudantes da cidade de Mamanguape-PB, destacando, exclusivamente, o apagamento do rótico /r/. Para isso, desenvolvemos um policiamento minucioso nos manuscritos dos discentes por meio de ditados (de palavras e de frases), em anos escolares diferentes (5° ano e 8° ano do ensino fundamental e 2° ano médio), a fim de analisar o fenômeno em diferentes estágios. Esperamos com esse trabalho contribuir com os avanços dos estudos linguísticos dessa variante em nível nacional, já que há uma grande diversidade no português do Brasil, entre a língua falada e a língua escrita.

ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS NO DIALETO PESSOENSE: PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS
Rafaela Veloso Machado

Trabalhar com o ensino de língua requer, no mínimo, que se compreenda o seu funcionamento. Neste sentido, os estudos sociolinguísticos têm dado uma contribuição fundamental, pois têm permitido que se conheça a realidade linguística dos falantes e(m) suas comunidades linguísticas. Nesse contexto, insere-se o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), que, em 1993, sob a coordenação do professor Dermeval da Hora, surgiu com a proposta de pesquisar a realidade linguística da comunidade de João Pessoa, procurando traçar o perfil linguístico do seu falante, em função dos fatores sociais e estruturais intervenientes no uso da língua e, a partir disso, estabelecer comparações, em nível regional e nacional, a fim de contribuir para as pesquisas na área e para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa. De posse do corpus desse projeto, composto de dados de fala de sessenta informantes, diversos pesquisadores, professores, alunos de graduação e pós-graduação implementaram seus estudos com o intuito de descrever o dialeto pessoense e compará-lo a estudos já realizados em outras localidades do país, visando uma abordagem mais ampla no concerne ao Português do Brasil. O objetivo deste trabalho é, portanto, trazer os resultados das pesquisas desenvolvidas até então com os dados do Projeto VALPB e apresentar o perfil do falante pessoense, especificamente, em relação aos aspectos fonético-fonológicos. Voltando-se exclusivamente para os processos que envolvem a estrutura silábica, este trabalho contemplará as análises realizadas sobre as vogais pretônicas e postônicas, os processos de elisão, monotongação e ditongação e o comportamento das consoantes que ocupam a posição de coda silábica. Com esse trabalho, pretende-se contribuir para a ampliação dos dados das pesquisas na área.

O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA: O REFLEXO DO PROCESSO INTERATIVO PROFESSOR-ALUNO
Danielly Lopes de Lima

O objetivo deste trabalho é apresentar a relação professor e aluno no contexto da sala de aula de língua materna e demonstrar como isto interfere no processo de ensino-aprendizagem. A princípio alguns conceitos serão debatidos, tais como: contexto, interação, ensino e aprendizagem. Para tal, a fundamentação teórica compreenderá a Sociolinguística Interacional e a Interação Verbal, a partir de autores como Bakhtin, Bortoni-Ricardo, Koch e Goffman, entre outros. O contexto que será apresentado será das aulas de Língua Portuguesa, que foram observadas em duas turmas do 2º ano do ensino médio de uma escola pertencente à rede pública de ensino da cidade de João Pessoa-Paraíba. Os dados foram analisados a partir de uma metodologia interpretativa, visando responder a questão como acontece a interação entre professor-aluno na aula de língua materna e como isto reflete no processo de ensino-aprendizagem. Os resultados obtidos demonstraram que a interação dialógica na sala de aula é improdutiva, em sua maioria, por não refletir positivamente no processo de aprendizagem de Língua Portuguesa. Constatamos também a dificuldade que existe nesse processo interativo, pois a sala de aula torna-se por muitas vezes uma arena de batalhas, dificultando a relação professor-aluno e consequentemente o processo de ensino-aprendizagem.

O PAPEL DAS ESCOLAS XERENTE NA VALORIZAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DAS ALDEIAS SALTO E PORTEIRA
Marta Virginia deAraujo Batista Abreu
Francisco Edviges Albuquerque (UFT)

Esta pesquisa se volta para a análise e compreensão das práticas pedagógicas adotadas pelos professores indígenas no que diz respeito à manutenção e revitalização da língua materna Xerente. Nesta pesquisa levaremos em consideração essas práticas para que possamos entender e contribuir de forma significativa com ações que permitam e facilitem o tra-

balho dos professores indígenas Xerente que lecionam nas escolas das aldeias Salto e Porteira. Estas aldeias situam-se no município de Tocantínia - Tocantins. Os Xerente são um povo indígena que habita à margem direita do Rio Tocantins, próximo à cidade de Tocantínia, no estado do Tocantins. Sua população, atualmente, é de quase 1.800 pessoas, distribuídas em 33 aldeias que integram as reservas indígenas Xerente e Funil, com 183.542 hectares de área demarcada. Os Xerente são hábeis no artesanato em trançado de palha de babaçu, capim dourado e a seda do buriti. Produzem cestas, balaios, bolsas, esteiras e enfeites para o corpo. Falam a língua Akuwen, pertencente à família Jê e ao grupo linguísticoMacro-Jê. A língua Xerente é uma das línguas ameaçadas de extinção, pois vive sob um processo de forte pressão da Língua Portuguesa. Nesta pesquisa pretendemos discutir sobre o papel da escola na valorização das línguas indígenas, ou seja, na revitalização destas e, consequentemente, no combate à sua extinção. Ao longo da pesquisa analisaremos a prática educacional dos professores indígenas com o intuito de contribuir para a educação escolar indígena e para manutenção da língua materna. A meta final deste projeto é oferecer resultados aplicáveis a programas de educação bilíngue.

SESSÃO 5

CONFIGURAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS E CULTURAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA (L2) EM COMUNIDADES INDÍGENAS BI/MULTILÍNGUES DA AMAZÔNIA BRASILEIRA: INVESTIGANDO REPRESENTAÇÕES NO ENSINO DE LÍNGUAS

Edson Santos da Silva Júnior
Mônica Maria Guimarães Savedra

Tendo em vista a imbricada relação entre língua, sociedade e cultura, as diversas tipologias que caracterizam as situações de contato linguístico, seja bilíngue ou multilíngue, evidenciam aspectos culturais e identitários ímpares do plurilinguismo nacional. Nessa perspectiva, este estudo tematiza questões relativas à construção de mecanismos de representação sobre a língua portuguesa em um contexto sociolinguisticamente complexo, de contato desta língua com a língua tikuna (um isolado linguístico falado em três países - Brasil, Colômbia e Peru) comunidades indígenas localizadas nos municípios de Benjamim Constant e Tabatinga, região Sudeste do Estado do Amazonas. Esta laboração, de caráter interdisciplinar, é parte constitutiva das reflexões contempladas em uma pesquisa em desenvolvimento, vinculada à linha de pesquisa Sociolinguística e Processos Interculturais Linguísticos e Identitários do Grupo Interinstitucional de Estudos de Lingua(gem): usos, contatos e fronteiras (GIEL- UFF/UFRJ/PUC-Rio/UFJF); parte de pressupostos do escopo teórico e metodológico formal da Antropologia Linguística (DURANTI, 2000; HANKS, 2008) Sociolinguística (CALVET, 2000; HAMEL, 1988) e da Linguística Aplicada (MAHER, 2010; RAMPTON, 2006). Assim, atentando à discussão pertinente ao eixo temático e considerando a convergência de diferentes aspectos teóricos, considerar a existência da pluralidade linguística implica conceber a língua como constitutiva da práxis, das dinâmicas sociais, que se estabelecem em seus múltiplos contextos como fatos sociais, determinados pelos valores imanentes e transcendentes da própria língua. Como proposto pela assertiva de Hamel (1988, p.49), temos de aceitar a ideia de que todos os grupos étnicos apresentam em maior ou menor grau as características de um bilinguismo social, o que significa afirmar a coexistência de línguas no mesmo espaço sociocultural. Para tanto, deve-se partir da premissa de que as configurações sociolinguísticas (peculiarmente heterogêneas), que se estabelecem tanto no interior dos grupos étnicos, quanto entre esses grupos e os demais segmentos regionais ou nacionais, projetam-se como constituintes de relações em nível macro, sejam elas socioeconômicas, políticas ou culturais. Referências CALVET, Louis Jean. Langues etdéveloppement: agir surlesreprésentations?. In YAÑEZ,XoanPaulo Rodríguez etall (orgs.). Revista Estudios de Sociolinguística -linguas, sociedades e culturas. Universidade de Vigo, v.1, n.1, pp.183-190, 2000. DURANTI, Alessandro. Antropología Linguística; traducciónespañola, Pedro Tena. Madrid : Cambridge University Press, 2000. HAMEL, Rainer Henrique. La política dellenguaje y elconflictointerétnico: problemas de investigación sociolinguística. In ORLANDI, EnniPulcinelli (org.). Política Linguística na América Latina. Campinas: Pontes, 1988 (pp.28-74). HANKS, William F. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin; organização Anna Christina Bentes, Renato C. Rezende, Marco Antônio Rosa Machado; revisão técnica Anna Christina Bentes, MaurizioGnerre. São Paulo: Cortez, 2008. MAHER, Terezinha de Jesus Machado. Políticas de língua e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira. Currículo sem Fronteiras, v.10, n.1, pp.33-48, Jan/Jun 2010 RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em Linguística Aplicada. In LOPES, Luiz Paulo da Moita Lopes. (org.). Por uma Linguística Aplicada indisciplinar.São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MANUSCRITOS: PONTE DIDÁTICA ENTRE A PRESCRIÇÃO E A DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA

Felipe Morais de Melo
Orientador: Maria Hozanete Alves de Lima

A maior parte da história de uma língua só pode ser alcançada por meio dos textos escritos, produzidos, em seus primórdios, unicamente à mão. Confiante do potencial científico que o trabalho com textos antigos (em especial, neste trabalho, os manuscritos) agrega ao ensino de língua portuguesa,apresento um projeto de pesquisa a ser desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), como professor de Língua Portuguesa e Literatura (LP) do Ensino Médio no campus de Pau dos Ferros, município do oeste potiguar. O projeto propõe a construção de um banco de dados composto pela transcrição de textos manuscritos e impressos de sincronias passadas produzidos na região com o intuito de gerar uma rica fonte para a pesquisa e para o ensino em áreas do conhecimento relacionadas à sociedade e à linguagem. No que diz respeito especificamente ao ensino de LP, a finalidade primeira do projeto é a de encontrar nesses dados, usando princípios da Teoria da Variação e Mudança

(WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1982, 2008 [1972]), a justa ponte empírica entre as normas de uso da língua preceituadas pelas gramáticas normativas e as descrições apresentadas em gramáticas recentes, como nas de Perini (2010) e de Castilho (2010). A produtividade de um projeto dessa natureza já vem sendo comprovada pelo meu percurso de coleta, transcrição e edição de cartas oficiais norte-rio-grandenses da primeira metade do século XVIII à segunda do século XX para constituir corpus de minha dissertação de mestrado e integrar o corpus comum mínimo do projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB-RN). Encerro a comunicação analisando, no referido corpus, o fenômeno da cliticização em diferentes contextos estruturais a fim de ilustrar como os textos antigos podem não só atestar as etapas por que passa uma mudança linguística como também trazer novas descobertas para a história da língua portuguesa e promover reflexões sobre a especial relação que existe entre o linguístico e o social na história da língua escrita.

O EFEITO MULTIPLICADOR DE UMA CONSCIENTIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA
Elisângela dos Passos Mendes
Lanuza Lima Santos

A compreensão da diversidade linguística do português brasileiro (PB) requer o conhecimento do processo histórico, envolto num marcado repositório de miscigenação étnico-cultural e linguística, que caracterizou a formação do território nacional, originando uma realidade plural e polarizada, em que, de um lado, estão situadas as normas linguísticas cultas e, de outro, as normas populares. Esta realidade, todavia, é desconhecida da maioria dos falantes do PB, o que produz uma bruta manifestação do preconceito linguístico em relação aos usos dos falantes da norma popular. O livro didático "Por uma vida melhor", aprovado recentemente pelo Ministério da Educação, ao pretender promover, nas aulas de língua portuguesa, a discussão e o respeito às diferenças linguísticas, gerou uma grande polêmica e foi incessantemente atacado pela mídia e uma grande parcela da sociedade. Ao compreendermos as aulas de língua portuguesa como o espaço de discussão não só acerca da língua, mas também da diversidade cultural e das relações de poder impregnadas na sociedade, propusemos a alunos do Bacharelado Interdisciplinar (BI) da Universidade Federal da Bahia, após uma conscientização sociolinguística, a tarefa de redigir uma carta (com um destinatário especificado) acerca da proposta do livro didático "Por uma vida melhor". O resultado obtido foi muito positivo, não só pela compreensão demonstrada pelos discentes acerca do funcionamento da língua, como também pelos relatos de como foi possível assumir uma nova postura diante da língua e uma reflexão acerca das particularidades históricas que marcam o português brasileiro. As cartas produzidas pelos estudantes são objeto de análise deste trabalho, que pretende demonstrar como a discussão e apresentação da visão científica da língua é capaz de promover a conscientização Sociolinguística, em níveis intra e extra acadêmicos, e de como podemos tornar os alunos inseridos nesse processo agentes multiplicadores dessa conscientização, na tentativa de dissolver e/ou amenizar o preconceito linguístico historicamente construído e fortemente enraizado em nossa sociedade.

A TOPONÍMIA NO CONTEXTO DA INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA
Lynara Raquel Cavalcante

Estudar o léxico toponímico é conhecer a cultura, história, os valores as crenças a realidade vivida pela comunidade que o denominou. No âmbito da onomástica, a toponímia, enfoca-se o estudo dos nomes de lugares observando seu contexto social e a investigação desde a origem de um topônimo a sua evolução. Nesse sentido, a toponímia ao estudada deve estar sempre vinculada a outras áreas do conhecimento como: a história, geografia, antropologia, cartografia, psicologia e a própria linguística. Tendo como parâmetro essa abordagem interdisciplinar no estudo toponímico, particularmente nos conteúdos curriculares de Língua Portuguesa e Geografia, os "nomes de lugares" - acidentes humanos (municípios, estados, países) e acidentes físicos (rios, córregos, ribeiros, montanhas, serras, planaltos, picos, entre outros) - estão presentes nos conteúdos como: na formação do território nacional, composição étnica, formação geológica, espaço cultural, da geografia física. Para esse estudo pretendo analisar como estão sendo apresentados os topônimos/nomes de lugares nos livros de Geografia do Ensino Fundamental, utilizados nas escolas públicas do estado do Tocantins em uma perspectiva linguística, voltadas ao ensino de língua portuguesa. Serão objeto desse estudo duas coleções de livros didáticos de geografia do ensino fundamental, 7°, 8° e 9° das editoras: FTD e Moderna disponibilizada em escolas públicas de Palmas, capital do estado do Tocantins. Essa proposta de trabalho encontra-se em fase inicial e vincula-se ao simpósio- A toponímia: aspectos interdisciplinares- e ao estudo da toponímia no contexto do ensino considerando os aspectos intra e extra linguísticos presentes nos "nomes de lugares".

OS NOMES DE LUGARES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA TOPONÍMICA NO CONTEXTO DA INTERDISCIPLINARIDADE
Karylleila dos Santos Andrade
Lynara Raquel Cavalcante

A lexicologia tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico de uma língua natural. A Onomástica apresenta-se como uma subárea da lexicologia, ciência que se ocupa do estudo dos nomes próprios e se divide em dois campos de investigação: antroponímia e toponímia. A antroponímia vem do grego ánthopos (homem) e onoma (nome) e estudo o nome de pessoas. Toponímia vem do grego topos (lugar) e onoma (nome), estuda o nome dos lugares e designativos geográficos: física, humano, antrópico ou cultural. Essa pesquisa seguirá pelo viés

da toponímia, pois tem como particularidade a busca pela etimologia, o caráter semântico, transformações linguísticas dos "nomes de lugares". A toponímia não pode ser estudada de forma desvinculada de outras ciências como história, geografia, antropologia, cartografia, psicologia e a própria linguística, sob a pena de se perder o caráter abrangente que possui. Tendo como parâmetro essa abordagem interdisciplinar no estudo toponímico, particularmente nos conteúdos curriculares de Língua Portuguesa e Geografia, os "nomes de lugares" - acidentes humanos (municípios, estados, países) e acidentes físicos (rios, córregos, ribeiros, montanhas, serras, planaltos, picos, entre outros) - estão presentes nos conteúdos como: na formação do território nacional, composição étnica, formação geológica, espaço cultural, da geografia física. Nesse sentido, o caráter interdisciplinar do estudo do topônimo é um dos princípios basilares para esta pesquisa que tem como objetivo analisar como estão sendo apresentados os topônimos/nomes de lugares nos livros de Geografia do Ensino Fundamental utilizados nas escolas públicas do estado do Tocantins, considerando uma perspectiva linguística voltada ao ensino de língua portuguesa. Será objeto desse estudo duas coleções de livros didáticos de geografia do ensino fundamental, 7°, 8° e 9° das editoras: FTD e Moderna disponibilizada em escolas públicas de Palmas, capital do estado do Tocantins. Essa proposta de trabalho vincula-se ao estudo da toponímia no contexto do ensino considerando a teoria da interdisciplinaridade. A metodologia é com base na pesquisa bibliográfica e documental e para realizar essa discussão, utilizaremos como abordagem teórico-metodológica, no campo da toponímia, os trabalhos de Dick (2004, 1999, 1990) e os estudos de Fazenda (1998), (2003) e (2009), Morin (1990) e Brasil (2002) no campo da interdisciplinaridade.

SESSÃO 6
VOU I(R)
Odete Pereira da Silva Menon (UFPR/CNPq)

Boa parte dos professores de português penaliza seus alunos por estes usarem, para fazer referência a um ato ou evento futuro, a forma verbal composta vou i(r), também chamada de perífrase. Quando são questionados do porquê de tal condenação, respondem, entre outras desculpas ou alegações, que essa forma é errada (alguns até "capricham" na resposta, dizendo ser pleonástica!): "porque contém duas vezes o verbo ir?... Seja por ignorância (nem sempre os cursos de Letras são competentes), seja por caturrice ou preguiça de se informar, tais professores é que estão errados. Essa forma é 100% vernácula, pois pertence ao mesmo paradigma de vou cantar, fazer, pôr, partir. Formalmente, há duas manifestações do verbo IR; porém, funcionalmente, isto é, do ponto de vista morfossintático, eles são diferentes: em vou ir, como em vou cantar, o verbo que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo (primeira, singular, presente, indicativo) pertence à categoria dos auxiliares (que ajudam a formar os tempos compostos, a voz passiva analítica e as perífrases de gerúndio e de infinitivo); o segundo, no infinitivo, é o verbo pleno, que dá o significado à perífrase. Historicamente, alguns verbos perdem parte do significado pleno e a sua autonomia, transformando-se em auxiliares, por um processo denominado gramaticalização. É ele o responsável por existirem tempos compostos como tenho tido; por perífrases como há de haver; vou indo ou vem vindo e fez fazer ou mandou mandar, construções corretíssimas, do ponto de vista da estrutura da língua: todas contêm dois verbos formalmente idênticos mas funcionalmente diferentes, pois exercem papéis distintos. O que acontece no caso de vou ir é que esse processo acabou de se completar no século XX e a(lguma)s pessoas ainda não acostumaram a orelha à forma. As crianças, como regularizaram os paradigmas no processo de aprendizagem da língua, produzem "correta e adequadamente" vou i(r), como fazem com qualquer outro verbo, visto que, conforme estudos de diferentes variedades do PB (português do Brasil), na língua falada já não se usa mais o futuro do presente (dito sintético) para fazer referência a fatos não acontecidos e atos ainda não realizados ...

O JOGO DE CINTURA DO PROFESSOR E A "TRAVESSIA METODOLÓGICA"
Lêda Carvalho (UFRPE)

Esse artigo trata do papel do professor no Projeto Travessia, em que para uma trilha educativa satisfatória, desenvolve estratégias para levar o aluno ao desenvolvimento de competências. Para tanto, precisa de "jogo de cintura" para atender ao currículo, sem perder de vista o foco no aluno. A criatividade é o ponto forte desse "malabarista" para um ensino construtivo e inovador, uma vez que precisa manter alunos motivados. Por outro lado, esse "artista em cena" também precisa manter-se motivado uma vez que as condições de trabalho e teto salarial não recompensam. O que leva esse professor a enfrentar esse desafio? Como guiar o aluno a novas competências sem aceitar a sua variação linguística, inerente ao contexto sociocultural ao qual está inserido? Procurando responder a essas questões desenvolvemos um trabalho científico a partir de nossa experiência docente no Travessia. Utilizamos para a pesquisa descritiva, a Investigação-ação, recomendada pelo Profº Dr. Carlos Fino, coordenador do Mestrado de Inovação Pedagógica da Universidade da Madeira, com unidade no Recife (DH2), cuja abordagem qualitativa nos permitiu interpretar o comportamento do professor e do aluno e verificar que o amor ao magistério é o ponto fulcral de motivação do professor, que o faz encontrar uma trajetória feliz rumo ao saber, priorizando sempre o respeito às diversidades, sobretudo, o direito de comunicação e expressão.

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO NOS SISTEMAS APOSTILADOS DE ENSINO
Fernanda Rosário de Mello

Para a discussão proposta neste trabalho, é preciso compreender duas questões centrais. A primeira delas envolve a orientação dada pelos documentos oficiais acerca da variação linguística no ensino de língua materna (BRASIL, 1998; 2002). Segundo tais documentos, a variação é um fenômeno atrelado a fatores sociais que geram preconceitos de várias

ordens, a serem combatidos, insistentemente, pela escola. Assim, é função do ensino permitir aos alunos conhecerem as muitas formas de uso da língua na interação com o outro, apesar das diferenças linguísticas, considerando os diversos contextos comunicativos e seus propósitos (BRASIL, 1998, p. 31). Além disso, espera-se que os alunos sejam capazes de verificar regularidades nas variedades da língua e reconhecer que existem valores sociais implicados em cada uma delas (p. 52). A segunda questão central a ser compreendida envolve o entendimento do que sejam sistemas apostilados de ensino. Em termos gerais, são reconhecidos como sistemas apostilados os materiais didáticos elaborados por instituições educacionais privadas, que produzem e vendem esses materiais a escolas conveniadas (Cf. LELLIS, 2011). Embora não haja um número volumoso de estudos sobre os sistemas, algumas discussões vêm sendo propostas atualmente, sobretudo em razão da adesão cada vez maior dos sistemas apostilados pelas prefeituras, em substituição aos livros didáticos fornecidos pelo MEC. Em meio a uma série de questionamentos, um dos pontos frequentemente discutidos diz respeito à falta de uma avaliação oficial nesses materiais, como ocorre, por exemplo, com os livros avaliados no PNLD, o que muitas vezes coloca sob suspeita a seriedade desses sistemas. Isto posto, pretende-se neste trabalho levantar uma discussão acerca do tratamento dado à variação nos materiais de língua portuguesa produzidos por alguns sistemas apostilados de ensino no país, na tentativa de que sejam levantados indicadores que revelem o lugar ocupado por questões de heterogeneidade linguística nesse tipo de material didático.

SESSÃO 7

NA PRÁTICA A TEORIA CONTINUA SENDO OUTRA: TRATAMENTO DADO AO "A GENTE" EM UMA SEXTA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

LoremiLoregian-Penkal

Apesar de inúmeras pesquisas (socio)linguísticas demonstrarem que o pronome a gente é de uso cada vez mais frequente no português do Brasil (PB) e de que o mesmo está em variação com o pronome nós, e levando em consideração o que preconizam, no tocante à variação, os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais – sendo que este documento sugere que a disciplina de Língua Portuguesa valorize as variedades da linguagem oral produzidas pelos falantes, constata-se ainda na prática de sala de aula um ensino completamente pautado na gramática tradicional. Assim, esta comunicação visa discutir o tratamento dado ao "a gente" em sala de aula e em uma prova de língua portuguesa de uma sexta série do Ensino Fundamental de uma grande escola da rede privada de Curitiba. Constata-se que, infelizmente, o que ainda se ensina e se cobra em sala de aula é apenas o que consta do paradigma pronominal do livro didático e da gramática tradicional e se o "a gente" lá não se encontra, para a escola ele não pode ser considerado pronome.

O DINAMISMO LINGUÍSTICO DO ANGLICISMO BOY NA CIDADE DO NATAL

Nadson Gutemberg Gomes dos Santos (UFRN)
Orientador: Paulo Henrique Duque

O estudo aqui em referência analisará o uso do estrangeirismo "boy" pelos falantes de Natal (RN), assim como sua multifuncionalidade categorial, para, com base nessas análises, realizarmos uma reflexão de como no ensino privilegia um modelo Clássico de Categorização (cf.: Aristóteles), abordando as categorias linguísticas como classes formadas por traços necessários e suficientes. A verificação de diversos usos da palavra "boy", extraídos de corpora de língua falada e escrita parece atestar para um modelo de protótipos: há usos mais ou menos prototípicos do termo. Para o estudo em tela, fundamentando-nos em Duque (2002), acerca de categorização linguística, e Santos (2005), acerca do o uso do anglicismo "boy" em Natal e suas repercussões sociais.

USOS E DESUSOS DE "PALAVRÕES" EM AMBIENTE ESCOLAR

Agostinho Soares da Silva Neto
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins

Este artigo apresenta resultados de uma analise sobre o processo de variação lexical, ou usos e desusos, e sobre a significação (positiva ou pejorativa) que possuem determinados "palavrões" pronunciados por adolescentes em ambiente escolar. A pesquisa foi realizada na comunidade de Laranjeiras do Abdias, distrito de São José do Mipibú, na escola de ensino médio e de EJA na qual que se manifestam os palavrões utilizados corriqueiramente pelos indivíduos para expressar inúmeras situações: alegria, xingamento, dor, tristeza, cumprimento, raiva. Tem-se como princípio fundamental a heterogeneidade linguística, segundo a qual a língua é um fenômeno que se constitui nos diferentes contextos das comunicações humanas. Percebe-se que o uso de "palavrões" está presente em todas as classes sociais independente do gênero, etnia e níveis econômico-socio-cultural. Para atingir os objetivos propostos, neste trabalho, utilizou-se da técnica de grupo focal, com entrevista, seguida de interlocuções, bem como de levantamento dos vocábulos (palavrões) mais pronunciados por esses jovens e em que ocasiões eram aplicados. Mais especificamente, o presente trabalho buscou constatar se, em geral, os fatores sociais que apresentariam maior poder de influência sobre a variação linguística na comunidade de fala em questão seriam o sexo, a idade, o nível de instrução e o nível sócio-cultural. É óbvio que os fatores não têm de funcionar de forma idêntica em todas as comunidades e para cada grupo observado é preciso levar em consideração o contexto em que o processo de variação está inserido, ou seja, as suas coordenadas sociais, geográficas, culturais, econômicas, históricas e temporais. Enfim, qualquer vocábulo tem um papel importante na linguagem e desperta variadas reações e valores distintos dentro da comunidade.

TRATAMENTO DISPONIBILIZADO ÀS VARIEDADES LINGUÍSTICAS EM LIVROS DIDÁTICOS
Kátia de França Monteiro Vasconcelos
(Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição)

Por ser a língua um instrumento que se insere numa realidade histórica, cultural e social, ela corresponde a uma atividade social em que os falantes todas às vezes que se põem a interagir verbalmente por meio da fala ou por meio da escrita, acabam por produzirem uma ação. Nessa perspectiva, a sala de aula transforma-se num lugar em que se devem analisar as multiplicidades de formas e uso da língua materna. Diante disso, este estudo tem como objetivo, verificar até que ponto o conhecimento sobre variedades linguísticas disponibilizados nos livros didáticos aos estudantes do Ensino Fundamental II é suficiente para uma apropriação da diversidade sociocultural? A fim de alcançar nosso objetivo teremos como suporte teórico as ideias de Bortoni-Ricardo que versam a respeito da conscientização sobre variação linguística e a educação em língua materna, bem como sobre a competência comunicativa e suas implicações para a educação. Além disso, ele consiste em uma comparação entre duas coleções destinadas aos estudantes do Ensino Fundamental II e terão as seguintes etapas: situar o leitor quanto à opção das coleções selecionadas, bem como à estrutura de cada coleção; relacionar os objetivos disponibilizados no manual do professor com o desenvolvimento do conteúdo variedades linguísticas, verificando a qualidade e a quantidade que esse conteúdo é disponibilizado aos estudantes a fim de se alcançar uma resposta para o questionamento.

A FORMAÇÃO DE LEITORES (AS) PARA A COMPREENSÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICO-CULTURAL DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONISTA
Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
Lucas Santos Campos (UESB)
Valéria Viana Sousa (UESB)

O ensino da História e Cultura Afro-Brasileiras nas escolas oficiais e privadas de nível fundamental e médio, mesmo após muitos anos transcorridos da edição da Lei Federal 10.639/2003, continua sendo feito de forma precária. Os professores, até mesmo os recém egressos de cursos de graduação, pouco ou quase nada encontram de discussões e de metodologias a respeito do tema. Uma possível explicação para tal fato é que há duas posições extremistas que devem ser "relativizadas". A primeira quer trazer à sala aquilo que diferencia a cultura afro-brasileira da cultura brasileira, como se aquela não fosse uma parte integrante desta. Nesse sentido, muitos estudiosos enfatizam aspectos religiosos produzindo "barreiras" advindas de concepções de mundo que se chocam, especialmente, no meio rural. A outra visão extremista apresenta os elementos da cultura afro-brasileira como folclórica - uma situação de exceção, não fazendo, portanto, parte de nosso cotidiano. Após discutir, em termos da Sociolinguística Interacionista, os conceitos de sociedade, comunidade (de fala) e atitudes (e valores), o texto procura apresentar algumas estratégias de sala de aula que demonstrem que a pertença cultural africana e a existência de uma cultura afro-brasileira fazem parte do cotidiano. Destarte, é possível ensinar crianças e adultos não pelas diferenças, mas pelas similitudes observáveis em nosso cotidiano. As atividades aqui desenvolvidas foram aplicadas em uma Escola Pública Municipal Tobias Barreto, em classes vespertinas e noturnas (EJA) em Vitória da Conquista. A escola situa-se no Povoado de Veredinha o qual comporta três comunidades quilombolas: Baixa Seca, Velame e Lagoa de Melquíades. A pesquisa foi feita com a colaboração de uma professora graduada em História e Especialista em Fundamentos Sociais e Políticos da Educação. Os resultados da pesquisa demonstram que os membros da comunidade começam a observar a cultura afro-brasileira como parte da cultura brasileira e, como tal tanto, pode contribuir para a formação social do cidadão tanto quanto o cidadão pode contribuir com seus saberes para a formação da cidadania integral de outros.

A PROVINHA BRASIL E A COMPETÊNCIA SOCIOLINGUÍSTICA DO ALFABETIZANDO
Raquel Meister KO Freitag (UFS)

A Provinha Brasil é, em sua concepção, um instrumento de diagnóstico do nível de alfabetização de alunos durante o primeiro ano de escolarização. Seu objetivo é fornecer informações que viabilizem a intervenção do professor no processo, de modo que ao término do segundo ano de escolarização, o aluno esteja alfabetizado. Apesar de ser um instrumento de diagnóstico, a Provinha Brasil tem sido interpretada equivocadamente como um instrumento de avaliação (ranqueando alunos, escolas e professores), ou então tem sido menosprezada por focar a competência de leitura do estudante (as questões do instrumento são objetivas). As habilidades de leitura avaliadas estão distribuídas em uma matriz de competências articulada em dois eixos: o domínio do sistema da escrita e o do domínio da leitura. Já há estudos dedicados ao segundo eixo, especialmente no que tange aos gêneros e suportes textuais, ficando em segundo plano o domínio do sistema da escrita. Porém, se o processo de alfabetização se resumisse à conversão unívoca de fonemas a grafemas, o trabalho do professor seria muito mais simples. Ocorre que as normas ortográficas não obedecem ao input ao qual a criança está exposta, à sua variedade linguística. O sucesso ou fracasso do aluno na Provinha Brasil tem relação direta com a variedade linguística do professor aplicador (já que se trata de um instrumento com comandos orais) e a sua relação com a norma. No âmbito do programa Observatório da Educação, o projeto Ler + Sergipe: Leitura para o letramento e a cidadania foca especialmente a variedade linguística do aluno e sua relação com o processo de alfabetização. Neste trabalho, apresentamos a análise da matriz de competência da Provinha Brasil e do instrumento propriamente, a fim de averiguar o tratamento dado à variação linguística e suas implicações no processo de alfabetização.

SESSÃO 8

A NOÇÃO DE ESTILO NA TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA: IMPASSES, TENSÕES E SUA APLICAÇÃO AO ENSINO
Bruno Cardoso(PPgL/UFSC)

Este trabalho de enfoque teórico e aplicado discute o conceito de estilo na teoria laboviana em 2 momentos: um primeiro, criticado principalmente por linguistas como Coupland e Penélope Eckert, em que Labov vê o estilo na sua relação com o grau de atenção conferido à fala, isolando de maneira assustadoramente simplista os contextos em que isso ocorre, e um segundo na década de 90 em que Labov amplia sua descrição e seu tratamento empírico quanto ao fenômeno da variação estilística. Procurar-se-á buscar descrever e interpretar as abordagens de Labov quanto ao fenômeno da variação estilística à luz do seu projeto realista/positivista de ciência, de modo que o desenvolvimento da abordagem desse fenômeno se imbrica numa filosofia de ciência da qual toda a sua obra não se deixa prescindir. Imbuído desse pressuposto, passarei a analisar algumas críticas a abordagem laboviana de estilo, tais como as já citadas, visando a pensar sobre o grau de pertinência delas, ao mesmo tempo que discutirei o refinamento metodológico de Labov movido pela sua filosofia de ciência e pela sua inquietude diante do dado real da língua que nunca deixa de clamar por uma interpretação do cientista e, ao mesmo tempo, a relevância dessa compreensão de estilo para o ensino de língua portuguesa em sala de aula.

A REALIZAÇÃO DE FRICATIVAS NO PORTUGUÊS ORAL POPULAR DE FORTALEZA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA
Ana Germana P. Rodrigues (UECE – bolsista FUNCAP)
Orientadora: Aluiza Alves de Araújo

A enorme diversidade de falares no português do Brasil sempre instigou muitos pesquisadores a estudar fenômenos linguísticos que dele decorrem, principalmente os de natureza variacionista, colaborando para a descrição do português atual. O objetivo deste projeto é descrever e analisar a realização variável de um fenômeno bastante comum no falar fortalezense: a aspiração e o apagamento das fricativas /v s z ʃ ʒ/. Para isso, utiliza como suporte o modelo teórico-metodológico da sociolinguística laboviana. A escolha desse tema pode justificar-se também pelo fato de o aspecto fonético ser um dos que mais rapidamente revelam as variações linguísticas, tanto as diatópicas quanto as diastráticas. Os informantes utilizados nesta pesquisa seguem a estratificação estabelecida pelo projeto NORPORFOR (Norma do Português Oral Popular de Fortaleza). Os resultados, parcialmente obtidos, revelam a presença de variantes, como: ia [v]oltá, pa[s] ou, di[z]eno, de co[ʃ]ta[Ø], dado um [ʒ]anta, [ɦ]ai começá, nego[ɦ]o de mêa, lá em ca[ɦ]a,ma[ɦ]tiga, [ɦ]á terminô, mai[Ø] fácil, é me[Ø]mo. Além disso, nota-se que tanto fatores de natureza linguística (contextos fonológicos antecedente e subsequente, frequência de uso e status morfológico do segmento, entre outros) quanto extralinguística (gênero, faixa etária, escolaridade e grau de formalidade) podem favorecer ou não a regra variável. O conhecimento de nossos falares e sua valorização são de grande importância para o estudo e ensino da língua portuguesa. Ademais, é papel do linguista o registro e a sistematização das "inovações/mudanças" linguísticas para que se faça um provável percurso da história das línguas que, normalmente, revela a história do seu povo.

OS PRONOMES POSSESSIVOS 'NOSSO' E 'DA GENTE' EM TEXTOS DE ALUNOS DO 6° E 9°ANO-UM ESTUDO SÓCIOLINGUÍSTICO
Maria da Conceição Silva dos Santos (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar as formas linguísticas "nosso" e "da gente" como pronomes possessivos em produções textuais de alunos de 6º e 9º ano. Uma vez que tal variação é bastante demarcada no nível da fala, sentiu-se a necessidade de analisar se esse fenômeno também ocorre no nível da escrita. Esta pesquisa acadêmica foi realizada sob o aporte teórico da Sociolinguística Variacionista, ancorando-se principalmente nos seguintes autores: William Labov (2008), que trata as questões de variação linguística na fala, mas também aborda questões que servem para o contexto do nosso trabalho, a saber, variações existentes na língua que dependem de um contexto situacional; e Marcos Bagno (2007), que aborda diversos trabalhos que levam em consideração as variações que acontecem em nossa língua, explicando por que e de que forma essa variação acontece na nossa língua. Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas produções textuais de alunos de 6º e 9º ano de uma escola da rede privada de Natal, com o intuito de observar a utilização dessas formas como pronomes possessivos e em quais situações esse uso se realiza. Por fim, a análise apresenta um resultado que poderá contribuir para a teoria, além de algumas sugestões de como essas variações podem ser abordadas no ensino de língua materna.

MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA E IDENTIDADE: PROPOSTAS PARA REFLEXÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA
Lívia Nascimento Arcanjo
Lucia Furtado de Mendonça Cyranka (UFJF)

Este trabalho busca discutir as relações estabelecidas entre linguagem e identidade a partir da promoção de uma pedagogia culturalmente sensível (GNERRE, 1994) na sala de aula regular de língua portuguesa. Há muito se tem notado o tratamento indevido dado pela escola aos falantes das variedades desprestigiadas do português brasileiro (PB). Diante deste panorama, propõe-se, neste trabalho, uma reflexão acerca dessa realidade a partir do conceito proposto por Bortoni-Ricardo (2004;2005) sobre os contínuos que representam as variedades do PB. A proposta aqui está restrita à reflexão promovida pelo contínuo de monitoração estilística. Nesse contínuo o falante é levado a compreender que pode transitar de estilos menos monitorados para estilos mais monitorados e, assim, o professor pode perceber traços peculiares da

movimentação do aluno da construção de sua identidade como falante legítimo do PB. O corpus que serviu de análise para esta apresentação é fruto de um recorte da pesquisa desenvolvida no projeto "Os dialetos sociais na escola pública" (UFJF/FAPEMIG -2009/2012) a qual busca investigar a viabilidade da adoção de uma perspectiva sociolinguística para o ensino de língua portuguesa. A análise do corpus corrobora com a hipótese de que é possível tornar os alunos bidialetais e, a partir daí, perceber que as relações entre a linguagem e a identidade do falante se estabelecem de forma mais incisiva quando esse falante é capaz de perceber que seu falar é legítimo e que, com esse entendimento, há a ampliação de suas competências linguísticas. Levando em consideração que o indivíduo se constitui pela linguagem (BAKHTIN, 1992/2003), os dados revelam que a tomada de consciência dos alunos os instrumentaliza para combater o poder simbólico que a linguagem escolar detém, fato já discutido por Bourdieu (1930/2002). Sendo assim, com o poder conferido ao aluno por meio da reflexão linguística estabelecida em sala de aula, ele legitima seu falar e seu posicionamento no cenário social, tornando-se uma voz capaz de dialogar com outras vozes do discurso.

TESTE DE ATITUDE E ENSINO: OPINIÕES DE FUTUROS PROFESSORES SOBRE A EXPRESSÃO VOU IR NO SUL DO PAÍS
Adriana Gibbon (FURG/UFSC)

Este trabalho apresenta resultados de testes de atitude/avaliação propostos para alunos e professores sobre o uso do auxiliar IR na perífrase IR+ infinitivo para expressar o futuro quando o verbo principal é IR: vou/vais/vamos ir. Em uma região onde essa forma não é aceita, os falantes não enxergam que o primeiro verbo IR (vou) é um auxiliar destituído de sua carga semântica de movimento e costumam dizer que é errado dizer vou ir porque é redundante (ir duas vezes!). E os professores acreditam que se deve corrigir esse erro. Um teste de atitude aplicado a professores no ano de 2002 mostrou que, no estado do Rio Grande do Sul, onde a expressão vou ir é comumente usada, os professores não percebem esse erro na frase. O teste contemplava frases com a expressão IR + Infinitivo IR para testar a aceitação dessa forma na fala e na escrita do aluno por parte do professor. Os resultados permitiram dizer que o professor do Rio Grande do Sul não corrige seus alunos porque percebe o verbo IR (vou) como auxiliar na perífrase de futuro. Essa pesquisa foi apresentada no ECLAE 2003. Dando continuidade ao estudo, organizamos novo teste de atitude/avaliação para futuros professores de português e literatura, cursando o primeiro e o último ano de Letras na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) sobre o uso do auxiliar IR na perífrase IR+ infinitivo para expressar o futuro. Com base no teste de 2002, o teste de 2011 traz frases como Vou ir pra Rio Grande no Natal e outras mais complexas como Vou ir assistir um filme no shopping, na qual se observa a perífrase vou ir combinada com outro verbo, numa construção complexa. O teste divide-se em duas partes. Na primeira, o entrevistado deve avaliar frases como as citadas acima. Na segunda, apresenta-se a situação do ensino da expressão vou ir e questiona-se a atitude de ensino a ser tomada. Ao privilegiar futuros alunos de língua portuguesa pretende-se avaliar a barreira que o verbo IR enfrenta no seu processo de gramaticalização como auxiliar de futuro na perífrase.

ESTUDO VARIÁVEL NO RECIFE: A vocalização do /nh/
Gustavo da Silveira Amorim

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida entre os falantes recifenses, em atenção à disciplina Fonologia do Programa de Doutorado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, ministrada pelo professor Leo Wetzels da universidade de Amsterdã Holanda. Trata-se de um fenômeno variável comum a várias regiões do país, porém ainda não descrito na comunidade de fala do Recife: a iotização do /nh/. O português falado no Recife vem sendo estudado nos últimos anos, entretanto são poucas as publicações que abordam os aspectos fonológicos do falar recifense. Por considerar um fenômeno praticamente categórico na fala do recifense, nossa hipótese é que seu condicionamento é linguístico e não social. Nesse entendimento, selecionamos somente variáveis estruturais para investigar a motivação do fenômeno em estudo. As variantes escolhidas para a realização da pesquisa foram: contexto precedente, contexto seguinte, classe de palavras, grau de adjetivo. Para desenvolver este estudo descritivo de abordagem qualitativa, lançamos mão dos pressupostos teórico-metodológico da Sociolinguísticavariacionistalaboviana (1972), por entender que a Teoria da Variação é contundente em termos de mostrar que a variação pode ser sistematizada. Uma pesquisa como essa se justificativa por ser mais uma prova de que a variação linguística é uma característica inerente à língua. Ademais, presta-se como ferramenta metodológica ao do professor da Língua Portuguesa em sua prática de ensino e a todos quantos interessem o processo evolutivo da língua.

ÁREA TEMÁTICA 8: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

SESSÃO 1
ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E TEORIA DA MULTIMODALIDADE: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO VISUAL/CRÍTICO
Derli Machado de Oliveira (UFRN)
Orientador: Cleide Emilia Faye Pedrosa (UFRN)

Nas práticas sociais pós-modernas os cidadãos estão cada vez mais sendo expostos à leitura de textos que misturam escrita, layout, imagens, som e objetos 3D. É, portanto, nessa era visual, em que as imagens também produzem e reproduzem relações sociais, criam e reproduzem valores, crenças e ideologias (KRESS & VAN LEEUWEN, 2000), que os alunos convivem. Entretanto, apesar do uso intensivo da imagem fora do ambiente escolar, ainda é insuficiente a sistematização do uso dessas imagens para fins pedagógicos. Diante desse contexto, partindo do conceito de letramento como

prática social (KLEIMAN, 1995), o objetivo deste trabalho é apresentar, com base na Teoria da Multimodalidade (Kress& Van Leeuwen, [1996] 2006, 2001), que olha para além da linguagem verbal e examina os vários modos de comunicação e construção de significados, uma proposta de letramento visual/crítico de modo que os alunos aprendam a ler textos multimodais e adotem um posicionamento crítico ao lerem textos visuais. Sob a luz da Gramática do Design Visual (Kress& Van Leeuwen, [1996] 2006, 2001), este artigo apresenta a análise das imagens dos pôsteres de divulgação dos filmes de Harry Potter. Seguindo este modelo é possível analisar três modos de representação (metafunção) de um texto não-verbal: representacional; interativa e composicional. Buscaremos mostrar ainda, fundamentados na Análise Crítica do Discurso (ACD), que concebe o discurso como um momento das práticas sociais, aspectos relacionados à ideologia e o poder (Fairclough 2001, 2003, 2006).

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E ENSINO DE PORTUGUÊS: PROPOSTA PARA FORMAÇÃO DE LEITOR CRÍTICO NO ENSINO MÉDIO
Erica de Abreu Azevedo
Orientador : Raimundo Reberval Ferreira

Este trabalho propõe estabelecer uma relação entre discurso e língua, sob o ponto de vista da Análise Crítica do Discurso, com objetivo de servir como implicação para o ensino de português na escola, tendo em vista a formação do aluno como leitor crítico. A ideia é possibilitar um novo olhar sobre discurso, compreendido como lugar de contato entre o linguístico e o ideológico, numa perspectiva de aplicação a partir da discussão de alguns dos conceitos da corrente social desenvolvida por Fairclough (2003, 2008) e dos preceitos de Leal (2006). Para tanto, apresento uma proposta de trabalho com material advindo da mídia impressa como sugestão de aula voltada para alunos do Ensino Médio. A metodologia tem fundamento em Cavalcanti (1999), que oferece uma proposta pedagógica de trabalho com o jornal em sala de aula. A sugestão é propor uma leitura crítica da cobertura jornalística veiculada na revista **Veja**, que retrata a posse do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Com isso, pretende-se trabalhar com a língua discursivamente, de modo a fazer com que o aluno explore essa ferramenta no uso que se faz dela para significar. Ou seja, fazer o aluno perceber a língua como acontecimento discursivo. Acredita-se que isso é possível no estabelecimento de uma vivência em sala de aula integrada às diversas formas de comunicação, que interferem e estendem a realidade, fomentando tentativas constantes de desdobramentos dos sentidos. Dessa forma, oportuniza-se, com este trabalho, uma reflexão em torno da formação do leitor, sua interação com o mundo, a modernidade e suas variadas formas de exprimir e significar.

A POBREZA SEGUNDO O GOVERNO MOÇAMBICANO: A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA NO DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DA LEITURA
Rodrigo Slama Ribas (UFRN)

Este trabalho promove uma reflexão acerca da (re)produção do discurso sobre a pobreza pelo governo de Moçambique, como as possíveis influências que ele pode causar no leitor, declinando-o a determinadas crenças, além de propor uma melhoria da habilidade de leitura, de modo geral. Utilizo, para tanto, a Análise do Discurso Crítica, ADC, segundo os preceitos de Norman Fairclough (2006, 2008), Chouliaraki e Fairclough (1999), e Teun A. van Dijk (2008), como aparato teórico para abarcar as questões ligadas à apresentação do discurso sobre a pobreza no website do Instituto Nacional de Acção Social INAS, de Moçambique, que serve como fonte de propagação das ações do governo aos moçambicanos, à imprensa, ao mundo. O INAS cuida dos assuntos ligados ao apoio social, distribuição de renda, questões de trabalho, enfim... questões sociais do governo Moçambicano, no entanto, o combate à pobreza e a miséria recebe destaque, uma vez que, 177.921 de cidadãos que recebem subsídios de alimentos vivem em situação de pobreza absoluta, segundo o próprio INAS. Tomando estes postulados, é importante salientar que a Análise do Discurso Critica oferece a possibilidade de uma leitura profunda, crítica e reflexiva, e, tomando o corpus, o website do INAS, que traz os programas e as ações do governo Moçambicano, é possível promover o melhor desempenho da habilidade de leitura, percebendo como os elementos linguísticos são dispostos a fim de originar determinado entendimento, uma vez que facilita a percepção das ideologias inerentes ao texto, que influenciam a leitura e o leitor, que aquiesce ou não a determinadas ideias. Segundo a proposta aqui apresentada, a ADC promove, então, o melhor desenvolvimento da leitura, e, consequentemente, proporciona o maior entendimento das configurações específicas do discurso sobre a pobreza difundido pelo governo moçambicano. Este trabalho é um recorte de um trabalho maior que visa a análise dos discursos sobre a miséria dos governos do Brasil, Moçambique e Portugal.

COM A PALAVRA, O *OUTRO*: PERSPECTIVAS BAKHTINIANAS ACERCA DO DISCURSO CITADO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA
Rafaelle de Oliveira Vieira
João Batista Costa Gonçalves

A construção discursiva do sentido se dá no terreno da alteridade, do dialogismo e da polifonia, elementos constitutivos do discurso citado. Diante dessa realidade, o presente trabalho tem como principal objetivo apontar de que forma o discurso citado, principal representação da presença do outro no discurso, manifesta-se na interação e como sua presença no discurso auxilia no relacionamento entre as partes que o constituem. A análise baseia-se sobretudo na perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin &Volochinov (1995). Valer-nos-emos secundariamente, para enriquecer o debate, das contribuições teóricas de Maingueneau (1989) e Authier-Revuz (1982) a respeito do discurso relatado. Esta pesquisa busca também colaborar no projeto de pesquisa Para entender Mikhail Bakhtin: proposta para elaboração de um glossário da obra Marxismo e Filosofia da Linguagem, de M. Bakhtin/V. Volochínov? (GONCALVES, J. B. C., 2010), auxiliando para

a definição do verbete discurso citado. Através dessa análise, feita a partir de quadro tipológico sobre o discurso citado sugerido por Bahtin/Voloshinov (1995), pretendemos contribuir para a compreensão plurivocal das narrativas literárias e mostrar as diversas vozes que as compõem, narrativas que estão fundadas não apenas na repetição e no reconhecimento da palavra de outrem, mas em sua reelaboração pelo leitor por meio dos efeitos de sentidos produzidos por este recurso. Diante disso, buscamos colaborar através dessa pesquisa no processo de ensino-aprendizagem em ambiente escolar ao explorar o fenômeno do discurso citado e o seu papel fundamental na compreensão de textos, sobretudo no ensino de língua materna, com base em textos literários. Para isso, utilizaremos, como texto de análise, o conto Cantiga de Esponsais, obra do célebre escritor Machado de Assis.

O DISCURSO SOB A ÓTICA JORNALÍSTICA
Ana Cláudia Soares de Paiva

O discurso sob a ótica jornalística Ana Cláudia Soares de Paiva Faculdade Frassinetti do Recife - (FAFIRE) RESUMO: Esta pesquisa está sendo desenvolvida no curso de especialização, a qual está pautada nos estudos da Análise Crítica do Discurso (ACD), tomando como arcabouço de estudo as práticas discursivas jornalísticas televisivas, a fim de desvelar as tramas argumentativas que permeiam esse discurso ampliando sua dimensão e consumo entre os indivíduos. A partir de tal moção essa investigação está sendo desenvolvida com o propósito de validar a discussão sobre os elementos operantes de força argumentativa na prática discursiva jornalística, mediante uma triagem laboratorial, constituída de leituras teóricas, seleção de córpuras e análises discursivas. Com objetivo de evidenciar as nuanças argumentativas imbricadas nessa prática discursiva, as quais agem efetivamente na formação opinativa dos sujeitos. No curso desse estudo o corpus utilizado exemplifica e constata os primeiros resultados da falsa imparcialidade e veracidade absoluta que norteia essa formação discursiva (FD). Com o propósito de subsidiar a proposta aqui discutida remontam-se as perspectivas ideológica, argumentativa, midiática e discursiva embasadas pelos teóricos Althusser, Thompson, Fairclough, Foucault e Perelman, com o intuito de penetrar na opacidade, ou melhor, na trama do discurso jornalístico evidenciando as marcas de argumentação circunscritas no gênero e no suporte. Essa abordagem sobre os mecanismos argumentativos que atual e interferem na prática discursiva jornalística, objetiva romper com a passividade dos indivíduos diante dessa formação discursiva e contribuir no processo de uma formação de sujeitos críticos e conscientes dos fatos sociais, proporcionando assim, uma perceptiva dos usos da linguagem, sob uma base critica, capaz de perceber e romper com a força ideológica que permeia essa prática discursiva.

SESSÃO 2
A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NO CURRICULO LATTES: A INFLUÊNCIA DO GÊNERO NAS PRÁTICAS DE ENSINO
Cleide Emília Faye Pedrosa
Danielle Brito da Cunha

Este trabalho é fruto de uma pesquisa, cujo objetivo é o de desenvolver uma visão crítica sobre a prática discursiva e social de vender uma imagem no currículo lattessob a influência de uma cultura autopromocional e mercadológica, proporcionando mais uma contribuição para os estudos em análise do discurso, especificamente a Análise Crítica do Discurso (ACD). Nessa direção, aplicaremos esse evento social às práticas em sala de aula. Assim, nos interessa discutir de que forma práticas sociais, discursivas, e textuais se relacionam com estruturas econômicas, sociais e culturais. Ou mesmo debater como práticas discursivas se constituem ideologicamente e também têm condições de apontar essas mesmas ideologias. Inserida nesse contexto, a ACD defende que o exercício da voz no discurso é uma atividade política, considerando que o discurso é uma noção política. A ACD se constitui como disciplina-síntese, no sentido de que dialoga com outras teorias e junta perspectivas diferentes em relação ao estudo do discurso, investindo assim em uma metodologia mais abrangente (Magalhães, 2001) já que seleciona os caminhos metodológicos de acordo com o objeto a ser analisado. Assim, este projeto seguirá uma análise empírica, movimentando-se ente o linguístico e o social. Os dados serão analisados a partir de um corpus selecionado com base nos textos introdutórios do currículo lattes informados pelo autor. Selecionaremos uma amostra de textos introdutórios do currículo lattes dos pesquisadores da área de Linguística, Letras e Artes (código CNPQ 80000002) nos cursos Letras (80200001) com titulação de doutorado (e\ou Pós-doutorado) da UFRN. Na análise, percorreremos categorias que vão do linguístico ao social, porém com ênfase na prática social que tal representa. Esperamos que os resultados apontem para uma influência da cultura de mercado nos contextos acadêmicos em relação ao ethos do pesquisador brasileiro e que tal resultado possa contribuir para a reflexão do uso desse gênero em sala de aula.

ENTRE OS DISCURSOS POLÍTICOS E DISCRIMINATÓRIOS: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM HISTÓRICO-DISCURSIVA DE ANÁLISE (CRÍTICA) DO DISCURSO PARA O ENSINO LINGUÍSTICO CRÍTICO E EMANCIPATÓRIO
Herimatéia Ramos de Oliveira Pontes

A Análise Crítica do Discurso (ACD) tem uma tarefa dupla. De um lado, essa abordagem busca revelar a relação entre os meios linguísticos, as formas e as estruturas e a prática lingüística concreta. Por outro lado, a ACD intenta tornar clara ou trazer à consciência das pessoas a relação recíproca e dialética que há entre a ação ou prática discursiva e as estruturas institucionais e políticas (Wodaket al 2009:9). No paradigma teórico-metológico da ACD, destacamos a abordagem histórico-discursiva de análise do discurso (AHD), que busca promover a interface entre os discursos políticos e discriminatórios e as estruturas sociopolíticas ao explorar a função e a significação social específica das escolhas linguístico-discursivas que os usuários da língua fazem para representar discursivamente a realidade social, em especial, os eventos e os atores sociais

situados em práticas sociais específicas (cf. Wodaket al 1990, Reisigl e Wodak 2001 e 2008, Wodak 2001, de Cillia e Wodak 2006, dentre outros) Para analisarmos os princípios teóricos e metodológicos da AHD e suas principais contribuições para o ensino linguístico crítico e emancipatório, examinaremos o fenômeno da construção identitária, um dos principais desafios e problemas políticos enfrentados pelas sociedades democráticas contemporâneas em escala global, no discurso público sobre corrupção envolvendo os parlamentares brasileiros no caso de corrupção conhecido por mensalão (2005-2011). As amostras de discurso são constituídas por gêneros textuais diversos tais como notícias, entrevistas e discursos políticos que circularam desde a época do evento até a presente data. Observamos que um dos resultados dessa construção discursiva de identidades é a legitimação da elite de políticos que está no poder e a deslegitimação do povo e da ação ou instância cidadã.

IMPLICAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS DO USO PÚBLICO DA LINGUAGEM: POSICIONANDO-SE CRITICAMENTE EM TEXTOS JORNALÍSTICOS
Emanoel Pedro Martins Gomes
Orientador: Raimundo Ruberval Ferreira

Este trabalho tem como objetivo analisar as implicações sociais da relação entre informações veiculadas pelas instituições jornalísticas (midiáticas) e a formação da opinião pública, percebendo a mobilização de recursos linguísticos para a construção particular de sentidos, com vistas a uma reflexão crítica, na sala de aula de ensino médio, sobre as consequências éticas, sociais e políticas geradas pelas escolhas linguísticas feitas no e para o uso público da linguagem, no que concerne ao ensino de língua portuguesa. Fazendo uso de um corpus de textos de uma das principais instâncias midiáticas e enunciativas do país, a revista Veja, semanário publicado pela editora Abril, este trabalho investiga um conjunto de textos relacionados ao evento político brasileiro específico, chamado pela mídia de Escândalo do mensalão,que ocorreu durante o primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e que teve várias consequências para seu governo, como alguns analistas políticos disseram. Discutindo inicialmente acerca dos modos de produção, distribuição e consumo dos gêneros jornalísticos, e da concepção geral dos gêneros jornalísticos (reportagem e editorial) como modo de (inter)ação verbal, que, por se realizar numa prática social, estabelece relações interpessoais, mobilizando, para isso, certas identidades (sujeitos) sociais; que se orienta por uma finalidade específica; e que pode gerar outras atividades além da comunicativa, refletir-se-á, depois, sobre recursos linguísticos que são utilizados para a construção particular de sentidos e que revelam os valores implícitos e as opiniões dos produtores dos textos, para, em seguida, se fazer uma reflexão acerca do posicionamento crítico diante dos textos e das implicações éticas, sociais e políticas, decorrentes da maneira de se usar a linguagem. A análise baseia-se principalmente no referencial teórico-metodológico da Teoria Social do Discurso, vertente da Análise do Discurso Crítica desenvolvida por Norman Fairclough (2003), que vê a linguagem como parte irredutível da vida social e interconectada a outros elementos sociais.

GÊNERO E LINGUAGEM NA BÍBLIA: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO E DO MASCULINO NA TRADUÇÃO DO NOVO TESTAMENTO
Helivete Ribeiro Bezerra (UPE)
Orientador: Dirce Jaeger

A construção das diferenças sociais entre os gêneros feminino e masculino tem como lócus privilegiado a linguagem verbal. No discurso, o preconceito social quase não é percebido, apesar de existir a muitos séculos nas sociedades patriarcais, sendo repassado de geração a geração através de uma escrita sexista em que a mulher é vista como o sexo frágil e sem um lugar social legitimado pela linguagem. Considerando a importância da literatura religiosa, em especial a Bíblia, percebe-se que é importante analisar como as questões relativas ao gênero estão retratadas nessa literatura. A pesquisa busca analisar a questão sob o enfoque teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD) em diálogo com os estudos feministas desenvolvidos na teologia e noutras áreas das ciências humanas e sociais. Para fins de realização da análise, a consideração das categorias mulher e homem presentes no referido texto possibilitarão apreender expressões textuais que indiquem equidade ou desigualdade de gênero no contexto da passagem estudada. O texto objeto de estudo é constituído pela epístola paulina (parte de um conjunto de 13 cartas atribuídas ao apóstolo Paulo), tidas como elemento central e importante da doutrina cristã no Novo Testamento (segunda parte da Bíblia). Neste trabalho, especificamente, analisamos o texto bíblico de 1 Timóteo 2:9-15, comumente classificado pela literatura feminista como "machista" ou "patriarcal". A passagem sob análise é considerada comparativamente em 10 traduções diferentes da Bíblia, de procedência católica, protestante e/ou ecumênica. A análise do texto, que traz relato em que mulheres são retratadas de forma inferior aos homens, levará à identificação dos androcentrismos existentes, os quais serão discutidos à luz da metodologia da teologia feminista, que prevê o desenvolvimento de métodos de resistência para "desconstruir, desmascarar e rejeitar a política kyriocêntrica do texto canônico" (FIORENZA, 2009, p.173). O estudo comparativo das traduções se fará ainda com base no original em grego, língua em que foram escritos os documentos do Novo Testamento.

A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE INTERESSE DO MUNDO REIFICADO
Bruno Camilo de Oliveira

Analisamos o problema da educação tradicional que vai muito além da transmissão de conhecimento e da formação técnica para o mercado de trabalho. A contemporaneidade busca impor à globalização a lógica de mercado e o neoliberalismo como naturais e eternos ao sistema educacional, esquecendo de financiar o pensamento crítico nos alunos. A escola passa a ser uma empresa e a educação um produto de mercado, sujeita a todas as leis que os produtos de mer-

cado carregam, perdendo assim sua perspectiva humana e mais integral. Ao contrário, a educação deve questionar suas próprias bases, incitando-se a pensar a sociedade na qual está inserida, em sua dupla condição de produto e produtora da mesma, ou seja, aliar-se a filosofia. A educação deve primar pelo pensamento crítico e pela a formação de caráter do cidadão para que ele possa ser autônomo e virtuoso.

ÁREA TEMÁTICA 9: ANÁLISE DO DISCURSO E ENSINO

SESSÃO 1

UM RETRATO DA MACROESTRUTURA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS DA SCIELO BRASIL E O ENSINO DA ESCRITA CIENTÍFICA

Rodrigo Moura Lima de Aragão (FFLCH-USP/FAPESP)

É comum que livros destinados ao ensino da escrita científica abordem os artigos científicos de modo circunscrito ao modelo Introdução-Métodos-Resultados-Discussão (IMRD) – como em Swales e Feak (2004). A observação de disciplinas e cursos sobre a redação de artigos científicos conduz à constatação de que o seu tratamento limita-se também ao IMRD. Embora a presença desse padrão em normas e manuais de associações e comitês internacionais e em instruções aos autores de periódicos possa justificar tal restrição, parece imprescindível não perder de vista a estrutura geral de artigos científicos reais (publicados), a fim de não fundamentar o ensino da escrita científica em quadros caricatos. Este trabalho desenvolveu-se nessa direção. Por meio da análise da macroestrutura de 7.716 artigos científicos publicados em revistas da SciELO Brasil, teve-se como principal objetivo verificar em que medida as seções que constitutem esses textos correspondem aos modelos indicados pelos periódicos em suas instruções. Como resultado, compôs-se um retrato da correspondência dos exemplares do *corpus* quanto aos modelos IMRD e IDC (Introdução-Desenvolvimento-Conclusão) em diferentes áreas: nas Ciências Agrárias, a correspondência integral entre texto e modelo (IMRD) é numericamente robusta, e isso é comum às diferentes publicações da área; nas Ciências Biológicas e Ciências da Saúde, a correspondência integral entre texto e modelo (IMRD) também é elevada, entretanto, essas áreas comportam ainda revistas cujos textos equivalem, em sua maioria, apenas parcialmente ao modelo; nas Ciências Exatas e da Terra, a correspondência integral entre texto e modelo (IMRD) é maior que a parcial, porém, essa diferença é sutil se comparada com as das demais áreas; finalmente, nas Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, a distância entre os textos analisados e os modelos indicados pelas publicações (IMRD e IDC) é mais evidente. Esse retrato expõe a fragilidade da circunscrição ao IMRD em livros, disciplinas e cursos que tenham como propósito levar o leitor/aprendiz à produção bem-sucedida de artigos científicos. Mais que isso, incita a rever o tratamento dado a essa produção no ensino da escrita científica.

HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA: O GERENCIAMENTO DE VOZES NA ESCRITA ACADÊMICA

Luana Danielle do Nascimento Silva de Medeiros (IC - REUNI/UFRN/GETED)
Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN/GETED)

O presente trabalho busca analisar como o gerenciamento de vozes na escrita acadêmica norteia as questões sobre a demarcação do discurso do "outro", através de marcas linguísticas na instância da Heterogeneidade Enunciativa, considerando o processo de apropriação de conceitos de área. Para tanto, partimos dos pressupostos teóricos da Heterogeneidade Enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 1990), dos Mecanismos Enunciativos (BRONCKART, 1999) e da Responsabilidade Enunciativa (ADAM, 2008). Nossos objetivos são: (i) analisar o gerenciamento de vozes na escrita acadêmica; (ii) descrever a recorrência ao discurso do "outro"como instância apelativa da responsabilidade enunciativa; e (iii) investigar como o aluno vai se apropriando dos conceitos de área na escrita do texto acadêmico no início e fim da graduação. O *corpus* investigado são textos produzidos na disciplina de Leitura e Produção de Textos I, ministrada no início da graduação, e relatórios de conclusão de curso, produzidos na disciplina Estágio Supervisionado de Formação de Professores IV ambas do semestre 2009.2. Os textos sistematizados para a pesquisa receberão as categorias de I1, I2 e I3 para alunos iniciantes e C1, C2 e C3 para alunos concluintes. Os resultados parciais apontam que os alunos, de um modo geral, introduzem em seu texto diversas citações de autores, demarcando a Heterogeneidade Enunciativa, na tentativa de fortalecer o seu discurso com a teoria do "outro". O gerenciamento de vozes na escrita dos alunos se apresenta unicamente em torno das vozes do personagem e das vozes sociais, ausentando-se desse contexto a voz do autor empírico. Nossa hipótese é a de que o aluno utiliza necessariamente as vozes do outro como um método para responsabilizar totalmente o "outro" pelo dizer, ou de tomar para si o dizer do "outro" esquivando-se da responsabilidade enunciativa graças ao respaldo teórico. Essa prática nos leva a questionar o processo de apropriação do conhecimento nesse tipo de escrita. Baseando-se nessas considerações, pode-se concluir que a produção escrita, tal qual vem sendo praticada na graduação, precisa ser reavaliada.

YOUTUBE: INTERAÇÕES E SABERES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

Marlyton da Silva Pereira (UFRN)
Profa. Dra. Maria Hozanete Alves e Lima (UFRN)

Esse trabalho tem por objetivo analisar a interação entre internautas participantes do site Youtube, quando diante dos gêneros comentário e comentário-resposta, a respeito da recente querela sobre o tratamento dado à variação e ao preconceito linguístico no livro didático "Por uma vida melhor", da coleção "Viver e aprender", aprovado pelo Ministério da

Educação e Cultura. Esses temas tornam-se ainda mais polêmicos para os participantes da página por envolver as ideias de (in)adequação, ao invés de "acerto" ou "erro", quanto ao uso da língua em seus variados contextos. Buscamos fundamentar a investigação na concepção de língua como atividade sócio-histórica e interacional (BAKHTIN, 1997), e nas categorias de análise sobre as modalizações autonímicas, por meio das quais os sujeitos se identificam com os sentidos (AUTHIER-REVUZ, 1998). O corpus construído tem por fonte páginas do Youtube nas quais são retransmitidas notícias de programas jornalísticos de emissoras de TV tanto de canais abertos quanto fechados. Tais programas convidam vozes de autoridades reconhecidas social e/ ou academicamente como discurso de autoridade, o que acende ainda mais as discussões entre os internautas. Diante da quantidade de vídeos que se apresentam nas páginas do referido site a respeito do tema, selecionamos, para esse trabalho, a notícia veiculada pelo Jornal Nacional (Globo). A partir das análises desenvolvidas até o momento por responderem à demanda de escrita de uma dissertação, a pesquisa ainda está em andamento, foi possível percebermos que, além do fator linguístico e educacional evocados pela temática discutida pelos interactantes, há discussões que abrangem fatores estritamente políticos.

PARÁFRASE DE REFORMULAÇÃO E HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA NA ESCRITA ACADÊMICA
Thayse Santos Arimatéia (UFRN)
Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

O objetivo do presente trabalho é mostrar os procedimentos de paráfrase encontrados nos textos produzidos pelos graduandos, verificando se nos textos analisados os alunos vão além do uso da paráfrase como repetição do discurso do "outro" e fazer uma associação da ideia de paráfrase de reformulação estabelecida por Fuchs (1985) e Pêcheux (1997) à concepção de heterogeneidade constitutiva defendida por Authier-Revuz (2004). O corpus investigado é constituído por textos produzidos por alunos na disciplina de Leitura e Produção de Textos I e relatórios de final de curso produzidos na disciplina Estágio Supervisionado de Formação de Professores IV do semestre 2009/2 de uma dada instituição pública. A pesquisa aponta que o uso da paráfrase no meio acadêmico é feito a partir de repetições de um texto fonte, ou seja, os graduandos não se apropriam de uma ideia, eles incorporam o discurso do outro e o usam como seu. Mesmo entendendo que a paráfrase é um recurso utilizado para a elaboração de um texto, não é justificável que ocorra uma acomodação trazida pela banalização do ato de parafrasear, o de sempre retomar o texto do "outro" como forma única de produzir/ reproduzir. Ou seja, sabe-se que para elaborar um texto é preciso se basear em alguma ideia já produzida, a e isto é totalmente aceitável. Contudo, manter-se girando em torno do que foi dito faz com que o aluno permaneça no plano do que já foi produzido/reproduzido, ou seja, uma escrita com base somente na paráfrase como reprodução.

OS VÁRIOS ACENTOS IDEOLÓGICOS DA PALAVRA-DISCURSO EDUCAÇÃO/ENSINO EM ALGUMAS MATÉRIAS DA REVISTA NOVA ESCOLA
Elisiany Leite Lopes de Souza
João Batista Costa Gonçalves

O trabalho pretende discutir os vários acentos ideológicos produzidos pela palavra educação/ensino nas matérias Os 15 mitos da educação e Investimento no ensino ainda é insuficiente produzidas pela Revista Nova Escola, a partir dos conceitos de tema e significação, acento e ideologia propostos por Bakhtin/Volochínov (2010) em Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL). Através das matérias, percebem-se os 15 mitos da educação e com as explicações de especialistas entende-se por que cada um deles não se sustenta e os motivos pelos quais é necessário derrubá-los. Essa reflexão pode contribuir para eliminar as falsas barreiras na prática de ensinar e, assim oferece um ensino diferente e, possivelmente, mais comprometido com o social. No universo da Educação, os mitos são recorrentes e conceitos equivocados e sem comprovação científica são difundidos e reforçados para justificar algumas práticas inadequadas dentro e fora da sala de aula. Por causa de alguns desses fatores, percebemos a necessidade de desvendar essas questões e tentar mostrar algumas reflexões acerca deste tema tão rico e significativo. Para argumentar e contra-argumentar a análise deste trabalho, utilizamos diversos autores, como Fabrício (2006), Clark (1998), Freire (1999), Ponzio (2008), dentre outros, irão dialogar com Bakhtin/Volochínov e outros autores de seu Círculo. A partir disso, objetivamos, portanto, mostrar como esses conceitos podem nos ajudar na compreensão de como se dá a construção dos sentidos ideológicos no discurso da revista, observando como a palavra/signo educação/ensino, carregada de posicionamentos ideológicos dos sujeitos produtores dos artigos e matérias publicadas pela revista, gera diferentes efeitos de sentido.

SESSÃO 2
A IMAGEM DO PROFESSOR DE LÍNGUA MATERNA SOB A ÓTICA DE ESTUDANTES DE LETRAS: UM ESTUDO DE CASO
Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto Barros(UFS)

O trabalho em questão consiste em uma abordagem parcial do projeto (PIBIC/ CNPq/ COPES), de igual título. À luz de reflexões sobre o ensino de língua e o consequente papel do professor de Língua Portuguesa em relação ao seu objeto de estudo e de ensino, trazem-se à baila as construções de imagem que os estudantes de Letras (os recém-ingressos), enquanto sujeitos do processo de educação, fazem do professor de Língua Portuguesa e do seu objeto de estudo (a Língua Portuguesa). A partir de uma pesquisa semi-estruturada (no âmbito do Departamento de Letras da UFS / Campus Professor Alberto Carvalho – DLI), observa-se a construção de imagens elaborada por esses estudantes, na tentativa de responder a alguns questionamentos, quais sejam: quais imagens que os estudantes de Letras fazem do professor de língua materna? Como se percebem enquanto futuros professores de Língua Portuguesa? Qual a relação entre tais imagens e a maneira a que foram

expostos à língua? Tais questões norteiam uma investigação sobre a tão propalada crise de ensino de Língua Portuguesa e a sua relação com a identidade do futuro profissional em questão. Destarte, essa pesquisa se insere na Análise do Discurso de linha francesa, na Teoria da Argumentação. Nessa perspectiva, conta-se com a contribuição dos conceitos da Análise do Discurso (AD), com um olhar em direção a sua especificidade: a discursivização (o estudo das relações entre as condições de produção dos discursos e seus processos de constituição). E, por se considerar Foucault precursor dessa ciência, trabalha-se com os seus postulados teóricos, no que diz respeito às relações de poder institucionalmente determinadas. Além desses conceitos, trazem-se à tona os postulados teóricos de Maingueneau (2006), acerca da cena enunciativa: e, mais especificamente, do ethos discursivo. Configura-se, portanto, como uma pesquisa qualitativa.

O *TWITTER* E AS MANIFESTAÇÕES IDENTITÁRIAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: A REALIDADE VIRTUAL SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DIALÓGICA DO CÍRCULO DE BAKHTIN
Alan Eugênio Dantas Freire

A multiplicidade dos signos presente na concepção dialógico-discursiva da interação por Bakhtin (1981) permite-nos compreender a comunicação como um processo interativo e a linguagem como interação social. A pesquisa em xeque busca analisar as manifestações identitárias de alunos do Ensino Médio do Educandário Nossa Senhora das Vitórias (Assú/RN) no ambiente de linguagem propiciado pelo Twitter, objetivando construir reflexões acerca da realidade virtual enquanto possibilidade autêntica de intervenções em sala de aula, no ensino de Língua Portuguesa. De maneira irrecusável e natural, o sujeito, quando se dispõe à comunicação, deixa em seu texto fortes insígnias de suas relações e experiências sociais, além de conjeturas que analisam o receptor e seu modo de recebimento da comunicação (principalmente quanto ao que este gostaria de ler encontrar naqueles signos), tendo em vista o seu contexto social. Preocupada com a abordagem social e o uso multidisciplinar da linguagem, a Análise Dialógica do Discurso aparece como um método eficaz no exame das relações sociais, manifestações de identidade e relações de poder constituídas no mundo contemporâneo. (MEURER, 2005). Tais abordagens não são alheias ao contexto criado pela Internet, que surge como forte expressão da interação verbal, exercendo influências inegáveis no cotidiano dos seres humanos, em uma perspectiva global. A compreensão da interação verbal pelo discurso é motivada pela decorrência de sentidos do encadeamento verbal, pela situação comunicativa, pelas condições de produção, pelo contexto histórico-social e, de maneira muito especial, pelos atestados sociais cumpridos pelos interlocutores, proporcionando à internet a valorização de um perfil especial, dadas as formas do seu interacionismo. Dessa forma, percebemos que os gêneros veiculados nos espaços das realidades virtuais e redes sociais como o Twitter não poderiam ser construídos aleatoriamente, sem conexão ou referência com o todo social. Nesse recente ambiente de linguagem e interação, estão imbuídos novos jeitos de pensar, agir e comunicar-se, onde se acumulam formas de visão e compreensão de determinados aspectos do mundo. (BAKHTIN, 1981).

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: (RE)VISITANDO A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOCENTE
Hilaíne de Lima Cunha (UFT)

Este trabalho consiste nas reflexões iniciais de uma pesquisa em andamento, de caráter interdisciplinar, reunindo a Análise do Discurso francesa (AD) e a História Oral. Toma como objeto de análise relatos orais autobiográficos produzidos por duas professoras de língua portuguesa do Tocantins que se encontram em fase de conclusão de sua trajetória profissional. São aqui analisadas histórias de vida e de formação profissional destas docentes, considerando fundamentalmente histórias sobre sua formação inicial para o trabalho e suas percepções sobre os programas de formação continuada ao longo de décadas de exercício da docência. A metodologia adotada baseia-se na investigação autobiográfica do tipo história de vida, que se situa na perspectiva da modalidade de pesquisa qualitativa. Partimos do pressuposto de que há especificidades que caracterizam as trajetórias de formação de docentes no Norte do país, ao mesmo tempo em que estes sujeitos compartilham experiências coletivas, situados numa história coletiva e plural. Há imagens historicamente produzidas e socialmente partilhadas que definem o que é ser docente, exercendo desse modo coerções sobre o sujeito professor. Estas vão desde aquelas que se inscrevem numa perspectiva idealista de que o docente tudo pode à revelia das condições contextuais, bastando para tal estar modalizado pelo querer, ao extremo oposto que se vale do descredenciamento e desqualificação do professor, construído discursivamente como o que nada sabe, nada pode. Do mesmo modo, há programas institucionais, diretrizes nacionais e projetos diversos que determinam o que este deve ou não fazer, todos produzindo, a seu modo, assujeitamento e silenciamento do professor. Desse modo, nossa pesquisa, ainda em fase inicial, pretende dar voz a esse sujeito da educação, visando a pensar de que lugar fala, que discursos atravessam seu dizer, que crenças toma para si, que sentidos dá à sua experiência profissional.

QUESTÕES AMBIENTAIS ATUAIS EM DISCURSOS DE LICENCIANDOS: ANÁLISES DE RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIAS, TECNOLOGIAS E SOCIEDADE NA PERSPECTIVA DISCURSIVA
PatriciaMontanari Giraldi

Questões ambientais têm integrado discursos que circulam em diferentes espaços sociais. Termos e conceitos provenientes das ciências da natureza marcam presença constante na mídia, seja em programas educativos ou propagandas mercadológicas. Assim, sustentabilidade, ecológico, ambiente, natureza, são alguns dos termos que apresentam cada vez mais um caráter polissêmico, ou seja, suscitam diferentes interpretações. Esse efeito contribui

para a produção de diferentes gestos interpretativos, muitas vezes, distantes daqueles desejados pelas ciências biológicas e/ou por perspectivas educativas críticas, como aquela proveniente da perspectiva CTS. Além disso, muitas vezes, os discursos acerca das questões ambientais por não aprofundarem as reflexões sobre as relações entre ciência, tecnologia e sociedade (CTS), deixam de tocar em aspectos relevantes no que se refere à produção de visões menos ingênuas acerca de tais questões (CASSIANI e LINSINGEN, 2009). Compreendo, juntamente com Pêcheux (1990) e Orlandi (1996), que sujeitos e sentidos constituem-se mutuamente nas relações discursivas. É pelo/no discurso que os sujeitos constroem suas compreensões e, ao mesmo tempo em que significam o mundo, significam-se. Tais significações (de si e do mundo) irão guiar suas práticas. A partir do problema esboçado, o presente texto objetiva compreender de que modo relações CTS estão ou não presentes nos discursos de licenciandos acerca de questões ambientais, pensando as consequências dessa presença ou desse silêncio para futuras práticas pedagógicas. Do ponto de vista metodológico as análises realizadas são pautadas na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, referencial teórico que tem guiado minhas pesquisas acadêmicas (GIRALDI, 2010; CASSIANI, Von LINSINGEN E GIRALDI, 2011). O corpus analítico é composto por produções escritas de estudantes, de modo particular aquelas que contemplam discussões relativas a questões ambientais. Entre os resultados destacamos o caráter polissêmico dos sentidos atribuídos pelos estudantes a expressões como sustentabilidade e educação ambiental, atravessados por diversos interdiscursos. Além disso, destacam-se silêncios com relação ás discussões envolvendo implicações sociais das ciências e tecnologias.

O SUJEITO NO INTERVALO: ENTRE A MEMÓRIA E A ESPERA
Geovana Dias Lima
Luiza Helena Oliveira da Silva

O presente trabalho está inserido no campo de investigações acerca do ensino e formação do professor e traz resultados iniciais de pesquisa em andamento referente à dissertação de mestrado. Segundo nosso projeto de dissertação, objetivamos investigar e analisar os discursos dos professores em formação inicial de um curso de Letras da UFT (Universidade Federal do Tocantins), Campus de Araguaína, observando como esses sujeitos, como enunciadores, significam a si próprios dentro dos seus relatórios de estágio supervisionado, assim como aí significam suas memórias sobre a profissão e a espera que ocorre tanto em relação a realidade do que seja ser professor, quanto a sua própria espera em poder vivenciar a experiência docente no período de estágio supervisionado. Nossa metodologia de pesquisa é de caráter qualitativo-interpretativista, que nos possibilitará considerar as relações internas entre os elementos que compõem nosso objeto de estudo, no sentido de levar em conta o contexto no qual está inserido, a simultaneidade e as interações mútuas entre os elementos analisados. Mais precisamente, a pesquisa situa-se no campo da análise documental, tendo como corpus os relatórios de estágio produzidos pelos estagiários no momento final de formação do ano 2008. Esses relatórios são utilizados como subsídio de avaliação para a disciplina de Estágio Supervisionado, disciplina essa obrigatória para a formação em cursos de licenciatura. Especialmente, para este trabalho, procuramos destacar nesses relatórios os percursos individuais de produção, contidos nos relatos reflexivos feitos pelos docentes em formação, buscando identificar as histórias de vida presentes neles, as razões das escolhas da profissão docente, e em especial observar como esses sujeitos, enquanto professores em formação, se constituem como sujeitos de estado e sujeitos da memória. Para análise dos dados, estaremos subsidiados pelas teorias que investigam o discurso, a Semiótica Discursiva e a Análise do Discurso, e as que trazem reflexões sobre a História Oral, mas precisamente as que tratam da subjetividade e ainda daquelas que tratam da formação docente mais especificamente. Desse modo, nosso trabalho apresenta as reflexões iniciais de uma pesquisa em andamento, que visa, sobretudo, a contribuir como reflexão sobre os processos que envolvem a formação de professores.

PARA ONDE APONTE O DISCURSO DE DESMOTIVAÇÃO ESCOLAR DOS JOVENS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE DEPOIMENTOS
Neandra Soares Silva

É notório que muitas coisas mudaram na sociedade vigente, inclusive o discurso dos alunos em relação ao processo de estudar. Por isso, é necessário que sejam detectadas as causas dessas mudanças e o porquê de muitos alunos se encontrarem tão desmotivados em relação à aprendizagem e sua escola. Logo, não cabe mais aos educadores e profissionais da educação rotular os alunos de ?desinteressados?, ?que não querem nada com a vida?, ?indisciplinados?, ?que a culpa é da família?, dentre outros. Esses discursos estão desatualizados e sem fundamentos. Assim, é necessário observar as novas demandas da sociedade para então iniciar um trabalho de forma efetiva. Nesse contexto, e dentro das possibilidades que apresenta a minha função de coordenadora pedagógica, analiso e reflito sobre o discurso de desmotivação dos alunos do 6º ao 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Tobias Medeiros, em Poço das Trincheiras/AL, dentro de um estudo (ainda) ?projetado?, que tem como corpus os depoimentos de alguns alunos, tais como, ?não têm futuro?, ?não tem pra que estudar?, ?quando completar 18 anos não passo nem na frente de uma escola?, ?odeio estudar e só estou na escola porque meus pais obrigam?, ?não preciso estudar para ganhar dinheiro, isso se faz trabalhando?, ?não vou chegar nunca a uma universidade?, e de seus respectivos pais em relação à baixa autoestima. Nesses discursos existem diferentes formações discursivas que necessitam ser analisadas. Este estudo se utiliza da metodologia introduzida pela AD Francesa, que tem como ideia central a investigação discursiva que visa salientar o processo de formação histórica do sujeito e seus elementos constitutivos. Nesse aspecto de historicidade, a análise do discurso compreende que o sujeito discursivo não pode ser visto como uma pessoa que tem uma excelência individualizada (Pêcheux, 1993; Orlandi, 2003 e Brandão, 2004).

SESSÃO 3
GÊNERO *RESENHA*: A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DO AUTOR EM TEXTOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS
Lafity dos Santos-Silva (UEMA/IDB)

O presente trabalho tem como objetivo principal mostrar como se dá a construção da figura do autor em sua relação com a obra no gênero resenha acadêmica e resenha literária. Para tanto, analisou-se amostras de resenhas de duas revistas de publicação acadêmica, ReVEL e Linguagem em (Dis)curso, e amostras de resenhas de obras do campo literário publicadas na folha uol. Quanto ao embasamento teórico, utilizou-se teorias que abordam a temática "autor", sobretudo as de Foucault (1969), Chartier (1998), Alves Filho (2005), e Maingueneau (2008). Tais teorias foram cruciais para a elaboração desse trabalho, porque elas possibilitaram entender como ao longo do tempo a função autor vem sendo concebida. A análise das resenhas mostrou-se importante por denotar a complexidade pela qual o autor perpassa. Foi possível constatar que em resenhas acadêmicas o interesse está centrado na avaliação da obra, tornando-se o autor um tópico secundário. Já nas resenhas literárias, o nome do autor está interligado a um conjunto de obras. Ele não é tratado como autor de um único romance ou obra, sendo sua autoridade decorrente de uma coletânea de textos escritos e reconhecidos ao longo do tempo. Ademais, pode-se dizer que a construção da figura do autor em resenhas pode não funcionar da mesma forma, sobretudo, quando se leva em consideração campos de conhecimentos diferentes como a Linguística e a Literatura. Por isso, tentar encontrar uma definição única para o termo autor parece ser inviável.

GERENCIAMENTO DE VOZES NA ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVA DO GÊNERO ACADÊMICO
Elza Maria Silva de Araújo Alves (UFRN)
Orientadora: Sulemi Fabiano Campos (UFRN/CELE/GETED)

Esta pesquisa é fruto das investigações realizadas no Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso - GETED do Departamento de Letras da UFRN. A questão que norteia este trabalho é: como um pesquisador em formação organiza sua argumentação a partir da utilização de uma teoria para se inserir em uma área do conhecimento? Nossa hipótese é a de que, ao confrontar textos produzidos por diferentes pesquisadores, podemos verificar uma diferença entre a organização das sequências argumentativas e a utilização do gerenciamento das vozes enunciativas. A relevância desta pesquisa se assenta no fato de que os casos tomados como objeto de análise servem como amostra dos muitos percalços pelos quais um pesquisador em formação passa para organizar uma argumentação e atrelar ao gerenciamento das vozes enunciativas ao servir-se da teoria mobilizada em suas pesquisas para fundamentar suas análises. Temos como objetivos: i) analisar o gerenciamento das vozes enunciativas propostas por Bronckart (1999) e verificar se há alguma relação entre o gerenciamento dessas vozes e a organização das sequências argumentativas proposta por Adam (2008); ii) verificar como o pesquisador organiza sua argumentação na utilização dos conceitos de área e iii) analisar como um pesquisador em formação dá a ver, em sua escrita, os diferentes modos de organizar uma sequência argumentativa e como ele se posiciona na área na qual pretende se inserir. Os dados analisados foram selecionados a partir de um levantamento de dissertações e teses produzidas em diferentes programas de Pós-Graduação do Brasil, referentes aos anos de 2000 a 2010, disponíveis no portal Domínio Público - CAPES. Adotamos o seguinte critério para a escolha dos trabalhos de pesquisa: ser da área de linguística e tratar sobre o conceito de variação e mudança linguística.

A VOZ DO AUTOR EMPÍRICO NA PRODUÇÃO ESCRITA ACADÊMICA
Maria Aparecida da Silva Miranda (UFRN)
Orientador: Sulemi Fabiano Campos (UFRN/CELE/GETED)

O presente trabalho busca investigar como a voz do autor empírico se apresenta na escrita acadêmica ao fazer a remissão a outras fontes teóricas para fundamentar o seu discurso. A pesquisa é fruto dos estudos desenvolvidos no interior do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso - GETED - Departamento de Letras da UFRN, tem como norte as pesquisas realizadas por (FABIANO 2011; 2004). Temos como objetivos verificar as marcas de incorporação do discurso do outro, a saber como a voz do autor empírico se apresenta ao assumir a responsabilidade pelo dizer na escrita acadêmica e observar os mecanismos enunciativos utilizados pelo autor empírico do texto ao referir-se a conceitos de área explicitando, ou não, o discurso citado. O corpus investigado corresponde a duas dissertações de mestrado da área de linguística, defendidas em 2004 e 2009, selecionadas aleatoriamente do portal CAPES. Os excertos selecionados para análise serão categorizados em (M-1) para os mestrandos 2004 e (M-2) para mestrandos 2009. Para isso, recorremos aos conceitos da "quase"responsabilidade enunciativa ou "quase-RE" de Rabatel (2009); a heterogeneidade discursiva de Authier-Revuz (2004); os mecanismos enunciativos de Bronckart (1999) e trabalho de escrita de Riolfi (2004). Os resultados parciais apontam que os alunos em formação acadêmica (mestrandos) embora façam uso correto a remissão a outras fontes teóricas para fundamentar o seu discurso, transferem a responsabilidade do dizer, ou do que vem a ser enunciado no discurso, a outras instâncias enunciativas ou a outras "vozes" que circulam no texto

FALAR? EU JÁ FALO!
Cristina Maria de Oliveira (FACOS/CNEC-RS)
Christiane Jaroski Barbosa (FACOS/CNEC-RS)

A fala, com suas variações e marcas de identidade e, em especial, como constituinte de gêneros textuais concretizados na oralidade, tornou-se importante objeto de estudo para potencializar a formação dos acadêmicos no decorrer do processo forma-

tivo nas aulas do curso de graduação, em Grupo de Estudo/GE e, também, como subprojeto PIBID do curso de Letras no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. O espaço de valorização da fala como resgate da autoestima e como procedimento para a construção da competência discursiva articula falas a enfoques teóricos sobre gêneros textuais e análises do discurso, construindo uma abordagem questionadora para a aprendizagem da língua oral: por que o discurso oral organiza e move o espaço social? Que discurso é esse? Pensando nessas questões de interatividade discursiva, acadêmicos do curso de Letras desenvolvem projetos interdisciplinares na instituição, estudos de iniciação científica e oficinas com alunos da educação básica em escolas da rede municipal e estadual. Assim, todos são desafiados a conhecerem, a desenvolverem habilidades e construírem competências para interagirem oralmente, em situações diversas, discutindo e querendo compreender causas que interferem na falta de proposta das escolas para o desenvolvimento e adequação de falares. No GE, os estudos contemplam a análise do domínio discursivo escolar e estão apoiados em teorias e pesquisas de BAKHTIN/VOLOCHINOV (1992/outros), BRONCKART, J-P.(2005, 2008); SCHNEUWLY, B (2003), DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. (2004), MARCUSCHI (2008, 2010), VAN DIJK, A.T (2010), GERALDI (2010, 2011).

A COESÃO LEXICAL EM DIFERENTES GÊNEROS DO DISCURSO
Thaisa Raphaela de Freitas Revorêdo (UFRN)
Orientador: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

O presente artigo visa apresentar a análise da coesão lexical, posto que esse seja um dos propósitos da Linguística Textual, apresentando a recorrente repetição em textos de alunos do ensino médio, tendo em vista uma possível produção de um todo discursivo. Para realizar a análise, apoiamo-nos nas contribuições e obras de Koch (2009), Travaglia e Koch (2011), Possenti (1993). A retomada anafórica será o objetivo a ser alcançado em três tipos de gêneros textuais; gênero escola, literário e panfletos. Os gêneros dos discursos serão apresentados de forma breve, visto que a ênfase será na coesão lexical. A necessidade de trabalhar os mecanismos coesivos lexicais é demonstrar como isso acontece em diferentes gêneros textuais. Assim, obtivemos como resultados, a dificuldade desses alunos em usar os recursos coesivos na produção textual, se apropriando apenas do mecanismo da repetição para fazer o texto progredir, ou seja, a mesma palavra foi usada inúmeras vezes e o uso do conector oracional foi extinto.

SESSÃO 4
SOBRE CONTOS MARAVILHOSOS
Lucineia Contiero (DEPED/UFRN)

Esta comunicação contempla, em aspectos essenciais, uma abordagem sobre a importância dos contos maravilhosos como conteúdo não só pedagógico, mas de formação humana integral. Buscando a confrontação do leitor/ouvinte com os predicamentos humanos básicos, discuto o maravilhoso numa leitura que contemple algumas de suas potencialidades essenciais: o princípio do prazer, o princípio da fantasia, da realidade e a unificação da natureza dualista. Enquanto fenômeno universal, as imagens simbólicas, arquetípicas, reveladoras de conflitos humanos são expressas na narrativa mágica de formas rudimentares. Esta discussão busca respaldo teórico sobre o fenômeno mítico e a narrativa mágica à luz de ensaístas fundamentais: Northrop Frye (Anatomia da Crítica) e Vladimir Propp (As raízes históricas do conto maravilhoso).

DIALOGISMO, DISCURSIVIDADE E VALORAÇÃO : O GÊNERO PROPAGANDA DIRECIONADA AO PÚBLICO MASCULINO SOB A PERSPECTIVA SOCIODIALÓGICA DE BAKHTIN
Gianka Salustiano Bezerril(UFRN)

Diversos estudos sobre análise de gênero do discurso sob a perspectiva bakhtiniana têm se desenvolvido no campo da Linguística Aplicada no Brasil e no exterior (ACOSTA-PEREIRA, 2008; BRAIT, 2006; PRIOR, 2007; PONZIO, 2009; RODRIGUES, 2001; ROJO, 2005). Esse estudo procura apresentar uma breve análise descritivo-interpretativista do gênero propaganda impressa sob a ordem metodológica dos estudos de Bakhtin e o Círculo. Para tanto, foram selecionadas seis (13) exemplares do gênero retirados de três (3) revistas direcionadas ao público masculino, de circulação nacional. Seguimos a revisão de estudos prévios na área de análise de gêneros da mídia impressa (ACOSTA-PEREIRA, 2008; RODRIGUES, 2001; SILVA, 2007), além das postulações bakhtinianas sobre o método sociológico de análise da língua. Os resultados nos levam a compreender que o gênero propaganda apresenta diversas regularidades estilístico-composicionais engendradas na constituição e no funcionamento do gênero sob a ordem das relações dialógicas e das projeções ideológico-valorativas diversas: reenunciação e reiteração do discurso do outro; discurso bivocal e a modalização. Essa investigação busca compreender essas relações e recortes axiológicos construídos no discurso desse gênero. Entendemos que o presente estudo é relevante, à medida que não apenas contribui para o advento de pesquisas em análise de gêneros do discurso na LA, como colabora para a consolidação de percursos científicos com base nos trabalhos de Bakhtin.

NEGRITUDE E LITERATURA INFANTO-JUVENIL: (RES) SIGNIFICANDO A IMAGEM DE SUJEITOS NEGROS E NEGRAS
Dayane Priscila Pereira de Souza (UERN)
Francisca Maria de Souza Ramos Lopes (UERN)

A proposta de uma educação voltada para a diversidade escolar exige de nós educadores, o grande desafio de estarmos atentos às diferenças econômicas, sociais e raciais que geram no espaço escolar desconfortos, constrangimentos. A esse respeito, a luta de grupos organizados, dentre eles o movimento negro, sempre reivindicaram e reivindicam políticas pú-

blicas que venham a favorecer grupos minoritários ou socialmente discriminados, excluídos. Em resposta a essas e outras reivindicações surgem às diretrizes curriculares nacionais específicas para a Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, por força da lei federal 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Assim, nessa pesquisa, a escola está sendo considerada como um espaço discursivo por meio do qual professores e alunos devem desmistificar preconceitos e construírem opiniões positivas em relação às diferenças. Nosso foco será nas relações inter-raciais. Para esse empreendimento, observaremos se o trabalho desenvolvido por meio dos paradidáticos da literatura infanto-juvenil contribui positivamente para que os alunos de pertencimentos variados aprendam a valorizar-se, valorizar o outro e respeitar as diferenças etnicorraciais. Buscamos respaldo teórico em teorias advindas da Linguística Aplicada (LA) focando a vertente contemporânea da LA crítica, hibrida mestiça, indisciplinar e transgressiva (MOITA LOPES, 2006); da Análise do discurso francesa (ORLANDI, 1999, 2005 e 2007 e GREGOLIN, 2001 e 2004) e dos Estudos culturais e educação, destacando-se pesquisas que focalizam discussões sobre etnias e identidades (BAUMAN, 2005 a 2009; CUNHA JR., 2008 a 2010; CAVALEIRO, 2005, GOMES, 2001, 2006; GUIMARÃES, 2002 a 2007; HALL, 2003 e 2005; MUNANGA, 2006 a 2009). Metodologicamente, faremos uso de uma abordagem qualitativa, que nos impulsiona a trilhar um caminho discursivo e questionador construído uma análise interpretativista (BOKDAN e BIKLEN, 1994, CAVACANTI e MOITA LOPES, 1991 e MOITA LOPES, 1994). Os instrumentos para a construção dos dados serão pesquisas bibliográficas, conversas informais, notas de campos, entrevistas semiestruturadas e análises de livros da literatura infanto-juvenil. Os participantes se constituirão de professores do 2º ao 5º ano uma escola pública do ensino da cidade de Assu, RN. O critério de escolha será o uso continuo da literatura infanto-juvenil em suas práticas docentes. Os resultados serão descritos, analisados e transformados em artigos a serem publicados em eventos da área de Letras e Lingüística, como também se constituirão em um Banco de Dados, a ser disponibilizado ao grupo de pesquisa PRADILE, Letras, CAWSL, Assu, RN.

DISCURSOS DE IDENTIDADE: ESCOLA, AMIGOS E RELAÇÕES INTER-RACIAIS.
Ana Gabriella Ferreira da Silva
Dayane Priscila Pereira de Souza
Francisco Allyson Rocha da Silva
Orientadora: Francisca Maria de Souza Ramos Lopes (UERN)

O projeto de pesquisa "Discursos de identidade: escola, amigos e relações inter-raciais" se propõe a investigar práticas discursivas que produzem efeitos de sentidos na vida de sujeitos de pertencimentos étnicos variados. Teoricamente, pautamos nas teorias da linguistica aplicada, análise do discurso francesa, estudos culturais e estudos foucaultianos, configurando esse trabalho em uma pesquisa de base interdisciplinar. Essas teorias, entrelaçadas pela linguagem nas práticas discursivas, são portadores de "uma face questionadora, um viés corrosivo, capaz de provocar desconcertos, instabilidades, resistências" (FERREIRA, 2004, p.21). A metodologia é de base qualitativo-interpretatista (MOITA-LOPES, 1994). Esta abordagem está sendo empregada para analisar a produção de efeitos de sentidos construídos nas práticas discursivas advindas das narrativas e entrevistas produzidas pelos sujeitos colaboradores desse trabalho. O que contribuirá para que a leitura dos dados seja constituída pelos valores que perpassam a realidade de cada um dos sujeitos envolvidos. Ou melhor, em relação a essa pesquisa é possível produzir sentidos de que a identidade étnicorracial dos alunos envolvidos não se constituíra isoladamente, e sim, intermediada das práticas discursivas circundantes em suas trajetórias de vida.

A AUTORIA NO CONTEXTO ACADÊMICO: UMA QUESTÃO DE PROSÓDIA
Juliana Pereira Souto Barreto (Unp)

Este estudo objetiva identificar aspectos da entoação no texto oral acadêmico que justifiquem uma relação valorativa entre autoria e prosódia. Partimos da concepção de que o sujeito se constitui autor do seu dizer, uma vez que assume um discurso apreciativo em sua enunciação. Esse fato é passivo de constatação ao delinearmos como se dá o conhecimento das relações entre sujeitos por meio da escolha de recursos prosódicos, elementos que caracterizam a construção da autoria no contexto acadêmico. Examina-se a ocorrência desses elementos prosódicos na construção do sentido nos textos produzidos pelo sujeito professor a partir da produção de seu discurso. O presente trabalho se fundamenta no conceito de Autoria descrito por Bakhtin (1990; 2003) e na Teoria Interacional da Entoação desenvolvida por David Brazil (1981; 1985). Foram analisados discursos de dois professores em sua estrutura, contexto comunicativo, intenção do falante, grau de hierarquia entre os participantes e quanto á presença e influência dos fatores prosódicos. Conclui-se que a identificação de marcas constitutivas da autoria ressalta a habilidade prosódica do professor em lidar com a linguagem, enfatizando a prática de um discurso orientado responsivo, em que a apreciação fornece ao falante o poder de reorganizar o próprio pensamento em favor do que é enunciado. Propõe-se, portanto, a construção de discursos mais apreciativos e menos significativos, de forma que o sujeito adquira o poder de exercer seu discurso de maneira autêntica, produzindo conhecimento muito mais do que, meramente, reproduzindo conhecimento dentro do contexto acadêmico.

AS ESCOLHAS LEXICAIS NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS
José Fernandes Campos Júnior (UFRN)

O discurso jornalístico não apresenta os fatos da realidade de maneira neutra e imparcial, isenta do ponto de vista de quem os enuncia, mas reflete sempre a opinião de um indivíduo ou de um grupo que se manifesta favorável ou contrário a algum fato, o que ratifica o fato de que a "verdade" midiática é manipulada por ideologias e por interesses de seus pro-

prietários, que fazem chegar ao público apenas a versão que lhes convém. Essa atitude se expressa por meio de variados expedientes, entre os quais podemos destacar a seleção lexical, em que o uso de determinadas palavras provocam certos efeitos de sentido e fundamentam o ponto de vista de seu produtor, garantindo e legitimando a subjetividade como uma condição sinequa non para a efetivação desse discurso. Assim, por considerar relevantes as representações ideológicas presentes nos discursos e conceber a linguagem como lugar de constituição de identidades, além de considerar as condições de produção, este trabalho inscreve-se nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de vertente bakhtiniana. Para a análise do corpus, enfatizar-se-á como o léxico notadamente os verbos e substantivos participada construção de sentidos, não só informando sobre a realidade, mas sobrecarregando-a de valores e preconceitos. Nessa perspectiva, tem-se uma nova postura frente ao ensino de língua, visto que são incorporadas considerações sobre o sujeito e suas relações com a língua e com os outros, além de reincorporar aos estudos linguísticos o componente situacional e considerar a existência de várias vozes dividindo o espaço sóciodiscursivo.

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO AGÊNCIA DE LETRAMENTO NA PROFISSIONALIZAÇÃO DO PROFESSOR

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves (UEPB)

Esta pesquisa versa sobre o papel da biblioteca universitária em cursos de formação de professores, tendo como objetivos de investigação: (i) verificar os espaços de leitura de professores universitários; (ii) refletir sobre a biblioteca universitária, enquanto agência de letramento, acerca da profissionalização dos professores. O percurso teórico realizado neste trabalho envolveu notas acerca da história da constituição da biblioteca brasileira (SUAIDEN, 2000), a noção da construção de linguagem na perspectiva enunciativa (BERNADES, 2003), bem como as reflexões acerca de processos de ensino-aprendizagem na formação de professores (NEMIROVSKY, 2001), dentre outras perspectivas teóricas que tratam da temática em relevo. Em relação ao campo empírico, o estudo foi desenvolvido com quatro professores universitários pertencentes ao quadro efetivo de duas instituições públicas de ensino superior: uma localizada em Campina Grande-PB e outra localizada em Recife-PE. A entrevista semi-estruturada foi o instrumento utilizado na construção dos dados. Os resultados nos revelam que a biblioteca não se constitui como um lugar efetivo para a prática de leitura destes professores, no entanto todos assumem a importância desta, para a formação acadêmico-científica dos estudantes universitários, embora destaquem as precárias condições de funcionamento das referidas bibliotecas, sendo possível afirmar que a biblioteca universitária é uma agência de letramento para seus professores investigados, mas que prescinde de atualização estrutural e gerencial para que contribua significativamente na formação inicial e permanente das novas gerações de profissionais do magistério superior e, por com seguinte, para os profissionais que lecionam na educação básica brasileira.

ANÁLISE DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NO TRABALHO DE PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS DE ALUNOS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Fernanda Louise Cisne Lemos Cardozo (UFJF)
Leticia Macedo Kaeser (UFJF)
Luciane Aparecida de Souza(UFJF)

Este trabalho, que é resultado parcial da pesquisa "Aquisição e desenvolvimento de habilidades de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental", em andamento no âmbito do Grupo de Pesquisa FALE (UFJF), aborda a importância da mediação do professor na produção de inferências do aluno dos anos iniciais de uma escola pública estadual de Juiz de Fora/MG. O objetivo do estudo é verificar como a mediação do professor facilita a produção de inferências na compreensão de textos orais e escritos, a partir de intervenção com um grupo de alunos caracterizado como "fracassado" pela visão fatalista da comunidade escolar. Investigamos, desse modo, as possíveis implicações de uma prática alfabetizadora pautada na concepção de letramento utilizando o gênero textual como instrumento de mediação para o processo de aprendizagem e desenvolvimento. Tomamos como pressupostos o processo de produção de inferências conforme Marcuschi (1999) que a entende como uma atividade de produzir informação nova a partir de informações dadas, em um determinado contexto. Além disso, apoiamo-nos em Magda Soares (2011), Ângela Kleiman (2008), Marcuschi (2010) e Mary Kato (2010) para os estudos sobre leitura numa perspectiva sociocognitiva. A metodologia utilizada é a pesquisa colaborativa (IBIAPINA, 2008), que possibilita um ambiente formativo sistematizado com a finalidade de promover a reflexividade crítica e a colaboração. Os resultados parciais da pesquisa mostram que a) há possibilidades de subversão da exclusão escolar, através da mediação do professor; b) os alunos produzem inferências a partir da resolução de exercícios de leitura numa perspectiva sociocognitiva.

O CONHECIMENTO DO PROFESSOR QUANTO AO LETRAMENTO DIGITAL: ECOS DA CIBER-CULTUR@

Louize Lidiane Lima de Moura (UFRN)
Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

Esta pesquisa objetiva investigar quais os conhecimentos dos professores no que diz respeito ao letramento digital. Sendo assim, os colaboradores de nossa pesquisa são 30 (trinta) docentes que ministram aulas de Língua Portuguesa, especificamente, na rede municipal de ensino da cidade do Natal/RN. Os dados foram gerados a partir da aplicação de questionários, os quais revelaram uma defasagem quanto às práticas de leitura e escrita para agir no mundo digital no

que se refere, especialmente, à utilização de ferramentas como o computador e a internet. Nesse sentido, consideramos a necessidade de adaptarmos nossas "escolas analógicas" as "cabeças digitais" de nossos alunos, os quais passam, em média, 16 (dezesseis) horas/mês conectados à rede mundial de computadores, desenvolvendo atividades diversas, tais como participar de chats, ler e escrever e-mails, ouvir músicas etc. (PANTERNELLA, 2008). Sendo assim, nos fundamentamos teoricamente nos estudos de letramento (KLEIMAN, 1995; 2005; KLEIMAN; OLIVEIRA, 2008); no conceito plural de letramento digital, ou seja, "redes complexas e heterogêneas que conectam letramentos (práticas sociais), textos, sujeitos, meios e habilidades que se agenciam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente, por meio, virtude ou influência das TIC" (BUZATO, 2009, p. 22); na teoria social do discurso (FAIRCLOUGH, 2001); e no modelo conceitual de Gibson (2001), o qual se baseia em três estágios " infusão, integração e transformação" para demonstrar que os professores ainda não atingiram a condição necessária de aprendizagem para utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Situada no âmbito da Linguística Aplicada, a metodologia adotada é de cunho tanto qualitativo, quanto quantitativo, para melhor visualização dos dados.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS
Murillo da Silva Neto

A inclusão de alunos surdos na escola regular requer muito mais que boa vontade. É preciso empenho, seriedade e investimento em formação profissional. O presente trabalho justifica-se por vários motivos, a saber, o principal deles é o fato de que não se pode mais falar em educação "inclusiva" sem que os professores/educadores estejam aptos a trabalharem com as diferenças que lhes são impostas pela inclusão de indivíduos privados de sentidos, sensoriais e/ou motores, em suas salas de aula. Este trabalho, realizado através de estudos teóricos/bibliográficos e pesquisa de campo, por meio da observação de um projeto de "inclusão" em uma escola municipal da cidade de Feira de Santana - FSA/BA (Centro Integrado de Educação Municipal Prof. Joselito Falcão de Amorim - CIEMJFA), despertou reflexões frente às temáticas que abordam a educação de surdos, para que se pudessem desmitificar formas de preconceitos existentes na sociedade, referentes aos processos educacionais "inclusivos", sendo referenciado teoricamente pelos ideários de Letramento, em contexto escolar, Inclusão e Formação de Professores, sendo, este último, o objeto a ser pesquisado e mais importante nesse trabalho. Os objetivos principais da pesquisa foram: discutir a formação dos profissionais ligados ao sistema educacional inclusivo; os métodos da "inclusão" de alunos surdos em escolas regulares, além de verificar como se constituem os processos de letramento escolar dos surdos na escola regular, dita "inclusiva", para verificarmos como se dão as práticas desse letramento na educação dos alunos surdos, a partir da conjectura multidisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, ao qual está vinculada esta pesquisa. Em linhas gerais vê-se que nas análises feitas pelo corpus das entrevistas feitas aos professores do CIEMJA, existe uma linha difusa sobre que seria a "inclusão" nos discursos, do que realmente é na prática.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO NA EJA
Antonia Matilde Sarmento de Souza

Esta pesquisa resultou na minha Dissertação de Mestrado. Teve como principal objetivo analisar o processo ensino-aprendizagem por meio da utilização de gêneros textuais na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos. No sentido de estabelecer um diálogo entre a educação e a linguagem, foram tomados os seguintes autores: Moura (1999), Queiroz (2002), Santos; Queiroz; Moura; Miguel (2004), Freitas (2008), Soares (2004), Kleiman (1995), Freire (2006a e 2006b), Geraldi (1997, 2003), Possenti (2003), Travaglia (2003), Silveira (1999), Bagno (2002), Cavalcante (2008), Marcuschi (2000, 2001a, 2001b, 2005 e 2008), Bazerman (2006 e 2007), Bakhtin (2003), Brown e Yule (1983), Ribeiro (1998), Koch e Elias (2006 e 2009), Sheneuwly e Dolz (2004), Rodrigues (2005), Freitas (1999), Faria (2001), Bonini (2006), Viana (2002) e Costa (2008). Constituiu-se numa pesquisa de base qualitativa, caracterizando-se em um estudo de caso, auxiliado pelos estudos bibliográficos e investigação de campo, utilizando-se como instrumentos e técnicas: questionário, entrevista, grupo focal, análise documental, observação e construção de mapas de eventos de letramento. Esses procedimentos possibilitaram constatar práticas de letramento realizadas na sala de aula da EJA que não favoreceram um processo interativo. Revelaram a carência de uma fundamentação teórico-metodológica-linguística na formação do professor da EJA, no que diz respeito à utilização dos gêneros textuais em sala de aula. A relevância deste trabalho consiste em trazer contribuições para o processo de formação continuada dos professores da Educação de Jovens e Adultos, especificamente os das escolas da Rede Pública do Município de Maceió e do Estado de Alagoas, no que se refere aos subsídios teórico-metodológico-linguísticos do processo ensino-aprendizagem da língua materna na EJA, dando continuidade a outras pesquisas no campo da produção científica em EJA.

SESSÃO 2
ALFABETIZAÇÃO: TRAJETÓRIA CONCEITUAL
Ana Lucia de Araújo (UFRN)

O presente estudo bibliográfico objetiva descrever o conceito de alfabetização traçando uma linha de tempo do conceito de alfabetização de acordo com os referenciais teóricos bibliográficos dos estudos da pedagogia e sua aplicabilidade no dia-a-dia escolar. Definir um nível de escolaridade e de conhecimento e habilidades sobre o uso efetivo da leitura e da escrita no cotidiano social cultural e político que atenda o contínuo processo evolutivo do homem

para explicar as transformações e reajustamento ao seu ambiente tem sido motivo de preocupação e campanhas de alfabetização e escolarização pública em massa ao longo dos anos. As concepções sobre a alfabetização embasadas em contextos sociais, político, cultural e econômico do processo educacional da escrita ou da leitura, apontam para um ensino linear, fragmentado e descontextualizado do sistema alfabético da Língua Materna. As discussões apontam para o não atendimento das demandas sociais, políticas, pedagógicos e econômicas emergidos do fenômeno do processo educacional. De acordo com os dados coletados os estudiosos conceituam a palavra alfabetização como um processo de ensino e aprendizagem da relação entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico construído pela criança e/ou pelo adulto no início da escolarização formal. Refere-se às habilidades elementares e básicas sobre o objeto do conhecimento adquirido por um indivíduo ou grupo de indivíduos; e, ao fenômeno da entrada do sujeito no mundo da escrita especificamente no primeiro ano de escolarização. Podemos perceber que das novas aprendizagens emergem novos fenômenos da participação na cultura escrita que precisam ser ressignificados para ampliar o conceito de alfabetização relativos ao processo de escolarização, garantindo, portanto, aos indivíduos a participação na cultura letrada em pleno exercício da cidadania e, às novas formas de pensar, sentir, querer e agir nas relações com um mundo novo da cultura letrada.

MODALIDADE EM DICIONÁRIOS INFANTIS ILUSTRADOS
Ana Grayce Freitas de Sousa(UECE)
Antonio Luciano Pontes (UECE)

Uma das características do dicionário apontadas por Pontes (2009) é que ele se configura em um texto multimodal, ou seja, em seu interior, diversos modos semióticos interagem e contribuem para a construção de significados. Essa característica torna-se mais evidente em obras lexicográficas voltadas para o público infantil, em virtude do grande interesse das crianças por cores, imagens e recursos visuais não-verbais. Essa observação, das necessidades e preferências do usuário, é um dos princípios básicos da Lexicografia Pedagógica. Ao considerar a adequação do projeto lexicográfico ao seu usuário potencial, esse campo da Lexicografia defende uma coerência entre todos os componentes do dicionário, sejam eles verbais ou não, e uma adaptação destes com as peculiaridades dos usuários. Este estudo aborda a Modalidade, recurso estudado pela Metafunção Interacional da Gramática do design visual (KRESS & VAN LEEUWEN, 1996), que aproxima ou distancia a representação das imagens com a realidade. Verificamos esse recurso nas ilustrações que representam plantas em dois dicionários, presentes na lista do Plano Nacional do Livro Didático- PNLD 2006, e direcionados a alunos do Ensino Fundamental I. São eles: Aurelinho: dicionário infantil ilustrado de língua portuguesa (2008) e Saraiva Júnior: dicionário da língua portuguesa ilustrado (2009). O primeiro é indicado para crianças em fase de alfabetização e o segundo para aquelas que estão consolidando o domínio da leitura e da escrita. O objetivo dessa pesquisa é verificar como os dois dicionários, destinados a públicos diferentes, representam a realidade, utilizando-se de marcadores de modalidade, através de suas ilustrações. Esse estudo foi realizado sob orientação do Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes, coordenador do grupo de pesquisa LETENS (Lexicografia, Terminologia e Ensino).

MULTIMODALIDADE E DICIONÁRIOS INFANTIS ILUSTRADOS: A METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL NA PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS
Antonio Luciano Pontes (UECE)
Ticiane Rodrigues Nunes (UECE)

O presente estudo é uma das pesquisas do Grupo LETENS - Lexicologia, Terminologia e Ensino, coordenado pelo Professor Dr. Antonio Luciano Pontes (UECE). Este trabalho reúne relatos de alunos do 1º ano do ensino fundamental, de uma escola particular, de Fortaleza. Os informantes leram alguns verbetes, que contem ilustrações, em dois dicionários infantis ilustrados: Aurelinho e Caldas Aulete. Objetivamos constatar com esse estudo como a metafunção composicional (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006), descrita na Gramática do Design Visual, é utilizada como um instrumento que contribui para uma leitura eficiente desses verbetes, e como ela induz o aluno a olhar o verbete escrito através de recursos visuais apresentados nas imagens que compõem os verbetes como um todo.

O LETRAMENTO E SUAS FACES: CONTROVÉRSIAS E DESCOBERTAS
Alessandra Cruz de Oliveira
Orientadora: Ester Maria de Figueiredo Souza

A compreensão da leitura e da escrita enquanto práticas interelacionadas, que se alteram e se constroem reciprocamente no processo do Letramento, faz-se imprescindível. E neste processo, a leitura (de mundo inclusive!) transforma e caracteriza a fala, e estas, à escrita. São práticas que levam o aluno à construção do conhecimento sobre os diferentes gêneros textuais, sobre a correspondente forma e função de cada um deles, bem como aos procedimentos satisfatórios de produção e compreensão dos mesmos. A relação entre a oralidade, leitura, escrita e letramento define-se como um interessante tema de investigação que vai além da contemporânea discussão; desde a antiguidade mostra-se complexa e reveladora de descobertas que desafiam os conceitos teóricos cristalizados. É neste sentido que o presente trabalho pretende contribuir, primeiro trazendo um breve histórico da relação entre oralidade, leitura, escrita e letramento desde à Grécia Antiga (sob a luz de autores como Rosalind Thomas, Eric Haveloc, Jack Goody e Walter Ong, entre outros) até chegar aos nossos tempos (com autores tais como Magda Soares, Angela Kleiman, Maria Helena Martins, Paulo Freire, etc), e principalmente trazendo reflexões críticas sobre como se dá o processo de letramento e suas práticas (oralidade, leitura e escrita) na atualidade, em salas de aula (de Fundamental e Médio) observadas durante o período de estágio supervisionado.

SESSÃO 3

RELATOS, REGISTROS, ESCRITAS, CONFISSÕES - COMO OS REGISTROS ESCRITOS DE DOCENTES PODEM TRANSPARECER SUAS CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO?

Rita de Cássia Gonçalves Muniz

Este artigo tem como objetivo perceber como a partir da escrita produzidas por professores de suas ações em sala de aula, eles demonstram suas concepções de avaliação, e como no decorrer do processo de escrita desses relatos essas concepções são estabelecidas ou remodeladas. Este trabalho utiliza o material que foi coletado para uma pesquisa realizada em 2006 a 2008. Esse estudo tinha como objetivo discutir como as práticas de escrita das ações docentes oferecem ao professor subsídios para uma reflexão de suas ações em sala de aula, tornando-se um importante instrumento no processo de reconstrução do seu fazer pedagógico. Para isso, foram na época, realizadas análises de relatos escritos produzidos por duas professoras dos cinco primeiros anos do ensino fundamental. Já nesse artigo, apesar de usar o material dessa pesquisa, redirecionamos nosso olhar e buscamos conhecer quais as concepções de avaliação que são tomadas essas docentes durante suas intervenções em sala de aula e como elas se apercebem delas a partir do instrumento da escrita. Observando como o exercício da escrita as forneceu instrumentos para a reflexão de suas propostas avaliativas. Para isso, iremos analisar os relatos escritos produzido por elas e entrevistas que foram realizadas com as docentes. Os resultados advindos dessa análise nos informam que as professoras não faziam meras descrições de suas ações educativas, mas que o exercício da escrita de suas práticas cotidianas as colocou em confronto com suas concepções e suas ações tornando-se, dessa forma, um espaço de reflexão e construção de sentidos. Assim, podemos dizer que os registros escritos de suas ações educativas proporcionaram as docentes um repensar de suas concepções e práticas avaliativas, resignificando sua prática docente através dos registros escritos de suas práticas cotidianas em sala de aula.

ILUSTRAÇÕES DE VERBETES QUE REPRESENTEM SENTIMENTOS: COMPARAÇÃO ENTRE DOIS DICIONÁRIOS INFANTIS

Antônio Luciano Pontes (UECE)
Daniel Martins de Carvalho (UECE)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa orientam que os dicionários devem ser utilizados em sala de aula para auxiliar os alunos em atividades que trabalhem a compreensão e a produção de textos. Essas obras, por serem instrumentos potencialmente didáticos, costumam apresentar imagens quando direcionadas para alunos em fase de alfabetização. No entanto, uma das dificuldades para o desenvolvimento de atividade de leitura e produção de textos utilizando dicionários é o fato de o contato com essas obras não ser um hábito em nossas escolas, tanto para os alunos quanto para os professores. Nosso objetivo é investigar como as imagens dos dicionários representam verbetes referentes a sentimentos, analisando se essa representação colabora para a compreensão do verbete pela criança. Para isso, foram selecionados dois dicionários que compõem o acervo A do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2006 e são analisadas comparativamente as ilustrações relacionadas a sentimentos. As análises têm base em estudos metalexicográficos (PONTES, 2009; WELKER, 2004), que tratam da estrutura de um dicionário e, considerando o foco deste trabalho, de seu material interposto, e estudos referentes ao letramento multimodal, tratando especificamente da Metafunção Representativa apresentada na Gramática do Design Visual (KRESS, VAN LEEUWEN, 2006). Os dicionários analisados são os seguintes: (1) Dicionário Escolar da Língua Portuguesa: ilustrado com a Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo (AULETE, 2005); e (2) Aurelinho: dicionário infantil ilustrado da língua portuguesa (FERREIRA, 2008). Por estar em fase de análise de dados, o trabalho ainda não possui resultados. Este trabalho é desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Lexicografia, Terminologia e Ensino (LETENS), sob orientação do Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes.

LETRAMENTO FAMILIAR: PECULIARIDADES, IMPACTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS

Maria do Rosario da Silva Medeiros (UFRN)
Orientador: Profa. Dra. Maria do socorro Oliveira (UFRN)

O letramento, ou prática social da escrita, representa um fenômeno amplamente aferido em vários campos do conhecimento na atualidade, gerando vários desdobramentos teóricos, e, com isso, inúmeras adjetivações são cunhadas na tentativa de delimitar esse campo de estudo: letramento midiático, digital, litúrgico/religioso, cívico, acadêmico, familiar, entre outros. Nessa direção, pretendo apontar, preliminarmente, as seguintes peculiaridades de um desses letramentos elencados, a saber, o letramento no domínio familiar: (i) imbricação com o letramento escolar; (ii) impactos sociais e; (iii) políticas públicas envolvidas. Para abordagem dessa temática, ancoro-me nos pressupostos teóricos filiados aos 'estudos do letramento' (KLEIMAN, 1995), ou, 'Novos Estudos do Letramento' (NLS) elegendo como ponto de partida a taxonomia atual do âmbito internacional (BAYNHAM, 1995; BARTON; HAMILTON; IVANIC, 1993; GEE, 2000; STREET, 1984, 1993, 2000, 2003, 2005); nas noções de 'agência social' e 'gêneros textuais' sob o enquadre da corrente 'sociorretórica' (BAZERMAN, 2006, 2007, 2009); nas discussões sobre 'letramento familiar' (BRITTO; BROOKS-GUNN, 2001; DANTAS; MANYAK, 2010; DELGADO-GAITAN, 1990, 2001; HANDEL, 1999; HEATH, 1983; WASIK et al., 2000) e, por último; nos 'projetos de letramento' (KLEIMAN, 2000; OLIVEIRA, 2008, 2010; SANTOS, 2008; TINOCO, 2008, 2010), entendido aqui, também, como alternativa didático-pedagógica de aproximação das instituições escolar e familiar. Os apontamentos que ora proponho constituem parte do meu projeto de mestrado em desenvolvimento, que se encontra em estágio inicial. A seguinte pesquisa é constituída tendo como premissa fulcral o cunho intervencionista, a qual terá seu "corpus" gerado numa 'comunidade de aprendizagem' (WENGER, 1998) com colaboradores oriundos do ensino fundamental e suas respectivas famílias. Para tanto, orientar-me-ei, metodologicamente, pelo enfoque qualitativo/

interpretativista de viés etnográfico. Assim, destaco, parcialmente, que, a partir das pesquisas documentais empreendidas até o momento, a abordagem da temática do 'letramento familiar' consiste num terreno fértil de estudo, uma vez que traz a tona elementos constitutivos/constituintes da realidade escolar, pois evidencia práticas específicas de escrita, traços identitários e aspectos culturais que interferem diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Significa, ainda, uma tentativa de ampliação da abordagem do letramento no Brasil, descentralizando o foco da escolarização em direção a outros domínios, ou seja, os demais 'mundos de letramento'.

O LETRAMENTO DO ACADÊMICO EM FORMAÇÃO INICIAL: SABERES, DOMÍNIOS E VALORAÇÃO
Rodrigo A. costa Pereira

Diversas investigações sob a perspectiva dos novos estudos de letramento (BARTON, 1994; BAYNHAM, 1995; GEE, 1994, STREET, 1993; OLIVEIRA & KLEIMAN, 2008) têm buscado compreender os diferentes caminhos e as distintas redes de leitura e escrita construídas pelos sujeitos em suas práticas de interação social. Sob esse panorama, o presente estudo objetiva (a) revisitar estudos sobre a ordem do letramento crítico e ideológico; (b) delinear os caminhos e domínios diversificados pelos quais percorrem acadêmicos em níveis inicias da graduação; (c) interpretar os diversos recortes valorativos projetados pelos acadêmicos quanto às práticas de leitura e escrita na universidade; (d) compreender o perfil do acadêmico em formação inicial. Para tanto, foram aplicados questionários e solicitadas produções escritas do gênero autorretrato em quatro instituições federais, a citar: UFFS, UFMS, UFRN e UFSC, nas disciplinas do I e II níveis de diferentes cursos de graduação. Os resultados demonstram diferentes redes de leitura e escrita e valores (projeções apreciativas) distintos a essas redes, construídas pelos acadêmicos, sujeitos participantes do estudo. A pesquisa apresenta-se relevante, à medida que não apenas corrobora a importância de entender os caminhos e domínios de letramento dos acadêmicos em formação, como, em adição, contribui para a consolidação de pesquisas sob os escopos dos estudos de letramento e da análise dialógica de discurso (BAKHTIN, 1998; 2003; 2006) no campo da linguística aplicada.

PROJETO DE LETRAMENTO: NORTEANDO O USO DE GÊNEROS TEXTUAIS A PARTIR DO PROPÓSITO COMUNICATIVO
Francieli Cavalcanti de Paiva (UFRN)
Orientador: Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

Os estudos sobre os gêneros textuais/discursivos representam, hoje, uma das discussões mais produtivas no âmbito da Linguística Aplicada. Nesse contexto, torna-se fundamental refletirmos sobre um elemento norteador para o ensino dos gêneros nos projetos de letramento, tendo em vista uma de suas peculiaridades: o trabalho "com" e não "sobre" os gêneros. Esses projetos visam à resolução de problemas em determinados grupos sociais e, por isso, as práticas de leitura e escrita desenvolvidas nessas iniciativas são regidas por uma intenção comunicativa que vai além do mero ensino de gramática e de critérios avaliativos. Baseado nessa realidade, este trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa, em caráter inicial, sobre o papel dos gêneros textuais/discursivos nos projetos de letramento. Como respaldo teórico, fundamentamo-nos em Kleiman (1995; 2000; 2006), Oliveira (2008; 2010), Bazerman (2006) e Swales (1990; 2001), que abordam, respectivamente, a concepção de letramento, os projetos de letramento, os gêneros textuais em uma perspectiva sociorretórica e o propósito comunicativo dos gêneros. Para exemplificação do que apresentamos nesse trabalho, utilizamos o corpus gerado no projeto de letramento Bulling e exclusão social, realizado no ano de 2010 por meio do Programa de Apoio à Melhoria da Qualidade do Ensino. As ações desse projeto foram desenvolvidas em uma turma de quinto ano do Ensino Fundamental em uma escola da Rede Municipal de Natal, na qual os alunos enfrentavam sérios problemas de exclusão. As ações vivenciadas mostraram que o trabalho "com" os gêneros é regido pelo propósito comunicativo, o que representa um critério orientador "privilegiado", "uma chave determinante da filiação de gêneros", como afirma Swales (1990). Foi nessa direção que os gêneros produzidos pelos alunos, durante o projeto de letramento, foram norteados pela intenção que eles tinham em lidar com as dificuldades, impulsionando-os a terem voz frente a problemas vivenciados tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

A AVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO
Izabel Souza do Nascimento (UFRN)
Joseneide André de Barros (FACULDADE DA ESCADA)

Muito se tem falado sobre a importância do letramento na formação de alunos e de professores. Mais ainda se tem estudado estratégias de ensino baseadas nas teorias de letramento que ampliam os conceitos existentes sobre ensino, principalmente no que diz respeito à alfabetização e outros letramentos. Mudou-se até o significado da palavra letrado, assumindo novos e abrangentes espaços antes vazios. Agora temos livros com estudo do texto baseados em estratégias de leitura; velhos exercícios transformados em pesquisa e redação transformada em produção de texto. Porém o que se menos escuta falar é da avaliação. Como será/seria/é uma avaliação para os alunos que estudam sob as teorias do letramento? Com o progresso e com as teorias de ensino as avaliações foram divididas e nomeadas de acordo com suas funções, existem as avaliações diagnósticas, formativas e classificatórias. Mas como seria na prática uma avaliação da aprendizagem montada por professores que ensinam na perspectiva do letramento? O letramento, como um tipo de estudo que prioriza a aprendizagem crítica e reflexiva deve ter uma avaliação que amplie sua ação aponte caminhos. Neste estudo pretendemos mostrar na pratica o que entendemos por avaliação, como esta avaliação esta sendo realizada em algumas escolas de Pernambuco, e lançar algumas ideias sobre a avaliação na perspectiva do letramento mostrando os passos para a construção dos itens e o estudo que mostra como e que tipo de conteúdo em língua portuguesa deve constar neste tipo de avaliação.

SESSÃO 4

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
Karla Epiphania Lins de Gois

Este artigo aborda as questões teóricas que se referem à Variação Linguística e o ensino do português brasileiro nos primeiros anos do ensino fundamental na escola pública. Percebe-se que, apesar de vários estudos alertarem para a importância de se investigar e valorizar o conhecimento prévio dos sujeitos, essa questão tem sido pouco explorada pelas escolas, e assim, as variações linguísticas que, naturalmente migram para a escrita dos educandos, são muitas vezes, mal interpretadas por professores praticantes de uma orientação pedagógica que prioriza o ensino da língua enquanto norma-padrão, centrado na gramática tradicional. A discussão se inicia pelos conceitos e concepções relevantes para o tema, como o que é Variação Linguística, a concepção de língua, o que diz os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa -PCN-LP, o tratamento dado pelo Livro Didático e a questão do texto. Acredita-se que são questões centrais para o ensino do português brasileiro nos anos iniciais, principalmente na escola pública, pois, ao mesmo tempo em que é necessário que o professor e a professora reanalisem seus conceitos, há também necessidade de deixar claro para o educando, a importância do saber formalizado. Sendo assim, destacar-se que para um ensino que respeite a linguagem do aluno, é necessário compreender os modos de relação entre a modalidade oral e escrita da língua, situando-a em um contínuo, respeitando as características de cada modalidade, mas visando a uma boa formação textual escrita, que é a função do ensino da língua. Sendo assim, são utilizados estudos da Sociolinguística e da Linguística do Texto para dar suporte teórico a esta questão.

NAVEGAR É PRECISO? DISCURSOS E PRÁTICAS DE LETRAMENTO VIRTUAL NO CONTEXTO DO ATENDIMENTO AO DEFICIENTE VISUAL
Juliana Pereira Souto Barreto
Sinara Bertholdo de Andrade

Por meio da análise do discurso e das práticas de letramento, proponho entender a construção das práticas de letramento no contexto do atendimento educacional a deficientes visuais, principalmente acerca da acessibilidade da/o cega/o ao letramento virtual. As práticas de letramento podem ser caracterizadas nos eventos educacionais, assim sendo, pode-se investigar por meio do contexto social como é construída a representação da/o cega/o no contexto virtual educacional. Sendo que a inclusão ao letramento virtual está no âmago da vida cotidiana na contemporaneidade, portanto, segundo Buzato (2006) uma noção mais adequada da relação sociedade-tecnologia, especialmente em relação à Educação, deve tomar como pressuposto que a tecnologia, a exemplo da linguagem, tanto molda e organiza relações (como as que há entre professores, autores e alunos) como é, ao mesmo tempo, moldada e organizada por essas mesmas forças (quando alunos, autores e professores, através de seus usos modificam a linguagem). Não se trata, contudo, de supor um "cabo--de-guerra" entre forças distintas (sociedade e tecnologia), ou entre uns poucos agentes criadores e difusores (cientistas e engenheiros) e diferentes meios de recepção e/ou resistência (a escola, a língua, o mercado, as pessoas "comuns"), mas de conceber a tecnologia como ação social coletiva, como rede de enlaces entre atores humanos e não-humanos, e o seu desenvolvimento como um processo de desvios, derivas, deslizamentos, e translações sucessivos (Latour, 2000). A partir dessa visão, abre-se a possibilidade de identificarmos não apenas as necessidades de infra-estrutura e capacitação relacionadas à tecnologia na escola, mas também as possibilidades dos professores, alunos e da escola enquanto instituição, praticarem a tecnologia (como praticam a linguagem) a favor da sua própria inclusão. A partir dessa concepção de se perceber a tecnologia como "ação social coletiva" é que se pretende investigar os discursos, as práticas sociais, os letramentos virtuais e as identidades culturais existentes no contexto do atendimento da/o deficiente visual.

LETRAMENTO E ANALFABETISMO: REFLEXÃO SOBRE CONCEITUAÇÕES, ÍNDICES E DESAFIOS
Daiane da Costa Barbosa
José Adailton Cortez Freire (Instituto Federal de Alagoas)

O presente trabalho pretende, primeiramente, fazer distinção entre os conceitos de alfabetização e letramento. Este último leva em consideração à funcionalidade das habilidades de leitura e escrita, especialmente para atender as novas demandas da sociedade em que o sujeito está inserido. Além de esclarecer esse novo termo, nos propomos a iniciar uma discussão sobre a temática, ressaltando a importância do tema para o avanço da educação brasileira. Para finalizar, serão apresentados resultados de algumas pesquisas de instituições científicas que tentam medir o nível letramento da população. Embora, de certo modo, essas estatísticas reflitam a condição brasileira de alfabetização e letramento, elas apresentam consideráveis problemáticas. Isso devido a algumas dificuldades metodológicas que são encontradas e impedem o seguro mapeamentodesse tipo de informação.

ESCOLARIZAÇÃO, LETRAMENTO E NORMATIZAÇÃO NA SÃO PAULO DO FINAL DO SÉCULO XIX
Hosana dos Santos Silva

Neste estudo, refletimos sobre a (re) formulação do ensino na cidade de São Paulo, entre o final do século XIX e início do XX - época de mudanças decisivas para o Brasil e particularmente para essa cidade, que sofre um intenso processo de urbanização e de crescimento. Notadamente, discutimos dois aspectos da prática escolar: as ações pedagógicas voltadas para o exercício da habilidade de escrita, e os papéis sociais desempenhados pelas escolas, inclusive instituições de imigrantes (portugueses e italianos, especialmente), no processo difusão e ensino formal de língua portuguesa, em sua relação com o trabalho de normatização linguística. Para desenvolvimento do estudo, utilizamos como fonte de pesquisa,

além da bibliografia sobre cultura escolar e história da educação, os Mapas do Ensino Privado do Município de São Paulo, apresentados à Instrução Pública entre 1889 e 1903, e um conjunto de materiais didáticos publicados no Brasil, nesse mesmo período. Com base nos pressupostos teóricos da Sociologia da Linguagem (conforme modelo de Pierre Bourdieu), discutimos, ainda, algumas questões gerais sobre a produção e determinação de uma língua normatizada e sobre sua valoração no interior das sociedades.

SESSÃO 5

LETRAMENTO LITERÁRIO DOS ALUNOS DO 4º ANO MAGISTÉRIO DA REDE MUNCIPAL DE ENSINO DA CIDADE DE GUARABIRA - PB
Maria das Dores Justo (Centro Educacional Osmar de Aquino)

Esta comunicação tem como objetivo o letramento literário dos alunos quartanista do magistério da rede Municipal Centro Educacional Osmar de Aquino localizado na Cidade de Guarabira - PB. O interesse por esse tema surgiu exatamente por se tratar de alunos concluintes e como tal, eles têm uma grande responsabilidade, pois irão lidar com crianças do primeiro ao quinto ano da Educação Básica. Percebemos que em anos anteriores esses alunos não obtiveram a oportunidade desta prática que é de suma importância para a sua formação. Sendo este o ano de conclusão de curso destes alunos pretendemos oferecer-lhes oportunidades de conhecer obras e estratégias de ensino do letramento literário. A nossa pesquisa tem caráter experimental por se destinar a uma mudança nas práticas de leitura literária em uma escola municipal, visto que, dessa forma, achamos ser necessário um tratamento metodológico eficaz envolvendo professores e alunos, tendo como objetivo a transformação destes futuros professores em formadores dos pequenos leitores. Para isso foi necessária, uma discussão com os professores envolvidos no processo de formação com o intuito de conscientizá-los da importância do letramento literário na formação dos alunos concluintes. Consequentemente aplicamos um questionário no qual se analisou o nível de conhecimento sobre o tema, tanto de professores quanto dos alunos para termos uma visão mais concreta do objeto pesquisado. Contudo, é importante destacarmos que estamos em fase de coleta de dados e que os resultados e conclusões serão analisados ao término do ano letivo de 2011 em que os alunos terão a oportunidade de conhecer o acervo que dispomos na biblioteca da escola, inclusive de se familiarizar com os livros da coleção "Literatura em minha casa" onde os mesmos irão perceber a diversidade de gêneros abordados nessa coleção.

LEITURA E PRODUÇÃO DE GÊNEROS ACADÊMICOS NO PRIMEIRO ANO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Camila Maria de Araújo (UPE)
Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (UPE)

Os letramentos acadêmicos são uma questão de grande importância em se tratando do desenvolvimento dos alunos dentro do ambiente da universidade. Os alunos precisam ser inseridos na comunidade acadêmica com uma participação consciente e competente, adquirindo as formas de ser, pensar e fazer típicas desse ambiente. Fundamentada nos Novos Estudos do Letramento, particularmente em seu foco sobre os letramentos acadêmicos, a pesquisa tem como objetivo geral a investigação das práticas de leitura e produção de gêneros acadêmicos de alunos do primeiro ano do curso de Licenciatura em Letras da Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns. Entre os objetivos específicos se encontram a análise da percepção dos alunos em relação à preparação que tiveram durante o Ensino Médio para uma boa interação com as práticas discursivas acadêmicas, a investigação do modo como o professor contribui para o processo de letramento acadêmico do aluno, o conhecimento das dificuldades que os estudantes recém-chegados à universidade têm em produzir gêneros acadêmicos e a identificação das mudanças que há na configuração desses gêneros quando eles são exigidos por professores diferentes e em disciplinas diferentes. A pesquisa tem sido realizada com base na análise dos textos produzidos pelos estudantes do curso de Licenciatura em Letras (primeiro ano) e em questionários que têm sido respondidos pelos alunos do mesmo curso, com a finalidade de identificar as dificuldades que os estudantes têm em produzir textos acadêmicos, bem como a razão da existência dessas dificuldades. Os resultados mostram que os alunos não têm sido bem orientados quanto à produção de gêneros acadêmicos e que os professores não têm dado ênfase à ideia desses gêneros como veículos essenciais para o sucesso do aluno no meio acadêmico.

RETEXTUALIZANDO AS NARRATIVAS DE UM EVENTO DAS ENTRELINHAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA
Ana Lucia de Araújo (UFRN)

Este artigo autorreferencial emergiu das vivências frente ao indiferentismo que se abateu sobre a sociedade, refletindo uma falta de perspectiva da educação, tecendo uma rede de conversações orais, visuais e escrita vivenciada e colhidas em um dado contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino na cidade do Natal - o laboratório pessoal. Descrevemos a realidade do sistema educacional sob à análise do referencial teórico-metodológico sobre a importância da historia de vida de Josso (2008) e Sousa (1996), da pedagogia humanescente e ideologica, dialogando com Freire (2006). O trabalho enfatiza a situação dos indicadores midiáticos da qualidade do sistema educacional vigente: O que há nas entrelinhas desses indicadores? Por que os estudantes não se interessam pela escola? Por que a escola não está interessante? São indagações que nos remetem aos índices da qualidade da educação e aos relatos autobiográficos vividos e vivenciados como sujeito cidadão investigador, observador e interveniente do processo de ensino e de aprendizagem do contexto citado. Essa discussão indaga sobre quais são as faltas nesse contexto na ótica do estudante, do professor e, dos demais atores-expectadores da escola frente à ideologia da globalização através da retextualização de textos falados, lidos e ouvidos em um cotidiano de uma coordenadora-professora-pesquisadora que promove a media-

ção das demandas educacionais emergidas das interrelações entre família x comunidade, aluno x aluno, aluno x professor no contexto citado. A produção autorreferencial promove a retextualização das narrativas tecidas em contexto cotidianos informais, midiáticos, e teórico-metodológicos, ou seja, contar de outro jeito as narrativas para testar as possibilidades criadoras da leitura e da escrita a partir da necessidade de corpografar as várias histórias de vidas. Constitui-se, portanto, em relatos reflexivos que possibilitam intertextualizar a prática pedagógica, as vozes, as histórias e as trajetórias da formação e autoformação docente.

ÁREA TEMÁTICA 11: GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

SESSÃO 1

INCENTIVANDO A PRODUÇÃO DE GENEROS ACADÊMICOS - RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Vera Lúcia de Lucena Moura (UFPE)

Produzir textos escritos, principalmente aqueles em que se utiliza uma linguagem mais formal requer tempo, a necessidade e desejo de se comunicar com alguém com um propósito específico. Portanto, mais desafiadora se torna a produção de texto sem ambiente escolar, universitário ou não, pois é mais difícil se criar um contexto no qual o aluno realmente precise utilizar um determinado gênero textual para intervir em situações do cotidiano. Tendo essas questões em mente, procurei solicitar tarefas que os aprendizes pudessem executar com o objetivo de apresentar os resultados dos seus estudos num evento acadêmico. Com essa finalidade, os alunos aprenderam, por exemplo, a escolher um tema para um projeto de pesquisa a ser desenvolvido naquele semestre, além de se familiarizar com a forma como este gênero é estruturado. Após o desenvolvimento do projeto, os aprendizes compararam alguns resumos, a fim de descobrirem suas características e possíveis problemas na sua elaboração, apresentando sugestões para seu aprimoramento. A seguir, escreveram seus próprios resumos abordando a pesquisa realizada e os submeteram à comissão organizadora do evento. Neste trabalho analiso a produção dos gêneros textuais supramencionados, de autoria de alunos de Língua Inglesa 7 e de Língua Inglesa 8 do curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Os alunos de Língua Inglesa 7 abordaram temas relacionados a problemas fonético-fonológicos, enquanto a turma que cursava a disciplina Língua Inglesa 8 selecionou temas variados referentes a língua e literatura. Baseando-me na abordagem processual da escrita defendida pelas ideias vygotskianas, presentes no modelo sociointeracionista de aprendizagem, os alunos produziram os textos mencionados colaborativamente, sendo mediados ora pela professora-pesquisadora, ora por seus colegas de grupo. Oreferido estudo aponta um maior envolvimento e relativo progresso dos aprendizes no processo de desenvolvimento da habilidade escrita, assim como uma maior conscientização da importância de se utilizar mais eficazmente os recursos existentes na comunicação diária no nosso mundo letrado.

O GÊNERO TIRAS EM QUADRINHOS: ANÁLISE DE ALGUMAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Ana Alice de Freitas Neta Araújo (UERN)
Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN)
Francimeire Cesário de Oliveira (UERN)
Orientador: Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN)

Considerando as propostas teóricas de Bakhtin e Bronkart serão expostos alguns apontamentos analíticos fundamentados nos pressupostos básicos desses autores, por sinal, compatíveis, pois o primeiro traça os alicerces para uma teoria do gênero do discurso e o segundo se apropria dos registros teóricos esboçados por Bakhtin para desenvolver a perspectiva do Interacionismo-Sociodiscursivo (ISD). Mediante essa consideração, foi nomeada uma fundamentação teórica em que seu embasamento se apóia principalmente em Bakhtin (2000, 2004), Bronckart (1999), Ribeiro (2010), Machado A. (2005) e Machado I. (2007) para refletir sobre a noção de gêneros partindo da perspectiva de interação verbal que se ampara no contexto social. A finalidade central aqui pretendida é apresentar as estratégias discursivas, por consequência também linguísticas, mais recorrentes no gênero tiras em quadrinhos, para tanto, foi constituído um corpus com cem tiras em quadrinhos, todas de autoria do quadrinista Laerte, estas recolhidas em mídia virtual (www.uol.com.br/laerte). Desse universo foi selecionada uma amostragem, com oito tiras, conforme as pretensões do trabalho que, resultou nas análises. Tais análises evidenciaram que a estrutura teórica pode contribuir para o entendimento dos fenômenos sociais que ocorrem na e pela linguagem e que o gênero em análise, sendo olhado pelo âmbito discursivo, deve incitar as funções semânticas e contextuais da língua, nesse sentido, é muito propício para ser didatizado, não como pretexto para o ensino de gramática normativa ou para dar a falsa ideia de modernidade no ensino de línguas, mas como um evento social de produção de linguagens, para demonstrar alguns indícios da língua em uso, bem como as decorrências desse atributo na sua produção de sentido.

O AGIR DO PROFESSOR NO CONTEXTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE GÊNEROS DE TEXTO

Ricardo Rios Barreto Filho (CNPq/PIBIC/UFPE)
Profa. Dra. Abuêndia Padilha Pinto (UFPE)

Nos últimos anos o ensino de línguas, sobretudo o de línguas maternas, vem utilizando os gêneros de texto como o principal referencial teórico e metodológico para o desenvolvimento de materiais didáticos, fundamentados nos documentos oficiais como os PCN e livros destinados à formação de professores. Contudo, percebemos a necessidade de se observar como o ensino dos gêneros ocorre, de fato, nos sistemas de ensino, já que reconhecemos o professor como o

grande mediador entre o conhecimento científico e a escola. Neste trabalho, observaremos como dois professores de língua portuguesa do sexto ano do Ensino Fundamental I lidaram com a transposição didática dos gêneros, "notícia" e "carta pessoal". Como referencial teórico, utilizamos os conceitos de Agir Geral e Agir de Linguagem (BRONCKART 1999, 2008), a transposição didática (MACHADO 2009), a análise textual e discursiva de base interacionista sociodiscursiva (BRONCKART 1999, 2008; LOUSADA, 2010), as sequências didáticas (Dolz, Schneuwly e Noverraz, 2004) e as capacidades de linguagem (Dolz e Schneuwly, 2004). Para a apreensão do Agir dos professores usamos como instrumentos de coleta entrevistas semi-estruturadas, notas de campo e a produção textual dos alunos de cada professor. Nosso trabalho percebeu, por um lado, que há uma influência direta das sequências didáticas (Dolz e Schneuwly, 2004) no trabalho realizado pelos professores e alunos de língua portuguesa. Por outro vimos que essa influência chega às salas de aulas via livros didáticos e nem sempre passa pelo crivo crítico dos docentes. Ademais, analisamos as produções de textos dos discentes, a fim de verificar o conhecimento efetivamente apreendido, por parte dos alunos. Os dados da pesquisa apontam para uma necessidade latente de uma formação de professores que privilegie um pensamento mais crítico-reflexivo, em detrimento de uma formação meramente técnica.

ENSINO DE CRÔNICA NA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA: DO PROPOSTO AO REALIZADO
Nathalie Lia Fook Meira Braga (Reuni/UFCG)
Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo (UFCG)

Os Parâmetros Curriculares de Ensino Fundamental (PCN, 1998) apresentam a discussão acerca do fracasso do ensino escolar em relação aos eixos de leitura e de escrita, devido ao desempenho insuficiente de parte dos alunos que chegam ao final do ensino fundamental, assinalando a necessidade da reorientação no ensino desses eixos no Brasil. A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* (MEC/Fundação Itaú/Cenpeq) tem ilustrado essa reorientação ao propor o ensino centrado no gênero no âmbito de uma sequência didática (SD) constituída de oficinas de leitura e de escrita, com orientações para o desenvolvimento de novas e diferenciadas atividades em sala de aula. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo discutir os resultados da aplicação de uma SD centrada no gênero crônica. O estudo apóia-se em princípios do interacionismosociodiscursivo, focalizando, mais especificamente, as noções de *modelo didático de gênero*, de tra*balho prescrito, trabalho planificado e trabalho realizado.* O procedimento de geração de dados, ocorrido entre os meses de abril e novembro de 2010, consistiu na aplicação da SD pela aluna-pesquisadora em uma turma de nono ano de uma escola municipal do ensino fundamental, da cidade de Campina Grande-PB. Para análise foram selecionados dois tipos de dados: as oficinas prescritas no *Caderno do professor* (*trabalho prescrito)* e as oficinas subsidiárias durante o desenvolvimento da SD (*trabalho planificado e realizado).* Como categorias de análise, elegemos, conforme o *Caderno,* os elementos constitutivos da crônica, quais sejam: título, cenário, foco narrativo, tom, personagens, linguagem coloquial, enredo e desfecho. Como resultados preliminares, a análise mostra que, apesar de o modelo apresentado provocar a adesão do alunado, que se empenhou progressivamente nas atividades de leitura e produção textual, há necessidade de inclusão/adaptação de atividades, no decorrer da SD, em função das lacunas de conhecimento dos alunos, o que tende a tornar insuficiente o tempo destinado para a aprendizagem efetivadas consideradas dimensões ensináveis do gênero pelo Caderno do Professor.

A MARGARIDA FEMINISTA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CONSTRUINDO O ETHOS DA PERSONAGEM DE DISNEY
Lívia Maira Barbosa Felipe (UFRN)
Sylvia Coutinho Abbott Galvão (UFRN)

Atualmente as histórias em quadrinhos (HQs) ocupam um espaço importante na formação/educação de crianças e adolescentes, tendo, no Brasil, o reconhecimento de seu emprego legitimado pela LDB e pelos PCN. Como uma manifestação discursiva, as HQs, além de se inserirem numa realidade sócio-histórica, abordam temáticas universais, o que propicia, em sala de aula, um trabalho interdisciplinar envolvendo diferentes habilidades interpretativas. Nesse sentido, pode-se afirmar que as personagens desse gênero discursivo ora confirmam ora driblam algumas representações partilhadas culturalmente numa determinada época. Considerando a perspectiva dos estudos retórico-discursivos (CHARAUDEAU, 2006; MAINGUENEAU, 2005, 2006, 2008) sobre ethos e estereótipos, investiga-se a construção do ethos feminista da personagem Margarida em exemplares da primeira edição brasileira da Margarida, de Walt Disney, publicados no período de 1986 a 1988. A análise do corpus leva-nos a uma conclusão preliminar de que o ethos feminino consagrado pela sociedade machista e patriarcal é desconstruído nessas histórias.

SESSÃO 2
TIPOLOGIA DOS EXERCÍCIOS ESCOLARES ENVOLVENDO GÊNEROS DIGITAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS
Benedito Gomes Bezerra (UPE)

Uma diversidade de gêneros textuais típicos do ambiente digital passou, nos últimos tempos, a fazer parte do cotidiano das pessoas em geral e dos alunos do ensino fundamental e médio em particular. A leitura e a escrita como práticas sociais assumiram esse ambiente como lócus privilegiado para sua realização e as diversas mídias digitais como canal ou suporte para a interação. Na tentativa de representar em suas páginas a diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade e no cotidiano dos estudantes, os livros didáticos vêm, ainda que timidamente, incorporando ou aludindo a gêneros digitais como conteúdos pertinentes para o processo de ensino-aprendizagem, por vezes explorando-os em atividades especificamente voltadas para a leitura e produção textual. Retomando estudos desenvolvidos por Marcus-

chi (1996, 2008) sobre o trabalho com a compreensão em livros didáticos, este trabalho tem como objetivo investigar e delinear uma tipologia dos exercícios propostos pelos manuais de ensino ao lidarem ou fazerem referência a gêneros oriundos do ambiente digital, com uma atenção especial para a forma como se propõe a compreensão dos gêneros em questão. Para o estudo, selecionamos 02 coleções de livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental (6º. ao 9º. Ano) e 02 coleções do ensino médio, nas quais analisamos os tipos de exercícios propostos para a compreensão de gêneros digitais como blogs e e-mails. Os resultados apontam para certa limitação na exploração pedagógica dos gêneros digitais em livros didáticos, através de exercícios que não contribuem para uma compreensão profunda do gênero como ação social (MILLER, 2009) e que, por vezes, se limitam a explorar aspectos meramente formais presentes na superfície textual.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIOSSUBJETIVAS NAS PRÁTICAS SOCIAIS DE LINGUAGEM EM TEXTOS EMPÍRICOS ESCOLARES
José Marcos de França

Neste artigo procuramos discutir as representações sociossubjetivas nas práticas sociais de linguagem a partir das concepções dos mundos formais habermasianos concretizadas empiricamente nos gêneros textuais. Partimos da seguinte problemática: se forem dadas as devidas condições de produção discursivas, alunos com baixo nível de letramento conseguem representar sociossubjetivamente em textos empíricos o que foi apreendido semioticamente sobre um determinado tema trabalhado em uma sequência didática?;eles conseguem representar/reproduzir o modelo e o estilo de gênero textual indexado trabalhado? O trabalho foi desenvolvido com duas turmas de 9º ano, no ano letivo de 2010, com alunos repetentes e com distorção idade/série e baixa motivação para a leitura e a escrita além de sérios problemas de domínio da linguagem formal. O foco temático meio ambiente e o trabalho com gêneros midiáticos, principalmente, foram abordados com o intuito de levá-los a uma tomada de consciência crítica sobre o tema e de si como agentes de linguagem e de ação, pois tínhamos como objetivo principal para o final do processo a produção de um fanzine que iria circular por toda a escola, no sentido de concretizá-lo como uma prática social de linguagem. Para análise, escolhemos dois textos produzidos por uma aluna, uma crônica e um poema, cujas dificuldades no início do ano letivo pareciam insuperáveis, no sentido de vermos que representações de mundo o sujeito expressa sobre o tema abordado e se as condições de produção dadas pelo professor favoreceram a apreensão dos mundos discursivos em torno do conteúdo temático, da infraestrutura e dos mecanismos linguísticos e enunciativos próprios de cada gênero focado. Para esta discussão, nos subsidiamos nos aportes teóricos do InteracionismoSociodiscursivo (ISD) de Bronckart (1999, 2006, 2008) com sua discussão sobre a teoria dos mundos habermasianos na produção de textos empíricos. Nossa análise nos levou à conclusão de que dadas as devidas condições de produção, os alunos conseguem sociossemiotizar em torno do tema e do modelo de gênero em questão como práticas sociais de linguagem.

GÊNEROS ORAIS FORMAIS NA ESCOLA: AVANÇOS E ENTRAVES
Fabiana Albuquerque Farias (UFCG/POSLE/Bolsista REUNI)

A década de 90 foi determinante para a chamada "mudança de paradigma" no que diz respeito às novas perspectivas para o ensino-aprendizagem da língua, visto que neste período verificou-se uma maior ebulição dos estudos linguísticos, o que vem refletindo uma nova configuração da Língua Portuguesa como disciplina atualmente. Nessa nova configuração, novos objetos de ensino e aprendizagem foram reivindicados e, assim, considerando a extrema variedade das práticas de linguagem, são os gêneros que passam a ser considerados para o ensino de língua materna. Guiada por esse novo paradigma, a linguagem oral passa a ser mais um dentre os novos objetos de ensino da língua materna, especialmente os gêneros orais da esfera pública de comunicação, inclusive em alguns livros didáticos de Língua Portuguesa, considerados como uma das principais ferramentas para o ensino em grande parte das escolas brasileiras. Em contrapartida, estudos recentes confirmam que o ensino desses gêneros continua relegado ao segundo plano e a escola permanece priorizando o ensino de gêneros escritos. Com o intuito de compreender o porquê dessa discrepância e propor modos de inserir o estudo dos diversos gêneros orais formais em sala de aula, aplicamos um questionário a um grupo de professores de escolas estaduais do município de Campina Grande -PB. Partindo dos resultados desses questionários, este artigo tem como objetivo discutir os avanços como também os entraves de um trabalho efetivo com os gêneros orais na escola. Fundamentamo-nos, para tanto, no modelo de análise de textos do InteracionismoSóciodiscursivo (ISD), conforme Bronckart (1999, 2006), e na teoria advinda da didática das línguas de Schneuwly e Dolz (2004), sobretudo em suas discussões sobre o desenvolvimento das capacidades de linguagem através do trabalho com os gêneros textuais, tomados como objetos ensináveis.

GÊNEROS TEXTUAIS E FORMAÇÃO CONTINUADA: UMA PESQUISA COM PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA (EF)
Bruna dos Anjos da Costa Crespo
Orientadora: Tânia Guedes Magalhães

As pesquisas na área da Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa têm crescido nos últimos tempos. Investigações que se dedicam ao estudo dos gêneros textuais, desde a década de 90, mostram a relevância e a pertinência do tema. Vários são os autores (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004; BRANDÃO, 2000; DIONÍSIO et al, 2003) que reafirmam a necessidade de se adotar o texto/discurso como objeto de ensino, bem como a necessidade de utilizar uma metodologia de ensino mais textual/discursiva, com base em gêneros orais e escritos, já que os objetivos do ensino de Língua Portuguesa envolvem a reflexão sobre a língua e o desenvolvimento de competências (TRAVAGLIA, 2000). Nesse sentido, este traba-

lho apresenta resultados parciais da pesquisa intitulada "Gêneros textuais: entraves e perspectivas" (financiamento FAPEMIG e UFJF). Realizamos, em 2007/2008, em uma escola pública municipal de uma cidade de Minas Gerais, uma pesquisa colaborativa, cujo resultado foi, entre outros, a construção de um Programa de Ensino de Língua Portuguesa baseado em gêneros textuais (BAKHTIN, 1992; SCHNEUWLY e DOLZ, 2004; BOTELHO e MAGALHÃES, 2011). Após a construção de tal documento, retornamos à escola para verificar, em uma segunda investigação, de que forma o corpo docente tem utilizado o documento. Numa vertente qualitativa, utilizamos como metodologia um estudo exploratório. Primeiramente, procedemos a um apanhado teórico das principais diretrizes da Linguística Aplicada sobre o Ensino de Língua Portuguesa na atualidade. Em seguida, procedemos a uma entrevista semiestruturada com os professores de Língua Portuguesa da Escola, tendo participado ou não da elaboração do Programa. Após a análise dos dados, percebemos uma lacuna na formação do corpo docente no que tange ao trabalho com os gêneros textuais. Desse modo, os resultados desta pesquisa encaminharão, para os próximos anos, projetos de pesquisa ação, que englobam a formação continuada de professores, enfocando o trabalho com a leitura e com a escrita na escola numa perspectiva discursiva de linguagem.

LETRAMENTO E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PESQUISA COM PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA
Michele Cristina Ramos Gomes
Orientador: Laura Silveira Botelho

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa intitulada "Gêneros textuais: entraves e perspectivas" (financiamento FAPEMIG e UFJF). Utilizamos como pressupostos teóricos as pesquisas na área da Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, principalmente aqueles que se debruçam sobre estudo dos gêneros textuais, tais como Schneuwly e Dolz (2004), Bakhtin (1992), os documentos oficiais (PCN, 1997, 1998; GUIA PNLD, 2010). Tais estudos mostram a pertinência da adoção de uma perspectiva de linguagem pragmática e discursiva, cujo foco de trabalho seja o letramento do aluno (SOARES, 2001), desenvolvendo suas capacidades de análise e uso da língua (TRAVAGLIA, 2000). Desse modo, realizamos, em 2007/2008, em uma escola pública municipal de uma cidade de Minas Gerais, uma pesquisa colaborativa, cujo resultado foi, entre outros, a construção de um Programa de Ensino de Língua Portuguesa baseado em gêneros textuais (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004; BOTELHO e MAGALHÃES, 2011). Após a construção de tal documento, retornamos à escola para verificar, em uma segunda investigação, de que forma o corpo docente tem utilizado o documento. Numa vertente qualitativa, utilizamos como metodologia um estudo exploratório. Primeiramente, procedemos a um apanhado teórico das principais diretrizes da Linguística Aplicada sobre o Ensino de Língua Portuguesa na atualidade. Em seguida, procedemos a uma entrevista semiestruturada com os professores de Língua Portuguesa da Escola, tendo participado ou não da elaboração do Programa. Os dados mostram que, de forma geral, embora o documento contemple uma abertura da escola aos discursos, o letramento do aluno fica restrito a textos que circulam na escola. A partir dessa pesquisa, pretendemos, em ações futuras, estruturar projetos de trabalho que enfoquem a formação continuada dos professores, de forma que contemplem uma metodologia de ensino na perspectiva do letramento.

SESSÃO 3
ARTIGO DE OPINIÃO: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DE PORTUGUÊS
Mirelly Renally da Silva Azevêdo (UFCG)

O ensino de Língua Portuguesa deve contemplar um ensino favorável ao aprendizado dos alunos, contribuindo para suas competências comunicativas, assim como para a formação de leitores e escritores proficientes. Com esse escopo, foi realizada uma experiência, através do componente curricular Estágio Supervisionado IV, realizado no sétimo (último) período do curso de Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, com duas diferentes turmas de 1º Ano, ensino médio, em uma escola estadual localizada no município de Campina Grande, Paraíba. O trabalho realizado nas turmas contemplou o estudo do gênero textual artigo de opinião, mediante um eixo temático: a mulher. Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir e apresentar a experiência concretizada a partir do estudo do gênero textual artigo de opinião, por meio da disciplina Estágio Supervisionado, cuja disciplina proporciona aos graduandos estabelecer uma analogia entre teoria/prática. Logo, a experiência do estágio supervisionado teve o escopo de proporcionar um ensino reflexivo e favorável a uma melhor aprendizagem a partir de um trabalho contextualizado, evidenciando a importância do professor estabelecer práticas de ensino que contemplem diretamente o interesse dos alunos, tornando-os mais atentos, críticos, participativos, assim como leitores e escritores proficientes. Nessa perspectiva, nosso aporte teórico fundamentou-se no estudo de gêneros, Marcurshi (2002), Bronkard (1999), leitura e escrita, a saber, Cavalcanti (2010), dentre outros teóricos. A partir de assuntos como, violência contra a mulher, prostituição, o trabalho realizado revelou a importância de contemplar temas e textos que fazem parte do universo diário do aluno, contribuindo, assim, para sua capacidade comunicativa, crítica, além de incentivar a leitura e escrita a partir de um gênero textual que faz parte do ciclo social.

OS GÊNEROS TEXTUAIS NO CONTEXTO DAS FORMAÇÕES CONTINUADAS
Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos (FESC)
Profa. Dra. Marígia Ana de Moura Aguiar

O cenário educacional do Brasil desperta em pesquisadores da Língua Materna o interesse em contribuir com o estudo por meio de propostas que ampliem o número de leitores e produtores de texto proficientes a partir de um trabalho didático significativo. Este artigo tendo como tema o ensino dos gêneros textuais amparou-se na proposta de Marcuschi

(2008), Santos (2006), Dolz e Schneuwly (2004) e Bazerman (2009) que acreditam no ensino/aprendizagem da língua materna organizado por meio desta ferramenta, atribuindo à linguagem e à interação a instrumentalização na construção do conhecimento e na formação do cidadão, também contou-se com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) ao tratarem da introdução e da divulgação da linguagem enquanto gêneros nas escolas. Ele pretende apresentar resultado de uma investigação científica que evidencia as dificuldades encontradas por professores do Ensino Fundamental do município de Escada/PE, no dia-a-dia da sala de aula para trabalhar com este recurso didático, e isto foi diagnosticado por meio de entrevistas com 80 professores do 5º ano, divididos entre 40 docentes da zona urbana e 40 da zona rural. Este trabalho contribuiu com o esclarecimento de que apesar de haver formações continuadas no município, os professores envolvidos apresentam desconhecimento das teorias de gêneros, textos, língua e linguagem, resultando consequentemente numa prática que se desconsidera a situação de produção, infraestrutura e função social destes "enunciados concretos" como disse Bakhtin ([1979], 2003), transformando os alunos em "prisioneiros" de fórmulas distantes do desenvolvimento cognitivo e social.

A EXPERIÊNCIA DO USO DOS BLOGS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
Marcela Aparecida Cucci Silvestre (UFRN)
Edna Maria Rangel de Sá (UFRN)

O presente trabalho parte de reflexões acerca da especificidade da linguagem utilizada na elaboração de gêneros discursivos pertencentes ao domínio da Internet, mais particularmente o blog. A partir da análise de blogs produzidos em Língua Inglesa por alunos do terceiro semestre do bacharelado em Ciências e Tecnologia, pretendemos estabelecer alguns princípios do processo de construção desses blogs, bem como desvendar peculiaridades temáticas, composicionais e estilísticas presentes nos produtos alcançados. A importância desse estudo reside não só no fato de fornecer subsídios para a orientação do ensino da escrita acadêmica em Língua Inglesa, mas também para uma reflexão a respeito das demandas de leitura e escrita impostas pelas novas tecnologias. A pesquisa apoia-se nas principais teorias ligadas aos gêneros discursivos e sua relação com as práticas sociais, e ao ensino de línguas para fins específicos. De Marcuschi, por exemplo, extrai-se o conceito de gênero textual e os processos de compreensão como trabalho social, estabelecendo relações importantes com as transformações do ensino tradicional. Igualmente útil é o estudo da articulação entre o ensino da língua e a cultura midiática, onde se discute a utilização de certos gêneros textuais ligados às novas tecnologias da comunicação como veiculadores de práticas sociais modernas, que devem ser incorporadas ao ensino contemporâneo. Também o aparecimento de novos gêneros discursivos é discutido, bem como os principais desafios encontrados pelo professor em decorrência dessas inovações. Além disso, considera-se que as práticas sociais requeridas pelas ciências e tecnologias podem afetar consideravelmente os gêneros discursivos que viabilizam nossas ações de (pela) linguagem. Para tanto, aliamo-nos a uma perspectiva interdisciplinar, analisando atividades que envolvem tanto os conhecimentos linguísticos quanto os de áreas mais ligadas à formação específica dos graduandos participantes desse processo de construção de saberes. Ademais, o enfoque em teorias que privilegiam a utilização dos gêneros discursivos favorece a abordagem dos aspectos socioculturais da língua, tornando as aulas de língua inglesa mais próximas à vivência cotidiana.

O GÊNERO TEXTUAL RESUMO DOCUMENTÁRIO: METODOLOGIA E ANÁLISE
Rildeci Medeiros
Orientador: José Romerito Silva

Este trabalho reflete sobre a elaboração do resumo documentário, modalidade escrita, entendido como gênero discursivo da esfera acadêmica. Para tanto, ancora-se em aportes teóricos da Análise Documentária, da Linguística Textual e da Linguística Funcional. A problemática da pesquisa, ao envolver elementos constitutivos desse tipo de resumo, aponta para a necessidade de identificar a sua construção no processo de ensino-aprendizagem no meio acadêmico. Ademais, o problema da escassez de conhecimento prévio, por parte do autor/produtor, sobre os princípios e regras que norteiam a produção textual desse gênero, justifica a realização da pesquisa no sentido de explicitar seus elementos genéricos e linguístico-textuais. Decorrentes disso, emergem os seguintes questionamentos: (1) como analisar a produção do resumo documentário por alunos de diversos programas de pós-graduação?; (2) quais os padrões normativos e linguísticos na sua construção textual/discursiva nos gêneros acadêmicos dissertação e tese? Em vista disso, o objetivo principal do trabalho é produzir conhecimento sobre esse tipo de resumo, considerando os parâmetros metodológicos para o seu estabelecimento. Trata-se de um estudo empírico, de base documental, advindo de um estudo-piloto3. Os procedimentos metodológicos são a seleção de fontes documentais e a leitura analítica, considerando o aporte teórico pertinente. O critério adotado para a escolha do corpus deu-se em função da pertinência desse gênero discursivo na comunicação científica. Então, com a preocupação focada no texto-resumo de teses e dissertações, a amostra constitui-se de resumos extraídos dessa produção científica, período 2007-2009, no conjunto de textos da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Os resultados preliminares dessa investigação revelam escassez de pesquisas empíricas e certa lacuna teórico-metodológica sobre o estabelecimento e os procedimentos concretos desse gênero. Isso indica a necessidade de estudos sobre a sua produção, independentemente do campo do saber em que é elaborado. Portanto, espera-se contribuir para os estudos de textos, uma vez que o resumo documentário tem um papel de referência como elemento pré-textual no trabalho de natureza científica e na sua comunicação, seja em um artigo, em uma dissertação, em uma tese ou mesmo como um elemento de avaliação para trabalhos em congressos ou eventos similares.

WEBCONFERÊNCIA: PROCESSO INTERATIVO?
Maria José de Matos Luna (UFPE)
Siane Góis Cavalcanti Rodrigues (UFPE)

A UFPE, como espaço de pesquisa e de produção de conhecimento, constitui-se pioneiramente em um lugar privilegiado para o desenvolvimento do Curso de Licenciatura em Letras na modalidade a distância. A Educação a distância trata-se de um trabalho de fôlego no campo da ciência e da educação com uma extraordinária abrangência da construção do conhecimento. Nesse sentido, investigaremos as estratégias utilizadas pelo professor para participação dos alunos nas webconferências. Partimos do princípio de que o texto apresentado na Webconferência evidencia a identificação do educador com os vários temas tratados na disciplina e com muitos conceitos apresentados, mercê de toda sua vivência profissional enquanto pesquisador e professor. As estratégias nos levarão a efetuar a travessia do processo de elaboração do saber. Neste caso, específico, o nosso corpus será as webconferências do curso de graduação em EAD, ministrada nas várias disciplinas para os vários polos do Estado de Pernambuco. As competências científica e pedagógica do professor ainda são fundamentais para um bom desempenho do aluno no processo educacional como um todo, independente do meio em que está atuando, numa sala de aula presencial ou virtual. É preciso que ele tenha consciência do processo de transformação e assimilação de conhecimentos para poder criar estratégias eficazes de aprendizagem. Observaremos como os pesquisadores vivenciam a experiência das webconferências, considerando a sua vivência e a ação do tutor que é bastante significativa e engrandecedora profissionalmente, pois além de ser um desafio por exercer um papel não totalmente definido pela sociedade é preciso vencer diversos paradigmas sedimentados ao longo da carreira docente adquiridos com a prática em sala de aula presencial. Como disse Bakhtin, as ciências humanas, independentemente dos seus objetivos, têm o texto como ponto de partida. "São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos" (2003, p.307). Neste sentido, os gêneros científicos/pedagógicos que têm como objeto o próprio discurso científico/pedagógico constituem um importante mecanismo para que os estudiosos das diferentes áreas tenham a oportunidade de refletir acerca das especificidades da escrita/fala acadêmica e seu funcionamento sociodiscursivo.

SESSÃO 4
O PARECER PEDAGÓGICO COMO ORGANIZADOR DA AÇÃO DOCENTE
Normanda da Silva Beserra (UFPE)

Este trabalho discute o funcionamento do Parecer Pedagógico (PP)na ação docente de avaliar e registrar a aprendizagem escolar em classes iniciais do ensino básico. Esse gênero tem se difundido como forma de registro de avaliação escolar, em grande parte, devido à adoção da organização curricular por Ciclos de Aprendizagem, embora sua presença tenha se estabelecido há mais tempo na educação infantil. Por requerer um significado qualitativo para o registro da aprendizagem do aluno, o PP se coloca em oposição tanto ao caráter quantitativo e classificatório do registro por notas como à vagueza própria dos conceitos. Assim, o PP representa mudança no conteúdo e na forma do registro, exigindo do professor, no campo pedagógico, uma concepção formativa, diagnóstica de avaliação e no campo linguístico, competência comunicativa. Entretanto, é como organizador da ação pedagógica que esse gênero influencia e desvela a prática do professor. Sob a perspectiva dos estudos de Miller (1984, 1994) e Bazerman (1994), analiso pareceres produzidos em três momentos distintos de sua emergência na prática profissional de quatro professoras e busco estabelecer a identidade sociocomunicativa que esse gênero assumiu entre professoras de classes iniciais do município de Pesqueira/PE, identificar os sinais de avanço no domínio de sua escritura e verificar os indicadores de reflexão pedagógica que influenciam a prática docente. O traço predominante da macroestrutura desses textos é a tradicional organização em introdução, desenvolvimento e conclusão, tendo sido identificada a predominância de tópicos delimitados pelos componentes curriculares e outros relacionados a aspectos socioafetivos do aluno. Como tópicos de conteúdo eventual, encontrei atividades didáticas, relato de intervenção, menção à fase de desenvolvimento da escrita da criança e referência à frequência do aluno. No conteúdo do parágrafo de conclusão, onde mais se evidenciam as concepções pedagógicas do produtor, as indicações de intervenção surgiram apenas em produções posteriores ao ano de introdução do PP, como resultado do avanço no domínio do gênero.

CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E GÊNEROS TEXTUAIS: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS AO DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DOS SUJEITOS LEITORES
Rosilândia Flávia de Lima Ramos

Este trabalho tem o objetivo de refletir a importância da concepção de linguagem enquanto elemento fundamental para a prática pedagógica do professor de língua portuguesa. Geraldi (1999, p.40) postula que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade com os mecanismos utilizados em sala de aula. Ou seja, o fazer pedagógico do professor de língua portuguesa está intrinsecamente relacionado às suas concepções acerca do trabalho com a linguagem. Este estudo adotou uma concepção sociointeracionista de linguagem, compreendendo que as atividades de leitura e de escrita devem ser elaboradas e realizadas tendo como ponto de partida a historicidade dos educandos, com a finalidade de fomentar discussões a respeito das questões sociais, políticas, culturais e ideológicas presentes em seu cotidiano. Partindo do pressuposto de que, ao nos comunicarmos, nunca o fazemos da mesma maneira, mas enunciamos em determinadas condições de produção que envolvem os interlocutores e a situação em que se dá o processo comunicativo, materializando-se no texto (oral ou escrito) que passa a ser a unidade básica do trabalho com a linguagem. Dessa forma, em uma concepção sociointeracionista da linguagem,

a noção de gênero surge como questão fundamental nas discussões a respeito da eficácia do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita, visto que,a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual (Marcushi, 2002, p. 22). Entendidos como fenômenos sócio-históricos, os gêneros de texto estão intrinsecamente relacionados ao cotidiano da vida humana. Assevera Marcushi (2002, p. 19) que os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Portanto, é imprescindível que as atividades realizadas nas aulas de língua portuguesa se pautem no trabalho com os gêneros de texto, levando os alunos à reflexão crítica e ao desenvolvimento da sua competência discursiva e consolidando, verdadeiramente, a formação de sujeitos leitores.

ARGUMENTAÇÃO: ESTRUTURAS COMPOSICIONAIS E ESTRATÉGIAS PARA A PRÁTICA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA

Amitza Torres Vieira (UFJF)

Este estudo se propõe a mostrar como pressupostos teóricos da argumentação (Schiffrin, 1987; Vieira, 2003, 2007) podem contribuir para a leitura e produção de textos argumentativos em sala de aula. A proposta ampara-se na análise de artigos de opinião publicados na Revista Veja, nos últimos dez anos, e fundamenta-se primordialmente no modelo potencial de argumentação, referenciado em Vieira (2003, 2007), que possibilita a descrição das estruturas composicionais e das principais estratégias argumentativas utilizadas pelos ensaístas da revista. Os trabalhos de Vieira (2003, 2007) estão baseados fundamentalmente nos três constituintes da argumentação propostos por Schiffrin (1989): posição, disputa e sustentação. A posição expressa a tese ou ponto de vista a ser defendido pelo locutor, sendo composta por uma idéia (informação/conteúdo proposicional) e pelo compromisso (alinhamento/postura/adesão) do locutor com aquela idéia; a disputa refere-se a um desacordo em relação a uma posição ou à sua sustentação; e a sustentação é o componente argumentativo destinado a apoiar a posição. Os textos analisados apresentam três formas de argumentação (dedutiva, indutiva e dialética), podendo o ponto de vista aparecer de modo explícito ou implícito. A disputa de pontos de vista ocorre apenas no modelo dialético, podendo ser relacionada à "concordância parcial", citada por Garcia (1998). A sustentação pode ser expressa por justificação (geralmente introduzida pelos conectivos causais "porque" e "que" explícitos ou recuperáveis no contexto), evidência (exemplos, fatos, dados estatísticos, testemunhos) e evidência formal (presença do silogismo "se F então P"). Também na sustentação há o uso de perguntas retóricas cujas respostas orientam o leitor para o ponto de vista que está sendo defendido. A todos esses componentes pode ser imbricada uma dimensão avaliativa, sinalizada tanto por marcas linguísticas (qualificadores, intensificadores, nomes avaliativos, etc.) quanto por informações inferenciais. O conhecimento sobre os diferentes recursos utilizados nos textos analisados amplia o leque de opções pedagógico-metodológicas para a prática de ensino de leitura e produção de textos argumentativos nas escolas.

LER EM TIRINHAS: AS ATIVIDADES DE LEITURA NO LIVRO DIDÁTICO DE LINGUA PORTUGUESA

Julianny de Lima Dantas Cavalcante

O livro didático ocupa hoje um lugar de destaque nas práticas de ensino brasileiras, sendo ainda, no caso da disciplina de língua portuguesa, uma das bases fundamentais da leitura e do ensino da leitura na escola. Este último aspecto torna justificada e necessária uma ativa produção de conhecimentos sobre as concepções teórico-metodológicas que embasam o trabalho com a leitura nesses materiais didáticos e ainda sobre a forma como esse trabalho é efetivamente encaminhado. Em um recorte de nossa pesquisa (relatada em uma dissertação de mestrado recentemente defendida), nosso objetivo foi analisar atividades de leitura em quatro livros didáticos de Língua Portuguesa (Manuais do Professor), destinados ao 6º ano do Ensino Fundamental, tendo como recorte as atividades propostas a partir de um gênero discursivo específico, neste caso, a tira cômica. Após recuperar e elencar os objetivos que norteiam a elaboração das atividades de leitura nos LDP, por meio do Guia do Professor, procuramos verificar o cumprimento, ou não, desses objetivos no encaminhamento das atividades. A partir da observância de aspectos recorrentes no encaminhamento dessas atividades, elegemos um desses aspectos para discutir mais detalhadamente: a freqüência de atividades de leitura que não fornecem, ou simplesmente desconsideram, informações prévias sobre as personagens ou o enredo das tirinhas abordadas. Para que pudéssemos delinear melhor nosso objeto de pesquisa, optamos pela pesquisa documental de natureza qualitativa e levamos em consideração estudos específicos sobre a natureza e a constituição da linguagem (BAKHTIN, 1981, 2003, 2010; BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006; SOUZA, 2002; GERALDI, 1996, 1997, 1999, 2006; ROJO, 2008a, 2008b, entre outros), como também estudos sobre as atividades de leitura no livro didático de língua portuguesa (MARCUSCHI, 2010; BELMIRO, 2006; MENDONÇA, 2006, entre outros).

POSIÇÕES VALORATIVAS NA CONSTITUTIVIDADE DO SUJEITO- LEITOR: UM ESTUDO EM DIÁRIOS DE LEITURA

Ana Rafaela Oliveira e Silva (UFRN)
Fábia Érica de Matos (UFRN)
Gianka Salustiano Bezerril (UFRN)
Joana Darck Severo Dantas (UFRN)

Estudos na área da Linguística Aplicada no Brasil e no exterior têm possibilitado diversas análises de gênero do discurso sob a perspectiva bakhtiniana (ACOSTA-PEREIRA, 2008; BRAIT, 2006; PRIOR, 2007; PONZIO, 2009; RODRIGUES, 2001; ROJO, 2005). Diante disso, esse estudo objetiva apresentar uma breve análise acerca do gênero do discurso diário de leitura na perspectiva metodológica dos estudos de Bakhtin e o Círculo. Para tanto, foram selecionados (12) exemplares do referido gênero, produzidos por graduandos do curso de Letras CERES/CURRAIS NOVOS, do VI período, no componente curricular

Leitura e Produção de textos argumentativos. Nessa perspectiva, procuramos discutir a valoração presente no gênero, e ainda elementos linguísticos que regularizam o gênero e o caracteriza como uma reação resposta aos enunciados anteriores. Para fins metodológicos, adotamos a revisão de estudos prévios sobre diário de leitura (MACHADO, 2007; LOUSADA, 2007; ABREU-TARDELLI, 2007), além das postulações bakhtinianas sobre o método sociológico de análise da língua. Esse estudo busca compreender essas relações e recortes axiológicos construídos no discurso desse gênero. Entendemos que o presente estudo é relevante, à medida que não apenas contribui para o advento de pesquisas em análise de gêneros do discurso na LA, como colabora para a consolidação de percursos científicos com base nos trabalhos de Bakhtin, possibilitando aos professores de diversas áreas do conhecimento nortearem seus trabalhos docentes com os múltiplos apontamentos desse renomado estudioso, dentro do vasto campo teórico- metodológico da linguística aplicada.

SESSÃO 5
CORDEL NA SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DO GÊNERO
José Milson dos Santos (IFRN)

Neste trabalho, apresentamos os resultados de uma sequência didática desenvolvida com o gênero cordel em turmas de Educação de Jovens e Adultos do IFRN - Campus João Câmara. O projeto teve como objetivo estudar o gênero cordel em suas dimensões discursiva e linguístico-textual. Para isso, várias atividades foram realizadas: leitura e discussão de cordéis com temáticas diversas, em rodas de leitura; palestra com cordelista profissional; dramatização de alguns cordéis pelos alunos, organizados em grupos; sistematização das principais características do cordel, em apostila, como aspectos formais (estrofes, versos, rimas); temáticas mais frequentes; finalidade do gênero; linguagem empregada; efeito de humor. Em seguida, os alunos produziram seus cordéis que, após um processo de revisão e reescrita, foram expostos e vendidos durante o I Fórum Científico e Cultural da Região do Mato Grande. Como pressupostos teóricos, adotamos a concepção interacionista da linguagem, de base enunciativa, e de gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997; 2002), além dos estudos sobre sequências e módulos didáticos propostos pelo Grupo de Genebra (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Apoiamo-nos, mais especificamente, nos trabalhos de Lopes-Rossi (2003), desenvolvidos com projetos pedagógicos e módulos didáticos, que preveem, pelo menos, três etapas, às quais já nos referimos anteriormente: leitura e conhecimento do gênero; produção escrita; divulgação ao público. Vários títulos foram produzidos, dentre os quais podemos destacar: A peleja de Gorete com Vavá; O devoto de Padim Ciço que inventou de ser crente; A peleja do professor Alex com o professor Milson; Os abalos de João Câmara; A chegada do IFRN em João Câmara; O dia a dia do Hospital Regional de João Câmara. Muitos trabalhos, como podemos atestar pelos títulos, fazem uma relação direta com o contexto social mais próximo dos alunos, o que comprova o alcance dos objetivos, tanto na dimensão textual quanto na discursiva.

"DO RESUMO À EXPOSIÇÃO ORAL": ENSINO DE GÊNEROS ACADÊMICOS PARA ALUNOS DOS PERIODOS INICIAIS DO CURSO DE LETRAS
Elisa Cristina Amorim Ferreira (PET Letras/UFCG)
Rhayssa Késsia Alves da Costa (PET Letras/UFCG)
Roberta Andrade Meneses (PET Letras/UFCG)
Orientadora: Denise Lino de Araújo

No meio acadêmico, há a necessidade de produção e de publicação de textos típicos dessa esfera comunicativa, tanto para a circulação na própria universidade, quanto para a divulgação científica. Como nos afirmam Motta-Roth & Hendges (2010), não só pesquisadores e professores, mas também alunos sofrem constante pressão para elaborar e publicar textos de qualidade na forma de artigos para periódicos acadêmicos e livros como meio de assegurar espaço profissional. Há, além disso, a necessidade de apresentação de tais textos em congressos e seminários, como forma de expor ao meio acadêmico/científico as pesquisas desenvolvidas e o próprio expositor enquanto pesquisador-especialista. Em vista dessas considerações, o PET Letras UFCG (Programa de Educação Tutorial) elaborou e ministrou o curso denominado "Do resumo à exposição oral: funcionamento linguístico, textual e discursivo de gêneros acadêmicos", para alunos dos períodos iniciais do curso de Letras da universidade referida, com o objetivo de ler, analisar e produzir gêneros acadêmicos: resumo, paper/artigo científico e exposição oral. Suportes típicos da acadêmica também foram focos de estudo: apresentação em slides (Power Point) e pôster. O referido curso ocorreu no primeiro semestre de 2011 e contou com 20 horas/aulas (sendo seis dedicadas ao atendimento individual). A metodologia empregada pautou-se na exposição oral dialogada, estudo de textos, produção de gêneros orais e escritos, auxiliada por recursos midiáticos e, essencialmente, por um módulo desenvolvido para o curso. Este trabalho busca, portanto, apresentar um relato de experiência reflexivo, contemplando desde o planejamento até a aplicação e consequentes resultados do curso em questão. Os fundamentos teóricos utilizados recuperam os estudos de Bronckart (1997), Machado (2004 e 2010), Motta-Roth & Hendges (2010), entre outros.

GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO: UMA PROSPOSTA DE ATIVIDADES BASEADA EM SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS
Aparecida de Fátima Brasileiro Teixeira

A proposta de uma discussão pedagógica acerca da duplicidade de sentido entre gêneros textuais e tipologias textuais foi sugerida, no intuito de sanar as dúvidas surgidas, em uma oficina realizada, bem como promover uma constatação concreta sobre a metodologia utilizada na seleção e uso dos gêneros textuais no processo de ensino aprendizagem. O presente texto foi resultado de um processo de observação no decorrer de um curso de formação continuada no Programa Gestão

da Aprendizagem Escolar, GESTAR II, com professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II. Com esta pesquisa buscou-se verificar qual o posicionamento dos profissionais de educação em relação aos diversos gêneros textuais que faziam parte do contexto sociocultural dos discentes no ambiente escolar e propor atividades baseadas no livro Felpo Filva, de autoria de Eva Furnari. A natureza do problema observado referente à prática de ensino descontextualizada e o uso de gêneros textuais que já fazem parte do conhecimento do discente, motivou a realização de atividades diferenciadas com os educadores sobre gêneros textuais e sequências didáticas e a contribuição no desenvolvimento de um leitor/escritor crítico e conhecedor da variedade de textos que circulam no espaço educacional e extraescolar. O aporte teórico conta com as contribuições, de Marcuschi (2008), Bazerman (2005), Brandão (2003), entre outros. A metodologia utilizada centrou-se na associação desta teoria com as práticas concretizadas. Para identificação dos objetivos, foi preciso usar atividades variadas, a fim de promover situações pedagógicas associadas ao contato com docentes. Foi verificado que é possível promover um ensino de língua portuguesa dinâmico e prazeroso, mantendo uma relação de interação entre discentes, texto e docentes.

QUERES SABER A ORIGEM DOS TEUS PROBLEMAS?: UMA ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DO GÊNERO ANÚNCIO DE VIDENTE
Márcia Ananda Soares Siqueira de Sousa

Pretende-se, neste trabalho, o empreendimento de uma análise do gênero anúncio de vidente, o qual divulga o serviço de vidência na cidade de Teresina- PI, de modo a se perceber quais os níveis de estabilidade desse gênero. Para tanto, constituiu-se um corpus com todos os "modelos" de anúncios de vidente que circulam pela cidade, perfazendo um exemplário com sete anúncios. As análises centram-se em torno de questões descritivas e interpretativas sobre os movimentos retóricos e os propósitos comunicativos do gênero em foco. Diz-se, ainda, que, por razões metodológicas, os anúncios foram organizados em grupos de acordo com as semelhanças na organização das informações, haja vista, o entendimento de que a disposição das informações dá-se em função dos propósitos desse gênero. Ressalva-se que, nessa análise, são consideradas, também, entrevistas realizadas com as videntes, uma vez que a forma como os usuários percebem e interferem no funcionamento do gênero é relevante para uma análise centrada na perspectiva aqui assumida. Nesse sentido, recorre-se, portanto, aos trabalhos de Bakhtin (2003), Swales ([2001] 2004), Miller (2009) e Devitt (2008) nos quais se buscou fundamentação para a concepção de gênero aqui utilizada, a saber, a ideia de que os gêneros discursivos são concebidos como meios de comunicação e organização de práticas sociais e linguageiras situadas nos mais variados campos da atividade humana. (cf BAKHTIN, 2003) Ademais, os gêneros são, também, percebidos tanto como reflexos de práticas sociais, quanto como responsáveis pela organização de atividades sociais. É, nesse viés, que Devitt (2008) defende que um estudo de gênero requer a percepção e compreensão das formas como as pessoas usam a linguagem para realizar atividades no mundo. O gênero anúncio de vidente exemplifica bem esse aspecto dos gêneros, já que ao realizar uma ação (anunciar um serviço) ele se torna também reflexo dessa ação (existe em função da necessidade de tal ação). A partir das análises, aqui, realizadas observou-se que a estabilidade reconhecida nesse gênero ocorre em níveis flexíveis a depender da forma como direcionamos o olhar para o gênero.

JORNAL NA SALA DE AULA: A CONSTRUÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS
Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva

Por uma Pedagogia da Informação, este relato compartilha uma experiência realizada com alunos do curso de Informática do IFRN, especificamente do 2º ano do Ensino Médio, a saber, a criação de um jornal, fruto do Projeto Palavras na Mídia: construindo um espelho social. Para tanto, pautou-se nos estudos de Charaudeau (2006), Koch e Elias (2010), Faria (2008), entre outros. Além da abordagem jornalística, que valorizou o trabalho com diferentes gêneros textuais de imprensa, funções e níveis de linguagem presentes nos jornais e noções gramaticais diversas, buscou-se, ainda, uma abordagem histórico-literária, objetivando fazer com que os alunos olhassem para os fatos de forma crítica, além de levá-los a realizar (re)leituras do Romantismo, período artístico que coincide com o surgimento da imprensa. O trabalho mostra que a utilização do jornal em sala de aula, mesmo em tempos de interatividade via celular e internet, continua sendo uma ferramenta que melhora o hábito de leitura; aumenta a assimilação do conteúdo; amplia o vocabulário e estimula o senso crítico, motivando os estudantes.

SESSÃO 6
GÊNEROS MIDIÁTICOS E LIVRO DIDÁDICO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
Roseane Santana Santos Dias (UFS)

O presente trabalho consiste em uma abordagem discursiva dos gêneros midiáticos no livro didático de Língua Portuguesa (doravante LDP). O estudo está fundamentado nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de Linha Francesa. Com base nessa teoria, analisamos a constituição, a formulação e a circulação dos discursos presentes no LDP. A escolha dessa linha teórica encontra justificativa no fato de a AD francesa se interessar pelo texto, não pelo o que ele diz, e sim como ele diz, possibilitando ao leitor perceber os mecanismos ideológicos perpassados na sua construção. Nesse sentido, exploramos nas cinco peças publicitárias analisadas os diferentes discursos (re) produzidos e veiculados no livro didático. A princípio, abordamos a teoria dos meios de comunicação de massa seguida da teoria do discurso, estabelecendo um diálogo entre as duas teorias. No segundo momento, exploramos as questões referentes aos gêneros midiáticos, discurso pedagógico e PCN. Após essas etapas, procedemos à análise dos corpora: peças publicitárias retiradas do livro Português Linguagens, do 8º e 9º anos. Nesse momento, analisamos como no livro didático a ideolo-

gia dominante (capitalista) encontra modos de funcionamento e assim reproduz os valores e interesses da sociedade capitalista. Baseados nas análises, concluímos que as peças escolhidas pelos autores para compor o tópico "semântica e discurso", estão inseridas em formações ideológicas do consumo e são voltadas para as classes média e média alta. Essa é uma questão extremamente relevante, no entanto, o mais grave é o fato de que ao trabalhar esses textos no livro didático, a perspectiva crítica não é contemplada em nenhum momento e os textos são utilizados apenas para reproduzir e naturalizar sentidos dominantes.

A PRODUÇÃO DE GÊNEROS ACADÊMICOS EM CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES A DISTÂNCIA: OS MESMOS GÊNEROS EM OUTROS CONTEXTOS
Ananias Agostinho da Silva (UERN)
Maria Gorete Paulo Torres (UERN)

Na universidade, uma das principais instituições sociais onde o conhecimento é produzido e perpetuado, o trabalho com a produção de textos escritos com objetivos e fins específicos é uma prática bastante comum, independentemente do curso, da área de conhecimento ou mesmo da modalidade em que se estuda. Corroborando com esse pressuposto, interessa-nos neste artigo, verificar como ocorre o trabalho com a produção de gêneros acadêmicos em cursos de formação de professores na modalidade de educação à distância (EAD), mais especificamente no Curso de Letras com habilitação em Língua Espanhola, ofertado por uma universidade pública brasileira para professores de língua espanhola ou alunos concluintes do ensino médio. Para execução desta pesquisa, de cunho descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa, elaboramos um formulário composto por questões abertas e fechadas, que foi aplicado aos formandos do Curso de Letras. Como aporte teórico, nos ancoramos nos postulados de Bakhtin (2004) e de Swales (1990; 2001) e em estudos desenvolvidos por autores como Bessa (2007), Bernardino (2009), Motta-Roth e Hendges (2010), Souza (2009; 2010), dentre outros. Os resultados apontam que os gêneros trabalhados no Curso de Letras ofertado na modalidade à distância correspondem aqueles comumente produzidos na universidade, porém parecem apresentar certas discrepâncias, o que pode ser compreendido como uma variação daqueles gêneros, ocasionada pelo novo contexto em que são produzidos, ou mesmo um desconhecimento por parte dos alunos em relação às principais características dos gêneros produzidos na academia.

GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: DA ORALIDADE À ESCRITA - UMA POSSIBILIDADE DE ENSINO
Maria Letícia Naime Muza

O processo de ensino e aprendizagem de línguas a partir dos gêneros textuais em projetos de letramento tem sido uma constante preocupação dos professores da área da linguagem nas escolas de educação básica públicas brasileiras. Por conta disso, a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis vem possibilitando a seu corpo docente momentos de estudos, discussões e socialização de práticas pedagógicas qualificando a formação continuada dos professores de língua portuguesa e alfabetizadores. Exemplo disso, é a adesão ao programa do MEC, GESTAR II: Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar em Língua Portuguesa e Pró-letramento: alfabetização e linguagem – programas vinculados, em Santa Catarina, a UnB e UFSC. Além disso, como parte do programa de formação continuada da SME de Florianópolis, oficinas sobre gêneros textuais orais e escritos e sequências didáticas objetivando a produção textual dos gêneros envolvidos na Olimpíada da Língua Portuguesa são organizadas e oferecidas aos professores dessa rede. Neste trabalho, portanto, discutiremos questões referentes ao ensino e aprendizagem de línguas a partir dos gêneros textuais em projetos de letramento e a importância da escola como agente de letramento. Para tanto, abordaremos questões teóricas sobre práticas e eventos de letramento, gêneros textuais/discursivos, tipos textuais, suporte e sequência didática que embasarão nossa proposta. Em seguida, apresentaremos uma sugestão de sequência didática, como ferramenta metodológica, para o ensino do gênero entrevista a partir da criação de situações reais de comunicação que valorizem a cultura local, visando a produção do gênero memórias literárias. Por fim, expressaremos nossas conclusões sobre as práticas escolares de letramento na produção textual oral e escrita. (BALTAR, 2006; KLEIMAN, 1995; BONINI, 2002; SCHNEUWLY, DOLZ e NOVERRAZ, 2004)

DO ORAL AO ESCRITO: OS RELATOS REFLEXIVOS COMO ESPAÇO PARA POLIDEZ EM PRÁTICAS SOCIAIS ACADÊMICAS
Ana Cecylia de Assis e Sá (UFCG)
Aloísio de Medeiros Dantas (UFCG)

Este trabalho tem como escopo focalizar a aquisição da linguagem escrita por parte de acadêmicos de Letras, analisando nos textos de alguns sujeitos selecionados a influência da oralidade na escrita, no que diz respeito à utilização da polidez para moldar a argumentação e facilitar/prejudicar a interação, em um gênero discursivo – o relato reflexivo. Assim, o estudo apresentado foi produzido no contexto da disciplina "Práticas de Leitura e Produção Textual – II" (PLPT-II) do curso de Letras, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em que havia a ocorrência de contextos de seminários, compostos pela apresentação oral dos conteúdos e a escritura de um relato reflexivo que contemplasse a eficácia das apresentações. A temática aqui abordada se justifica com base na necessidade de uma maior legibilidade e compreensão da singularidade deste contexto, no que concerne à baixa proficiência de escrita do gênero relato reflexivo, pelos alunos do segundo período do curso de licenciatura em Letras. A justificativa também se dá por se tratar de uma disciplina relacionada à escrita, portanto, o enfoque centra-se justamente neste processo de organização do texto escrito e as marcas de oralidade presentes nele. Para a construção do arcabouço teórico desta pesquisa recorremos a dois enfoques da língua. Primeiramente, o modelo postulado por Bronckart (1985/1999), especificamente no que diz respeito à linguagem

(escrita). De acordo com Bronckart (2008), "a linguagem é, primeiramente, sobretudo, uma atividade (social) específica, ou uma atividade do discurso." (p.70). Posteriormente, o enfoque dado é à noção de polidez, aperfeiçoada por Brown e Levinson (1987), afirmando que os atos que somos levados a produzir na interação são, de alguma forma, "ameaçadores" a uma e/ou à outra face dos sujeitos envolvidos na interlocução. Após a análise dos relatos reflexivos observamos os relatos reflexivos nem sempre são um espaço propício para a polidez em práticas sociais acadêmicas, uma vez que o texto escrito dá mais margens para que críticas, desaprovações, ameaças, posicionamentos sejam feitos. Assim, a modalidade escrita da língua aumenta os atos de ameaça à face dos sujeitos envolvidos nas interações.

A ESCRITA DE TEXTOS NA ACADEMIA: PROBLEMAS E POSSIBILIDADES
Fernanda Kelly de Andrade Oliveira (UFCG)
Orientadora: Maria de Fátima Alves (UFCG)

Atualmente, no âmbito dos estudos da linguagem, são inúmeras as pesquisas sobre o ensino-aprendizagem da escrita no Ensino Fundamental e Médio. No entanto, segundo resultados de diversas pesquisas (MACHADO, 2004, MARINHO, 2006, MOTTA-ROTH, (2009), a escrita de textos acadêmicos não tem recebido a atenção devida no Brasil. O que não deveria ocorrer, uma vez que há uma queixa generalizada dos professores do Ensino Superior, no sentido de que os alunos não sabem escrever, sentem dificuldade em articular as partes constitutivas de um texto, bem como em resumir ou resenhar as ideias de um dado autor. Tais textos, no geral, apresentam problemas de coesão interna, coerência, argumentação, uso da norma padrão, além da não consideração das condições de produção do texto. Entendemos que é preciso não apenas investigar a razão desses problemas, mas, através da mediação e da intervenção do professor, contribuir de alguma forma para a melhoria da escrita dos universitários. Este trabalho visa fazer uma reflexão crítica sobre a escrita de textos acadêmicos - resumos e resenhas - produzidos, recentemente, por um número significativo de alunos do Curso de Pedagogia da UFCG (2011.1), focalizando as dificuldades de escrita e as possibilidades de mudança. Também visa apresentar, a partir de um trabalho sistemático de reescrita dos gêneros produzidos pelos alunos, os avanços alcançados por eles. A reflexão foi feita à luz de uma perspectiva sociointeracionista de linguagem, que considera a escrita como uma atividade interativa e o texto como uma unidade da linguagem em uso, ou como elemento de uma situação social que inclui construção de sentido, objetivos, atitude crítica dos sujeitos interactantes da linguagem. Os resultados da pesquisa apontam para o fato de que, apesar das dificuldades dos alunos em produzirem textos, quando lhes oferecem condições propícias para interagirem com objetivos sociocomunicativos, próprios aos usos sociais da escrita, eles progridem em suas produções textuais, conscientizando-se da relevância destas para a sua vida acadêmica.

SESSÃO 7
AS MANIFESTAÇÕES DO INTERLOCUTOR NO PROCESSO DE DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO MEMÓRIA LITERARIA NA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA: DAS ORIENTAÇÕES DO MANUAL DO PROFESSOR À PRODUÇÃO TEXTUAL DO ALUNO
Diana Ribeiro Guimarães

O presente trabalho consiste na investigação das manifestações do interlocutor nas orientações do Caderno do professor, destinado aos educadores inscritos na Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), no ano de 2010, bem como na materialização do gênero memória Literária, produzido por alunos finalistas desse concurso. Os dados que compõem esse estudo foram coletados no site: http://escrevendo.cenpec.org.br/ecf. Para a análise dos dados que compõem o corpus da pesquisa, optamos por uma abordagem interpretativista de cunho qualitativo e orientamo-nos por uma concepção sócio-interacionista de linguagem, a qual considera a língua como lugar de interação humana. Para isso, subsidiamo-nos nos pressupostos de Bakhtin/Volochinov (1995), Bakhtin (2003), Vygotsky (1989;1987) e Britto (2003). Os resultados obtidos mostram que o aluno, em sua produção final do gênero memória, procura estabelecer um determinado tipo de relação com o seu leitor, evidenciando, desse modo, que ele possui internalizado o processo dialógico entre locutor e interlocutor. Isso demonstra que, possivelmente, o professor seguiu as orientações do Caderno do professor, explicitando para o aluno a importância do interlocutor para a realização da atividade de escrita. Esse estudo torna-se relevante pelo fato de poder inserir-se entre as contribuições teóricas da vertente do interacionismo sóciodiscursivo, ao relacionar a definição da natureza enunciativa da linguagem, nos termos bakhtinianos e a explicação, nos termos vygotskianos, da natureza psicológica da relação entre linguagem e pensamento, envolvendo os construtos de internalização e zona proximal de desenvolvimento (Dolz eSchneuwly, 2004). Ademais, analisamos a contribuição do material teórico-metodológico, oferecido pela OLP, enquanto uma das ações educativas de intervenção no ensino nacional, para o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades de leitura e escrita do aluno.

NO RASTRO DO GÊNERO INFOGRÁFICO: UMA ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA
Francisco Vieira da Silva
Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa

Esse artigo focaliza um gênero considerado recente: o infográfico. Emergente da esfera jornalística e da mídia em geral, o infográfico tem sido pouco explorado pelos estudos da Linguística, o que pode explicar a quase inexistência desse gênero em manuais didáticos. Objetivamos com esse estudo analisar as tipificações e as regularidades que marcam o infográfico, tornando-o um gênero textual, e não apenas um recurso gráfico que delineia a multimodalidade de outros gêneros.

Nessa perspectiva, faremos uma abordagem de caráter sociorretórico de um corpus forjado a partir de 10 (dez) infográficos presentes na revista Aventuras na História em edições dos anos de 2007/2008. Com uma periodicidade mensal a revista é considerada uma das maiores publicações especializadas da área de História, caracterizando-se por apresentar um viés científico voltado para o público jovem. Nessa análise, será adotada a perspectiva sociorretórica cuja base repousa nos postulados teóricos de Swales (1990), Bazerman (2006) e Miller (2009a, 2009b). Para subsidiar a presente investigação, será necessário recorrer a autores que tomaram os infográficos como objeto de estudo, quais sejam: Paiva (2009) e Fogolari (2009). Acreditamos que ao tratar o infográfico por uma ótica mais minuciosa, possivelmente será desvelada o vínculo existente entre aquele gênero e o texto que lhe dá base. Os resultados preliminares dessa análise evidenciam que na revista Aventuras na História subsistem pelo menos duas formas de aparecimento dos infográficos: aqueles que integram as reportagens e as notícias, aparecendo junto a esses gêneros, e outros que se encontram em seções separadas dos demais textos presentes na publicação. Como alguns dos gêneros jornalísticos, o infográfico pode-se configurar num mecanismo eficiente para se abordar em sala de aula a relação estabelecida texto verbal e imagem, de modo a explorar a multimodalidade intrínseca a tais gêneros. Com isso, pode-se inferir que a inserção dos infográficos nas aulas de língua faz-se necessária, contudo é necessário também compreender tais gêneros antes de didatizá-los.

REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LETRAS: A UTILIZAÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS COMO OBJETO DE ENSINO
Fernanda Barboza de Lima
Orientadora: Maria do Socorro Silva de Aragão

O Estágio Supervisionado é uma etapa de grande importância no processo de formação do aluno nos cursos de licenciatura. Configura-se como primeiro contato do futuro professor com a prática profissional no âmbito escolar, oportunizando-o exercitar as teorias aprendidas. No curso de Letras, o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa, seguindo os novos rumos dos estudos da linguagem, vem priorizando o caráter sociológico da língua e valorizando o texto como unidade de análise e espaço de interação. Fundamentando-se em teorias sociointeracionistas, os documentos curriculares nacionais consideram que os trabalhos com língua portuguesa devem pautar-se nos gêneros textuais como objeto de ensino, uma vez que, os mesmos permitem um trabalho onde a prática de leitura, produção de textos, análise linguística e reflexão sobre a língua são atividades que se relacionam e se complementam. Nosso trabalho teve o propósito de analisar essa utilização, a partir das observações de aulas/intervenções, dos planos de aula e dos relatórios produzidos pelos alunos da disciplina Estágio Supervisionado IV de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba. Observamos, dentre outros fatores, as escolhas e o trabalho com determinados gêneros textuais, bem como, as relações estabelecidas entre as teorias estudadas e a realidade vivenciada na sala de aula. Fundamentamo-nos em trabalhos de estudiosos como Bakhtin (2000), Travaglia (1996), Bronckart (2003), Geraldi (1984), Marcuschi (2008) e outros. Acreditamos que os resultados obtidos evidenciam a importância do trabalho com gêneros textuais como entidades concretas que refletem as estruturas sociais de cada cultura e como espaço onde é possível o ensino contextualizado de leitura, escrita e análise linguística.

OS BLOGS E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: UMA EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
Jéssica Lopes de Castro Ribeiro (UFRN)
Marcela Aparecida Cucci Silvestre (UFRN)

Este trabalho tem como finalidade analisar em que medida os gêneros textuais ligados às mídias digitais podem contribuir para o ensino de língua inglesa em sala de aula, fazendo um estudo sob o ponto de vista dos alunos em relação a esse método de ensino. O uso de gêneros discursivos têm se mostrado importante no ensino de línguas estrangeiras, no qual o conhecimento de sua estrutura e de suas características facilita a apreensão e a fixação do vocabulário, bem como sua aplicação no uso da língua. Com o surgimento dos computadores e da Internet, novos gêneros textuais estão aparecendo, como os blogs, que consistem em nosso objeto de estudo. Para tanto, foram exploradas teorias sobre os gêneros discursivos, levando em consideração a sua importância desde seu surgimento até o nascimento dos gêneros virtuais, e como eles estão presentes nas práticas sociais. Esse estudo também procura desvendar e analisar as principais características estruturais e particularidades dos blogs, assim como sua funcionalidade no ensino de línguas. O gênero blog escolhido tem sido trabalhado na disciplina "Práticas de Leitura e Escrita em Língua Inglesa" do curso de Ciências e Tecnologia da UFRN e a pesquisa está baseada em textos pertencentes aos gêneros perfil, resumo e verbete. Esses textos foram produzidos por grupos de alunos e inseridos em blogs criados e hospedados na web. Depois da fase de elaboração do trabalho, os alunos foram convidados a responder um questionário onde expuseram suas maiores dificuldades e opiniões que serão discutidas nesta apresentação.

VOZES SOCIAIS EM DIÁRIOS DE LEITURA
Rhena Raíze Peixoto de Lima (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

O trabalho a ser apresentado constitui um projeto, de nível de mestrado, que tem como objetivo principal analisar as vozes sociais presentes em textos produzidos por alunos do Ensino Médio do IFRN em uma atividade avaliativa que consistia na produção de um diário de leitura. O gênero diário de leitura é um gênero propício para esse tipo de análise devido a características peculiares apontadas por Machado (1998): a permissão para registros do processo de aprendizagem e interpretação; permissão para anotações de dúvidas e possíveis questionamentos que surgem durante a leitura de

um texto; permissão para registro de posicionamentos pautados nas impressões subjetivas do produtor do texto. A partir dessas características, o gênero em questão constitui um espaço no qual a individualidade se manifesta mais claramente, o que propicia uma forte presença de embates ideológicos nos textos analisados. Assim, pretendemos analisar os textos ancorados pela concepção dialógica da linguagem, sobretudo os conceitos bakhtinianos de gênero do discurso, relações dialógicas e vozes sociais. O pensamento de Bakhtin também norteará a concepção de leitura adotada pelo trabalho: uma leitura responsiva-ativa. A pesquisa se enquadra na pesquisa qualitativa de cunho interpretativista e sócio-histórico uma vez que tem o texto como fonte de dados para procurar compreender os sujeitos envolvidos na investigação a fim de, por meio deles, entender também o seu contexto. Além disso, a pesquisa visa conhecer a perspectiva dos participantes da situação estudada e se apoiar na riqueza e no detalhamento das amostras (FREITAS, 2007).

SESSÃO 8

FORMAS DE RETOMADA DO DISCURSO DO OUTRO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

Ilderlandio Assis de Andrade Nascimento(UERN)
José Cezinaldo Rocha Bessa (UERN)
Rosângela Alves dos Santos Bernardino (UERN)

Este trabalho procura descrever e analisar as formas de retomada do discurso do outro na tessitura de artigos científicos produzidos por pesquisadores especialistas de diversas áreas do conhecimento, observando, mediante estudo comparativo, se e em que medida a especificidade da área manifesta relações dialógicas distintas com o discurso do outro na construção de sentidos do texto científico. Teoricamente, fundamenta-se em postulados de Bakhtin (1990, 2002), Authuier-Revuz (2004), Maingueneau (2002) e Boch e Grossmann (2002). O corpus compõe-se de doze artigos científicos, sendo três publicados no periódico Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, da área de Educação Física, três no periódico Sociedade & Natureza, da área de Geografia, três no periódico Teoria e Prática na Engenharia Civil, da área de Engenharia, e três no periódico DELTA (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), da área de Letras. Para a constituição do corpus, foram considerados o período de publicação (2008 a 2010) dos artigos e a titulação dos produtores (doutorado). A partir da análise feita, foram identificadas as seguintes formas de retomada: (i) Realiza paráfrase do conteúdo do discurso citado; (ii) Relaciona o conteúdo do discurso citado com experiência prática; (iii) Insere um discurso citado para reforçar o conteúdo de um outro discurso citado; (iv) Expõe comentário ou ponto de vista; (v) Contesta conteúdo do discurso citado amparado em outro discurso; e, em alguns casos, (vi) Não retoma o discurso citado. Numa análise comparativa, constata-se que as formas de retomada (ii) e (v), recorrentes na área de Educação Física, não foram mobilizadas em artigos da área de Geografia, e, poucas vezes, foram mobilizadas nas demais áreas. Já as formas (i), (iii), recorrentes na área de Letras, praticamente não foram mobilizadas na área de Engenharia, que, por sua vez, mobilizou frequentemente a forma (vi), não mobilizada na área de Letras. As demais formas foram mobilizadas em todas as áreas investigadas. Assim, no diálogo com discursos do outro por meio da retomada, os especialistas das quatro áreas do conhecimento manifestam relações dialógicas diferentes com o discurso do outro na construção de sentidos do texto.

RECEITA CULINÁRIA COMO GENÊRO DISCURSIVO ORAL E ESCRITO: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Maíra Cordeiro dos Santos (UFPB)
Orientador: Profa. Dra. Beliza Áurea de Arruda Melo(UFPB)

Este trabalho propõe-se a investigar a articulação do estudo dos gêneros discursivos orais e escritos na escola, a partir de uma proposta de sequência didática com a receita culinária, que se apresenta como texto usado na língua falada e escrita. A questão central é demonstrar a impossibilidade de se enquadrar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diferentes, através da apresentação de um mesmo gênero discursivo em diferentes modalidades. Privilegiando o ensino-aprendizagem de gêneros orais e escritos, assegura-se uma integração sistemática e simétrica das diversas manifestações linguísticas, nas mais diferentes condições da vida social ou institucional em que se dão as ações comunicativas. A partir dos pressupostos de Dolz & Schneuwly (2004) pretende-se proporcionar uma proposta de sequência didática que vise oferecer aos alunos o gênero discursivo receita culinária, como texto escrito e oral, de modo a criar uma análise linguística comparativa que leve em conta o processo de comunicação até a produção final do gênero discursivo.

SHREK 1 E SHREK 2, REPRESENTAÇÕES DA RUPTURA DOS TRADICIONAIS CONTOS DE FADAS

Ana Carolina Lourenço de Assis (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves(UFRN)

O trabalho em questão apresenta como foco análise a desconstrução de aspectos que caracterizam os tradicionais contos infantis, tais como o herói, a princesa, a relação amorosa, a fada madrinha e a visão tradicional do grotesco, nesse gênero discursivo representado como horror. Para tanto, enfocarei essa desconstrução sob a perspectiva discursiva nos reportando às concepções de ethos discursivo e estilo, como também, da cosmovisão carnavalesca. Baseamos para tal análise nos pressupostos teóricos de Bakhtin (1987) sobre a cosmovisão carnavalesca e a filosofia do riso como princípios de subversão e de corrosão e na concepção de ethos discursivo abordado em Mangueneau (2008) e Charaudeau (2006). Como corpus desse trabalho tem o filme Shrek (2001) e Shrek(2004), da Dreams works, cujas desconstruções das imagens idealizadas dos contos infantis se apresentam de forma carnavalizada a carcomer

características e (re) construindo outras que compõem uma nova forma de contar a história de uma princesa e do seu príncipe encantado. Este trabalho se insere na área de linguística aplicada e se orienta por procedimentos metodológicos oriundos da perspectiva qualitativa para analisar os corpus em foco, estabelecendo uma relação de aspectos comparativos e (des) construtores entre os contos que caracterizam-se como tradicionais e os "novos" contos infantis,esses por sua vez em suportes audiovisuais.

AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA BAKTINIANA PARA O ESTUDO DO GÊNERO CARTA DO LEITOR NA MÍDIA IMPRESSA
Albanyra dos Santos Souza (UFRN)
Gianka Salustiano Bezerril (UFRN)

Analisar os gêneros do discurso mediante os pressupostos teóricos de Bakhtin significa investigar a natureza do enunciado e sua importância nas diversas esferas da atividade humana. Em função disso, o presente estudo objetiva analisar o gênero Carta do Leitor da revista Veja impressa, ancorado nas teorias bakhtinianas (BAKHTIN, 2002, 2003, 2006; BRAIT, 2005) do enunciado e do gênero do discurso, bem como nas pesquisas de análises de gêneros na mídia impressa (ACOSTA-PEREIRA, 2007, 2008, 2010; RODRIGUES, 2001, 2005). Para isso, foram escolhidas 4 (quatro) cartas de leitores do período de publicação do mês de março do ano de 2011 (dois mil e onze), contemplando um total de 4 (quatro) revistas. Por um lado, procura-se discutir, com o estudo, o processo dialógico constituinte da relação (autor/leitor), considerando a manifestação do discurso como uma reação resposta a outros enunciados. Por outro lado, a presente pesquisa busca entender como o enunciador articula o seu discurso posicionando-se frente a outros enunciados. Nesse sentido, os resultados apontam para a formação de sujeitos dialógicos, cujo discurso é configurado por marcas linguísticas e enunciativas que resultam de uma dada situação interacional. Dessa forma, entende-se que o estudo é relevante, à medida que não só contribui para pesquisas sociológicas sobre os gêneros do discurso, como também colabora na sistematização de conhecimentos acerca do ensino/aprendizagem de línguas.

O GÊNERO PUBLICITÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA E SINCRÔNICA
Sandra Maria Alves de Lima (PPGeL/UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN)

Nos últimos anos, com os avanços dos estudos no campo da Linguística, a abordagem sobre a língua e a linguagem, tendo como horizonte a perspectiva do texto e do discurso, tem provocado amplas reflexões sobre a necessidade de repensar novas propostas de ensino-aprendizagem. Deste modo, o estudo sobre gêneros é tomado como objeto de ensino, já que é através de gêneros discursivos/textuais que o educando se engaja em práticas sociais. Nas palavras de Bazerman (2005, p.102) "os gêneros moldam as intenções, os motivos, as expectativas, a intenção, a percepção, o afeto e o quadro interpretativo". Dentre a diversidade de gêneros trabalhados em sala de aula, elegemos como objeto de investigação o gênero publicitário. Como sabemos, a relação ensino-aprendizagem no espaço escolar é, de modo geral, intermediada pelo Livro Didático (LD) – tradição que se perpetua na prática pedagógica do professor. Desta feita, temos como objetivo fazer uma análise sincrônica e comparativa do gênero publicitário no Livro Didático, partindo do pressuposto de que a corporidade de qualquer gênero textual está presa a sua situação histórico-discuriva. Nosso corpus é composto de quatro LDs da 7ª e 8ª séries, quais sejam: Ponto e contraponto de Alfredina Nery; Márcia Regina Chouvier Vieira; Suely Aparecida Amaral (1990); Curso Moderno de Língua Portuguesa, de Douglas Tufano (1991); A Palavra é Português de Graça Proença e Regina Horta (1997); Lendo e Interferindo de Anna Frascolla; Aracy S. Fér; Naura S. Paes (1999). A partir de nossa análise poderemos observar como o tratamento do gênero "propaganda" vem sendo inserido no LD e como ocorre, de modo geral, sua transposição didática. Em nosso estudo, utilizaremos a teoria da Análise do Discurso, especialmente o conceito de formação discursiva e ideológica para observar a inserção da publicidade no LD e as recentes investigações sobre gênero, como levantadas por Dionísio e Bezerra (2001), Bezerra (2005), Marcuschi (2008), dentre outros.

SESSÃO 9
MONOGRAFIA: DAS PERSPECTIVAS ESTANQUES À DOS GÊNEROS ACADÊMICOS
Clara Regina Rodrigues de Souza (UFCG)

Nosso trabalho parte da observação de que são propagados moldes ante a feitura de um texto acadêmico, mediante a desconsideração de práticas sociointeracionistas de escrita. Nesse âmbito, a monografia é tida como um produto; seja como uma exigência para obtenção de grau, seja pelo tratamento recebido nos livros de metodologia científica, como um texto estanque, resultante de três partes (elementos pré-textuais, elementos textuais e elementos pós-textuais). Desta maneira, emerge no Brasil a necessidade de se estudar os textos que circulam na academia a partir da sua interrelação com o contexto em que se encontram. Sendo assim, pensar na escrita da monografia enquanto gênero, mobiliza o oferecimento de subsídios teóricos para uma prática mais autônoma de sua produção escrita. Com isso, objetivamos compreender as práticas textuais/discursivas no gênero acadêmico monografia, a partir do seguinte questionamento: quais práticas textuais/discursivas são mobilizadas no gênero acadêmico monografia? Desenvolvemos uma análise qualitativa de um par de monografias oriundos do Curso de Licenciatura Plena em Letras. Respaldamo-nos no interacionismo sociodiscursivo, conforme Bronckart (2007), bem como na perspectiva dos gêneros acadêmicos da maneira como propagada por Motta-Roth e Hendges (2010) e Xavier (2010); além de discorremos sobre o fato de a monografia ser considerada

como um trabalho equivalente à dissertação e à tese nos livros de metodologia científica, a exemplo de Guimarães (2010) e Gonsalves (2003). Os resultados obtidos demonstram que repensamos a escrita da monografia enquanto um processo, que tem por objetivo um texto com características textuais e discursivas próprias desse gênero. Ademais, os resultados se fazem relevante para a extensão da comunidade acadêmica, uma vez que uma monografia que consiga atender à categoria de satisfatória para o âmbito em que se encontra, aponta para a existência de um profissional autônomo e comprometido com suas obrigações na sociedade.

O GÊNERO RESENHA ACADÊMICA NUMA AULA DE LEITURA NO CURSO DE LETRAS: OS MODOS DE DIDATIZAÇÃO DE UM OBJETO DE ENSINO
Maria da Conceição Azevêdo (USP)
Orientador: Sandoval Nonato Gomes Santos

Nesta comunicação são apresentadas algumas reflexões que constituem parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo foi investigar os modos de utilização de gêneros argumentativos como instrumentos didáticos em práticas de leitura e escrita no curso de Letras. A pesquisa enfocou aulas da disciplina Produção e Compreensão de Textos II, para uma turma de segundo nível, da Universidade Federal do Pará, em Bragança, PA. Quanto à metodologia, a investigação orientou-se por uma abordagem qualitativo-etnográfica (LÜDKE & ANDRÉ, 1986; ANDRÉ, 2007), instrumentalizada por observação e registro das aulas em áudio e vídeo, bem como aplicação de questionário à professora da disciplina. Os dados assim constituídos serviram de base à análise dos modos de utilização de gêneros argumentativos como instrumentos didáticos, no processo de transposição didática (CHEVALLARD, 1991; DEVELAY, 1992) implementado pela professora. A análise dos dados baseou-se, de forma geral, em pressupostos teóricos oriundos do campo da educação (TARDIF & LESSARD, 2007), da didática de línguas (SCHNEUWLY, 2000, 2001; DOLZ & SCHNEUWLY, 2004) e do interacionismo sócio-discursivo (BAKHTIN, 2003, principalmente). Esta comunicação pretende trazer à discussão um recorte dessa pesquisa, especificamente, uma aula de leitura em que a docente enfocou o gênero resenha acadêmica como objeto de ensino, objetivando analisar os modos de didatização desse objeto e, de forma complementar, refletir sobre a efetivação de práticas de ensino com base na noção de gêneros. Para tanto, serão examinados os gestos profissionais docentes (SCHNEUWLY, 2000, 2001; AEBY DAGHÉ & DOLZ, no prelo) que, articulados ao uso de determinados instrumentos didáticos, constroem a aula em análise.

TIRINHAS NA ESCOLA: REVELANDO POSICIONAMENTOS AXIOLÓGICOS
Aline Patricia da Silva (UFRN)
William Brenno dos Santos Oliveira (UFRN)
Orientadora Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

O trabalho de iniciação à docência tem se desenvolvido, na área de Língua Portuguesa e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), de maneira eficaz e proveitosa. Durante dois anos, enquanto bolsistas desse projeto que proporciona aos estudantes dos cursos de licenciatura um contato real com a sala de aula, produzimos materiais didáticos para o trabalho com leitura e produção de textos, literatura e gramática, isto nos rendeu um banco de dados somente com produções dos alunos e é uma pequena parte deste corpus que pretendemos manusear para este artigo. Nosso trabalho tem por objetivo principal observar e problematizar o posicionamento axiológico através de uma análise dos textos produzidos em uma experiência de leitura e de produção do gênero Tirinha desenvolvida pelos professores em formação inicial do curso de Letras da UFRN. Essa experiência faz parte das atividades que integraram o Subprojeto de Língua Portuguesa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no ano de 2010, com alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, situada em Natal/RN e escolhida como campo de atuação do PIBID. Para o desenvolvimento da referida atividade, pautamo-nos na concepção bakhtiniana de gêneros discursivos e de linguagem como construção sócio-histórica de sujeitos em interação (2003;2009). Pretende-se, ainda, contribuir com a discussão acerca do ensino de gêneros ao relatar a experiência vivida por nós durante o tempo de atuação no PIBID, pois sempre trabalhamos com o planejamento e o desenvolvimento de sequências didáticas e intervenções adequadas ao público-alvo e aos objetivos do projeto. Esta pesquisa tem um caráter metodológico qualitativo-interpretativista e se insere na área da Linguística Aplicada.

GÊNERO DISCURSIVO, HUMOR E APRENDIZAGEM NO ENSINO DA MODALIDADE EJA
Robeilza de Oliveira Lima (IFRN)

Este trabalho visa apresentar uma proposta de ensino de Língua Portuguesa na educação básica na modalidade EJA. O estudo propõe a análise de textos pertencentes aos gêneros discursivos anedota, charge, tirinha, crônica, conto, poema e cordel em sala de aula, buscando explorar o humor neles existente. Para nortear nosso trabalho, nos valemos das reflexões de Bakhtin (2003), no capítulo ?Os gêneros do discurso?,parte integrante da obra Estética da criação verbal, e dos estudos de Marcuschi (2003), em "Gêneros textuais: definição e funcionalidade", que compõe a obra Gêneros textuais e ensino. Além desses estudos, nos apropriamos de alguns conceitos de Possenti (1998), presentes no livro Os humores da língua, de Ries (2007), através do artigo "A aprendizagem na fase adulta", e de Oliveira (1999), no artigo "Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem". Tendo em vista que os alunos da modalidade EJA, em geral, trabalham durante o dia e estudam no turno noturno, combater a fadiga é de suma importância para que haja interesse pelo conteúdo ministrado e, por conseguinte, um maior aprendizado. O

humor pode ser uma estratégia válida no combate à fadiga que, conforme nos lembra Ries (2007), é um fator capaz de interferir negativamente na aprendizagem. Assim, nosso estudo evidencia que a análise dos gêneros discursivos mencionados acima, quando capazes de gerar humor, pode ser uma forma de propiciar a aprendizagem entre os alunos dessa modalidade de ensino, tornando-os aptos a perceberem as riquezas e possibilidades de uso do idioma e a apreenderem uma visão crítica do mundo.

SESSÃO 10

A EMERGÊNCIA DE IDENTIDADES SOCIAIS EM BLOGs: REPESSANDO O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Jorge França de Farias Jr (UFRPE)

Os discursos observados nos blogs, analisados em sua multimodalidade, facilitam o mapeamento das intenções e opiniões presentes nos textos dos interlocutores, permitindo uma investigação de como os participantes de uma interação em redes sociais deixam emergir suas identidades por meio de atitudes epistêmicas e/ou afetivas (Ochs, 1993). Além disso, as formas como estas identidades emergem nos blogs podem dar indícios de intencionalidades de inclusão ou exclusão, conforme nos aponta Van Leeuwen (1997). Se este contexto de linguagem volta-se ao campo do ensino, com espaço destinado a inserção dos comentários nos blogs, nota-se a emergência das identidades sociais assumidas pelos participantes: professor e aluno. De acordo com Halliday (1994) e (2000), as ações sociais são trocas linguísticas que podem ser mapeadas e que nos permitem investigar a maneira como os envolvidos com a interação expressam suas atitudes e posturas. Os objetivos deste estudo repousam em: i) descrever e analisar a experiência com o uso do blog nas aulas de língua materna, a fim de romper com o ensino de gramática descontextualizado do texto como um todo; e, ii) verificar a construção de identidades sociais no âmbito dos blogs, por meio da produção de textos em língua materna. Para o desenvolvimento do trabalho foram consideradas observações em escolas públicas do ensino fundamental. A partir dessa perspectiva de estudo, é possível afirmar que os blogs são, fundamentalmente, importantes para se entender o gênero multimodal, como elo social, na formação do conhecimento linguístico.

O USO DOS CONECTORES E SUAS FUNÇÕES NO TEXTO MEMÓRIAS DO CÁRCERE: UM OLHAR DE QUEM FOI VIGIADO E PUNIDO.

Jocélia da Silva Gurgel Freire (UERN/CAMEAM)
Celina Maria de Freitas Carvalho (UERN/CAMEAM)
Rosangela Maria Bessa Vidal (UERN/CAMEAM)
Rosângela Ferreira de Lima Souza (UERN)
Orientadora: Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN/CAMEAM)

Este artigo tem como objetivo principal fazer uma análise comparativa entre os discursos apresentados nas obras Memórias do Cárcere (1953) de Graciliano Ramos, que relata uma experiência vivida na prisão, não só por ele, mas por todos aqueles que "desobedeciam" às regras do estado, e a visão que Michel Foucault apresenta sobre a disciplina dos corpos, em sua obra Vigiar e punir(1975). Obra essa, que alterou o modo de pensar e fazer política social no mundo ocidental e que é dedicada à análise da vigilânciae da punição, que se encontram em várias entidades estatais como hospitais, escolas, presídios, entre outros. Assim sendo, pretendemos compreender as formas de trabalho nas escolas com as obras literárias ou não, que tratam das punições e das diversas formas de ditadura, inclusive a de Vargas, ou de qualquer outra ditadura, registradas na memória de quem viveu a vigilância e teve a sua liberdade detida.

O GÊNERO HISTÓRIAS ORAIS CONTADAS POR RIBEIRINHOS – UMA ANÁLISE DE DISCURSO SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Maria das Graças da Silva (UFRN)

Esse estudo tem como ênfase o gênero discursivo histórias orais contadas por ribeirinhos que habitam as margens do rio Juruá, no Acre – porção da Amazônia brasileira caracterizada pelas singularidades próprias região, a biodiversidade, distintos modos de vida de suas populações tradicionais. Objetivos: investigar sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional, aspectos linguísticos que caracterizem os participantes e o contexto social no discurso das histórias orais; analisar estágios e fases que caracterizam as histórias como forma de configuração do gênero; verificar como se dá o fluxo de informação (periodicidade) na estrutura linguística dessas histórias e o que isso representa para a constituição da mensagem; e identificar por meio das categorias léxico-gramaticais quais os sentidos presentes nas histórias ribeirinhas. O referencial teórico se baseia na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994) por levar em conta o contexto e a situação real de uso da linguagem pelos falantes. Segundo os sistemicistas as escolhas adquirem significado(s) dentro de um contexto sócio-cultural que pode criar um sentido para determinado elemento linguístico, (Halliday e Hasan, 1989). Para a análise dos dados utilizei o instrumento computacional WordSmith Tools 5.0 (Scott 2009). A partir das análises entende-se que os sentidos de preservação, de ecologia, de punição e castigo a quem desrespeita a "lógica da floresta", parecem estar presentes em várias das histórias dos ribeirinhos e pode, por vezes, consistir num ensinamento moral, outras vezes numa instrução prática, num ditado ou norma de vida. Portanto, a linguagem é usada levando-se em consideração os diferentes propósitos interlocutivos e sendo adequada aos vários contextos discursivos onde o falante se insere. Concluindo-se que o estudo sobre esse gênero discursivo pode servir a comunidade cruzeirense quanto ao aspecto cultural/regional e ao ensino de modo geral, lembrando o que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na sua elaboração sobre valorização cultural.

SESSÃO 1

O DISCURSO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CORPO FELIZ E PRODUTIVO

Maria Eliza Freitas do Nascimento (UFPB)

A escola de hoje tem enfrentado um desafio no que tange a inclusão de alunos portadores de deficiência. Esse desafio é corroborado pelos discursos que estão imersos no cotidiano e visam à inserção de práticas de valorização e respeito às diferenças. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar o discurso da educação inclusiva que circula na Revista Sentidos, uma produção midiática destinada à inclusão de pessoas portadoras de deficiência. Nosso aporte teórico é a Analise do Discurso de vertente francesa, a qual toma o discurso como prática discursiva que constitui diferentes efeitos de sentidos. Buscaremos, neste percurso, mostrar como as práticas discursivas sobre o corpo deficiente passaram por transformações que resultam em novas práticas sociais, decorrentes da maneira como o sujeito deficiente é discursivizado nas diferentes materialidades, o que evidencia a midiatização do discurso científico sobre o corpo deficiente. Essa questão pode ser fundamentada a partir do conceito de Biopolítica defendido por Foucault que enfatiza a gestão política da vida, através do gerenciamento de programas de valorização da população. Assim, a educação inclusiva passa a ser um acontecimento que favorece a inclusão do deficiente, pois a escola, como uma instituição disciplinar, é o lugar privilegiado para a inserção desse corpo deficiente, de forma a torná-lo adaptado ao meio social através de um efeito de igualdade e normalidade, evitando assim, técnicas de exclusão. No entanto, o discurso em análise silencia as dificuldades enfrentadas nesse desafio escolar e exalta as técnicas utilizadas pelos professores na promoção da inclusão do aluno portador de deficiências. Com isso, o discurso favorece a construção de subjetividades dos sujeitos professor e aluno provenientes da ideia de corpo feliz e produtivo. O ensino escolar com a inclusão do aluno deficiente em sala de aula entra na ordem do discurso do que pode ser dito e feito nas instituições escolares.

PRÁTICAS DE ALTERIDADE EM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Simone Correia Tostes

O trabalho apresenta resultados de pesquisa etnográfica realizada com ex-alunos de um curso online. Em trabalhos anteriores, houve indicações de que a imagem e a aceitação do docente online por parte dos cursistas estavam diretamente ligadas ao grau de polidez que este imprimia nas interações através do ambiente virtual de aprendizagem. Dentre as estratégias comunicativas adotadas, destaca-se a prática da alteridade, segundo a qual o docente se desvencilha da assimetria característica das interações entre docentes e discentes e se coloca na "pele" de aprendiz e com ele se identifica. Nas reuniões síncronas, foram verificadas verbalizações dos alunos que apontam para o caráter de acolhimento resultante dessas interações. Nosso foco consiste em identificar as estratégias linguístico-pedagógicas bem sucedidas e fazer a triangulação com as atitudes dos alunos com relação a esses mecanismos. Os resultados apontam para a aceitação do uso da linguagem para a prática de alteridade como recurso valioso de aproximação entre professor e alunos e de consequente redução de ruídos de comunicação.

TRADIÇÕES DISCURSIVAS EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA IMPRENSA POTIGUAR DE 1902 A 1950

Aline dos Santos Silva Chaves(UFRN/CELE)
Bibiana Jost Perinazzo (UFRN/CELE)
Orientador: Profa. Dra. Alessandra Castilho da Costa (UFRN)

No presente estudo, busca-se identificar tradições discursivas (TD), isto é, padrões textuais, em um corpus de anúncios publicitários da imprensa potiguar produzidos desde o ano de 1902 a 1950. Os dados foram levantados dos jornais A República (1902 e 1909) e A Ordem (1942 e 1950). O conceito de TD, nascido na Linguística Românica alemã, pauta-se pela noção de que toda língua é duplamente histórica: de um lado, todas as línguas sofrem variação, pois mudam no tempo e no espaço. Por outro lado, toda produção linguística utiliza modelos textuais, os quais são também construídos e modificados historicamente. Koch (1997: 45), parte do princípio que TD podem ser caracterizadas como realizações dentro de um espaço, cujos pólos extremos são a proximidade e a distância comunicativas/oralidade e escrituralidade. Assim, toda mudança linguística e textual pode ser caracterizada como um deslocamento dentro desse espaço de realizações. Na análise da evolução do gênero anúncio publicitário no português potiguar, procuramos identificar semelhanças e diferenças em regularidades textuais (isto é, nas TD). Depois de identificadas os resultados foram interpretados em relação ao contínuo de proximidade e distância comunicativa, proposto por Koch & Oesterreicher (1990 e 1985), isto é, as TD serão caracterizadas quanto ao espaço que ocupam dentro desse contínuo. A caracterização de uma TD nessa escala é feita a partir da análise de condições comunicativas, como o grau de publicidade da comunicação, de familiaridade entre os interlocutores, de emocionalidade, de dependência do discurso/texto do contexto situacional, de diretividade da referencialização, imediatez espacial e temporal entre os interlocutores, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade e de fixação temática.

O NOMADISMO DAS VOZES POPULARES EM FARSA DA BOA PREGUIÇA

Jailine Mayara Sousa de Farias
Orientadora: Beliza Áurea de Arruda Mello

Partindo da obra de Ariano Suassuna Farsa da boa preguiça, busca-se discutir, com foco na questão do gênero farsa e seu percurso até o nordeste brasileiro, em que medida as tradições discursivas podem ser reinventadas, resignificadas, readaptadas de acordo com o contexto cultural em que se inserem, cuja memória e imaginário mapeiam as mutações das

tradições e práticas discursivas que remontam ao trajeto antropológico do homem nordestino e recriam sua identidade, produzida para além da ambivalência popular e erudito, tradição e modernidade, num processo dialético em que a oralidade e sua dinâmica, enquanto matriz da escritura, reflexo do imaginário/memória coletiva, exercem papel fundamental. Objetiva-se traçar o percurso da voz em seu caráter nômade, e o estabelecimento de laços discursivos, concretizados em aspectos estruturais, temáticos, contextuais, que permitem, portanto, pensar, a partir de Farsa da boa preguiça, a letra e sua relação com a voz como substrato de tecidos sociais, enquanto uma releitura das culturas populares presentes na prática discursiva e constituição dos sujeitos.

A TRAJETÓRIA DO EDITORIAL JORNALÍSTICO DO RIO DE JANEIRO
Suelen Sales da Silva

Investiga-se o percurso histórico do editorial jornalístico no Rio de Janeiro, a fim de identificarmos mudanças e permanências, no âmbito linguístico-discursivo, ocorridas nesta tradição discursiva. Observa-se o modo pelo qual a chamada carta de redator se consolidou como o atual editorial na imprensa carioca. Parte-se dos pressupostos da teoria dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2002; BAZERMAN, 2006) e das tradições discursivas (KABATEK, 2006) para contrastar as cartas de redatores do século XIX e os editoriais do século XX. Para a análise dos mecanismos linguístico-discursivos, optou-se pela utilização do programa computacional VARBRUL (LABOV, 1972), a fim de evidenciarmos a frequência dessas estratégias. Os resultados indicam que foi superada uma fase de insultos e ofensas no século XIX e estabelecida uma fase de camuflagem da argumentação no século XX. Dessa forma, alguns aspectos linguístico-discursivos - como o uso de sujeitos na 1ª pessoa, adjetivos avaliativos e expressões avaliativas como mecanismo de referenciação - comuns nas cartas de redatores do século XIX se tornaram menos usuais ao longo do século XX. Por outro lado, outros recursos - como o uso de adjetivos descritivos, expressões descritivas como mecanismo de referenciação e o uso de modalizadores do discurso - se tornaram mais frequentes no decorrer desses séculos.

UNIVERSO CULTURAL QUE ENVOLVIA AS LETRAS E AS ARTES NO COLÉGIO ESTADUAL ATHENEU NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DE SUA FUNDAÇÃO
Oracilda da Silva Pacheco (CELE/UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)

Hoje o Colégio Estadual Atheneu Norte-Riograndense, situado em Natal, capital do Rio Grande do Norte, nordeste - Brasil,é conhecido e destacado pelos ilustres alunos que por lá passaram. Fundado no período do império, em 1834, o Atheneu tinha como meta formar pessoal qualificado para suprir as demandas sociais da época. Na estrutura curricular da sua fundação o ensino era composto pelas seguintes disciplinas: Filosofia, Retórica, Geometria, Francês e Latim. O Atheneu mesmo que de forma não "intencional" segundo alguns estudiosos, atendia os pressupostos que norteiam a pedagogia contemporânea. Arquivos revelam que durante longos anos foram realizados "Saraus Poéticos", uma prática integradora para aqueles que frequentavam a escola. Considerando o arcabouço cultural da época objetivamos neste trabalho investigar o universo cultural que envolvia as artes e as letras nessa escola de Natal. De modo particular buscamos analisar as temáticas que circulavam em torno do ensino de Retórica/Linguagem, envolvendo os campos das Artes e da Literatura. Os dados levantados se baseiam no método da pesquisa documental. Nosso estudo, sem muitas pretensões, objetiva não apenas mostrar o universo cultural vivenciado no Atheneu numa época passada, mas analisar quais práticas fazem parte do cotidiano da escola atualmente a fim de entender a forma como são conduzidas pelos gestores públicos, diretores, professores e alunos o diálogo com o legado cultural da escola. A comunidade escolar do Atheneu passou por diversas modificações ao longo dos anos, tanto no âmbito estrutural como social; este trabalho possui como método de investigação a pesquisa documental em arquivos próprios da escola.

ÁREA TEMÁTICA 13: LITERATURA E ENSINO

SESSÃO 1
METALITERATURA: E SE A LITERATURA ENSINA LITERATURA EM SI?
Nilson Pereira de Carvalho (UAG/UFRPE)

Como exposições de resultados de discussão do projeto de pesquisa "Metaliteratura e suas metáforas", esta comunicação enseja refletir acerca de esquemas de autorreferenciação do fenômeno literário e respectivos simulacros envolvidos nessa temática, principalmente sobre possíveis contribuições de tais exercícios teóricos para o letramento literário e para o ensino de literatura. Dessa forma, procura-se enfatizar a metaliteratura, não sob uma abordagem da "arte pela arte", tampouco à maneira intrínseca de ler, mas sob a concepção de valorizar o caráter "germinal" da arte literária constante na intimidade das obras. Considerando-se que "diálogo" de Bakhtin com os formalistas do estudo imanentista procura redirecionar a análise estética para um ponto de vista exterior à obra, isto é, preconizando que o objeto, por sua vez, dialoga com o mundo e não está isolada do mundo. Porém não se pode negar que ela foi originada nas relações do homem com um mundo pensado e formalizado arquitetonicamente na materialidade literária. Isso passa a ser uma condição *sine qua non* da arte literária; a Literatura é intrinsecamente extrínseca.Por outro lado, o risco de desvio parece maior quando a perspectiva de análise for de natureza terceira ao objeto literário. O que determina o desvio é o ponto de partida, segundo Umberto Eco quando trata das distinções entre "interpretação" e

"uso".Dessa forma, pretende-se focalizar um lugar para o que se pode denominar "estudo literário da Literatura", incorporando aí as fases de teorias e vertentes críticas anteriores. À busca dos entre-lugares da literatura, pretende-se vasculhar resquícios da remissão do texto literário ao próprio fenômeno literário, nas diversas manifestações que o mesmo engendra. Isto é, enseja-se enfatizar o germe literário num exercício, em última instância, tautológico, pois a concepção de arte literária figurativizada como o "uroboros", ainda que bem alentada, carece de apreciação e catalogação de seus esquemas e simulacros.

POESIA NA SALA DE AULA: O QUE TRAZ O LIVRO DIDÁTICO?
João Paulo Fernandes (UFPB)
Orientador: José Hélder Pinheiro Alves (UFPB/UFCG)

A partir da década de 90, o Plano Nacional do Livro Didático fortaleceu ainda mais as políticas públicas acerca de sua distribuição, alcançando um maior número de professores e alunos da rede pública de ensino. Nessa perspectiva, o Livro Didático (LD), é reconhecido como subsídio didático-pedagógico do ensino-aprendizagem na formação básica do educando, além de muitas vezes ser o único material na elaboração das aulas. Em concernente, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998), especificamente, para o componente curricular de Língua Portuguesa, estabelecem como critério básico ao término do Ensino Fundamental, que aluno seja proficiente em leitura e escrita. Sendo o Livro Didático um instrumento mediador do conhecimento e das habilidades de leitura e escrita, voltamos nosso olhar às propostas de atividades com a Literatura no Ensino Fundamental, na Coleção Português: uma proposta para o letramento, de Magda Soares, precisamente ao tratamento que é dado à Poesia. É sabido que Poesia é um tema ainda pouco discutido e trabalhado em sala de aula, a exemplo das reflexões propostas por Hélder Pinheiro. E, no que tange à sala de aula, há muito que se questionar. Para elucidar questões sobre a Poesia em sala de aula, propomos de forma articulada diálogos entre os pressupostos teóricos de Pinheiro, Soares, Zilberman entre outros, com interface às questões contidas na coleção delimitada para análise. Por fim, esperamos que nossa discussão estabeleça intersecção entre teoria e prática em torno da Poesia em sala de aula, e se as propostas de atividades do Livro Didático favorecem à compreensão dos elementos poéticos, fundidos pelos significados das palavras.

AS VERTENTES DA POESIA DE ADÉLIA NA SALA DE AULA
Paloma do Nascimento Oliveira (UFPB)
Orientador: José Hélder Pinheiro Alves (UFPB/UFCG)

A escritora Adélia Prado é uma das mais influentes da poesia contemporânea no Brasil. Seus livros parecem girar em torno de algumas vertentes que se repetem a cada edição lançada: um misto de elementos característicos do cotidiano, da religiosidade e do erotismo se interligando e tecendo a poesia adeliana. Com essa poesia surge uma escrita desinibida que adentra o lar, a vida e o interior do sujeito feminino. A partir desses elementos de que o professor dispõe para levar a poesia de Adélia Prado para a sala de aula surge o seguinte desafio: aliar o trabalho com poesia às competências e habilidades sugeridas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) inseridas na então Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Tais competências e habilidades originam-se da necessidade de levar o aluno a dominar linguagens, compreender fenômenos, enfrentar situações-problema, construir argumentação e elaborar propostas que considerem valores humanos e diversidade cultural. Assim, nosso trabalho tem como objetivo geral: Trabalhar as vertentes da poesia de Adélia Prado a partir das competências e habilidades sugeridas pelo ENEM focando especificamente na Matriz de Referência de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Desse modo, pretendemos fazer uma breve discussão acerca das temáticas do cotidiano, da religiosidade e do erotismo na poesia adeliana, ilustrando as vertentes com alguns poemas de seus livros. Logo após, vamos sugerir algumas estratégias para trabalhar tais vertentes em sala de aula, priorizando o Nível Médio do Ensino Básico. Para fundamentar nosso trabalho utilizaremos as bases teóricas de Colomer (2007), Martins (2006), assim como o documento matriz de referência para o ENEM (2009).

AS TESSITURAS TEXTUAIS EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO: RETRATOS DA PÓS-MODERNIDADE
Cleidiane da Silva Vieira Oliveira (UFS)

A literatura pós-moderna está intimamente ligada ao caráter instável e volúvel do indivíduo, já que ela é fruto de uma sociedade marcada pela crise dos valores e dos ideais do mundo pós-guerra. Os temas mais relevantes tratados nas obras de arte, e mais especificamente nos textos literários, remetem aos modelos de identidades descartáveis e denunciam as mazelas e os estereótipos sociais e culturais. A instabilidade passa a ser o estatuto da literatura. Como os aspectos formais e universais dão lugar a uma estática preocupada com o contextual, com os aspectos culturais, o artista passa a questionar a sua própria identidade e discutir a sua alteridade, proporcionando um debate ideológico sobre a representação da arte e dos excluídos. Este trabalho tem por objetivo discutir a interdisciplinaridade como objeto estático da poesia pós-moderna, como elemento criador de novos objetos de conhecimento, tendo em vista a possibilidade de atravessamento de fronteiras e de diálogo com outros referenciais teóricos, com outras formas de pensar e de ver o mundo e a literatura, bem como proporcionar uma leitura cultural, isto é, uma leitura que vai além do que foi escrito pelo autor e que identifica as sutilezas da construção textual, do poema "Tecendo a Manhã", de João Cabral de Melo Neto. Para tanto, discutiremos os conceitos de interdisciplinaridade, propostos por Reinaldo Marques, de pós-modernidade, propostos por Arthur D. Efland e de Leitor Modelo, de Umberto Eco, na perspectiva de apresentar uma leitura crítica e possível, de trazer reflexões acerca da produção artística e literária do mundo contemporâneo.

Metodologicamente, realizaremos um estudo dos aspectos sócio-culturais que deram suporte à formação do poeta João Cabral de Melo Neto e abordaremos uma prática de leitura interdisciplinar como experiência inovadora e capaz de contribuir para a formação de leitores críticos.

A ESTÉTICA DISSONANTE DO BARROCO NAS FIGURAS DE DOM QUIXOTE E SANCHO PANÇA
Dirce Jaeger (UPE)

"Num lugar de La Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me..." Assim inicia Cervantes uma das obras mais célebres da literatura universal. Escrita em duas etapas: 1605 e 1615, pretendia ser uma paródia destruidora das novelas de cavalaria, mas nos chega como aquela que imortalizou o gênero cavaleiresco através das inconfundíveis figuras de Dom Quixote de La Mancha e Sancho Pança. Cervantes não poderia imaginar o carisma que havia incutido em suas personagens e nem a empatia que se estabeleceria entre estas e o povo espanhol. Em Dom Quixote, encontram-se brilhantemente exemplificadas as inquietações do homem barroco, em sua eterna tensão entre a terra e o céu; a carne e o espírito. Tais contrastes materializam-se nos protagonistas de sua obra, nas inconfundíveis figuras de Dom Quixote e Sancho Pança. No primeiro, a representação dos sublimes ideais de bondade, justiça e o desapego das riquezas materiais; e no segundo, a encarnação do mundano, sua ambição e materialismo. O que poderia ser compreendido como mero exemplo da diversidade humana configurou-se, paradoxalmente, no retrato mais fiel do homem do século XVII: um ser atormentado pelos desejos e realizações humanas – próprios do Renascimento – e moralmente confrontado e exigido pelos valores cristãos da contrarreforma protestante – característicos do Barroco. Para os espanhóis, o idealismo de Dom Quixote e o realismo de Sancho extrapolaram os limites do Barroco e se converteram na própria síntese da alma e da cultura de seu povo. Para a literatura universal, por sua vez, será sempre a revelação da natureza particular e universal do ser humano disfarçada de aventura cavaleiresca. O diálogo entre língua, literatura, história e filosofia que aqui se realiza tem se revelado um atrativo e eficaz instrumento para o ensino da literatura universal, tanto quanto de língua e literatura espanholas.

SESSÃO 2
MARCEL PROUST ENTRE DOIS SÉCULOS
Mônica Fiuza Bento de Faria (UFRN)

De que maneira Marcel Proust, considerado o último escritor do século XIX e ao qual esteve intimamente ligado, escapa do determinismo, positivismo e das inúmeras preocupações cientificistas desse século para também ser considerado o primeiro escritor do século XX? Para responder a essa pergunta, seria preciso, talvez, seguir o mesmo percurso que Proust escolheu: fazer um estudo histórico e uma análise crítica da crítica de sua época. A compreensão do mistério da criação artística despertou e ainda desperta muito interesse. Ao longo dos séculos, tornou-se um desafio do qual vários críticos e/ou escritores tentaram dar conta. Marcel Proust, antes de escrever A larecherchedutempsperdu, esboça suas idéias sobre a crítica tanto em Journées de Lecture quanto no livro ContreSainte-Beuve, que nunca publicou em vida. Proust não tinha a intenção de fazer crítica, como afirma em uma de suas cartas a seu amigo André Gide: desejo escrevê-lo (ContreSainte--Beuve), mas não para fazer crítica... (Correspondance de Marcel Proust,Proust, M.. Ed. Plon, Paris, 1909, Tomo IX, p. 21). Porém, este será o ponto de partida da sua crítica e reflexão sobre literatura. Essa comunicação pretende rever o percurso histórico da crítica literária na França, a partir dos escritos de Marcel Proust, levantando questões a fim de provocar uma reflexão sobre a crítica e a leitura nos dias de hoje.

MULHERES DE LIMA BARRETO NA SALA DE AULA: UMA LEITURA CRÍTICA E SUGESTÕES PARA O ENSINO
Andréia Maria da Silva Lopes (Bolsista CAPES/POSLE/UFCG)
Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros (Bolsista CAPES/PIBID/UFRN)
Orientadora : Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega (UFCG)

A condição de dependência e subordinação da mulher no contexto sócio-histórico é identificada nas várias relações e âmbitos sociais. Adentrando na Belle Époque no Rio de Janeiro, compreendemos como esses tempos foram fator determinante para as mudanças da cidade e dos hábitos e costumes das pessoas. Reflexos dessa quebra de rotina podem ser identificados nas mudanças dos espaços, dos valores e dos comportamentos masculinos e femininos, que são encontrados em narrativas curtas do autor Lima Barreto. No entanto, o estudo desses contos nessa perspectiva de análise é pouco recorrente na sala de aula. Desse modo, o presente trabalho objetiva realizar uma reflexão sobre o ensino de literatura, enfocando a figura de Lima Barreto. Além disso, como forma de contribuir para uma metodologia de ensino com contos em sala de aula, faremos uma leitura crítica das narrativas curtas "Clara dos Anjos" e "Numa e a Ninfa", presentes na obra Contos completos de Lima Barreto (2010). De posse desse estudo crítico-analítico, proporemos uma sugestão de trabalho com essas narrativas que apresentam personagens femininas em um 3º ano do ensino médio. Nosso estudo será de natureza teórico-analítica, sendo subsidiado em Colomer (2007), Martins (2006), Pinheiro (2006, 2009), Rocco (1981), entre outros, sobre ensino de literatura. No tocante ao estudo das mulheres na obra de Lima Barreto, nos respaldamos em Candido (1989), Sevcenko (2003), Cury (1981) Maluf & Mott (1998), Stein (1984) e Vasconcellos (1999). Portanto, a relação de Lima Barreto e sala de aula precisa ser mais significativa. Assim, a realização de uma experiência de leitura com essas narrativas virá a contribuir com uma revisão da metodologia de trabalho com narrativas em sala de aula, como também o estudo da representação feminina em seus contos pode ser um dos caminhos para a formação do aluno leitor.

POESIA, ENSINO E EXPRESSÃO FEMININA: UMA PROPOSTA DE LEITURA COM POEMAS DE ADÉLIA PRADO
Fabrícia de Farias Sousa(UFCG)
Geovanize de Farias Sousa Araújo (Pedagoga)
Patrícia de Farias Sousa (Bolsista REUNI/POSLE/UFCG)
Orientador: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

Desde o momento em que nos aventuramos no caminho da educação, em especial nas atividades em sala de aula, verificamos a necessidade de uma proposta de trabalho que vise o desenvolvimento pelo gosto da literatura e, principalmente da poesia. Sabemos que a experiência com a poesia contribui de forma satisfatória para o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da criatividade e das potencialidades linguísticas do aluno, logo, fica claro demonstrar que é de extrema importância uma prática de leitura significativa com a poesia para o educando. No entanto, as experiências de trabalho com a poesia na escola ocorrem na maioria das vezes de forma limitada. A começar pelos livros didáticos, que aindareproduzem esquemas bastante pragmáticos para o trabalho com este gênero e também pelo fato de muitos professores não serem leitores de poesia, desconhecendo as suas possibilidades de exploração e, por conseguinte, não despertando o aluno para tal vivência. A situação tende a agravar, quando se pensa na literatura feminina que ainda não alcançou o espaço merecido no universo escolar. Dentre os autores que são abordados nos livros didáticos, pouquíssimas são autoras, o que revela uma dominação masculina no contexto literário. Adélia Prado é uma das representantes da poesia feminina e logo tem muito contribuir com seu legado poético. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma breve discussão a respeito da relação poesia, ensino e expressões femininas em contexto escolar, bem como apresentar uma sugestão de trabalho com a poesia de Adélia Prado em sala de aula. Para tanto, buscaremos apoio nas propostas metodológicas de ensino em Bordini& Aguiar (1993), Colomer (2007), Martins (2006) e Pinheiro (2003, 2007 e 2009), dentre outros, que tem considerado o leitor como elemento central no campo dos estudos literários. Essa proposta visa proporcionar uma vivência com a poesia adeliana, possibilitando ao aluno sentir e experenciar os seus efeitos estéticos, através de uma relação ativa e constante com o poema.

O LETRAMENTO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ENSINO RELIGIOSO: UMA LEITURA DO MITO DO DILÚVIO EM DIÁLOGO COM CONTOS DE MACHADO DE ASSIS E MIGUEL TORGA
Araceli Sobreira Benevides (UERN)

Este trabalho está situado no âmbito dos estudos interdisciplinares da leitura literária voltada para o contexto da formação de professores/as das Ciências da Religião. É resultado de uma pesquisa desenvolvida no Curso de Ciências da Religião/UERN que investiga os conteúdos disciplinares de futuros docentes de Ensino Religioso (ER) que irão escolas de Ensino Fundamental da rede pública municipal e estadual da Região Metropolitana de Natal/RN. Esses saberes disciplinares têm como referencial a leitura literária, enquanto um dos múltiplos saberes dessa profissão e estão direcionados para o modelo contemporâneo do ER constituído pela pluralidade e não confessionalidade. A fundamentação teórica centra-se em trabalhos sobre a concepção dialógica da linguagem e nas teorias sobre leitura e letramento literário. Ao trazer para o ambiente da formação textos literários que abordem a temática do Transcendente e do fenômeno religioso, objetivamos criar momentos de leitura para a compreensão do Outro (alteridade) e espaços para a pluralidade, ou seja, para as diferentes formas como os discursos religiosos se constituem pela linguagem em obras de autores consagrados, relacionando-os às narrativas sagradas de certas tradições religiosas. Outra contribuição que se percebe dessa prática é a ampliação dos conhecimentos/saberes que extrapolam o plano leituradidatizada, para uma aproximação com o plano da vivência pessoal, singular, que atravessa a subjetividade do leitor, deixando nele marcas e o desejo de experienciar essa e a outras possíveis leituras. Assim, selecionamos contos de Miguel Torga (Vicente) e Machado de Assis (A arca de Noé em três tempos) que dialogam com alguns mitos sagrados que (re)contam a narrativa do Dilúvio, presente em grupos sociais variados, percebendo-a como um discurso dialógico, marcado por pontos de vista culturais diferentes, porém representativo de diversas culturas como narrativa que explica a origem e o povoamento da Terra. Partindo dessa compreensão, levamos para a formação de professores o envolvimento com o mundo literário com foco à construção de uma prática reflexiva, articulada ao mundo que pode ser descoberto pelos leitores, com suas simbologias, relações e diálogos.

LEITURA E LITERATURA NO MEIO ESCOLAR: A CONSTRUÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO
Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de Farias (UFS)

Neste trabalho pretenderemos analisar a postura que deve assumir o meio acadêmico e escolar na formação do leitor de textos literários. De acordo com pesquisas feitas, nos últimos anos o meio acadêmico tem se preocupado em associar o Ensino de Literatura e o de Leitura, duas áreas dos saberes que se complementam, mas que a academia por anos os separou por questões institucionais, por isso, esta individualização das duas teorias vem sendo alvo de críticas e debates no âmbito acadêmico e escolar. De acordo com teóricos da área de língua materna muitas têm sido as causas dessas discussões que são: Como associar Literatura e Leitura?Por que não há cooperação de ambas as áreas?Como essas disciplinas poderiam ajudar na formação do leitor literário? Esses questionamentos são viáveis para entendermos como está sendo constituído o ensino de literatura quanto à formação adequada e qualitativa do leitor literário, principalmente no que se refere a alunos secundaristas de Ensino Médio. A literatura e a leitura são modos discursivos entre vários contextos, que vão além de elaborações linguísticas usuais. De acordo com os PCN's, o texto literário diferente de outras formas de comunicação e garante ao leitor uma maior liberdade de interpretação que pode levar aos limites mais extremos da possibilidade da língua materna.

SESSÃO 3
LITERATURA E HISTÓRIAS DE LEITURA DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO
Dernival Venâncio Ramos Junior (UFT)
Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT)

Este trabalho consiste na análise de relatos autobiográficos de professores inscritos em programa de formação em Letras, na modalidade semipresencial proposta pelo PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), desenvolvido pela UFT - Universidade Federal do Tocantins, a partir de convênio com o Ministério da Educação e secretarias de educação das redes municipal e estadual. Trata-se de parte de pesquisa em andamento, envolvendo histórias de vida e de formação de docentes tocantinenses. Aqui, mais precisamente, a pesquisa se volta para as histórias de leituras desses docentes. Diante do desafio de discutir nas aulas da graduação questões relativas ao ensino da literatura e o letramento literário, como considerar aqueles docentes que tiveram sua história de leitura marcada por uma série de interdições de natureza diversa, tal como atualizam em seus relatos de vida e de formação? São essas narrativas de interdição que aqui analisamos a partir dos fundamentos da semiótica discursiva, privilegiando, nesse primeiro momento, o nível narrativo, o estudo das paixões e as reflexões trazidas pela semiótica em relação à fruição estética. À semiótica, aliamos ainda as contribuições dos estudos trazidos pela História Oral relacionados a questões da memória e ao tempo. Os relatos autobiográficos colhidos no mês de julho de 2011 foram aqui tomados como gêneros catalisadores, que potencializam a reflexão dos docentes sobre sua formação. Esses documentos informam sobre a complexidade das trajetórias de formação de docentes no Norte/Nordeste do país, bem como apontam para as especificidades que caracterizam sua identidade profissional. Nessas narrativas, histórias individuais e coletivas aqui se imbricam, apontando para sentidos da escola e do ensino no interior do país.

ESPAÇO E MEMÓRIA EM MÁRIO QUINTANA: CRÍTICA E REFLEXÕES METODOLÓGICAS
Adriana Vicente do Nascimento Bolsista (CAPES/POSLE/UFCG)
Orientadora: Fernanda Aquino Sylvestre (UFCG)

O presente trabalho apresenta uma leitura de dois poemas de Quintana: "Segunda canção de muito longe",retirado da Antologia Poética, 2004 e "A casa Grande", Esconderijos do Tempo, 2005, numa perspectiva analítica, tendo como aporte crítico a fenomenologia do teórico Gaston Bachelard que viabiliza a análise pelo viés da topoanálise, estudo do espaço poético, que apresenta o espaço e simbologias como elemento constitutivo da construção de sentido. Nos poemas analisados estabelece-se um diálogo inconsciente e espaço, e os lugares são representados metaforicamente e representam recônditos da memória que desvelam a infância como num caleidoscópio de tons, sons e cores. Os recursos estilísticos usados pelo autor nos conduzem a construção de sentidos, apreendidos pelas miudezas e indícios deixados no texto enveredando a um sentido final denominado de círculo hermenêutico, segundo Bosi. Sugere ainda esta leitura como possível em sala de aula, já que o trabalho com o texto literário, em especial, o gênero poema é sempre mimético, reduzido a condição conteudista e simplista não sendo, portanto pretexto para estudos gramaticais que desprezam a carga expressiva do texto e não favorece em nada a formação do leitor literário. As reflexões críticas e metodológicas são abordadas a partir de pressupostos da Estética da Recepção, na qual o fazer literário determina, em primeira instância, o leitor como co-autor e estabelece-se uma dialética entre horizontes de expectativas, a do leitor e o imbricado pela obra, segundo Jouve.

MÉTODO RECEPCIONAL: VIVENCIANDO A TEMÁTICA SONHOS A PARTIR DOS CORDÉIS VIAGEM À SANTA VONTADE, DE MARIA GODELIVIE E MEU SONHO DE ANTÔNIO FRANCISCO
Berenice da Silva Justino
Orientadora: Maria Marta Nóbrega

O nosso trabalho é resultado de algumas reflexões acerca da abordagem do cordel na sala de aula na disciplina Literatura de cordel do Programa de pós-graduação em Linguagem e Ensino- Posle - da UFCG. Discutimos uma proposta didática que envolve oficinas com a leitura dos cordéis Viagem à santa vontade, de Maria Godelivie e Meu sonho, de Antônio Francisco. Ao escolhermos os textos propostos, no tocante aos folhetos de cordéis, acreditamos que instigaremos discussões sobre literatura popular no espaço da sala de aula, pois estamos cônscios de que a literatura de cordel ostenta a capacidade de ressignificar a atividade humana, visto que, o cordel apresenta uma linguagem que encanta por apresentar o popular, o lúdico, e se faz em muitos momentos ingresso para o exercício da imaginação.Todos os textos apresentados versam sobre a temática sonhos, tendo como rumo norteador a teoria do Método Recepcional de Aguiar e Bordini (1993), que apresentam cinco etapas: determinação, atendimento, ruptura, questionamento e ampliação do horizonte de expectativas, levando em consideração os horizontes de expectativas dos alunos e seus interesses literários. Temos o objetivo de trabalhar com folhetos de cordéis a partir do estudo que valoriza a interação texto x leitor que é inspirado na estética da recepção e nos guiaremos através de estudos de Aguiar e Bordini (1993), Jauss (1979 e 1994), Jouve (2002), Cosson (2006) e Zilbermam (1988), entre outros, que refletem questões sobre leitura, literatura e teoria da recepção.

LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO LEITORA DE FUTUROS DE PROFESSORES DE LÍNGUAS
Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

Este trabalho reflete sobre a educação literária no Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará, no que se refere à formação leitora de futuros professores de línguas e busca propor alternativas para a criação de um novo modelo que incidirá também sobre a prática desses professores no contexto de ensino de línguas nas escolas. Nosso trabalho

tem como fundamentação teórica estudos sobre educação literária (MENDOZA, 2004) e formação leitora (COLOMER, 2007; MENDOZA, 1998; TURCHI e SILVA, 2006); pesquisas sobre letramento (KLEIMAN, 1995; KLEIMAN e MATENCIO, 2005; PAIVA, 2003; SCHOLZE e RÖSING, 2007), letramento literário (COSSON, 2009) e formação de professores (ANDRADE, 2004). A pesquisa, que teve origem em nossa tese de doutorado, está inserida nos estudos do Grupo de Pesquisa LEER - Literatura: Estudo, Ensino e (Re)leitura do Mundo que se reúne desde dezembro de 2009. O Grupo de Pesquisa é vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e ao Curso de Letras Centro de Humanidades da UECE e ao LAPEL Laboratório de Pesquisa em Linguística Aplicada. Na formação de professores e, especialmente, no universo que estamos analisando na nossa pesquisa, o dos alunos de Letras (principalmente de Espanhol) da Universidade Estadual do Ceará que atuarão no Ensino Fundamental e Médio e em cursos de idiomas, devemos recordar que o desenvolvimento da competência leitora e literária tem que ser um caminho para formar esses alunos para a análise e interpretação de seu objeto de estudo, que são os textos literários, mas também para que possam utilizar seus conhecimentos literários e sua competência leitora como recurso em suas aulas de língua estrangeira e na formação de leitores. A pesquisa, ainda em andamento, agora em sua terceira fase, realizou um diagnóstico sobre as disciplinas de literatura dos cursos de espanhol e inglês e sobre o uso de textos literários nas aulas dos professores-bolsistas formados pela Universidade. Os dados foram coletados através de questionários para alunos e professores, atividades com textos literários e protocolos de avaliação de material didático, durante os anos de 2008, 2009 e 2010. Nessa última fase, estamos averiguando como se dá a formação leitora dos futuros professores.

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA POR SUJEITOS SURDOS: REFLEXÕES PRELIMINARES
José Edmilson Felipe da Siva
Maria Helena Cunha Malta de Carvalho

Os estudos destinados à análise de produções escritas de sujeitos surdos caracterizam essa escrita como construções atípicas, e que pela sua natureza e forma, causam estranheza ao olhar examinador do leitor ouvinte, não acostumado ou não-conhecedor das especificidades da escrita desses sujeitos. Afirmam os pesquisadores que a diferença entre uma produção escrita por um sujeito ouvinte e uma própria de sujeito surdo, se aplica não somente ao pouco conhecimento a respeito da Língua Portuguesa, devido a poucas experiências proporcionadas aos surdos nessa modalidade, como também pela interferência da língua de sinais no processo de produção textual. Em recentes estudos sobre o tema, Fernandes (1990) e Góes (1999) constataram que os textos dos surdos são de construções atípicas, pelo fato desses textos apresentarem vários desvios de regras de construção do português gramaticalmente aceito como correto, tais como: uso inadequado, ou omissão da terminação verbal, não correspondente ao verbo, inconsistência de tempo e modo verbal; flexão inadequada de gênero ou adjetivos e artigos, uso incorreto do pronome pessoal do caso oblíquo etc. Com base na bibliografia produzida por diversos pesquisadores que nos antecederam no estudo do fenômeno, alguns já mencionados aqui, examinamos a produção escrita de alguns sujeitos surdos e confirmamos, pela análise posterior dos exemplos colhidos, as especificidades presentes na forma de escrita desses sujeitos. Os desvios encontrados devem ser concebidos como características básicas em produções escritas de aprendizes de segunda língua, que é o caso dos sujeitos surdos em relação à Língua Portuguesa, As implicações no processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa escrita para o alunado surdo, o que inclui a sua avaliação, ainda não foram plenamente assimiladas pelos educadores, pois são manifestas no cotidiano escolar práticas incoerentes com os novos achados.

SESSÃO 4
CANTORIA, CORDEL E ENSINO
Maria do Socorro Pinheiro (Professora da FECLI/UECE)

A literatura popular compreende produções orais e escritas. Ao primeiro grupo pertence entre outros gêneros a cantoria, concebida como o ato de cantar, a disputa poética cantada. (CASCUDO, 2000). E ao segundo grupo se insere o cordel que constitui elemento de identidade e diversidade cultural. A cantoria e o cordel olham para dentro da cultura e história de uma população específica e colhe um material poético que serve de registro para o surgimento de uma literatura com características próprias. A voz é a base do fazer e, se propaga e ganha fisionomia na escrita, um redimensionamento do texto oral. Desse modo, voz e letra se interpenetram, dentro numa dimensão poética que define ações no processo criativo. Esses gêneros da poesia popular alcançam um valor significativo pela sua temática, pela linguagem, pelos recursos expressivos que compõem seu universo literário. Diante das especificidades da literatura popular, que se faz presente a expressão artística, cultural e histórica, e, por conseguinte, revela a identidade um povo, faz-se necessário que seja alvo de estudo e reflexão nas aulas de literatura. Isto posto, pretendemos, neste trabalho, refletir acerca de práticas de ensino de literatura no ensino médio, tendo em vista a inclusão da literatura popular como possibilidade de análise e reflexão sobre a diversidade cultural e de estilos. Para tanto, tomaremos como material de análise a apreciação de livros didáticos. As análises estão ancoradas nos referenciais de Brait (2010). Os resultados da pesquisa sugerem que a riqueza literária não tem sido muito estudada em sala de aula, que se ocupa mais com os períodos literários e com as obras canônicas. A literatura brasileira sofre um recorte na sua forma de abordagem. São sempre os mesmos autores e as mesmas obras representativas a ganharem as páginas dos livros, excluindo a literatura popular, a africana e a literatura de minorias. Categorias como erudito e popular podem ser encontradas num mesmo texto literário, interação que pode estar na própria feitura do texto de forma relacional. Nesse sentido, é preciso refletir que o ensino de literatura deve contemplar as literaturas e as culturas e, por conseguinte a diversidade cultural.

LETRAMENTO LITERÁRIO NO CAMPO: UM ESTUDO DE CASO
Francisco de Assis Neto
Luiza Helena Oliveira da Silva

Há, hoje, uma discussão bastante sólida referente à Educação do Campo, como consequência das mudanças de perspectivas pelas quais o campo vem passando, forçando o surgimento de práticas pedagógicas que se adéquem ao mundo rural e às exigências da atualidade. Nesse contexto, nosso trabalho privilegia uma unidade escolar situada em um assentamento rural no norte do Estado do Tocantins. Diante de uma educação de cunho pragmático, nosso olhar se volta para o lugar da literatura na formação dos adolescentes nessa escola: há lugar para a literatura, para a formação de um leitor que encontre prazer numa produção textual distante de suas aplicações mais imediatas ligadas à sobrevivência? Dentro dessa conjuntura, tomamos inicialmente, como referencial teórico, a semiótica discursiva, principalmente a partir dos trabalhos suscitados pela publicação de Da imperfeição, por Greimas (2002). Nessa obra, o semioticista discute a relação que se estabelece entre sujeito e objeto em situações que caracterizam o evento estético: arrebatado pelo objeto, que se apresenta de modo "pregnante", o sujeito se vê por ele envolvido de forma extraordinária, comovendo-se de um modo particular, imprevisto. Passado o instante que marca essa aparição estética, o sujeito inicia um percurso de busca de nova experiência, guardando nostalgias desse momento de êxtase. Aqui, interessa-nos, mais particularmente, a relação de sujeito com o texto literário Aqui, interessa-nos, mais particularmente, a relação de sujeito com o texto literário, aquele cuja linguagem surpreende, desestabiliza o sujeito leitor, comovendo-o, iluminando-o. Trata-se de uma pesquisa de cunho etnográfico, levando em conta a existência da literatura oral, como um dado cultural, na região apreciada neste trabalho. Para a construção do corpus, consideram-se, por parte dos alunos, relatos e entrevistas e, nas famílias dos estudantes, momentos de narrações orais.

LITERATURA E MEMÓRIA EM A LETRA ESCARLATE (1850): UM ROMANCE DE FRAGILIDADE HUMANA E TRISTEZA
Albéris Eron Flávio de Oliveira
Joanna Angélica Borges da Silva

Segundo Todorov (2009), a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles, numerosas características. Não é por acaso que, segundo ele, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes. Os escritos de NathanielHawthorne estão inseridos no contexto da Nova Inglaterra dos séculos XVII e XVIII especialmente, no quais é forte a presença do puritanismo na região. Os puritanos chegaram ao novo mundo com a intenção de formar uma sociedade com valores cristãos rígidos (HIGH, 1986) e a atividade literária de Hawthorne estava muito bem marcada pela sua própria vida e memória em Salém, Massachusetts, lugar onde ele nasceu em 1804 (McMICHAEL, 1966). O puritanismo defende a eliminação de todo o resto do catolicismo romano da liturgia eclesial e é formado por valores morais. O puritanismo também se destaca principalmente pelo rigor e pela falta de escrúpulos no modo e na forma de agir de seus representantes. O romance apresenta uma relação amorosa entre um reverendo cristão puritano de nome Artur Dimmesdale e uma senhora recentemente casada, chamada de Ester Prynne, cujo marido estava em viagem à Europa. A falta cometida por esses dois contradiz os dogmas defendidos na região pelo puritanismo. O tratamento que eles recebem é punitivo e estigmatizante. A fim de embasar esse breve estudo, buscamos ajuda entre teóricos da literatura como Cunlife (1986), Eagleton (2006), High (1986), Howard (1964), McMichael (1966), Schwarz (1981) e Todorov (2009) que ajudaram a justificar a fragilidade e a tristeza humanas expostas na narrativa do romance de Hawthorne.

"EFEITO IXTLAN" *VERSUS* "PATOLOGIA DE MODERNIDADE" NO CONTO MISS ALGRAVE DE CLARICE LISPECTOR
Albéris Eron Flávio de Oliveira
Joanna Angelica Borges da Silva

Clarice nasceu na Ucrânia no ano de 1920, em uma pequena aldeia chamada Tchechelnik, distrito de Olopolko, que de tão pequena e insignificante não figura no mapa daquele país. O período no qual Clarice sai daquela região, dominada pela Rússia, confirma o impacto que sofriam de sucessivas guerras internas e de constantes perseguições anti-semita. O evento da Primeira Grande Guerra contribuiu para a emigração da família para o Brasil. Especialista em contos, a sua escrita respeita as características fundamentais do gênero, concentrando num só episódio, que lhe serve de núcleo e que corresponde a determinado momento da experiência interior. A consciência individual, como limiar originário do sujeito-narrador com a realidade, evidencia-se nos contos de Clarice, apresentado a experiência como um momento de tensão conflitiva no dizer de Nunes (1973) em relação ao centro de continuidade da vida do personagem principal. É o momento de ruptura do personagem com o mundo. O conto "Miss Algrave", inserido na coletânea A Via Crucis do Corpo, foi originalmente publicado em 1974. Clarice Lispector havia sido convidada a escrever uma série de contos para uma publicação especial. Hesitou no início, mas então decidiu escrever. Os efeitos do encontro entre Ixtlan e Miss Algrave, os dois personagens a partir dos quais se desenrola o conto, proporcionarão consequências que mudarão o modo de ela se vê e de ver o mundo em sua volta. Segundo Clarice o mundo pode servir como meio pelo qual o perigo de viver se exterioriza. Clarice também escreveu romances. Entre eles podemos citar Perto de um Coração Selvagem, O Lustre, A hora da Estrela e Paixão segundo G.H., entre outros. Estudiosos como Fromm (1992) Nunes(1973), Requera (2006), Gotlib (1995) entre outros são referências para este trabalho.

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA E SUA PREPARAÇÃO PARA O USO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO
Isabela David de Lima Damasceno
Orientadora: Prafa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão

A pesquisa que aqui se apresenta surgiu de uma reflexão acerca do lugar que o texto literário ocupa nas salas de aula de língua inglesa. Constantemente observamos que o emprego desse tipo de texto "se dá em função de um processo de leitura que não justifica o caráter estético que a literatura envolve e os desdobramentos que ela torna possível quando abordada valorizando os seus traços distintivos", como afirma Flores (2005). Essa constatação revela que os textos literários têm sido subutilizados (SANTOS, 2007). Reconhecendo que os modelos de formação que são oferecidos aos professores repercutem em sua prática real e no exercício da profissão, iniciamos uma investigação que tem por objetivo entender como o currículo da Licenciatura em Letras com habilitação em língua inglesa de duas instituições de ensino superior de Fortaleza, a saber, a Universidade Estadual do Ceará e a Universidade Federal do Ceará prevêem a formação de professores que sejam capazes de fazer uso continuo e adequado de textos literários em suas práticas docentes, sendo estes, trabalhados como ferramenta para o desenvolvimento de comunicação. Para chegar a essa compreensão, essa pesquisa, ainda em andamento, tem como corpus ementas de disciplinas, cronogramas de aulas e os planos pedagógicos de cada curso, bem como se utilizará de entrevistas realizadas com docentes e discentes. Como embasamento teórico, nos apoiamos, sobretudo, nas idéias de estudiosos como Cook (2002), Lazar (2004), Mendoza (2005), Brumfit& Carter (1986), que lançam propostas renovadoras para integração da literatura às salas de aula de língua estrangeira e ainda na crença de que a descoberta de lacunas na formação universitária de futuros professores de inglês é um passo importante para garantir uma mudança no tratamento que esse tipo de texto tem recebido até hoje. Os primeiros resultados apontam para a falta de disciplinas específicas sobre o tratamento didático do texto literário nos cursos analisados e pouca ou nenhuma menção nas ementas das disciplinas sobre a preparação dos futuros professores para o uso desse texto nas aulas de LE.

SESSÃO 5
CLÁSSICOS DA LITERATURA UNIVERSAL: A IMPORTÂNCIA DE LÊ-LOS NO ENSINO FUNDAMENTA
Francielly Coelho da Silva (IFRN)

Conhecer os Clássicos da Literatura Universal, quando ainda se é criança, é uma experiência inigualável e inesquecível. Adentrar um mundo repleto de seres mitológicos deuses, monstros e heróis - e conhecer as suas histórias é fascinante. Comparar as experiências vivenciadas por esses personagens, seus sentimentos e suas atitudes, com a sua própria experiência de vida é prazeroso e eficaz. Pensando assim é que resolvemos trabalhar obras clássicas da Literatura Universal, em uma turma de 7º ano, de uma escola da rede pública municipal de Natal. As obras trabalhadas, em sala de aula, foram: Ilíada e Odisséia, de Homero e Eneida, de Virgílio. Este trabalho visa descrever essa experiência, a qual foi realizada nas aulas de Língua Portuguesa. Tomam-se, como embasamento teórico, reflexões sobre a literatura, a leitura e o letramento literário, pautadas, principalmente, em Zilberman (1993), Abramovich (1994) Solé (1998) e Cosson (2006). Primeiro, serão apresentadas considerações acerca do papel do mito nas sociedades antigas, sobre a figura do herói, da Antiguidade aos dias de hoje, e sobre a importância de se ler os clássicos; em seguida, serão feitas reflexões acerca do ensino da leitura, assim como da importância que a literatura e o letramento literário têm no ensino fundamental; depois, serão relatadas as atividades, bastante significativas, realizadas, em sala de aula, considerando a recepção das obras pelos alunos; por fim, serão feitas reflexões sobre a contribuição deste trabalho para a aprendizagem dos alunos no que se refere à leitura e à escrita. Durante a realização deste trabalho, foi possível perceber e constatar um maior interesse por parte dos alunos pela leitura de textos literários, assim como, um avanço em relação à produção textual de cada um deles.

A RETOMADA DA TRADIÇÃO REGIONALISTA EM ESSA TERRA, DE ANTÔNIO TORRES
Adriana Soares de Almeida (UFS)

Este trabalho tem por objetivo defender uma abordagem interdisciplinar no ensino de literatura. Para tanto, propomos uma análise do regionalismo embasada no romance Essa Terra (1976), de Antônio Torres. Partimos do pressuposto de que essa obra faz uma releitura do regionalismo e transpõe a, já cristalizada, dicotomia campo versus cidade. Em nosso ponto de vista, a obra de Torres abarca a complexidade do homem sertanejo na sociedade pós-moderna, atualizando a tradição transformada pelo processo de globalização. Assim, para alcançar os objetivos propostos, pretendemos fazer uma leitura que contribua para a compreensão do processo que levou à formação deste novo sertão no qual, aspectos econômicos e sociais que pareciam fossilizados pelo tempo foram modificados pelo progresso, bem como demonstrar que o sertanejo apresentado nesse novo sertão é, na verdade, um homem desterrado e deslocado. Para isso, nosso estudo estará teoricamente embasado nos trabalhos de Zilberman, Todorov e Cereja. Esses autores tratarão do caráter interdisciplinar necessário para alcançarmos os objetivos traçados. Os trabalhos de Hall e Bauman sobre a posição do sujeito na modernidade tardia no ajudarão a refletir sobre como a obra em questão constrói um novo discurso regionalista carregado de tradição e modernidade, além de contribuir com a discussão sobre o não-pertencimento deste novo homem sertanejo. Acreditamos que retomar o regionalismo sob a atual ótica cultural é levar o aluno a pensar sobre a importância deste movimento literário revitalizado na obra de Torres. Por fim, pensamos que o trabalho dá sua contribuição no sentido de despertar o prazer pela leitura, bem como na formação de leitores mais críticos.

O ENSINO DE LITERATURA E A MÚSICA: PRÁTICAS E REFLEXÕES
Sérgio Wellington Freire Chaves (UERN/CAMEAM)
Orientador: Manoel Freire (PPGL/UERN)

Através do estudo e problematização de discursos literomusicais, propomo-nos a realizar um projeto que busca apresentar características comuns entre tais discursos e momentos literários vivenciados ao longo da história. Muitos são os discursos musicais que possuem fortes semelhanças com o Arcadismo, Barroco, ou tantos outros períodos. Compartilhamos do pensamento que não devemos exaltar a periodização literária em detrimento do texto propriamente dito; mas cremos haver a importância da compreensão de tais momentos, conhecendo suas principais características e filosofia, para assim compreender a grandiosidade e relevância do texto literário para a humanidade através dos séculos. Visando apresentar isto ao aluno de maneira lúdica, praticamos uma metodologia usando músicas contemporâneas que possuam características dos momentos literários classificados ao longo do tempo; posteriormente reflexões e discussões são abertas entre alunos e comparações são feitas com os discursos musicais e obras literárias consagradas, apresentando-se assim mais uma maneira de descortinar aos leitores conhecimentos literários e cativando-os para a leitura e reflexões destas diante o mundo e a sociedade atual, tornando assim a leitura uma prática reflexiva e atuante, favorecendo ao leitor uma compreensão ampla da humanidade. Pautando-nos em teóricos literários como Alfredo BOSI (2000), Antonio CANDIDO (1976), Nelson SODRÉ (1987) e pressupostos didáticos vários, desejamos apresentar nossa prática de ensino literário aliado a música e assim refletirmos novas formas de ensino de Literatura, tornando esse conhecimento mais atraente e próximo do aluno. Em síntese, a temática é ampla e, com certeza, há inúmeros tópicos que podem servir de exercício escolar para que os alunos possam, através da música, perceber e entender as diferentes percepções do mundo e da literatura presentes nas nossas canções.

O CONTO PORTUGUÊS AFRICANO NA SALA DE AULA
Maria Eveuma de Oliveira (PPGL/UERN)
Sérgio Wellington Freire Chaves (UERN/CAMEAM)
Orientador: Manoel Freire (PPGL/UERN)

Mia Couto é considerado um dos nomes mais importantes da nova geração de escritores africanos de expressão da Língua Portuguesa. Em seu conto A Saia Almarrotada, observamos forte tendência ao simbólico-visionário, ou seja, a história como um todo é símbolo da condição ou de uma situação humana, cujo significado vai além da palavra escrita, o significado necessita imaginação e conhecimento de mundo amplo. No referido conto, a personagem torna-se símbolo não somente de todas as mulheres, mas até mesmo de todo o povo moçambicano, nacionalidade do escritor, que tantas agruras viveu para alcançar independência política e constituir-se como nação livre. Pretendemos, em sala de aula, investigar esta simbolização ocorrente não somente no conto em estudo, mas no andamento das nossas aulas, em toda a obra de Couto, evidenciando a literatura africana de expressão portuguesa como forte arma de denúncia, crítica social e reflexão. Para este trabalho, buscando delimitação, analisamos A Saia Almarrotada. Havendo como metodologia nossa, sempre a leitura, análise e interpretação do texto, bem como o necessário conhecimento da história política local, cultura e vivência, há-nos chegarmos num estudo interdisciplinar, no qual apresentaremos ao alunado não somente o texto literário, mas partindo dele, também ofereceremos compreensões históricas, culturais, religiosas, etc. Assim, traçamos um paralelo no qual a escrita literária, repleta de simbologia, pode evidenciar situações várias. Para fundamentar nossa pesquisa pautando-nos em estudos de Alfredo BOSI (2002), Noémia de SOUSA (1988), Homi K. BHABHA (2010) e temos como conclusão que este autor, por meio da sua escrita, vem registrando a história moçambicana através de simbolizações textuais que mais e mais enriquece a Literatura de Língua Portuguesa.

A UTILIZAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE LÍNGUA FRANCESA: USO DO CONTO COMO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS LEITORA E ESCRITA
Gisleuda de Araújo Gabriel (UECE)
Orientadora: Prora. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

Diante dos impasses entre o ensino de língua e literatura que, ainda hoje, são dissociadas dentro do processo de ensino, nosso primeiro interesse é desenvolver um estudo sobre a utilização do texto literário no processo de ensino-aprendizagem do Francês como LE. Segundo Coseriu (2002)"[...] não se podem separar os ensinos da linguagem e da literatura porque a linguagem e a literatura constituem [...] uma forma única de cultura". Segundo Jouve (2002) '[...] analisar a leitura significa se interrogar sobre o modo de ler um texto, ou sobre o que nele se lê ou 'se pode ler'". Nossa pesquisa, em andamento, busca analisar o gênero literário conto como base da formação da competência leitora e do desenvolvimento da escrita. A metodologia consiste em avaliar as potencialidades da leitura, de contos literários em francês, como ponto de partida para a realização de atividades de escrita, realizadas em uma turma de primeiro semestre, dentro do contexto da formação inicial de professores de Francês no Curso de Letras. Diante disso, objetivamos, com esta pesquisa, desmistificar a crença de que o texto literário é de difícil compreensão e só pode ser utilizado na etapa final do processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Esperamos que este estudo seja uma proposta para a sensibilização de futuros professores de francês LE acerca das potencialidades do ensino da língua através de textos literários, vistos, principalmente, como fonte de input linguístico. É cada vez mais discutida a urgência de se ultrapassar a barreira da visão tecnicista e se instaurar a prática reflexiva nos cursos de formação de professores (Ballester, 1999). Os primeiros dados apontam para crenças, dos alunos, de que só iriam trabalhar

com textos literários na metade do curso, assim como uma boa predisposição para o trabalho com o gênero conto. Por isso, acreditamos que o professor possa romper os moldes canônicos de ensino, aplicando novas estratégias de aprendizagem, sem medo de enfrentar o desconhecido, na busca de novos horizontes de mudanças e ressignificações que o ensino da literatura nos proporciona.

SESSÃO 6

APLICABILIDADE DA LEI 11.645/08 E O ENSINO DA LITERATURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA NA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA FEDERAL (RN)

Carlos Alberto de Negreiro (IFRN)

O referido trabalho trata-se da pesquisa e reflexão a respeito da produção literária afrodescendente, em textos que apresentam temas, autores, linguagens, sobretudo, um ponto de vista culturalmente identificado na literatura afro-brasileira e africana, a partir da aplicabilidade da Lei 11.645/08. Esta pesquisa é a apresentação da experiência de professores em sala de aula e fora dela, na formação de leitores e conhecedores de uma nova realidade, que envolve a produção da literatura negra no Brasil e nos países africanos de língua portuguesa, no que diz respeito à afirmação de identidade do povo negro. Serão discutidos aspectos como a educação formal ser suficiente para a superação da exclusão social e racial, se os professores estão preparados para a implementação da lei e se tem formação suficiente sobre o tema, assim como de que forma o conteúdo está sendo desenvolvido pelos alunos e professores em suas práticas educativas e culturais. A lei 11.645/08 estabelece a obrigatoriedade dos conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e africana no currículo do ensino fundamental e médio, e impôs ao corpo docente de Literatura a possibilidade de trabalhar uma perspectiva literária para além dos referenciais europeus, o que vem se constituindo em um desafio, uma vez que muitos educadores, durante o período de formação, não tiveram acesso à literatura africana e afro-brasileira, e se dizem despreparados para cumprir tal intento.

A UTILIZAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: O CONTO COMO FERRAMENTA PARA A PRÁTICA ORAL

Marla Solara Pontes Mota (Mestranda/UECE)
Orientador: Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

Este trabalho tem como objetivo propor um estudo acerca da relação entre o uso de textos literários como recurso de ensino-aprendizagem e a prática oral no ambiente de ensino de língua inglesa. Atualmente muito se discute a respeito do uso de textos literários no ensino de línguas estrangeiras e a partir de pesquisas na área (GILROY e PARKINSON, 1996; DUFF e MALEY, 2003; LAZAR, 2004; MENDOZA, 2004) ficam mais evidentes as vantagens em utilizar a literatura no ensino de línguas. As pesquisas também apontam que, apesar de ser reconhecido como uma ferramenta para o ensino e aprendizagem de línguas, o TL é freqüentemente excluído pelo professor de língua. Uma das justificativas para essa exclusão é que o material didático disponível no mercado traz uma enorme diversidade de gêneros textuais como artigos, anúncios, receitas, tirinhas, etc., mas raramente apresenta o TL. A realização desta pesquisa pretende trazer contribuições para uma melhor compreensão a respeito da utilização de textos literários no ensino de língua inglesa e buscará revelar se ao ser inserido nas aulas de inglês, o TL seguido de tarefas orais, contribui para o desempenho da habilidade oral. A metodologia consiste em aplicar um pré-teste oral no início do curso com o grupo de controle e com o grupo experimental, este que será exposto ao TL seguido de atividades orais durante o curso, e ao final do curso será aplicado um pós-teste oral com ambas as turmas para comparar o desempenho oral dos alunos. Além de comparar o desempenho oral dos alunos será aplicado um questionário de sondagem para que possamos saber a percepção deles a respeito da inserção do TL nas aulas de língua inglesa. Consideramos a pesquisa relevante, tanto por tratar de um tema de importância, como por ser original, pois pretende medir aspectos da oralidade - fluência, acuidade e complexidade - de aprendizes de língua inglesa que tenham feito uso sistemático de tarefas orais a partir do TL no período de um semestre. Portanto, a presente pesquisa pode contribuir com pesquisadores, professores e aprendizes de língua.

LITERATURA POPULAR E ENSINO: POSSIBILITANDO DIFUNDIR IDEIAS DE NEGRITUDE

Maria Suely da Costa

Este trabalho visa expor resultados obtidos com a pesquisa desenvolvida entre 2010-2011 a respeito da representação do negro em textos da literatura cordel de autoria paraibana. A proposta de se verificar nas diversas expressões temáticas dessa literatura popular as formas de configuração da imagem do negro deveu-se ao fato de que, ao se caracterizar não só por uma riqueza estilística, mas também pelas possibilidades de debate sobre a nossa realidade social, política e econômica, o texto de cordel tem sido instrumento presente também em sala de aula. Nos últimos anos, com o advento dos movimentos contra o racismo, novas ideologias, sob o viés da negritude, vêm se ampliando, manifestas em muitas formas e linguagens, dentre as quais se destaca o texto de cordel. Atualmente, as manifestações literárias cordelistas têm, cada vez mais, pondo em foco questões em defesa do negro, ao expor a cultura ancestral africana e sua influência na cultura brasileira. Ou seja, o cordel passa a ser um instrumento de voz ao negro, difundindo ideais de negritude de forma a combater o racismo. Uma linguagem presente em sala de aula possível de colaborar no processo de incorporar a afirmação dos padrões culturais e valorativos do negro, a qual se vê personificada na implementação da Lei 10.639/03.

RACHEL, CONCEIÇÃO, O ESPAÇO E OS LIVROS
Odalice de Castro Silva

Esta comunicação toma por objeto de estudo a constituição do espaço romanesco da narrativa O Quinze (1930), de Rachel de Queiroz (1910; 2003), para examiná-la através de duas perspectivas: a primeira, aquela que nos dá a apreender as paisagens, os lugares, os objetos, os personagens, os seres e as coisas que compreendem os elementos dispostos por sua narradora como necessários à composição da efabulação; a segunda, a que chama o leitor para dentro do processo da narração, ou seja, para o circuito dos elementos constituintes da dinâmica da leitura, através dos livros de Conceição, uma personagem-projeção da autora. A ligação das duas perspectivas pode renovar a percepção dos jovens leitores para uma reespacialização do texto da escritora cearense, retirando-o de um estatismo descritivo que tem caracterizado o Regionalismo como emblema da produção literária nordestina de 1930. A categoria espaço terá o apoio das discussões realizadas por Osman Lins, através de estudo sobre as variações deste componente da narrativa, revitalizando-o, ao imprimir-lhe outro olhar conceitual em 1963; de Dominique Maingueneau, Pierre Bourdieu, em O Contexto da obra literária (2001) e As Regras da Arte (1996), respectivamente, e de Alfredo Bosi, em A interpretação da obra literária, para as questões de Hermenêutica literária. Quanto às discussões sobre leitura interrelacional, este trabalho dialogará com as contribuições teóricas de Vincent Jouve (A leitura) e Como educar na era planetária, de Edgar Morin. Esta comunicação propõe-se a interligar espaço e leitura, ampliando a percepção estética do primeiro romance de Rachel de Queiroz.

UM OLHAR PARA AS MARGENS
Aline Muniz Alves

Os contos e romances escritos por Guimarães Rosa destacam-se na ficção, e tornam-se bagagem literária para um leitor sedento de conhecimento da existência humana. A sua produção destaca-se, sobretudo, pelas inovações de linguagem, sendo marcada pela influência de falares populares e regionais que, somados à erudição do autor, permitiu a criação de inúmeros vocábulos a partir de arcaísmos e palavras populares, invenções e intervenções semânticas e sintáticas. Baseando-se na linguagem da região em que ocorrem nas histórias narradas, o autor recupera o significado de outras, empresta termos de línguas estrangeiras, estabelece relações sintáticas surpreendentes. Quanto ao processo narrativo, geralmente suas histórias concentram-se em torno de casos que sustentam os enredos. Dentre estes casos, analisaremos o conto A Terceira Margem do Rio, que está presente na obra Primeiras Estórias, publicada em 1962. As vinte e uma histórias são narrativas preocupadas em tematizar, simbolicamente, os segredos da existência humana. De acordo com o filósofo alemão Hegel, que embasará em certos momentos nossa análise: a ação dramática não se limita, porém, à calma e simples progressão para um fim determinado; pelo contrário, decorre essencialmente num meio repleto de conflitos e de oposições, porque está sujeita às circunstâncias, paixões e caracteres que se lhe opõem. A relação com a morte e com o desejo de imortalidade está presente em toda a obra de Guimarães Rosa, mas talvez com mais intensidade em "Primeiras Estórias", onde conflitos, drama e reflexões permeiam o homem que procura respostas entre as margens do conto roseano. Questões relevantes para a experiência humana e que podem ser discutidas e trabalhadas em sala de aula.

SESSÃO 7
ONDE ESTÁ A LEITURA? UM EXPERIÊNCIA DO PIBID-LETRAS DA UFPI
Jasmine Soares Ribeiro Malta (UFPI)

Durante o ano letivo de 2010 o PIBID-Letras da UFPI desenvolveu atividades de orientação e estudos junto aos alunos da U.E. Joca Vieira, em Teresina/PI. A principal reclamação era que não havia leitura na escola, nem por parte dos alunos e nem pelos professores. Através de pesquisa quantitativa a equipe do PIBID descobriu como esta prática estava sendo explorada cotidianamente, e desenvolveu atividades que uniram o trabalho linguístico e o literário com práticas artísticas e de análise textual; comprovando como a leitura estava sendo efetivada fora dos livros didáticos.

A LITERATURA E O PROJETO PRIMEIRO APRENDER NO ENSINO MÉDIO
Maria Eveuma de Oliveira (PPGL/UERN)
Sérgio Wellington Freire Chaves (UERN/CAMEAM)
Orientador: Manoel Freire (PPGL/UERN)

O presente artigo objetiva verificar como o Projeto Primeiro Aprender, que é uma ação voltada para os alunos do primeiro ano do Ensino Médio do Estado do Ceará, trabalha a Literatura nesta série; bem como analisar as realizações e atuações dos professores nas atividades propostas no material didático sugerido ao docente pelo mesmo projeto, por meio de manuais. Sabemos que a Literatura, por apresentar um caráter universalizante e interdisciplinar, apresenta ao leitor um leque de possibilidades; expressa a cultura, os costumes, a história de uma determinada época e lugar. A sua complexabilidade está no fato de não haver limites para a atuação do conhecimento, pois a Literatura divide espaço com diversas áreas, como a Filosofia, Sociologia, Psicologia, História etc. Compõem-se a metodologia nossa, além da análise do material proposto para a realização das atividades em sala, da utilização de um questionário aplicado aos professores para que os mesmos relatassem suas atividades desenvolvidas no espaço escolar. Nosso trabalho está pautado nos estudos de (BACK,

1987), (ZIRBERMAN, 1988), (MARTINS, 2006), entre outros teóricos. Diante análises das propostas ofertadas pelo projeto e dos questionários respondidos pelos educadores, podemos verificar que o Primeiro Aprender é um projeto significativo, embora com muitas falhas e limitações, no que se refere ao ensino da Literatura no primeiro ano do Ensino Médio. Portanto, algumas reflexões sobre o que ensinar e como ensinar determinados conteúdos, no espaço escolar, contribui bastante para o processo ensino-aprendizagem, pois requerem uma postura diferente dos profissionais de ensino, diante das metodologias a serem utilizadas.

(DES)CAMINHOS DA LEITURA LITERÁRIA NO ENEM: UMA QUESTÃO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES
José Augusto Soares Lima

As discussões em torno das abordagens dos textos literários na atualidade é ponto de partida para estas reflexões. Diante disso, é possível considerar a relevância da aproximação entre as teorias acerca do ensino da Literatura e as práticas presentes nas salas de aula de todo o país. Diante deste panorama, podemos afirmar que ocorrem entraves que ainda cercam as práticas docentes em torno do texto literário. Com isso, o presente trabalho está centrado nas discussões acerca das abordagens dos textos de natureza literária no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e suas relações com o ensino, tendo como foco de análise as provas dos anos de 2009 e 2010. Desta forma, nossas reflexões partem de uma leitura analítica das questões que abordam textos literários com intuito de diagnosticar, de maneira mais detida, como ocorrem as abordagens de textos literários utilizados pelo exame com base na identificação e discussão das Competências e Habilidades relacionadas ao estudo do texto literário, propostas pela Matriz de Referência do ENEM. Diante disso, tomamos como referências norteadoras de nossas reflexões as Orientações Curriculares Nacionais (2006) e os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006). Para tanto traçamos como principais objetivos destas reflexões: 1) Analisar as questões acerca de textos literários do ENEM nos anos de 2009 e 2010; 2) Identificar e discutir as Competências e Habilidades relacionadas ao estudo do texto literário propostas pela Matriz de Referência do ENEM; e, por fim, 3) Refletir acerca da relação entre as questões e as orientações apresentadas pelos documentos oficiais sobre o ensino e abordagem do fenômeno literário em sala de aula. Estas reflexões tomam como pressupostos teóricos Colomer (2007), Martins (2006) e Pinheiro (2006).

O USO DE GÊNEROS LITERÁRIOS NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA ESCOLA
Girlene Moreira da Silva
Orientora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão

Atualmente, o estudo dos gêneros e da sua importância para o ensino da língua materna e da língua estrangeira vem sendo muito discutido, inclusive nos documentos oficiais. Entretanto, há menção e indicação do uso de gêneros textuais, inclusive os literários, somente na parte referente ao ensino de língua portuguesa. Percebemos, ainda, a partir da leitura de Bakhtin (2010) e sobre o seu círculo (FARACO, 2009; PAULA & STAFUZZA, 2010), que os gêneros literários, tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo das teorias literárias, e não obtêm destaque nos estudos linguísticos, como se não fizessem parte da numerosa lista de gêneros textuais da atualidade. Corroboramos as ideias de Mendoza (2007), Souza (2008) e Ruppl (2006) que chamam nossa atenção para o fato de que dentre as obras literárias também podemos encontrar diversos gêneros, como receitas de cozinha, bilhetes, anúncios, diários, cartas; o que pode ajudar o professor a aproximar o texto literário da vida escolar do aluno. Conscientes da realidade do ensino público no nosso país, principalmente com relação à reduzida carga horária destinada ao ensino da língua estrangeira, defendemos a viabilidade de desenvolver, pelo menos, a competência leitora dos alunos nesse contexto de ensino e, para isso, o uso do gênero literário entra como forte aliado, uma vez que entre tantos suportes de ensino, a literatura se destaca, principalmente, por seu valor autêntico, cultural, pragmático e sociolingüístico (MENDOZA, 2004, 2007 e ARAGÃO, 2006 e SANTOS, 2007). Certamente é um desafio trabalhar a língua estrangeira na escola pública, onde os objetivos, as estratégias e os procedimentos têm de estar sendo sempre repensados. Acreditamos que o texto literário pode ser um forte aliado para o sucesso do ensino e aprendizagem de línguas no Ensino Médio, principalmente como fomentador da leitura e facilitador do desenvolvimento da compreensão leitora do aluno e com esse pensamento, propomos aqui algumas atividades com o uso do texto literário nas aulas de Espanhol no Ensino médio.

A EFICÁCIA DA PALAVRA TRANSFORMADA EM VALORES PELO ENSINO DA LITERATURA
Antonio Peterson Nogueira do Vale
Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN)

Barthes, em sua "Aula", orientava o espectador para um perigo do qual a Literatura já era eminentemente ameaçada: o esquecimento da disciplina enquanto fonte inesgotável de conhecimentos para o ser humano, tornando-o capaz de assumir os mais variados saberes. Ele lembra que o poder da palavra é o substrato essencial dessa disciplina, que vai além de ser um recorte para estudos escolares, e ressignifica o poder que a palavra assume na sociedade. Todorov endossa essa visão no seu contundente livro "A literatura em perigo", ratificando assim uma ótica mais criteriosa do ensino de literatura nas escolas de ensino básico e médio e instituições acadêmicas francesas, mas que podemos, em paralelo, colocar o Brasil como referente. O seu ponto de vista é categórico ao afirmar que o ensino da literatura passa por uma situação delicada devido à estrutura do ensino superior. Este trabalho, que conta também com a visão teórica de Deleuze ("Crítica e Clínica"), esclarecendo o papel do leitor e escritor no processo literário, e o producente trabalho de RildoCosson ("Le-

tramento Literário"), com a ênfase didática desse ensino, tem a intenção de registrar como a literatura está inserida nas escolas brasileiras, em detrimento de outros aparatos para a disciplina, inclusive as mídias digitais. A tônica está voltada para a observação de um ensino que não se mostra literário, mas que parte da crítica do texto, deixando de lado o sabor do qual a literatura não pode se desvencilhar. Assim, tem-se a visão panorâmica de uma matéria que, embora do século XIX mostra-se vital na nossa contemporaneidade.

SESSÃO 8
LER, CONTAR E CRIAR
Naura Martins (Faculdade Cenecista de Osório/FACOS- CNEC RS)

Na disciplina de Literatura Infanto-juvenil, do curso de Letras, a prática de investigação é uma atividade que, além de dinamizar o processo de formação profissional do acadêmico, ajuda-o a selecionar informações relevantes para a construção de seu compromisso - o de formador de leitores; através de desafios pedagógicos, o acadêmico coleta, organiza, analisa e constrói propostas para seu projeto de práticas docentes. Nesse sentido, pode-se dizer que as leituras, as discussões/debates contribuem significativamente para o seu status de leitor de múltiplas linguagens, além de construtor de propostas de leituras de valorização do texto literário como viabilizador/facilitador da aprendizagem da língua materna, da construção da criticidade e do desenvolvimento da criatividade no contato com a literatura infanto-juvenil. Esse reconhecimento permite afirmar que é possível ensinar a ler na escola, a encontrar o prazer de ler, quando professor e aluno, debruçarem-se sobre os textos, a partir de um processo de interação. A valorização da imagem e das múltiplas linguagens artísticas, valoriza também a arte de contar histórias e a de formar leitores. Discutir a complexidade acerca do ensino da Literatura Infanto-Juvenil na educação básica, e o fato desta situação tornar-se um problema para a escola que, muitas vezes, vê-se quase que única na responsabilidade pela difusão da leitura, tem sido objeto de estudo dos acadêmicos. Nessas discussões, apontam-se situações que reconheçam a escola e a ação dos docentes como elementos importantes no estímulo ao aluno para apropriar-se do objeto cultural livro e desenvolver vivências com a obra literária; as marcas literárias da infância enriquecem cada discussão. Os estudos desenvolvem-se com apoio teórico tem ZILBERMAN, Regina (2005), CECCANTINI, João Luís (Org.) (2004) e outros

ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO DENTRO E FORA DA SALA DE AULA
Gislene Pires de Camargos Ferreira (UFT)
Maria José de Pinho

Nesta comunicação apresentamos os resultados parciais de uma pesquisa realizada numa escola de tempo integral em Palmas, capital do Tocantins. Esta escola atende aproximadamente 1.230 educandos. Possui uma estrutura física de 8.231,09 metros quadrados, com 20 salas e espaços específicos para práticas esportivas, artísticas e culturais. A pesquisa teve como objetivo conhecer, compreender e analisar como acontece o processo de letramento literário dentro e fora da sala de aula, pois a unidade escolar pesquisada oferece oficinas na parte diversificada do currículo, tais como: dança, coral, teatro, dentre outras.. A pesquisa é de caráter qualitativo e do tipo estudo de caso, a partir de uma etnografia com observação participante. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: análise documental do PPP – Projeto Político Pedagógico da escola, dos planejamentos dos professores de Português, Hora da Leitura e das oficinas; diário de campo das aulas, oficinas e ensaios da Cantata de Natal observados. O corpus investigado é composto de entrevistas feitas à diretora, coordenadora e professores, observações registradas em diário de campo e documentos institucionais analisados. Utilizamos para conceituar letramento Soares (2000), Kleiman (1995), Tfouni (1986), dentre outros. Sobre letramento literário recorremos a Soares (1998), Cosson (2007), Rangel (2005), Magalhães (1990). Para tratar da complexidade e da interdisciplinaridade recorremos a Morin (2008), Japiassu (2006), Fazenda (2006). Sobre educação integral dialogamos com Maurício (2009), Cavaliere (2009) e Guará (2009). Os resultados até o presente momento apontam que o letramento literário nesta escola de tempo integral acontece tanto na sala de aula do currículo formal quanto nos espaços direcionados às oficinas curriculares. Os estudos tem revelado que a concepção de interdisciplinaridade que norteia toda a proposta curricular desta escola encontra dificuldades institucionais para sua efetivação, porém é perceptível que as práticas de leitura e escrita voltadas para o letramento literário permeiam todos os espaços educacionais nesta escola de tempo integral.

O POEMA MODERNO E A SALA DE AULA: UM CASO ESTRANHO
Alexandre Bezerra Alves
Orientador: Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

O presente artigo pretende discutir aspectos da relação do ensino do gênero lírico com o cotidiano dos alunos do terceiro ano do ensino médio, mais especificamente tratando de uma dupla de textos poéticos ("Ontem" e "Procura da poesia") extraídos de uma das mais renomadas obras do Modernismo brasileiro, A rosa do povo, livro publicado originalmente no ano de 1945 pelo escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade. Como textos teóricos de apoio para a discussão, além da obra citada, observam-se pressupostos de âmbito no ensino da literatura moderna/contemporânea e de discussão teórica tratados por Leyla Perrone Moisés em textos de sua obra Inútil poesia (tendo como base "A inútil poesia de Mallarmé", além de outros que tratam da especificidade do ensino literário), editada em 2000, assim como aspectos tratados por João Cabral de Melo Neto no texto de sua autoria intitulado "Da função moderna da poesia", originalmente publicado em 1954, e que trata da relação de quem produz o texto poético na contemporaneidade e aquele leitor que possivelmente

irá lê-lo, observando elementos como o tempo dedicado à leitura e à interpretação deste gênero literário no século XX. Fazendo uma ligação entre os elementos analisados tanto por Leyla Perrone Moisés quanto João Cabral de Melo Neto, no decorrer do trabalho desenvolvido o foco principal de discussão passa pelo aspecto da estranheza que a poesia moderna e contemporânea causa ainda hoje em um público (no caso, os alunos do ensino médio)ainda pouco acostumado com o ideário da poesia moderna/contemporânea, embora ela exista no Brasil há quase um século.

MEDIAÇÃO DA LEITURA EM EXPERIÊNCIAS COM A CIRCULAÇÃO LITERÁRIA (FUNARTE) NO VIVABALE NO NORDESTE-SUDESTE: "CONTE DE LÁ QUE EU CONTO DE CÁ"
Emanuela Carla Medeiros de Queiros (UERN)
Andreza Emicarla Cavalcante Pereira (UERN)
Maria Lúcia Pessoa Sampaio (UERN)

Trata-se de um relato da experiência vivenciado pela equipe do Projeto BALE: Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas, por ocasião do prêmio Bolsa FUNARTE de Circulação Literária (MinC, 2010), concretizada via missão VivaBALE Nordeste-Sudeste: "conte de lá que eu conto de cá". O trabalho de incentivo a leitura proposto teve como direção para muitos contrária, ou seja, percorreu o caminho de levar experiência exitosa na área de leitura da região Nordeste para o Sudeste do país, especificamente, para a cidade de Águas Vermelhas – MG. Temos como foco principal de análise a mediação com as obras "Fiz voar o meu chapéu", "Só um minutinho" e "Menina bonita do laço de fita", de Ana Maria Machado numa perceptiva da formação do gosto pela leitura, através da estratégia de contação dessas histórias. O objetivo desse estudo, portanto, é de refletir sobre a importância da mediação através de textos literários, focalizando a sua inserção num contexto que mesmo pertencente a região Sudeste, tem muito em comum com a nossa pelo fato de ser esta cidade parte dos "Territórios da cidadania", conforme divisão do Governo Federal carente de políticas de incentivo a leitura. Analisa-se, nesta comunicação, o perfil dos leitores atendidos, a partir das fichas sócio-culturais (FUNARTE, 2011) aplicadas a quase dois mil leitores, bem como o uso das estratégias de mediação da equipe, verificando até que ponto estas contribuíram para a formação de novos leitores. Utilizaram-se como aportes teóricos os estudos de Abramovich (1997) e Villardi (1999) sobre a importância da contação de histórias; Silva (2009) que discute as narrativas de Ana Maria Machado; Coelho (2000) sobre a literatura infantil, além de Solé (1998) acerca das estratégias de leitura, dentre outros. Partiu-se da compreensão de que a mediação dos textos literários infantis ao ser inserido desde cedo no cotidiano escolar, contribui para a formação do gosto pela leitura e para relação profícua entre leitor e literatura. Conclui-se que a contação de histórias desenvolvida nesse trabalho teve como alcance um público carente, de modo que os textos se concretizaram como oportunidade de conhecimento, interação e aprendizado, caminhos para uma formação leitora crítica.

SESSÃO 9
ENSINO DE LITERATURA: OUTROS OLHARES, NOVAS PERSPECTIVAS
Derlan Lopes Vieira (Universidade do Estado da Bahia)

O ensino de Literatura em aulas de Língua Portuguesa é tratado diversas vezes com um certo desprestígio com relação a outros conteúdos. Além disso, quando textos literários são introduzidos nas aulas de Português, muitas vezes servem apenas de material lingüístico para se introduzir um conteúdo gramatical no ensino de língua materna ou de escopo para exercícios improdutivos de perguntas e respostas preconcebidas, que podam e limitam o universo interpretativo e reflexivo do leitor em formação, interrompendo, quiçá, a constituição de um sujeito autônomo e opinante. Em um cenário como esse, torna-se tarefa primordial do professor empreender uma investigação acerca das peculiaridades do ambiente escolar em que atua, assim como das características sociais e culturais dos sujeitos que se encontram no mesmo. Desta forma, cabe aos profissionais de educação envolvidos neste processo, desenvolver estratégias e metodologias libertadoras de um conhecimento produzido a partir da leitura e não anterior a ela, além de elaborar práticas de ensino de literatura que desenvolvam a capacidade crítica e reflexiva do aluno, rumo à produção de um saber linguístico-artístico-cultural efetivo em sala de aula. Paralelo a esta discussão, salienta-se que a Literatura não diz respeito apenas aos ditos clássicos, mas que se deve reconhecer a existência de outros textos presentes no seio da cultura de um povo, os quais são denominados de populares, que tanto quanto os cânones, merecem respeito e espaço na sociedade por expressarem, através da língua, a riqueza cultural que os originam. Sendo este ponto de vista também considerado, o processo de ensino-aprendizagem tenderia a obter sucesso, porque estaria promovendo a inserção de um conteúdo que é próximo à realidade do aluno.

ENSINO DE LITERATURA POTIGUAR: A PRESENÇA DE PALMYRA WANDERLEY NA VIDA LITERÁRIA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930
Maria Aparecida de Almeida Rego (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Oliveira (UFRN)

Os estudos sobre as práticas de letramento avançam cada vez mais desde as últimas décadas. Segundo Paulino e Cosson (2009), o letramento não está só relacionado à habilidade ou competência individual do sujeito no que diz respeito à leitura e escrita, mas está inserido em um conjunto de práticas sociais na construção de sentidos do mundo. Essa dimensão social na literatura já vinha sendo tratada por Candido (1997) quando propõe que a literatura seja vista como prática social desenvolvida em torno de sujeitos sejam eles, leitores, autores ou livros. Assim, o conceito de letramento literário, visto como apropriação da literatura enquanto construção de sentidos contínuos inseridos socialmente e que se renova a cada leitura do texto literário, é abordado por Cosson com base nas reflexões de Candido sobre o estudo do texto literário. Neste

cenário, muitas pesquisas apresentam inquietações sobre do ensino de literatura, sobre o modo como se configura e como o texto literário é lido ou não no contexto escolar. Como uma das propostas do letramento literário é aproximar o leitor da produção, manutenção e transformação da literatura em sua comunidade, o objetivo deste trabalho é discutir o processo de escolarização da Literatura Potiguar na educação básica como requisito para o acesso concreto de obras literárias que fazem parte do patrimônio cultural do estado no contexto escolar. Diante dessa exposição, objetivamos ainda mostrar a relevância de estudos sobre a literatura local que vem contribuir para o processo de formação da tradição literária do Rio Grande do Norte, a exemplo de Araújo (1991) e Gurgel (2001), além de apresentar reflexões relacionadas ao ensino da literatura potiguar, com ênfase na produção poética de Palmyra Wanderley no contexto das décadas de 20 e 30 do século XX. Para isso, apontaremos estratégias metodológicas que venham contribuir para o processo de ensino/aprendizagem, além da formação de sujeitos leitores críticos que vejam na literatura uma ferramenta importante para a formação humana.

O TEXTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA
Valquíria Maria Cavalcante de Moura

O ensino de literatura promove o encontre do discurso estético, pedagógico e instrucional. Pode-se dizer que as dificuldades do ensino de literatura decorrem da dificuldade de articular essas esferas do discurso escolar. Os objetivos da disciplina não claramente delimitados, assim como seu papel no quadro das disciplinas. A dificuldade de estabelecer objetivos claros tem como conseqüência uma dificuldade equivalente no que diz respeito as suas estratégias didáticas. Geralmente, as o ensino de literatura implica relacionar a literatura a uma evolução cronológica, fornecer um quadro histórico, informar sobre tendências estéticas e apresentar dados biográficos do autor. O texto literário, objeto da disciplina tem um papel irrelevante durante as aulas. Fala-se sobre literatura, mas não se lê literatura. Nenhuma dessas estratégias proporcionam a formação de leitores de textos literários. Nesse contexto, o PIBID/UFRPE promove ações que estabelecem outra relação dos alunos com o texto literário, focalizando a problematização em relação à própria linguagem. Os procedimentos estéticos definem os textos literários como artefatos artísticos, sendo sua compreensão e percepção fundamentais para compreender o discurso literário. As escolhas estéticas exigem leitores mais conscientes das virtualidades da linguagem e das escolhas estilísticas possíveis, assim como seus efeitos expressivos. Ao entrar em contato com esses textos e procedimentos, os leitores desenvolvem uma consciência da natureza do seu próprio estilo. Nesse sentido, as estratégias pedagógicas do PIBID se orientam em uma dupla direção. Tentar promover o contato dos alunos à literatura através da leitura direta das obras e desenvolver a percepção estilística no tratamento da linguagem.

A FIGURA FEMININA DA PERSONAGEM PEQUENINA NO ROMANCE "NADA DE NOVO SOB O SOL" DE LÚCIA FERNANDES MARTINS
Margleice Lima Pimenta(UERN)

Este trabalho constitui discussões acerca da personagem Pequenina (Irene) do romance "Nada de Novo sob o Sol", de Lúcia Fernandes Martins. Podemos traçar os aspectos físicos e comportamentais acerca da personagem, e a sua relação com as outras personagens, em que mostra a sua postura diante das diversidades e circunstâncias pela qual sua vida se depara diante dos percalços. (METODOLOGIA) Para que podemos alcançar os nossos objetivos, é possível revisar os trabalhos que permeiam esse assunto consultando os trabalhos de Sânzio de Azevedo (1976,1985), Pedro SisnandoLeite(2009), Lúcia Fernandes Martins(1996), tem o intuito de mostrar um pouco mais sobre a história da literatura cearense, ocorrida na década de 40, com o modernismo. (RESULTADO) O nosso estudo tem um caráter de apresentar a história de Pequenina(Irene) vivenciada no Boqueirão do Orós, região Jaguaribana no interior do Ceará. A história se dá início por uma notícia que vai abalar o povoado do Vale do Jaguaribe pelo um jornal da capital sobre o rompimento da Barragem do açude Orós. Não bastasse a vida sofrida dos sertanejos pelas várias secas ocorridas, e tendo que deixar o seu lugar para trás, e muitos não se arriscavam em retornar ao seu lugar de origem. A sua vida é marcada diante de sofrimentos com tragédias na família pelas mãos do bando de Lampião que cercavam a região para amedrontar aqueles que se arriscavam em permanecer. (CONCLUSÃO) A intenção do texto é de propagar com maior ênfase a Literatura Cearense, esta que se difunde com o real/imaginário. Com perseverança em suas lutas é possível vencer todos os obstáculos, e que irá encontrar o caminho certo debaixo do sol.

CAMINHOS PARA A ESCOLARIZAÇÃO LITERÁRIA QUE SONHAMOS: GÊNEROS EM CONFLUÊNCIA
Rogério Cavalcante de Moura (UFPE)

Nos dias atuais, o ensino de literatura nas instituições de ensino ainda é um desafio para o profissional de letras. Há um cânone não apenas de obras, mas também de métodos e teorias que justificam a escolha de alguns autores, a delimitação de alguns gêneros e o olvido de outras possibilidades. Uma pergunta, então, se impõe: Que escolarização literária estamos buscando? Devemos preparar as futuras gerações de leitores para perceber o jogo do livro. Nossa proposta de trabalho busca valorizar obras que articulam gêneros como o "diário" e a "carta" na composição da obra literária e, pretende elucidar a importância desse veio literário.

O POEMA EM SALA DE AULA: NOTAS SOBRE A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA
Henrique Eduardo de Sousa

Este trabalho objetiva discutir questões referentes às práticas escolarizadas de leitura do texto literário no ensino médio. Para tanto, tomaremos como objeto de reflexão as etapas de leitura (comentário, análise e interpretação) de um soneto do poeta Gregório de Matos: Contemplando nas cousas do mundo desde o seu retiro, lhe atira com o seu apage, como

quem a nado escapou da tormenta. O movimento de leitura proposto tomará o gênero textual/discursivo poema em seus elementos constituintes de produção de sentido e tentará, através de notas reflexivas, descritivas e propositivas, redimensioná-lo em face do processo de escolarização da literatura na aula de língua portuguesa no ensino médio. Pensarmos o texto literário em sala de aula, do nosso ponto de vista, implica os seguintes encaminhamentos teórico-metodológicos: a)no âmbito dos estudos literários(teoria, crítica e história), atualizar perspectivas críticas, pondo em circulação aparatos conceituais da teoria literária e revisitar o debate entre a obra e seu contexto de produção; b)no âmbito da lingüística aplicada, descrever as noções de texto, gênero e letramento; e c) no âmbito da didática do ensino de línguas, identificar elementos caracterizadores da transposição didática. Nesse quadro multidisciplinar nos apoiaremos nas contribuições de CULLER, 1999; MAINGUENEAU, 2006; ADAM, 2008; KLEIMAN, 2005, 2008; LAJOLO, 1984, 1993 e ROJO, 2006). Por entendermos a transposição didática uma das questões seminais do letramento literário na escola, acreditamos ser possível, através da análise do poema e da proposição do material didático resultante, uma reflexão mais fecunda e conseqüente acerca dos modos de tratamento do texto literário no ensino de Língua Portuguesa.

SESSÃO 10

CRENÇAS DE PROFESSORES- BOLSISTAS DO NÚCLEO DE LÍNGUAS E DO PROLIN SOBRE A FUNCIONALIDADE DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Francisco Perivaldo Oliveira Reis (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene Aragão (UECE)

Este trabalho se insere numa pesquisa realizada na UECE através do Grupo de Pesquisa LEER - Literatura: Ensino, Estudo E (Re) Leitura Do Mundo e tem como objetivo averiguar o uso de textos literários nas aulas de inglês como língua estrangeira, inserido no contexto de ensino-aprendizagem do Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Projeto de Inclusão de Línguas-PROLIN, também na UECE. Para tal, as contribuições teóricas de Widdowson (1975), Brumfit& Carter (1986) e Mendoza (2007), entre outros, acerca da natureza e da funcionalidade do texto literário: los textos literários son una excelente cantera de materiales que aportan a través de lalecturaun amplio, variado y enriquecedor input lingüístico y cultural(...)? (MENDOZA, 2007). Os objetivos do modelo proposto por Mendoza (2004) para a formação literária valorizam as produções literárias como expoentes culturais e incentivam a co-participação do aluno no processo receptor da leitura o que o conduz a um conjunto de atividades que potencializam seus saberes e preparam-no para que seja um leitor autônomo com capacidade de assimilação recriadora, bem como detentor de um amplo alcance formativo e, consequentemente, apto a alcançar a concretização de sua competência literária. Foi aplicado um questionário de 39 questões acerca do uso dos materiais literários no Núcleo de Línguas e PROLIN, através do qual os professores--bolsistas foram indagados sobre temas como experiência docente em língua inglesa em cursos de idiomas, experiência leitora, crenças sobre texto literário e seu respectivo uso. A abordagem específica foi em relação aos professores de língua inglesa e sua preparação para o exercício profissional, além de suas crenças em relação ao texto literário e ensino de línguas. Os resultados mostram a importância da internet na seleção de textos literários por parte dos professores e a compreensão leitora como principal finalidade nas aulas de LE.

ANÁLISE DE ANÁLISE DE TEXTOS LITERÁRIOS PRESENTES NOS MANUAIS DE ESPANHOL INTERACCIÓN E ESENCIAL PARA ENSINO FUNDAMENTAL II (6º AO 9º ANO)

Alda Barros Vieira Fernandes (UECE)
Ivana Roberta Siqueira Marreiro (UECE / PROVIC)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

O uso dos textos literários em sala de aula de língua estrangeira permite desenvolver várias competências ao mesmo tempo: a competência comunicativa a que se quer atingir principalmente no ensino de LE a competência leitora e a literária, que como conseqüência também será desenvolvida, já que a funcionalidade dos textos literários engloba o desenvolvimento de várias habilidades comunicativas no contexto escolar. Este trabalho parte inicialmente de estudos e discussões sobre a formação literária de futuros professores por parte do Grupo de Pesquisa LEER - LITERATURA: ESTUDO, ENSINO E (RE) LEITURA DO MUNDO da Universidade Estadual do Ceará. Tendo como principal referencial teórico alguns estudos o sobre uso do TL, em (PERIS, 1991), (MENDOZA, 2004, 2007), (ARAGÃO, 2006), (LEFFA,2003), (FERNÁNDEZ,2000) e (SANTOS, 2007) o trabalho tem por objetivo verificar a ocorrência de textos literários nos manuais Interacción (FTD, 2006) e Esencial (Moderna, 2007), analisar seu tratamento e abordagem para alunos de ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e desse modo observar o lugar que ocupa a literatura no ensino de língua espanhola no ensino fundamental II, através dos materiais didáticos escolhidos para a presente análise. Foi realizado um estudo norteado pela metodologia de análise presente no texto Textos literarios y manuales de enseñanza de español como lenguaextranjera de Ernesto Martín Peris (1991), em que se busca encontrar textos literários nos manuais, verificar a localização desses textos início, meio ou fim das unidades -, seu objetivo dentro da unidade (relação temática, relação formal, relação léxica etc.), as competências e subcompetências que podem ser desenvolvidas, as destrezas ou habilidades que os alunos ativam através da leitura e as atividades realizadas pelos alunos por meio dos textos literários. Os primeiros resultados apontam para uma quantidade ínfima de textos literários distribuídos ao longo dos livros analisados, o que significa que a inserção de textos literários em manuais de língua espanhola pode e deve ser mais incentivada dada sua importância no incentivo à leitura e no desenvolvimento do aluno em vários âmbitos (conhecimento de mundo, elevação do nível vocabular, reconhecimento e compreensão de estruturas gramaticais, enriquecimento pessoal, prazer leitor etc.).

O USO DE TEXTOS LITERÁRIOS EM MANUAIS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA UTILIZADOS EM CURSOS DE IDIOMAS
Maria Aparecida Moura de Lima (UECE)
Dalila Monteiro Dantas (UECE)
Orientador: Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

O texto literário pode ser uma importante fonte de input lingüístico, permite ao aluno-leitor conhecer as diversas possibilidades de usos (expressivos e formais) da língua e, conseqüentemente, torna-o mais capacitado para interagir socialmente. Por tanto, o texto literário tem como principal função, através da leitura, a formação do aluno no domínio de diversos aspectos comunicativos e, se trabalhado de maneira adequada, pode favorecer potencialmente o desenvolvimento das habilidades lingüísticas do aluno (MENDOZA, 2007). Preocupado com a formação leitora e literária dos futuros professores de língua estrangeira, notadamente dos alunos de espanhol, o GP LEERGrupo de Pesquisa Literatura: Estudo, Ensino e (Re) leitura do mundo vem desenvolvendo, através do estudo das teorias sobre materiais didáticos (PERIS, 1991), (FERNÁNDEZ, 2000), (LEFFA, 2003), uso do texto literário no ensino de LE (MENDOZA, 2004, 2007), (ARAGÃO, 2006) e (SANTOS, 2007); métodos de avaliação de materiais didáticos de língua espanhola (PERIS, 1991) com o intuito de investigar o tratamento literário dado nesses materiais. Para esse artigo foram utilizados como objetos de análise, seguindo a metodologia de Peris, dois livros dirigidos a cursos de idiomas: Españolen marcha 1 e Aula Internacional 1. Os resultados encontrados foram textos que abordavam aspectos culturais e históricos, porém curtos e de fácil compreensão e poucos textos literários ou fragmentos de textos literários. Isso é compreensível pelo fato de os livros analisados serem dedicados ao ensino de turmas do 1º ou 2º semestres, ou seja, turmas iniciantes de E/LE nos cursos de idiomas, o que comprova a crença nem sempre justificada, de que os textos literários são muito complexos para níveis iniciantes.

RELAÇÃO ENTRE A EXPERIÊNCIA LEITORA DE PROFESSORES-BOLSISTAS DE CURSOS DE IDIOMAS E O USO DO TEXTO LITERÁRIO EM SUA PRÁTICA DOCENTE
José Oliveira Cipriano (UECE/Bolsista PIBIC)
Francisco Kennedy Castro Cunha (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão

O texto literário é um documento lingüístico com fins estéticos, mas pode ser também um excelente recurso para os cursos de idiomas, e devidamente utilizado, contribui para a ampliação e aperfeiçoamento das habilidades comunicativas. Este trabalho tem por finalidade apresentar os resultados da segunda parte de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual do Ceará – UECE, pelo GP LEER –Grupo de Pesquisa Literatura: Estudo, Ensino e (Re)leitura do mundo - que objetiva verificar o tratamento dado à literatura pelos professores-bolsistas no Núcleo de Línguas Estrangeiras e no Projeto de Inclusão de Línguas, dois cursos de idiomas vinculados à Universidade. Utilizamos como fundamentação teórica estudos sobre uso do texto literário no ensino de LE (MENDOZA 2004, 2007; ARAGÃO, 2006; SANTOS, 2004). Foi aplicado um questionário com quem atuou nos dois cursos em 2010.1, com o intuito de fazer um diagnóstico de seu perfil leitor e da utilização do texto literário em suas atividades em sala de aula. Esse instrumento é composto de 39 questões, está dividido em seis partes: I - Dados pessoais, II - Formação acadêmica, III -. Experiência docente em cursos de idiomas, IV - Experiência leitora, V - Texto literário e ensino de línguas, VI - Uso do texto literário no ensino de língua estrangeira. Para este trabalho, enfocamos a quarta parte, questões 21 e 23, que trata da experiência leitora dos entrevistados e a sexta parte, questões 28 e 29, que trata do uso do texto literário no ensino de língua estrangeira. Verificou-se que os entrevistados apresentam um gosto diversificado quanto à leitura, que lêem em conformidade com o tempo que lhes sobra das atividades cotidianas e em suas atividades docentes utilizam gêneros e textos literários diversificados.

ÁREA TEMÁTICA 14: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

SESSÃO 1
LEITURA E ESCRITA NAS PRÁTICAS DE ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA
Edna Sousa Cruz (UEMA/UFT)

Os processos de ensino-aprendizagem de uma língua devem estar sempre vinculados ao seu objetivo principal: a comunicação competente, que deve ser entendida como um conjunto de competências que o aprendiz, seja da língua materna, seja da estrangeira, adquire e desenvolve progressivamente.Posto que as habilidades de ler e escrever em Língua Inglesa constituem ferramentas indispensáveis no mundo moderno, é fundamental refletir sobre os mecanismos utilizados no desenvolvimento de tais habilidades e competências no ensino de Língua Inglesa.Por esta razão, este trabalho aborda as dificuldades de ensino-aprendizagem de professores e alunos no Ensino Médio em Imperatriz-MA, no que tange os atos de ler e escrever em Língua Inglesa e suscita uma reflexão acerca das prováveis causas para aquelas dificuldades, enfocando como algumas dessas causas a descontextualização das atividades relacionadas ao desenvolvimento de tais habilidades e a carência de propostas comunicativas para suplantar esses obstáculos. Neste sentido, a expansão da leitura e da escrita para além do livro didático, objetivando propiciar condições de localizar novas informações pela leitura de mundo e expressá-las escrevendo para e no mundo é sugerida. Ancorado nos pressupostos da Abordagem Comunicativa, que prega uma aprendizagem para a vida, focada nas necessidades do aprendiz, este artigo caracteriza-se como um

convite ao professor de Língua Inglesa para repensar suas práticas pedagógicas, direcionando-as a transformar os atos de ler e escrever em atividades prazerosas e significativas. O exercício da leitura e escrita requer uma variedade de atividades com objetivos específicos que possibilitem ao professor e aluno, movimentarem-se livremente dentro da seqüência completa das habilidades de: ouvir, falar, ler e escrever. Partindo deste pressuposto, as unidades temáticas constituem-se um campo propício e amplo para que os atos de ler e escrever sejam para o aluno um exercício interessante, desafiador e motivador cujo produto final seja a produção de sentidos.

A PRÁTICA DA FALA E ESCRITA EM INGLÊS COMO LE MEDIADA PELO *GOOGLE DOCS* E *VOICE THREAD*
Diêgo Cesar Leandro
Janaina Weissheimer

Uma vez que a sociedade está inserida num contexto tecnológico, não há como negar a existência de ferramentas como o computador e a internet. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), já incorporadas a várias áreas do conhecimento, também podem auxiliar o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (LE), em muito distanciado de uma metodologia tradicional. Para incrementar este processo, é possível selecionar certas ferramentas baseadas na web 2.0, cuja proposta é a interação, o compartilhamento de conteúdo. O Google Docs, nesse sentido, possibilita refinar a produção escrita de aprendizes de LE; permite a criação textual coletiva, na qual, além de autores, os indivíduos são editores do trabalho do outro, numa contínua reformulação do texto na LE. Com esta ferramenta, o foco passa do produto, o texto final, para o processo de escrita, desenvolvendo habilidades nesse contínuo. Já o Voice Thread garante exposição à LE em termos de produção oral, uma vez que o aluno deve se valer de suas habilidades com a língua falada para discutir uma variedade de assuntos. Ambas as ferramentas estimulam a utilização da LE em um enriquecedor processo de reflexão sobre seu uso, útil para professores e alunos. O objetivo deste trabalho é, pois, reportar um estudo em andamento, envolvendo os licenciandos de inglês como língua estrangeira da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pretende-se investigar o comportamento cognitivo desses indivíduos enquanto praticam a escrita e a oralidade em língua inglesa, atentando para o tipo de interação entre os co-autores e a natureza das edições, no caso do Google Docs, e para o desenvolvimento da fluência e da acurácia no desempenho oral, no caso do Voice Thread.

A AUTOAVALIAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E O ALUNO COMO AGENTE DE SEU PROCESSO AVALIATIVO.
Vitoria Maria Avelino da Silva (UFRN)
Orientadora:Profa. Dra. Ana Graça Canan (UFRN)

Em busca da excelência na qualidade da educação brasileira, o Ministério da Educação (MEC) volta e fixa os seus olhos no ensino de língua estrangeira (LE), área por muito tempo negligenciada, em termos de recursos e condições de trabalho oferecidas ao professor no âmbito da escola pública. É assim que, durante este ano de 2011, o MEC cria as condições para a escola pública brasileira adotar o livro didático de LE, que sendo escolhido, deverá ser utilizado pelo aluno no ano seguinte. Este trabalho trata-se de uma análise dos procedimentos de autoavaliação (CAVALARI, 2011) sugeridos por alguns livros didáticos de línguas estrangeiras indicados através do PNLD 2012 (Programa Nacional do Livro Didático 2012). Inicialmente, faz-se uma reflexão sobre os procedimentos autoavaliativos de um modo geral e depois são observadas as suas contribuições para a participação do aluno enquanto agente de seu processo avaliativo, e portanto, de seu processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Partimos do pressuposto de que a autoavaliação tem como aspecto "a habilidade de se avaliar e julgar criticamente a própria aprendizagem" (CANAN, 1996). Esse aspecto, trabalhado com os estudantes do ensino médio, ajuda na promoção da responsabilidade destes para com o desenvolvimento de seus saberes, além de fornecer, de certa forma, contribuições do educando para o processo de ensino-aprendizagem.

DESAFIOS DO ENSINO DE INGLÊS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO ENSINO TÉCNICO: QUE CAMINHOS PODEMOS TRILHAR?
Fabrícia Eugenia Gomes de Andrade (Instituto Federal da Bahia)

Em 1909, diante do aumento da população nas cidades e da necessidade em qualificar a classe trabalhadora, o governo federal, através do Decreto no 7.566, cria as Escolas de Aprendizes Artífices em cada uma das capitais brasileiras. Tais instituições eram destinadas ao ensino profissional primário e gratuito, abrangendo um público com idade entre 10 e 13 anos, oriundos das classes mais populares. Tinham, portanto, um caráter assistencialista, predominantemente manufatureiro-artesanal. Ao longo de mais de 100 anos, essas escolas passaram por diversas mudanças, as quais resultaram nos atuais Institutos Federais de Educação Tecnológica. Atuando em todos os níveis e modalidades de educação profissional, os novos Institutos devem estabelecer um estreito compromisso com o desenvolvimento integral do cidadão trabalhador, e articularão, em experiência institucional inovadora, todos os princípios formuladores do Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação (PNDE). Uma das modalidades de curso contempladas nesses Institutos é o ensino médio integrado ao ensino profissionalizante. Este novo arranjo educacional abrirá novas perspectivas para o ensino médio, por meio de uma combinação do ensino de ciências naturais, humanidades e educação profissional e tecnológica. Nesse contexto, apresentamos as técnicas e abordagens preteridas para o ensino de inglês no Campus Salvador, na modalidade técnico-integrada, em paralelo com o desenvolvimento do ensino técnico e tecnológico no país. Para tanto, analisamos o referencial teórico que discute as tendências contemporâneas para o ensino de línguas, e, com base nessa relação, ques-

tionamos o propósito da disciplina, e apresentamos dados que podem sugerir novas metodologias e abordagens para o ensino de inglês nesse contexto. Trazemos, também, como elementos norteadores, os pressupostos das Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM, 2006).

O IMPACTO DO USO DE DRAMATIZAÇÃO NO APRENDIZADO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO EM MOTIVAÇÃO
James Araújo de Vasconcelos

O objetivo deste estudo é verificar as representações de alunos de duas turmas de um curso de inglês de carga horária igual a dez horas semanais em uma escola de idiomas acerca da motivação nas atividades de produção oral entre as quais, atividades envolvendo drama em sala de aula. A pesquisa-ação está no início e até então foi aplicado um questionário qualitativo com o intuito de coletar as impressões dos alunos no início, meio e fim de uma produção teatral. O que tem sido verificado até o momento é que depois de uma experiência em uma única atividade, foi quase unânime que os alunos saíram de impressões negativas para positivas com o desenvolver das práticas diárias e a "superação do medo de falar" teve certo destaque entre as suas impressões. No ensino de inglês como língua estrangeira, o progresso linguístico oral é alcançado com motivação e boas relações interpessoais na sala de aula (Rogers, 1969). Alan Maley e Alan Duff (1998) sugerem que a dramatização em sala de aula de inglês como língua estrangeira pode manter os alunos engajados devido às discussões sobre temas humanísticos como "amor e ódio", "nascimento e morte", "felicidade e loucura". Entre as fases que ocorrem nesse projeto de dramatização estão: discussão sobre obras teatrais, seleção do texto, identificação e discussão sobre identidade dos personagens, discussão de temas envolvidos na peça assim como a conscientização e o porquê de se trabalhar isso em sala. Dando continuidade à pesquisa, gravações, entrevistas e questionários ainda serão feitos com a intenção de adentrar no campo semântico-linguístico e analisar o desenvolvimento desses alunos na parte oral levando em consideração fatores como fluência e pronúncia.

SESSÃO 2
A CONSTRUÇÃO DA COMPETÊNCIA TEÓRICO-APLICADA DO FUTURO PROFESSOR DE INGLÊS ATRAVÉS DA PPCC
Waléria de Melo Ferreira (UNEAL-Campus I / IFAL-PI)

A Prática Pedagógica como Componente Curricular (PPCC), apesar de prevista na matriz curricular dos Cursos de Licenciatura em Letras da UNEAL, ainda é fonte de controvérsia entre os professores formadores, na medida em que esta ainda é confundida com técnicas de ensino, como estudo dirigido, trabalho em grupo, seminários, trabalho de campo, exibição de filmes etc. distanciando-se, assim, do verdadeiro objetivo da PPCC que é aproximação do licenciando ao seu futuro campo de trabalho, ou seja, a sala de aula. Considerando a relevância da discussão sobre o tema, promovemos o debate, inicialmente, dentro do Programa Especial para Graduação de Professores (PGP), em seguida, nos encontros para a discussão sobre a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Letras da UNEAL. Os depoimentos dos professores revelaram que a PPCC não se concretizava enquanto ações de investigação e construção de conhecimento prático sobre a sala de aula e, dessa forma, além de não atender ao Parecer CNE/CP de 9/2001, não contribuía para que os licenciandos estabelecessem relações entre os conteúdos teóricos das disciplinas do curso e a prática docente, desde o início da graduação. A ausência dessas ações e a consciência da importância e da necessidade de investirmos no desenvolvimento das mesmas, nos levou a conduzir uma pesquisa qualitativa de caráter investigativo que envolve pesquisa teórica e de campo, discussões e troca de experiências com professores do Curso, realização de palestras e grupos de estudo, com o objetivo de esclarecer o que é PPCC, qual a sua finalidade, o que não se configura PPCC e como ela pode ser desenvolvida em cada uma das disciplinas que prevê essa dimensão prática, de forma a contribuir para a melhoria da formação teórico-aplicada dos futuros professores, especialmente no Curso de Letras. A revisão teórica inclui estudos de: Piconez (1991), Novoa (1995), Charlier (2001); Pimenta (2002); Oliveira-Formosinho (2008); Monteiro (2008); entre outros.

NEM TUDO SE RESUME À TRADUÇÃO GRAMATICAL: UM ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO
Lucélia Ramos Alcântara

É fato que ainda permanece a tradição de utilizar estruturas gramaticais como base para o desenvolvimento de aulas de inglês na escola pública em geral. No entanto, alguns casos de sucesso não podem deixar de ser mencionados. Neste trabalho, relato a experiência etnográfica em uma sala de aula de língua inglesa numa escola estadual, a qual contradiz o status quo tão criticado por nós, linguistas aplicados envolvidos com o ensino/aprendizagem de língua inglesa. Por meio da observação de um caso de sucesso, pretendo fazer (res)surgir no professor uma atitude quixotesca, a qual consiste no primeiro passo para o alcance de objetivos até então desacreditados, principalmente, pelos profissionais que enfrentam salas de aulas volumosas e heterogêneas, os quais também não dispõem de equipamentos e treinamento de qualidade para o desenvolvimento de aulas satisfatórias. Em outras palavras, devo discordar da afirmação de que a provocação de quebras no paradigma tradicional de ensino de língua inglesa em casos isolados não seja relevante (OLIVEIRA, 2011, p.78). Pelo contrário: o "trabalho de formiguinha" tem seu valor, este reconhecido, principalmente, por causar efeito transformador nos alunos, os quais são instigados a desenvolver um pensamento crítico que lhes proporcionará um posicionamento diferenciado na sociedade que os cerca. O aluno como agente transformador de sua realidade pode, sim, surgir da sala de aula de língua inglesa; basta que nós, educadores, acreditemos em nosso poder de utilizar a língua inglesa não só como fim em si mesma, mas também como meio de acesso ao universo das interações sociais.

MUDANÇA DE CÓDIGO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
Marcelo Augusto Mesquita da Costa

O trabalho, parte do tema de dissertação de mestrado, insere-se em um projeto maior sobre o discurso pedagógico desenvolvido no âmbito do NELFE-UFPE. Nas aulas de língua estrangeira, sobretudo nas que adotam perspectivas mais comunicativas, é comum a alternância de uso das línguas materna e estrangeira. No entanto, pouco sabemos sobre o fenômeno de mudança de código (code-switching) nesses contextos, já que muitos dos estudos sobre o tema concentram-se em situações naturais de bilinguismo e em países em que duas ou mais línguas são corriqueiramente faladas pela comunidade. Questões como "por que professor e alunos mudam de uma língua para outra na interação em sala de aula de língua estrangeira?", "há pontos de ocorrência específicos prioritários na alternância?", "que papel tem outras variáveis tais como nível do curso (introdutório, intermediário, avançado) na alternância de códigos?" poderiam fornecer subsídios valiosos para o ensino. Um fator que dificulta a compreensão dos estudos sobre code-switching é a própria concepção deste e de outros termos relacionados: por exemplo, qual seria a diferença entre uma mudança total de uma língua para outra e a inserção de apenas algumas palavras no enunciado? Os estudos apresentam muitas controvérsias nas definições, às vezes, implícitas do conceito. Autores como Poplack (1984) baseiam-se em aspectos mais gramaticais; outros, como Auer (1988) já seguem perspectivas mais interacionistas para sua definição. Assim, este trabalho que está baseado em ampla revisão bibliográfica, tem como objetivo discutir alguns conceitos relevantes sobre code-switching, esperando que tal discussão possa auxiliar na construção de um aparato teórico e metodológico sobre o tema. Não se trata apenas de resumir pontos de vista de outros autores, mas de discutir os termos à luz dos dados coletados em sala de aula de língua inglesa no curso de Inglês Núcleo de Línguas e Cultura da UFPE, em turmas de níveis avançado e básico.

OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO FERRAMENTA PARA AS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA
AylaTércia Santos de Morais
Clebson Trajano da Silva
Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos

Pesquisas realizadas por Sedycias (2005) mostram que as aulas de língua espanhola no Brasil precisam de significante melhora, pois o ensino engessado que é realizado na maioria das escolas brasileiras tem gerado um trabalho com pouca contribuição à vida social dos alunos e este foi o motivo que instigou a uma investigação científica entregue a uma instituição de ensino superior privada localizada em Escada/PE. Este artigo pretende apresentar resultados de um trabalho que por meio de entrevistas, observações de aulas e análise de documentos oficiais diagnosticou as diversificadas dificuldades na prática pedagógica da língua estrangeira em instituições de ensino público da cidade do Cabo de Santo Agostinho-PE, que obstaculizam o desenvolvimento linguístico e discursivo dos alunos. Utilizou-se também de pesquisa bibliográfica para conhecer estratégias metodológicas que facilitassem a aprendizagem de uma segunda língua. Ela está calcada na teoria do dialogismo de Bakhtin ([1999], 2003), Schneuwly, Dolz (2004), Marcuschi (2008) ao defenderem o uso de gêneros textuais como ferramenta didática para o ensino da língua materna, Bronckart (1999) com sua teoria do interacionismosociodiscursivo e Sedycias (2005). Apresenta como contribuição a reflexão sobre a prática pedagógica da língua espanhola e baseada nos dados obtidos, pode estimular profissionais ao aperfeiçoamento do ensino suscitando uma busca de conhecimentos específicos sobre o ensino esquematizado por meio de diversos gêneros textuais para minimizar os problemas encontrados atualmente no ensino da língua espanhola no país.

O TEXTO LITERÁRIO EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA: POR UM ENSINO MAIS SIGNIFICATIVO
Leane Mayara da Silva Santos
Waléria de Melo Ferreira

Este estudo apresenta uma proposta de trabalho com literatura em aulas de Língua Inglesa, com o objetivo de despertar maior interesse do aluno pela disciplina, além de abrir espaço para a imaginação e o acesso a novas culturas, pois entendemos que a aprendizagem de uma língua estrangeira deve extrapolar as questões linguísticas (gramaticais ou estruturais). Trata-se, pois, de uma pesquisa de cunho qualitativo que envolve uma reflexão crítica sobre a relação entre ensino e aprendizagem de Língua Inglesa e a elaboração de sequências didáticas com conteúdo literário como alternativa para um trabalho de formação humanística do aprendiz, que contemple os aspectos culturais da língua alvo e estimule o trabalho autônomo do aluno, fora da escola. Dessa forma, tenta-se fugir do método tradicional de ensino, pois além de cansativa, essa prática não tem conseguido envolver o aluno, e contribui para os resultados insatisfatórios desse processo, sobretudo por se tratar de uma língua estrangeira, que exige tempo e dedicação que não deve se restringir a sala de aula, tendo em vista a carga horária limitada da disciplina. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Dr. José Tavares, localizada na cidade de Arapiraca/AL, numa turma do 6º ano do ensino fundamental, com alunos entre 11 e 14 anos de idade. A intervenção foi realizada em quatro (04) aulas de cinquenta (50) minutos cada, durante as quais se explorou a história de Peter Pan. O trabalho envolveu a utilização de cartazes (flashcards), exercícios de pintura e colagem, caça-palavras, palavras cruzadas, narração de história e exibição de filme. Durante as aulas, observou-se a curiosidade e o interesse dos alunos, que demonstraram motivação para participar e aprender novas palavras. Os alunos, de modo geral, fizeram uma apreciação positiva das aulas, declarando terem vivido uma experiência diferente e interessante com a língua inglesa, o que nos sugere que o trabalho com a literatura e o lúdico pode ser bastante produtivo nessa faixa etária. Fundamentamos nossa pesquisa, principalmente em: Zilberman (1984), Cunha (1986), Freitas et al. (2003).

SESSÃO 3
O QUE É UMA TAREFA NA ABORDAGEM TBLT (TASK BASED LANGUAGE TAECHING)?
Marceonila Marcela Bezerra da Cunha

O TBLT (TaskBasedLanguageTeaching) criado por Dave Willis e Jane Willis tem sido bastante discutido por estudiosos da área, críticas e defesas assim como especulações sobre a aplicabilidade e eficácia da abordagem. Deve-se chamar atenção para uma definição em especial, a definição de tarefa, pois esta é um dos pilares centrais da abordagem. O conceito de tarefa vem a ser de grande relevância, uma vez o próprio nome é motivação para o próprio nome da abordagem. Alguns autores como Rod Ellis, que tem escrito bastante sobre TBLT, não consideram bem amarradas às definições de tarefas e ponderam a diferença entre um exercício e uma tarefa. Em A Framework for TBLT (1996), Jane Willis esmiúça todos os aspectos sobre tarefas, desde sua criação até os estágios pelos quais passam. É comum encontramos a palavra tarefa para definir, atividades de prática, role plays, e exercícios, a autora define o sentido no qual a palavra é utilizada no TBLT como sendo uma atividade onde a língua alvo é utilizada pelo aluno com um propósito comunicativo para se atingir um resultado. Na realização da tarefa o aluno fica livre para utilizar quaisquer que sejam as estruturas lingüísticas desde que a tarefa seja realizada com sucesso, dessa forma é preciso utilizar a língua de forma significativa e que haja entendimento entre os participantes. É estabelecido foco no significado antes da forma nessa etapa do processo, o que não implica dizer que a forma é menos importante, mas que nessa etapa o que é mais relevante é a fluência suas duas ramificações: significado e entendimento. Pretende-se, portanto, discutir sobre algumas teorias que embasam a TBLT e também delinear o entendimento, tido por alguns autores, sobre tarefa contrastando com o que é exposto por Jane Willis.

"ERRAR É HUMANO"! O ERRO COMO ELEMENTO DE EMPODERAMENTO NA AULA DE ELE.
Iris Nunes de Souza (UESB)
Orientador: Lucas Campos (UESB)

Baseado na teoria "Análise de Erros" e "Analise Contrastiva",este trabalho, intitulado: "Errar é Humano"! O ERRO como elemento de empoderamento na aula de ELE, tem como principal finalidade aprofundar estudos que comprovem ou não que a aprendizagem de uma língua (neste caso, a Língua Espanhola) se constrói, também, a partir do erro. O estudo justifica-se por desmistificar um elemento que antes era considerado uma afronta à sociedade, o erro de linguagem. No processo ensino-aprendizagem, o apresentamos como um passo para um melhor desenvolvimento dos aprendizes nas aulas de língua Espanhola. Partimos da hipótese de que toda aprendizagem passa pelo processo do erro, nas diversas etapas da vida, desde a apreensão de conhecimentos básicos a atividades que tornam-se mecânicas como aprender a andar de bicicleta ou mesmo dirigir um carro. Enfim, em qualquer processo de aprendizagem passamos por várias etapas, falhamos, e somente com a experiência conseguimos chegar a aprendizagem após vários erros, mesmo que se tenha uma imagem negativa desse, que na pesquisa ora proposta é o objeto de investigação, ressaltamos que este é fundamental para a vida, para as descobertas, e, por conseguinte também, para processo ensino aprendizagem. No tocante ao aspecto teórico, pretendemos que esta pesquisa seja norteada por duas correntes, quais sejam: (i) A teoria da Análises de Erros e (ii) a da Análise contrastiva.

AS IDENTIDADES DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO CASO EM UM CURSO DE IDIOMAS
Janaina Michelle França De Oliveira
Sheila Simone Paiva Da Câmara Lins
Orientadora: Profa. Marília Varella Bezerra Faria

Este estudo mostra a pesquisa que está sendo desenvolvida na área de formação de professores com o objetivo de investigar as identidades dos professores de língua inglesa de um curso de idiomas. Atuando como professor na área do ensino de línguas, nota-se que há um grande número de docentes não habilitados oficialmente para exercer a função de professor, ou seja, esses docentes não possuem um diploma reconhecido de Licenciatura exigida por documentos oficiais como mostra o trabalho de Paiva (1997) e Ganz (2006), por exemplo. Segundo Ganz (2006), o conhecimento didático e metodológico do docente determina a sua concepção sobre o processo de ensino-aprendizagem e sua atuação como professor, tornando esse conhecimento fundamental para nortear uma prática reflexiva. Diante disso, sentimos a necessidade de investigar as identidades dos professores de língua inglesa por meio de um estudo de caso em uma escola de idiomas, e assim analisar alguns pontos significativos acerca da formação dos professores dessa escola. Através de um questionário semi-estruturado, traçamos o perfil dos professores de Língua Inglesa dessa escola; analisamos o ponto de vista dos professores de língua inglesa sobre a importância da formação acadêmica na sua área de atuação; e avaliamos a percepção dos professores de língua inglesa sobre o que é ser professor de línguas. Pretende-se dar ao fim da pesquisa, resultados que irão contribuir para o ensino de línguas e para a formação de professores e auxiliar no preparo de material para melhor capacitar os profissionais da área.

O ENSINO DE GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NÃO MATERNA
Kaline Araújo Mendes
Lena Lúcia Espíndola Rodrigues Figueirêdo

O interesse por parte de estrangeiros em aprender a língua portuguesa, sobretudo a sua variante brasileira, tem-se mostrado crescente. Esse fenômeno se deve, notadamente, ao crescimento econômico pelo qual o Brasil tem passado nos últimos anos, a contar do período de estabilização de nossa moeda e, consequentemente, da inflação.

Partindo da ideia de que a comunicação verbal só é viável através dos gêneros (BAKHTIN, 1992) e de que é importante, em contexto formal de aprendizagem de uma língua, levar em conta o planejamento de produção e compreensão dessas entidades comunicativas (DOLZ; SCHENEUWLY, 2004), ensejamos, com base em uma aula de português dirigida ao público estrangeiro, discutir, nesta comunicação, o espaço reservado aos gêneros orais na sala de aula de português como língua não materna, bem como problematizar acerca da maneira como esses instrumentos são mediados pelo professor no referido contexto de aprendizagem. Inicialmente, trataremos do cenário de ensino de português a falantes de outras línguas em contexto brasileiro, apresentando os índices de desenvolvimento da área. A seguir, discutiremos a problemática dos gêneros e do ensino de língua portuguesa em território nacional, dando destaque aos documentos oficiais que focalizam a questão, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Daremos ênfase, também, a complexidade de compreensão e produção dos gêneros orais na sala de aula de português com língua não materna. Mais adiante, orientadas pelo quadro teórico-metodológico proposto pelo Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999), procederemos à análise e interpretação de dados colhidos em uma aula de português para estrangeiros ministrada no Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão de Português da Universidade Federal da Bahia.

A CONTRIBUIÇÃO PSICOPEDAGÓGICA PARA O ENSINO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Ednny Kelly de Almeida Sales (pós-graduanda FAL; professora do CEI)

Este trabalho aborda as principais visões de aquisição da linguagem, discutindo como ocorre na infância a aprendizagem de uma segunda língua. Também, através da Psicopedagogia, busca tornar esse aprendizado mais prazeroso e eficaz, correlacionando o estímulo da língua estrangeira ao processo de ensino/aprendizagem em um contexto inicial de escolarização, considerando a possibilidade de se utilizar a Teoria das Inteligências Múltiplas, estudada por Howard Gardner (1995) como instrumento de intervenção para possibilitar conhecimentos concretos e desenvolver uma inteligência significativa no indivíduo. O presente estudo proporciona estratégias psicopedagógicas para o ensino bilíngue: agindo de forma preventiva e intervencional; identificando as dificuldades estabelecidas nos processos do desenvolvimento das aprendizagens humanas; propondo que o melhor momento para remediar os problemas de aprendizagem acontece quando as inteligências são novas; incentivando o ensino precoce de uma língua estrangeira para diminuir futuros entraves cognitivos. Desenvolve uma pesquisa descritiva do tipo estudo de caso, no campo da educação bilíngue, especificamente com professores de uma escola particular de grande porte de Educação Infantil, do Rio Grande do Norte. Busca compreender, conhecer e analisar o perfil destes, os métodos de ensino, como acontece a aprendizagem, como é explorada a inteligência e os conhecimentos individualmente adquiridos. Foi visto que os professores do programa bilíngue da instituição estão comprometidos com a formação múltipla, envolvendo seus alunos em diferentes atividades que impulsionam as várias formas de aprendizagem, favorecendo, assim, um bom rendimento escolar das crianças e a visão pluralista da mente. Considera a partir dos dados obtidos que os conhecimentos dos docentes, referentes à educação bilíngue, são muito satisfatórios, pois a formação destes professores e a nova clientela induzem a uma nova forma de ensinar muito próximas ao ideal de Gardner, atendendo às individualidades dos alunos.

SESSÃO 4
O ENSINO-APRENDIZAGEM DA HABILIDADE ORAL EM LE NA MODALIDADE A DISTÂNCIA: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES
Claci Ines Schneider (PGET/UFSC - Capes)
Sila Marisa de Oliveira

Em decorrência de transformações econômicas, observa-se que o Brasil vem apresentando papel de destaque no cenário político-econômico internacional e, em vista disso, a necessidade de pessoas fluentes em outras línguas se faz cada vez maior. Um dos principais idiomas neste cenário é o espanhol, que além da relevância mundial, atualmente no Brasil também se faz crescer em virtude do Mercosul. E com o intuito de satisfazer essa necessidade nacional criou-se a lei nº 11.161, que trata do ensino obrigatório do espanhol em escolas de ensino médio à qual se soma a Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990) onde o país assumiu o compromisso internacional de elevar os índices de escolarização. Consoante a esses fatores, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), integrante da Universidade Aberta do Brasil (UAB) oferece, entre outros cursos de licenciatura, o de Letras-Espanhol, que tem por objetivo levar "educação gratuita e de qualidade aos municípios que não têm acesso a cursos de nível superior e ampliar a taxa de escolarização brasileira". Mas tanto aos professores quanto aos demais envolvidos na criação e implementação de um curso de licenciatura na modalidade a distância (EaD), não bastava tornar concreta essa iniciativa, mas sobretudo que esse curso fosse de qualidade. Os desafios pareciam ser ainda maiores em se tratando de formar professores de língua estrangeira, afinal, como conseguir que dominassem as quatro habilidades linguísticas, em especial a oral? O que mostraremos nesse trabalho será, portanto, as dificuldades e as possibilidades de se desenvolver a habilidade oral em alunos de um curso a distância. Uma vez que, assim como Moran (2009, p. 289) percebemos que é exigido do aluno "um salto cultural grande demais" não só em relação ao texto escrito, conforme o autor menciona, mas também no que se refere a aprender a se comunicar oralmente em uma língua estrangeira, já que na EaD a forma de se estudar é diferenciada, exigindo maior autonomia e a maioria dos alunos está acostumada ao ensino presencial, onde a mediação do professor faz a diferença, especialmente nas atividades de produção oral.

O USO DO DICIONÁRIO NO ENSINO DO VOCABULARIO DE LINGUA ESPANHOLA
Claci Ines Schneider (PGET/UFSC - Capes)
Orientadora: Profa. Dra. Adja de Amorim Barbieri Durão

O dicionário tem se mostrado um fiel companheiro de professores e estudantes ao logo do processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Mesmo que alguns profissionais de ensino o evitem, é comum que os aprendizes questionem sobre qual é o melhor dicionário a ser usado em suas aulas, uma vez que, como disse Maldonado (1998) "todos usamos el diccionario". No entanto nem sempre o professor foi preparado para responder esta questão. Geralmente se desconhece a riqueza de dados presente no dicionário. Observa-se que nas salas de aula de língua estrangeira os alunos usam dicionários constantemente, que o consideram uma ferramenta relevante no processo de aprendizagem de línguas, porém a maioria desses futuros professores aprende a usar o dicionário mecanicamente e sem a orientação de ninguém e que esse despreparo acaba sendo repassado aos futuros alunos ou mesmo se refletindo no mal uso da língua. Deste modo e pela visível relevância do dicionário no processo de ensino de línguas, concluímos que é necessário rever o ensino do uso dos dicionários em sala de aula, em proporcionar aos futuros professores e aos seus futuros alunos condições de melhor aproveitar essa ferramenta que faz parte do processo de ensino de línguas. Por esta razão, nossa pesquisa visa propiciar aos professores de línguas estrangeiras um preparo mínimo no que concerne ao uso do dicionário como ferramenta de ensino. Com esse intuito buscou-se verificar o conhecimento de alunos de fases finais de um curso de formação de professores de língua estrangeira, nas modalidades presencial e a distância, sobre o bom aproveitamento do dicionário. De acordo aos resultados observados se proporcionaria à estes alunos uma base teórica que lhes permitisse dominar melhor o uso dessa ferramenta, que estará sempre presente no processo de ensino de línguas.

ABORDAGENS DISCURSIVAS EM TEXTOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS NO ENSINO MÉDIO
José Roberto Alves Barbosa (GPELL/UERN)

A ampla difusão do inglês como Língua Franca tem alimentado o investimento maciço do mercado livreiro em materiais didáticos para o ensino-aprendizagem desse idioma. Esse comércio é mais intenso no contexto das escolas particulares em que os pais, a maioria de classe média, lucros às editoras. Os critérios para a escolha dos livros pelos professores geralmente se baseiam em aspectos superficiais tais como gravuras, qualidade do papel, enfoque gramatical e/ou textual. Ciente dessa realidade, e preocupado com o uso indiscriminado de textos didáticos para o ensino do inglês, objetivamos, com essa pesquisa, analisar as abordagens discursivas de textos de materiais didáticos para o ensino-aprendizagem de inglês no Ensino Médio. Para a realização desse estudo, coletamos textos de livros didáticos de inglês adotados pelas cinco principais escolas particulares de uma cidade do Rio Grande do Norte. A opção pelos livros didáticos das escolas particulares partiu da expansão desse mercado e a ampla utilização desses recursos nesse ambiente escolar. Essa é uma pesquisa qualitativa, de cunho interpretativista, operacionalizada a partir de categorias discursivas, tais como ideologia (THOMPSON, 1995) e hegemonia (GRAMSCI,) e lingüístico-textual (HALLIDAY, 1985). Para a análise discursiva dos textos partimos das contribuições teóricas de Almeida Filho (1993; 1999), que define abordagem como uma tradição de ensinar-aprender; e de Hymes (1971), e sua noção de competência comunicativa, que favoreceu uma proposta de ensino de línguas para a comunicação (WIDDOWSON, 1982); e a Análise Crítica de Discurso, de Fairclough (2001; 2003). A análise da abordagem discursiva dos textos didáticos demonstrou que, a fim de atender os temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares – Língua Estrangeira, alguns textos assumem posicionamentos políticos críticos em relação às práticas sociais. A abordagem gramatical, por conseguinte, tende a ser reduzida em prol de um enfoque mais comunicativo. Mesmo assim, identificamos ainda abordagens desempoderadoras, com enfoque meramente gramatical, que favorecem a manutenção de ideologias sustentadoras de discursos hegemônicos.

BRASIL & ESTADOS UNIDOS: CONSTRUÇÃO DE SABERES INTERCULTURAIS – PRIMEIROS OLHARES
Rejane Maria Gonçalves

O projeto intitulado "Brasil & Estados Unidos: construção de saberes interculturais" foi proposto a partir de uma parceria firmada entre Capes, Fulbright e Universidade Federal do Tocantins (UFT) no final de 2010. De acordo com o projeto, que deverá ter a duração de quatro anos (de 2011 a 2014), o curso de Letras, Campus de Araguaína, receberá quatro assistentes de ensino de Língua Inglesa, todos de nacionalidade estadunidense, sendo um a cada ano. Por meio deste projeto, espera-se alavancar o processo de aprendizagem de Inglês dos alunos do referido Campus ao oferecer-lhes possibilidades de contato direto com um falante nativo e de conhecer um pouco mais sobre a cultura do outro, bem como a sua própria. O principal objetivo deste estudo é o de analisar o início do desenvolvimento do projeto, com foco para o workshop de produção escrita oferecido no primeiro semestre de 2011. Para tanto, buscar-se-á identificar o caminho já trilhado, seus pontos positivos e negativos, bem como os percalços encontrados durante tal percurso. Para isso, embasamo-nos nos estudos de Figueiredo (2010), que aborda a visão de participantes em programas de trocas culturais; Rees (2002), que propõe o ensino de inglês a partir de uma abordagem cultural; Vygotsky (1998), autor da teoria sociocultural; entre outros. Trata-se de uma pesquisa-ação em andamento, cujos participantes são professores da área de Língua Inglesa da UFT, alunos do curso de Letras e assistentes de ensino (EnglishTeachingAssistant - ETA). Os instrumentos de coleta já utilizados foram atividades realizadas no workshop de produção escrita, conversas informais, entrevistas e questionários. Os dados coletados durante a primeira etapa apontam momentos de encontro e desencontro das perspectivas dos participantes do projeto.

A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUA ESTRANGEIRA
Ana Emilia Fajardo Turbin

A comunicação salienta o problema, há anos instalado no ensino-aprendizagem de LE, nas escolas públicas: a ineficiência em se conseguir alunos que saiam falando e escrevendo, compreendendo o mínimo esperado na Língua Estrangeira.Diante dessa realidade procuramos trazer o conceito de autonomia como uma alternativa possível no processo de ensino-aprendizagem da LE a fim de que tal problema acima mostrado possa ser reavaliado no compartilhamento da responsabilidade do ensino-aprendizagem de LE. Sustentamos a importância da Conscientização, Autonomia e Ação como conceitos pilares da teoria por nós abraçada.

SESSÃO 5
CONTRIBUIÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA O ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA
Liana Marcia Gonçalves Mafra (IFMA)

Tem-se como função principal refletir sobre a contribuição dos gêneros textuais para o ensino de leitura em Língua Espanhola, considerando que a leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos e que tanto os significados das palavras quanto o conhecimento prévio que o leitor traz consigo têm origem social, e o enfoque nos gêneros discursivos nas atividades de leitura, em aula de Língua Espanhola permite explorar não só os aspectos linguísticos e discursivos, bem como os aspectos socioculturais. Assim, enfatiza-se a carência da atividade de leitura intercultural nas aulas de Língua Espanhola como LE, tendo em vista que autor e leitor estão inseridos em comunidade culturais diferentes, não compartilham dos mesmos referentes culturais, do contexto geográfico ou histórico, ou ainda, dos valores e das atitudes diante da vida e do mundo. Assim, salienta-se a necessidade de uma leitura intercultural nas aulas de Língua Espanhola, esclarecendo que escritores e leitores possuem culturas diferentes, não compartilham os referentes culturais, o contexto geográfico ou o histórico, ou ainda, os valores e as atitudes diante da vida e do mundo. Por isso, é muito mais difícil interpretar o dito/escrito e situá-lo no contexto apropriado. Mas, o objetivo desse novo enfoque é buscar formas e metodologias acertadas para que os alunos possam superar os obstáculos que dificultam a compreensão, por exemplo: desconstruindo os possíveis preconceitos, estimulando o interesse por outras culturas, fornecendo informações que ajudem a entender outros referentes culturais.Diante disso, propõe-se apresentar uma seqüência didática de análise e comparação de diferentes gêneros discursivos, desenvolvida nas aulas de leitura e apontar alguns desdobramentos para o ensino-aprendizagem da Língua Espanhola nos cursos técnicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão.

O ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA PARA JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DE UMA ABORDAGEM DIALÓGICA E REFLEXIVA
Tânia Maria Nascimento Diôgo (Mestranda em Linguística-UFPE)

Em regra geral, nós professores, não exploramos alguns aspectos relevantes que ocorrem em sala de aula para o processo de aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira e trabalhamos fatores externos ao contexto docente. A dicotomia observada algumas vezes entre teoria e prática, nos faz refletir sobre o nosso lugar na enunciação, o nosso lugar como sujeitos mediadores do ensino e da aprendizagem. A reflexão e o dialogismo na sala de aula de língua estrangeira são fundamentais para que o aprendiz tenha êxito e os objetivos sejam alcançados. Defendemos neste trabalho, a aquisição e o conhecimento da Língua Espanhola, através da investigação etnográfica, posto que as nossas ferramentas didáticas serão os Diários Etnográficos, na perspectiva de analisar a linguagem escrita, registrada pelos professores, como pressuposto básico na construção mediada pela expressão oral, observando-se a íntima relação entre a escrita e a fala. Também defendemos neste projeto a língua nos postulados bakhtinianos, ou seja, língua como uma atividade social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação (...) sempre ligadas às estruturas sociais. Nessa perspectiva dialógica reflexiva é que desenvolveremos este estudo analisando os diários etnográficos de um grupo de professores para constatarmos a necessidade de uma postura docente reflexiva e viabilizarmos um projeto de intervenção para a melhoria efetiva da qualidade do ensino e das suas perspectivas dialógicas.

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DO GLOGSTER NAS AULAS DE INGLÊS
Ilanna Maria Izaias do Nascimento
Tamara Pereira dos Santos

Com o advento do uso de novas tecnologias, no que diz respeito as práticas sociais de comunicação, está em ascensão o uso dos meios eletrônicos com acesso ao mundo virtual, o qual promove uma gama de informações através de links que criam possibilidades de interação com o conteúdo por ele veiculado. Este tipo de conteúdo realiza-se através de hipertextos, os quais possibilitam a livre escolha do caminho a ser percorrido pelo usuário, agregando-se aos recursos como sons, imagens, animação tornando a consulta fácil e atraente. Assim, cada vez mais as pessoas têm acesso à informação e ao conhecimento por meio digital e dessa forma, cada vez mais, essas tecnologias são incorporadas no campo educacional, como exemplo disto tem-se a ferramenta Glogster, a qual permite a criação de pôrters virtuais através do mundo da multimídia integrando elementos gráficos, fotos, vídeos, música e texto. Além disso, o Glogster promove o engajamento do educando no conteúdo a ser abordado, podendo ser utilizado para fins educacionais de forma individual e colaborativa. Este estudo visa utilizar o Glogster e apresentar possibilidades pedagógicas nas aulas de Língua Inglesa. O estudo em questão sustenta-se pela pesquisa bibliográfica em diferentes fontes que apresentam a utilização da Web 2.0 como recurso ou como estratégia pedagó-

gica no ensino-aprendizagem de línguas, tendo como metodologia adotada a apresentação da ferramenta e seus recursos para uma turma do curso superior de Gestão de Turismo do Instituto Federal do Maranhão – Campus Alcântara para o desenvolvimento de um pôster interativo e informativo em inglês sobre pontos turísticos da cidade histórica de Alcântara-Ma. Neste sentido, pode-se observar que integrar ferramentas do meio digital às aulas de Língua Inglesa promove reflexões e análises dos conteúdos estudados em sala de aula, melhorando consideravelmente a aprendizagem da Língua Inglesa, pois faz com que o indivíduo seja letrado digital capaz de realizar práticas de leitura e escrita integradas à interação social em ambientes virtuais, fazendo uso de gêneros textuais adequados à especificidade da esfera comunicativa envolvida.

INGLÊS: UM JOGO DE APRENDIZAGEM
Ariana Salisa Brito Alves (UFRN)
Patricia Sayonara Lima de Araujo Pereira (UFRN)
Orientadora: Prof. Dra. Rosanne Bezerra de Araujo

A necessidade de se aprender uma língua estrangeira começou há muitos séculos com os Acadianos e Romanos, que procuravam estudar as línguas dos povos por eles conquistados. A partir do terceiro século já existiam manuais de aprendizagem bilíngues, com ênfase em vocabulário e conversação. Com o passar do tempo, surgiram novos métodos e diferentes abordagens de ensino, juntamente com novas línguas que encontravam sua importância dependendo da significância do país de origem. Atualmente, a língua inglesa em particular vem crescendo de forma explosiva em todo o mundo. O Brasil tem implementado o ensino desta disciplina nas escolas como matéria regular a partir do 6º ano do Ensino Fundamental. Assim, o inglês no processo educativo passa a ganhar espaço estratégico na mudança social do curso escolar. Aprender uma segunda língua passou a ser ferramenta necessária para conquistar vagas no mercado de trabalho. Daí a importância de promover desafio, diversão e motivação através de jogos de aprendizagem, despertando maior interesse e vontade de aprender. Além de encorajar os alunos na aprendizagem, proporcionam-lhes uma maior cooperação e afetividade no espaço sala de aula, o que permite desenvolver com eficácia cada uma das quatro competências. (Wright, Betteridge e Backby. 1998). É sob esta visão que objetivamos reportar um estudo concluído de 10 horas/aula numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, turno vespertino do município de Parnamirim, no estado do Rio Grande do Norte, na qual foram desenvolvidas atividades lúdicas que promoveram um ambiente de descobertas e autoconhecimento no processo de ensino aprendizagem de Inglês como língua estrangeira.

NA ESCOLA PÚBLICA TAMBÉM SE APRENDE A FALAR INGLÊS
Ariana Salisa Brito Alves (UFRN)
Patricia Sayonara Lima de Araujo Pereira (UFRN)
Orientadora Prof. Dra. Rosanne Bezerra de Araujo

Devido tanto a problemas de ordem histórica, política e social, vivenciados pela escola pública brasileira quanto à realidade do vestibular, que privilegia a leitura e interpretação de textos, tem sido cada vez mais desafiador trabalhar as quatro competências da linguagem no ensino do inglês, nesta instituição. A oralidade, neste sentido, constitui-se em uma das competências menos exploradas pelos professores, o que compromete, evidentemente, a aprendizagem da língua inglesa, como um todo, pelos alunos. Sabendo-se que a aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira (alvo), não pode ser entendida como o estudo de uma competência isolada das demais, objetiva-se reportar um estudo concluído cujo intuito é relatar experiências relacionadas ao desenvolvimento da oralidade no processo de ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira, na escola pública. Para tal, dez horas-aula foram observadas em uma turma com aproximadamente quarenta alunos do 6° ano do Ensino Fundamental II do turno vespertino numa escola pública da cidade de Parnamirim, no estado do Rio Grande do Norte, quando os alunos são expostos sistematicamente à atividades lúdicas relacionadas à competência oral. Os resultados demonstraram que os alunos desta turma conseguiram se comunicar oralmente na língua alvo, atingido, deste modo, o objetivo inicial deste estudo, o qual pretendia confirmar a hipótese de que aprender a falar inglês na escola pública é um desafio possível e que a ludicidade é um instrumento facilitador deste processo. Percebeu-se, além disso, que o desenvolvimento destas atividades de oralidade proporciona a autonomia dos estudantes tanto como aprendizes quanto como seres sociais.

SESSÃO 6
GRAMÁTICA E ANÁLISE CONTRASTIVO NO ENSINO DE ESPANHOL COMO SEGUNDA LÍNGUA
Shirley de Sousa Pereira (UFRN)

Paralelamente ao surgimento e desenvolvimento das diversas correntes linguísticas surgem novas perspectivas na didática do ensino de línguas. Assim, por exemplo, o chamado enfoque comunicativo tem norteado fortemente a metodologia de ensino de línguas estrangeiras no Brasil. Concretamente, no caso da língua espanhola, existe uma grande profusão de materiais didáticos e manuais que adotam dito enfoque, que, como o próprio nome indica, prima pelo uso da língua em contextos variados de comunicação que tentam reproduzir situações vividas no cotidiano. No entanto, não raro o método comunicativo de ensinar língua estrangeira é mal interpretado, na medida em que se entende equivocadamente que este exclui a correção gramatical, o que explica o fato de que a gramática, protagonista dos programas estruturalistas de antanho, seja relegada a um segundo plano no panorama atual do ensino de espanhol como segunda língua. Partindo desta tessitura, pretende-se demonstrar aqui que as atividades comunicativas em ELE não têm porque rechaçar

o estudo da gramática enquanto constituem ferramentas ou meios para lograr um fim, qual seja o desenvolvimento da interlíngua do discente. Isto implica o aperfeiçoamento da competência gramatical num sentido amplo, utilizando um método que possa unificar os aspectos que envolvem a comunicação, a gramática explícita e a análise contrastiva com a língua materna, de modo que estes aspectos não se excluam, senão que se complementem. Tratando-se de uma língua como o espanhol que compartilha tantos aspectos em comum com o português, faz-se necessário o aprofundamento não somente do conhecimento da gramática da L2 como também da L1.

O USO DE GÊNEROS LITERÁRIOS NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA ESCOLA
Girlene Moreira da Silva (IFRN)
Cleudene de Oliveira Aragão (UECE)

Atualmente, o estudo dos gêneros e da sua importância para o ensino da língua materna e da língua estrangeira vem sendo muito discutido, inclusive nos documentos oficiais. Entretanto, há menção e indicação do uso de gêneros textuais, inclusive os literários, somente na parte referente ao ensino de língua portuguesa. Percebemos, ainda, a partir da leitura de Bakhtin (2010) e sobre o seu círculo (FARACO, 2009; PAULA & STAFUZZA, 2010), que os gêneros literários, tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo das teorias literárias, e não obtêm destaque nos estudos linguísticos, como se não fizessem parte da numerosa lista de gêneros textuais da atualidade. Corroboramos as ideias de Mendoza (2007), Souza (2008) e Ruppl (2006) que chamam nossa atenção para o fato de que dentre as obras literárias também podemos encontrar diversos gêneros, como receitas de cozinha, bilhetes, anúncios, diários, cartas; o que pode ajudar o professor a aproximar o texto literário da vida escolar do aluno. Conscientes da realidade do ensino público no nosso país, principalmente com relação à reduzida carga horária destinada ao ensino da língua estrangeira, defendemos a viabilidade de desenvolver, pelo menos, a competência leitora dos alunos nesse contexto de ensino e, para isso, o uso do gênero literário entra como forte aliado, uma vez que entre tantos suportes de ensino, a literatura se destaca, principalmente, por seu valor autêntico, cultural, pragmático e sociolingüístico (MENDOZA, 2004, 2007 e ARAGÃO, 2006 e SANTOS, 2007). Certamente é um desafio trabalhar a língua estrangeira na escola pública, onde os objetivos, as estratégias e os procedimentos têm de estar sendo sempre repensados. Acreditamos que o texto literário pode ser um forte aliado para o sucesso do ensino e aprendizagem de línguas no Ensino Médio, principalmente como fomentador da leitura e facilitador do desenvolvimento da compreensão leitora do aluno e com esse pensamento, propomos aqui algumas atividades com o uso do texto literário nas aulas de Espanhol no Ensino médio.

ANÁLISE DE ERROS NA PRODUÇÃO ESCRITA DE PROFESSORES DE ESPANHOL/LE EM FORMAÇÃO
Triciane Rabelo dos Santos (UFCE)

Investigações sobre cursos de formação inicial têm sido foco de pesquisas na área de ensino e aprendizagem de línguas. Algumas reflexões residem nos inúmeros papéis que o professor desempenha. Ensinar uma língua estrangeira hoje exige que o professor conheça não somente a língua que leciona, ou que se valha apenas de metodologias, técnicas e abordagens de ensino. A reflexão sobre a prática tornou-se a palavra de ordem nos estudos sobre formação do professor e, na perspectiva da Linguística Aplicada, essa reflexão é enriquecida com questões concernentes aos conhecimentos e sua produção na formação. Almeida Filho (1993) afirma ser indispensável ao professor saber como ensina e porque ensina como ensina. Nesse sentido, esse estudo se propõe investigar o processo ensino e aprendizagem da língua espanhola em um curso de formação de professores de Letras/LE, considerando as influências ortográficas, sintáticas e lexicais da língua materna nas produções escritas dos professores/aprendizes. Ateremos-nos aos aspectos gramaticais, visto serem ainda áreas de entraves na aprendizagem de língua estrangeira. Para a realização desse trabalho, abordaremos alguns modelos de investigação em aprendizagem de segunda língua, que visam enfocar o processo de apropriação de uma língua estrangeira. Ademais, enfocaremos os processos de transferências linguísticas, a visão de erro, e ainda o papel que exerce a língua materna durante o processo de ensino e aprendizagem da língua espanhola. O estudo que iremos conduzir requer um embasamento teórico centrado na Análise de Erros, no intuito de localizar essa teoria em seu surgimento e evolução frente ao panorama das últimas décadas, também introduziremos uma visão sucinta das teorias com foco na produção dos aprendizes (Análise Contrastiva e Interlíngua). Trataremos dos aspectos relacionados aos erros dos professores/aprendizes e as áreas de maiores dificuldades apresentadas em sua interlíngua, acreditamos que em posse dos resultados, o professor de língua espanhola terá mais clareza dos erros que se apresentam no processo, sejam eles, ortográficos, sintáticos ou lexicais e a análise da interlíngua lhe possibilitará compreender melhor sua prática educativa, bem como trabalhar em torno daquelas dificuldades que mais tropeçam os professores/aprendizes.

O DISCURSO IDENTITÁRIO NUMA COMUNIDADE DE PRÁTICA (MOODLE)
Selma Maria Abdalla Dias Barbosa (UFT)

Esta pesquisa tem como objetivo investigar e analisar o processo de (re)construção das identidades culturais, profissionais e sociais de alunos do curso de Letras de uma Universidade Federal do extremo norte do Tocantins, os quais estão vivenciando um contexto contemporâneo altamente tecnologizado, desafiador e complexo, além disso, quando falamos de formação inicial de professores de LE, podemos dizer que o processo se torna, muitas vezes, um pouco mais complexo e conflituoso, haja vista que a ferramenta de trabalho desses professores é a língua do "outro", a cultura do outro, isto é, o "outro" representado pela língua- cultura estrangeira em contraste e/ou conflito com a língua-cultura materna do eu professor em formação inicial e não nativo da língua alvo. A pesquisa apresenta uma metodologia qualitativa, longitudinal,

de base etnográfica e cunho reflexivo e colaborativo na medida em que prioriza a interação entre as partes envolvidas no processo. Serão utilizados como instrumentos de investigação, dentre outros, questionários, interações na comunidade de prática (Moodle), entrevistas, sessões temáticas de debates, relatos reflexivos produzidos pelos participantes dessa pesquisa, os quais são alunos ingressantes na realidade de observação e regência na sala de aula de língua estrangeira (neste caso a inglesa) nas Escolas de Rede Pública de Ensino. No intuito de mapear a (re)construção de identidades culturais, sociais e profissionais, constatamos a relevância dos aspectos cognitivos, como por exemplo, as crenças que subjazem o processo de formação de professores de língua estrangeira, como também, a presença do interdiscurso e a autoconfirmação no discurso científico. Sendo que, uma das razões da reprodução do discurso científico da sala de aula na Comunidade de Prática, atribui-se ao desejo do aluno de ser fiel ao discurso acadêmico, como também pela participação onisciente do professor-formador representando sua posição de poder em relação ao aluno, isto é, de avaliador das formações discursivas produzidas naquele momento sócio histórico específico. Enfatizamos que o termo identidade proposto neste estudo assume uma natureza multifacetada, provisória, fragmentada e mestiça, o qual será analisado dentro dos construtos inter e transdisplinares vigentes da Linguística Aplicada.

COMPREENSÃO ORAL EM INGLÊS: DIFICULDADES DE ALUNOS-PROFESSORES E SUAS PROPOSTAS PARA O ENSINO
Sibéria Maria Souto dos Santos(IFPB)

O objetivo desta comunicação, que é um recorte de nossa dissertação de mestrado, é investigar se as atividades propostas por 2 (dois) professores em formação inicial para o ensino de Compreensão Oral (CO) em língua inglesa têm relação com as próprias dificuldades que eles apresentaram nessa habilidade. Com relação à CO, Rixon (1992, p.28) explica que há uma diferença entre ouvir e escutar uma mensagem. Segundo o autor, ouvir se resume ao reconhecimento de sons, por exemplo, quando alguém diz "eu não ouvi o que você disse"; e por outro lado, escutar envolve atenção consciente ao texto oral. Rixon (op. cit.) esclarece que essa distinção é importante para observarmos as habilidades usadas por um aprendiz ao tentar construir um sentido para a mensagem ouvida. O contexto da pesquisa é a disciplina Língua Inglesa VI, do curso de Letras de uma universidade pública da cidade de Campina Grande, e os 2 (dois) participantes são alunos-professores que cursavam a referida disciplina na época da coleta de dados. Neste estudo, abordamos aspectos teóricos relacionados à CO (SHEERIN, 1987; GOH, 1997, 2000, 2003; FIELD, 1998, 2003 a,b,c; VANDERGRIFT, 1999, 2004 a,b;) e à formação de professores (DUTRA e MAGALHÃES, 2000; KUHN, 2000; FERREIRA, 2003; DAMIANI et. al., 2006). A análise do corpus revelou que os participantes propõem-se a (1) selecionar critérios ao escolherem um texto oral para seus alunos escutarem e a (2) focalizar no processo da CO ao ensinarem a habilidade, ou seja, debatendo como o aluno atingiu (ou não) a compreensão do texto oral (FIELD, 1998, 2003; VANDERGRIFT, 2004b). Tanto os critérios mencionados pelos participantes quanto o ensino da CO focalizando no processo relacionam-se com as dificuldades que eles apresentaram ao escutarem textos orais em inglês ao longo da disciplina Língua Inglesa VI.

SESSÃO 7

A SINTAXE DO PORTUGUÊS EM TEXTOS DE FALANTES DE ALEMÃO COMO LÍNGUA MATERNA
Francielly Rodrigues Soares (Letras/UFPB)
Margarete von Mühle Poll (Professora de Letras/UFPB)

Este trabalho visa a analisar as dificuldades de alunos falantes de alemão como língua materna no processo de ensino/aprendizagem de português como segunda língua no que se refere aos aspectos da sintaxe. Serão analisadas, especificamente, a organização sintática dos elementos na frase, a regência nominal e verbal e a concordância nominal e verbal. A língua alemã e a língua portuguesa pertencem a troncos linguísticos diferentes, o que implica diferenças consideráveis na realização sintática dos elementos na frase e também dos processos de concordância entre os elementos sintáticos, o que gera pontos de dificuldade na aprendizagem da língua portuguesa. Este trabalho parte das dificuldades encontradas nas produções textuais de alunos falantes de alemão dos cursos de PLE (Português como Língua Estrangeira) dos níveis Pré-Intermediário, Intermediário e Avançado do PLEI (Programa Linguístico-Cultural para Estudantes Internacionais). O trabalho se constitui de uma análise das dificuldades no que se refere à realização sintática das frases, nos textos produzidos pelos alunos das turmas acima referidas. A partir dos dados levantados na análise dos textos, será possível obter um panorama sobre as principais dificuldades encontradas nesse aspecto gramatical e, assim, planejar um trabalho mais pontual nas questões relativas à sintaxe, visando a um aprendizado mais eficiente no ensino de português a alunos falantes de alemão como primeira língua. Com os dados levantados, pode-se realizar um estudo contrastivo entre os fatos gramaticais com maior incidência de dificuldades, o que pode levar o aprendiz a entender como se dá o emprego de determinado aspecto gramatical na língua portuguesa.

O USO ALTERNANTE DE VERBOS PRONOMINAIS EM LÍNGUA ESPANHOLA
Arthur Martinelli Abrantes Estrela
Shirley de Sousa Pereira

Em língua espanhola, há verbos de uso pronominal/alternante, isto é, verbos que aparecem juntamente com uma partícula de dativo de interesse, que varia de acordo com o pessoa verbal, de modo a dar ênfase na ação que o sujeito sofre na oração. Quando falamos de verbos de uso pronominal e no ensino de Língua Espanhola para alunos brasileiros, percebemos que há uma perda semântica no uso pronominal desses verbos em determinados contextos por não possuírem uma

equivalência em língua portuguesa. Como demonstra Bello (2006), "comer" não é o mesmo de "comerse". Para a língua espanhola, verbos que se apresentam com um componente de dativo de interesse, como o próprio nome sugere, tem uma carga semântica mais verbo do que o verbo em sua forma simples. Se mostra, a partir daí, a necessidade de ter um conhecimento do uso desses verbos para entender o seu funcionamento e sua implicação na hora de se aprender uma língua estrangeira, nesse caso o espanhol, no intuito de evitar fossilizações ou erros na reprodução escrita e oral da língua. Nosso trabalho tentará demonstrar, pois, os resultados parciais de um projeto de pesquisa que visa catalogar o uso desses verbos pronominais/alternantes em jornais de língua espanhola e compará-lo com o uso dos mesmos em língua portuguesa, explicando a partir daí a importância de se ter esse conhecimento na aquisição de uma língua estrangeira. Resultados parciais da pesquisa demonstram que o uso de verbos pronominais em espanhol possuem uma freqüência bastante relevante, o que só demonstra a importância de reconhecer o uso desses verbos na hora de aprender a língua.

USO DE TEXTOS LITERÁRIOS NOS MANUAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA APLICADOS NO ENSINO MÉDIO
Izadora Vasconcelos Braga (UECE)
Maria Joselia Maia Moreira
Sandra Maria Souza
Orientadora: Cleudene de Oliveira Aragão

Este trabalho foi desenvolvido pelo GP LERR - Grupo de Pesquisa Literatura: Estudo, Ensino e (Re)leitura do mundo, que tem por finalidade apresentar os resultados da análise dos manuais didáticos do professor: Enlaces: español para jóvenes brasileños, de Soria Osman... [et. al.] - 2ª edição, da editora Macmillan, 2010; Ahora Sí ; e Síntesis: curso de língua espanhola, de Ivan Martin, da Editora Ática, 2011; para o ensino da Língua Espanhola, utilizado no Ensino Médio. As obras são compostas por três volumes, foram analisados seus objetivos como instrumento de aprendizagem envolvendo quatro momentos: análise, desenvolvimento, implementação e avaliação das atividades; estudo desenvolvido por Vilson J. Leffa (2003) em seu artigo – Produção de Materiais de Ensino: Teoria e Prática. Investigou-se se dentre os textos apresentados em cada volume incluem-se textos literários; que tipos de atividades de aprendizagem foram desenvolvidas a partir deles no decorrer da unidade; e centrando-se principalmente em saber, em que lugar foi introduzido esses textos literários dentro da unidade e a função que lhes foi conferida em particular. Verificou-se, também, a relação estabelecida entre os textos literários e o restante da unidade didática ou lição em que se apresenta; suas competências ou subcompetências que se propunham a desenvolver nos discentes; suas destrezas ativadas nos alunos em relação à recepção do texto e as atividades que realizam em conexão com esta. Os critérios supracitados foram inspirados no método de análise desenvolvido por Ernesto Martín Peris (1991) em sua tese doutoral – Textos literários y materiales de enseñanza de español como lenguaestranjera. E também examinou-se a proposta metodológica em cada manual para o melhor ensino da língua, que possuem recursos importantes, CD ou DVD, como apoio didático; aspecto enfatizado por Gretel M. Eres Fernández (2000) em seu artigo – La producción de materiales didáticos de español lengua extranjera en Brasil. Dentre os resultados, destaca-se: a presença de textos literários, embora escassos, e atividades desenvolvidas a partir desses que respondem, em sua maioria, a uma demanda de mercado que solicita cada vez mais o aprendizado da fala, em detrimento da formação literária, e a formação para o vestibular.

ENSINO DE ESPANHOL COMO LE: USANDO TEXTOS AUTÊNTICOS
Thaís Cordeiro Souza de Morais (UFRN)
Yane de andrade Ramalho(UFRN)
Izabel Souza do Nascimento (UFRN)

Este trabalho propõe o uso de textos autênticos como uma ferramenta viável para o ensino de língua espanhola em nível básico a partir de uma experiência bem sucedida em sala de aula. Tal experiência foi desenvolvida em um plano de aula diferenciado. Mostras reais de língua, isto é textos de veiculação normal nos países hispânicos usados sem adaptação, manipulação ou cortes do educador, como notícias, artigos de opinião, charges e horóscopos foram retirados de mídias online, na maioria das vezes postados no mesmo dia da aula. Assim, a partir do uso desse método em um plano de aula que segue uma linha cognitivista, possibilitamos aos alunos uma melhor competência linguística e proximidade com a cultura do país em foco. Quando ativamos o cognitivo, todo o aporte de vida do aluno, ele se sente mais confiante em relação à própria aprendizagem uma vez que já nos primeiros níveis consegue interagir na língua alvo em situações próximas a sua vida. Esta pesquisa e aplicação foram vivenciadas em duas turmas com alunos de idades variadas, todos estudantes do ensino superior da UFRN, matriculados no Instituto Ágora. Como sabemos, na maior parte dos planos tradicionais não há um objetivo pragmático, o foco é, na maioria das vezes, gramatical e não mobilizam competências comunicativas que são requisitadas em contexto real de língua. Por isso, entendemos que o uso de um plano mais sócio interacionista e que ative conhecimentos prévios, além do uso das mostras reais de língua dão qualidade ao ensino de uma língua estrangeira.

ESTUDOS INTERCULTURAIS EM CADERNOS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA.
Lucia Maria de Assunção Barbosa
Olena Kovalek (UFSCar)
Orientadora: Profa. Dra. Lucia de Assunção Barbosa (UFSCar)

A importância de inclusão dos aspectos interculturais no ensino e aprendizagem de Língua Inglesa tem recebido maior atenção por parte dos estudiosos da área de Linguística Aplicada. Isso se justifica na medida em que o ensino e aprendizagem de línguas não deve ser desvinculado dos aspectos culturais. Assim, com este trabalho, pretendemos contribuir

para a discussão nesta área por meio da análise dos cadernos de Língua Inglesa do professor e do aluno, distribuídos a rede pública de ensino do Estado de São Paulo. Optamos pelo estudo dos cadernos da primeira série do Ensino Médio por acreditarmos que eles apresentam quantidade ampla de textos e, portanto, os conteúdos culturais poderão aparecer com maior frequência. No caderno dos professores nos focaremos nas orientações e procedimentos oferecidos a eles, a respeito dos conteúdos culturais e no caderno dos alunos nas atividades que envolvem a interculturalidade. Como embasamento teórico, nos focamos em alguns autores, tais como Hurst (2006), Byram, Gribkova e Starkey (2002), Almeida Filho (2002), Flores (1999), Barbosa (2007) e Mendes (2004).

SESSÃO 8

DO SURGIMENTO DA ESCRITA AO ENEM: O ENSINO DE PRODUÇÃO DE TEXTO NO ENSINO MÉDIO.

Keli Cristina Messias Rey (UFAL)

Uma das grandes preocupações daqueles que fazem a Educação no Brasil relaciona-se ao trabalho didático de escrita, interferência didática e reescrita de textos em sala de aula, diante das dificuldades da maioria dos alunos para produzirem textos proficientes. Diante dessa situação, construímos um projeto de pesquisa para o mestrado em Educação Brasileira, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, com o objetivo de analisar as condições metodológicas de produção de textos escritos, tendo como corpus manuscritos de alunos de turmas do ensino médio noturno de uma escola da rede pública de Maceió-AL e questionários aplicados a professores de língua portuguesa que. Neste trabalho analisaremos o trabalho com produção de texto realizados pelos professores frente asexigências do novo Enem, tendo em vista que a prova de redação equivale a 50% da nota do exame. Procuraremos demonstrar quais são os objetos de ensino e as práticas que estão sendo adotadas pelos professores na construção ou desconstrução dessa parte , a produção de texto, tão importante do ensino da língua materna. Para análise e reflexão adotaremos como base teórica BUNZEN (2007) , que enfatiza a necessidade de o professor conhecer a historicidade dos objetos de ensino de produção de texto para que se consiga perceber como é recente a história do ensino sistemático do escrever no contexto educacional brasileiro. ANTUNES (2007), GERALDI (2001) , dizem ser a escrita uma atividade processual, um conjunto de operações realizadas que vai mobilizando nosso repertório de conhecimentos, por esse motivo não pode ser improvisada; uma atividade com a linguagem na qual muitas vezes não há um sujeito, mas sim um aluno que devolve o discurso da escola. O professor torna-se neste contexto peça fundamental para o aluno, pois é através dele que a produção de texto terá sentido. Para se desenvolver um ensino-aprendizagem significativo de produção textual, necessário se faz um trabalho didático sistemático em que se considerem os recursos linguísticos disponíveis e um processo de imersão dos alunos do processo de produção textual. Além dos autores já citados, essa discussão ancora-se em vários autores tais como: BAKHTIN (1997), MARCUSCHI (2008) , SCHNEUWLY (1988), entre outros.

DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE INGLÊS REFLEXIVO: O CURRÍCULO, O PROFESSOR-FORMADOR E O ALUNO--APRENDIZ

Rodrigo Nascimento de Queiroz (UFRN)
Orientador Prof. Dr. Orlando Vian Junior (UFRN)

A comunicação tem como foco principal apresentar o recorte inicial da pesquisa de mestrado em andamento acerca das representações dos professores e alunos de um curso de Letras em uma instituição federal de ensino superior no interior do Acre. O contexto na formação de professores de inglês apresenta-se como desafio, pois engloba características que definem o status do currículo, do professor-formador e do aluno-aprendiz no curso de licenciatura em línguas estrangeiras. Para discutir a construção do profissional reflexivo no ensino de línguas compartilho das experiências relatadas por Celani (2003, 2004, 2010); Gimenez (2009); Telles (2009); Liberalli (2010); Magalhães (2010); Alvarez (2010) e Vian Jr. (2010). Questionamentos sobre a inclusão de instrumentos que procurem desenvolver relações concretas e socializadas em torno do currículo a partir da visão teórico-crítica de Silva (1994, 1999) servirão de base para compreender a (re) significação que o professor--formador e o aluno-aprendiz constroem sobre seu contexto de ensino e aprendizagem. A metodologia a ser adotada para essa pesquisa é de ordem quantitativa e qualitativa fundamentada em Oliveira (2008) e Nunan (1992), no qual envolverá a coleta de narrativas orais dos professores e alunos do curso de Letras/Inglês em uma instituição superior de ensino em Cruzeiro do Sul/AC. A análise partirá da teoria das representações dos atores sociais postulada por van Leeuwen (1996) e da Linguística Sistêmico-Funcional difundida por Halliday (1999) e seus colaboradores Halliday e Matthiessen (2004); Eggins (2004) e Hasan (2009). Os resultados previstos procuram direcionar a discussão densa e comprometida com ações reflexivas a fim desenvolver propostas de transformação na formação inicial e continuada de professores de inglês.

ENSINANDO MARCADORES PRAGMÁTICOS DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Aurélia Leal Lima Lyrio (UFES)

A natureza interacional da linguagem requer o uso de marcadores pragmáticos (também denominados marcadores conversacionais), os quais, entre uma variedade de funções, têm um papel decisivo na polidez linguística (BROWN & LEVINSON, 1978). Essa faz parte das normas da sociedade, e como tal, é crucial para a que a comunicação seja bem sucedida. As pesquisas têm demonstrado que o uso inadequado desses elementos, bem como, a sua ausência na comunicação, pode inevitavelmente ser interpretada como rispidez e/ou ofensa. (KASPER, 1981, NIKULA, 1996; PIIRAINEM-MARSH, 1995; BRINTON, 1996). Brinton (1996), enfatiza que, embora essas expressões sejam opcionais ou mesmo supérfluas a nível

gramatical e semântico, a sua ausência no nível pragmático pode causar uma série de problemas. Portanto, a aquisição e aprendizagem de marcadores pragmáticos são de fundamental importância a fim de que os aprendizes possam funcionar eficazmente na língua e na cultura alvo. Esse trabalho, que se baseia na pesquisa de doutorado do autor, explora a complexidade do assunto devido a multifuncionalidade dos marcadores (ERMAN, B., 1987; ÖSTMAN, J.-O., 1981; SCHIFFRIN, D.,1987; SCHOURUP, L. C., 1985; HOLMES, J. 1986;), as dificuldades do ensino da pragmática (KASPER, 1997; COHEN, 2007), bem como, analisa a eficácia da instrução na aprendizagem e no uso de marcadores pragmáticos oferecendo variados procedimentos metodológicos de operacionalização.

RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO E AS REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES DE INGLÊS INSTRUMENTAL NO NÍVEL SUPERIOR
Maria Kassimati Milanez

A presente pesquisa tem como objetivo fazer um levantamento das representações dos professores de Inglês Instrumental em instituições de nível superior sobre essa disciplina e traçar uma relação entre essas representações e a formação desses docentes no que diz respeito ao ESP (English for SpecificPurposes – Inglês para Fins Específicos ou Inglês Instrumental). A coleta dos dados para a pesquisa foi realizada através de um questionário com perguntas abertas e fechadas, onde, além de responder perguntas a respeito de sua formação e experiência em ministrar Inglês Instrumental no nível superior, os docentes relataram, em forma de narrativa, suas experiências, impressões e definições a respeito dessa disciplina. O corpus conta, até o momento, com respostas de 16 professores de instituições públicas e privadas de nível superior no Rio Grande do Norte, em sua maioria, e também com alguns poucos de outras regiões do país. A análise de dados será realizada usando-se as categorias do Funcionalismo Sistêmico (HALLIDAY, 1985; EGGINS, S. 1994), mais especificamente a Metafunção Ideacional. Usaremos também a ferramenta Wordsmith para selecionar e organizar os dados a serem analisados. A análise parcial dos dados coletados até o momento mostrou que a maioria dos docentes tem uma concepção diferente do conceito de Inglês Instrumental segundo os teóricos da área (DUDLEY-EVANS, T. e ST JOHN, M-J., 1998; JORDAN, R. R., 1997) e que, principalmente, o levantamento das necessidades dos alunos com relação à língua inglesa (HUTCHINSON e WATERS, 1987) antes de iniciar a disciplina e elaborar/escolher o material a ser usado não é uma prática desses docentes. Além disso, a maioria relatou não ter tido formação específica em ESP na graduação. A partir desses resultados encontrados até o momento, pretendemos sugerir um curso de Extensão para graduandos e docentes da área de Língua Inglesa para que possam atender às necessidades do público-alvo da disciplina de Inglês Instrumental nas instituições de nível superior.

O APREDIZADO DA PRONÚNCIA DO TH ATRAVÉS DA MÚSICA POR ADOLESCENTES ESTUDANTES DE LINGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO
Maria Ivanilda Simões de Lima Camargo (UFRN)

Essa pesquisa tem como objetivo relatar estudo de casos sobre recurso da música para o ensino de pronuncia do Th e suas diferenças para professores de Língua Inglesa do Ensino Médio. Constatou-se através dos dados da pesquisa que os adolescentes da faixa etária entre 14 e 16 anos estudantes do Ensino Médio demonstram interesse pelo desenvolvimento da pronúncia do Th e suas reproduções através da música. A música traz prazer e promove a aquisição de uma segunda língua consolidando um aprendizado prazeroso e eficaz ativando os dois hemisférios do cérebro, promovendo satisfação e consciência no aprendizado. Jovens vivem inseridos em mundo cercado por músicas em língua inglesa oriundas de vários países falantes dessa língua. Uma vez que a pronúncia do Th é encontrado amplamente em letras de músicas, nas quais estão expostos através da mídia de massa. Essa exposição direta e inconsciente pode se transformar em um aprendizado consciente e efetivo trabalhando música em sala de aula. Estudantes gostam de fazer atividades com música em seu tempo livre, porque não fazer uso da música de forma continua e eficiente em sala de aula de Língua Inglesa? O Estudo contextualizado cumpre o objetivo das Línguas Estrangeiras Modernas para o Ensino Médio, proporcionando a todos os alunos a inclusão social por meio da língua aprendida em experiência comunicativa. O desenvolvimento da pesquisa se deu através de aplicação de questionário para professores, observação de aula, questionário para os alunos e uso de gravador. Pretende-se colaborar para o melhor desempenho do ensino-aprendizagem da pronuncia do Th e suas variações no idioma inglês de forma consciente através do recurso da música em sala de aula para adolescentes do Ensino Médio.

SESSÃO 9
AS REPRESENTAÇÕES VISUAIS NO MATERIAL DIDÁTICO DE INGLÊS: UMA APLICAÇÃO DA GDV
Raquel Ferreira Ribeiro

O advento da tecnologia e a rapidez da informação cada vez mais acessível resultaram numa mudança na comunicação. Antes, havia o predomínio da modalidade verbal, agora os textos em geral tem apresentado mais de um código semiótico. Por esta razão, estudiosos discutem a relevância das pesquisas em multimodalidades na linguagem do mundo atual. Com isso, torna-se latente a necessidade de instruir os aprendizes em noções de perspectivas multimodais também no ensino de línguas, que por sua vez, é uma das áreas mais influenciadas pelas novas tecnologias. O presente trabalho tem como objetivo discutir questões de multimodalidades defendidas por Kress e van Leeuwen (1996) dentro do material didático de inglês voltado para o Ensino Médio. Os livros didáticos, principalmente os de língua estrangeira expõem muitas imagens, cores e fotos de situações cotidianas juntamente com o texto verbal. À luz da teoria da Gramática do

Design Visual (GDV), pretende-se analisar textos multimodais do livro didático de nível médio adotado atualmente no mercado. O material utilizado neste estudo é a última edição de Globetrekker Expedition, volume um, de Marcelo Baccarin Costa, editora Macmillan, publicado em 2010. A pesquisa em desenvolvimento tem caráter exploratório. O foco é dado à análise descritiva dos textos multimodais presentes na publicação já citada, de maneira que se possa demonstrar as estruturas de Representação Narrativas e Conceituais dentro da Metafunção Representacional da teoria de Kress e van Leeuwen e discutir que relações existem entre os elementos representados visualmente no material e as atividades que este propõe para o aprendizado do aluno. Além disso, pretende-se tratar da relação/integração dos modos visuais e verbais presentes nos textos da publicação.

NOVAS TECNOLOGIAS DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA
Lucineia Contiero (PEPED/UFRN)

O ensino de língua estrangeira pode ser analisado metodologicamente, geopoliticamente e interculturalmente, foco também visto como um desdobramento da questão política que avança para a habilidade de se conviver com a diversidade. Neste terceiro enfoque está o cerne desta abordagem, que enfatiza a necessidade de uma política intercultural no ensino da língua inglesa. A aquisição de uma LE avança para o conhecimento do povo dessa língua: a interação verbal, ou discurso interacional, compõe a dinâmica do processo de comunicação, que se constitui na tentativa de organizar a fala de maneira a compreender e de se fazer compreender. A ênfase na natureza discursivo-interacional tem sido objeto de investigação de pesquisadores de várias áreas que estudam a linguagem relacionada às práticas sociais humanas e fortalecem a idéia de uma abordagem de ensino sócio-interacionista da linguagem ao envolver diversas modalidades textuais, visuais e auditivas como materiais pedagógicos. Este artigo apresenta uma recensão de viés teórico cujo contributo é compreender a natureza sociocultural do processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa através da discussão do uso de novas tecnologias, de interesse teórico atual, como recurso didático.

VOCABULARY ACQUISITION: A STUDY WITH EFL LEARNERS
Adelaide Augusta Pereira de Oliveira

Learning vocabulary is an essential part of speaking a second language. Despite the increasing number of vocabulary studies and consequent understanding of the development of isolated aspects of vocabulary, there is still no overall theory of vocabulary acquisition and the mechanisms of vocabulary acquisition continue to be one of the most intriguing puzzles in second language acquisition. This cross-sectional study examined the ability of 45 EFL learners at pre-intermediate, intermediate and upper intermediate levels of proficiency to recognize and produce collocations, inflections and derivations of six words, two in the three major word classes (nouns, verbs and adjectives). The results show that learners at pre intermediate level confuse words like make and do, talk and speak, small and little, but the distinction seems to be clearer at upper intermediate level. In addition, verb + preposition collocations appear at all levels with talk but not make. Surprisingly, only students at pre intermediate level identified inflections for both verbs. Derivations for talk appeared only at upper intermediate level and even so only very few students demonstrated knowledge of those derivations. Despite the fact that nouns are acquired first, fewer verb + noun collocations with the two nouns, room and money, were provided and the greatest variety of verbs appeared at upper intermediate level. Inflections were not present at any level for the word room and only one example of a derivative form for money appeared at upper intermediate level. As far as adjectives are concerned, they seem to be the hardest to be acquired. In addition to being known by only fifty percent of the students at pre intermediate level, collocations of the adjective + noun type are only realized at upper intermediate level. Contrary to the other word classes, inflections were produced more frequently for adjectives. The more advanced the learner, the more aspects of a word are acquired. Pedagogical implications such as instruct learners in affixes, present new words focusing on their collocation, and introduce derivative forms at early levels will also be discussed.

CONSTRUINDO SENTIDOS SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM DE INGLÊS: EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS-PROFESSORES
Paula Graciano Pereira
Orientador Prof. Dr. Francisco José Quaresma de Figueiredo

Este comunicação constitui um recorte de uma pesquisa maior para minha tese de doutoramento. O presente trabalho apresenta os resultados parciais de um estudo desenvolvido junto a alunos de Letras da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína. A pesquisa buscou refletir sobre as experiências de alunos-professores ao longo de um semestre letivo, em relação aos sentidos que eles constroem sobre as razões e a importância do ensino e da aprendizagem de língua inglesa (LI). Pautado sob os pressupostos da Linguística Aplicada Crítica e da Pedagogia Crítica, este trabalho foi conduzido com fins não apenas investigativos, mas também com uma aspiração interventiva, pois seus objetivos maiores eram entender as percepções dos alunos-professores em relação à LI e promover uma consciência crítica que pudesse levá-los a empreender ações pedagógicas criticamente orientadas em suas salas de aula. Os resultados indicam que o processo de reflexão crítica foi iniciado. Todavia, não é possível afirmar se houve conscientização crítica de fato, nem se ações pedagógicas criticamente orientadas foram efetivamente empreendidas pelos alunos-professores em suas salas de aula. Contudo, fica evidente, com a análise e discussão dos dados, que ocorreu um despertar para questões relevantes acerca do papel social da LI e do professor de LI, bem como algumas mudanças em relação aos sentidos que os participantes conferem ao ensino e à aprendizagem de LI.

O USO DE BLOGS E MICROBLOGS NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA DE APRENDIZES DE INGLÊS
Elisa Mattos de Sá
Renata Barcellos da Rocha Borges

Este trabalho objetiva refletir sobre o uso de blogs e microblogs como ferramentas para o desenvolvimento da autonomia de aprendizes de inglês. Com base na perspectiva sociocultural de autonomia, amplamente ancorada nas reflexões de Vygostky (1978), entendemos a autonomia como autoregulação desenvolvida pela interação social com alguém de maior capacidade - o professor, por exemplo - ou exercida pela mediação através de livros e de tecnologia, em um determinado contexto (Oxford, 2003). Essa noção de autonomia mostra-se consoante com a atualidade do ensino de inglês, em que as tecnologias digitais tem ganhado cada vez mais espaço (Paiva, 2001) e tem reconfigurado as práticas de ensino de professores, que passam a assumir novas posturas, e o desenvolvimento da autonomia de seus alunos (Sá & Amaral, 2008). Considerando essas reflexões teóricas, apresentamos neste trabalho os resultados de uma intervenção pedagógica realizada durante um semestre letivo, quando acompanhamos o desenvolvimento da escrita de blogs e microblogs por alunos do SENAC-RN e do CENEX/FALE-UFMG, respectivamente. Nosso principal objetivo com essa intervenção foi descobrir de que forma a autonomia dos aprendizes de inglês poderia ser desenvolvida e/ou motivada usando-se esses gêneros digitais, que se mostraram como ferramentas extremamente úteis para o ensino-aprendizagem de língua inglesa. Nos blogs, notamos que além da escrita de si, os alunos também incluíram em seus textos elementos inesperados, até então não expostos durante as aulas, como a poesia e a reflexão crítica. Nos microblogs, observamos uma crescente interação entre os alunos, em especial aqueles que em sala de aula mostravam-se menos comunicativos com os colegas e com a professora. Foi também possível perceber atitudes colaborativas de construção de conhecimento: os alunos escreventes de microblogs voluntariamente pesquisaram e compartilharam links de um número de websites sobre o aprendizado de inglês, situação que provavelmente não teria se concretizado sem o auxílio dessa ferramenta.

SESSÃO 10
RELAÇÃO ENTRE AS CRENÇAS E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES TUTORES DE INGLÊS DA LICENCIATURA SEMIPRESENCIAL EM LETRAS: INGLÊS DA UFC/UAB.
Samia Alves Carvalho (Universidade Federal do Ceara)

A EaD tem-nos ajudado a romper com a tradição e planejar algo novo no cenário do ensino na Universidade Federal do Ceará. Contudo, ao mesmo tempo em que é instigante, o ensino a distância é desafiador dada, dentre outros fatores, à complexidade de conceituações e caracterizações dos papeis dos tutores e suas práticas pedagógicas. Quando a EaD utiliza a palavra tutor em lugar de professor, não significa apenas uma troca de palavras. Ao contrário, revela uma mudança conceitual, um deslocamento da atividade do professor, proporcionado pelas exigências de um novo paradigma. Nesse sentido, o termo tutor (do latim tutor) recupera um conceito de educação baseada no caminhar junto, no cuidado, na proteção à personalidade, na orientação e na busca da auto-suficiência e 'maioridade' do estudante. Estudos na área da Lingüística Aplicada têm sugerido que as crenças dos professores exercem uma forte influência em suas ações de sala de aula e podem até dar forma à natureza das interações que ocorrem durante o ensino (PAJARES, 1992; BARCELOS, 2004; KUDIESS, 2005). Pode-se supor que, no ensino a distância, a forte influência dessas crenças também norteie muitas das ações dos professores-tutores. Assim, quando esses tutores entram em salas de aula virtuais, fóruns, salas de bate papo, ou em qualquer outro ambiente virtual de aprendizagem parecem ser consideravelmente orientados por suas crenças, intuições e teorias sobre como se ensina e se aprende uma língua estrangeira. Se partirmos do pressuposto de que toda ação docente é guiada por um sistema de crenças, valores e princípios que devem ser examinados dentro do contexto de cada ação de ensino, qual seriam então as crenças que guiam as práticas pedagógicas da tutoria no curso de letras (inglês) na Universidade Federal do Ceará? Consideramos para este trabalhado os dados coletados de dois professores tutores que ensinam as habilidades de produção e compreensão oral no Curso de Letras semi-presencial. Os dados apontam para uma tendência à reprodução de práticas de uma sala de aula convencional.

ENSINO DE COMPREENSÃO ORAL: O LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA
Mirelly Karolinny de Melo Meireles (UFCG)
Orientadora Neide Cesar Cruz

A Compreensão Oral (CO) é provavelmente a habilidade menos explícita, dentre as outras quatro, compreensão escrita e produção oral e escrita, sendo desse modo, considerada como a habilidade mais difícil de se aprender, pois envolve processos cognitivos e psicológicos de níveis diferentes e complexos (LYNCH,2002; ROST, 2002; FIELD, 2003). Desse modo, a CO em língua inglesa representa um desafio a alunos e professores, uma vez que os alunos sentem-se de certo modo frustrados por não conseguir compreender a língua inglesa como gostariam, e professores, por considerar uma habilidade difícil de ser trabalhada (CONSOLO, 2000). Apesar de, no contexto formal de ensino, a CO ter ganhado mais espaço, ainda há um real descaso com os materiais que a abordam, uma vez que atividades contidas nos livros didáticos (LDs) de língua inglesa negligencia o ensino de tal habilidade (BROWN, 1986; SHEERIN, 1987 apud FIELD, 1998). Além disso, sua prática de ensino revela todo um caráter tradicional (FIELD, 2002), uma vez que os professores, ao abordarem atividades de CO contidas em tais LDs, têm como foco verificar apenas o número de respostas corretas (GOH, 2003), não levando em consideração como o aprendiz atingiu (ou não) a compreensão do texto oral (FIELD, 1998;

2003/ VANDERGRIFT, 2004), ou seja, há um foco no produto e não no processo. Desse modo, este trabalho apresenta dois objetivos: (1) Verificar se um LD de língua inglesa, ao abordar atividades de CO, focaliza o produto ou o processo; e (2) investigar se um professor de um curso de Letras, habilitação Língua Inglesa, de uma universidade pública, ao aplicar tais atividades segue o formato proposto pelo LD. A fim de coletarmos os dados, usamos como instrumento observações e áudio-gravação das aulas deste professor.

OS JOGOS TEATRAIS NO ENSINO DE PLE
Edja Camila Gome de Araújo (UFPB)
Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz

Baseados nos modelos piagetianos de desenvolvimento intelectual (aprendizagem cognitiva, afetiva e psicomotora), os Jogos Teatrais da americana Viola Spolin podem auxiliar na educação. No fichário elaborado pela dramaturga, existem jogos que privilegiam o uso da linguagem verbal, que forçam uma interação e que levam os jogadores a utilizarem a pragmática da língua em uso. A partir disso, teve-se a ideia de usar tais jogos para o ensino de PLE (português como língua estrangeira). O aluno de PLE utiliza todo seu conhecimento adquirido nas aulas de português (leitura, gramática, produção de texto e conversação) em situações-problema simuladas, em que há um contexto de uso da língua (que Viola define como Onde, Quem e O quê –Cenário, Personagem e Situação de Cena) e o desafio de compreenderem a língua na forma prática do cotidiano. Apesar de serem jogos teatrais, eles são voltados também para indivíduos que não trabalham na aérea de artes cênicas. O objetivo dos jogos não é de formação de atores, e sim de resolução de problemas, tudo sendo feito através de uma forma lúdica. Este trabalho pretende relatar a aplicação desses jogos em uma turma do curso de Português para Estrangeiros ministrado pelo PLEI (Programa Linguistico Cultural para Estudantes Internacionais), cujos alunos eram dos seguintes países: Estados Unidos, República Democrática do Congo, República do Benim, Camarões, Haiti, Itália e Noruega. Exporemos a metodologia utilizada no curso e os resultados obtidos (produtivos ou não) nas aulas ministradas. Além disso, relataremos sobre o processo de avaliação do desempenho dos alunos no uso da Língua Portuguesa.

LA APLICACIÓN DIDÁCTICA DEL TEXTO LITERARIO EN LAS CLASES DE ESPAÑOL COMO LENGUA EXTRANJERA EN LAS ESCUELAS DE ENSEÑANZA MEDIA DE LA CIUDAD DE NATAL
Lusia Mary Rolemberg Menacho
Orientador: Prof. Dr. Adelmo Almeida Silva

Com la exigencia de implementación de la enseñanza del Español como lengua extranjera, impuesta por la Ley 11.161 y el direccionamiento dado por los "Parâmetros Curriculares Nacionais"a la enseñanza de esta lengua, pesquisar la utilización de textos literários em la realidad de las escuelas de enseñanza media, abre una carretera para la reflexión sobre la práctica pedagógica de profesionales y futuros profesores de E/LE, atribuyendo una función pragmática a la literatura, dentro del proceso de enseñanza-aprendizaje. La integración entre lengua y literatura em la enseñanza eel español como lengua extranjera debe ser tema de una discusión que llevela literatura a asumir la relevancia de su papel como recurso auténtico de la lengua objetivo y de recepción y expresión de componentes culturales. La investigación considera las hipótesis de que en el universo investigado, las escuelas de enseñanza media de la ciudad de Natal – Brasil, la enseñanza de español desconsidera el carácter comunicativo de los textos literários en sus características estética, lúdica y principalmente humanizadora. También que la escasez del uso de los textos literários em la enseñanza de español como lengua extranjera es consecuencia de las limitaciones em la competencia lectora de profesores y alumnos. La pesquisa es un estudio de caso cuanti-cualitativo, de nivel analítico –descriptivo, o sea, una investigación llevada a evaluar políticas o prácticas que puedan contribuir para la construcción de un modelo de tratamiento didáctico del texto literario que lleveen consideración el desarrollo de estrategias que despierten el placer estético de la lectura.

ÁREA TEMÁTICA 15: LEITURA, ESCRITA E ENSINO

SESSÃO 1
O USO DA REFLEXÃO NO PROCESSO DE ESCRITA
Solanielly da Cruz Aguiar (UFCG)

Nos múltiplos contextos de ensino, a escrita assume diversas facetas com o intuito de firmar-se como uma habilidade crucial no processo de ensino-aprendizagem. Logo, podemos aferir que é possível interligarmos a reflexão ao processo da escrita, e que o paradigma reflexivo pode ser utilizado em diversas situações e não apenas em reflexões orais entre interlocutores como é evidenciado na teoria base. Assim sendo, é de crucial importância interligarmos os estudos reflexivos para auxiliar no processo de escrita, visto que, ao escrever, o escritor está inserido em um processo constante de reflexão em que ele tem a oportunidade de refletir sobre as suas decisões, de voltar-se na ação e verificar os mecanismos que foram utilizados e analisar o porquê de suas escolhas e construir uma nova ação em cima da reflexão formada. Sendo assim, objetivamos neste trabalho analisar 1) como ocorreu o processo de reflexão no momento da escrita do relato de aula e 2) como essa reflexão foi apresentada através da escrita. Abordamos aspectos teóricos relacionados à escrita (VAN DIJK, 1996 apud SAUTCHUK, 2003; GARCEZ, 1998; SAUTCHUK, 2003; BAZERMAN, 2006; MARQUES, 2006; KATO, 2009) e sobre o paradigma reflexivo (KUHN, 2009; SCHON, 2000). Como estofo metodológico interpretamos os dados através do método qualitativo com o intuito de

descrevermos e interpretarmos os dados coletados (BORTONI-RICARDO, 2008). O contexto da pesquisa foi um curso de Inglês ministrado na disciplina de Prática de Ensino de Língua Inglesa I, do curso de letras, de uma Universidade pública da cidade de Campina Grande-PB, e os sujeitos participantes são três graduandos concluintes. O instrumento de coleta de dados foi um relato de aula proveniente de um relatório sobre o curso ministrado. Os resultados evidenciaram que podemos interligar os estudos sobre a reflexão ao ato da escrita, e que o processo reflexivo pode ser utilizado em diversas situações e não apenas em reflexões orais entre interlocutores como é evidenciado na teoria base.

ESCRITA-DIVERSÃO: CONTRIBUIÇÕES DE SOFTWARES PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE ESCRITA EM LÍNGUA MATERNA
Fernanda Rodrigues Ribeiro
Orientadora: Profa. Dra. Nukácia Meyre Silva Araújo

O ensino por meio das novas tecnologias pode provocar uma mudança revolucionária nos processos de ensino-aprendizagem, visto que elas se utilizam de conteúdos multimídia que têm o dinamismo e a interação como palavras-chave. Com o avanço dessas tecnologias, os Objetos Educacionais - definidos como suportes tecnológicos de ensino - surgiram para complementar o trabalho do professor em sala de aula e para facilitar o aprendizado dos estudantes. Esses objetos são compostos por recursos visuais dinâmicos, recursos sonoros, experimentos práticos, hipertextos, imagens, mapas e softwares pedagógicos e estão disponíveis em repositórios de ferramentas digitais. Os jogos educativos voltados para o ensino de Língua Portuguesa podem ser uma interface valiosa para auxiliar as crianças no desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, já que, através do lúdico, a curiosidade dessas crianças é estimulada e a aprendizagem torna-se mais divertida e dinâmica. Nesta pesquisa, foi selecionado um jogo (o software Vamos escrever!) do Banco Internacional de Objetos Educacionais (BIOE), a fim de verificar a influência desse objeto, no que se refere ao desenvolvimento de habilidades de escrita, em estudantes de 5º ano do ensino fundamental. A hipótese levantada é de que o uso de objetos de aprendizagem gera interesse (motiva o aluno a escrever) e facilita o aprendizado de habilidades de escrita em textos de tipos e gêneros variados.

O ENSINO DA PRODUÇÃO ESCRITA EM CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Elinaldo Soares Silva (UFC)
Orientadora: Professora Vládia Maria Cabral Borges

Diante de diversos estudos e pesquisas realizados na área do ensino da produção do texto escrito, entendemos que parte da dificuldade em concretizar práticas de ensino favoráveis ao alcance de objetivos eficazes, como os propostos nos PCNs, tem relação com a formação acadêmica inicial do docente e com a forma como se concebe a língua e seu ensino. Nesse sentido, acreditamos que, a fim de entendermos melhor a questão de como o aprendiz se apropria da escrita de textos em língua materna, torna-se necessário iniciarmos nossa investigação analisando como se dá a formação de professores de português em um Curso de Letras. Entendemos que nesse espaço estamos formando os futuros professores de língua portuguesa, que precisam estar adequadamente preparados para o exercício de sua profissão, o que nos encaminhou à necessidade de reflexão sobre o papel que as práticas de escrita exercem nessa fase inicial de formação. Afinal, se o ensino de português, como denuncia uma vasta literatura a respeito (ANTUNES, 2003, 2007; GERALDI, 1984, 1997), ainda produz resultados insatisfatórios, precisamos voltar nosso olhar para a formação daqueles que se tornarão professores de português, pois sentimos necessidade de contribuir para uma melhoria nesse quadro. Desse modo, esta pesquisa vislumbra a oportunidade de aprofundamento dos estudos sobre a relação da formação acadêmica e prática do professor no tocante ao ensino da produção escrita. Sendo assim, o presente trabalho se propõe a investigar se e de que maneira uma licenciatura em Letras/Língua Portuguesa capacita professores em formação a trabalharem a produção do texto escrito com seus futuros alunos de acordo com o que propõem os documentos norteadores do ensino de LM na Educação Básica. Além disso, esta pesquisa almeja contribuir para os estudos teóricos da Linguística Aplicada sobre o desenvolvimento da produção escrita de um modo geral e, mais especificamente, para os estudos voltados para o ensino da produção do texto escrito nos cursos de Licenciatura em Letras. Dessa forma, acreditamos que os resultados recorrentes desta pesquisa em questão servirão de base, para futuramente, apresentarmos a organização de procedimentos didáticos para contribuir com a melhoria do desempenho de professores e alunos no tratamento da produção escrita.

DANDO UM SHOW DE LEITURA NA SALA DE AULA
Gláucia do Carmo Xavier (IFMG)

Este trabalho tem como objetivo socializar uma experiência de sala de aula, com o foco central na leitura. Show de leitura é o nome dado a uma atividade de sala já feita com crianças do Fundamental I (1° ano), adolescentes do Fundamental II e Ensino Médio e adultos do Ensino Superior. O objetivo da atividade é que o aluno "dê um show de leitura" para os colegas de turma, mas para que isso aconteça alguns critérios devem ser seguidos. Inicialmente, o aluno precisa encontrar um texto de sua preferência que tenha como limite de tamanho uma página, treiná-lo e assim lê-lo para os colegas em uma data previamente marcada. No dia do Show de Leitura, o aluno é avaliado pelos colegas e professor em cinco tópicos: postura à frente da turma, tom de voz, tema (assunto), posição da folha do texto e o contato com o ouvinte através do olhar. Para obter uma boa avaliação dos colegas, o aluno precisa ler vários textos, só assim encontrará um bem interessante. Ele deve treiná-lo bastante, evitando falhas na leitura, deve estar atento à postura do corpo e ao olhar, fator que fideliza a relação entre o leitor e o ouvinte. O tom de voz deve ser coerente com o espaço físico, o número de ouvintes e o barulho do local, se houver. Por fim, deve ter atenção para que a folha não esconda o rosto ao ler. Ao final, os colegas indicam com o dedo polegar se a leitura foi boa (polegar para cima), média (polegar para a esquerda) ou se precisa melhorar (polegar para baixo);os colegas a

o professor também podem fazer comentários. Em seguida, o aluno-leitor anota as observações feitas para melhorar da próxima vez. A atividade pode ser feita várias vezes ao ano. A melhora na leitura dos alunos é visível e rápida, eles demonstram interesse e dedicação com a atividade. Com o passar do tempo, toda a turma já está lendo com fluência e ritmo. A atividade também incentiva a leitura de diversos gêneros textuais, já que é função do aluno a escolha do texto que lerá para os colegas. A maturidade em fazer e aceitar críticas também pode ser notada, pois os alunos comentam a leitura dos colegas e tem sua leitura comentada, assim convivem bem com as críticas. Por fim, a habilidade de falar em público é exercitada, levando em conta que a atividade é feita várias vezes ao ano. O relato dessa experiência que é significativa pode potencializar outras ações em outros ambientes, dessa forma a troca de experiências pode ser bastante enriquecedora.

PROPOSTAS DE ESCRITA DE LIVROS DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA E O CONCEITO DE GÊNERO DO DISCURSO
Janima Bernardes Ribeiro (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

O presente trabalho visa responder à seguinte pergunta de pesquisa: como os livros didáticos de língua portuguesa abordam o conceito do gênero do discurso nas propostas de produção escrita? Tem como objetivos: 1) descrever como os autores de livros didáticos utilizam os conceitos do gênero do discurso nas propostas de escrita; 2) verificar se os conceitos teóricos utilizados nos LD contribuem para que o aluno exceda os limites da escrita e consiga ser leitor e critico de seu próprio texto e 3) analisar quais foram às mudanças com relação ao ensino de escrita, a partir da inserção do conceito dos gêneros do discurso proposto por Bakhtin (2000). O corpus utilizado para esta pesquisa se constitui de livros didáticos de língua portuguesa editados a partir da década de 70. A relevância desta pesquisa consiste em analisar as propostas de produção textual do ensino fundamental antes e após a publicação do PCN (1996, visando comparar as propostas de escrita apresentadas pelos autores nos LDP. A pesquisa fundamenta-se nos conceitos de gênero do discurso de M. Bakhtin (2000), no qual propõe estudar os gêneros sem concebê-los como "modelos". Para cada esfera de produção, circulação e recepção de discursos, existem gêneros apropriados. Os resultados parciais apontam que os livros didáticos têm preocupação com a estrutura formal da língua, por apresentar "esquemas" para as propostas de escrita, desconsiderando a individualidade do aluno, que fica incapacitado a escrever. Com base nessas considerações preliminares, infere-se que a produção escrita, tal como vem sendo apresentada nos LDP a partir de "modelos", não contribui com mudanças significativas para formar escritores proficientes de textos. De acordo com o PCN (1996, p. 32) o aluno deve ser capaz de analisar criticamente os diversos discursos, inclusive o seu, produzir textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais. Para tanto é necessário que o aluno esteja motivado para escrever, as idéias surgem quando despertado o interesse pelo escrito.

SESSÃO 2
COMPREENSÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL DE MÃOS DADAS: A ABORDAGEM DO GÊNERO PROPAGANDA NO LIVRO DIDÁTICO
Márcia Maria da Silva Santos (UFS)
Nívea da Silva Barros (UFS)

Curiosamente, os PCNs tomam gêneros diversos para tratar a produção e a compreensão textual. Nota-se que há muito mais gêneros sugeridos para a compreensão do que para a produção. Segundo os PCNs, essa discrepância se dá porque leva-se em conta os usos sociais mais frequentes com relação aos gêneros selecionados, pois pode-se dizer que as pessoas lêem mais do que escrevem e escutam mais do que falam. No entanto, apesar de essa ser uma colocação considerável, é também questionável: o entendimento sobre como funcionam os gêneros passa também pela atividade de produção, uma vez que esta leva o aluno a uma atitude ativa e não simplesmente receptiva diante das possibilidades de uso efetivo da língua na vivência social. Diante dessa problemática, o objetivo deste trabalho é discutir sobre como esse entrave pode ser solucionado, tomando como apoio principalmente as orientações de Marcuschi (2008) e Dolz&Schneuwly (2004). De acordo com os autores citados, a produção textual situa-se em contextos da vida cotidiana e os textos são sempre destinados a um interlocutor-alvo e a um objetivo. Apoiamo-nos ainda na concepção de Bakhtin (1997), segundo a qual os gêneros devem ser encarados como formas históricas relativamente estáveis que viabilizam a comunicação e as atividades sociais, realizadas com o exercício linguístico. A fim de atingir nosso propósito, analisaremos uma unidade de um livro didático do Ensino Fundamental indicado pelo PNLD 2011, para que possamos compreender a aplicação efetiva da sequência didática proposta por Dolz&Schneuwly, usando como exemplo o caso do gênero propaganda. Com a discussão e a análise apresentadas neste trabalho, oferecemos, portanto, uma proposta didática que conjuga as habilidades de compreender e produzir textos dentro da perspectiva sociointeracional dos gêneros textuais. Dessa forma, contribuímos para ampliar e difundir a ideia de compreensão e produção textual como dimensões complementares no ensino-aprendizagem de língua materna.

O AGIR PELOS TEXTOS NO AMBIENTE ACADÊMICO: A COMPOSICIONALIDADE DE RESUMOS
Clemilton Pinheiro Lopes (UFRN)
Jaqueline Andréa Medeiros Pereira (UFRN)

Neste trabalho, realizamos uma análise de textos pertencentes ao gênero textual resumo acadêmico, assentada nas noções de parâmetros de gêneros e mecanismos de realização textual. Focalizamos especificamente a "atualização", ou seja, o fenômeno da construção textual em que um gênero é convocado e que se relaciona com a identidade do gênero. Tomamos a organização tópica do texto como unidade de análise, para verificar como os estudantes, ao produzirem seus

resumos na atividade acadêmica, atualizam os parâmetros do gênero resumo, normatizados por essa atividade, relativamente à organização do tópico discursivo. São analisados vinte resumos, dez produzidos por alunos de Publicidade & Propaganda e dez, por alunos de Química, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ao estudar o resumo sob essa perspectiva, pretendemos ainda apontar algumas contribuições para o ensino da escrita no contexto acadêmico.

RECONTEXTUALIZANDO TEXTOS: (RE) LENDO E (RE) ESCREVENDO A PARTIR DE OUTROS TEXTOS
Rodrigo Santos Magalhães (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi FabianoCampos(UFRN)

Este trabalho tem como objetivo fazer um relato de experiência realizada em sala com alunos do 7º ao 9º ano. A partir da temática "recontextualizando textos: (re) lendo e (re) escrevendo a partir de outros textos", tomaremos como principal base teórica KOCH, et al. (2007) e MARCUSCHI et al. (2007). A situação-problema nasceu do desejo de observar a capacidade de os alunos lerem um texto que contivesse marcas tipológicas da narração, descrição e argumentação e, com isso, pudessem reescrever um texto criativamente utilizando questões mais ligadas à sua época, conservando a mesma estrutura do texto original. Na ocasião, utilizamos um texto áureo das Escrituras Sagradas em que na própria narrativa bíblica contém um gênero textual – sermão. Procurou-se usar o método reflexivo (reflexão, criatividade e aplicação) para atingir o objetivo proposto de compreensão do assunto. Sendo assim, este trabalho vai apontar para questões de tipologia/tipos de texto (narrativo, descritivo e argumentativo), gênero textual, domínio discursivo, leitura e interpretação, bem como a produção textual (reescrita), partindo de um texto original. Perpassa por aspectos linguísticos, gramaticais e a transposição de gêneros e domínios discursivos. Outrossim, observaremos que no decurso desta proposta, o corpus que será apresentado como produto final, exibirá textos bastante criativos e significativos, porquanto, despertou a capacidade dos alunos de contemporaniezar as problemáticas do seu tempo fazendo uma leitura de mundo mais abrangente e conectada com as dos dias de hoje. Consideramos esse assunto relevante para aplicação, não só, de um conteúdo acadêmico, mas como necessário para o engajamento sócio-histórico-cultural dos estudantes na atualidade.

A INTERVENÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA
Aline Fabiana Amorim Santos (UFS)
Evellin Heide Souza Aragão (UFS)
Laura Camila Braz de Almeida (UFS)

A presente comunicação pretende tratar do Processo de Aprendizagem de Português como Segunda Língua (PL2), desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe (UFS). O citado estudo tem como objetivo, primordialmente, contribuir para a análise da aprendizagem de português como segunda língua, por meio das atividades de pesquisa, ensino/aprendizagem e extensão. O aspecto a ser investigado em nosso estudo está relacionado com as atividades de leitura e de escrita a partir da tomada de decisões corretas para a realização das aulas de PL2, ressaltando a importância da intervenção do professor no processo de aprendizagem, através da reflexão e seleção de conteúdos a serem utilizados na produção escrita dos alunos e na avaliação de suas escolhas, com base em Chandrasegaran (2003). Esse trabalho está focalizado, sobretudo, na área temática Leitura, Escrita e Ensino. Inicialmente, pretendemos conhecer as diversas metodologias de ensino/aprendizagem de língua estrangeira (LEFFA, 1988). Em seguida, almejamos aplicar o que foi estudado para as aulas de PL2, levando o aluno a identificar as características distintivas dos gêneros textuais trabalhados e a identificar o objetivo do autor presente em sua produção, de modo que cada intervenção ensine um processo específico de tomada de decisões ou de habilidades lingüísticas (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004). Dessa maneira, os alunos irão, no decorrer das aulas, praticar conscientemente uma série de habilidades de composição mais eficazes do que seus métodos habituais de redação. Depois que as características do referido contexto já forem identificadas, bem como as necessidades formativas dos estudantes, iniciaremos, juntamente com esses alunos envolvidos no projeto, a etapa de aplicação das teorias estudadas. Finalmente, com o suporte dos conhecimentos adquiridos nos primeiros momentos do projeto de que tratamos, elaboraremos estratégias que possam contribuir para a aprendizagem dos alunos de PL2.

GÊNERO DE TEXTO COMO AÇÃO SOCIAL DA LINGUAGEM – FORMAÇÃO DE PROFESSOR/ALUNO/FAMÍLIA LEITORES – UM PROJETO DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EXERCÍCIO
Lenaldo da Silva

O trabalho em foco pretende apresentar uma proposta de prática docente baseada na concepção de gênero textual como uma ação da linguagem – que está sendo testada durante a realização em curso do Projeto Ler pra quê? Pra que ler? – formação continuada em exercício e que tem se mostrado bastante produtiva. Trata-se de um Projeto que objetiva incentivar a formação do professor e do aluno-leitor com a participação dos familiares responsáveis pelo educando, instrumentalizando-os para tornarem-se usuários da leitura e da escrita, nas áreas de conhecimento da abrangência do Projeto, pois entendemos ser esse o cominho possível para se garantir uma formação de qualidade. Este Projeto tem a promoção da Secretaria de Estado da Educação / SEED / SE, em parceria com o Projeto de Extensão "A Faculdade vai à Comunidade da Faculdade Atlântico, coordenado pela Diretoria Regional de Educação / DRE 8" e pela Divisão de Ensino Fundamental desde 2008, com a minha participação como professor orientador. Este Projeto conta como público-alvo com alunos dos 4ºs e 5ºs anos e seus respectivos professores do Ensino Fundamental I das unidades escolares situadas na região da grande Aracaju – cidades circunvizinhas. As abordagens e discussões apresentadas neste

trabalho baseiam-se nos estudos de Bakthin (2005) acerca da visão interacionista da linguagem; estão ancoradas nas teorias de Bronckart (1999), Schneuwly e Dolz (2004) que argumentam ser o trabalho com textos – o texto concebido como unidade comunicativa e de interação social – não somente uma ação da linguagem, mas também com atividades que proporcionam ao usuário de língua o desenvolvimento da oralidade; e nos estudos de Marcuschi (2003), Koch (2007) que trazem à reflexão uma proposta de ensino de língua baseada na perspectiva dos gêneros textuais, como contribuição para o trabalho de letramento escolar.

SESSÃO 3

LEITURA, ESCRITA E ENSINO: UMA EXPERIÊNCIA NO BCT DA ECT

Edna Maria Rangel de Sá (UFRN)
Marcela Aparecida Cucci Silvestre (UFRN)

Este trabalho objetiva socializar os desafios, fracassos e sucessos vivenciados no trabalho com a leitura e a escrita, em turmas grandes, de até 170 alunos, no Bacharelado em Ciências e Tecnologia (BCT), da ECT/UFRN. A leitura, assim como a escrita, é de fundamental importância, também, na vida acadêmica, independente da área de atuação ou curso em que o aluno esteja inserido. O maior desafio é fazer o acadêmico, recém chegado à universidade, entender essa importância e fazer a diferença entre ler, escrever e estudar a gramática normativa. O aluno nos chega com conceitos equivocados sobre leitura, escrita e estudos da gramática normativa. Alguns não entendem o porquê de estudar Práticas de Leitura e Escrita num curso da área tecnológica e acham até perda de tempo disciplinas que eles classificam como de "humanas". Esse é o nosso primeiro, e talvez maior, desafio: mostrar a importância da leitura e da escrita para alunos da área tecnológica, especificamente. Em nosso trabalho, com cerca de seis turmas, somente em Práticas de Leitura e Escrita I (PLE I), atuamos sempre em equipe composta de cinco professores que lecionam sempre em uníssono, seja na produção de todo material utilizado em sala de aula, nos slides, nas atividades, nas avaliações, que são unificadas, na definição de conteúdo ou procedimentos gerais na disciplina. Os resultados são ainda recentes e partem da experiência pessoal e diária em salas de aula numerosas, com alunos recém chegados à universidade. Novos desafios se nos apresentam a cada semestre, e novas formas de contorná-los vão sendo encontradas pela equipe. Trabalhamos, também, com uma equipe de monitores, alunos do próprio curso, do curso de Letras e outros cursos da UFRN, e com bolsistas REUNI, do curso de Letras da UFRN. Esses monitores e bolsistas trabalham junto com a equipe participando da produção de material, discutindo textos, chaves de respostas e correção orientada das atividades.

ATIVIDADES DE REESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO TEXTUAL

Aline da Silva Malaquias (UFPB)
Regina Celi Mendes Pereira (UFPB)

Este trabalho retrata os dois anos de participação como bolsista de Iniciação Científica (IC) no projeto de pesquisa "Práticas de letramento na escola: a escrita no livro didático", em que se investigou o nível das atividades de reescrita presentes em livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental II (doravante LDPEF). No primeiro ano, foi observado que os LDPEF passavam por uma transição de abordagens, ora superficiais e até desnaturalizantes do conceito reflexivo da reescritura, ora bastante abrangentes e produtivas. No segundo ano, movido por tais resultados, foi ampliado o escopo de investigação e se recorreu ao olhar do professor sobre essas atividades, pois se indagou se realmente o fato de uma orientação de reescrita (não) ser efetiva e produtiva, acarretaria sua efetivação e produtividade na prática em sala de aula. Para tanto, foi feito um recorte no qual o professor pesquisado analisou as atividades de reescrita de dois gêneros textuais presentes nas coleções avaliadas: o conto maravilhoso, com uma proposta de reescrita bastante amparada; e o editorial, sem orientações pertinentes à realização da atividade. Dentre as conclusões que se chegou, destaca-se o fato de que professores que demonstravam importância à etapa de reescrita, não a analisaram nas atividades expostas, escolhendo até mesmo a atividade menos abrangente, por focalizar apenas a orientação para a produção textual e não sua reescrita. Neste trabalho, amparado pelo Interacionismo Sócio-Discursivo, aporte teórico-metodológico da pesquisa citada, objetiva-se (re)investigar as implicações dessas escolhas dos professores pesquisados no desenvolvimento textual dos alunos, discriminando as capacidades de linguagem (BRONCKART, 1999) presentes nos enunciados daquelas duas orientações. Enfatiza-se, através dessa discussão, a necessidade de o professor observar critica e reflexivamente as atividades textuais (de produção e principalmente de reescrita) presentes nos livros didáticos, para que, manuseando a linguagem, propicie o desenvolvimento das capacidades necessárias ao aluno produtor de textos.

A ATUAÇÃO DO PIBID NO SERTÃO PERNAMBUCANO: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

Magda Wacemberg Pereira Lima (Secretaria de Educação de Pernambuco/ Escola Irmã Elizabeth)
Dorothy Bezerra Silva de Brito

A leitura e a escrita são habilidades que a criança, o jovem e o adulto deverão desenvolver durante a educação básica, cabendo à escola a responsabilidade de sistematizar esses saberes. Assim, ao inserir nas práticas didáticas o trabalho de leitura e produção de textos colocamos o aluno em contato com textos produzidos fora da escola, o que contribuirá para o desenvolvimento da sua competência comunicativa, levando-o a desenvolver e ampliar seu conhecimento linguístico-literário. Dessa forma, o projeto didático pedagógico "Competência e Contexto Discursivo através dos Gêneros Jorna-

lísticos", visa estimular a leitura e a escrita de gêneros do domínio jornalístico aproximando os alunos do EM da Escola Estadual Irmã Elizabeth às situações originais de produção, fazendo-os interagir sócio-discursivamente com a comunidade e fazendo da atividade de escrever o estatuto dialógico que contribuirá para o desenvolvimento da competência escrita dos alunos produtores de textos. Para a realização desse trabalho foram promovidas oficinas de leitura e interpretação, estudo dos gêneros textuais que compõem o jornal, oficinas de produção de texto e seminários. A contribuição do projeto na formação de novos leitores e redatores foi apresentada por meio do domínio não só da leitura e da escrita, mas também da competência para analisar e argumentar sobre fatos reais. Dessa maneira, o desenvolvimento de novas aprendizagens sobre a diversidade textual no mundo das comunicações e as diversas formas de linguagens, assegurou ao estudo não apenas uma aprendizagem qualitativa, mas ainda a construção do conhecimento na área da comunicação, na utilização das palavras e adequação da gramática contextualizada no ensino da língua materna.

REPRESENTAÇÕES COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DE COMPETÊNCIAS DE LEITURA
Adilson Ribeiro de Oliveira (IFMG – *Campus* Ouro Preto)

O letramento, entendido como conjunto de práticas sociais fortemente e estreitamente ligado aos usos que se faz da escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, assim como aos valores que a ela são atribuídos, deve ser concebido como processo, manifestado por meio da escrita, indispensável à própria sobrevivência no mundo moderno. Daí a importância de se investigarem os impactos que tais práticas incidem sobre o sujeito, sobre seus processos de socialização/inserção social e, consequentemente, sobre o papel que a escola ocupa nesse lugar, bem como sobre as representações sociais (tais como entendidas pela Teoria das Representações Sociais) que emergem nesses processos. Nesse quadro, a partir de uma perspectiva sócio-cognitivo-interacionista, proponho, neste estudo, algumas reflexões inscritas no escopo da Linguística Aplicada – levantando questões de interesse tanto para o ensino quanto para a pesquisa – relativamente ao papel que a emergência de representações sociais exerce sobre a produção de sentido na atividade de leitura. Em um estudo exploratório resultante de uma atividade de leitura com alunos de ensino médio, uma questão que sobressai nos dados – registros orais de leitura que indiciam percursos interpretativos – diz respeito às ações mobilizadas pelos leitores nos percursos referenciais, na busca pela construção do sentido, a partir de determinadas representações. Nessa busca, pelo que indiciam as escolhas referenciais evidenciadas nos dados, os leitores-informantes, ao lidarem com os objetos discursivos nos processos de referenciação, acionam estratégias (mobilizam ações) que têm a ver com determinadas representações emergentes no processo interacional e que lhes permitem propostas de sentido possíveis. Dentre elas, destacam-se algumas que podem ser denominadas como antecipação, inferência, verificação, generalização, abstração e relação.

A VIDA NO ENUNCIADO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO PRAGMÁTICO EXTRAVERBAL NAS ATIVIDADES DE LEITURA
Cristiane Malinoski PianaroAngelo (UNICENTRO)

De acordo com os trabalhos de Bakhtin e seu Círculo, o meio social circundante é o elemento que dá origem e motiva o discurso verbal. Nessa perspectiva, ao ler, o leitor precisa ter acesso às circunstâncias e relações pragmáticas intrínsecas ao enunciado, pois esse sempre "envolve diretamente um evento na vida, e funde-se com esse evento, formando uma unidade indissolúvel" (VOLOSHINOV/ BAKHTIN, 1926/ 1976, p.5). Por esses aspectos, torna-se imprescindível que o professor proporcione condições nas aulas de leitura para que os alunos ativem a situação pragmática intrínseca aos textos a serem lidos, visto que essa é parte constitutiva da estrutura da significação do enunciado. Ler na sala de aula, a partir dessas condições, consiste, então, em recuperar os conteúdos sociais que deram origem ao texto e que despertam no leitor uma posição responsiva ativa. Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo analisar e discutir as atividades de leitura desenvolvidas por professores em formação (alunas do curso de Letras, bolsistas do PIBID) em turmas de primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de Irati-PR. Tais atividades fundamentaram-se nos pressupostos teóricos bakhtinianos, a partir dos trabalhos Discurso na vida e o discurso na arte (VOLOSHINOV/ BAKHTIN, 1926/1976), Marxismo e Filosofia da linguagem (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1999) e Estética da criação verbal (BAKHTIN, 2003). Os resultados demonstram que recuperar as circunstâncias extraverbais na sala de aula permite que as aulas de língua materna se constituam de fato como uma prática social, crítica e reflexiva, visto que se permite ao leitor questionar os referenciais impostos pelos textos, dialogar com a realidade circundante, compreender e julgar fatos e situações, posicionar-se frente ao mundo.

SESSÃO 4
APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESCRITA E (INFLUÊNCIA DAS) TIC
Lucilene Lisboa de Liz (UDESC)

Este artigo apresenta o início da pesquisa que visa investigar se e de que forma o conhecimento linguístico que a criança traz do período de aquisição da linguagem é influenciado pelas TIC (tecnologias da comunicação e da informação) no processo de aprendizagem da língua escrita. Ademais, objetiva verificar se essa influência é considerada/percebida pelo professor alfabetizador na escrita dos seus alunos. Partiremos da teoria que vem amparando os nossos estudos até aqui, a saber, a teoria Gerativa, cuja concepção para a aquisição de linguagem é inatista. Embora imediatamente emirja a questão de que a teoria gerativa nada tem dizer sobre a aprendizagem da escrita, o ponto crucial de investigação, e aí a justificativa de partirmos dessa teoria, seja o porquê de a criança atingir tão facilmente a gramática oral e passar por tantas dificuldades para atingir a aprendizagem da escrita A teoria gerativa parte do pressuposto de que o ser humano é

dotado de um órgão mental biológico que o capacita a adquirir qualquer língua natural. Essa aquisição ocorre de forma natural, isto é, sem intervenção do adulto e de modo inconsciente. Assim, quando a criança chega à escola já é um falante eficiente de sua língua materna com domínio de sua estrutura e funcionamento. Já a inserção da criança no mundo da escrita, no sentido de Kato (2005), a saber, de torná-la um indivíduo funcionalmente letrado, é uma função da escola. Tal afirmação não deveria ser apenas um pressuposto de estudiosos como o da referida autora, mas um pressuposto real de toda a escola, de todo alfabetizador. Neste sentido, é que se colocam as questões de como esse conhecimento lingüístico inato vem sendo "aproveitado" durante o processo de aprendizagem da escrita que o torna tão árduo; e de outro lado, investigar se há alguma influência das TIC nesse processo e de que modo isso ocorre.

PROJETO CIENTÍFICO NA ESCOLA: POR UMA ESCRITA SIGNIFICATIVA E SOCIALMENTE RELEVANTE E POR UMA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CURIOSOS, PARTICIPATIVOS E CRÍTICOS
Erika Assunção dos Santos (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Iúta Lerche Vieira (UECE)

Neste trabalho de pesquisa, refletiremos sobre o ensino da composição escrita na escola. Sabemos que redigir no meio educacional pode parecer ao aluno um exercício mecânico, artificial, enfadonho e sem sentido, o que gera complicações para o desenvolvimento de competências importantes em relação ao uso da língua na modalidade escrita. Isso leva pesquisadores e profissionais da educação a buscarem caminhos mais eficientes de se tratar a escrita em sala de aula, sob a compreensão ampla de que escrever é também uma ação social, situada, com audiência específica e propósitos comunicativos diversos. Atentos a essa problemática, veremos possíveis contribuições que os pontos de vista da escrita como processo e como atividade discursiva trazem para atos pedagógicos, voltados à redação de textos socialmente relevantes e significativos. A partir desses pressupostos, traremos para a discussão uma estratégia pedagógica diferenciada: projetos científicos já no contexto da educação básica. Chamamos, então, o leitor a questionar: Seria apropriado trazer o gênero projeto científico para a escola? Quais seriam as implicações de se adotar essa estratégia de trabalho com a escrita? Esclarecemos que essa estratégia está sendo realizada em uma escola estadual de Fortaleza, chamada EEFM João Paulo II, que se sentiu desafiada a formar alunos mais participativos e críticos e a oportunizar a aprendizagem partindo de questões mais próximas da comunidade escolar. Diante dos pontos que pudemos observar com esta vivência, ainda em andamento, convidamos o leitor a pensar sobre a importância do trabalho pedagógico com a escrita na formação de alunos, pesquisadores mirins, mais conscientes e autônomos.

ANÁLISE DE PROPOSTAS DE LEITURA DE LDP DAS DÉCADAS DE 2000 E 1970
Aline dos Santos Silva Chaves (UFRN/CELE)
Geová Bezerra Guimarães (UFRN/CELE)
Louise Gabriella Lima Lopes da Silva (UFRN/CELE)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano (UFRN)

O presente trabalho busca analisar dois Livros Didáticos de Língua Portuguesa (LDP) um da década de 1970 e outro de 2000, nosso foco é analisar as propostas de leitura antes e após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1996). Temos como objetivos verificar se as atividades de leitura do LDP da década de 2000 estão adequadas às propostas do PCN (1996), que se pautam numa concepção interacionista da linguagem e observar se as atividades de leitura do LDP de 2000 se diferenciam das propostas da década de 1970. Buscaremos definir as concepções de linguagem na visão estruturalista, cujo sentido está no texto; na visão cognitivista que leva em consideração o conhecimento prévio do leitor; na visão interacionista que tem o foco texto-leitor, numa vertente mais recente, autor-texto-leitor e na visão discursiva que se inserem os sujeitos produtores de sentido, o autor e o leitor, ambos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos. Tomamos como referencial teórico os estudos de Bakhtin (2003) e Geraldi (2006) em que abordam a questão da linguagem, sujeito e dialogismo; as concepções de linguagem de Coracini (1995) e a leitura como processo discursivo de Orlandi (2006) e Possenti (2009). Resultados preliminares apontam que são poucas as mudanças nas atividades de leitura analisadas, apesar dos avanços nas teorias linguísticas, os LDP ainda, parecem se basear em um contexto estruturalista para trabalhar com a leitura, focando apenas no texto, ou seja, visam a leitura como um procedimento arraigado quase que exclusivamente na decodificação.

ESTILO E SUBJETIVIDADE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL: A CONSTRUÇÃO DA "AUTONOMIA" DO SUJEITO PRODUTOR DE TEXTOS EM SEU PROCESSO DE CRIAÇÃO.
Wellington Barbosa Silva (IFAL/ UFAL)

Considerando o processo de produção textual como um momento particular de um processo mais geral de aquisição da linguagem, acredita-se que a criança ao entrar em contato com as diferentes formas de representação escrita da língua que fala, caminha rumo à reconstrução de sua história individual e da relação que esse sujeito estabelece com a linguagem, chegando, inclusive, a manipular conscientemente essa linguagem, de um modo diferente daquele como manipula a fala. Neste novo modo de produção de linguagem, pode-se dizer que a criança faz uso de uma forma particular da escrita, produzindo interpretações, textos próprios e inscrevendo-se em uma discursividade, marcada por um tipo de abstração que determina uma forma própria de racionalidade e de individualização em suas produções escritas. Com isso, busco analisar as formas particulares de produção de textos por crianças em contexto escolar, em especial os desenhos infantis, observando marcas de seu trabalho individual com a língua que possam ser tomadas como indícios

de um estilo em construção, traçando reflexões sobre o seu trabalho individual com a linguagem e buscando mostrar de que modo eles exploram o desenho na manifestação de seu querer discursivo e quais gêneros são mais propícios para o uso do desenho como forma de auxiliar a escrita. A metodologia utilizada neste trabalho é a da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico e apresenta-se ainda com uma abordagem multidisciplinar amparada nas possibilidades de se trabalhar dentro da pesquisa interpretativa, cujo foco é o processo de uso da linguagem em contextos sociais definidos e cuja finalidade não é nem a previsão nem o controle, mas a compreensão dos fenômenos sociais para que sua atuação seja mais reflexiva, rica e eficaz. O referencial teórico adotado articula conceitos da teoria discursivo-enunciativa bakhtiniana, da teoria semiótica de linguagem e da teoria de aprendizagem sócio-interacionistavygotskiana.

LEITURA E PRODUÇÃO ESCRITA NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA
Glaucia Rejane da Costa (EONS/AEVSF /FACAPE)

O presente trabalho tem como objeto de estudo as atividades de leitura e produção textual propostas pelo Gestar II, um programa de formação de professores de Português em serviço, proposto pelo Ministério da Educação. À luz da teoria da enunciação bakhtiniana, analisa-se uma atividade de leitura e produção escrita extraída da seção Avançando na Prática do caderno de teoria e prática (TP), intitulado Leitura e Processos da Escrita I. Esse TP, recurso didático utilizado para orientar as atividades de sala de aula, destina-se ao estudo da relação entre a cultura e os usos sociais e funções da escrita nos contextos em que se vive. Para isso, propõe-se a trabalhar a leitura e a escrita na perspectiva do letramento, enquanto um processo de ensino-aprendizado que busca as questões culturais e as situações sociocomunicativas variadas. Assim, sugere entender que os processos de leitura e escrita resultam da interação verbal. Para esse estudo, tomam-se a noção de dialogismo e os conceitos dela decorrentes como enunciado, responsividade, gêneros discursivos, refração e contrapalavra, entre outros. E apoiado em tais pressupostos, verificou-se no corpus analisado acentuado caráter prescritivo, ao determinar que, nas produções escritas, os alunos, supostos autores do texto, devem parabenizar as suas cidades, fechando, desse modo, outras diversas possibilidades de discursos sobre o lugar onde vivem. Em decorrência disso, inibe a verbalização da vontade discursiva dos locutores, o seu querer dizer, capaz de determinar o volume e fronteiras do enunciado. Enfim, a sua totalidade. Entendemos que o trabalho com os mesmos textos, se proposto, desprovido desse caráter prescritivo e monitorador, possibilitaria, inclusive, uma discussão política e com ela a produção de diversos discursos atravessados por outros tantos. Nesse contexto, entende-se que embora a proposta pedagógica do Gestar II se declare pretensamente dialógica, considerando-se observadora dos postulados bakhtinianos, não nos foi possível verificar no corpus em análise traços de dialogismo, a despeito do esforço aplicado à criação de situações interativas para a elaboração do texto, a partir de situações de leitura e discussão com a intervenção do professor. Assim, atribui-se um caráter coercitivo a uma atividade que poderia ser dialógica.

SESSÃO 5

É LENDO E CONTANDO HISTÓRIAS QUE SE FORMAM LEITORES: UMA AÇÃO EM PROL DA LEITURA NA CIDADE DE JOÃO CÂMARA-RN
Moama Lorena de Lacerda Marques (IFRN)

A leitura é objeto de preocupação não apenas de pesquisadores, mas também de outros setores da sociedade. Paralelos às pesquisas realizadas, são idealizados e postos em prática um grande número de programas de promoção da leitura, tanto no âmbito do governo quanto no da iniciativa privada. O presente trabalho tem como proposta apresentar, em termos de ações, metodologias e fundamentação teórica, o projeto de extensão «É lendo e contando histórias que se formam leitores», desenvolvido no IFRN, campus João Câmara, desde maio do corrente ano. Tendo como público alvo os alunos do sexto ano do ensino fundamental da «Escola Municipal Professor Cícero Varela», com quem o referido instituto apresenta uma sólida parceria, o projeto tem à frente quatro bolsistas e atende a sessenta crianças, sendo realizado todas as terças e quartas no próprio espaço do IFRN. As atividades desenvolvidas envolvem os mais diversos gêneros (contos, poemas, fábulas, cordeis, entre outros) e tem como objetivo auxiliar a formação e amadurecimento de seu público-leitor. Além da leitura, sua atuação ainda almeja trabalhar, sempre que possível, com outros objetos culturais, como cinema e teatro; também tenta sempre diversificar seu espaço de realização, sendo a biblioteca, o auditório e o refeitório alguns deles. Torna-se importante esclarecer que o referido projeto é apenas uma das muitas ações que temos articulado na área da leitura; fomentado também pelo IFRN, temos trabalhado em uma pesquisa que investiga os hábitos e práticas de leitura dos alunos do sexto e do nono anos da escola junto a qual desenvolvemos o projeto de extensão. Teoricamente, nossos trabalhos, tanto o de pesquisa quanto o de extensão, fundamentam-se em estudiosos que há tempos têm se dedicado à área da leitura, a exemplo de Roger Chartier, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, entre outros.

O JOGO DISCURSIVO DE VOZES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES NA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO ENSINO MÉDIO
Francisca das Chagas Nobre de Lima (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

O objetivo deste trabalho é discutir a importância da prática de leitura da linguagem dos quadrinhos na escola como processo discursivo, uma vez que essa linguagem se encontra no cotidiano do aluno dentro e fora do ambiente escolar, como também em algumas provas de concursos variados e em materiais didáticos, nos quais o leitor é suscitado a ler

os signos verbais e não-verbais neles presentes. Nesse sentido, é preciso pensar a relação do espaço e do tempo no processo de ensino-aprendizagem em uma sociedade caracterizada pela velocidade imprimida pela modernidade, procurando trabalhar com diferentes linguagens apresentadas nos materiais didáticos ou de outra natureza e com práticas discursivas significativas que subsidiem os profissionais que participam do processo de formação de leitores. A pesquisa está fundamentada nos pressupostos teóricos desenvolvidos por Bakhtin (2009, 2010a, b e c) sobre linguagem, Ramos (2009), Vergueiro e Ramos (2009) acerca de quadrinhos e ensino, Geraldi (2007) no que diz respeito às contrapalavras trazidas pelo leitor para a prática da leitura em diferentes situações comunicativas. A construção dos dados que subsidiam esse trabalho é qualitativa de orientação sócio-histórica embasada nos aportes teóricos desenvolvidos por Freitas (2003) e Rojo (2006). Ademais, a pesquisa foi realizada por meio da aplicação de um questionário, contendo oito questões abertas com os professores de Língua Portuguesa da Escola Estadual Berilo Wanderley, localizada na Cidade de Natal, a partir da qual foi possível compreendermos quais são as concepções teórico-metodológicas que norteiam as suas práticas educativas com essa linguagem e os desafios enfrentados por eles no processo de formação de leitores proficientes em um mundo constituído por múltiplas linguagens, que exige múltiplos letramentos. O trabalho se insere na área de Linguística Aplicada que concebe a linguagem como prática social em circulação nas diferentes esferas da atividade humana

OPINIÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS LIVROS ADOTADOS PARA O VESTIBULAR DA UFPB
Raquel Monteiro da Silva Freitas

Esta comunicação possui como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas junto ao projeto Práticas escolares de leitura e discursos sobre a leitura. Este projeto, coordenado pela Professora Doutora Maria Ester Vieira de Sousa (UFPB), procura investigar práticas de professores e de alunos de escolas públicas e privadas de João Pessoa, PB, observando, registrando, catalogando e analisando essas diferentes leituras que se inserem nas instituições escolares. O nosso plano nesse projeto – Os professores do Ensino Médio e sua relação com os livros de literatura adotados para o vestibular – possui como sujeito professores de língua portuguesa e/ou literatura do Ensino Médio, investigando de que modo esses professores se relacionam com as obras do vestibular, que tipo de atividade desenvolvem em sala de aula, a fim de que as leituras dos livros indicados sejam mais proveitosas e auxiliem na formação do aluno-leitor. O corpus foi coletado através de entrevistas gravadas em mp3 e, posteriormente, transcritas e analisadas. Constatamos que há uma quantidade significativa de alternativas apresentadas pelos professores para se trabalhar a leitura e para dar conta das dificuldades encontradas. De acordo com os professores, os alunos já vêm do ensino fundamental com a deficiência da leitura e no ensino médio têm dificuldade de ler as obras literárias. Os professores ainda consideram o aluno um não-leitor e afirmam que, por essa razão, não conseguem tanta eficácia nas atividades de leitura. As alternativas de trabalho apresentadas pelos professores, suas concepções, e discussões sobre as leituras indicadas para o vestibular serão nosso objetivo de investigação neste relatório, partindo da compreensão de que a leitura é um processo gradativo que carrega consigo degraus a serem alcançados.

AS CONCEPÇÕES DE ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO NA ALFABETIZAÇÃO
Silmara Cássia Barbosa Mélo

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca das concepções de escrita e suas implicações pedagógicas para a alfabetização, uma vez que aquisição tanto da escrita quanto da leitura tem sido alvo de várias discussões por parte de pesquisadores na área da Educação e da Linguística (SOARES, 2004; BRITTO, 2003; ROJO, 2009), destacando a necessidade de se formar leitores alfabetizados. Segundo Soares (2004), a formação de leitores alfabetizados pressupõe a aquisição das habilidades individuais de ler e escrever- alfabetização, como também a utilização de tais habilidades em contexto social- o letramento. Entretanto, nos questionamos sobre que concepções de escrita orientam o trabalho dos professores alfabetizadores e qual concepção resultaria em uma prática eficiente para o ensino da escrita sendo capaz de formar não codificadores, e sim produtores de textos. Assim, este estudo é justificado pela necessidade de esclarecimento acerca das implicações pedagógicas das concepções de escrita existentes para o ensino na alfabetização. Neste artigo, apresentaremos algumas concepções de escrita que orientaram e ainda orientam muitas práticas alfabetizadoras e de formação de leitores, seja de forma consciente ou não, como a escrita enquanto sistema de códigos, sistema de representação e como prática social. Além disso, destacamos as implicações de cada concepção para o ensino da escrita na alfabetização e os limites de cada uma. Por fim, faremos uma análise de uma produção infantil à luz da concepção de escrita baseada no sociointeracionismo vygotskyano. As conclusões preliminares deste estudo nos direcionam a aplicação da concepção sociointeracionista de escrita sem deixar de considerar ganhos significativos das concepções que lhe antecederam.

O PROCESSO DE COMPREENSÃO EVIDENCIADO NA PRODUÇÃO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO: UMA ABORDAGEM COGNITIVA
Viviane Oliveira de Jesus

No ambiente de sala de aula, o caminho que o discente percorre entre a leitura de um texto e a produção de outro como exercício nem sempre é bem compreendido pelo docente, que apresenta e avalia tal situação. A atividade de produção textual é, geralmente, o produto final que o aluno expõe ao professor na tentativa de demonstrar seu entendimento acerca do assunto e a capacidade que possui de exprimir suas ideias de maneira adequada. Por isso, cabe ao docente entender como se dá o processo de compreensão e, consequentemente, como este colabora com as práticas de produ-

ção textual. Com base nesta colocação, este trabalho aborda a relação entre os processos cognitivos, a compreensão e os sistemas linguísticos que são evidenciados nas produções textuais de caráter argumentativo. Tendo como foco os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva e a análise de textos do gênero artigo de opinião, produzidos por alunos dos cursos técnicos de nível médio integrado em informática e eletrotécnica, na disciplina Língua Portuguesa I, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN – campus Caicó. O presente trabalho procura mostrar a necessidade de levarmos em consideração as experiências e os domínios conceptuais de cada um no processo de compreensão e posterior elaboração de um texto. Além da vinculação existente entre o gênero – no caso, o artigo de opinião – e a compreensão, que não pode ser entendida somente como a interpretação de algo que se lê, mas também como um conceito que envolve relações intersubjetivas e experienciais do leitor/produtor.

SESSÃO 6

CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA COMUNIDADES INDÍGENAS: VIVÊNCIAS ENTRE OS PARKATÊJÊ:
Ricardo Bezerra Sampaio
Marilia de Nazaré Ferreira-Silva

O Brasil está situado em um contexto único de diversidade linguística e cultural. Estão alocadas em território nacional línguas de dois troncos linguísticos mais uma família isolada – Tupí, Macro-Jê e Karib, respectivamente – totalizando cerca de 150 línguas autóctones. Este número, recenseado por pesquisas recentes (MOORE et al., 2008), sequer se aproxima da realidade linguística encontrada pelos colonizadores, quando da sua chegada. De acordo com Rodrigues (apud SEKI, 2000, p. 238), cerca de 1000 línguas desapareceram durante os 500 anos de contato intensivo com o homem branco, seja por epidemias que dizimaram comunidades inteiras, pelo processo de imposição de outra língua/cultura, ou mesmo por ações criminosas cometidas a povos indígenas. Muitas dessas línguas vivem em situação de obsolescência, casos onde a geração jovem já não tem a língua de seu povo como materna, papel assumido pela língua portuguesa. Observa-se, então, que é de uma necessidade imperativa um trabalho orientado pelo propósito de manter esse patrimônio imaterial genuinamente brasileiro, e é nesse sentido que se instala a proposta desta comunicação. Uma das alternativas encontradas por estudiosos da área indigenista, diz respeito à elaboração de materiais didáticos que reflitam a realidade vivenciada pela comunidade – essa proposta tem como base atividades de leitura e escrita que se relacionam intrinsecamente com afazeres pertencentes ao cotidiano e à cultura, tais quais: caça, pesca, coleta, rituais, estórias tradicionais – tudo feito, é claro, na língua indígena da comunidade-alvo. Sendo assim, neste trabalho lançaremos um olhar sobre a concepção, elaboração e produção desses materiais, tendo como foco de análise a realidade vivenciada pelo povo indígena Parkatêjê, como instrumento de revitalização e manutenção de língua e cultura.

QUANDO A REESCRITA (NÃO) FUNCIONA: ESTUDO SOBRE O PAPEL DA DIDATIZAÇÃO DA REESCRITA NO CURSO DE LETRAS
Elisa Cristina Amorim Ferreira (UFCG)
Orientadora: Denise Lino de Araújo (UFCG)

A didatização da reescrita tem como objetivo tornar mais acessível aos alunos de ensino fundamental e médio a proficiência na produção textual. Ainda que, de modo geral, estudos apontem para o funcionamento da reescrita enquanto etapa de reflexão, revisão, avaliação e melhoramento do texto e por ser considerada uma atividade cujo exercício colabora para a formação proficiente e crítica do aluno/escritor, diversas pesquisas e experiências empíricas que tivemos com ensino médio indicam que nem sempre a reescrita funciona conforme esperado. A partir dessas constatações, esta pesquisa, tem como objeto de estudo atividades de reescrita em nível superior de ensino, num curso de graduação em Letras, no qual identificamos sujeitos que, supostamente, deveriam dominar a produção textual, mas que, nos primeiros períodos do curso, revelaram pouco domínio textual, necessitando, portanto, da didatização do processo de reescrita. Na área de Linguística Aplicada existem estudos sobre os gêneros tipicamente acadêmicos, no entanto, ensinar a escrever a um público já escolarizado é um fenômeno de letramento mais recente e ainda pouco estudado. Posto esse pano de fundo, objetivamos identificar e analisar os fatores que contribuem (ou não) para reescrita textual no nível de ensino superior, no curso focalizado, e com isso contribuir para os estudos sobre a reescrita. Os fundamentos teóricos utilizados recuperam os estudos sobre escritura de Kato (1993), Meurer (1997) e Sautchuk (2003), além de trabalhos acerca da reescrita propriamente dita elaborados por Jesus (1995), Ruiz (2001), Antunes (2003), Possenti (2005), entre outros. A metodologia de base interpretativista segue os procedimentos dos trabalhos documentais e exploratórios.

A INFLUÊNCIA DAS CRENÇAS DOS PROFESSORES NO ENSINO DE LEITURA DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA
Carla Aguiar Falcão
Francisco Leilson da Silva

O trabalho tem como objetivo abordar a influência das crenças dos docentes no que se refere às atividades de leitura para o ensino de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE). A pesquisa foi realizada no Núcleo de Línguas da Universidade Estadual do Ceará, com seis professores de língua espanhola, através da aplicação de questionário. Para conduzir a reflexão sobre a leitura e sua organização enquanto atividade nas aulas de língua estrangeira, usamos como arcabouço teórico os seguintes autores: Cassiano (2007), Rola (2006), Galvão (1995) Muñoz (2000), Mary Kato (1999), Garbuio (2006),Moraes (2006) e Solé (1998) . A partir dos resultados obtidos, ficou constatado que todos os professores investigados são influenciados pelas suas crenças, que podem ter sido adquiridas ou modificadas durante sua formação académica, estando sua

metodologia nitidamente guiada pela sua concepção do que seja leitura. Com estes dados, percebeu-se a necessidade de investimento na formação de professores, dotando-os de conhecimentos práticos e teóricos, bem como do estímulo à reflexão sobre posturas em sala de aula, pois, para o ensino de leitura, aqui destacadamente em LE, o professor deve fomentar a compreensão leitora com atividades que incluam oportunidades de reflexão e uso de estratégias, orientando e potencializando as habilidades interpretativas do leitor.

LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ENSINO DE GRAMÁTICA: UMA ANÁLISE DE DADOS COLHIDOS NO CONTEXTO DE SALA DE AULA
Gitanna Brito Bezerra
Hertha Maria Costa Tavares de Albuquerque
Luciene Barbosa de Souza

As pesquisas científicas que vêm sendo desenvolvidas em torno do ensino de língua portuguesa ressaltam a necessidade de uma prática pedagógica que integre, produtivamente, a leitura, a produção textual e a gramática. Tem-se proposto que estes três eixos (diante da percepção da ineficiência da utilização clássica de fichas de leitura, da escrita de redações descontextualizadas e do estudo lacunar de regras gramaticais abstratas) estejam conectados nas sequências didáticas elaboradas pelo professor. Dessa forma, aderindo ao pressuposto de que o estudo da estrutura e do funcionamento da língua deve estar inter-relacionado com as atividades de leitura e de escrita/reescrita textual, o presente trabalho expõe a elaboração e a aplicação de uma sequência didática direcionada para o ensino médio, a qual abordou, a partir dos gêneros textuais crônica, charge e carta aberta, a temática da Violência urbana. A estruturação e a implementação da sequência, bem como a posterior análise dos dados coletados em sala de aula, foram realizadas com base no direcionamento de autores cujas pesquisas apresentam saliência na área da Linguística Aplicada, dentre os quais estão Antunes (2003), Mendonça (2008), Marcuschi (2003), Pereira (2000), Travaglia (1996, 2003), Pereira (2010), Schneuwly e Dolz (2004), Cosson (2006). A prática relatada neste trabalho guiou-se pela concepção de linguagem como processo de interação(alicerce para um ensino produtivo), de maneira que a aplicação do trabalho pedagógico proposto na sequência didáticadesprendeu-se de uma concepção de leitura como decodificação, de escrita como dom e de gramática como nomenclatura, ressaltando, assim, o compromisso do ensino de língua portuguesa com o social, com a formação de sujeitos críticos.

EXPERIÊNCIAS EM LEITURA E ESCRITA: TRAJETÓRIAS PESSOAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE
Merise Maria Maciel

Os problemas apontados quanto aos processos de alfabetização no nosso país não são poucos ou pequenos. Não são baixos também os índices que corroboram essa assertiva e que se corporificam nos resultados dos exames nacionais e que trazem as regiões norte e nordeste como seus maiores exemplos. Esse panorama confronta-se drasticamente com o entendimento da leitura e a escrita como práticas sociais, que possam levar à compreensão do mundo em que vivemos de forma crítica e que possibilite viver em sociedade de forma cada vez mais participativa (SOARES, 2003). Por tais motivos, o espaço escolar e, sobretudo, os professores são convocados a contribuir, favoravelmente, com os processos de alfabetização e letramento de seus alunos. Para tanto, são necessárias novas posturas e procedimentos docentes, implicando aos professores o repensar sobre sua prática, a partir do olhar sobre como ele mesmo aprendeu e aprende e em como isso o faz conduzir o processo de ensino-aprendizagem (TARDIFF, 2002). Este trabalho de caráter autobiográfico, realizado no âmbito do Programa Observatório da Educação com professores da rede pública de ensino, objetivou, portanto, lançar novos olhares sobre as experiências vividas e o relato de como ocorreram os processos de aquisição da leitura e escrita antes e durante os anos de escolaridade buscando, no resgate de memória, o emergir de lembranças para a reconstrução de trajetórias numa narrativa crítica. Partiu-se do entendimento que refletir sobre a própria história permite a tomada de consciência sobre os processos cognitivos acessados, suas intencionalidades, os caminhos percorridos e de como os aspectos reconstituídos foram determinantes para a prática docente. Para isso, utilizou-se o gênero ensaio, que tem como uma de suas características a problematização e reproblematização de si mesmo (LARROSA, 2004). Este estudo possibilitou depreender que é imprescindível que cada professor possa repensar sobre si, revendo seus percursos, estabelecendo a compreensão acerca de seus fazeres, favorecendo sua autoformação, que implica, por sua vez, num investimento pessoal de melhoria de sua prática e construção de sua identidade profissional (NÓVOA, 1995).

SESSÃO 7
O CONCEITO DE TEXTO EM MODELOS DE PROCESSAMENTO TEXTUAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO
Laís Maria de Melo Álvares Felix Rosal (UFPE)

O presente trabalho resulta da disciplina "Produção de textos na escola". Considerando as discussões a respeito do ensino de produção de texto, objetivamos discutir quais os conceitos de texto implícitos nas abordagens de alguns autores de modelos de processamento textual, bem como quais as implicações da utilização dos respectivos conceitos, especificamente nos modelos propostos por Hayes e Flower; Bereiter e Scardamalia (1987); e Schneuwly (1988), e as possíveis conseqüências para o ensino de produção textual. Para isso, nos baseamos, entre outros autores, em Geraldi (2006), que trata das diferentes concepções de linguagem; Guimarães (1990) e Koch(1997), que abordam diferentes conceitos de texto; Bakhtin (2000) e Marcuschi (2005), que abordam a questão dos gêneros e tipos textuais. Foi possível observar que os três modelos analisados apresentam características bastante distintas e alguns aspectos relevantes

no que concerne à produção textual. No entanto, apenas o proposto por Schneuwly trouxe a influência da perspectiva enunciativa em todo o modelo, o que o levou a distintas conclusões a respeito das etapas que levam um indivíduo à produção textual e das diversas interferências que ele pode receber no momento da produção. Acreditamos que o conceito de texto, bem como o de linguagem, em que o autor se baseou o levou a observar mais minuciosamente o processo de produção textual e, consequentemente, a elaborar um modelo mais adequado às diversas situações em que se produz um texto. Por outro lado, os demais modelos, ao considerarem o texto como algo mais estanque e individual, deixam espaços para críticas diversas em relação às propostas. Da mesma forma, acreditamos que, para o ensino, esses diferentes modelos com os respectivos conceitos de texto podem influenciar no sentido de levar ou não o professor à consciência da necessidade de atividades diferenciadas no que concerne, por exemplo à formação de uma base de orientação geral sólida nos alunos, o que só é possível por meio de situações de produção concretas e produtos de uma real interação lingüística.

PROCESSOS DE COMPOSIÇÃO NA ESCRITA MULTIMODAL – NARRATIVAS DIGITAIS
Ana Karoline Saboia de Albuquerque
Profa. Dra.Iúta Lerche Vieira

Este trabalho apresenta o relato da "Oficina de criação de narrativas digitais" e, através dos dados coletados durante esta oficina, as primeiras análises obtidas acerca da composição de textos multimodais produzidas por alunos do 1º do Ensino Médio de uma escola de ensino profissional no município de Horizonte – CE. As narrativas digitais, entendidas como curtas narrações que agregam texto verbal, imagem, sons etc., foram produzidas em situação de ensino, durante uma oficina ministrada pela pesquisadora, utilizando a ferramenta de apresentação e criação de slides BrOfficeImpress. Objetivou-se compreender os processos dos redatores na construção das narrativas multimodais digitais, com base no modelo de Hayes (2000) para os processos de escrita em papel. A pesquisa, nas primeiras análises, possibilitou perceber o papel da imagem na escrita, o que afirma a necessidade de incluir o ensino da leitura e da escrita de imagens. Obteve-se os dados através da observação da pesquisadora, da captura da tela e das produções e do relato retrospectivo dos sujeitos. Deu-se início a análise dos dados e as observações iniciais apontam a imagem como protagonista de várias produções, tornando-se, inclusive, o ponto inicial para a geração e organização de ideias. Apesar de preliminares, observa-se a relevância no compartilhamento do que foi percebido entre professores e pesquisadores, acrescentando uma visão acerca do processo de composição das narrativas multimodais que serão também relevantes para a compreensão da escrita para web. Os dados, resultados e as análises integram o projeto de mestrado "Composição de narrativas digitais: um estudo sobre processos e componentes de redatores", desenvolvido no Programa de Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA – Uece).

O EDITORIAL SOB O OLHAR CRÍTICO DE ALUNOS DE 3° ANO DO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ENSINO BASEADA NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA
Érica Alessandra Fernandes Aniceto (IFMG-OP)

O presente trabalho objetiva apresentar uma proposta de ensino baseada na retextualização de gêneros jornalísticos escritos e analisar a aplicabilidade da sequência didática (SD), proposta por Schneuwly&Dolz (2004), em uma turma de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola técnica federal localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais, com o intuito de explorar a compreensão leitora crítica da referida turma, a partir da leitura de reportagens e artigos de opinião, culminando na produção de um editorial. A aplicação desta proposta, que teve como tema o alarde provocado por uma reportagem veiculada em um portal da internet, em maio de 2011, acerca de uma polêmica envolvendo um livro didático que seria distribuído a aproximadamente 485 mil estudantes, cuja publicação faz a defesa da variante popular, supostamente incorreta, do idioma, teve a duração de oito aulas, baseadas em contribuições teóricas de Schneuwly&Dolz (1999; 2004), Marcuschi (2007; 2008), Dell/Isola (2008), entre outros pesquisadores de gêneros textuais, sequências didáticas e retextualização. Assim como os autores que embasam nossa pesquisa, acreditamos que o professor de Língua Portuguesa deve focar o ensino da escrita voltado não apenas para a produção dos textos em si, mas sim considerando a circulação dos mesmos e o seu consumo social. No decorrer da aplicação da proposta, percebemos que a metodologia baseada na sequência didática e retextualização proporcionou uma reflexão, por parte do professor e do aluno, no que tange ao uso da linguagem em diferentes situações comunicativas, além de estimular o senso crítico da turma no que diz respeito aos aspectos gramaticais do texto. Os resultados do estudo ratificam a eficiência da aplicação das sequências didáticas, desde que orientadas pelo professor e com finalidades sócio-comunicativas bem definidas, proporcionando um processo de ensino-aprendizagem mais significativo, oferecendo aos alunos possibilidades de agirem em sociedade de maneira mais consciente e crítica.

DA ORIGEM DA LEITURA E DA ESCRITA AO ENEM: O ENSINO DA LECTOESCRITA NO CURSO MÉDIO
Keli Cristina Messias Rey
Sandra Araujo Lima

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o desenvolvimento das práticas escolares da leitura e da escrita no ensino médio, considerando o fato de boa parte dos alunos que se encontra nesse nível de ensino demonstrarem despreparo e, por conseguinte, desinteresse em relação a essas habilidades. No tocante à leitura, ressalta-se a necessidade de a escola, quando de fato comprometida com as melhorias sociais, desafiar o aluno a essa prática, visto ser imprescindível altera-

ções imediatas no quadro crítico, concernente ao desenvolvimento da leitura, que ora se desenha na maior parte das nossas escolas. Em vista disso, o presente artigo, além de trazer uma abordagem focada na leitura, desde a sua origem até os dias atuais, trata também a forma pela qual o ato de ler é explorado no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem); bem como ressalta os aspectos cognitivos da leitura. Com relação à produção de texto, nosso objetivo é desenvolver (provocar) uma reflexão sobre a história do ensino sistemático do escrever no ensino brasileiro. Essa reflexão tem a intenção de estabelecer relações entre os objetos de ensino e as concepções de língua(gem) e de ensino-aprendizagem ao longo do tempo. É pertinente que discutamos as condições de produção de texto e as alternativas para um ensino eficaz da escrita, levando-se em consideração a necessidade de ingressar no ensino superior através do ENEM. Corroboramos com ANTUNES (2003) quando esta coloca que a falta de um plano de trabalho significativo com a escrita tem produzido um enorme prejuízo à educação, pois a produção de texto na escola não pode ser eventual, um mero apêndice do conteúdo programático . Produzir um texto, portanto, é uma atividade bastante complexa e pressupõe um sujeito não apenas atento às exigências, às necessidades e aos propósitos exigidos por seu contexto sócio-histórico e cultural, mas também capaz de realizar diversas ações e projeções de natureza textual, discursiva e cognitiva. A nossa discussão ancora-se em vários autores envolvidos com teorias da leitura e escrita, dentre eles Cagliari (2003), Fischer (2006), Kleiman (2009), BAKHTIN (1997), MARCUSCHI (2008), entre outros.

SESSÃO 8

RELATO REFLEXIVO NA DISCIPLINA FUNDAMENTOS EM LINGUÍSTICA APLICADA: O DIÁRIO COMO SUPORTE DE REFLEXÃO "EU-PARA-MIM" E "OUTRO-PARA-MIM"

Jocilene Pereira Lima

Este trabalho é resultado da disciplina Fundamentos em Linguística Aplicada ministrada pela Professora Carla Reichman, em 2011.1, na Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB). No presente trabalho, irei focalizar um aspecto que marcou as aulas e o conhecimento adquirido: o diário dialogado. Não deixarei de lado as outras leituras, as discussões realizadas em sala de aula e a linha de vida, pois acredito que todos esses pontos irão permear o meu discurso acerca do tema escolhido. Essa escolha se justifica: primeiramente, pelo trabalho desenvolvido com a prática diarista durante toda a disciplina em Fundamentos em Linguística Aplicada. Segundo, porque o diário é "uma ferramenta para formação e reflexão" (TÁPIAS, 2005, p.166). Terceiro, porque assistindo ao filme Escritores da Liberdade ficou clara a didática da prática diarista para a formação dos alunos, como também a influencia na leitura e na escrita. Como corpus, tenho anotações de diários ao longo da disciplina de duas colegas. Desta forma, analiso alguns pontos associados à teoria, tais como: a escrita do "eu" e relação ao "outro", bem como aspectos que perpassam a construção dos diários. Para contemplar tal ponto de forma significativa, adotarei como aporte teórico O diário do professor – aluno: um instrumento para avaliação do agir de Mazzillo (2004) e A construção da identidade profissional do professor e sua produção diarista de Tápias (2005). Esses textos foram escolhidos porque abordam a prática diarista de maneira eficaz e também irei utilizar Bakhtin (2003), tal escolha se explica pela análise a alteridade – "eu-para-mim" e "outro-para-mim".

A PRODUÇÃO TEXTUAL EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ASPECTOS DE UMA ATIVIDADE INTERACIONAL SITUADA

Sônia Virginia Martins Pereira

A comunicação proposta tem por base a análise das atividades de produção textual do livro didático Português – uma proposta para o letramento, destinado ao 6º ano do ensino fundamental, que se fundamenta numa concepção dialógica de língua e linguagem. A partir dessa abordagem teórica, com fundamentação em Bakhtin (2000) e aspectos de tal perspectiva estudados por Marcuschi (2001 b), Brandão (2001), Dolz&Schneuwly (1996) e Bronckart (1994) analisa-se cada proposta de produção textual nos aspectos que condicionam a situação de produção dos textos pelos alunos: as finalidades a que a atividade escrita se propõe; os interlocutores aos quais se dirige o texto produzido; o tema que serve como meio para a interação escrita; o tipo e o modo da interação verbal, por meio dos quais se dá o processo interlocutivo e o gênero textual em que se enquadra a produção solicitada. Esses aspectos foram categorizados após levantamento das atividades constantes no livro que se destinam à produção textual, a fim de que fossem mapeados mais especificamente os itens imprescindíveis para a produção escrita, numa proposta de um livro didático que tem por base o sociointeracionismo. A análise revela que o livro possui bem firmados os elementos que tornam as propostas de produção textual menos artificializadas, uma vez que têm aqueles aspectos categorizados estabelecidos para cada produção, embora existam lacunas que limitam, por exemplo, a circulação do texto produzido ao espaço escolar ou que restringem os interlocutores das produção ao professor e aos colegas de classe. Entretanto, constata-se que tais limitações não chegam a comprometer o todo da obra, que, em geral, apresenta coerência entre a concepção teórica assumida e a didatização da produção escrita.

DISCURSO E SUBJETIVIDADE NA LEITURA E PRODUÇÃO DE CARTAS: INVENÇÃO DO COTIDIANO COMO ARTE DE FAZER EM SALA DE AULA

Jose Gomes Filho

Procura mostrar a "carta" como um gênero discursivo sob suas diferentes formas pode ser usada, num contexto de ensino médio, para a identificação de múltiplas subjetividades e/ou representações ideológicas dos atores do processo de ensino/aprendizagem. A partir da leitura do livro: "Cartas a um jovem poeta" de Rilke, o aluno constrói um ethos discursivo

de si mesmo, do autor e dos temas discutidos com efeitos positivos na sua significação, como sujeito, perante a escola e a família. Para isso, o conceito de "formação imaginária" da Análise do Discurso da linha francesa de Michel Pêcheux, a noção da linguagem como interação e do discurso ideológico de Bahktin e a construção do discurso "ordinário" de Certeau (1994) foram importantes ferramentas para analisar o corpus: um conjunto de cartas argumentativas, pessoais, amorosas feitas por alunos e respectivos pais, descobrindo entre si não a mensagem dos textos, mas a efusão de sentido(s), considerando experiências comuns de vida e a comunhão de valores, às vezes, pedidos devido à profusão de outros gêneros hegemônicos, típicos de uma sociedade de consumo.

ABORDAGENS DE ENSINO SOBRE A FORMAÇÃO DO TEXTO ESCRITO
Lucila Carvalho Leite (Mestranda PPGED – UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa(PPGED – UFRN)

Ao longo das últimas décadas do século 20, cada vez mais é ressaltada a temática da linguagem nos diversos estudos que envolvem o desenvolvimento da criança desde as suas interações com os outros. Tal fato ocorre, porque a linguagem deixou de ser compreendida apenas como a expressão do pensamento para ser entendida também como forma de interação humana, visto que o indivíduo necessita dela como atividade mediadora para se comunicar. Por esse raciocínio, propomos um estudo sobre a importância de adotarmos o texto como lugar das interações humanas, a fim de pensarmos no ensino de Língua Portuguesa em sua real função sociocomunicativa. Então, focalizamos a produção textual nos anos iniciais do Ensino Fundamental, levando em conta as contribuições de aspectos avaliados como relevantes na construção do texto, como gêneros textuais e contextualização. Nesse sentido, o trabalho fundamenta-se em estudos publicados por autores como Antunes, Bakhtin e Marcushi, que permitem situar a linguagem como prática sócio-discursiva e o texto, como manifestação das práticas linguísticas. Durante as pesquisas realizadas, evidenciamos que a escrita enraizada no uso descontextualizado da linguagem é exercida somente para demonstrar o que o aluno sabe escrever, o que renega o entendimento do texto como produto de um trabalho discursivo. Desse modo, a prática da escrita é criada com o fim apenas de fazer com que o professor reconheça se o aluno utilizou as unidades gramaticais e as convenções ortográficas, imprimindo a ideia de que esse tipo de correção é garantia para a apreensão da competência de se produzir bons textos. Em contrapartida, verificamos a importância de oferecer uma abordagem de ensino pautada no texto como lugar de efetivação dos fenômenos sociais, em vista de alunos-autores capazes de realizar produções escritas coerentes às diferentes situações do cotidiano. (CAPES/INEP-Observatório da Educação-Ed.038/10 - UFRN: CE-PPGED/CCHLA-PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

LENDO INTERFACES DIGITAIS EM TEXTOS IMPRESSOS: O CASO DA PUBLICIDADE
Ana Elisa Costa Novais

Em Novais (2008), apresentamos um modelo de leitura para as interfaces gráficas digitais, fundamentada no modelo de Coscarelli (1993). Os dados dessa pesquisa nos levaram a concluir que, do ponto de vista cognitivo, as operações que regem tanto a leitura quanto a navegação são da mesma natureza. Neste trabalho, apresentamos algumas peças publicitárias que exploram o poder comunicativo das interfaces gráficas digitais. O objetivo é discutir a interdependência dos conceitos de leitura e de navegação. Acreditamos que essa forma de perceber as interfaces pode ajudar nas reflexões sobre a leitura como um processo complexo (COSCARELLI, NOVAIS, no prelo) e sobre o letramento digital, em seus vários desdobramentos.

SESSÃO 9
PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO REFLETIDAS EM AVALIAÇÕES DE LARGA ESCALA
Lívia Suassuna (UFPE)
Maria Aparecida Barbosa da Silva. (Secretaria de Educação de PE)

O Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco (SAEPE) objetiva, através da prova de português, avaliar competências de leitura dos estudantes de redes públicas de ensino. Nas edições de 2008 e 2009 desse sistema, os alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Professor Antonio Pedro de Aguiar apresentaram baixos índices de rendimento. Seus níveis de proficiência em leitura e compreensão se mostraram abaixo do desejado para alunos concluintes da educação básica. Para explicar tal fato, levantamos a hipótese de que o docente da turma, em sua prática, entende a leitura como decodificação e prioriza os significados presentes apenas na superfície do texto. O objetivo geral da nossa pesquisa foi, pois, conhecer como o docente processa o ensino de leitura em sua prática e verificar se, de fato, essa prática está relacionada aos resultados das avaliações do SAEPE. Para compor nosso referencial teórico, apoiamos-nos nas correntes sointeracionistas da linguagem, recorrendo, entre outros, aos estudos de Solé (1998), Kleiman (2004), Suassuna (2009), Marcuschi (1996, 2008), Geraldi (2004), Antunes (2003). Fizemos uma pesquisa qualitativa e, para coletar os dados, entrevistamos o docente e assistimos a dez aulas de língua portuguesa em uma turma do 3º EM. As aulas foram gravadas em MP3 e registradas em diário de campo. Após a análise dos dados, confirmamos a hipótese levantada inicialmente e concluímos que cabe ao docente explorar melhor a matriz de competências do SAEPE, buscando formar leitores autônomos, que se envolvam em práticas diversificadas de leitura e mobilizem diferentes estratégias de compreensão textual.

DECIFRANDO OS SEGREDOS DAS REGRAS DA ESCRITA
Edinelma Azevedo de Almeida (UFRN/CELE)
Francisca Felícia Lima Rodrigues (UFRN/CELE)
Marinalva Geraldo Bezerra (UFRN/CELE)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

O presente trabalho tem como objetivo fazer um levantamento do entendimento das regras para a decifração da escrita em textos produzidos por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola da rede pública. Cagliari (1998, p. 120) afirma que "o conhecimento dessas regras constitui o segredo da decifração da escrita". Temos como hipótese que os alunos que não decifram as letras teriam maiores problemas com a ortografia, ou seja, comentem mais trocas de letras. Nosso corpus se constitui de 23 textos produzidos por alunos após ouvirem a história sobre o "Chapeuzinho Amarelo" e reproduzirem uma narrativa de forma escrita. A partir da leitura desses textos propomos fazer um levantamento sobre os principais problemas relacionados com o que consideramos decifração da escrita. No levantamento já realizado, observamos que as trocas de letras mais comuns nos textos dos alunos são: x/ch (xamada); j/ch (japeuzinho); b/p (chabezinho); s/ss (pasou); v/f (vicou); s/c (pesebeu) entre outras. Cagliari (1998, p. 120-132) aponta o que é necessário para o professor ter conhecimento ao ensinar os alunos a decifrarem as letras e quais seriam os procedimentos para realizar este estudo. Pretendemos, então, com base em Cagliari (1993; 1998) explicar como o professor poderá criar ações para ajudar os alunos a decifrar as regras da escrita.

ESTAR OU NÃO-ESTAR BEM NA ESCOLA: QUE CONVERSA DE INTERAÇÃO É ESSA?!
Ivonete Galvão de Araújo Virgulino (UFRN/CELE)
Maria Alice Lima da Silva (UFRN/CELE)

Nos dias atuais, o fracasso escolar tem-se constituído em tema de frequentes debates, estudos e pesquisas no cenário educacional e acadêmico. Como tal, tem suscitado intrigantes polêmicas quando se tem de recorrer aos culpados, dentre os quais a ênfase recai, quando não no professor, nas questões socioeconômicas e culturais dos alunos. Em meio a esse embate nasceu o presente estudo, objetivando identificar – por meio do depoimento dos alunos – os reflexos de suas interações com seus professores, tendo como foco os fracassos, com repercussão em suas aprendizagens escolares. O universo da pesquisa é representado por alunos dos anos finais de ensino de uma escola municipal de Natal-RN. A investigação teve como instrumento de coleta de dados um questionário com 9 perguntas, dentre as quais 2 foram selecionadas para análise: sobre baixa-aprendizagem do aluno e a quem compete a culpa. As respostas possibilitaram a formulação de uma imagem desse aluno, em meio ao seu processo escolar. Provocou espanto o fato de a pesquisa apresentar como resultado, dentre 59 respostas, 50 alunos se culpabilizando pelo próprio fracasso escolar. Isto recai no discurso da culpabilidade assimilado pelos alunos como atores centrais no processo, o que se dá por eles mesmos não gostarem de estudar. Maingueneau (2008) reporta-se a este fato como a polêmica da interincompreensão generalizada, expressiva de diversas posições enunciativas, caso se considere a sala de aula um espaço discursivo configurado como uma rede de interações semânticas, em que professor e aluno se encontram com a obrigação institucional de interagirem, visto que a interação é ponto central no processo de aprendizagem. Nesta perspectiva, Silva (2010) afirma que conforme as intenções e habilidades do professor, o aluno pode, ou não, se engajar no processo de interação. A pesquisa constatou que o aluno se culpa pela baixa-aprendizagem por não gostar de estudar, de onde decorre seu desinteresse e sua consequente baixa-estima. É o que Maingueneau (2008) denomina como diálogo dos surdos, configurando uma situação adversa, cujos sujeitos – professor e aluno - não falam a mesma língua, assim gerando múltiplas formas de mal-entendido.

MEDIADORES DE LEITURA: UM PROJETO DE INCENTIVO À CONSTRUÇÃO DE LEITORES
Ana Berenice Peres Martorelli (UFPB)
Patricia Aparecida Espinar(UFPB)
Ruth Marcela BownCuello (UFPB)

Ler é mais do que um simples ato de decifrar signos ou palavras, ler é, sobretudo um ato de reflexão e construção de sentidos. Atualmente, concebemos a leitura como um processo, através do qual o leitor elabora um significado na sua interação com o texto. Ler é também processar, relacionar, acumular, aceitar, criticar, superar e redefinir novos e antigos conceitos e idéias. Assim, a leitura, quer assuma a forma de arte, hábito, lazer ou instrumento, potencializa a racionalidade e outras características que tornam o simples individuo em um ser humano de múltiplas e incontáveis facetas. Este trabalho está focado na leitura como uma das bases do conhecimento, não só da língua materna, mas também, como um elemento de interpretação e de ampliação da visão de mundo. Neste projeto estão envolvidos, tanto professores do Ensino Fundamental I, em situação de formação, como professores universitários pesquisadores envolvidos na produção de novos conhecimentos, na troca de experiências e saberes diversos, no acesso a novas metodologias e discussões teóricas atuais. Dessa forma, tentamos propiciar oportunidades para que os mesmos reflitam sobre a prática educativa concreta e as teorias a ela subjacentes, e, assim, contribuir para o redimensionamento da profissionalidade docente e a melhoria dos processos de ensino-aprendizagem da leitura em língua portuguesa no âmbito das escolas públicas envolvidas no projeto. Pretende-se mostrar e discutir algumas estratégias utilizadas nas oficinas, com o fim de incentivar a leitura tanto dos docentes como dos alunos por meio de uma variada gama de atividades práticas e utilizando materiais de fácil acesso.

IMPLICAÇÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA: ANÁLISE DO FILME ESCRITORES DA LIBERDADE.
Pollyanne Pereira Barros Silva (UnP)
Rafaela Elane França de Souza
Orientadora: Juliana Pereira Souto Barreto

Em nossas escolas, os professores de português estão preocupados em ensinar somente a gramática, esquecendo-se ou deixando de lado o desenvolvimento da leitura e as atividades de escrita, seja pela falta de tempo que eles destinam a essas aulas específicas, ou ainda pelo desinteresse próprio. Quando estas aulas ocorrem, a leitura torna-se uma atividade obrigatória, tirando todo o prazer do estudante. Quanto à escrita, esta deixa a desejar quando não são respeitadas etapas importantes como: planejamento, escrita e revisão. Tomando como base de análise, o filme Escritores da Liberdade, que apresenta uma história baseada em fatos reais de uma dedicada Professora de Língua Inglesa, do ensino fundamental, que conseguiu contornar uma situação desfavorável, envolvendo seus alunos adolescentes e problemáticos, com atividades simples de leitura e escrita, culminando com a transformação social dos personagens da trama. Antunes em suas obras Aula de Português: encontro e interação (2003) e Língua, Texto e Ensino: outra escola possível (2009) destaca os erros, frequentemente cometidos nas aulas de Língua Portuguesa e aponta soluções simples para melhorá-los, focando principalmente o trabalho com a leitura e a escrita envolvendo os alunos, professores e escola, com o intuito de formar pessoas com uma visão crítica do mundo e de si mesmos, quanto a capacidade de produção textual. Esta pesquisa se configura como bibliográfica, pois consultamos publicações e vídeo. Como resultados obtidos, percebemos a importância da atuação do professor de línguas em trabalhar com atividades de leitura e de escrita, de forma a desenvolver em seus alunos, além de valores e competências que servirão para toda uma vida, grandes potenciais enquanto discentes.

SESSÃO 10
A PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA: ANTES E DEPOIS DOS PCN
Hubeônia Morais de Alencar. (UERN/UFRN)

A tarefa de se formar produtores de textos proficientes, capazes de estabelecer uma interação através da escrita, em diferentes situações interativas, não nos parece ter sido facilmente desenvolvida pela escola. Os relatos de professores a que frequentemente temos acesso sinalizam uma preocupação dos responsáveis por desempenhar tal tarefa em relação a como e o que fazer para formar produtores de textos competentes. No campo dos estudos da linguagem, diversas pesquisas apontam para a necessidade de se redimensionar o ensino da produção textual, considerando, sobretudo, o seu caráter interacional (GERALDI, 1997, 2000; MARCUSCHI, 2008; LEAL, 2008; VAL 2009). Essa preocupação também está presente nos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998). Neste trabalho, elegemos como objeto de estudo o processo de produção textual em sala de aula, tendo em vista analisar os procedimentos adotados pelo professor com vistas à escrita de textos pelos alunos e os efeitos da sua prática sobre essa produção. Os resultados desta pesquisa estão fundamentados principalmente em Bakhtin (2003; 2006; 2008) e Vygotsky (1997, 2005). A constituição do corpus se deu em situação de ensino, mediante registros de observação, gravação e transcrição de aulas e o recolhimento de produções textuais escritas pelos alunos em dois momentos distintos: em 1998 e em 2008. As análises revelaram que, em relação aos procedimentos metodológicos, há diferenças nas aulas ministradas nos dois momentos da pesquisa; no entanto, tais diferenças não foram suficientes para visualizarmos resultados sobre o texto do aluno no que se refere à sua habilidade de autorar o próprio texto.

A PRESENÇA DA FALA NA ESCRITA DE ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL
Lyzianne Martins Bezerra (UFRN)
Maria Denilda da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

O presente trabalho originou-se da constatação da necessidade de uma reflexão mais profunda acerca da presença da fala na escrita de alunos de Ensino Fundamental. Temos como objetivos analisar a diferença e semelhanças da oralidade e da escrita em textos produzidos pelos alunos, com a finalidade de contribuir para o aprimoramento da escrita na sala de aula. A constituição do nosso objeto de estudo se deu a partir da proposição de uma atividade de construção de textos orais, na qual o professor orientador da disciplina instruía que os alunos, em sala de aula, contassem oralmente uma história, ao tempo em que ele gravava e depois transcreveu a história narrada. Posteriormente, o professor solicitou que os alunos narrassem a história novamente, desta vez, sob a forma de texto escrito. Para a análise, partimos dos pressupostos teóricos referentes à escrita e à oralidade, segundo Marcuschi (2010) e Fávero; Andrade; Aquino (1999). De acordo com Marcuschi (2010, p. 21), "fala e escrita são atividades comunicativas e práticas sociais situadas; segundo, em ambos temos um uso real da língua". Considerando-se isso, os resultados parciais de nossa pesquisa apontam que os textos escritos pelos alunos apresentam um padrão de estrutura diferente daqueles transcritos pelo professor da disciplina. As transcrições orais são maiores em número de palavras e mais ricas em detalhes, enquanto as narrações escritas são mais curtas e breves, apresentando ainda características típicas da oralidade, tais como: gírias e repetições. Nossa hipótese é a de que, pelo fato de a oralidade ser a primeira e principal forma de comunicação humana, desenvolvida desde o nascimento, os alunos do Ensino Fundamental têm uma facilidade bem maior de produzirem atividades orais do que exercícios propostos na forma de textos escritos.

A INCLUSÃO DA TEMÁTICA HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA
Kaliene Alessandra Rodrigues de Paiva (UFRN)
Mozart Dantas da Silva Xavier (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra.Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

Na década de 1970 ocorreram mudanças na produção historiográfica brasileira. Tais mudanças se refletiram nos livros didáticos de História, trazendo novos objetos de estudo que começaram a ser discutidos no espaço acadêmico, dentre eles os escravos africanos e afro-descendentes. Gradativamente esses indivíduos passaram a ser vistos como atores sociais, como sujeitos construtores de uma identidade cultural e social peculiares. No início da década de 2000 é sancionada a lei 10.639, que dentre outras providências alterou a lei 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), obrigando a inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Pretendemos analisar a questão da inclusão do elemento negro nos enunciados dos livros escolares de história produzidos a partir da década de 1970. Essa pesquisa investiga o modo como essa inclusão está sendo incorporada nos livros didáticos de História por meio da análise linguística de enunciados que aparentam ou não estereótipos. Assim, focaremos nessa análise o modo como os enunciados resgatam as vozes sociais atravessadas pelo discurso do outro. Para isso, tomamos como aporte teórico a heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1990), o conceito de vozes sociais de Maingueneau (1997) e os mecanismos enunciativos de Bronckart (1999). Recorremos também a noção de História Vista de Baixo inaugurada por Thompson (1987), cujo paradigma historiográfico adotado, permite uma análise mais precisa da questão da escravidão, um olhar voltado para os grupos silenciados pela produção do saber histórico. Os resultados preliminares apontam que ainda são encontrados depreciações para com o escravo e os afro-descendentes. Os autores das publicações analisadas recuperam discursos preconceituosos, que constroem a imagem do negro como algo negativo para a história do Brasil.

OS LAÇOS DO TEXTO DO ALUNO NO TEXTO DO OUTRO: O RITUAL DO "Ctrl+C" E "Ctrl+V" NO ENSINO MÉDIO
Corina de Sá Leitão Amorim (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN)

Nas práticas de ensino-aprendizagem, a tecnologia digital mantém, atualmente, certa influência direta na relação que o aluno e o professor mantêm com a linguagem. O conhecimento se oferece em sites de busca a partir de um "clic". Muitas vezes, o aluno faz uso do sistema de navegação oferecido pela internet de forma mais intensa que o professor. Mesmo sendo ferramenta que pode auxiliar no trabalho com a linguagem, professores se veem frente a um movimento específico que não sabem como lidar: é o que chamamos aqui de ritual linguístico do "ctrl+c" e "ctrl+v" no ensino médio. Nosso trabalho tem como objetivo, portanto, analisar como alunos do 1º ano de uma escola do ensino médio da cidade de Natal (RN), enlaçam, em seus textos, o texto do "outro", "copiado e colado" da internet. Nesse sentido, busca responder às seguintes questões: de que modo o aluno se apropria do discurso do outro? Como esses alunos, mesmo se apropriando dos textos alheios, singularizam-se e deixam suas marcas enquanto sujeitos que também produzem sentidos? Teoricamente tomamos por base as discussões levantadas por Michel Schneider(1990), Catherine Fuchs (1982), Jacqueline Authier-Revuz (1998), Marcuschi (2000).

A AUSÊNCIA DAS HABILIDADES DE INTERPRETAÇÃO E REDAÇÃO NA FALA E NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE SERRA TALHADA
Adrielio da Silva Moreno
Dorothy Bezerra da Silva de Brito

Este trabalho surge da minha experiência enquanto bolsista do PIBID-UFRPE, programa financiado pelas CAPES e tem como objetivo mostrar resultados preliminares de testes aplicados em todas as séries do ensino médio para verificar o nivelamento das habilidades de interpretação e redação de alunos matriculados na escola onde atuo como bolsista. O projeto no seu primeiro ano de atuação nas escolas envolvidas mostrou que alunos que já deveriam ter desenvolvido as habilidades de interpretação e redação não tinham ainda essas habilidades. Estes alunos apresentavam a ausência da competência que já deveria ter sido desenvolvida no ensino fundamental. Segundo os PCNS 1997 Um aluno pode ser considerado alfabetizado quando domina competências ligadas à leitura e à escrita; nas séries seguintes a ênfase do ensino da língua passa para outros aspectos, tais como o desenvolvimento do léxico, a correção ortográfica, o domínio da sintaxe e a compreensão e produção de textos. Mas ao contrário do que esperávamos, alunos em series finais do ensino médio não tinham ainda as competências necessárias para estarem matriculados nestas séries. Partindo destas evidencias este trabalho pretende desenvolver técnicas que façam com que eles compreendam textos e desenvolvam as suas competências lingüísticas essenciais.

SESSÃO 11
ASPECTOS DE COESÃO E COERÊNCIA EM TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
Maria Joyce Paiva Medeiros (UFRN/CELE)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a relevância da utilização dos recursos de coesão e coerência em textos escritos por alunos do ensino fundamental. Realizamos uma análise de um texto produzido por aluno de escola pública do 7º ano para mostrar como os mecanismos coesivos são utilizados nos textos. A análise destaca alguns problemas que

comprometem o texto, no que tange à sua unidade semântica. Para tanto, recorreu-se à teoria da Linguística Textual, que apresenta a coesão como um dos elementos básicos na construção do significado e a coerência como elemento de sentido do texto. Utilizou-se as discussões teóricas expostas por Irandé (2009) e Koch (1991), no que concerne a manipulação dos mecanismos coesivos, cuja ausência pode destituir o texto de unidade de significação, gerando incoerência. Assim, observou-se como resultado a dificuldade dos alunos em usar adequadamente alguns dos mecanismos de coesão, principalmente os referenciais que afetam as relações de sentido causadas pelo uso inadequado dos elementos coesivos. Percebeu-se na análise do corpus, que o aluno tem pouco conhecimento dos recursos de coesão, deixando sua produção repetitiva e sem coerência. Os mecanismos coesivos mais recorrentes no texto analisado foram: a elipse e a substituição pelo pronome pessoal "ele".

MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
Francisca Ferreira de Carvalho (UFRN / CELE)
Maria da Paz Batista de Souza (UFRN / CELE)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

O presente trabalho tem por objetivo fazer um levantamento de dados com a finalidade de investigar as razões pelas quais os alunos de Ensino Fundamental repetirem constantemente marcas consideradas da oralidade, tais como: "então..." e "aí..." em suas produções de textos narrativos. Nossa pergunta de pesquisa é: será que essas marcas mostram a relação da oralidade com a escrita preenchendo lacunas de conectores ou pontuações próprias da escrita? Para responder a tal questionamento, partimos dos pressupostos teóricos referentes aos estudos de Marcuschi (1989), nos quais se define que a língua falada (LF) se relaciona com a língua escrita (LE), e as diferenças entre essas modalidades devem ter a função de complementá-las, e não opô-las. Nessa mesma linha de pesquisa, discutimos os marcadores discursivos, segundo a teoria de Fávero; Andrade; Aquino (2005), com a finalidade de rastrear as possíveis funções dos marcadores da oralidade nas produções desses alunos, haja vista que, os marcadores conversacionais possuem o papel de designar não somente os elementos verbais, mas também os prosódicos e não-linguísticos. Estes, por sua vez, podem ser produzidos tanto pelos falantes como pelos ouvintes. Os resultados parciais apontam que os conectores tais como: "então..." e "ai..." aparecem repetidamente nas produções de textos dos alunos. Propomos que a função desses marcadores seria a de dar segmentação, organização hierárquica e coesividade nas produções próprias de usos da linguagem falada. Com base nos resultados, podemos concluir que eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica, de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua.

O MANUAL DO PROFESSOR: ORIENTAÇÕES PARA A MEDIAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL NA ESCOLA
Maria da Conceição Rêgo de Araújo
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa

As constatações acerca da centralidade dos materiais didáticos na prática escolar, oferecidos pelo governo federal, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e de como a produção escrita deve ser orientada ao longo da escolaridade obrigatória, assim como o resultado da análise dos instrumentos de avaliação oficial (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, IDEB; Sistema de Avaliação da Educação Básica, SAEB e Prova Brasil) revela as dificuldades de uso e domínio de habilidades linguísticas básicas pelos alunos durante sua escolarização. Nesse sentido, este estudo analisa os materiais didáticos oficiais que apóiam o trabalho do professor como mediador da produção textual. Na análise, consideramos a concepção de Elizabeth Marcuschi (2002) de que o manual do professor deve orientar a gestão das aulas, oferecer informações científicas e sinalizar elementos pedagógicos para o tratamento do conteúdo. Assim, analisaremos como a produção textual é orientada no manual do professor como objeto de cada uma dessas funções. Nossa pesquisa focalizou três manuais do professor de Língua Portuguesa do 5º ano do ensino fundamental, adotados por escolas de Natal-RN que apresentaram média abaixo da meta do IDEB (2009) para o município. Adotamos, ainda, os documentos de orientações pedagógicas oficiais (PCN, Diretrizes curriculares, Guias dos livros didáticos, referenciais curriculares municipais, os temas e descritores das matrizes de referência – INEP 2009) para comparar os objetivos de ensino da escrita por eles sinalizados, com as orientações presentes nos manuais do professor aprovados pelo Ministério da Educação. Nossas análises iniciais indicam a cristalização do modelo do manual do professor, a carência de diversificação de orientações para a produção escrita e a ênfase na função gabarítica desse material. Nesse sentido, esta pesquisa visa a levantar as recorrências desses materiais e elaborar uma grade de análise que permita dar sequência à investigação de todos os manuais de língua portuguesa do 5º ano adotados pelas escolas de referência. Portanto, visamos a contribuir para o aprimoramento dos critérios institucionais de avaliação dos materiais didáticos e sinalizar alternativas para a orientação da escrita no contexto escolar.

A LEITURA COMO PRÁTICA DISCURIVA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES PROFICIENTES
Ladmires Luiz Gomes de Carvalho (E. E. Prof. José Fernandes Machado)
Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Este trabalho propõe-se a discutir sobre a importância da prática da leitura para a construção da cidadania, por conceber que ela é um desafio de todos. Neste sentido, optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa (pesquisa-ação) aplicada a um grupo de alunos do Ensino Médio, da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, situada

no Bairro de Ponta Negra, Natal/RN. Essa pesquisa encontra-se fundamentada em uma concepção de linguagem como processo de interação social, com a finalidade de compreendermos como acontece o desenvolvimento de uma prática de leitura significativa e a relevância que a mesma adquire na construção dos sujeitos em relação ao meio em que vivem, como também busca entender como a família e a escola se comportam diante de tal prática; que papéis essas instituições assumem como formadora de leitores proficientes. Nesta perspectiva, o trabalho apontará, por meio das reflexões do embasamento teórico que o norteia, como as teorias de Bakhtin (2003) sobre a comunicação discursiva, ou no estudo de Bamberger (2008) que versa sobre a importância da leitura para o indivíduo e para a sociedade, fazendo-nos compreender como a leitura se expande e se faz presente no cotidiano dos estudantes, uma vez que é a responsável por várias situações comunicativas nas quais os sujeitos estão inseridos, exigindo, portanto, a atuação de leitores ativos, aqueles capazes de ler as múltiplas linguagens inseridas no mundo, dentro e fora do ambiente escolar. O trabalho se insere na área da Linguística Aplicada ao ensino de língua materna em uso.

ANÁLISE DAS MÁXIMAS DE GRICE EM GÊNEROS TEXTUAIS DIVERSIFICADOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA
Gilberlande Pereira dos Santos (FAINTVISA)
Orientador: Marcos Soares do Nascimento

A Pragmática é uma área de grande interesse por parte de estudantes de linguística em nível de graduação, ora por sua relação com a linguagem do cotidiano humano ora por suas diretrizes teórico-metodológicas. Assim sendo, com o intuito de contribuir para o crescimento do número de estudiosos desse campo, partindo do pressuposto de que o prazer de ler e de escrever é construído, sobretudo pelo prazer de socializar essas atividades com a coletividade, propomos e coordenamos atividades de análise textual no espaço de sala de aula do componente curricular Linguística, tendo como corpus gêneros textuais diversificados, dentre eles: tiras, charges, poemas, etc. O objetivo da análise foi verificar a violação das máximas griceanas obtidas nas teorias pragmáticas e se estas eram compreendidas e identificadas pelos estudantes/analistas. Para tanto, os estudantes do Curso de Letras, com base nesse arcabouço teórico, produziram textos resultantes da análise e estes foram avaliados e publicados em um livro intitulado Pragmática: compreendendo e violando as máximas (Editora Libertas: 2010). O trabalho indicou a relevância da interconexão entre teoria e prática para o ensino e a aprendizagem de teorias linguísticas.

SESSÃO 12
O MITO DE NARCISO COMO ELEMENTO ESTRUTURADOR DO PROCESSO DE INTERTEXTUALIDADE
Maria Luciene Gomes Costa (UFRN/CELE)
Kilma Costa Moura dos Santos (UFRN/CELE)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN/CELE)

O presente trabalho visa analisar as abordagens didáticas referentes aos elementos da intertextualidade presentes em Livros Didáticos de Língua Portuguesa (LDP), adotados para o Ensino Médio. Temos por objetivos: (i) verificar a presença da intertextualidade em textos apresentados nos exercícios de escrita propostos pelos LDP; (ii) analisar a recorrência da intertextualidade com a finalidade de identificar as categorias de produção em que se enquadram esses elementos e (iii) discutir como a abordagem da intertextualidade contribui para o processo de aprendizagem da leitura e produção de textos. O objeto de estudo selecionado para esta pesquisa "O homem que se endereçou" foi extraído de uma proposta de atividade escrita encontrada em um LDP. Para a análise, partimos dos pressupostos teóricos referentes às concepções de texto de Barthes (2002); Gêneros do discurso de Bakhtin (2000) e intertextualidade de Koch (2010). Os resultados preliminares indicam que, na organização estrutural do texto "O homem que se endereçou", há uma predominância de elementos peculiares ao gênero textual "Carta", tais como: datação, vocativo e mensagem, isso é uma marca explícita de intertextualidade. Outra interrelação que encontramos são marcas do texto fonte, que nos remetem ao "Mito de Narciso", que fica explicitado por intermédio de uma figura e uma definição expostas ao lado do texto original. Por meio dessas reflexões, podemos concluir que a intertextualidade faz parte de um universo cultural amplo e complexo, exigindo do interlocutor a capacidade de interpretar os textos e seus respectivos intertextos. Sendo assim, o estudo da teoria sobre a intertextualidade contribui de forma significativa para o ensino da leitura e produção de textos.

UM OLHAR SOBRE A LEITURA NO ENSINO ESCOLAR
Dione Ribeiro da Costa (UEPB)
Luana Francisleyde Pessoa de Farias (DLE/UEPB)
Patrícia Maurício de Souza (UEPB)

O presente artigo aborda as diversas concepções a respeito da leitura na segunda fase do ensino fundamental. Neste trabalho, pretendemos tecer e analisar algumas reflexões a cerca da leitura no ensino escolar do ponto de vista dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) de língua portuguesa, os quais sugerem o uso da diversidade textual para um melhor aproveitamento das atividades de leitura em sala de aula. Baseamo-nos também em estudos que discutem a defasagem desse ensino em relação às condições impostas pelas instituições de ensino e, consequentemente, pelo contexto histórico-social que está inserida a prática docente aplicada nas aulas, onde, muitas vezes, há a utilização de métodos

tradicionais, com o intuito de apenas contemplar o número significativo de conteúdos apresentados pelo livro didático. As reflexões apresentadas baseiam-se em pesquisas realizadas por Marcuschi (2005), Koch (2006), Kleiman (2002, 2004, 2006 e 2010), as quais defendem diferentes aportes teóricos relacionados ao ensino da leitura numa perspectiva sociointeracionista, no que se refere às diferentes práticas de linguagem. Tais pressupostos, em um segundo momento, proporcionaram a análise dos dados coletados durante a observação das aulas de língua portuguesa em escolas da rede pública de ensino na cidade de Guarabira/PB, atividade exigida pelo componente curricular do curso de Letras, Estágio Supervisionado I. Com base nos estudos realizados, constatou-se que a leitura no ensino ainda possui muitos entraves referentes à sua prática, dificultando, dessa forma, a formação de leitores críticos e reflexivos no que diz respeito ao desenvolvimento da capacidade comunicativa e linguística.

A PROBLEMÁTICA DA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL
Rosiane Verônica de Matos (UFRN /CELE)
Jacqueline Araújo (UFRN /CELE)
Telma Elita da Silva (UFRN /CELE)
Orientadora: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

Este estudo apresenta uma investigação voltada para a problemática da aquisição da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como base para o processo de alfabetização e letramento. Nele é abordada uma reflexão acerca do discurso do professor e suas concepções teórico-metodológicas. Na prática, a verificação dessa abordagem se deu por meio de questionário aberto, aplicado para professores que lecionam em duas escolas públicas da Rede Municipal de Natal/RN. Foram abordados questionamentos acerca da concepção de leitura e de escrita, de alfabetização e letramento e de teóricos e teorias. Os professores mencionaram que respaldam suas práticas pedagógicas nos teóricos Paulo Freire, Emília Ferreiro e Ana Teberosky e, como orientações legais norteiam-se pelos PCN e pela LDB no Art. 32, lei n°11.274/2006. A partir dos dados obtidos, constatou-se que no universo de 100% dos professores entrevistados, 66% citaram alguma teoria/teórico como referência do trabalho que realizam em sala de aula para o ensino da leitura e da escrita. Desse grupo, os 33% restantes citaram as orientações legais anteriormente citadas como referência para as suas práticas pedagógicas. Assim como, a alfabetização e o letramento são processos que caminham paralelamente, este trabalho, em específico, buscou repensar a prática docente do alfabetizador por meio da análise entre o discurso destes e as teorias/teóricos , orientações legais e intervenções pedagógicas citadas.Mediante resultados obtidos propomos uma formação continuada e sistematizada , baseada no conhecimento da lei e sua aplicabilidade, de forma a promover um ensino que favoreça a aprendizagem da leitura e da escrita significativamente para os alunos.

SESSÃO 13
LETRAMENTO E ANALFABETISMO: REFLEXÃO SOBRE CONCEITUAÇÕES, ÍNDICES E DESAFIOS
José Adailton Cortez Freire(Instituto Federal de Alagoas)
Daiane da Costa Barbosa

O presente trabalho pretende, primeiramente, fazer distinção entre os conceitos de alfabetização e letramento. Este último leva em consideração à funcionalidade das habilidades de leitura e escrita, especialmente para atender as novas demandas da sociedade em que o sujeito está inserido. Além de esclarecer esse novo termo, nos propomos a iniciar uma discussão sobre a temática, ressaltando a importância do tema para o avanço da educação brasileira. Para finalizar, serão apresentados resultados de algumas pesquisas de instituições científicas que tentam medir o nível letramento da população. Embora, de certo modo, essas estatísticas reflitam a condição brasileira de alfabetização e letramento, elas apresentam consideráveis problemáticas. Isso devido a algumas dificuldades metodológicas que são encontradas e impedem o seguro mapeamento desse tipo de informação.

AS INTERFACES ENTRE RETEXTUALIZAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE: UM ESTUDO DE RESENHA ACADÊMICA
Clara Regina Rodrigues de Souza (UFCG)

Nosso trabalho parte do pressuposto de que a prática de retextualização existente em gêneros acadêmicos, como por exemplo, a resenha, aponta para outra prática, já consolidada na literatura referente à escrita/leitura: a intertextualidade. Com base nisso, objetivamos relacionar a prática de retextualização ao critério de intertextualidade imbricados em resenha acadêmica. Sendo assim, norteamo-nos pela seguinte pergunta: que aspectos textuais e discursivos oriundos da prática de retextualização e do critério da intertextualidade são mobilizados em resenha acadêmica? Para tanto, desenvolvemos uma análise qualitativa de resenhas acadêmicas advindas da disciplina Prática de Leitura e de Produção de Textos II, da Universidade Federal de Campina Grande. Tal desenvolvimento ocorre à luz de teorias capazes de comprovar a relação entre retextualização e intertextualidade ? tais como, Dell?Isola (2007), Marcuschi (2008a) e Matencio (2002); (2003); bem como de teorias que nos proporcionam a feitura de uma descrição do gênero resenha, a exemplo de Bronckart (2007) e Machado (2008). A partir da análise do gênero acadêmico resenha, concluímos que o critério da intertextualidade guarda semelhanças com a retextualização, por ambos apontarem para um texto contido em outro. Não obstante, concluímos também que a intertextualidade está contida nos procedimentos de retextualização, por esta ser uma prática mais abrangente do que aquela.

CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM QUE ORIENTA UMA CONCEPÇÃO DE LEITURA
Maria Marluce de Paula Araújo (UFRN)
Orientador: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Justificando o interesse dessa investigação, inicialmente, nos situamos em relação ao que concebemos sobre linguagem nos ancorando nos estudos de Bakhtin (1988) o qual explicita que a linguagem é um fenômeno material e dialógico responsável pela formação do sujeito. Assim, o homem se forma na interação social, através da linguagem em meio a uma complexa e intrincada rede de relações sociais do que participa. Estamos convictos de que o filósofo da linguagem, ao pensar assim, nos oferece uma importante dimensão sobre a formação do sujeito, da linguagem, e do próprio percurso da leitura, visto que o interlocutor não pode ser entendido como entidade passiva que apenas recebe o que o locutor lhe dirige. Nesse sentido, de acordo com Bakhtin (2003), a compreensão das coisas pela consciência individual só ocorre com base num material dotado de sentido e esse material tem uma realidade concreta e mais ampla, que não é e nem pode ser individual. Concordando com tal concepção e fazendo uma reflexão da trajetória profissional, temos a consciência de que, enquanto ensinamos, aprendemos e reaprendemos à medida que interagimos com os textos, orais ou escritos, mediados pelo outro. Mesmo que esse outro sejam os autores com os quais dialogamos. Essa compreensão de que o homem se forma na interação social, através da linguagem é ampliada por Bakhtin (2003; 2008) quando defende que a linguagem é constitutivamente dialógica e que o enunciado, para produzir sentidos, deve estar situado em um contexto sócio-histórico ou em um contexto semântico-axiológico, uma vez que a significação será determinada pela interação com outras vozes. Ambos ajudam na compreensão da influência que o outro apresenta na formação do sujeito leitor. Assim compreendendo, refletimos a respeito da nossa experiência como formadora, em programas de formação como Salto Para o Futuro, Projeto Nordeste, PCN em Ação, dentre outros de menor dimensão que aconteceram após o lançamento dos documentos oficiais (PCN), nos fez pensar sobre os resultados das avaliações oficiais, como a Prova Brasil, os quais demonstram a pouca proficiência dos alunos em leitura. A partir desse fato, nasce o nosso interesse em investigar se isso tem relação com o ensino da Língua Portuguesa, apesar dos dez anos de publicação e distribuição dos PCN de Língua Portuguesa e de tantas formações continuadas (como PROFA, GESTAR, PROLETRAMENTO) direcionados à melhoria do desempenho das práticas docentes. Formações essas calcadas na perspectiva apontada nos PCN de Língua Portuguesa de que ?a linguagem, por realizar-se na interação verbal dos interlocutores, não pode ser compreendida sem que se considere o seu vínculo com a situação concreta de produção? (BRASIL, 1998, p. 25). A abordagem dada nesse documento oficial se compreendida e trabalhada deveria habilitar o aluno à participação ativa nas práticas sociais letradas

LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: CONTINUIDADES E MUDANÇAS NO DISCURSO ARGUMENTATIVO SOBRE OS NEGROS E AFRO-DESCENDENTES
Ailton Sérgio Leal Bezerra (UFRN)
Orientador: Profa. Dra. Sulemi Fabiano Campos (UFRN)

Propomos pesquisar o discurso argumentativo dos negros africanos e afro-descendentes propostos nos livros didáticos de história, do Ensino Fundamental e Médio, a partir da década de 1970 até a década 2000, sob a ótica do uso dos Procedimentos da Encenação Argumentativa (CHARAUDEAU, 2009), que consistem na argumentação, na utilização de procedimentos, baseados nos diversos componentes do modo de organização argumentativo, de modo a servir a um propósito de comunicação. Com a aprovação da Lei nº 10.639/03, que prevê a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares e formação de professores, por consequência uma nova abordagem nos livros didáticos, objetivamos verificar se a partir dessa obrigatoriedade , surgiram novos atores, gerou-se novas discussões, novos discursos, ou apenas se abriu espaço para o uso dos procedimentos de Encenação de um discurso ?politicamente correto?. Analisando o livro didático como veículo de discursos argumentativos há muito construídos no âmbito da nossa sociedade sobre os negros e afro-descendentes, observamos preliminarmente que as argumentações se baseiam em propostas consagradas, baseadas no conhecimento concretizado pelo senso comum, muitas vezes, sem espaço para discussões ou qualquer interpretação que não a que perpetua o estado de marginalização do negro na sociedade. Argumentações que se utilizam de certos procedimentos para encenar e simular a realidade, silenciando vozes, encobrindo a História, excluindo do processo histórico uma grande parcela responsável pela formação social e cultural do país.

CONCEPÇÕES DE ESCRITA EMBUTIDAS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL
Jariza Augusto Rodrigues dos Santos (Mestranda/UECE)
Orientadora: Profa. Iúta Lerche Vieira

Por considerarmos imprescindível que os livros didáticos de língua portuguesa assumam enfoques que contribuam para a formação de um redator proficiente, e por acreditarmos, em consonância com Antunes (2003, p. 39), que "Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros, em tudo está presente uma concepção de língua", investigamos os pressupostos subjacentes às atividades de produção textual de dois manuais do 7º ano: Tudo é Linguagem (2009), de Borgatto, Bertin e Marchezi e Português Linguagens (2010), de Cereja e Magalhães. Em nossa investigação, comparamos as propostas apresentadas pelos autores para o trato com a produção de texto com o que é contemplado efetivamente nas atividades dos livros. Para orientar a análise, observamos, sobretudo, se as propostas de produção textual contemplam as diferentes etapas do processo de composição – planejamento, escrita, revisão, reformulação; se situam a escrita em seu universo de uso social; e se tratam a escrita como pro-

cesso de interlocução, levando o aluno a compreender tal processo como um diálogo entre autor-texto-leitor. O objetivo desta pesquisa é saber em qual concepção de escrita os livros estão ancorados e qual a contribuição que tal concepção pode oferecer para um ensino relevante de produção textual. O aporte teórico adotado para a reflexão compreende os estudos de Camps (2003) e Cassany (2005), nos quais os autores fazem uma breve discussão sobre os diferentes enfoques didáticos para o ensino da composição, e de Vieira (2005), no qual a autora defende a abordagem processual da escrita.

SESSÃO 14
O TEXTO PLURISSIGNIFICATIVO NA FORMAÇÃO DO LEITOR SURDO
Viviane da Silva Gomes (DoutorandaemLinguística/UFPB)

Objetiva-se com esta comunicação apresentar estratégias de ensino/aprendizado planejadas e concretizadas com os educandos surdos do ensino médio. Nossa prática com salas inclusivas, na rede estadual e particular de ensino, emergiu com um desafio: o ensino da literatura e a formação de um leitor crítico para uma turma constituída por estudantes ouvintes e não ouvintes. Os primeiros obstáculos revelaram-se com a leitura dos educandos de poemas cujas simbologias exigiam interpretações de metáforas complexas. Tal situação exigiu uma tomada de alternativas emergenciais por parte do docente que viabilizassem o aprendizado e acompanhamento da disciplina de literatura. Dessa forma, recorremos à estrutura do imaginário teorizada pelo antropólogo Gilbert Durand o qual reuniu imagens de diversas culturas, separando-as em dois grupos: o regime diurno das imagens e o regime noturno das imagens. O resultado dessa prática didática garantiu uma segurança aos jovens surdos do 1º ano do ensino médio que puderam ler os poemas sem as dificuldades e medos percebidos nas primeiras unidades do ano letivo. Para fundamentar nossa apresentação, recorremos aos teóricos: Gilbert Durand, Afrânio Coutinho.

TEXTO E SENTIDOS: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LEITURA NA ESCOLA
Daiane da Costa Barbosa
Nadja Naira Aguiar Ribeiro

O presente artigo propõe uma reflexão sobre o processo de leitura considerando seus aspectos cognitivos e extralinguísticos a fim de contribuir para a prática de leitura na escola. Os aspectos cognitivos aqui abordados resumem-se nas estratégias cognitivas e metacognitivas, que se referem ao processamento mental da leitura. Os aspectos extralinguísticos referem-se aos fatores constituintes da interação verbal, tais como contexto sócio-histórico, lugar e momento da enunciação e sujeitos. Neste trabalho, a autora parte de sua vivência enquanto professora do Ensino Fundamental para investigar os possíveis entraves enfrentados pelo indivíduo em seu desenvolvimento como leitor proficiente. São considerados, ainda, problemas referentes a metodologias e práticas pedagógicas utilizadas na aula de leitura na escola, procurando entender de que modo elas têm contribuído (ou não) e como melhor poderiam contribuir para a formação do leitor proficiente.

LEITURA, PRODUÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS NA SALA DE AULA
Erica Sousa de Almeida

Leitura, produção, avaliação e correção são atividades distintas e complementares na produção de textos argumentativos. O trabalho com produção textual, em sala de aula, não deve somente objetivar corrigir os erros nos textos produzidos pelos alunos, mas, sobretudo, formar leitores e produtores críticos, capazes de compreender as estratégias que envolvem a produção, avaliação e a correção de um texto. Em geral, o trabalho com redação, em sala de aula, tem se pautado em temas repetidos, que não despertam interesse do grupo discente. Além disso, ao receber um conceito ou nota em um texto, por exemplo, o aluno preocupa-se apenas com o grau obtido, deixando à margem os comentários feitos pelo professor (Freedman, 1987). Parte-se do pressuposto que a avaliação deve ser construída com comentários sobre os erros encontrados e as evoluções percebidas nos textos produzidos. Com base na proposta de Almeida e Sales (2004), o que se pretende mostrar é que o professor, ao escrever comentários nos textos dos alunos, estará auxiliando-o a descobrir suas dificuldades, estimulando-o a melhorar seu desempenho e ajudando-o a perceber sua evolução no processo de produção textual. Acredita-se que a criação de uma legenda, amplamente discutida pelos interlocutores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, pode fornecer mais segurança ao aluno na reescritura, fazendo com que amadureça na tarefa de produzir esse gênero textual. Parte-se, na avaliação, de uma grade de correção, considerando alguns critérios, a saber: (i) adequação ao tema; (ii) adequação ao tipo de texto, (iii) coesão textual, (iv) coerência textual e (v) adequação à variedade culta da língua. Assim, o processo de correção, por parte do professor, associado à leitura feita pelo aluno, faz com que este reflita sobre sua própria produção escrita e, com isso, consiga aguçar a sua percepção frente a essa modalidade de texto. O erro, nessa concepção, deixa de ser um problema e passa a ser um aliado na produção textual. Pretende-se, com tal metodologia, que, ao final do processo de avaliação, o aluno esteja apto a se tornar um autor-revisor de seu próprio texto.

ASPECTOS DA INTERLÍNGUA DOS SURDOS NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA
Maria José Nélo
Márcio Arthur Moura Machado Pinheiro

O português para o surdo é uma segunda língua (L2), pois a língua de sinais é a sua primeira língua (L1). Entretanto, o processo não é o de aquisição natural por meio de construção de diálogos espontâneos, mas o de aprendizagem formal na escola. O modo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa será, então, o português por escrito, ou

seja, a compreensão e a produção escritas, considerando-se os efeitos das modalidades e o acesso a elas pelos surdos. A investigação do processo de aquisição por alunos surdos de uma língua escrita, que representa a modalidade oral-auditiva, é algo que merece uma atenção especial, considerando-se ainda que a segunda língua apresentará vários estágios de interlíngua, isto é, no processo de aquisição do português, as crianças surdas apresentarão um sistema que não mais representa a primeira língua, mas ainda não representa a língua alvo. Apesar disso, estes estágios da interlíngua apresentam características de um sistema linguístico com regras próprias e vai em direção à segunda língua. A interlíngua não é caótica e desorganizada, mas apresenta sim hipóteses e regras que começam a delinear uma outra língua que já não é mais a primeira língua daquele que está no processo de aquisição da segunda língua. Na produção textual dos alunos surdos fluentes na língua de sinais, observa-se claramente esse processo. Em face ao exposto, este trabalho propõe uma análise, a partir de produções escritas de surdos, sobre as questões de interlíngua presentes nesses textos, considerando-se todas as especificidades próprias do aluno surdo, tendo ainda em vista que tais textos têm uma explicação lógica, científica, linguística, histórica, psicológica, sociológica, e que é frequentemente negada e não considerada.

ATIVIDADES DE REVISÃO: ASSUMINDO O PAPEL DE INTERLOCUTOR DO TEXTO
Marcilene Gaspar Barros (UFC)
Maria Elias Soares

Este trabalho tem como objetivo promover uma breve reflexão acerca do tratamento dado à etapa de revisão de textos em livros didáticos de língua portuguesa do 9º ano, considerando a importância da revisão para a reescrita de textos. Para isso, realizamos uma análise das propostas de atividades de revisão da seção dedicada à produção de textos. Inicialmente, selecionamos quatro livros de língua portuguesa do 9º ano (doravante L1, L2, L3 e L4) de diferentes editoras. Em seguida, realizamos levantamento a partir da seção Produção de Textos, comum a cada um dos livros, para verificar se nesta seção a escrita era considerada como processo que envolve diferentes etapas. Considerando que o foco do nosso trabalho é o tratamento dado à revisão, detivemo-nos em verificar se cada uma das unidades do livro atribuía orientações específicas a essa etapa e como o fazia. Nossa preocupação pautou-se em investigar como as atividades propostas para revisar o texto inserem o interlocutor neste processo e como fornecem orientações nesse sentido. Observamos que o trabalho envolvendo a etapa de revisão com foco na reescrita ou reformulação de textos, conforme abordado nos livros em questão pode ser classificado em três formas distintas: a) revisão individual; b) revisão em duplas; e c) revisão em grupos. Visando à reflexão sobre a revisão, compreendemos que as propostas de atividades auxiliam os alunos na reescrita de textos mais coesos e coerentes desde que sejam devidamente orientadas, visto que, como processo, o aprendizado de revisar textos precisa ser construído gradativamente. Nossas reflexões estão fundamentadas nos pressupostos teóricos de Bakhtin/Volochínov (2010) e Bakhtin (2010).

SESSÃO 15
LER E TECER: UM PROJETO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO
Hosana Cláudia Barbosa Borges (IFAL/UNEAL)
Marcos Henrique Lucena Serafim (IFAL)

Este projeto pretende desenvolver e aplicar métodos e ferramentas de leitura e produção de textos, que possam ser eficazes ao processo de desestabilização da precariedade discursiva dos alunos das primeiras séries dos cursos técnicos integrados do IFAL, especificamente no Campus Arapiraca. Como já foi detectado, há alunos que não conseguem articular elementos lingüísticos básicos, não os identificam, não os aplicam na dinâmica de fala cotidiana, nem tampouco os utilizam adequadamente na produção de texto. Nesse contexto, a natureza do projeto contém a premissa de provocar nos alunos uma competência discursiva que lhes falta para ler, compreender e produzir textos de vários gêneros. O aprofundamento com as artimanhas do texto auxilia na relação dualista sujeito/indivíduo, como bem refletem Berger & Luckmann , inexiste uma individualidade estanque, parada. Indivíduo e sociedade são entidades fechadas que se dualizam, de forma que o socialmente posto carece de reconhecimento nas instâncias introspectivas do indivíduo. Isso quer dizer que a criatura humana reflete o mundo externo a partir de uma interpretação própria, de uma reconstrução de imagens e sensações. Configuram como sujeitos deste projeto não só alunos dos cursos integrados do IFAL campus Arapiraca, mas também acadêmicos do curso de Licenciatura em Letras da UNEAL campus I – Arapiraca, estes atuando como monitores. Desta forma visualiza-se o exercício da prática pedagógica em um laboratório real, onde os acadêmicos de Letras possam criar e experimentar ferramentas em um exercício que faz a equação entre a carência linguística dos alunos do ensino médio integrado e a necessidade de práticas pedagógicas reais dos alunos da licenciatura em Letras.

A LEITURA NA ESCOLA: A AULA DE LÍNGUA MATERNA E A FORMAÇÃO DO LEITOR
Vilma Nunes da Silva Fonseca (UFT)

Esta comunicação visa a apresentar uma discussão acerca da prática de ensino de leitura na Educação Básica em escolas das redes estaduais do Tocantins. Parte-se do pressuposto de que ler é uma atividade extremamente complexa e exige do sujeito/leitor competência comunicativa e a ativação dos conhecimentos: sistêmico da língua (conhecimento linguístico), enciclopédico (de mundo) e interacional (KOCH, 2006). Comunga-se com a ideia de que a leitura se estabelece na

relação autor-texto-leitor, onde o sentido não está apenas no texto ou na decodificação do pensamento do autor, mas na interação texto-sujeitos, agentes sociais e interlocutores ativos no processo de construção de sentidos. Dessa forma, acredita-se que a formação de leitores no âmbito escolar está condicionada à concepção de língua, sujeito e leitura que orienta o trabalho pedagógico do professor de Língua Portuguesa. O percurso teórico aponta o estudo dos gêneros textuais/Discursivos na observância da produção científica relacionada à temática, nos trabalhos já publicados em Bakhtin (2003) e Marcuschi (2008). Pretende-se analisar, relacionar e compreender a concretude dos gêneros (principalmente, aqueles de maior interesse das crianças/adolescentes), identificando seus aspectos caracterizadores, estrutura e construção composicional, finalidade, o emprego da linguagem em funcionamento e o modo de realização da ação enunciativa, marcada socialmente por discursos, projeção de vozes e interlocuções. A pesquisa questiona como se dá o uso do texto em sala de aula, quais são os gêneros mais utilizados e a perspectiva adotada pelos docentes em relação aos objetivos de ensino de língua portuguesa.

PARA UMA PSICOFILOLOGIA DO LATINO-PORTUGUÊS
Thomas Daniel Finbow

Nesta apresentação demonstro como o conhecimento da psicolinguística e da fisiologia e psicologia experimental da leitura, do qual grande parte foi desenvolvido na procura de soluções para problemas associados com a alfabetização, o letramento e o ensino em geral, pode contribuir de maneira significativa a esclarecer algumas questões importantes atuais da vanguarda da pesquisa filológica românica. A integração de conceitos técnicos e abordagens metodológicas desenvolvidos na pesquisa sociolinguística à linguística histórica e à filologia tem-se revelado potencialmente revolucionária, especialmente no âmbito românico. Noções da coexistência de variantes, tanto na oralidade quanto na escrita, da natureza, da maneira e dos resultados eventuais de contatos socioculturais e linguísticos e as interpenetrações mútuas de diversos letos têm transformado os estudos históricos nos tempos recentes em uma área de pesquisas de vanguarda, revigorando uma área de investigação que sofria antes de um certo desprezo por se tratar de um campo de estudo em que a maioria das grandes questões de interesse geral haviam sido "essencialmente" resolvidas há tempos e, por conseguinte, o referido campo parecia pouco estimulante, pouco inovador e um tanto "empoeirado", por assim dizer. Seguindo na tradição dessa disciplina sociofilológica, que contribuiu de maneira tão significativa para catalisar o "renascença" da filologia românica, sustento que determinadas questões levantadas pelo uso da própria sociofilologia para interpretar dados advindo do âmbito da linguagem tabelional alto-medieval ibérica não podem ser solucionadas unicamente com a aplicação de análises do tipo sociolinguístico. Para avançarmos nosso entendimento do fascinante mundo do latim tardio antes do surgimento das primeiras ortografias especificamente românicas na virada do séc. XII para o séc. XIII, tema de relevância crucial para a compreensão das origens da língua portuguesa, é preciso estender a esfera a partir da qual apropriamos nossas orientações metodológicas e nossos dados materiais. Por se tratar principalmente do estudo de problemas relativas à interpretação de textos escritos, como o funcionamento da comunicação vertical e as relações entre a realização oral e a forma ortográfica, a investigação de tais temas escrito-linguísticos pede o desenvolvimento de uma abordagem multidisciplinar "psicofilológica" em que se misturem harmoniosamente as abordagens filológicas tradicionais, um conhecimento aprofundado da história externa da língua e respectivas condições socioculturais, as contribuições da sociofilologia e as últimas descobertas da psicolinguística e da psicologia experimental.

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

SESSÃO 1
CRENÇAS SOBRE GRAMÁTICA: COM A PALAVRA, OS PROFESSORES
Camilo Rosa Silva (PROLING/ UFPB)

Neste trabalho, enfocamos o conceito de *crenças,* estabelecendo relações com o fazer pedagógico, visando alcançar respostas para questões como: Que crenças estão implícitas nas decisões do professor sobre o ensino de gramática? O que essas crenças revelam sobre o próprio professor e sobre o ensino que ele pratica? Para chegar às respostas esperadas, prestamos atenção à prática docente, especialmente aquela voltada para o ensino de gramática. O entendimento que se tem sobre crenças modela-secomo uma construção sociocognitiva dentro da qual se elaboram opiniões a respeito de determinado assunto. O uso do termo, na perspectiva ora ativada, está relacionado à construção de elaborações cognitivas, afetivas, socioculturais, entre outras, a respeito de um determinado tema. O estudo lança mão dos conceitos de crenças tais como se encontram em Barcelos e Kalaja (2003) e Madeira (2005). A reflexão aqui aventada nutre-se da observação presencial e da leitura do que nos disseram professores da rede municipal de ensino de João Pessoa-PB, participantes do projeto de formação continuada Ações de Linguagem em Língua Portuguesa (ALLP). Assumimos, de antemão, que a análise da prática pedagógica, considerando suas motivações, seus condicionamentos e demais fatores relacionados a sua constituição, está diretamente relacionada ao reconhecimento de que a atuação do professor é determinada pela qualidade – boa ou precária – de sua formação e pelas crenças que foi construindo (e que o foram constituindo) ao longo de sua vida. A análise dos depoimentos coletados sugere-nos que, a despeito da aquisição de novos conhecimentos teóricos, as crenças se manifestam velada ou explicitamente e são ingredientes que temperam a essência do professor e de sua prática cotidiana.

CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO DA UNILAB
Geórgia Maria Feitosa e Paiva (UFC/ UNILAB)
Socorro Cláudia Tavares de Sousa (UNILAB)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Elias Soares (UFC/ UNILAB)

A presença da disciplina Língua Portuguesa em cursos de graduação que não sejam aqueles que tenham relação direta com o estudo da linguagem humana (como o de Letras, por exemplo) é uma realidade no ensino superior brasileiro. Essa disciplina assume diferentes configurações em matrizes curriculares de diferentes áreas do conhecimento, seja por sua forma de nomeação (Língua Portuguesa, Português Instrumental, etc.), seja pelas propostas de ensino que ancoram diferentes concepções de língua. Tal fato parece indicar a preocupação das instituições de ensino superior com o ensino da leitura e da escrita. Considerando a importância desse componente curricular no processo de formação dos estudantes, buscamos investigar a concepção de lingua(gem) dos alunos dos cursos de graduação da UNILAB (Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira). Para a realização deste objetivo, foram aplicados questionários aos estudantes dos cursos de Administração Pública, Agronomia, Engenharia de Energias, Enfermagem e Licenciatura em Ciências e Matemática. Realizamos uma análise de natureza qualitativa, selecionando excertos das declarações mais representativos das diferentes concepções de lingua(gem). Os resultados mostraram que a maioria dos alunos ao adentrar a universidade tinha a percepção de que a língua portuguesa era apenas um conjunto de regras a ser seguido, mas ao entrar em contato com novas concepções acerca das variedades linguísticas, preconceito linguístico e com a leitura e produção de diferentes gêneros textuais essa percepção modificou-se. Assim, concluímos que o ensino de Língua Portuguesa na Universidade é indispensável para a formação crítica e reflexiva sobre a própria língua independente da área ao qual o curso está inserido.

O DOCUMENTO REORIENTAÇÃO CURRICULAR DE LÍNGUA PORTUGUESA DA SEE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (2006): UM TRABALHO COM OS GÊNEROS
Vanessa Souza da Silva (Doutoranda/UERJ)

O presente texto é fruto da minha dissertação de mestrado e objetiva compreender como o documento Reorientação Curricular de Língua Portuguesa, proposto pela Secretaria de Estado de Educação do Estado do Rio de Janeiro, e entregue às escolas em 2006, trabalha com os gêneros e sua eficácia no ensino da língua materna. Este estudo toma como estratégia metodológica a análise documental e mostra que o documento utiliza os gêneros do discurso como objeto de ensino. Este estudo é suma importância, porque o documento apresenta a concepção dialógica de linguagem, de M. Bakhtin, como arcabouço teórico, os gêneros como objeto de ensino e o texto a unidade de ensino da educação básica, objetivando o letramento dos alunos da educação básica estadual (RJ). Tendo em vista que a escola deve munir o aluno de ferramentas para interagir em variados ambientes de letramento, interessa-me, neste texto, observar como o documento Reorientação Curricular de Língua Portuguesa (RJ) apresenta e desenvolve no seu discurso oficial o trabalho com os gêneros, tendo como referência o conceito de *gêneros do discurso* desenvolvido por Bakhtin. Na primeira parte, apresento a caracterização do documento Reorientação Curricular de Língua Portuguesa (RJ), contextualizando o objeto investigado. Na segunda parte, desenvolvo o arcabouço teórico, observando como o conceito de gêneros do discurso é discutido por M. Bakhtin e, finalmente, investigo como a proposta curricular em estudo apresenta e desenvolve a questão dos gêneros em seu discurso oficial.

O ENSINO DE LÍNGUA SOB UMA CONCEPÇÃO ENUNCIATIVA DA LINGUAGEM
Marcos Luiz Cumpri (UNESP)

Desde que se admitiu (e isso ficou bem marcado nos Parâmetros Curriculares Nacionais no final da década de 90) que o ensino de língua pouco seria eficiente se o texto não for posicionado como sua principal unidade, uma lacuna ainda parece não ter sido minimamente preenchida nesse cenário: como lidar com a variação radical entre a experiência de cada sujeito e a experiência coletiva? Em termos menos pedagógicos, como conciliar processos de constituição de identidade (entre eles, a própria contradição na escrita) e de alteridade (entre eles, a própria formação educacional)? Posto isso, o objetivo deste trabalho é fornecer alguns subsídios para discutir essa questão e para fazer uma abordagem genuinamente interdisciplinar no ensino de língua portuguesa em que a separação entre psicologia (o eu) e sociologia (o outro) seja substituída por uma discussão de ordem sociopsicológica (o diálogo) que é a que realmente propicia uma formação educacional de base antropológica e que dá aos sujeitos estatuto e liberdade. Estatuto porque é por meio do diálogo com o outro que cada sujeito se equilibra e se define. Liberdade porque é esse mesmo diálogo que o permite fazer parte dos processos que constituem os significados. Para a consolidação de nossa meta, nos aportamos em alguns conceitos do linguista A. Culioli que defende a tese da indeterminação da linguagem e da articulação fundamental entre léxico e gramática e coloca a atividade da linguagem (epilinguística e metalinguística) como pano de fundo para o estudo da linguagem. Como material de análise, trazemos alguns textos escritos por alunos de nível médio para mostrarmos que a veracidade do ensino reside exatamente nesse espaço hibrido em que a dimensão social e a particular coexistam a fim de remeter os sujeitos a um nível mais sofisticado e mais sensível de expressividade linguística.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA À LUZ DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO
Francisca Tarciclê Pontes Rodrigues (PROTEXTO/UFC/IFCE)

O presente trabalho pretende analisar as orientações teórico-metodológicas para o ensino de língua portuguesa apresentadas nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, um documento oficial produzido para preencher lacunas

apontadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Para a consecução desse propósito, toma como objeto de análise os exemplos mostrados como ilustrações sobre como podem ser abordados os objetos de ensino e aprendizagem de língua portuguesa. Com o pressuposto de que as Orientações Curriculares para o Ensino Médio defendem como projeto educativo o desenvolvimento de letramentos múltiplos, essa pesquisa fundamenta-se nos estudos do Letramento, da Pedagogia Crítica, da Linguística Textual e das Teorias da Enunciação a partir dos quais se apresentam os procedimentos metodológicos propostos no documento. A conjunção desses referenciais teóricos é prova de que os objetos de ensino de língua portuguesa são tomados à luz de diferentes abordagens: linguística, cognitiva, discursiva, interativa, pragmática, sociológica e filosófica, por isso adotou-se como percurso metodológico a pesquisa de cunho interpretativista com prioridade para a análise dos pressupostos teóricos adotados e suas respectivas explicações apresentadas nas ilustrações, com vistas a explicitar as formas de operacionalizar as orientações dadas. A análise dos dados permite concluir que os objetos de ensino legitimados nas orientações curriculares para o ensino médio passam a ser a leitura, a escrita, a fala e a escuta considerados especificamente em situações de interação em que se dá a construção de sentidos, por isso as orientações teórico-metodológicas privilegiadas tratam do conjunto de aspectos linguísticos, textuais, cognitivos, discursivos envolvidos na produção e na recepção de textos.

SESSÃO 2

AS CONCEPÇÕES DE GRAMÁTICA PRESENTES NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA "A ESCOLA É NOSSA"

Andréia Araújo da Nóbrega (UFPB)
Camilo Rosa Silva(UFPB)

O livro didático de língua portuguesa representa uma ferramenta fundamental nos processos de alfabetização, de ensino e prática de linguagem por trabalhar uma diversidade de formas, estruturas e gêneros textuais. Entretanto, a gramática vem sendo trabalhada de forma compartimentada pelo livro didático, como um módulo à parte da análise linguística. Esse modelo de trabalho pode refletir sobre o modo como o professor concebe o conteúdo gramatical. Dessa forma, emerge o seguintes problemas: a concepção de gramática do livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental é coerente com o que os PCNs propõem? Que aspectos teóricos o livro contempla? Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar a concepção de gramática presente no livro de Língua Portuguesa "A Escola É Nossa" utilizado no quinto ano do ensino fundamental das escolas municipais da cidade de Caicó-RN. Delimitamos nossa análise ao 5º ano por representar o ano de transição do ensino fundamental menor para o ensino fundamental maior. Isolamos o módulo gramatical do livro, identificamos a concepção gramatical que este veicula em comparação aos objetivos propostos pelos PCNs, verificando se há uma restrição do tratamento que simplifica o conteúdo gramatical em descrição. O aporte teórico para a realização desta pesquisa encontra-se em Neves (1997; 2002); nos trabalhos de Christiano, Silva e Hora (2004; 2006) e Silva (2007).

OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E SUAS APLICAÇÕES NO CURSO DE LETRAS/PORTUGUÊS DO CAMEAM/UERN

Francisco Fransueldo da Costa Soares (UERN)

Nas últimas décadas, a preocupação com as metodologias de ensino de língua portuguesa e a sua aplicabilidade em atividades de leitura, ensino de texto e prática de análise linguística vem sendo o foco de investigação de inúmeros pesquisadores. Como Geraldi (1991), Dolz e Scheneuwly (1996), estes apresentam essa preocupação em seus trabalhos, os quais propõem metodologias e procedimentos para o ensino de língua materna, especialmente no que diz respeito ao modo como essas metodologias se apresentam em seus documentos. Neste trabalho escolhemos pesquisar sobre as metodologias de ensino de Língua Materna existentes nos Parâmetros curriculares nacionais (PCNs), e suas repercussões no curso de Letras. Temos como objetivo nesse trabalho investigar as propostas metodológicas de ensino de língua materna no curso de Letras, considerando a relação entre o PPC de Letras e o PCNs. Para tecermos algumas considerações a respeito da temática, nos repartamos nas palavras de Geraldi (1991), nos PCNs (1998) e, em obras mais recentes, como Rojo (2000). Temos para verificação, já que esta é uma pesquisa em andamento, a análise e interpretação de dois documentos oficiais, um do governo federal e o outro do campus local, nos quais em análise preliminar demonstram certo distanciamento, no que compreende a ausência de eixos organizacionais de conteúdos, trazidos pelos PCNs, que se encontra ausente do curso de licenciatura em Letras/Língua portuguesa. Portanto, a partir desses pressupostos teóricos, pesquisaremos sobre "As metodologias de ensino de língua materna", no objetivo de investigar as propostas metodológicas de ensino de língua materna no curso de Letras, considerando a relação entre o PPC e o PCNs.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: REPRESENTAÇÕES DE PCN DE LÍNGUA PORTUGUESA

Raimundo Nonato de Pádua Câncio

Esta comunicação contém resultados de uma pesquisa que analisou a formação do professor com base nos PCN de Língua Portuguesa em um município paraense, e as representações que os docentes possuem desse documento, adotando como base empírica a formação recebida, no ano de 1999, e os documentos que orientavam as ações. Buscando embasamentos nos estudos de autores que discutem e formação de professores de língua materna e nos estudiosos que trabalham na perspectiva da Teoria das Representações Sociais, desejou-se delinear como os professores, na tentativa de compatibilização entre as práticas tradicionais e as novas orientações teórico-metodológicas, (re)constroem conceitos e ideias a partir dos saberes construídos nas experiências cotidianas vividas, tendo como referência os PCN de Língua

Portuguesa para as séries finais do ensino fundamental. Com este estudo refletimos sobre as práticas e desvelamos as representações docentes que definem os PCN após mais de uma década de vivência teórica e prática. Os dados apontam problemas na organização do processo de formação e as representações revelam os PCN como "modismo" ou como nova possibilidade de olhar o currículo.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: A PROPOSTA DO PROGRAMA GESTÃO DA APRENDIZAGM ESCOLAR
Geisa Borges da Costa

Nos últimos anos, as propostas oficiais de ensino, como os Parâmetros Curriculares Nacionais vem tentando inserir a variação linguística no currículo das escolas da educação básica, reconhecendo que a diversidade linguística é um fenômeno presente em todas as línguas, cabendo à escola cuidar para que essa variedade linguística não se transforme em discriminação linguística. Entretanto, mesmo diante dessa orientação e da existência de vários estudos teóricos sobre o tema, ainda são reduzidas as investigações voltadas para a aplicação pedagógica dessa proposta, ou seja, para a questão de como os professores devem aplicar os conhecimentos advindos dessas pesquisas no âmbito das aulas de língua portuguesa na educação básica, já que mesmo os Parâmetros Curriculares Nacionais não deixam claro qual o tratamento didático que deve ser dado a essa questão pelo professor. Desse modo, na prática, o professor ainda encontra muita dificuldade em realizar atividades didáticas que prezem pelo reconhecimento da diversidade linguística, sem desmerecer ou supervalorizar alguma variante da língua. Assim, o que se observa é uma angústia por parte dos professores que sabem a importância de promover uma educação linguística na sala de aula, mas não sabem como fazê-lo, já que a grande maioria dos livros didáticos também não tratam dessa questão de uma forma adequada. O objetivo deste trabalho é apresentar algumas sugestões para o estudo da variação linguística no ensino fundamental, inseridas na proposta do material desenvolvido pelo MEC para o Programa Gestão da Aprendizagem Escolar, um curso de formação continuada cujo princípio é a busca da articulação entre teoria linguística e prática pedagógica, tendo como foco a linguagem enquanto fenômeno sociocultural. As atividades sugeridas pelo programa mostram que é possível trabalhar com a variação linguística, através de propostas didáticas significativas em que se privilegia o uso da língua enquanto atividade social e comunicativa.

INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: DESCRIÇÃO GRAMATICAL OU REALIDADE LINGUÍSTICA?
Neila Maria Oliveira Santana (UNEB)

A realidade linguística brasileira tem motivado a elaboração de relevantes trabalhos acadêmicos sobre fenômenos linguísticos variáveis no Português do Brasil (PB), entre os quais se encontram estudos a respeito dos recursos de indeterminação do sujeito que podem ser utilizados pelos falantes (MILANEZ, 1982, CUNHA, 1993, MENON, 1994, SETTI, 1997, CAVALCANTE, 1999, SANTANA, 2006, entre outros). Os resultados desses estudos podem contribuir para o ensino de língua portuguesa em sala de aula, uma vez que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998), o ensino de português deve ter como ponto de partida a língua em uso e a reflexão sobre ela, não só com o intuito de dar conta da variação que se manifesta em diferentes componentes do sistema linguístico, como também de possibilitar a comparação dos fenômenos linguísticos verificados nas modalidades falada e escrita da língua, considerando os aspectos geográficos, históricos e sociais, e a situação de interlocução. Este trabalho tem como objetivo verificar se os livros didáticos de português (LDP) levam em conta os resultados de pesquisas científicas na exposição da indeterminação do sujeito e se estes livros seguem as orientações dos PCN quanto à prática de análise linguística. Para isso, pretendem-se analisar coleções de LDP aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/PNLEM), do Ministério da Educação (MEC), utilizadas no ensino fundamental e no ensino médio, períodos de escolarização em que ocorre o estudo sistemático desse conteúdo. Após análise, foi possível observar que os LDP expõem a indeterminação do sujeito de uma forma descontextualizada e sem levar o aluno à reflexão sobre o funcionamento da língua, não permitindo, portanto, o reconhecimento dos diversos recursos que podem ser utilizados para indeterminar o sujeito em português. Dessa forma, conclui-se que, apesar dos resultados das pesquisas realizadas nos meios acadêmicos e das orientações dos PCN, de maneira geral, as coleções examinadas reproduzem a descrição gramatical tradicional e não abordam o fenômeno investigado de forma a apresentar os diversos recursos de indeterminação que os usuários da língua podem utilizar.

SESSÃO 3
CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM, LÍNGUA E GRAMÁTICA: UMA ANÁLISE NOS TEXTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS
Célia Maria Medeiros Barbosa (UnP)
Gyrlene Ester de Souza Medeiros (UnP)
Jerônimo Rocha Neto (UnP)

Os documentos oficiais sinalizam que um dos principais objetivos para o ensino de língua materna, no nível médio, é desenvolver a capacidade de o aluno usar a língua nas diversas situações comunicativas. Isso significa, de acordo com esses documentos, que o discente necessita saber adequar seu discurso nas mais variadas situações interativas da linguagem, a fim de que se torne um falante competente. No entanto, percebemos que a forma em que o ensino de português se configura, hoje, não possibilita ao aluno desenvolver a sua capacidade de interação, pois o estudo de língua portuguesa ainda está pautado em uma concepção de língua e gramática centrada no uso da língua pela língua. Entendemos, pois, que um dos grandes equívocos encontrados é a utilização de textos didático-pedagógicos, cujas concepções enfatizam uma visão precipitada sobre o aspecto gramatical, tratando-o como o objeto de estudo, ou seja, o aspecto estrutural é considerado

como o principal ponto a ser abordado. Diante dessa realidade, este trabalho tem como objetivo analisar as concepções de linguagem, língua e gramática abordadas nos textos didático-pedagógicos utilizados nas aulas de português, especificamente aquelas que se voltam para o trabalho com as questões de língua, em uma turma de primeira série de uma escola pública de Ensino Médio Profissionalizante. Para a análise dos textos, adotamos conceitos ligados à terceira concepção de linguagem, de língua e de gramática, retirado do nosso referencial teórico, em que a linguagem é vista como uma forma ou processo de interação, a língua como uma atividade interativa e a gramática como regularizadora dessa interação (cf. GERALDI, 2006; POSSENTI, 1996; TRAVAGLIA, 2008). A nossa metodologia se configura como qualitativa com procedimentos etnográficos. Desse modo, este estudo nos apontou que as questões de língua ainda são trabalhadas nos textos didático-pedagógicos, utilizados na aula de português, de forma prescritiva e normativa, em que se privilegia, apenas, a variedade padrão da língua. Em decorrência disso, de acordo com os PCNEM e do referencial teórico que embasou o nosso trabalho, esses textos não se mostraram suficientes para desenvolver a competência comunicativa dos alunos.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS
Erika Fonseca Maciel

O ensino de língua portuguesa nas escolas, seja como língua materna, seja como língua estrangeira, é comumente associado ao ensino de gramática. Privilegia-se o que é "certo" na aprendizagem do português, desconsiderando o trabalho com a língua numa perspectiva intercultural e crítica ou que vá além das simples questões linguísticas. A tarefa de levar para os aprendizes um ensino/aprendizagem mais voltado para os aspectos extralingüísticos, que contemple os elementos sociais e culturais e que respeite as diferenças existentes em sala de aula e, num contexto mais amplo, em sociedade, é bastante árdua, visto que há uma rejeição significativa àquilo que foge ao estabelecido como "correto" e "útil" no ensino de línguas. É importante ressaltar que esta rejeição pode vir de praticamente todos os lados: instituição de ensino, colegas de profissão, alunos e suas famílias. Há uma cobrança incansável pelo "conteúdo", pelo "assunto", e considera-se inútil tudo aquilo que não faz parte do programa da disciplina. Diante desta situação, procuro observar, através de aportes teóricos e avaliações práticas, o que um grupo de alunos do primeiro ano do Ensino Médio espera da aula de língua portuguesa, e se a forma com a qual a disciplina está sendo trabalhada corresponde aos seus anseios. A partir dos dados gerados, estabeleço uma ponte entre as expectativas dos alunos e o modo como o português vem sendo tradicionalmente ensinado em sala de aula. Em seguida, apresento, de forma crítico-reflexiva, os possíveis desdobramentos que podem favorecer o ensino/aprendizagem em língua portuguesa que abarque não só estruturas lingüísticas, mas que também favoreça a formação plena do aluno cidadão.

APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA POR SUJEITOS SURDOS: REFLEXÕES PRELIMINARES.
José Edmilson Felipe da Silva (CENEP)
Maria Helena Cunha Malta de Carvalho (CENEP)

Os estudos destinados à análise de produções escritas de sujeitos surdos caracterizam essa escrita como construções atípicas, e que pela sua natureza e forma, causam estranheza ao olhar examinador do leitor ouvinte, não acostumado ou não-conhecedor das especificidades da escrita desses sujeitos. Afirmam os pesquisadores que a diferença entre uma produção escrita por um sujeito ouvinte e uma própria de sujeito surdo, se aplica não somente ao pouco conhecimento a respeito da Língua Portuguesa, devido a poucas experiências proporcionadas aos surdos nessa modalidade, como também pela interferência da língua de sinais no processo de produção textual. Em recentes estudos sobre o tema, Fernandes (1990) e Góes (1999) constataram que os textos dos surdos são de construções atípicas, pelo fato desses textos apresentarem vários desvios de regras de construção do português gramaticalmente aceito como correto, tais como: uso inadequado, ou omissão da terminação verbal, não correspondente ao verbo, inconsistência de tempo e modo verbal; flexão inadequada de gênero ou adjetivos e artigos, uso incorreto do pronome pessoal do caso oblíquo etc. Com base na bibliografia produzida por diversos pesquisadores que nos antecederam no estudo do fenômeno, alguns já mencionados aqui, examinamos a produção escrita de alguns sujeitos surdos e confirmamos, pela análise posterior dos exemplos colhidos, as especificidades presentes na forma de escrita desses sujeitos. Os "desvios" encontrados devem ser concebidos como características básicas em produções escritas de aprendizes de segunda língua, que é o caso dos sujeitos surdos em relação à Língua Portuguesa, As implicações no processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa escrita para o alunado surdo, o que inclui a sua avaliação, ainda não foram plenamente assimiladas pelos educadores, pois são manifestas no cotidiano escolar práticas incoerentes com os novos achados.

O ETHOS DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA
Edmar Peixoto de Lima
Gilton Sampaio de Souza

Ao proferir um discurso, entendemos que o orador se propõe a defender uma tese, com vistas a atingir seu interlocutor e por esta razão, compreendemos que na ação de discursar, o orador, também, apresenta características, na sua fala, que leva o seu auditório à construção de uma imagem de si. Em outras palavras, o orador, ao expressar ideias por meio dos discursos, deixa marcas que possibilitam a construção do seu ethos pelo auditório. Sendo assim, pretendemos, neste trabalho, investigar quais os ethos que os docentes que ministram as disciplinas voltadas às metodologias de ensino de Língua Portuguesa nos cursos de graduação em Letras revelam quando discutem a importância destas disciplinas para a formação do professor. Para tanto, tomamos como fundamentação a teoria da Nova Retórica (PERELMAN E TYTECA, 2005) e os estudos realizados

na área (SOUZA, COSTA, 2009, MEYER, 2007; REBOUL, 2002). O corpus utilizado nas análises faz parte do banco de dados do PROCAD - Projeto de Cooperação Acadêmica: "Disciplinas das licenciaturas voltadas para o ensino de Língua Portuguesa", financiado pela CAPES (2008-2012), constitui numa investigação envolvendo três universidades brasileiras, quais sejam: UERN, USP e UFMA. Portanto, delimitamos, então, para este trabalho, as entrevistas realizadas com três professores que fazem parte da pesquisa, sendo que, elegemos, dentre as questões interrogadas aos docentes, àquelas que pudessem nos possibilitar o entendimento dos ethos revelados por estes docentes. Entre os resultados destacamos que, de modo geral, os professores revelam um ethos de transformação, de alguém responsável por realizar mudanças, mas que também se considera um aprendiz, haja vista se colocar na posição de quem, também, aprende em sala de aula. Os docentes ressaltam, ainda, a importância da disciplina na formação do professor, logo, como docentes das disciplinas, consideram as ações desenvolvidas como extremamente úteis à formação do professor e, a nosso ver, se revelam como professores indispensáveis ao crescimento acadêmico dos graduandos. Consideramos estas discussões relevantes pelo fato de que são as vozes dos docentes que estão em sala de aula que aqui se apresentam e, portanto, estão autorizados a discutirem esta temática.

SESSÃO 4

O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA CENTRADO NOS GÊNEROS TEXTUAIS EM TURMAS DO 1º AO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Suzan Kelly Negromonte de Oliveira (UFPB)

O presente trabalho tem por objetivo relatar algumas situações didáticas centradas nos gêneros textuais delimitados no artigo. O processo de ensino-aprendizagem da língua materna, como expõe os PCN`s, deve pautar-se no contexto da compreensão, produção e análise textual. Portanto, adotamos a concepção teórica do InteracionismoSócio-Discursivo (ISD) da linguagem, o qual considera a língua como uma atividade social, cognitiva e histórica delimitada conforme as práticas socioculturais estabelecidas nas várias situações comunicativas. Para tanto, utilizamos a perspectiva do estudo dos gêneros propostos por Bronckart (1999,2006), Dolz&Schneuwly (2004), Bakhtin (1992), Marcuschi (2003,2008), Antunes (2003, 2007, 2009), Signorini (2006, 2008) e outros. É preciso preparar os educandos para interagir nos diversos meios sociais e culturais; sendo assim, torna-se imprescindível priorizar nas aulas de língua portuguesa os gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos. Apenas dessa maneira o educando saberá utilizar com propriedade e segurança o gênero adequado a cada ato comunicativo; uma vez que apenas o ensino das normas e regras gramaticais não é capaz de preparar o indivíduo para interagir eficazmente em nossa sociedade. A presente pesquisa foi realizada nas turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede particular do estado de Pernambuco. Para validar este estudo, utilizamos os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo, exploratória e que recorre aos critérios de análise qualitativa. Como resultado desta reflexão, acreditamos ser possível que esta nova abordagem metodológica do ensino da língua materna forme cidadãos críticos capazes de utilizar a língua como um instrumento de interação nos vários eventos sócio-comunicativos; situação esta que o ensino pautado só na gramática não é capaz de desenvolver.

OS TEXTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS NA AULA DE PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

Célia Maria Medeiros Barbosa da Silva (UnP)
Klaryssa Pinheiro Gurgel de Freitas (UnP)

A forma como o processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa se desenvolve possui uma estreita relação com a maneira como se concebe linguagem, língua e gramática. Por isso, a concepção que se tem dessas definições é tão importante. Assim sendo, o objetivo geral deste trabalho é analisar qual é a concepção de linguagem, língua e gramática dos textos didático-pedagógicos, trabalhados por uma professora de português, com alunos da primeira série do ensino médio, em uma instituição da rede particular de ensino, na cidade de Natal-RN. Visando atingir esse objetivo, utilizou-se uma metodologia qualitativa do tipo etnográfica. Nesse sentido, foram consideradas três formas de se conceber a linguagem, que possuem como correlatas diferentes concepções de língua e de gramática. A primeira, compreende a linguagem como expressão do pensamento, enquanto que a segunda, vê a linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para a comunicação. Já a terceira, concebe a linguagem como forma ou processo de comunicação. Após a realização deste trabalho, pode-se verificar que a concepção de linguagem, língua e gramática, expressa nesses materiais, não está em conformidade com àquela proposta pelos documentos oficiais, uma vez que, não há uma valorização da dinamicidade da língua de acordo com as diferentes situações contextuais. Pode-se considerar, portanto, que os textos didático-pedagógicos analisados ainda apresentam, de maneira geral, concepções "engessadas" de linguagem, língua e gramática, que desconsideram as necessárias adequações às mais diversas situações de interação comunicativa e supervalorizam o uso da norma padrão da língua.

REPRESENTAÇÕES DE DOCENTES SOBRE SEU PAPEL NO PROCESSO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ATORES OU AGENTES?

Alessandra Preussler de Almeida (UNISINOS/RS)
Ana Maria de Mattos Guimarães (UNISINOS/RS)

O presente trabalho é uma apresentação parcial da pesquisa a respeito da atuação profissional de professores de língua portuguesa no ensino fundamental de escolas públicas de uma cidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, a qual decorre de um projeto bem mais amplo de formação continuada e cooperativa para professores graduados em Letras. Pretendemos identificar os fatores relevantes para a constituição do docente como um ator no processo de ensino, a partir da

observação do trabalho real (Bronckart, 2006) desenvolvido com turmas dos anos finais do ensino fundamental. Para abordar a realidade do trabalho educacional, valemo-nos do arcabouço teórico-metodológico do InteracionismoSocio-discursivo, o qual lança o olhar científico para as questões pertinentes ao agir veiculadas à situação de trabalho. Sob essa perspectiva, entendemos que o trabalho de ensinar requer a incorporação, por parte dos trabalhadores da educação, dos atributos, do preparo e do esforço necessários para a execução do agir nas relações de sala de aula, o que os torna atores no contexto em questão. Para Bronckart (2008), o termo ator indica aquele que possui capacidades, motivos e intenções, enquanto o termo agente está associado àquele que é desprovido de tais atributos. Para que o professor possa assumir o seu papel de ator na interação de sala de aula e para que os alunos desenvolvam as habilidades linguísticas da leitura e da escrita, propomos que o ensino de língua na escola aconteça através de um projeto pedagógico embasado no conhecimento e na produção de diversos gêneros textuais. Com o intuito de apresentar parte da pesquisa que esta em processo, trazemos um recorte que se refere à terceira dimensão do plano geral de pesquisa bronckartiano, o trabalho representado pelos actantes, que se configura pela avaliação do trabalho feita pelos próprios profissionais, através de uma entrevista respondida antes da aplicação do projeto pedagógico. A entrevista faz com que os professores reflitam e comentem sobre sua prática, sobre concepção de língua e de ensino de língua materna, sobre currículo escolar, sobre metodologia de ensino e sobre avaliação discente.

REPENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA ATRAVÉS DE GÊNEROS TEXTUAIS
Alessandra Preussler de Almeida (UNISINOS/RS)
Ana Maria de Mattos Guimarães (UNISINOS/RS)

Este trabalho traz reflexões sobre o projeto que se propõe a produzir conhecimento e interagir no processo educativo de leitura e produção escrita do sistema formal de ensino do município de Novo Hamburgo, RS. Para tal fim, é proposto um processo de formação continuada cooperativa, em que o letramento acadêmico dos formadores entra em interação com a prática social dos professores e seus alunos, com vistas ao desenvolvimento de propostas didático-pedagógicas que formem um novo educador apto ao manejo crítico do conhecimento, capaz de estar à frente dos desafios educacionais do terceiro milênio. Espera-se que, ao término dos quatro anos do projeto, professores de Língua Portuguesa da Educação Básica e pós-graduandos estejam em ação na sala de aula com práticas renovadas e voltadas para a construção de objetos de ensino relacionados à leitura e produção textual, contribuindo para o crescimento dos índices oficiais do município. A base desse processo de formação encontra respaldo em uma concepção interativa de linguagem, a partir da qual é introduzida a noção de gênero, que servirá como âncora para a co-construção de propostas didáticas. Partimos do princípio de que a língua atua como instrumento de mediação dos comportamentos humanos. Tendo como ponto de partida o trabalho desenvolvido pela equipe de Didática de Línguas da Universidade de Genebra (cf. Schneuwly e Dolz , 2004), a partir do princípio de que "é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes", passa-se a discutir a possibilidade de ampliação do que esses autores chamam de sequência didática, no sentido de colocar a produção de leitura lado a lado com a produção textual. Diferentemente do proposto pelo grupo de Genebra, o presente projeto, ao atribuir ao processo de leitura a mesma importância do processo de produção textual, dá-lhe um detalhamento semelhante. Os módulos ou oficinas pensadas para cada projeto pedagógico proposto trarão atividades de leitura que encaminharão a produção textual. A ideia é de desenvolver um projeto didático de gêneros como um guarda-chuva para, a partir de uma escolha temática, trabalhar-se um ou mais gêneros em um dado espaço de tempo.

SESSÃO 5
A ORALIDADE EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE ABORDAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS
Emanuele de Souza Pacheco (UFPE)
Ester Suassuna Simões (UFPE)
Laís Maria de Melo Álvares Felix Rosal (UFPE)

A oralidade foi, por muito tempo, esquecida quanto objeto de ensino sistemático na aula de língua portuguesa. Tal realidade se deveu à falsa ideia de oposição entre fala e escrita, sendo a primeira associada à falta de planejamento e espontaneidade, e, assim, encarada como conhecimento já dominado pelo aluno e de abordagem desnecessária em sala de aula. No entanto, desde a década de 80, quando a linguagem passa a ser estudada numa perspectiva interacionista, a oralidade vem sendo trabalhada em um contínuo com a escrita, mais ou menos formal a depender da situação de interação na qual seja utilizada. Assim, o ensino de oralidade passou a ter maior importância e a ser mais constantemente objeto de pesquisas científicas. Tendo em vista esses aspectos, objetivamos estabelecer relações entre as conclusões de três pesquisas realizadas em programas de pós-graduação no Brasil no que diz respeito à presença da oralidade e dos gêneros orais em livros didáticos de língua portuguesa, e à forma como esses são abordados, principalmente em relação aos objetivos traçados pelos PCNs e pelo PNLD. Para isso, utilizamos, como principais teóricos, Geraldi (2006), que aborda as diferentes concepções de linguagem; Marcuschi (2003) e Bakhtin (2000), que tratam dos gêneros textuais; Milanez (1993) e Cavalcanti e Marcuschi (2005), que abordam as concepções de oralidade; e Dolz, Schneuwly e Haller (2004), que trazem a questão do trabalho com os gêneros orais na sala de aula de língua materna. Observamos, nas três pesquisas, a presença da oralidade nos livros didáticos analisados pelas autoras. No entanto, aponta-se uma problemática em relação à forma como a oralidade e os gêneros orais são abordados: muitas vezes, se fazem presentes ainda como meio para a aprendizagem de outros conteúdos da língua. Apesar disso, as autoras

encontram também alguns exemplos de propostas de trabalho sistemático com gêneros orais formais públicos, o que mostra a consciência de que o conteúdo abordado na escola deve ultrapassar o conhecimento prévio dos alunos. No caso do trabalho com a oralidade, é preciso lhes possibilitar novas experiências para que, quando necessário, se adequem às distintas situações em que a modalidade oral é exigida.

INTERAÇÃO PROFESSOR - TUTOR - ALUNO: PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DE LINGUA PORTUGUESA NO AMBIENTE VIRTUAL.
Joelma Xavier Sousa Bandeira (UFPB)

Neste artigo pretendemos refletir sobre a interação entre os envolvidos no processo ensino aprendizagem de língua portuguesa no ambiente virtual, visto que esta é de certa forma uma nova experiência para todos que estão inseridos neste processo visando uma aprendizagem mesmo quando não há a presença física do professor. Para tanto tomaremos como bases teóricas a visão sócio-interacionista apresentada por Vygotsky (1988), a qual mostra o professor como facilitador e orientador da aprendizagem e ainda as relações dialógicas apresentadas por Bakhtin (2009), onde vemos que estas vão além do diálogo face a face, apresentando-se de várias maneiras, inclusive no ambiente virtual. Com o advento da internet temos as redes de relacionamentos virtuais, estes (relacionamentos) podem acontecer em uma sala de bate papo como também no ensino a distância. Esta interação dá oportunidade ao aluno para que este perceba o professor e o tutor como orientadores de sua aprendizagem, podendo criticar a atuação deles ou elogiá-los, mesmo não havendo a oportunidade de estar frente a frente naquele dado momento. O corpus é constituído da análise dos fóruns em que é abordada a análise linguística, estes fazem parte da disciplina Estágio Supervisionado II do curso de letras da UFPB virtual. Evidenciando a interação vivenciada por professores/ tutores e alunos no ambiente virtual, as quais podem ser, como no ensino presencial, favoráveis ou não, amigáveis ou não, porém relevante para que ocorra o ensino aprendizagem no ambiente virtual.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA TEORIA E NA PRÁTICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REALIDADE DE OEIRAS-PIAUÍ
Messias dos Santos Santana

Os avanços ocorridos nos estudos lingüísticos ao longo do século XX vão oferecer inúmeras contribuições para o ensino de língua, notadamente para o ensino de língua portuguesa. Esse diálogo entre esses dois eixos, ao intensificar-se, sobretudo a partir da década de 70 e pelas décadas seguintes, vai permitir o surgimento de inúmeras contribuições para o ensino desta língua, dentre as quais podem ser mencionados os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (1997, 1998, 1999) e as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras (2001). Considerando essa contextualização apresentada, o objetivo deste artigo é discutir se o ensino que se tem praticado no meio universitário está tendo reflexo na educação secundária, no sentido de identificar-se se o ensino de língua portuguesa desenvolvido nas escolas no ensino fundamental e no médio está ocorrendo em conformidade com as contribuições que ao longo desses anos vêm sendo oferecidas pela Lingüística. Desse modo, para o desenvolvimento desta pesquisa, considerar-se-á, então, como campo de investigação a realidade que se apresenta na educação secundária da cidade de Oeiras, no Piauí. Para isso, serão analisados depoimentos colhidos de 10 (dez) estudantes concludentes do curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, localizada nessa cidade, a partir dos quais se procurará obter informações acerca de como tem se desenvolvido o ensino de língua portuguesa nessa cidade, tendo como base as informações que eles obtiveram ao longo dos últimos 02 (dois) anos, nos estágios observacionais que realizaram em escolas públicas municipais e estaduais dessa cidade. Na fundamentação teórica da discussão que aqui será empreendida, serão utilizados, dentre outros, autores como Genouvrier&Peytard (1974), Halliday, Mcintosh&Strevensh (1974), Ilari (1997), além dos próprios parâmetros curriculares nacionais e das diretrizes para os cursos de Letras.

SABERES DA CIÊNCIA LINGUÍSTICA EM CURSOS DE LETRAS VOLTADOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM LÍNGUA MATERNA
Francisco Vieira da Silva
Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa

O presente artigo objetiva analisar como e quais saberes da Linguística são mobilizados na constituição de um curso de Letras direcionado à formação de professores em língua portuguesa. Nessa perspectiva, faremos uma análise da constituição das disciplinas do curso de licenciatura em Letras do Campus Avançado "Prof.ª Maria Elisa de Albuquerque Maia" (CAMEAM/UERN), na cidade de Pau dos Ferros – RN. Na referida análise partimos do pressuposto de que a Linguística no âmbito dos cursos de Letras dedicados à formação docente permite um entrecruzamento com saberes advindos de outros campos do conhecimento (campo pedagógico, por exemplo). Assim, esse trabalho focalizará uma análise em torno das matrizes curriculares, mas especificamente das ementas das disciplinas de Linguística, Língua Portuguesa e Produção Textual do curso anteriormente mencionado. Nessa incursão analítica, recorreremos aos postulados teóricos de autores como: Chervel (1990), Oliveira (2006), Lagazzi-Rodrigues (2007), Orlandi (2007), entre outros. Dessa forma, empreenderemos uma abordagem que visa a compreender o lugar da Linguística nos cursos de formação docente em língua materna, a partir do olhar sobre a constituição curricular de uma IES. Com isso, pretendemos desvelar se há uma (con) fusão de saberes numa mesma disciplina, e/ou didatização/pedagogização dos saberes linguísticos, evidenciando uma possível co-ocorrência de saberes oriundos de diferentes perspectivas teóricas existentes no vasto campo da ciência linguística. Ademais, a partir dessa análise, suscitamos uma reflexão no que concerne ao binômio Linguística e ensino, dada a necessidade de se problematizar as reais contribuições dos linguistas para a consolidação de um ensino de língua materna mais profícuo e eficiente.

A REPRESENTAÇÃO DA INTERCOMPREENSÃO NO ESPAÇO SOCIAL
Rudson Edson Gomes de Souza (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Selma Alas Martins

Segundo Doyé (2005), a Intercompreensão (IC) surge como uma abordagem que possibilita inter-relacionar dados linguísticos e culturais em situações de comunicação intercultural, ou seja, quando o sujeito está em contato com línguas não dominadas. Em pesquisa realizada em Natal/RN entre outubro de 2010 e fevereiro de 2011 procurou-se destacar a forte existência de traços de sensibilização dos participantes à IC nesse município. Os dados coletados mostraram que a IC, a partir das reações dos oito participantes do estudo de caso dessa pesquisa, pode estar presente em nosso espaço social de alguma maneira, perceptível ou não, principalmente junto àqueles que trabalham no segmento de turismo. Dentre alguns resultados, observou-se um bom grau de capacidade de compreensão, pelos participantes, de outras línguas românicas, especificamente o espanhol, o francês e o italiano, devido a fatores como a similaridade que essas línguas apresentam umas com as outras. Pesquisa de Andrade, Melo-Pfeifer& Santos (2009), aponta, entre outras coisas, a capacidade de sujeitos em identificar várias línguas românicas através do contato com uma estória escrita em diferentes idiomas, descobrindo algumas semelhanças e diferenças entre elas, exatamente como aconteceu com o nosso estudo. A existência da percepção quanto ao conceito e importância da IC no espaço social - Natal/RN, através da análise de algumas questões dos entrevistados dessa pesquisa, pode sugerir que essa abordagem é possivelmente aplicável ao nosso espaço social, haja vista que, entre outros fatores, é uma boa alternativa para a língua franca, deve ser incluída na escola e há motivação para a participação de cursos nessa área (segundo 100% da amostra), além de ser considerado um projeto viável (de acordo com 88% dos entrevistados).

SESSÃO 6
O BLOG COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA
Amanda Danielle (FAINTVISA)
Cicera Ramos da Silva (FAINTVISA)
Gilberlande Pereira dos Santos (FAINTVISA)
Orientador Gilberlande Pereira dos Santos (FAINTVISA)

Há muito veem sendo discutidos métodos e práticas educativas em sala de aula; entretanto, a única conclusão a que educadores e pesquisadores chegaram é de que não há um método que possa ser definido como a fórmula mais eficaz sem considerar as especificidades. Não há uma receita para a excelência da aprendizagem significativa. Neste estudo, propomo-nos a verificar a eficácia das novas tecnologias, a exemplo do blog, como ferramenta no trabalho de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Para tanto, analisamos o desempenho de estudantes de nível superior de ensino em atividade de sala de aula e a participação do docente regente com o intuito de averiguar a relevância do uso de uma ferramenta tecnológica como a referida para o ensino aprendizagem de língua portuguesa como língua materna.

O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: UMA REFLEXÃO SOBRE PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS
Cristina dos Santos Carvalho (UNEB)
Irenilza Oliveira e Oliveira (UNEB)

Um dos critérios gerais considerados para a avaliação de livros didáticos de todas as áreas de conhecimento, no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), diz respeito à observância de princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano. Nesse sentido, é expressamente vedado manifestar, nos seus próprios textos e ilustrações, ou, ainda, reproduzir, em textos e imagens de terceiros e sem discussão crítica – preconceitos que levem a discriminações de qualquer tipo – (GUIA DO PNLD, 2010). No entanto, mesmo com essa proibição, ainda existem livros didáticos em que se observam preconceitos e estereótipos em relação às condições regional e social, à etnia, ao gênero, à orientação sexual e à idade do indivíduo e a questões linguísticas. Nesse sentido, professores e escola devem se preparar para atuar na mediação de eventuais conflitos desencadeados por atitudes negativas adotadas pelos diversos atores da cena escolar em relação a características sócio-histórico-culturais de membros de determinados grupos. No caso específico do material didático adotado, é necessário que o docente esteja atento a passagens que denotam preconceitos e estereótipos para poder promover uma discussão que desmistifique as imagens negativas atribuídas a algumas categorias sociais. Neste trabalho, centramos nossa atenção em preconceitos e estereótipos que são veiculados a partir de textos – verbais, não-verbais e multimodais – no Livro Didático de Português e na representação de diversas categorias sociais em ilustrações relacionadas a textos verbais. Para tanto, analisamos coleções do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental e verificamos que, apesar das recomendações do PNLD, ainda se evidenciam, nesse tipo de material didático, passagens que podem disseminar preconceitos e estereótipos.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: EM ANÁLISE, O STATUS E O TERRITÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO
Augusto Ângelo Nascimento Araujo (UFMA)
Lélia Cristina Silveira de Moraes (UFMA)
Sonia Almeida (UFMA)

A discussão em torno da Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa aqui apresentada sob a nomenclatura de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa insurge como problemática de pesquisa ao constatarmos que há no momento específico da formação do professor uma flutuação de território desse componente curricular, ora na Pedagogia, ora nas

Letras. Talvez por isso o Estágio ocupe lugar e valor diferenciado no Discurso Acadêmico e no Discurso Oficial, demonstrando não haver, na prática de ensino do professor de língua portuguesa, uma consolidação de um interdiscurso fundado na instância pedagógica. Assim, o Discurso Acadêmico considera o Estágio como uma disciplina, porque envolve uma comunidade disciplinar que tem atuação restrita, mas opera dinamicamente em diferentes contextos. (GOODSON, 1997); como uma disciplina porque mobiliza saberes e práticas no momento em que os estudos de linguagem e de educação se encontram (FOUCAULT, 2007). No entanto, o Discurso Oficial de uma Instituição de Ensino Superior diz que "o estágio não será caracterizado como disciplina, mas como outra forma de atividade curricular de natureza eminentemente prática" (RESOLUÇÃO 684/CONSEPE de 07 de maio de 2009). A partir desses dados, questionamo-nos sobre a concepção de teoria e prática que embasa o ensino de Língua Portuguesa, o que nos exige pensar no modo como o objeto de ensino da Língua é tratado no Currículo de Letras (SACRISTÁN, 2000) e no modo pelo qual a atividade teórica se relaciona com a atividade prática (VÁZQUEZ, 1977). Para esta investigação, adotamos como metodologia a análise dos conteúdos sob a perspectiva indiciária (GINZBURG, 1989), através da qual analisamos a Ementa do Estágio Supervisionado bem como os relatórios de alunos de uma IES. Até aqui, temos notado que nesses documentos há: contradições presentes no discurso oficial, no acadêmico, no pedagógico e entre eles; e a indefinição do objeto do ensino de Língua Portuguesa.

A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE: A (NÃO) EXPANSÃO DA LÍNGUA OFICIAL
Maria Aliete Cavalcante Bormann (UFRN)

Este estudo trata de uma das problemáticas que envolvem a Língua Portuguesa (LP) em Timor-Leste no que se refere a sua expansão. O panorama linguístico do país nos faz refletir sobre àquela que é considerada símbolo de luta e de identidade da nação, mas para compreendê-lo, é essencial considerar o contexto histórico-social em que, (não) se efetiva a língua de Camões em terras maubere, a fim de que possamos entender as dificuldades da sua expansão. O timorense fala a língua materna do seu grupo, mas quando em contato com as outras línguas nativas, usa a língua franca que é o tétum. A nossa pesquisa parte de documentos, entrevistas com docentes timorenses que atuam no sistema de ensino, além de outros documentos que circulam na Internet. Em Timor- Leste, a língua portuguesa apresenta uma lógica diferente, que não é a lógica portuguesa tampouco a brasileira, mas a lógica asiática. A Análise do Discurso (AD) nos dá suporte teórico, pois considera o homem na sua história e as condições da produção do discurso. É por meio da linguagem que existe sentido nas relações humanas, no espaço e no tempo. Essa união é o que torna possível a permanência, a continuidade, o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. A língua portuguesa, para cumprir o seu papel de elemento que une o indivíduo a sua prática social, deverá ser aquisição e um direito de todos, uma vez que foi escolhida como língua oficial e de ensino.

SESSÃO 7
ENSINANDO A ENSINAR OU APRENDENDO A APRENDER?
Maria Helenice Araújo Costa (UECE)

Nesta comunicação, tecemos considerações sobre os desdobramentos e/ou interfaces do trabalho que desenvolvemos como professora de Teoria do Ensino de Língua Portuguesa no Curso de Letras da UECE. Partindo da crítica que vimos fazendo ao ensino de gêneros como caracterização formal de esquemas textuais (COSTA, 2009; COSTA, 2011), organizamos o programa da disciplina de modo a contemplar dois grandes objetivos centrados no aluno: em um primeiro momento, refletir sobre as implicações das concepções de linguagem e de cognição para o ensino de língua materna e, a partir daí, conceituar gênero discursivo tendo por base a concepção de linguagem como prática sociodiscursiva e de aprendizagem como cognição situada; em um segundo momento, analisar e produzir material didático para o ensino de leitura/escrita considerando essas noções de linguagem e de aprendizagem. Tanto a discussão teórica como a produção e a reformulação das atividades vem se desenvolvendo, a cada semestre, na interação constante entre os alunos e entre estes e a professora, de forma presencial e virtual (por meio de mensagens eletrônicas trocadas em um endereço de e-mail). Essa metodologia, além de permitir que os alunos da turma vivenciem, no decorrer do semestre letivo, os fundamentos teóricos da disciplina, vem favorecendo a formação e/ou ampliação de uma rede colaborativa que envolve alunos de turmas anteriores, bem como bolsistas de iniciação científica e, ainda, alunos de mestrado que desenvolvem projetos sob nossa orientação. A extrapolação do espaço da sala de aula possibilitou a realização, em 02/02/2010, do colóquio "Ensino de língua materna: diálogos entre teoria e prática", evento organizado por nós e por um grupo de alunos da graduação e da pós-graduação, todos participantes da rede colaborativa acima mencionada. A experiência reforça, para nós, a noção de ensino como promoção de oportunidades para a construção conjunta e situada da aprendizagem.

A LÍNGUA E A LITERATURA NO ENEM
Eliane Mourão (UFOP)
Gustavo Fechus(UFOP)

Nosso trabalho consiste em um estudo dos itens da seção de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) nos anos de 2009 e 2010, ou seja, desde o ano em que o desempenho nessa avaliação passou a ser critério de ingresso em instituições públicas federais de ensino superior do país. Temos como objetivo verificar quais concepções de língua, de literatura, de aprendizagem de língua materna e de aprendizagem de literatura encontram-se pressupostas nessa seção. Analisamos os itens de acordo com os seguintes critérios: a) a coerência em relação às diretri-

zes propostas pelo MEC para sua elaboração; b) a coerência em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino de Língua Portuguesa no nível médio; c) as teorias linguísticas a que direta e indiretamente fazem referência; d) as habilidades e os conteúdos que pretendem avaliar; e) o modo como são redigidos, considerando-se o uso da norma culta, a coerência e a coesão. Assim, procuramos observar se, em seu conjunto, os itens constituem efetivamente um quadro representativo do ideal de ensino de língua materna e de literatura sugerido pelo PCN e pela área da linguística aplicada ao ensino de Língua Portuguesa. Em outras palavras, observamos, por exemplo, se esses itens tomam o texto como unidade de linguagem em função da qual todas as outras unidades (fonológicas, morfológicas e sintáticas) devem ser compreendidas, se reconhecem a mudança e a diversidade linguísticas, se contemplam as especificidades dos gêneros literários, se são redigidos de acordo com a norma culta da língua. Nosso trabalho põe em evidência uma série de problemas, levando-nos a defender, na conclusão, a necessidade de se utilizarem critérios mais rigorosos de elaboração e aprovação dos itens da seção de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do ENEM.

A WEBQUEST COMO SUPORTE METODOLÓGICO PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Maria Jaberlânye da Silva (UEPB)
Prof. Dra. Luana Francisleyde P. de Faria

Em um período de constantes inovações tecnológicas, faz-se necessário que o professor, como mediador da formação dos cidadãos, acompanhe cada uma dessas evoluções, com o propósito de oferecer a seus alunos aulas mais dinâmicas, diversificadas e instigantes. Justamente por isso é que, através deste estudo, apresentaremos aos docentes, em especial aos de língua portuguesa, a importância de acoplar a tecnologia as suas práticas educativas, no intuito de enfatizar a sua eficácia junto ao processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, apresentaremos a Webquest, um método de pesquisa na internet estritamente didático, que se constitui inicialmente da criação de um espaço de aprendizagem na web, elaborado pelo professor com a finalidade de levar os alunos a trabalhar em grupo, através de uma pesquisa orientada, que visa à construção do conhecimento de maneira fundamentada e ao mesmo tempo autônoma. Sendo assim, utilizaremos como principais pressupostos teórico-metodológicos Araújo (2005), Silva e Ferrari (2009), e Arruda (2004), entre outros, que nos trazem discussões acerca da utilização das tecnologias na educação, corroborando assim com nossa intenção de despertar nos profissionais uma atenção especial para esse importante instrumento pedagógico que é a internet. Então, com base nesses conceitos, constatamos a eficácia dessa ferramenta como uma estratégia para estimular a busca de conhecimentos. Apresentaremos, ainda, um exemplo de uma Webquest de Língua Portuguesa, através da qual, de maneira ilustrativa, apontaremos e ressaltaremos as potencialidades da mesma enquanto método de pesquisa, seleção de informação e produção textual nas aulas da referida disciplina.

AS PERSPECTIVAS DO ENSINO DE GRAMÁTICA NO LIVRO DIDÁTICO: UM OLHAR SEMÂNTICO SOBRE AS PREPOSIÇÕES
Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa (UFPB/PROLING)
Orientador Erivaldo Pereira do Nascimento (UFPB/PROLING)

Este trabalho discute a abordagem de conteúdos gramaticais, mais especificamente as preposições apresentadas em um livro didático em uso. Objetivou-se verificar se o estudo sobre estas categorias gramaticais, no livro didático, concorre para o foco na metalinguagem – abordagem gramatical centrada em conteúdos puramente normativos ou se o estudo das preposições é abordado a partir da epilinguagem, partindo de um ensino contextualizado através do qual a gramática é trabalhada de forma reflexiva, levando-se em consideração o funcionamento da língua, os efeitos de sentido que tais elementos linguísticos podem produzir no ato da interlocução. Como suporte teórico, apoiamo-nos em BUNZEN-MENDONÇA (2006), CASTILHO (2010), NEVES (2002, 2011), PERINI (2005), POSSENTI (1996). Inicialmente, apresentamos algumas formulações que tratem da distinção dos vários tipos de gramática para, então, discutirmos as questões relacionadas à abordagem gramatical das preposições no livro didático. Para a análise, selecionamos a 5ª edição do 7º ano da coleção didática: Português: linguagens, de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, publicada pela editora Atual no ano de 2009. O resultado nos aponta para a coexistência das duas propostas metodológicas de ensino de gramática no livro didático aprovado pelo PNLD: uma em que há uma proposta de trabalho voltada para a intensa articulação entre os eixos da Gramática Normativa concorrendo para a explicitação de conceitos, classificações e apresentação de uma listagem organizada de acordo com as regras da variedade padrão da língua portuguesa. Numa outra proposta de trabalho, a gramática é explicitada através do tópico "Semântica e discurso" que segue uma abordagem que, mesmo de forma moderada, parece comprometida a despertar para o ensino de gramática através de textos, ressaltando o enfoque da linguística textual.

SESSÃO 8
AVALIAÇÃO POR COMPETÊNCIA NA PROVA DO ENEM: ASPECTOS EM RELEVO NA PROVA DE 2010
Jardiene Leandro Ferreira(PIBIC/UFCG)
Denise Lino de Araújo (Pos LE/PET LETRAS/UFCG)

Este trabalho é resultante do projeto de pesquisa PIBIC/ CNPq/ UFCG UFCG 2010-2011 *Avaliar por competências e por conteúdo: comparação das propostas de avaliação do ENEM e da OCEM,* que teve como objetivos depreender os significados de avaliação por competências preconizados pelos documentos parametrizadores do ENEM (Exame Nacional do Ensino

Médio), bem como descrever modelos de avaliação subjacentes aos dois paradigmas de avaliação. Neste trabalho, o objetivo é apresentar os aspectos em relevo na prova 2010 no que diz respeito às competências e habilidades. Tal pesquisa se baseia nos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa em Linguística Aplicada, cujo foco está em investigar temáticas relevantes implicadas no uso e ensino de língua em contextos situados. Através desta pesquisa, foi possível verificar que os documentos nos revelam um modelo híbrido de avaliação, ora voltado para as competências, ora para os conteúdos. Os dados ainda demonstraram que o ENEM avalia tanto competências quanto conteúdos, mantendo-se no nível intermediário de complexidade.

ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE ESCRITA PRESENTES NAS PROPOSTAS DE REDAÇÃO DO ENEM
Denise Lino de Araújo (Orientadora- PET LETRAS/UFCG)
Géssyca Pereira Vitorino (PET LETRAS/UFCG)
Jefferson Eliério Pontes Oliveira (PET LETRAS/UFCG)
Marcela de Melo Cordeiro Eulálio (PET LETRAS/UFCG)

A redação do ENEM, assim como a parte objetiva da prova, é uma avaliação de competências. Com esta visão, nosso objetivo é identificar qual das concepções de escrita - sociointeracionista (cf. GARCEZ, 1998) ou sociocognitiva (cf. MEURER 1997) – subjazem às propostas de redação desse exame. Na primeira, o texto seria apresentado ao candidato como um processo interativo, ao qual ele deveria atentar, seguindo todas as orientações e ainda considerando seu possível interlocutor, que é o corretor. Na segunda, o texto seria apresentado como um produto mecânico das instruções dadas, fruto das etapas desenvolvidas na mente do sujeito escritor, que o tornariam autosuficiente no processo da escrita. Para a elaboração desta pesquisa, utilizamos como *corpus* de análise 14 propostas de redação do Enem do ano, desde o ano do seu lançamento (1998) até 2010. Por meio dos dados analisados, pudemos chegar ao resultado de que as perspectivas subjazem às propostas de produção textual desse exame, uma vez que há versões da prova que consideram a escrita como resultado de um processo e outras que a consideram como um produto. Nas conclusões, discutimos o impacto disto para o ensino médio.

VESTIBULAR UFCG E UEPB 2010: AS PROVAS REFLETEM AS PROPOSTAS DE ENSINO APRESENTADAS NOS PARÂMETROS ESTADUAIS?
Jéssica Amanda de Souza Silva (PET LETRAS/UFCG)
Marina Macedo Santos Martins (PET LETRAS/UFCG)
Denise Lino de Araújo (Orientadora- PET LETRAS/UFCG)

Através de uma atividade proposta pelo PET Letras da UFCG, realizamos uma pesquisa com as provas de literatura dos principais exames vestibulares da Paraíba. Inicialmente fez-se necessário ler o material que apresenta os parâmetros para o ensino de literatura do Estado: *Orientações Curriculares do Ensino Médio*. O material é oferecido pela Secretaria Estadual da Educação com o intuito de auxiliar o professor e têm como objetivo nortear o ensino de literatura e como ele deve ser feito em sala de aula. A partir da leitura e análise deste material, selecionamos o *corpus* de nossa pesquisa: as provas de vestibular realizadas no ano de 2010 pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), uma das principais universidades públicas da Paraíba. O objetivo da pesquisa, portanto, é observar se as questões de literatura apresentadas nos exames vestibulares analisados refletem as propostas de ensino apresentadas nos referenciais estaduais. Durante a investigação suscitaremos algumas questões que nortearão a nossa pesquisa. Para fundamentação teórica utilizamos Malard (1985), Michelletti (2000) e Pinheiro (2001).

REFERENCIAIS CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO DA PARAÍBA E VESTIBULARES: DIÁLOGOS POSSÍVEIS
Edilma Marinho Ribeiro(PET LETRAS/UFCG)
Fernanda L. G. M da Silva (PET LETRAS/UFCG)
Juliane da Silva Messias (PET LETRAS/UFCG)
Denise Lino de Araújo (Orientadora- PET LETRAS/UFCG)

Os Documentos Parametrizadores produzidos pelo MEC são referência para a educação brasileira e, aliados a essa perspectiva, os Estados criaram os documentos norteadores do processo de ensino a ser referenciado na sua esfera. Perceber os reflexos desses documentos no ensino significa, também, olhar para os mecanismos de avaliação de aprendizagem. Podemos fazer isso estudando a configuração dos vestibulares, um dos meios mais comuns para o ingresso de alunos nas redes universitárias do país. Restringiremos nossa observação aos vestibulares da Universidade Federal de Campina Grande e da Universidade Estadual da Paraíba, nos exames seletivos para o ensino superior. Deste modo, o objetivo da nossa pesquisa é avaliar as influências dos documentos parametrizadores do ensino no âmbito estadual na prova de Literatura das instituições universitárias acima mencionadas. O corpus da nossa análise é constituído pelos Referenciais Curriculares da Paraíba para o ensino de Literatura e as provas de Literatura do vestibular 2010 da UFCG. A metodologia por nós utilizada consiste em observar analiticamente os documentos para posteriormente confrontá-los, observando, sobretudo se há a utilização de textos literários e o modo como as provas subsidiam o trabalho com o texto artístico. A partir dessas reflexões, perceberemos se os documentos estão servindo como diretrizes para o ensino de literatura, que prioriza a formação de leitores como sujeitos ativos e reflexivos frente ao texto. Para tanto utilizaremos como fundamentação teórica Malard (1985), Michelletti (2000) e Pinheiro (2001, 2006). Este trabalho está em andamento no núcleo de pesquisa do PET LETRAS UFCG.

A LINGUAGEM ORAL EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Lidemberg Rocha de Oliveira

O livro didático é considerado um instrumento importante no processo de escolarização, portanto ele tem sido, nos últimos anos, foco de inúmeros estudos nas mais variadas vertentes. Considerando sua configuração no contexto educacional contemporâneo, este trabalho apresenta analiticamente o direcionamento dado ao ensino e aprendizagem à modalidade oral da língua. A finalidade maior deste trabalho é mostrar o espaço destinado à oralidade e o nível de aproveitamento desse em livros didáticos de Língua Portuguesa, uma vez entendido que às práticas de ensino da linguagem oral devem ser sistemáticas. A partir das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais a linguagem oral é (re) significada e se torna uma modalidade com conteúdos e objetivos específicos. O objetivo da instituição escolar não é ensinar o aluno a falar, mas possibilitar o desenvolvimento da linguagem oral como competência linguística, compreendendo-a a partir dos usos e formas em diversos contextos enunciativos. Nesse sentido, o corpus de análise é formado por quatro livros didáticos de Língua Portuguesa, dois do 5º e dois do 9º anos do Ensino Fundamental, adotados na rede de ensino do Município de Natal RN, no período de 2010/2011. Para a discussão teórica adotou-se Weedwood (2005) Rojo (2000) e Marcuschi (1997),(2001),(2005). Assim, observa-se que nos manuais analisados as atividades de escrita ainda se sobrepõe às atividades destinadas à oralidade, o que demonstra haver uma necessidade de enfatizar a linguagem oral ou refletir acerca do contínuo entre fala e escrita nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

ÁREA TEMÁTICA 17: CULTURAS POPULARES E ENSINO

SESSÃO 1
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO NA ASSISTÊNCIA EXTRACLASSE A CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL: UMA PROPOSTA
Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
Lucas Santos Campos (UESB)
Maria Aparecida Guimarães (UNEB)
Vera Lúcia L. Santos Campos (Prefeitura Mun. Vitória da Conquista, Sec. Educ.)

Há, nas mais diversas regiões do Brasil, um bolsão de pobreza que preocupa a sociedade civil organizada e as autoridades governamentais. A cidade de Vitória da Conquista, naturalmente, não foge a essa regra. Assim, no que diz respeito ao amparo à criança e ao adolescente, encontram-se, nessa cidade, diversas instituições filantrópicas que oferecem reforço escolar, atividade extraclasse, suplemento alimentar, assistência psicopedagógica, entre outros benefícios que visam a afastar a juventude dos riscos de desvios na conduta social desejável. Vivendo o dia-a-dia de uma dessas entidades, nos foi possível observar que se fazia necessário um aprimoramento do trabalho desenvolvido pela instituição. Partindo, então, da questão: "Como as entidades de apoio podem aprimorar seu papel de auxilio às crianças em situação de desvantagem social?" Realizamos uma análise das atividades oferecidas pela Associação de Amigos da Pastoral do Menor (AAPM), na cidade e apresentamos uma proposta de atividades de linguagem, com vistas a somar esforços ao trabalho local e nacional de minimização dos efeitos da pobreza e de promoção da educação, o que, de certo, poderá favorecer o desenvolvimento do país. Indicamos atividades, de caráter lúdico, ligadas ao processo de comunicação e expressão. Esperamos que, aliada às já desenvolvidas na instituição, essa possa ser implementada, o que, de certo, além de contribuir para o desenvolvimento psicossocial dos jovens e adolescentes assistidos poderá tornar bem mais prazerosa a permanência dos mesmos na instituição, ales de lhes dar um preparo para se comunicarem oralmente e por escrito.

A LITERATURA POPULAR NO OLHAR DA SOCIOSSEMIÓTICA: UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA
Jailto Luis Chaves de Lima Filho (UFPB)
Orientadora: Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB)

O romanceiro tradicional apresenta muitas semelhanças com o folheto de cordel. Os limites entre ambos são apontados pelos estudiosos no que diz respeito ao código linguístico utilizado: oral para o romanceiro e escrito para o cordel. No entanto, lendo um romance de cordel e um romance oral, observam-se diferenças estruturais marcantes entre eles. Nossa proposta para esse trabalho é mostrar a relação entre oralidade e escrita dentro dessas duas peças populares, apontando traços que possam caracterizá-las e/ou diferenciá-las, e sugerir, a partir desse gênero, propostas de atividades que fomentem a habilidade de escrita dos alunos, objetivando aproximar o texto popular ao contexto escolar, obras essas muitas vezes rechaçadas pelo público conservador. O modelo teórico escolhido foi o da Sociossemiótica e Análise do Discurso, em especial o trabalho de Marcuschi (2002) Da fala para a escrita: atividades de retextualização. O corpus constou do material levantado no acervo do Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP), de onde extraímos uma amostragem para análise constituída de duas versões, a oral e a escrita, do romance popular tradicional História de Antonino e o Pavão do Professor (O Pavão do Mestre). O nosso trabalho busca, portanto, contribuir para uma revalorização da cultura popular no âmbito da sala de aula, através dos estudos sociossemióticos e do levantamento de obras populares. A Paraíba projetou-se, no passado, como um dos principais pontos de irradiação dessa cultura, tornando-se a UFPB uma instituição capacitada a desenvolver a documentação de tais manifestações artísticas. Procuramos fazer um resgate disso que, certamente, terá uma importância, não só individual como social e cultural.

MOVIMENTO SOCIAL EM CANÇÕES: UMA (RE)LEITURA
Maria Aparecida Souza Guimarães (UNEB)

A leitura é uma atividade de construção de sentido, prática social, ação permanente da condição humana. A leitura e as canções, compreendendo estas como a representação de narrativas de memória no movimento social de trabalhadores/as sem terra, tendo em vista experiência leitora em uma perspectiva permanente. O presente trabalho objetiva mostrar a produção musical da MPB e dos movimentos sociais como possibilidade de novas leituras e provocação da capacidade de revelação de novas autorias, bem como contribuir para reflexões sobre o ato de ler, tendo em vista as condições de produção da leitura, legitimação de práticas leitoras como possibilidades de criação de sentidos e construção de identidades. Far-se-á (Re) leitura de canções previamente selecionadas que deram origem a portfólios dos militantes do CETA - Movimento de Trabalhadores/as, Assentados/as, Acampados/as e Quilombolas. A acepção de leitura e memória para a reflexão aqui pretendida, tomou-se o modelo sugerido por Orlandi(2006), assumindo a discursividade da leitura e dados que impõem a importância desta: a) o de se pensar a produção da leitura e, logo, a possibilidade de encará-la como possível de ser trabalhada (se não ensinada); b) o de que a leitura, tanto quanto a escrita, faz parte do processo de inscrição do(s) sentido(s). E, ainda, com Orlandi (2006), poder-se afirmar que pelas relações de força, podemos dizer que o lugar social dos interlocutores (aquele do qual falam e lêem) é parte costitutiva do processo de significação. Assim, o(s) sentido(s) de um texto está(ão) determinado(s) pela posição que ocupam aqueles que o produzem (os que o emitem e o lêem). (ORLANDI, 2006,p. 11-12).

ÁREA TEMÁTICA 18: FUNCIONALISMO E ENSINO

SESSÃO 1
GRAMATICALIZAÇÃO E ENSINO: UM ESTUDO SOBRE O VERBO CHEGAR
Ediene Pena Ferreira (UFPA)

Após a realização de uma pesquisa sobre o processo de gramaticalização do verbo "chegar", no qual observamos o comportamento híbrido desse item, o que o fez ser considerado um verbo semi-auxiliar, expressando funções ligadas à construção textual-discursiva, como a de marcar mudança temporal na narração de eventos, limite, contra-expectativa e conseqüência, pretendemos, com este estudo, relacionar o processo de gramaticalização com práticas de ensino/aprendizagem da língua portuguesa. Para isso, seguimos a orientação funcionalista que compreende língua como atividade social que existe em virtude do uso para fim de interação entre os seres humanos. Dessa forma, a organização interna das línguas é funcional, pois se compreende que as estruturas linguísticas expressam funções de acordo com as necessidades comunicativas. A língua, portanto, não pode ser ensinada como um sistema autônomo, estático, como vem sendo feito na tradição gramatical. Propor atividades que considerem a visão dinâmica da língua é estar em consonância com os PCN que propõem que a comunicação deve ser entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente (PCN, 2002, p.136). Para esse estudo, analisamos alguns livros didáticos com o propósito de verificar como são tratados os verbos, em especial o verbo "chegar", objeto de nossa investigação, além de recolhermos amostras de usos reais de "chegar" nas modalidades oral e escrita. Considerando o processo de gramaticalização pelo qual passa o verbo, sugerimos algumas atividades que demonstram a abstratização do uso de "chegar", partindo do uso que julgamos mais concretos para os que julgamos mais abstratos. Esses usos devem ser compreendidos relacionados à necessidade social, ao processo comunicativo e à funcionalidade interna das línguas.

ENSINO DE PORTUGUÊS: UM OLHAR SOBRE AS PERSPECTIVAS GRAMATICAIS E NOVAS QUESTÕES PARA O TRABALHO EM SALA DE AULA
Ana Alice de Freitas Neta Araújo (UERN/CAMEAM)
Francimeire Cesário de Oliveira (UERN/CAMEAM)
Orientadora: Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN/CAMEAM)

Com este artigo, pretendemos oferecer ao leitor um panorama das concepções de gramática que perpassam ao longo das pesquisas linguísticas, aspectos estes que têm sido objeto de questionamentos no ensino do português. Nesse sentido, a partir de tais concepções podemos compreender melhor o percurso que a escola brasileira tem trilhado ao abordar a gramática no dia a dia da sala de aula. Para tanto, nosso referencial teórico é constituído pelos estudos de Furtado da Cunha (2007); Martelotta (2008); Neves (2006), entre outros. Partimos do estudo dessas referências teóricas de cunho funcionalista, refletindo sobre concepção de gramática que tem se desenvolvido nas investigações no âmbito da Linguística. Mediante a estas proposições e respaldadas na concepção de língua enquanto instrumento de interação verbal propomos questões para reflexão que possam contribuir para o redimensionamento do trabalho com a língua, já que emerge a necessidade de valorizar as situações de uso da mesma. Acreditamos que um conhecimento mais amplo acerca da língua e da gramática que a regula certamente trará um novo olhar sobre a sala de aula de língua portuguesa, já que o ensino, na visão funcionalista, oferece possibilidades de reconhecer as implicações de componentes pragmáticos integrados aos componentes sintáticos e semânticos nos processos de interação verbal, permitindo que enfatizemos o ensino/estudo sobre língua em toda sua dimensão, não apenas um estudo da língua enquanto idioma. Necessitamos, pois, de um ensino de língua que leve em conta a reflexão e o uso dessa língua, uma vez que analisando categorias e aspectos ortográficos isolados e por si sós não autoriza o aluno a desenvolver habilidades para usá-la a língua de modo eficaz em situações reais e significativas.

COMPROMETIMENTO E ARGUMENTAÇÃO: REFLEXÕES ACERCA DE UM ENSINO DE ORIENTAÇÃO FUNCIONALISTA E CRÍTICO-DISCURSIVA NA ESCOLA
Paulo Roberto Gonçalves Segundo

A preocupação dos linguistas quanto ao papel que o professor de língua materna deve assumir no preparo dos alunos no que se refere ao desenvolvimento de habilidades relacionadas à produção e à interpretação críticas de textos consiste em uma realidade de fácil constatação na atualidade. Entretanto, ainda carecem propostas que viabilizem uma convergência entre o ensino de gramática e essa nova orientação, ligada à consciência linguístico-discursiva dos estudantes, tão necessária para a formação do cidadão crítico. Este trabalho assume esse desafio e propõe que o ensino de gramática se oriente a partir de linhas funcionais e discursivas. Em outros termos, defende-se que as categorias gramaticais sejam abordadas na escola a partir da sua relação com as funções ideacional, interpessoal e textual, direcionadas em termos dos possíveis efeitos de sentido gerados pelo uso de tais recursos linguísticos. Para ilustrar a proposta, trabalhar-se-á com um fenômeno interpessoal: o comprometimento. Assim, partindo de uma perspectiva sistêmico-funcional (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004; MARTIN & WHITE, 2005) e crítico-discursiva (FAIRCLOUGH, 2007), busca-se levantar possibilidades teóricas e didáticas de abordagem da relação entre comprometimento entendido como o grau de validação ou responsabilização que a voz autoral assume diante daquilo que enuncia, instaurando, assim, diversas configurações intersubjetivas em relação aos consumidores textuais e argumentação, focalizando nas potencialidades que a língua oferece, em termos de categorias gramaticais advérbios, adjetivos, orações substantivas, dentre outros recursos modais ou avaliativos , como meios de marcar o comprometimento para, assim, examinar seu impacto na própria estruturação argumentativa dos textos. A proposta visa a capacitar o aluno tanto para analisar a interação entre comprometimento e argumentação nos textos que consome quanto para a produção de textos com diferentes graus de comprometimento, em um *continuum* que abrange estratégias de exercício de solidariedade e de poder discursivos. O objetivo é propiciar ao estudante uma maior sensibilidade quanto à importância que a responsabilização ou validação dos enunciados assume no desenvolvimento argumentativo, de modo a conscientizá-lo acerca dos possíveis e prováveis impactos de suas escolhas linguísticas na construção da credibilidade e da autoridade, intrinsecamente ligada aos processos de convencimento e persuasão.

A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA NO PORTUGUÊS FALADO MINEIRO E FLUMINENSE: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA
Nilza Barrozo Dias (UFF)

As construções subjetivas são constituídas por um segmento A predicador, orações que se realizam com o verbo "ser" + nome (é possível, é necessário, é claro, etc.) bem como orações que se realizam com verbos intransitivos (verbo convir) - e por um segmento B, que funciona como oração encaixada com função de sujeito. Algumas construções subjetivas apresentam processo de gramaticalização e outras, motivações em competição. No caso de gramaticalização (HEINE,2003; TRAUGOTT,2003; BYBEE & FLEISCHMAN, 1995), a oração pode ser vista como uma predicadora e também pode assumir nova(s) categoria(s) gramatical(is), sendo reconhecidas com uma função próxima de advérbios ou até de marcadores discursivos, o que revela a estratificação no processo de mudança. Ou a oração mantém seu papel predicador e expressa ainda a atitude do falante, marcando avaliação (DIAS & MOURA, 2011), evidencialidade e modalidades deôntica e epistêmica(BYBEE, 2003; BYBEE, J. & HOPPER, P, 2001). A hipótese prevê que a posição inicial da sentença constitui o espaço de marcação de atitude do falante, daí o segmento A ser contaminado por este espaço. O ensino escolar considera o segmento A como oração principal e o segmento B como oração subordinada substantiva subjetiva. O problema encontrado em sala de aula vem do fato de os alunos terem grande dificuldade em identificar o segmento A com sua função predicadora, mas destacam como relevante a sua função textual-discursiva, modalidades deôntica, epistêmica e avaliativa. Os dados escritos são retirados do acervo digital da Revista Veja. Os dados de fala são retirados do projeto Fala Mineira e do Grupo de Pesquisa PORUS/UFF.

CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS TEMPORAIS: PROPOSTA DE ENSINO
Ediene Pena Ferreira
Sérgio da Silva Pereira

Este trabalho de orientação funcionalista, vinculado ao projeto Contribuições Funcionalistas para o ensino de língua portuguesa: um estudo da articulação de orações, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (GELOPA), pretende estudar, em diferentes gêneros de textos do português brasileiro contemporâneo, a articulação hipotática das orações, com enfoque na hipotaxe adverbial temporal, com o propósito de investigar as funções discursivas e coesivas desse tipo de hipotaxe e propor atividades voltadas ao ensino. O tratamento que a gramática tradicional reserva às orações adverbiais vem sendo questionado por abordagens linguísticas. Tradicionalmente as orações que expressam circunstâncias de tempo, causa, concessão, condição etc. são rotuladas como subordinadas. A crítica a essa classificação é feita porque as orações adverbiais não apresentam o comportamento de simples elementos que constituem outra oração, mas, segundo Matthiessen e Thompson (1988), estão relacionadas ao fluxo informacional e diretamente envolvidas com funções textual-discursivas. Tais características são de extrema importância para o discurso e devem ser consideradas no dia a dia da sala de aula. Assim, o estudo das orações adverbiais deve ser feito considerando o modo como essa oração se articula com a chamada principal, a forma da oração adverbial e as relações lógico-semânticas expressas na cláusula. Para esse estudo, foram registradas 50 (cinquenta) ocorrências de cláusulas temporais, extraídas de textos do Corpus Mínimo de Textos Escritos em Língua Portuguesa – COMTELPO (FIGUEIREDO-GOMES; PENA-FERREIRA, 2006) do gênero da ordem da narrar (GON) e do gênero da ordem do relatar (GOR). Os resultados mostram que as cláusulas temporais exercem as funções discursivas de tópico, fundo e ponte de transição.

SESSÃO 2
A SEMÂNTICA DO TEMPO PRESENTE
Caroline Soares da Silva (UFF)
Orientadora: Profa. Dra. Jussara Abraçado (UFF)

O tema do projeto é a investigação do sentido do Tempo Presente em manchetes de jornais e revistas online que informam sobre fatos já ocorridos. A Internet com as suas novas ferramentas e tecnologia provocou diversas transformações no modo de abordar a notícia. Houve uma mudança na rotina jornalística da produção de informação, já que os acontecimentos são flagrados e divulgados quase que instantaneamente. Em razão disso, as formas e formatos de difusão das notícias também se adaptaram a esta nova realidade. O resultado é um produto jornalístico que busca empregar uma linguagem em tempo real. O objetivo da pesquisa é analisar, sob a perspectiva do funcionalismo linguístico (nos moldes de Givón, Hopper, Traugott e Heine , entre outros), o emprego dos verbos no Tempo Presente em manchetes que informam sobre fatos passados, e que, aparentemente , não correspondem ao Presente Histórico. Tomando como base a conceituação dos tempos verbais em gramáticas normativas e descritivas, pretende-se definir e compreender este "novo" uso do verbo e sua relevância e contribuição para os estudos da linguagem. Os tempos verbais têm a função de sinalizar a situação comunicativa e o momento em que ocorrem os fatos. Contudo, os conceitos preconizados pelas gramáticas normativas nem sempre contemplam todas as situações e casos que aparecem no discurso, produzidos no meio social. Há usos marginais que não são tratados pela abordagem convencional, mas que são utilizados e até aceitos na comunidade lingüística. Pretende-se analisar também a questão da subjetividade e forma de organização das informações dessas manchetes, seu valor expressivo e a polissemia do tempo presente como uma possível mudança linguística motivada pelo discurso midiático jornalístico.

INTERFACE SINTAXE, SEMÂNTICA E CONTEXTO DISCURSIVO NA CONSTRUÇÃO IR + INFINITIVO
Maria Aparecida da Silva Andrade (Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy)

O emprego do verbo ir como auxiliar, tanto na modalidade oral como na escrita, é um fato corrente na Língua Portuguesa. Um estudo feito no corpus D&G-Natal em textos orais e escritos produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, Ensino Médio e último período universitário revelou o emprego da construção ir + infinitivo para indicar a) deslocamento espacial concreto + tempo/aspecto habitual; b) auxiliar de tempo/aspecto/modo; e c) operador argumentativo. O comportamento de ir nessa construção revela o processo de gramaticalização (TRAUGOTT & HEINE, 1991) desse verbo que segue uma trajetória de abstratização progressiva do sentido (HEINE et al, 1991 b), indo do mais concreto, com sentido de deslocamento espacial, ao sentido mais abstrato, quando tanto pode exprimir tempo futuro bem como convite, ordem ou sugestão. O contexto discursivo é um fator determinante na manifestação do caráter multifacetado dessa estrutura, e, segundo a pesquisa, o uso de ir + infinitivo apareceu, em maior ocorrência, no gênero discursivo relato de opinião. Nesse gênero o falante manifesta um posicionamento perante o assunto, levando-o a uma exposição de seus pensamentos, crenças e valores a respeito do vir a ser, caracterizando assim a sua subjetividade. Acrescentamos ainda que a construção, ora em destaque, representa, segundo Goldberg (1995, 2006), um pareamento entre forma e significado, cujo sentido se efetiva pela unidade formada pelos elementos componentes da construção. Nossa pesquisa confirma o caráter maleável da gramática que, segundo a concepção funcionalista, está "num contínuo fazer-se, mas nunca se estabiliza", tendo em vista atender às necessidades comunicativas e cognitivas dos seus usuários. Concluímos que é no uso que as estruturas gramaticais efetivamente se realizam (FURTADO DA CUNHA, 2008), portanto a análise linguística deve ultrapassar os limites da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa motivações para os fatos linguísticos.

ABORDAGEM FUNCIONAL DA GRAMÁTICA – A METAFUNÇÃO INTERPESSOAL
Vania Lúcia Rodrigues Dutra (UERJ e UFF)

Diante da nova realidade que se apresenta e das exigências da vida em sociedade e do mundo do trabalho, o foco das aulas de Língua Portuguesa não pode ser mais a gramática com objetivo e fim em si mesma, como ainda vem acontecendo em nossas escolas. O desafio que se coloca para os professores, hoje, como condutores do processo de ensino-aprendizagem da língua, é ampliar a competência comunicativa dos alunos. Para que esse objetivo seja alcançado, a ênfase precisa estar no trabalho com textos, ou seja, com a língua em funcionamento. As pesquisas sobre a linguagem desenvolvidas nas Universidades têm contribuído para o questionamento de conceitos e métodos que orientam o trabalho dos professores com a linguagem verbal na Escola Básica, e um dos caminhos apontados é o enquadre teórico proposto pela Linguística Sistêmico-Funcional, que muito tem a oferecer no que diz respeito ao trabalho com a gramática. Esse modelo investigativo representa uma tentativa de descrição do funcionamento da língua - o que deveria ser o foco do trabalho na escola -, examinando-a como uma entidade não suficiente em si, e investigando a estrutura linguística vinculada a seu contexto de uso - o que confere especial relevância à correlação entre as propriedades das estruturas gramaticais e as propriedades dos contextos em que ocorrem. Analisaremos, neste trabalho, como a metafunção interpessoal da linguagem (Halliday) manifesta-se em textos argumentativos e como o trabalho com as marcas linguísticas que a materializam no texto pode contribuir para um trabalho com a leitura crítica na escola básica.

A MODALIDADE DEÔNTICA E A MÍDIA TELEVISIVA: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA EM TEXTOS OPINATIVOS
Nádja Paulino Pessoa Prata (UFC)

A modalidade deôntica constitui uma categoria em língua portuguesa, cuja expressão se dá por diversos modos. Tal categoria, em geral, está relacionada a três valores (obrigação, proibição e permissão). A obrigação, foco deste trabalho, parece ser o valor prototípico, em virtude da frequência em que aparece em diversos tipos de discursos, tais como o jurídico (LEITE, 2002), o político (MENEZES, 2006; 2011), o publicitário (PESSOA, 2007), o midiático (PESSOA, 2011), entre outros. Em sendo assim, em português europeu, a expressão desse valor está relacionada, em termos de frequência, ao tipo de tema (cultura, desporto, opinião e economia), na mídia televisiva, o que demonstraria que as "escolhas" linguísticas que os falantes fazem dependem em parte de um contexto mais amplo. Para dar conta desses aspectos, optamos por uma abordagem que analise as estruturas linguísticas em dada situação comunicativa, significando a opção pelo modelo funcionalista, especificamente, o modelo top-down da Gramática Discursivo-Funcional, uma vez que a língua é vista como um instrumento de interação social. No tocante à metodologia, (i) a análise foi feita em textos opinativos difundidos pela mídia televisiva, a partir do corpus REDIP, construído pelo Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), localizado em Portugal; (ii) a determinação da frequência das expressões modais de obrigação é feita tendo vista o programa computacional SPSS. Este trabalho é um recorte do Projeto de Pesquisa "A expressão da obrigação em português europeu: uma análise da mídia televisiva", desenvolvido no Departamento de Letras Estrangeiras, da Universidade Federal do Ceará, tendo como foco, portanto, à descrição e à análise linguística da língua portuguesa usada na Europa, o que pode servir de subsídios para possíveis comparações entre o português europeu e o português brasileiro, no que se refere aos diversos níveis de análise, seja ele o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático-discursivo, de modo a estabelecer semelhanças e diferenças entre cada nível. Tais análises podem nortear a construção de materiais didáticos, a compreensão do sistema linguístico e da construção do discurso midiático, e auxiliar o professor nas explicações sobre textos de caráter opinativo que circula na mídia televisiva.

SESSÃO 3
A NATUREZA DISCURSIVO-PRAGMÁTICA DOS TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO
José Fernandes Campos Júnior (UFRN)

Ao contrário do que apregoam as gramáticas normativas tradicionais, o aparecimento, no texto, dos termos acessórios da oração relaciona-se às funções que estes desempenham na comunicação interpessoal, sendo seu uso determinado por fatores que ultrapassam a estrutura linguística. Por levar-se em consideração a complexidade da informação e o grau de informatividade compartilhado pelos interlocutores envolvidos na interação, adotam-se neste trabalho os pressupostos teóricos do Funcionalismo lingüístico norte-americano e da Pragmática, uma vez que se considera aqui a existência de uma língua real e o uso concreto que os falantes fazem dessa língua. Segundo o Funcionalismo, para explicar a estrutura sintática são utilizados diversos princípios comunicativos, entre os quais podemos citar o dinamismo comunicativo e o conhecimento pragmático compartilhado. Inicialmente se procurará observar o enfoque dado ao uso dos termos acessórios em algumas gramáticas normativas da língua portuguesa, na intenção de identificar os critérios utilizados para a sua manifestação, para, em seguida e com base no referencial escolhido, explicar como os fatores pragmáticos e discursivos contribuem para a ocorrência desse fato linguístico. Assim, torna-se patente que o uso de tais termos é motivado por fatores que se encontram externos ao sistema da língua e que as regras gramaticais não estão prontas a priori, mas se apresentam flexíveis, maleáveis, sendo determinadas por pressões do uso. Dessa forma, olha-se para a língua como um organismo vivo e maleável no preenchimento das necessidades comunicativas de seus usuários, refletindo a possibilidade de abandonar uma concepção de linguagem e língua que vincula correção gramatical a fortes e arraigadas tradições normativistas e comumente preconceituosas.

A MESMA ESTRUTURA SINTÁTICA SVOD CORRESPONDERIA À MESMA ESTRUTURA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA NA LÍNGUA EM USO? – UMA INVESTIGAÇÃO DE MOTIVAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICA E PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS NO TEMPO DE CURTA DURAÇÃO COM APLICAÇÕES PARA O ENSINO
Ivanilde da Silva (USP)

Sob as bases teóricas e metodológicas da Sociolinguistica Variacionista (Labov, 1972; 1994) e Funcionalistas (Dik, 1989), este trabalho apresenta os resultados da análise de 255 dados da língua em uso de 4 falantes do português popular paulista ? Projeto Português Caipira (USP), distribuídos em duas faixas etárias acima de 20 anos e acima de 40 anos. A hipótese geral deste trabalho é que a estrutura argumental do objeto direto varia. A partir da suposição geral desta pesquisa, objetivei analisar o comportamento do objeto direto para perceber e explicar variações no uso das estratégias de preenchimento do complemento direto, descrito pelas gramáticas tradicionais como estrutura sintática estanque. Condicionadores lingüísticos como valência, informações dadas e novas, tempo e formas verbais, traços de animacidade, semântica do verbo e do objeto bem como fatores sociais como a idade e o sexo foram motivações utilizadas para mensurar os dados lingüísticos em uso. Os resultados percentuais apontaram variação de uso, prevalecendo o uso de sintagmas nominais (SNs) como alternativa privilegiada de uso pelos falantes do português popular em São Paulo – capital. Em segundo lugar prevaleceu o uso de objeto nulo, provável estratégia de complemento direto pelo fato de o clítico não mais existir na fala de pessoas sem escolarização e que não necessitam dominar a língua considerada de prestígio. Para estes falantes o essencial é que a comunicação efetiva se estabeleça. Isso ficou comprovado porque tanto falantes quanto entrevistadores

se entenderam para satisfazer necessidades da interação verbal naquele momento de entrevista gravada, que seguiu os critérios metodológicos labovianos no que se refere à coleta de dados da comunidade de fala do Português Popular de São Paulo (PPOP-SP). Pronomes tônicos foram empregados em poucos casos, revelando a necessidade de se pesquisar em quais ambientes costumam aparecer este tipo de estratégia de complemento direto tônico. Pelos resultados de freqüência de uso a estrutura argumental é variável a depender principalmente de motivações discursivas e pragmáticas que sustentam as bases maleáveis do texto discursivo, bem como a sintaxe sustenta as bases de fixidez do estrutural-estruturante da língua, comprovando o funcionar da língua no "aparente caos lingüístico" (Cf. LABOV, W., 1972; LUCCHESI, D., 2004).

CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS CONDICIONAIS: PROPOSTA DE ENSINO
Thaiza Oliveira da Silva (UFPA)
Ediene Pena Ferreira (UFPA)

O estudo das cláusulas hipotáticas faz parte do projeto Contribuições Funcionalistas para o ensino de língua portuguesa: um estudo da articulação de orações, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará (GELOPA). Por articulação entendemos a combinação de orações que não estão integradas estruturalmente em outras, mas estão a serviço da organização discursiva. Seguiremos as orientações de Matthiessen e Thompson (1988), que entendem que as orações se combinam para refletir uma organização retórica do discurso. É objetivo do trabalho, por meio da abordagem funcional-discursiva, elaborar propostas para o ensino dessas orações, que vêm se constituindo em um dos entraves no processo ensino/aprendizagem da língua portuguesa. Nesta pesquisa, será dada ênfase ao estudo das hipotáticas condicionais, por esse tipo de cláusula, juntamente com as temporais e causais, ter importante função textual discursiva, contribuindo para a tessitura e compreensão de textos. Para estudar o modo de articulação de orações hipotáticas condicionais foram selecionados textos publicitários do gênero propaganda, com o propósito de explicar o funcionamento de processos básicos de formação de enunciados complexos e propor alternativas para um ensino mais eficiente. Como referendação teórica, foram utilizados os estudos de Geraldi (1987), Neves (1999), Decat (2001) e Sweetser (1990). O corpus, coletado em oito revistas de circulação nacional, é composto por quinze Partindo de uma abordagem discursivo-funcional, utilizamos quatro categorias de análise, dentre as quais destacamos a estrutura sintática. Nessa categoria de análise, estabelecemos quatro tipos, a saber: as condicionais prototípicas com a conjunção se ou equivalentes; as construções com outras conjunções tradicionalmente não consideradas condicionais; as condicionais justapostas; e, as condicionais em estrutura de miniconversação. Nossa análise demonstra que as construções hipotáticas condicionais são utilizadas como recurso discursivo, a fim de manter um diálogo com o leitor/interlocutor, com o objetivo principal de persuadi-lo.

ÁREA TEMÁTICA 19: COGNIÇÃO E ENSINO

SESSÃO 1
AUSUBEL Y VYGOTSKY NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
Izabel Souza do Nascimento (UFRN)

O ensino de línguas estrangeiras hoje, diferentemente do que acontecia há alguns anos, segue várias tendências teóricas, algumas novas e outras revisitadas, reestruturadas com estratégias que favorecem ensino efetivo da língua em foco. Sabemos também que línguas diferentes requerem estratégias diferentes, mas, todas tem como fim a ideia de que o ensino de língua deve ter como foco a comunicação, o letramento em língua estrangeira. Nosso estudo tem se voltado, há pouco mais de um ano, à elaboração de estratégias de ensino para a efetivação dessa mobilidade em língua estrangeira a partir de um plano de aula elaborado a partir das leituras de Ausubel e Vygotsky. Não se trata de um plano novo, mas de um plano que efetive o que as teorias comunicativas propõem. Enquanto Ausubel está preocupado em entender como as crianças aprendem e indica uma inserção dos conhecimentos prévios dos alunos como ponto de partida para este aprendizado, Vygotsky tem seus estudos pautados no espaço máximo de aprendizagem do aluno. A contribuição de Vygotsky para nosso estudo é a ideia de ZDP, em que teoriza um espaço virtual possível de aprendizagem. Com estes dois autores, podemos, em nossas pesquisas, elaborar diversas estratégias com foco comunicativo de efetivação dos estudos em línguas estrangeiras que partem de conhecimentos prévios e chegam, e aportam, na zona de desenvolvimento proximal. Com isso o que fazemos é elencar os conteúdos programáticos dos principais livros de texto para o ensino de línguas (espanhol, inglês e francês), transformá-los em componentes comunicativos, (quando os livros não trazem esta abordagem) e elaborar planos de aula que, considerando os conhecimentos prévios e a ZDP, consigam aportar comunicabilidade à aula. Varias são as estratégias utilizadas, novas e antigas tendências, tecnologias, enfim tentamos elaborar aulas que atendam às demandas da contemporaneidade do ensino aprendizagem de línguas estrangeiras modernas.

A SIMULAÇÃO MENTAL COMO MECANISMO COGNITIVO NA COMPREENSÃO DE NARRATIVAS FANTÁSTICAS.
Cleido de Noronha Freire (UFRN)

O objetivo deste trabalho é demonstrar como são construídos padrões abstratos a partir de práticas reais recorrentes. Para isso, usamos o conceito de Simulação Mental, uma vez que tal conceito será essencial para entendermos como o significado é construído gradativamente através das nossas experiências perceptivo-motoras e sociais. A nossa discussão está ancorada na concepção da Linguística Cognitiva de Lakoff& Johnson; nas Teorias da Mesclagem e dos Espaços Men-

tais de Fauconnier; nos estudos da Gramática de Construções Corporificada Bergen& Chang e, sobretudo, nos Centros Dêiticos de Rapaport por entendermos que esse estudo tem uma maior preocupação com a compreensão do leitor e, por isso, assume uma significativa importância neste trabalho. Os Centros Dêiticos são modelos mentais de informações a respeito da personagem, do tempo e do espaço, que são acionados pelo leitor/ouvinte no decorrer dos processos de compreensão da narrativa, sobretudo nas narrativas fantásticas que se caracterizam principalmente pelas constantes quebras de expectativas. Esse aparato teórico nos permite compreender a cognição corporificada como o resultado dos processos evolucionários de variação e seleção situados num relacionamento contínuo e dinâmico entre organismo-ambiente. Ao manipularmos constantemente pistas linguísticas dadas pelo texto, estamos influenciando a nossa percepção da realidade, tornando as novas experiências sensório-motoras significativas, uma vez que construímos significados através da simulação de objetos e ações descritas na linguagem.

A COMPREENSÃO DO PADRÃO DISCURSIVO CHARGE NUMA ABORDAGEM COGNITIVA: PROCESSOS DE MESCLAGEM
Arethusa Andrea Fernandes de Oliveira Barros (UFRN)

Este trabalho busca investigar como a Lingüística Cognitiva pode facilitar o processo de ensino aprendizagem dos alunos no ensino médio, no que se refere à interpretação de textos como a charge. Com o intuito de oferecer subsídios que possam auxiliar na prática educativa na sala de aula, escolhemos o gênero textual charge por ser um gênero que se adapta a qualquer público, e a qualquer idade. A charge é um texto que une a linguagem verbal e a não verbal, e nós procuraremos visualizar a mesclagem entre essas duas linguagens, considerando que o sentido não está no texto, mas será construído pelo aluno, no decorrer da aprendizagem. Numa abordagem cognitiva, partimos de uma concepção em que a linguagem é compreendida a partir de nossas experiências sociais e culturais com o mundo. Por isso, é possível acionarmos frames e esquemas em um texto, graças a nossa capacidade de categorizar as coisas e experiênciá-las no mundo. Acreditamos que algumas das dificuldades enfrentadas pelos alunos na interpretação de textos, seja o fato de a análise ser puramente formal, isto é, baseada apenas na "forma", no léxico, não considera-se a construção, o padrão (forma/sentido). Pensando nestas questões, apresentaremos como objetivo principal em nossa pesquisa, ainda em andamento, a maneira como ocorre os processos de significação que subjazem à compreensão dos alunos no padrão discursivo charge. Este objetivo tem o seguinte desdobramento: a) investigar que mecanismos são acionados durante a compreensão do texto; b) facilitar através desses mecanismos (frames e esquemas) no processo de compreensão textual. À luz dos referenciais teóricos de Fauconnier e Turner, nos apoiaremos na Teoria da Mesclagem Conceptual com a finalidade de perceber como são construídos esses processos de significação pelos alunos, durante a análise das charges em sala de aula. O conhecimento prévio articulado às experiências sociais e culturais de cada aluno será fundamental nesse processo de compreensão textual, e a palavra será uma espécie de guia que nos levará ao sentido, isto é, à compreensão do texto.

A COMPREENSÃO DA NARRATIVA EM MACHADO DE ASSIS: UMA ANÁLISE DO PADRÃO DISCURSIVO CONTADOS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA ESCOLA PÚBLICA
Maria Dalva Rabêlo (UFRN)
Orientador Prof.Dr.Paulo Duque(UFRN)

Este artigo tem como objetivo analisar, entender e verificar como os alunos do 9º Ano e Ensino Médio de escola pública, compreendem os Contos de Machado de Assis, ancorados nas suas experiências de mundo. Dentre estas experiências analisaremos como os alunos, enquanto leitores, se relacionam com os domínios e esquemas e seus conhecimentos prévios. A partir de Padrões Discursivos, leitores, através de suas capacidades cognitivas, constroem sentidos em textos ficcionais ou não. Com base nisso, verificaremos como ocorre o processo de compreensão dos Contos de Machado de Assis.Os Contos escolhidos para tal pesquisa são os seguintes: A cartomante e Uns braços. A metodologia admitida para desenvolvimento desse trabalho será a seguinte: inicialmente faremos um breve histórico biográfico de Machado de Assis, em seguida faremos leituras em grupo e coletivas dos Contos escolhidos, para posterior discussão e debate; no segundo momento faremos aplicação de questionários para coleta de dados, que registre. A análise dos dados encontrará suporte teórico nos conceitos e pressupostos da Linguística Cognitiva. Pretendemos que este trabalho possa contribuir para subsidiar o ensino da Língua Portuguesa (literatura) e para o estudo de interpretação de textos narrativos, sejam eles ficcionais ou não.

TRANSTORNOS DE LINGUAGEM E CONSEQUÊNCIAS NA LITERACIA
Maria Cecilia Mollica (UFRJ/IBICT/CNPq)

Na comunicação, estabeleço a relação entre características sociais, cognitivas e genéticas com alguns quadros de transtornos de linguagem que, comprovadamente, comprometem a Literacia. Situando-me na interface Linguística/ Saúde, saliento a importância, na formação do professor, do conhecimento acerca da existência de síndromes que acometem alguns falantes e que de fato obstaculizam o processo de percepção e processamento linguístico, seja na aquisição de línguas, seja no processo da lecto-escrita. Como resultado de operação complexa de várias redes neuronais que participam de estruturas corticais e subcorticais, a linguagem pode ser afetada quando se observam estruturas lesadas em nível leve, médio e severo, dado que o desenvolvimento dos processos de leitura e escrita em crianças, em jovens e adultos depende do desenvolvimento de habilidades de natureza neuropsicológica, biológico-maturacional e psicopsicossocial. Estudos de caso demonstram que há fatores subjacentes às dificuldades que se impõem aos con-

siderados aprendentes comprometidos durante os processos da alfabetização e dos letramentos. No entanto, quase todos os quadros não implicam grau baixo de inteligência nem ausência de habilidades sensoriais normais. Por isso, é relevante descrever as operações indispensáveis ao processamento e decodificação linguística, demonstrando como a consciência fonológica auxilia no desenvolvimento de competências de ordem visuo-auditiva na apropriação de componentes complexos durante a Literacia, descartando os fatos naturais emergentes, variáveis e previsíveis, registrados no aprendiz iniciante. Os reais problemas de linguagem se diferenciam das fases esperadas e normalmente superadas ao longo do processo de letramento formal, por isso os educadores precisam conhecer a distinção entre os conceitos de sujeitos típicos e atípicos. Desse modo, procedo à comparação entre sujeito atípico, analfabeto funcional e alfabetizado pleno, pontuando características comuns e próprias a cada caso. Alerto então para a importância da formação qualificada e adequadamente especializada que se requer dos profissionais de Educação, na contemporaneidade, em que ações afirmativas demandam a implantação de políticas inclusivas na Escola.

SESSÃO 2

LÍNGUA É UM RECIPIENTE: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS DAS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM ADOTADAS POR PROFESSORES EM SALA DE AULA

Estevão Domingos Soares de Oliveira (UFPB)
Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB)
Thalita Maria Lucindo Aureliano (UFPB)

A metáfora conceitual, para além da sua constituição a partir de bases como o corpo, a cultura, a sociedade, etc., exerce um importante papel na conceitualização de nossas visões de mundo e de nossas ações. Em vista dessa orientação teórica, buscamos realizar uma análise das metáforas licenciadas no discurso de professores de língua do ensino fundamental com o fim de descrever essa conceitualização. Assim, o que pretendemos abordar neste trabalho são as diversas relações que existem entre metáfora e ensino tratando, mais especificamente, da ação linguístico-discursiva de professores de língua portuguesa, em contexto real de sala de aula, no uso metafórico das concepções de língua mobilizadas durante o processo de ensino/aprendizagem. Podemos dizer que as metáforas enunciadas indicam que há uma influência destas na concepção de língua dos professores e as suas atitudes diante do funcionamento da língua em sociedade. Discutiremos os usos metafóricos mais recorrentes de tais conceitos, quais sejam: LÍNGUA É UM RECIPIENTE e LÍNGUA É UM CORPO. Os dados pesquisados fazem parte de um corpus coletado em interações reais em sala de aula em diferentes séries escolares do ensino fundamental. Ao invés de um recurso meramente estético, a metáfora se apresenta como um fenômeno cognitivo inevitável (Cf. GRADY, 1997). Seu emprego, seja em referência à linguagem ou a outros conceitos, é sistemático (LAKOFF; JOHNSON 1980); está presente em todas as esferas de nossa vida cotidiana – não apenas na linguagem, mas também no pensamento e nas ações – e sua motivação pode ser investigada a partir da experiência do homem com o próprio corpo e com o mundo.

INTERVENÇÃO NO DISTÚRBIO DE APRENDIZAGEM COM ENFOQUE EM HABILIDADES METAFONOLÓGICAS: ESTUDO DE CASO

Ana Cristina de Albuquerque Montenegro
Angélica Galindo Carneiro Rosal

O distúrbio de aprendizagem é caracterizado pela presença de disfunção neurológica, apresentando alterações nos níveis fonológicos, morfológicos, sintático e semântico. Para que ocorra o domínio do princípio alfabético são fundamentais as habilidades em análise, síntese e manipulação dos componentes fonológicos da fala, que compõem a consciência fonológica. Diante desses casos, devem-se contemplar as capacidades cognitivas e metacognitivas da linguagem, proporcionando melhores condições de codificação e decodificação funcional. Objetivo: Descrever a contribuição da intervenção fonoaudiológica com ênfase na estimulação das habilidades metafonológicas no aprendizado da leitura e escrita de uma criança com distúrbio de aprendizagem. Metodologia: A pesquisa foi conduzida no Laboratório de Linguagem da Clínica-Escola do Departamento de Fonoaudiologia da UFPE. Trata-se de um relato de experiência com participação de um paciente de 12 anos de idade, estudante frequentador de uma escola da rede pública de ensino, diagnosticado com deficiência mental leve, apresentando como principal característica distúrbio de aprendizagem. Foram realizadas terapias semanais entre março a junho de 2011. Utilizou-se como instrumento de avaliação o Teste de Consciência Fonológica – CONFIAS, e avaliação da escrita ortográfica - Ditado Balanceado. Durante as intervenções buscou-se estimular a consciência fonológica em nível silábico. Resultados e Discussão: O indivíduo apresentou melhora de desempenho nas avaliações pós-testagem, se comparado aos resultados obtidos na pré-testagem. Observou-se na avaliação inicial da consciência fonológica a obtenção de 23, 3% de acertos em nível fonêmico. Após o período de intervenção terapêutica os resultados revelaram um salto quantitativo correspondente a 43, 3%. Em contrapartida, o nível silábico se manteve com porcentagem de 65%. Referente ao desempenho ortográfico, o paciente realizava diversos processos, tais como: omissões, representações múltiplas, trocas e adições de letras. Porém após o período de intervenção sua escrita aprimorou-se, demonstrando diminuição dos erros ortográficos, melhor caligrafia e escrita de palavras com mais sílabas. Apesar do período curto de intervenção os resultados foram satisfatórios. Conclusão: Com base nos dados obtidos foi possível concluir que a intervenção fonoaudilógica com enfoque na estimulação da consciência fonológica, em nível silábico, subsidiou o desempenho das demais habilidades metafonológicas, como também o processo de leitura e escrita da criança com distúrbio de aprendizagem.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: O PROCESSO DE MESCLAGEM NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS
Monalisa Medeiros (UFRN)
Orientador Prof. Dr. Paulo Henrique Duque (UFRN)

A história em quadrinhos (HQ) é um gênero textual (MARCUSCHI, 2005) que se estrutura, de modo geral, a partir da linguagem verbal e da linguagem não verbal. De acordo com Eguti (2001), os quadrinhos têm como objetivo principal a narração de fatos procurando reproduzir uma conversação natural, na qual os personagens interagem face a face, manifestando-se por palavras e expressões faciais e corporais. Desse modo, todo o conjunto do quadrinho é responsável pela transmissão do contexto enunciativo ao leitor. Para a composição de uma HQ concorrem uma série de elementos – intertextualidade, interdiscursos, metalinguagem, etc. – que devem ser ativados pelo leitor para construir os sentidos do texto. Consoante os estudos da Linguística Cognitiva (MINSKY, 1974; TEIXEIRA e OLIVEIRA, 2007; DUQUE E COSTA, 2011), as estruturas cognitivas acionadas durante o processo de produção e compreensão do discurso são organizadas por meio de frames, relacionados a estruturas de "memória social" e esquemas, relacionados a estruturas de "memória pessoal". O elemento "social" fomenta sua importância quando nos damos conta de que o conhecimento prévio sobre o mundo, o qual é primordial para a compreensão do texto, é advindo exatamente das experiências com o outro e da interação social (VANIN, 2009). O objeto deste trabalho, que toma por base os pressupostos da Linguística Cognitiva, é analisar como, na construção de sentidos de uma história em quadrinhos do gibi da turma da Mônica, intitulada "Presa no banheiro usando o batom da mamãe", se realiza o processo de "mesclagem" (também caracterizado pela integração entre "frames" e "esquemas") que interfere tanto no processo de construção quanto no processo de compreensão dos sentidos do texto em análise.

ÁREA TEMÁTICA 20: AQUISIÇÃO DE LÍNGUA E ENSINO

SESSÃO 1
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA- LSB: BREVES CONSIDERAÇÕES
José Edmilson Felipe da Silva

Com a oficialização da Língua de Sinais Brasileira em 2002 (Lei Nº 10.346, de 24 de abril) e sua regulamentação em 2005 (Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro) a LSB saiu da clandestinidade e passou a ocupar um lugar de destaque na proposta surda em um modelo educacional bilíngue. O Exame Nacional de Certificação em LIBRAS- PROLIBRAS - tem, a cada ano, mobilizado centenas de pessoas e despertado o interesse de milhares para esta forma de comunicação que durante décadas foi banida do sistema educacional brasileiro e mundial. A emergência da LSB - língua de sinais brasileira - nos últimos anos tem chamado a atenção de estudiosos que, até então, viam esta língua com pouco ou nenhum interesse. A regulamentação que a tornou disciplina obrigatória em vários cursos pode ser apontado como o marco inicial dessa reviravolta. Esta pesquisa bibliográfica e documental realizada entre os meses de novembro de 2008 e fevereiro de 2009, teve como principal objetivo tecer breves considerações sobre esta língua, abordando questões históricas e linguísticas como, origem, estrutura dos sinais e a forma gesto visual, com base em diversos autores, com destaque para Bakhtin. Concluímos que, apesar dos avanços na política nacional de educação inclusiva posta pelo MEC e da importância da língua de sinais brasileira para à comunidade surda, as medidas adotadas ainda não surtiram os efeitos desejados, pois a língua oral auditiva ainda ocupa o lugar de primeira língua na educação desses sujeitos, em detrimento da língua sinalizada.

LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS: ANÁLISE DAS DIFICULDADES DE ALFABETIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES EM LÍNGUA MATERNA
Abigail Guedes Magalhães (UFJF)
Rafaela de Oliveira Baio(UFJF)
Raissa Pifano de Araújo (UFJF)
Vanessa Titonelli Alvim(UFJF)
Orientador: Profa. Dra. Abigail Guedes Magalhães (UFJF)

Os objetivos desse trabalho visam detectar as possíveis causas do fracasso escolar de alunos das séries iniciais de uma escola estadual de Juiz de Fora/MG e realizar uma intervenção pedagógica de forma a minimizar as dificuldades de leitura e escrita. Os resultados apresentados são dados parciais da pesquisa "Aquisição e desenvolvimento de habilidades de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental", em andamento no âmbito do Grupo de Pesquisa FALE - Formação de professores, alfabetização, linguagem e ensino da Universidade Federal de Juiz de Fora - (CNPQ/UFJF). Os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa são aqueles que concebem a leitura numa perspectiva sociocognitiva, apoiando-nos em autores como Paulo Freire (2005), Magda Soares (2006), Ângela Kleiman (2008) e Mary Kato (2010). Como metodologia, utilizamos a pesquisa colaborativa, cujo objetivo é realizar intervenções no contexto escolar, campo de nossa investigação. Observa-se que há na pesquisa colaborativa uma aproximação entre universidade e escola, promovendo uma reflexividade crítica que proporciona aos professores uma revisão de suas práticas, fazendo avançar a formação docente. (IBIAPINA, 2008). Até o estágio atual da pesquisa, os dados apontam que a) as causas do fracasso escolar estão ligadas à pouca valorização dos conhecimentos prévios e experiências dos alunos, a problemas de intervenção/mediação dos professores, às dificuldades de fazer inferências, a interferências

externas "como a Prova Brasil", que desconsideram os ritmos dos alunos estipulando prazos, dentre outros; e b) quando há uma intervenção que contemple a leitura num concepção sociocognitiva, os alunos têm mais condições de desenvolver habilidades de um leitor proficiente.

LINGUAGEM, CORPO E SUJEITO: UM OLHAR ACERCA DA ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS
Gesebel de Lavor Araújo
Luiz Carlos Souza Bezerra

Este trabalho é resultado de discussões e reflexões sobre a escolarização de crianças autistas entendida como um processo de subjetivação. Pois assumimos que a escola é lugar de constituição subjetiva, de funcionamento de linguagem. Desse modo, pretendemos, neste trabalho, refletir sobre a escolarização de crianças autistas a partir do discurso de professores, bem como de observações de práticas escolares. Este trabalho justifica-se pela ausência de pesquisas que busquem elucidar a comunidade acadêmica a relação criança autista, linguagem, corpo, sujeito e escolarização, bem como na necessidade de conhecer as estratégias e as concepções de linguagem e de sujeito adotadas pelos docentes no trabalho com alunos autistas. Para tanto, os dados foram coletados a partir de entrevistas com três professores e de observações de práticas escolares realizadas em escola especializada, na cidade de Iguatu-CE. Os resultados foram analisados ancorados nos referenciais teóricos de De Lemos (1998, 2003, 2006) no que concerne a relação corpo-sujeito-linguagem; e nos trabalhos de Kupfer (1999, 2006) no que se refere à escolarização e subjetividade. Os resultados da pesquisa apontam que a proposta de escolarização em escola especializada propicia a relação professor-aluno, no entanto argumentamos a importância de que seja desenvolvida, paralelamente a inclusão destes alunos em escolas regulares visando à relação da criança autista com outras crianças em diferentes contextos sociais, por conseguinte, possibilitando, a construção de vínculos sociais. Os resultados evidenciam, ainda, que há necessidade de uma teorização nas práticas de escolarização com alunos autistas a partir de uma concepção de linguagem que inclua o corpo para que possa haver estranhamento, deslocamento de sentido, consequentemente funcionamento de linguagem. Igualmente, é importante ressaltar que é preciso designar um espaço de escuta para os professores nas formações iniciais e contínuas para que possam reconstituir a imagem que constituíram, anteriormente sobre seu papel na educação.

LINGUAGEM, CORPO E SUJEITO: INTERFACES DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
Luiz Carlos Souza Bezerra

Pretendemos, neste trabalho, refletir acerca de práticas escolares do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Inicialmente, é importante destacar que os termos AEE e Educação Especial não são sinônimos, pois o primeiro refere-se a práticas escolares que reconheçam e atendam as necessidades de estudantes com deficiência; já o segundo, é uma modalidade da educação que perpassa todos os níveis de ensino, do básico ao superior (BRASIL, 2007). As políticas educacionais, na perspectiva da educação inclusiva, vigentes enfatizam que o AEE é uma prática de ensino complementar e/ou suplementar, e não substituta a educação regular. Nesse sentido, faz-se necessário refletir e questionar de que ponto de vista essa proposta de ensino olha a criança, a linguagem e o sujeito em constituição. Da mesma forma, é preciso questionar se nestes atendimentos há funcionamento de linguagem, deslocamentos de sentido, ou se neles só se levam em consideração as necessidades específicas da deficiência, anulando assim, a linguagem e o sujeito. Partimos do princípio de que a prática pedagógica é discursiva e que necessita de uma teorização referente à linguagem. Assim, este trabalho fundamenta-se na perspectiva teórica de Cláudia de Lemos (2003, 2006, 2011) a qual implica a hipótese do inconsciente, e concebe a relação da criança com a linguagem e com o outro/Outro como causa de haver sujeito, de constituição subjetiva. Da mesma forma, há, nesta perspectiva, a inclusão do corpo concebido como pulsional, um corpo capturado pelo funcionamento de linguagem. Para tanto, tomaremos como material de análise a experiência desenvolvida durante cursos de formação docente, discurso de professores e observações de práticas escolares de AEE. Destarte, as reflexões suscitadas apontam a necessidade de uma teorização referente à linguagem, para que possa haver ressignificação, deslocamento de sentido e funcionamento de linguagem. Igualmente, é preciso conceber as incidências subjetivas no discurso docente, na relação professor-aluno e nas práticas escolares.

SESSÃO 2
RELAÇÕES GRAFOFÔNICAS, CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E INSTRUÇÃO FÔNICA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICO DO PORTUGUÊS
Wilson Júnior de Araújo Carvalho

Discutimos, à luz dos estudos psicolinguísticos e da psicologia cognitiva, as implicações da aprendizagem das relações grafofônicas, do desenvolvimento das habilidades metafonológicas e da instrução fônica para o ensino do sistema de escrita alfabético do português na alfabetização. Para subsidiar a discussão pretendida, apresentamos dados sobre o desenvolvimento da consciência fonológica e de aquisição da escrita, em crianças da educação infantil e do ensino fundamental, em diferentes níveis sócio-escolares (baseados na escolaridade parental), que nos mostram que a aprendizagem das relações grafofônicas e da consciência fonológica influenciam a habilidade de escrever palavras em um sistema de escrita alfabético. Os dados de duas escolas demonstram ainda que o ritmo de aprendizagem das relações grafofônicas e da consciência fonológica variam nos níveis sócio-escolares investigados e, em consequência, a habilidade de escrever palavras alfabeticamente. Tais considerações nos levam a refletir sobre as implicações dessas habilidades e da instrução fônica para o

ensino do sistema de escrita alfabético do português. Consideramos, portanto, que o ensino de um sistema de escrita de base alfabética, como no caso do português brasileiro, deve ocorrer com base na instrução explícita das relações grafofônicas do referido sistema, o que proporciona a descoberta do princípio alfabético por meio do qual se dá a descodificação fonológica. A instrução explícita de aspectos fonológicos da língua, por sua vez, além de favorecer o desenvolvimento de estratégias fonológicas para a identificação de palavras, também promove, em consequência, o desenvolvimento da consciência fonológica, sem a qual não ocorreria o recorte consciente do fluxo da fala em suas unidades constituintes (sílabas, rimas e fonemas), habilidade necessária à identificação de palavras nos sistemas de escrita de base alfabética.

PRODUÇÃO ESCRITA DE SURDOS COMO L2: CONTAMINAÇÃO DAS MODALIDADES ORAL E SINALIZADA
Adriana Di Donato (UFPE)
Débora Balbino da Silva (UFPE)
Elisabeth Cavalcanti Coelho (UFPE)
Oreintadora: Profa. Dra. Elisabeth Cavalcanti Coelho (UFPE)

Aprendizes surdos que possuam o português como segunda língua (L2) apresentam uma série de desvios da escrita padrão em seu processamento da linguagem. Este estudo detém-se no desvio tipo "contaminação por modalidade de língua", isto é, oral-auditiva por oralização e a viso-espacial na relação quirêmica da Libras (L1). Objetivou-se analisar desvios do tipo modalidade de língua na escrita do português por aprendizes surdos como L2. Utilizou-se o banco de dados do Departamento de Fonoaudiologia/UFPE, aprovação CEP/UFPE nº249/09. Aplicou-se o Protocolo de Avaliação de Linguagem Escrita para Surdos (PALES), que consta em uma tarefa de avaliação de palavras, a qual permite analisar a produção escrita como etapas de desenvolvimento. Participaram 326 surdos fluentes em Libras, com escolaridade superior a três anos do ensino obrigatório. Do total investigado, 79 (24%) apresentaram contaminação da modalidade da língua oral ou sinalizada, sendo 48% do sexo masculino, com idade média de 22,8 anos e 52% feminino, com 21,1 anos. Escolaridade: 22 sujeitos Fundamental 1 (28%), 49 Fundamental 2 (63%) e 7 Ensino Médio incompleto (9%). Estado: 65 (82%) de Pernambuco e 14 (18%) da Paraíba. Período: novembro/2010-junho/2011. Foram encontradas 92 ocorrências de contaminação da modalidade de língua, sendo 21 para o Português oral (23%) e 71 para Libras (77%). Quanto à oralização, houve maior ocorrência para os itens "batata"(18,9%), "beterraba" (14,3%) e "tesoura" (14,3%). Da contaminação da Libras, o item mais significante foi "azeite" (36,6%), seguido por "ovo" (28%) e "açúcar" (14%). As contaminações das modalidades das línguas apresentam-se como fator peculiar no surdo aprendiz de L2. Para esta amostra, alterações fonológicas nas línguas sinalizadas mostraram-se mais produtivas nos desvios na produção do português (77%). A palavra "ovo" aparece em segundo lugar (32,4%). Houve, também, destaque para os sinais homônimos "óleo" e "azeite", portanto, desvio lexical para a palavra "azeite" com 36,6% das ocorrências. Acreditamos que compreender melhor como ocorrem os desvios a partir da ótica do processamento linguístico do surdo, possibilita propor intervenções mais eficazes para a aquisição da escrita do português como L2.

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, DE LÍNGUA ESTRANGEIRA E BILINGUISMO NA INFÂNCIA: TEORIAS, CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES
Ana Clara dos Santos Oliveira (Colégo CEI)

Considerando o surgimento de novas tecnologias e a busca por um diferencial no mercado de trabalho, tornou-se indispensável que as pessoas tenham o domínio de outras línguas. Além disso, já é um fato, que hoje em dia, falar pelo menos um segundo idioma passou a ser mais do que essencial. Nesse sentido, o estudo em questão trata das principais teorias de aquisição da linguagem e de língua estrangeira assim como algumas considerações e reflexões acerca do bilinguismo na infância. Apresenta, dessa forma, o ensino da língua inglesa como língua estrangeira/segunda língua através de um programa bilíngue desenvolvido com crianças com idades entre 4 a 6 anos, no colégio CEI (Centro de Educação Integrada), situado na cidade de Natal/RN, em parceria com o sistema Learning Fun de franquias. Faz ainda, algumas observações a respeito de como as aulas são desenvolvidas, apresentando, através de descrições de algumas aulas, como se dá a aquisição/aprendizagem da língua inglesa nesse contexto. O artigo em questão fundamenta-se em autores como Piaget (1999), Vygotsky (1991), Chomsky (2002) e Jalles (2003) bem como as contribuições de Aimard (1998), Muller (2005), Yokota (2005), Sternberg (1992), Krashen (1992), Hagège (1996), Del Ré, org. (2006) e Strecht ? Ribeiro (1988) apud Sandoval (2008). Aponta, portando, que a infância é uma fase apropriada para a aquisição/aprendizagem de uma língua estrangeira/segunda língua, uma vez que é nessa fase da vida que alguns estudos apontam que o cérebro está em pleno desenvolvimento, facilitando, assim, a construção de novas habilidades e trazendo contribuições significativas na vida do aprendiz.

O LUGAR DO CORPO NA CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM
Francisca Cláudia Ferreira
Orientador: Paulo Henrique Duque

A dicotomia clássica corpo X mente fortemente difundida pelo pensamento cartesiano gerou um modo de pensar a natureza humana, suas faculdades, seus fenômenos, seu modo de ser e estar no mundo. Sua repercussão no nosso modo de conceber a Linguagem vai desde a forma de compreendermos o processo de aquisição da linguagem pelo ser enquanto criança ao modo de conduzirmos a aprendizagem de conhecimentos mais sistematizados no uso da língua. Esse pensamento encontra-se presente, direta ou indiretamente, em muitas práticas educativas, embora os professores não tenham consciência disso. Mas, sendo a linguagem uma das funções mentais superiores, qual a importância do corpo para sua aquisição? A linguagem é uma atividade meramente mental? Meramente abstrata? Isenta da participação do corpo? E

onde entra essa participação? Em que medida o corpo influencia na cognição e na linguagem? Esses questionamentos são heranças do pensamento de supervalorização da mente em detrimento do corpo, o que acaba por descartá-lo de todo o processo de aprendizagem. E o que muda em nosso fazer pedagógico ao considerarmos o corpo no processo de construção da linguagem? Essa pesquisa visa a refletir sobre o papel da corporalidade na construção da linguagem e nosso modo de pensá-la, bem como discutir o dualismo sensível X inteligível e sua influência no nosso modo de conceber a linguagem e no nosso fazer docente, trazendo reflexões sobre a hipótese da Corporeidade, e com isso, da mente corporificada e suas contribuições para a compreensão de como as experiências corpóreas contribuem para a formação da linguagem.

AQUISIÇÃO DA LIBRAS (L1) E LÍNGUA PORTUGUESA (L2) POR SURDOS EM CONTEXTO BILÍNGUE
Márcio Arthur Moura Machado Pinheiro
Maria José Nélo

Na Educação Inclusiva, no que tange à educação de surdos brasileiros, muito se tem falado em bilinguismo. Isso porque para o aluno surdo, tendo em vista o impedimento biológico para ouvir e a inexistência de referências linguísticas naturais e auditivas para aquisição da Língua Portuguesa e a Libras como primeira língua, é necessária que a aprendizagem daquela seja realizada de forma sistematizada e especializada, tendo como base a Língua Brasileira de Sinais. O português para o surdo é uma segunda língua (L2), pois a língua de sinais é a sua primeira língua (L1). Entretanto, o processo não é de aquisição natural por meio de construção de diálogos espontâneos, mas o de aprendizagem formal na escola. A maioria das vezes o aluno surdo chega a escola "sem língua", já que as famílias, em sua maioria ouvintes, não dominam a Língua de Sinais. É justamente na escola que, através da relações com outros surdos e do atendimento educacional especializado, se dará a aquisição/aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais e, simultaneamente, da Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita. Tais línguas são fundamentais para a compreensão e aprendizado das outras disciplinas e campos de conhecimento. Compreender e conhecer o processo de aquisição e desenvolvimento linguístico do aluno surdo é de fundamental importância a todos os professores, tanto os de línguas como os de outras áreas do conhecimento, a fim de que possam refletir sobre a maneira mais adequada de ensinar. É relevante salientar também que a escola e os educadores são os responsáveis pela inclusão dos surdos no ambiente escolar e social e pela garantia de serviço de apoio especializado, currículos, técnicas e recursos específicos para atender suas necessidades educativas especiais, conforme regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no Brasil (LDB, 1996) e pelo Decreto nº 5.626/05. O processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos precisa estar pautado em metodologias didático-pedagógicas específicas que contemplem as especificidades de cada situação de ensino-aprendizagem, as exigências de contextualização, situações e experiências significativas e uma abordagem interdisciplinar do conhecimento, para que se promova uma aprendizagem significativa.

SESSÃO 3
ASPECTOS SINTÁTICOS EM AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO OS PARÂMETROS DE OBJETO NULO E DE SUJEITO
Mayra Cristina Guimarães Averbug(ISERJ/FAETEC-RJ)

Com base em um corpus constituído de gravações da fala espontânea de três crianças, P., A. e H., entre 01;10,25 e 05;11,12 de idade, de classes sociais e graus de letramento diferentes, objetiva-se: (a) acompanhar longitudinalmente o processo de aquisição do PB, a fim de distinguir semelhanças e diferenças em suas gramáticas intermediárias; (b) verificar que contextos favorecem o objeto nulo e em quais se preferem DPs e nomes nus; (c) descrever os traços semânticos animacidade e especificidade do referente do objeto e as estruturas sintáticas produzidas; (d) determinar quais valores paramétricos estariam envolvidos na constituição de sua gramática nuclear; (e) observar a representação do sujeito para confirmar a assimetria entre sujeito e objeto em aquisição; (f) comparar os resultados de cada indivíduo/criança, levantando aspectos que diferenciam sua Língua-I; (g) contrapor resultados aos de outros trabalhos de aquisição e de estudos diacrônicos e sincrônicos sobre PB como L1; (h) revelar diferenças quantitativas e qualitativas entre a gramática infantil e a do adulto. A observação quantitativa dos dados revela que, dos 1100 enunciados computados, 463 (42%) correspondem a objetos novos, sejam preenchidos, sejam nulos dêiticos (imperativo e situacional). Os dêiticos equivalem a, aproximadamente, um quarto dos objetos novos (129 dados), sendo estes massivamente representados por complementos plenos, como era de se esperar: 334 ocorrências. Em 637 enunciados que apresentam um referente no contexto discursivo precedente, há uma predominância de nulos (56%), incluída a NCA (anáfora de complemento nulo), contra 44% de complementos preenchidos. O foco da análise recai, principalmente, na produção de objeto nulo anafórico por cada criança, ao longo de seu desenvolvimento linguístico. Serão investigados também os contextos semânticos (conjugação dos traços animacidade e especificidade do referente) e sintáticos (estrutura argumental dos verbos, estrutura de CP) que mais favorecem o objeto nulo. Em fase de aquisição, a maior expressão de nulos anafóricos ocorre, por exemplo, quando o antecedente é [- animado, + específico].

ANÁLISE SOBRE AQUISIÇÃO DA ESCRITA EM UM CORPUS DIGITAL DE ESCRITA INFANTIL
Gladys Rocha (UFMG)
Raquel Márcia Fontes Martins (UFLA)

Este trabalho apresenta a pesquisa "Meta-avaliação da alfabetização: Uma investigação do papel e potencialidade de itens e escalas de escrita", financiada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. A pesquisa tem como um de seus objetivos precípuos, a compilação, em um corpus digital, de aproximadamente um mi-

lhão e meio de itens politômicos de escrita infantil, oriundos da avaliação em larga escala, na área da alfabetização, leitura e escrita, denominada Programa de Avaliação da Educação Básica do Estado do Espírito Santo – Paebes/Alfa, aplicada junto a alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental em 2010 e 2011. Os dados, de caráter longitudinal, se referem a quatro tipos de itens de escrita: uso da página; escrita de palavras; escrita de frases (ditadas e compostas a partir de uma cena); e produção de textos. No momento, está sendo produzido um software para indexação da digitação dos dados digitalizados e desenvolvimento de mecanismos de busca avançada. Por se tratar de dados oriundos de avaliação em larga escala, esse corpus conta, para além da abundância de dados, com itens coletados com os mesmos procedimentos metodológicos e no mesmo período, em praticamente todos os municípios da rede pública capixaba e em uma amostra de 24 escolas privadas, junto aos mesmos alunos, ao início e final do 1º ano e ao final do 2º; e junto a outros grupos, ao final do 3ºano de escolaridade. Esses dados que apresentam, também, itens comuns entre os anos de escolaridade permitem, entre outras análises: a comparação entre tipos e frequência de erros de escrita em cada um desses momentos da escolarização; a apreensão do desenvolvimento de habilidades de uso da página, de escrita de palavras e de habilidades textuais. Permitem, ainda, a comparação entre dados de escrita com a proficiência em leitura demonstrada por alunos, turmas, escolas, municípios, regiões do estado etc.

TOMADA DE CONSCIÊNCIA NA ESCRITA COLABORATIVA EM LE NO USO DE TICS
Arthur Colaço Pires de Andrade
Joara Martin Bergsleithner (UNB)

Este estudo teve por objetivo investigar de que modo a escrita colaborativa pode ocorrer e contribuir para o desenvolvimento da produção escrita em inglês como língua estrangeira (LE). Os participantes da pesquisa foram 21 alunos da disciplina de Expressão Escrita, da Universidade de Brasília. Todos participantes tiveram que produzir textos (narrativos e descritivos) em colaboração com os demais colegas por meio do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), alternando-se e colaborando em sua produção. Pretendia-se, dessa forma, chamar a atenção dos alunos para os processos de escrita e ensinar a escrita através dos preceitos da aprendizagem colaborativa. Os resultados revelaram que a escrita colaborativa pode beneficiar o desenvolvimento da escrita em inglês como LE bem como levá-los a uma tomada de consciência sobre aspectos linguísticos relevantes, que são fundamentais na elaboração de um texto coeso, coerente e bem escrito.

ESTRATÉGIAS DE REPARO NA AQUISIÇÃO DE ONSETS COMPLEXOS: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LEITURA E ESCRITA
Lídia de Almeida Correia
Wilson Júnior de Araújo Carvalho

Considerando a aquisição fonológica segundo a Teoria da Fonologia Natural, cujo modelo estabelece uma relação de simplificação entre formas fonológicas infantis e adultas e a existência de estágios aquisicionais na fonologia infantil até que a criança alcance o alvo adulto no decorrer da aquisição do sistema fonológico, temos por objetivo descrever a aquisição de onsets complexos em crianças de uma variedade do português falado em Fortaleza. Dentre os questionamentos a serem respondidos pela pesquisa, pretendemos enfocar os seguintes neste trabalho: Quais as estratégias de reparo utilizadas pelas crianças na aquisição de onsets complexos do tipo C + lateral em comparação aos onsets complexos do tipo C + tepe? Como se dá a distribuição de tais estratégias de acordo com a idade da criança no decorrer do desenvolvimento fonológico típico? As análises preliminares de parte dos dados coletados indicam: as crianças empregam com maior frequência a elisão do segundo elemento do onset complexo, tanto em C + tepe quanto em C + lateral; a substituição do tepe pela lateral alveolar em C + tepe; a silabificação da estrutura CCV nos dois tipos de onsets complexos (CCV passa a CVCV). Os dados preliminares indicam ainda que a frequência de ocorrência de tais estratégias diminui com o avanço da idade e que a idade de 5 anos parece ser o marcador temporal da estabilização do processo de simplificação do encontro consonantal. O conhecimento de tais estratégias de reparo pode contribuir para que o professor da educação infantil saiba reconhecer os aspectos fonológicos que caracterizam a aquisição da língua oral, assim como, pode fornecer subsídios para as atividades didáticas a serem implementadas pelo professor no ensino da leitura e escrita, especialmente se consideramos que os processos de simplificação fonológica podem se manifestar nas produções iniciais de crianças que estão aprendendo a ler e escrever ou em crianças alfabetizadas que apresentam dislexia.

Resumos das Sessões de Pôsteres

ÁREA TEMÁTICA 1: FONÉTICA E FONOLOGIA E ENSINO

HABILIDADES METAFONOLÓGICAS E O DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA FONOLÓGICO EM CRIANÇAS DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES

Ana Augusta Cordeiro (UFPE)
Angélica Galindo Carneiro Rosal(UFPE)
Bianca Queiroga (UFPE)
Débora Balbino da Silva(UFPE)

A aquisição do sistema fonológico de uma língua está estreitamente ligada ao desenvolvimento cognitivo da criança e desenvolve-se paralelamente às habilidades metafonológicas. Estas habilidades correspondem à capacidade que o indivíduo tem de refletir sobre as características estruturais da linguagem oral. Entretanto, há poucos estudos que visam investigar a correlação entre a consciência fonológica e a aquisição fonológica, com especial interesse na análise destes processos. OBJETIVO: Investigar a relação da consciência fonológica e o desenvolvimento da linguagem oral, no que concerne especificamente ao desenvolvimento fonológico, em crianças de 2:0 a 6:11 anos de idade. METODOLOGIA: Participaram do estudo 120 crianças, de ambos os sexos, na faixa etária de 2:0 a 6:11 anos de idade, sendo 60 de escolas particulares e 60 de escolas públicas da região metropolitana do Recife. Utilizou-se como instrumento de avaliação a Prova de Avaliação Fonológica e o Teste de Consciência Fonológica - CONFIAS. Os dados obtidos foram transcritos de acordo com o IPA (Alfabeto Fonético Internacional) e registrados em um banco de dados, o SPSS versão 13.0. RESULTADOS: Uma comparação estatística envolvendo os processos fonológicos e as habilidades metafonológicas em função do tipo de escolaridade revelaram diferenças significativas entre os grupos, nas médias de ocorrência de oito processos fonológicos, assim como na habilidade metafonológica em nível silábico. Além da existência de uma relação negativa significativa entre estas habilidades. DISCUSSÃO: A aquisição fonológica está relacionada ao desenvolvimento da habilidade metafonológica, entretanto alguns autores defendem que esta habilidade não seria requerida para o desenvolvimento da linguagem oral. Estudos mostram que a consciência fonológica está relacionada à aquisição da leitura e escrita e também que esta habilidade necessita ser desenvolvida em crianças com transtornos fonológicos. CONCLUSÃO: A aquisição fonológica difere em função do contexto social da criança, sendo o tipo de escolaridade uma variável que necessita ser considerada nos estudos que se propõem a descrever tal aquisição. As habilidades metafonológicas precisam ser melhor desenvolvidas, sobretudo em crianças de escola pública, pois estão relacionadas à ocorrência de atrasos na eliminação de processos fonológicos.

ÁREA TEMÁTICA 3: SINTAXE E ENSINO

A ORDEM XV EM CARTAS DE LEITORES DO RIO GRANDE DO NORTE DOS SÉCULOS 19 E 20: IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA

Rafael Aguiar Moura
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar a natureza do constituinte pré-verbal em orações principais finitas não dependentes (construções XV) em cartas de leitores do Rio Grande do Norte dos séculos 19 e 20. As cartas de leitores analisadas integram o córpus mínimo comum organizado pelo Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB-RN). Para isso, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (TARALLO, 2007) e os estudos de Ribeiro (2001) e de Coelho e Martins (Mimeo) sobre a perda da inversão do sujeito no Português Brasileiro (PB). Os autores evidenciam que, enquanto no Português Europeu (PE) há uma aquisição do padrão (X)VS com inversão germânica, no PB tal padrão não é mais atestado. O estudo proposto neste trabalho sobre os diferentes padrões de ordenação XV na escrita brasileira é bastante relevante para o ensino de língua portuguesa, haja vista que a ordem sujeito – verbo – objeto (SVO) já está consagrada na gramática da nossa língua " i.e. o PB", levando à ideia de que tudo aquilo que se encontra antes do verbo é o sujeito, e que tudo aquilo que se encontra posposto ao verbo

é um objeto. É por isso que, ao se encontrar a ordem VX, em que X seja um sujeito, os falantes deixam de estabelecer a concordância, pois pensam que esse constituinte, posposto a V, não é o sujeito em virtude de sua posição não ser a mais frequente. Por isso, e nesse sentido, o estudo dos diferentes padrões de ordenação dos constituintes oracionais traz significativas implicações para o ensino de língua.

A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS NA IMPRENSA CEARENSE DOS SÉCULOS 19 E 20: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Geison Luca de Sena Pereira (UFRN)
Orientador: Marco Antonio Martins (UFRN)

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar os padrões de colocação dos pronomes clíticos em cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios publicados em jornais durante os séculos 19 e 20, no Ceará. Esses textos jornalísticos fazem parte do corpus mínimo comum impresso organizado pelo Projeto História do Português Brasileiro no Ceará (PHPB-CE). A análise toma por base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (cf. TARALLO 2007), os estudos de Mateus et al. (2003), referente aos padrões de ordenação de clíticos no Português Europeu (PE), e de Martins (no prelo), em relação aos padrões do Português Brasileiros (PB). Serão analisados todos os contextos em que observamos a ocorrência de pronomes clíticos, considerando, assim, os contextos de variação e de não variação. A descrição e análise dos padrões de colocação dos pronomes clíticos em textos jornalísticos publicados no século 19 e 20, além de ser importante para o estudo da formação do PB, mostra-se relevante para o ensino de língua portuguesa, visto que, através de estudos como este, tomamos conhecimento de que a gramática da língua portuguesa que é ensinada em nossas escolas, a norma padrão, segue, ainda, o padrão europeu de ordenação de clíticos, ou seja, um padrão bastante distante daquele que utilizamos, e que encontramos já na escrita da imprensa brasileira dos séculos 19 e 20. Por isso, buscaremos mostrar que, tendo em vista o estudo dos padrões de ordenação dos clíticos atestados na escrita brasileira, a gramática do Português Brasileiro deve ser reconhecida e ensinada nas aulas de língua portuguesa dos ensinos fundamental e médio.

ÁREA TEMÁTICA 4: SEMÂNTICA E ENSINO

A LÍNGUA E SEUS SENTIDOS: UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Rozirlania Florentino da Silva(UNEAL)

Há muito já se sabe que o aluno deve ser preparado para reconhecer e utilizar a língua de forma adequada a diferentes conceitos, sendo, portanto, libertado deste ensino que prioriza regras, conceitos e nomenclaturas. Sabemos que há uma grande preocupação em fazer do aluno um repetidor das regras e nomenclaturas contidas na gramática, enquanto que o tempo dedicado ao estudo semântico é insignificante. Um ensino de Língua Materna, mais voltado para a exploração dos significados, com uma maior abordagem semântica, que permita que o estudante não fique preso eternamente a nomes ou terminologias pode ser o caminho para um ensino mais produtivo e criativo. Portanto torna-se necessário uma dedicação ao significado, ou seja, as ideias transmitidas através do texto que serão responsáveis por despertar o aluno para a gramática internalizada e reflexiva, mostrando que a língua funciona em textos e não em frases isoladas. Partindo do ponto de vista de que é de grande importância explorar os significados em diversos contextos no trabalho com a Língua Materna, para desta forma, preparar os alunos para enfrentar os desafios mais conscientes de seu próprio conhecimento, pretendemos fazer uma pesquisa em livros didáticos de Língua Portuguesa do 6° a 9° ano da Escola Municipal Nossa Senhora da Conceição em Limoeiro de Anadia, com o intuito de analisar os textos, os exercícios propostos e as ideias de significação. Baseados na ideia de Rodolfo Ilari, de que uma das razões que empobrece o ensino de Língua Materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação, uma vez que o tempo dedicado a esse tema é insignificante se comparado àquele que se gasta como as regras gramaticais, que deveriam dar aos alunos um verniz de usuário da língua, pretendemos desenvolver este trabalho de cunho científico, que visa um novo olhar sobre o ensino de língua Portuguesa.

O TEXTO E AS QUESTÕES SEMÂNTICAS: LEITURA ENUNCIATIVA DISCURSIVA DE SMS
Helena Vieira de Andrade
Lívia de Araújo Melo

O processo de produção textual, dentro de um âmbito sócio interacional, é tido como uma prática pela qual os sujeitos, dentro de um contexto social específico, interagem para obter uma relação satisfatória de entendimento entre si. Essa construção de texto exige uma produção de sentido que só é possível através de atividades cognitivo-discursivas, em que os falantes buscam atender suas necessidades interacionais em sociedade com as relações de significação. Deste modo, os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas ou apresentam alto poder preditivo e interpretativo nas relações sociais e caracterizam-se como eventos textuais altamente dinâmicos. Tomando o texto como um evento comunicativo e um enunciado concreto no qual convergem as ações sociais, entendemos que os modos de enunciação, seja verbal ou não verbal, compreendem a ações cognitivas, sociais e semióticas. Este trabalho, através de uma leitura enunciativa discursiva de mensagens de celular ("torpedos", "SMS"), procura investigar estratégias de produção de sentido que um texto pode construir em direção ao seu interlocutor, tomando como embasamento Marcuschi, 2001, 2002 e.., Bakhtin, 1997, Kock, 2002, Marques, 2003, Filho, 2008, Costa, 2009. Dentro dessa abordagem semântica, procura-se fazer

uma reflexão sobre marcadores textuais de significado com os diferentes gêneros que um texto pode prover quando analisados dentro de um contexto histórico, social, cultural e cognitivo formado a partir dessas análises proferidas dos discursos produzidos nas mensagens de textos - SMS.

ÁREA TEMÁTICA 5: LÍNGUÍSTICA TEXTUAL E ENSINO

O COMPORTAMENTO DAS EXPRESSÕES RESUMITIVAS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE EXATAS: DA MATEMÁTICA E DA FÍSICA

Maria Sirleidy de Lima Cordeiro (UFPE - Campus do Agreste- UFPE/ CAA)
Orientadora: Cinthya Lúcia Martins Torres Saraiva de Melo

As expressões resumitivas, no âmbito do encapsulamento anafórico e da construção de sentido, são um recurso coesivo constituído por um sintagma nominal (demonstrativo e um nome núcleo) que sinaliza a retomada de uma porção textual anteriormente descrita (CONTE, 2003). Ao mesmo tempo, essas expressões funcionam como uma poderosa estratégia textual de construção de sentidos e progressão temática, ao apresentarem um ponto de vista, uma possibilidade interpretativa construída por uma relação de natureza sociocognitiva, através de dois recursos textuais distintos: o da paráfrase e o da sinonímia (MELO, 2008). Nesta pesquisa, consideramos a paráfrase um recurso textual indicador de objetividade e imparcialidade no texto científico, e a sinonímia um recurso de textualização indicador de subjetividade e parcialidade no texto científico (MELO, 2008). A partir desta perspectiva, analisam-se artigos científicos selecionados de revistas e anais de divulgação pública e científica das áreas de exatas (física e matemática). Por ser uma pesquisa essencialmente de caráter analítico-qualitativo, os dados analisados e quantificados são formados por quinze artigos da área da matemática e quinze da área da física, a fim de se observar o comportamento das expressões resumitivas científicas através das escolhas lexicais realizadas pelos autores dos textos. Estas escolhas irão exercer um papel norteador para a construção da significação, indicando uma possibilidade interpretativa da parte encapsulada. A pesquisa está ancorada sob as bases da linguística textual e das teorias sociopragmáticas e sociocognitivas, e oportuniza uma ampliação teórica e prática no campo do comportamento das expressões resumitivas textuais envolvendo a estratégia discursiva-textual do encapsulamento anafórico. Além de proporcionar mais uma contribuição investigativa para o campo do comportamento lexical nos processos de textualização em artigos científicos. Este estudo, em sua primeira fase de desenvolvimento, proporciona o fortalecimento das práticas de produção e interpretação textual, para os alunos das áreas acima citadas, sensibilizando-os para este tipo de linguagem e discurso.

O COMPORTAMENTO DAS EXPRESSÕES RESUMITIVAS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE PEDAGOGIA E DE LETRAS

Maria Rachel Fonsêca Braga

As expressões resumitivas no contexto do encapsulamento anafórico possuem a função de retomar uma porção de texto anteriormente explicitada e de construírem sentidos (CONTE,2003; MELO,2008). Ao mesmo tempo, apresentam a característica de criarem um determinado ponto de vista que pode ser semelhante ou diferente do ponto de vista apresentado pela porção encapsulada, criando-se assim uma estratégia de poder discursivo que norteia o leitor para o ponto de vista criado pelo produtor do texto (MELO, 2008). As análises preliminares são, essencialmente, analítico-qualitativas e buscam perceber o quanto de parcialidade e imparcialidade há no uso das expressões resumitivas em artigos científicos de pedagogia e de letras. Esta pesquisa faz parte de um projeto maior aonde se investiga o comportamento de uso dessas expressões em artigos científicos das áreas de exatas (química, física e matemática) e de humanas (letras, pedagogia e jornalismo), a fim de observar se há diferenças ou semelhanças na escrita científica de áreas distintas (MELO, 2010). A perspectiva teórica adota parte da compreensão de que o uso desse tipo de encapsulamento anafórico se dá com base em duas ocorrências: 1- pela objetividade, aonde o autor retoma o mesmo sentido da porção encapsulada (caráter imparcial no uso do encapsulamento); 2- pela subjetividade, aonde o autor retoma em parte a porção encapsulada ou cria um outro sentido não expresso pela porção anaforizada (caráter parcial no uso do encapsulamento). Diante dessas duas estratégias de retomada anafórica, pode-se observar os caminhos de construção de sentidos que se ancoram o uso da paráfrase ou o uso da sinonímia por encapsulamento anafórico, tal como defende Melo (2008).

PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA TEXTUALIDADE EM AMBIENTE MIDIÁTICO.

Isaac Itamar de Melo Costa(UFRPE/UAG)
Jaime de Queiroz Viana Neto (UFRPE/UAG)
João Paulo de Souza Araújo (UFRPE/UAG)
José André de Lira da Silva (UFRPE/UAG)
Maria Williane da Rocha Souto (UFRPE/UAG)
Ruth Raquel Lima Freitas Souto (UFRPE/UAG)

Este estudo se propõe a investigar a realidade discursiva intertextualmente manifestada em gêneros midiáticos, por meio da análise de séries televisivas americanas. Também objetiva descrever e analisar como as séries televisivas dialogam com os gêneros textuais para produzir sentidos (enquanto ferramentas pedagógicas); sobretudo no que diz respeito às relações de reflexão e manipulação de textos, cunhadas por Koch (2003) como competências metatextuais. Para tanto, discutimos a

aplicação das séries enquanto ferramentas ativadoras de tais competências metatextuais, e do letramento (Kleiman, 2007; Soares, 2002) dos alunos. O marco teórico que sustenta a perspectiva almejada apoia-se em Mozdzenski (2009), que numa releitura da teoria histórica da Lingüística Textual, acrescenta ao desvio do foco dos estudos científicos já estabelecidos - as viradas pragmática e cognitiva dos estudos linguísticos, a virada visual (visual turn) das ciências. Os conceitos de intertexto discutidos, também têm ancoragem neste autor. O corpus é constituído por cinco séries televisivas de grande audiência nos Estados Unidos, assistidas no Brasil nos últimos cinco anos: Glee, The Big Bang Theory, Weeds, Grey's Anatomy e Modern Family. Um dos critérios para a seleção dos seriados foi a manifestação predominante de um ou mais gêneros textuais utilizado(s) no enredo, para que se entenda como as diferentes linguagens se manifestam neles e acionam as capacidades reflexivas dos telespectadores. Posterior a isso, há a categorização das séries em seus aspectos linguísticos-discursivos e multimodais, além do ressalvo à sua importância para o ensino de Língua Inglesa, idioma original das séries. Considerações preliminares indicam algumas especificidades para o funcionamento das capacidades metatextuais com relação às séries, que resultam da integração multissemiótica necessariamente presente no discurso midiático.

RECONHECENDO E FAZENDO USO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS
Maria Aline Rodrigues dos Santos

Este trabalho é parte da proposta de atuação na Escola Irmã Elisabeth, da rede estadual do município de Serra Talhada, enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-Letras/UFRPE/UAST), que tem como objetivo estabelecer projetos de cooperação que elevem a qualidade do ensino nas escolas da rede pública. Iremos apresentar resultados parciais sobre nossa atuação na referida escola, mais precisamente sobre nossa atuação durante o curso de Leitura e Produção de texto, em que foram promovidas atividades de leitura e produção textual direcionadas aos alunos do Ensino Médio, atentando para o fenômeno da variação linguística enquanto algo inerente à língua e enquanto retrato sócio-cultural e de identidade de uma comunidade de fala, presente nas mais diversificadas manifestações discursivas, seja na forma de textos orais ou escritos. Neste trabalho, apresentaremos uma discussão acerca dos resultados obtidos através de atividades que levaram alunos do ensino médio da referida escola a ler e a produzir textos e, num segundo momento, a reescrever suas produções textuais, com vistas a reelaborarem seu texto atentando tanto para questões gramaticais, de microestrutura textual, quanto para questões macrotextuais, considerando fatores como coerência, adequação da linguagem ao seu interlocutor, entre outros. Um dos objetivos foi refletir junto aos alunos sobre a ocorrência da variação linguística não só na língua falada, como também na língua escrita, bem como sobre a questão da competência comunicativa como fator imprescindível no uso da língua. Como base teórica para nossa atuação, lançamos mão de pressupostos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972), bem como da Linguística Textual (cf. KOCH, 1992, 1996, 2002, 2006, 2007).

A CONTINUIDADE TÓPICA EM FÓRUNS EDUCACIONAIS: A CONSTRUÇÃO DO ENUNCIADO MOTIVADOR E A INTERVENÇÃO DO TUTOR
Rochelle Cabral Mota (UECE)
Jéssica Oliveira Fernandes (UECE)
Orientadora Profa. Dra. Nukácia M. Silva Araújo (UECE)

Em um ambiente virtual de aprendizagem, o fórum educacional, como um espaço que visa à construção do conhecimento de um tema a partir da interatividade entre tutores e alunos, apresenta, em geral, um tópico de discussão, que nesse caso se converte em tópico discursivo. No decorrer da discussão no fórum, pode ocorrer continuidade ou descontinuidade do tópico proposto. No entanto, para que a troca de saberes, nesse espaço, se realize de modo satisfatório, é importante que o tópico proposto pelo professor conteudista seja sustentado para que a discussão não tome outro viés e não se perca o objetivo pedagógico da atividade. Em outras palavras, é necessário que os diversos enunciados formadores do tópico discursivo se direcionem para o desenvolvimento do tema do fórum. Neste trabalho, tratamos da continuidade tópica em fóruns de discussão e discorremos acerca de aspectos que estariam relacionados à (des)continuidade do tópico proposto para discussão nessa ferramenta de ensino a distância. Para tanto, coletamos as 73 postagens de um fórum de um curso de extensão em Formação de Revisores – na modalidade semipresencial – realizado pela Universidade Federal do Ceará e Universidade Estadual do Ceará em julho de 2011. Fundamentamos nossa abordagem no conceito de tópico discursivo (JUBRAN, 2006; KOCH; PENNA, 2006; PINHEIRO, 2005) e destacamos as estratégias de construção textual usadas pelos interlocutores na interação. Os resultados parciais de pesquisa sugerem que a continuidade tópica em fóruns educacionais estaria correlacionada à construção adequada de um enunciado motivador para o fórum e às intervenções do tutor ao longo das discussões desenvolvidas nesse espaço. As estratégias de formulação textual mais usadas pelos interlocutores seriam a repetição e a paráfrase.

OS SENTIDOS DO TEXTO: DISCURSO E DICIONÁRIO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES
Dayvyd Lavaniery
Karla Geane de oliveira Souza

Ao construir um texto o aluno constrói também diferentes representações e na construção dessas representações os sentidos das palavras utilizadas se entrelaçam entre o que está posto no dicionário e o sentido que assumem no discurso. Objetiva o nosso trabalho propor uma interface do dicionário ao discurso, como proposta para o ensino da produção de texto no ensino médio, partindo da análise semântica do texto e da principal noção proposta para esse tipo de análise (ADAM,2008) que é a Representação Discursiva.

CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE LINGUAGEM: FUNDAMENTO DA ATUAÇÃO DO PIBID
Charlles Targino da Silva (UFRN)
Eide Justino Costa (UFRN)
Emanuel Kleiton Souza de Morais (UFRN)
Júlio César Balisa da Silva (UFRN)
Thalita dos Santos Araújo (UFRN)
Orientadora Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Este artigo tem como objetivo apresentar a concepção de linguagem que norteia o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), mais precisamente, do subprojeto de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Campus Natal. Nessa perspectiva, temos como público alvo, os discentes dos segundos e terceiros anos do Ensino Médio Regular, dos turnos vespertino e noturno, das Escolas Estaduais José Fernandes Machado e Berilo Wanderley. Assim, pensamos a Linguagem como uma prática sócio-interacional e, consequentemente, constitutiva de um sujeito ativo e crítico, que pensa, age, participa e faz uso dessa linguagem nos mais diversos estratos da sociedade e nas mais diversas situações sócio-comunicativas. Portanto, acreditamos em um ensino de Língua Portuguesa calcado em uma concepção de linguagem que possibilite e desenvolva, nos alunos, a criticidade e as aptidões necessárias para tal. Concomitantemente, este trabalho compreende que, apenas indo além do tradicional ensino de Língua Materna, será possível desenvolver as ferramentas capazes de propiciar a formação multilinguística desses sujeitos, otimizando uma utilização dinâmica dos métodos didático-pedagógicos voltados para o ensino, a fim de situar o aluno no contexto atuante de sua própria aprendizagem. Desse modo, o conceito de linguagem adotada nesse trabalho rompe com uma compreensão gramaticalizante de linguagem adotada em muitas práticas escolares. Também pretende-se desconstruir falsos mitos que envolvam a incapacidade do alunado das escolas públicas de fazerem leituras críticas e de produzirem textos relevantes. Ademais, esta pesquisa é embasada nos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin (2003) sobre linguagem, assim como, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nos documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil.

OCORRÊNCIA E EXPLORAÇÃO PEDAGÓGICAS DE GÊNEROS DIGITAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO
Joselma Alves de Goes (Universidade de Pernambuco)
Orientador: Benedito Gomes Bezerra

Este trabalho analisa a ocorrência e exploração dos gêneros digitais no livro didático (LD) do Ensino Médio. Os objetivos envolvem investigar o uso pedagógico desses gêneros digitais no LD; a diversidade e variedade dos gêneros digitais em uso nas coleções de LD em relação aos gêneros convencionais escritos e orais; e a frequência com que os gêneros digitais são utilizados e quais são as atividades desenvolvidas com eles no LD. O conceito de gêneros textuais adotado se insere na teoria sociorretórica de John Swales (2004) e Vijay Bhatia (2004) e, especificamente no tocante aos gêneros digitais e o ensino, orientamo-nos por Bezerra (2009), entre outros autores. Os dados analisados foram obtidos a partir do levantamento de um corpus de 05 coleções de livros didáticos, em volume único ou divididos por séries do Ensino Médio, avaliados e recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e adotados em escolas na cidade de Garanhuns/PE. Os procedimentos posteriores foram: estabelecer um recorte temporal contemplando edições entre 2008-2010 buscando um panorama atual dos interesses manifestos pelo livro didático no que diz respeito aos gêneros digitais; identificar esses gêneros com base na teoria sociorretórica de John Swales (2004) e Vijay Bhatia (2004), tomando como ponto de partida, para isso, os propósitos comunicativos; após o levantamento da diversidade de gêneros digitais em uso no LD, procedeu-se a observação e análise crítica das atividades de leitura e escrita desenvolvidas com esses gêneros. Os resultados apontam raras iniciativas de inclusão dos gêneros digitais nos LD. No entanto, embora escassa a presença desses gêneros, já existem trabalhos desenvolvidos em alguns livros, nos quais o gênero que ocorre com maior frequência é o e-mail. As atividades desenvolvidas, no entanto, nem sempre estão voltadas para a compreensão do gênero como evento comunicativo e prática social.

"DIFÍCIL É COMEÇAR": ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS RETÓRICAS NAS INTRODUÇÕES DE ARTIGOS CIENTÍFICOS
Charlyene Santos de Souza (UFRN)
Erica Poliana Nunes de Souza Cunha (UFRN)
Julianne Pereira dos Santos (UFRN)
Orientadora: Sylvia Abbott Coutinho Galvão (UFRN)

O meio acadêmico é constituído pelos discursos científicos, advindos de estudos realizados por pesquisadores. Nesse sentido, o artigo científico é um dos meios de divulgação dessa prestação de contas à sociedade daquilo que está sendo estudado e desenvolvido em qualquer área do conhecimento nas instituições de ensino superior. No campo da produção científica, esse gênero, cuja finalidade é a divulgação científica mais curta, constitui um exemplar muito divulgado em diferentes suportes, como revistas científicas, livros organizados ou anais de eventos especializados. O modelo composicional desse gênero pressupõe uma macroestrutura constituída de introdução, metodologia, discussões e resultados. No entanto, à introdução compete, especificamente, ser a sessão retórica, responsável por veicular e tornar atrativa a temática desenvolvida pela pesquisa. Pensando na relevância dessa sessão, investigamos as introduções de seis artigos acadêmicos, sendo três da área de Linguística e três de Literatura, com dois objetivos: verificar a configuração de tais sessões nessas áreas do conhecimento, que, apesar de próximas, mostram-se distintas, e identificar e analisar as estratégias e os movimentos retóricos que são regulares em cada uma das áreas mencionadas. Para realizar esta pesquisa de natureza

qualitativo-interpretativista, embasamo-nos nos estudos de Swalles apud Moraes (2005) sobre os movimentos retóricos na elaboração de uma introdução, nas discussões de Possenti (2002) sobre o discurso científico e nos textos de Motta-Roth (2010) e Lakatos (1992) sobre a produção textual no meio acadêmico.

A RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA EM DISCURSO DE POSSE DA PRESIDENTA DILMA ROUSSEFF
Angélica Ferreira da Fonsêca (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues

Circunscrito no âmbito da linguística textual e linguística da enunciação, este pôster propõe-se a identificar, descrever, analisar e interpretar a materialização dos pontos de vista no discurso de posse de Dilma Rousseff, apresentado ao Congresso Nacional no dia 01/01/2011. Para tal, verificaremos a maneira como é manifestado o ethos discursivo em consonância com as orientações argumentativas dispostas no texto, pois entendemos que a "instância de subjetividade enunciativa possui duas faces: por um lado, ela constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro, ela o assujeita. Se ela submete o enunciador as suas regras, ela igualmente o legitima, atribuindo-lhe a autoridade vinculada institucionalmente a este lugar" (MAINGUENEAU, 1997, p.33). Nesse sentido teorizaremos ADAM (2008) e seu conceito de responsabilidade enunciativa e orientação argumentativa, bem como a definição de ethos discursivo atribuída por MAINGUENEAU (1997). Vale ressaltar que para realizar a investigação, nos subsidiamos em uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista, seguindo o método indutivo. Os resultados apontam para a construção da imagem de uma presidenta dedicada, sensível, religiosa, comprometida em "dar continuidade ao maior processo de afirmação que o país já viveu", proporcionado por Lula, um homem do povo. Dilma apresenta-se como uma discípula engajada na luta a favor da segurança, saúde e educação. Interessante ressaltar que em seu discurso ela usa estruturas semelhantes as do presidente Lula em sua posse, bem como, por se tratar da primeira presidenta do país, Dilma refere-se aos brasileiros, mas, sobretudo, às brasileiras, demonstrando compromisso em defender os direitos das mulheres e dos excluídos, em fazer o diferencial, governando com coragem e carinho, "É com este mesmo carinho que quero cuida e do meu povo, e a ele- só a ele- dedicar os próximos anos da minha vida".

ÁREA TEMÁTICA 7: SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O PANORAMA DAS ESCOLAS COM ENSINO FUNDAMENTAL II E MÉDIO DO AGRESTE MERIDIONAL PERNAMBUCANO
Marcio Vieira da Silva
Marcelo Machado Martins

Segundo Labov, "a variação linguística é resultado de pressões sociais exercidas sobre um determinado povo", e esta pode culminar com a construção identitária dele, pois, como afirma Calvet, a variação linguística é a identidade de uma comunidade/região. Este autor ainda afirma que "a etiqueta linguística é exatamente o registro da diversidade da linguagem de um povo". Mesmo com os estudos atuais acerca da mudança e da variação linguísticas, muitos usuários da língua percebem as variações linguísticas como um elemento de desqualificação do sujeito da linguagem verbal, quer oral ou escrita. As diferenças, sabemos, são de várias ordens: desde sexo, idade, grupo social, abrangendo ainda variáveis como tempo, espaço, situação de comunicação, e se reportam tanto a campos fonéticos, como lexicais e sintáticos, segundo Platão e Fiorin. Porém, a intuição dos usuários quanto às instabilidades inerentes a qualquer língua humana reconhece como negativas as diferenças, como é o caso do "sotaque". Disforizante, o "sotaque"não-padrão é um elemento de desprestígio e de estigmatização do falante, conforme intentamos apresentar neste trabalho em que se apresentam os resultados de pesquisas de campo realizadas nas escolas da rede pública e privada no Agreste Meridional de Pernambuco (Ensino Fundamental II e Ensino Médio). Sua base centra-se na análise das metodologias utilizadas pelos professores para o ensino de língua portuguesa, bem como da receptividade dos alunos no tocante ao aprendizado e a preservação (ou não) do sotaque. Na metodologia de análise proposta, apreende-se que alguns professores de língua portuguesa (e isso se deve à própria formação) tentam trabalhar a modalidade culta da língua, sem discutir as variantes presentes na língua utilizada no cotidiano da comunidade que engloba as práticas comunicacionais de seus alunos. Em alguns casos, observa-se um movimento de incorporação da língua culta em detrimento da língua "coloquial" do usuário, um apagamento mesmo, sem que sejam observadas as questões relativas à identidade do grupo, à situação de comunicação, ao sentimento de pertença, etc. A partir das constatações apontadas, volta-se para a questão da pressão social materializadas em discursos sociais que preconizam o "certo" e o "errado", sem levar em conta o "diferente" e, talvez, até mesmo "os efeitos de sentido" decorrentes de um uso não padrão. Para apresentar a discussão proposta, este trabalho se organiza da seguinte forma: na primeira parte, estampa-se um breve levantamento bibliográfico quando à variação linguística, particularizando-a no "sotaque". Na segunda parte, analisam-se as respostas dos professores de língua portuguesa e seus alunos, quanto ao mapeamento proposto nos questionários a que responderam. Por fim, as conclusões são orientadas para a continuidade temática desta pesquisa para a elaboração de trabalhos futuros.

A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGUÍSTICA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA
João Paulo Pereira (UERN)
Marcos Paulo de Azevedo (UERN)

O objetivo deste trabalho é discutir o papel da sociolinguística no contexto de sala de aula. Essa discussão se torna válida uma vez que o ambiente escolar é um espaço rico em diversidade linguística, pois reúne crianças e adolescen-

tes de várias culturas e de diferentes classes sociais. No entanto, toda essa riqueza linguí-stica por vezes é vista com maus olhos pela sociedade e até mesmo pelo próprio professor que pode, injusta e erroneamente, classificar essa variação como errônea e não apenas como uma simples variação linguí¬stica. A partir de entrevistas realizadas com professores e seus alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal â€œVila Rio Grande do Norteda cidade de Serra do Mel/ RN, procuramos conhecer como o fenômeno da variação linguística pode ser abordado nesse contexto escolar. Para o desenvolvimento de nossa investigação, pautamo-nos pelas concepções e abordagens de BAGNO (2009), BORTONI-RICARDO (2008), CASTILHO (2000), SOARES (1987), TARALLO (1989; 1999), cujos trabalhos muito contribuem para a pesquisa na Área de sociolinguística. A partir desses autores, indicamos possíveis contribuições da sociolinguí¬stica para um tratamento mais adequado da variação linguística em sala de aula, discutindo aspectos da prática docente e destacando o papel fundamental do professor na consideração da variação linguística nas situações de ensino. Avaliamos, assim, como o professor pode se colocar frente á variação linguística e como pode agir a fim de propiciar subsídiosnecessários para que os alunos consigam analisar o contexto linguístico em que estão inseridos. Acreditamos na influência positiva das discussõessociolinguísticas para o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa no sentido de auxiliar a transformação do modo como àslínguas vão sendo ensinadas em nossa sociedade. Entendemos, portanto, a apreciação da variação linguística como fator imprescindível para uma boa formação educacional dos discentes.

ICONICIDADE,ARBITRARIEDADE E EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILERA: OS "SINAIS BÍBLICOS".
José Edmilson Felipe da Silva
Maria Helena Cunha Malta de Carvalho (CENEP)

Em cada momento histórico os serviços religiosos oferecidos pelas instituições cristãs católicas e protestantes mantiveram uma estreita relação com os conceitos de sujeito surdo e de língua aceito pela sociedade da época. A relação entre estas instituições religiosas e as pessoas surdas no mundo, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, é fartamente documentada. No Brasil, embora seja do conhecimento da população, as atividades realizadas pelos católicos por meio da Pastoral dos Surdos, e dos evangélicos - principalmente os batistas -, por meio dos Ministérios com Surdos, é algo que ainda precisa ser aprofundado no meio acadêmico, em especial, na pós-graduação. Em outubro, de 1991, a Junta de Missões Nacionais da Conversão Batista Brasileira - JMN - lançou O Clamor do silêncio: manual de sinais bíblicos, com uma tiragem limitada a mil exemplares. Esse conjunto de sinais ganhou espaço em meio às comunidades surdas religiosas, superando seu objetivo inicial, que era atender a demanda interna da própria instituição batista. Nosso objetivo com este trabalho é analisar a natureza desses sinais concebidos com a finalidade de transmitir conceitos referentes aos livros (Gêneses, Êxodo, Levítico, etc.), personagens (Jesus, Maria, José, etc.), funções (sacerdote, escriba, profeta, etc.), e lugares (Jerusalém, Belém, Nazaré, etc.) bíblicos. Em um primeiro contato com os referidos sinais, nos pareceu ser o empréstimo linguístico, o principal recurso na construção dos mesmos. Estes empréstimos poderão ser o resultado da interação entre as duas comunidades: surdas e ouvintes, em um mesmo ambiente religioso. Só após uma analise acurada dos sinais em uso e do material reeditado poderemos concluir, de maneira segura, acerca da natureza desses sinais e de sua importância no conjunto lexical da LSB – Língua de Sinais Brasileira.

A ALTERNÂNCIA NA USUALIDADE DOS PRONOMES (TU) E (VOCÊ) EM UMA REALIDADE NORDESTINA: ASPECTOS QUE CONTRIBUEM PARA UMA REFLEXÃO SOBRE UMA ABORDAGEM MAIS COERENTE NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA
Josielice dos Santos Almeida
Orientador: Fernando Augusto de Lima Oliveira

O presente trabalho objetiva uma reflexão do ensino dos pronomes pessoais (tu) e (você) na sala de aula, em contraste com suas funcionalidades, isso a partir de um mapeamento funcional do fenômeno de Variação Linguística dos pronomes (Tu) e (Você) na cidade de Arapiraca, região nordestina Alagoana. Uma vez buscando descrever o fenômeno existente, os dados apontados pelo trabalho na área de descrição linguística, podem ajudar no ensino. Essa descrição auxilia os professores de Língua Portuguesa nas respostas de determinadas questões sobre o assunto, além de levar os alunos a uma reflexão sobre a língua, prática importante que segundo Cavalcante (2000), torna os alunos usuários muito mais competentes quanto aos diversos usos da língua. O uso do (você) é muito comum nos falantes brasileiros, como, também, o uso do (tu), já que ainda é muito produzido em algumas regiões; portanto, não se pode afirmar indiscutivelmente a substituição do (tu) pelo (você). Atualmente, o que existe é um fenômeno Linguístico contendo uma norma determinante na usualidade dos pronomes, isso a partir de uma funcionalidade particular que o pronome (você), distintivamente, tem do (tu), e, assim, vice-versa. Mediante um levantamento das formas de uso do Português falado na cidade de Arapiraca, pretende-se analisar a variável determinante na alternância da usualidade de ambos os pronomes e refletir sobre uma possível nova definição de conceitos gramaticais adotados por professores, tendo em vista a funcionalidade no uso dos pronomes pessoais (tu) e (você) na língua. E para uma prática de ensino coerente com a realidade funcional dos pronomes, faz-se importante e necessário o profissional docente de Língua Portuguesa ter a ciente noção do que diz Labov (2008), quando se refere que a língua se constrói dia-a-dia, sendo ela inerente à variação, e para que possa haver variação linguística é preciso que haja uma situação social. Para tanto, fazemos de análise as atuais pesquisas sociolinguísticas sobre a Variação Linguística nos pronomes pessoais.

VARIAÇÃO DE CONCORDÂNCIA VERBAL NO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS DA REDE PÚBLICA: UMA ANÁLISE DA ESCRITA
Inaldo Firmino Soares
Keroz Nunes de Aquino

Com o intuito de estudar os fatores que podem influenciar alunos do ensino médio da rede pública de ensino a variar a concordância no uso flexionado do verbo em relação a tempo e número, procedemos a uma análise a partir de textos produzidos por esses alunos. O objetivo é investigar os fatores que possam causar esse tipo de variação e verificar se fatores extralinguísticos como questões sociais, culturais, históricas e geográficas têm influência nos usos da língua por esses alunos, levando-os a distanciar-se das exigências da norma padrão em relação à concordância. O suporte da pesquisa é a teoria da variação linguística de Wiliam Labov, para quem a língua é heterogênea e realizada em um contexto sociocultural e os fenômenos de variação estão ligados aos fatores externos ao sistema linguístico. Os dados foram obtidos a partir de uma atividade realizada com alunos do ensino médio da rede pública estadual de ensino, na Escola Methódio de Godoy Lima no município de Serra Talhada/PE. De início, foi apresentada aos alunos uma versão em áudio do conto "Chapeuzinho Vermelho", de Charles Perrault, para que eles o reescrevessem. Primeiro os alunos ouviram o conto, que tinha aproximadamente 12 minutos de duração, para adquirir melhor conhecimento dele e depois foi apresentada a proposta de escrita de uma nova versão do conto que deveria se constituir de um texto narrativo com caráter inovador, com uma temática moderna no enredo da história. Dentre os textos analisados, verificamos a existência de uma vasta quantidade de fenômenos que poderiam ser estudados por outras vertentes de pesquisa na Linguística. Os principais desses fenômenos são variação na concordância nominal em nível de gênero e número, concordância verbal em tempo e número, apagamento de alguns segmentos, falta de coesão e coerência, ausência de artigo definido e variação da colocação pronominal. Na variação de concordância verbal, foram observadas diversas construções sintáticas inadequadas em sua posição no sintagma. Tanto as meninas quanto os meninos apresentaram variações morfossintática na adequação do verbo, só que as meninas variaram mais a flexão do verbo em relação ao número e pessoa. Os meninos variaram mais com relação ao tempo verbal. Da análise desses textos, pode-se dizer que, além dos fatores sociais, culturais e geográficos, a idade e sexo também podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo desses adolescentes estudantes em questão. A capacidade organizacional da estrutura sintática dos textos por eles produzidos pode está atrelado aos mecanismos funcionais da linguagem em uso na sua comunidade de fala, o que pode acarretar interferência na sua escrita. Este estudo avaliou o elemento sintático mais importante de uma oração (o verbo). De forma específica, a concordância dele em relação aos outros elementos da construção sintática do português brasileiro, tomando como análise textos narrativos produzidos por alunos da Escola Methódio de Godoy Lima. Os textos apresentaram amplas variações, mas o foco de observação voltou-se para as variações de concordância verbal em tempo e número. Os resultados evidenciaram que a idade o sexo e a cultura são fatores que podem interferir no desenvolvimento da aprendizagem desses adolescentes e por isso eles tendem a variar a concordância do verbo em alguns contextos. Os dados aqui apresentados e estudados permitem uma reflexão sobre os fatores externos ao sistema linguístico e como eles podem influenciar os alunos no desenvolvimento da capacidade organizacional da língua.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM GÊNEROS TEXTUAIS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Lucirley Alves de Oliveira

Este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo em desenvolvimento sobre a introdução da variação linguística no ensino de Língua Portuguesa nas séries do ensino médio, da Escola Estadual Francisco Madeiros, situada no município de Garanhuns - Pernambuco, por meio de sequências didáticas focadas nos gêneros textuais das esferas sociais de circulação imprensa e publicitária. É notória a presença de palavras e expressões populares em diversas publicações nos gêneros textuais destas esferas sociais, presentes mesmo que de forma inconsciente na vida cotidiana de todos os cidadãos. Tendo isso em vista, busca-se organizar numa sequência didática analisando-se registros de jornais, revistas, e propagandas que apresentam estratégias linguístico-discursivas colaborando para a construção de uma linguagem variacional, com o intuito de apresentar aos estudantes uma forma, entre tantas outras possibilidades, de utilizar a língua portuguesa e suas variações. Dessa forma, o aluno pode observar e analisar de maneira consciente as formas de expressões usadas e os motivos pelos quais os autores dos gêneros selecionados fizeram tal escolha. Além disso, a introdução da Sociolinguística no ensino de Língua Portuguesa fomenta a discussão e a reflexão acerca do tema, desmistifica a questão do certo e errado e promove a criticidade do aluno diante das questões levantadas. Para a realização deste estudo, tem-se embasamento na Sociolinguística tratada por Beline (2006), Alkmim (2008), Camacho (2008), Calvet (2002), e Bagno (2004), a fim de traçar de maneira clara e específica conceitos e desdobramentos da variação linguística, um dos campos de estudo dessa subárea da Linguística. Como contribuições e implicações pedagógicas, este estudo aborda conceitos da Sociolinguística Variacional, da variação linguística e do ensino de Língua Portuguesa apresentados através de sequências didáticas com a finalidade de inserir essas reflexões nos debates sobre o ensino da língua materna no ensino médio.

CONCORDÂNCIA VERBAL VERSUS VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA DOENSINO MÉDIO
Inaldo Firmino Soares (UFRPE/UAST)
Rosicleide Lima Silva (UFRPE/UAST)

Este trabalho objetiva a analisar o uso da concordância verbal, de modo a contemplar os diversos usos da língua exposta às variações linguísticas. De acordo com as gramáticas a concordância verbal é a ligação que o verbo estabelece com o sujeito da oração e deve concordar em número e pessoa. Segundo Cunha (1985), as gramáticas nor-

mativas preceituam como regra geral, em relação à solidariedade entre o verbo e o sujeito, "a variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito". Entretanto, verificamos que há casos em que o sujeito pode não concordar com o verbo numa mesma oração. Porém esse fenômeno acontece devido à grande variação linguística presente na língua. De acordo com Labov (1972), a variação linguística é um fenômeno intrinsecamente relacionado ao uso da língua, que se manifesta por meio de fatores sociais e estruturais favorecendo assim ao aparecimento de certas variantes em nossa língua. Vale ressaltar que o uso das variantes, parte do princípio de que toda língua é mutável, heterogênea e a variação é um fenômeno universal comum a todas elas. Estudos mostram que a variação pode ser vista tanto na modalidade falada como na escrita de qualquer língua. Assim, o objetivo deste trabalho é o de analisar o uso da concordância verbal nos textos dos alunos do Ensino Médio, da escola Methodio Godoy Lima, em Serra Talhada, lançando mão da Teoria Sociovariacionista, cujo objetivo é o de melhorar a qualidade da produção textual dos alunos visando uma reflexão sobre o uso da língua num contexto maior, contexto esse, que se insere diretamente à realidade dos mesmos de modo a contemplar seus aspectos peculiares levando em consideração os diversos usos da língua. Desse modo, os resultados deste trabalho advêm da nossa prática pedagógica aplicada nessa escola da rede pública de onde retiramos o corpus analisado e coletado a partir das oficinas ministradas na escola e que foram abordados textos que fizessem inferência diretamente à realidade do aluno e ao mesmo tempo contribuíssem para a competência textual dos mesmos. Assim pretendemos explorar a língua de forma dinâmica e relevante para o conhecimento do aluno.

A INFLUÊNCIA DA ESCOLARIDADE NO USO "PADRÃO" DA CONCORDÂNCIA NOMINAL NO SERTÃO PERNAMBUCANO
Alane Luma Santana Siqueira
Orientador: Adeilson Pinheiro Sedrins

No ensino de língua portuguesa o aluno se depara com as regras da Gramática Tradicional (doravante GT) que estabelece o que é "certo" e "errado" na língua. Apesar de tais regras serem estudadas desde os anos iniciais na escola, construções que estão em "desacordo" com a norma "padrão", isto é, que não seguem os preceitos estabelecidos pela GT, são empregadas na fala de indivíduos escolarizados e isso pudemos constatar quando verificamos o uso da concordância nominal de número na fala de 48 pernambucanos divididos segundo o nível de escolaridade (Ensino Fundamental e Médio), dos municípios de Afogados da Ingazeira, Floresta, Serra Talhada e Triunfo, todos pertencentes ao sertão. Fizemos entrevistas informais, seguidas de transcrições, seleção e finalmente analisamos os padrões de concordância nominal de número nesses municípios, para tanto, tomamos como suporte o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), que acredita ser a língua um retrato da comunidade, assim, fatores de ordem social influenciam no uso de uma ou outra forma. Com isso, consideramos relevante na análise o fator escolaridade. Analisando o corpus, observamos que os informantes do Ensino Médio (E.M.) utilizam mais a forma "padrão" (em que a marcação de plural se apresenta em todos os itens pluralizáveis do sintagma nominal) do que os do Ensino Fundamental (E.F.). Em Afogados os do E.M. aplicam a forma "padrão" 76% das vezes, já o E.F. aplica 53%, ou seja, o E.F. tende a utilizar menos a forma considerada "padrão", o mesmo ocorre nos outros municípios, o E.M em Floresta (91%), Serra (68%) e Triunfo (76%) já no E.F., as respectivas cidades aplicam (77%); (50%); (70%), vindo com índices mais baixos, se comparados com as porcentagens do E.M. Assim, acreditamos que a escolaridade realmente influencia, tendo em vista que quanto mais escolarizado mais o falante aplica a forma "padrão", corroborando com os resultados encontrados por Scherre (1998) e Naro&Scherre (2003), por exemplo. Com isso, pretende-se, posteriormente, verificar em dados de informantes não-escolarizados se a concordância nominal segue o mesmo padrão encontrado nesta pesquisa. Corroborando (ou não) com o fato de a escola exercer papel fundamental na escolha do falante.

A INFLUÊNCIA DOS ARCAÍSMOS NA FALA DE ALUNOS DO 9º ANO NA ZONA RURAL DE GIRAU DO PONCIANO-AL
Marcelino da Rocha Souza
Sérgio Ferreira Lima
Orientador: Fernando Augusto de Lima Oliveira

O presente artigo é resultado de uma pesquisa ainda em andamento numa escola da zona rural do município de Girau do Ponciano-AL. Tem como principal objetivo analisar os arcaísmos falados por alunos do 9º ano da escola de ensino fundamental Governador Geraldo Bulhões, no distrito de Canafístula do Cipriano-AL, por influência dos pais, familiares, amigos, idosos. Dessa forma foram levantados vários questionamentos acerca dos efeitos negativos gerados pelo preconceito linguístico dentro da sala de aula: a timidez para falar em público, dificuldades de expor suas ideias, até mesmo perguntas simples para tirar dúvidas de assuntos das disciplinas, pois os alunos que falam dessa forma ainda são vítimas de preconceito linguístico na visão gramatical do certo e do errado na comunidade escolar. As pessoas que praticam esse tipo de preconceito desconhecem o que é a variação linguística, por isso vêem o diferente como errado. Por outro lado, inconscientemente, a herança da colonização portuguesa e a evolução natural da língua deixou a população local transmitindo as formas arcaicas até hoje, devido ao distanciamento das grandes cidades. Nesse cenário, percebe-se que a população ficou isolada no interior e não acompanhou a evolução da língua portuguesa. Observamos que a escola é o local ideal para trabalhar esses questionamentos, sendo ela capaz de introduzir os conceitos inerentes da variação aos estudantes e comunidade. Com esse estudo, pretendemos desmistificar a presença do preconceito linguístico, na sociedade interiorana do município, procurando compreender como se daria esse processo. Para a comprovação desse estudo utilizaremos questionários semiestruturados e gravações em áudio para detectar a presença dos arcaísmos.

ANÁLISE LINGUÍSTICA DA RELAÇÃO FALA/ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS EXPLICITADOS EM GÊNEROS TEXTUAIS
José Robson da Silva
Orientador: Adeilson Pinheiro Sedrins (UFRPE - Unidade Acadêmica de Serra Talhada)

O presente trabalho é uma análise da relação entre fala e escrita, em específico, de suasdiferenças na produção textual escrita e também nas produções orais de alunos do Ensino Médio, entendendo que essas modalidades de linguagem não são pólos opostos. Sendo assim, apesar da pouca atenção dada à oralidade no âmbito escolar, registra-se nas últimas décadas um progressivo aumento de estudos sobre o ensino de oralidade. Com isso, a implementação dos PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 2002) marcam uma guinada neste sentido, a partir da propagação da ideia de que pensar o trabalho com língua portuguesa no ensino médio significa dirigir a atenção não só para a literatura ou para a gramática da língua escrita, mas também para a oralidade (BRASIL, 2002, p. 63). Neste sentido, partimos de diferentes práticas de sala de aula nas quais envolvessem esse campo de ensino da língua, levando os alunos a perceberem a riqueza que envolve o uso efetivo da língua. A pesquisa é constituída de um corpus coletado a partir da seleção de produções textuais e gravações de dez informantes, estudantes entre quinze e dezessete anos do Ensino Médio da Escola Estadual Methódio Godoy Lima, localizada na cidade de Serra Talhada, interior de Pernambuco. Tendo em vista que a oralidade e escrita são duas práticas sociais e não duas propriedades de sociedades diversas (MARCUSCHI, 2001), presume-se, segundo a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972), numa primeira análise, que variáveis linguísticas e extralinguísticas são fatores para possíveis interferências da fala sobre a escrita elencadas no corpus desta pesquisa. Fazendo um contraponto entre as duas produções, constatamos que o texto escrito e o oral nem sempre irão coincidir, devido à espontaneidade da fala e à normatização da escrita.

ÁREA TEMÁTICA 8 : ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

SIGNIFICAR A MULHER: UM OLHAR SOBRE AS DEFINIÇÕES DO VERBETE MULHEREM DOIS DICIONÁRIOS ESCOLARES
Hugo Leonardo Gomes dos Santos

Os dicionários são obras pouco estudas (e questionadas) em nossa sociedade estando entre os símbolos nacionais (HUMBLÉ, 2005). Em 2001, essas obras entraram na avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o que representou um avanço para a Lexicografia Pedagógica no Brasil. Em 2006, ocorreu uma mudança na política do PNLD com relação aos dicionários, a saber, os dicionários passaram a compor um acervo lexicográfico para cada sala e o professor deveria promover sua utilização em atividades coletivas. Essa mudança revela uma nova percepção dos avaliadores do PNLD sobre os dicionários, ressaltando a possibilidade de uma abordagem mais crítica sobre esse tipo de obras. Nesse trabalho, apresentamos uma reflexão sobre as relações de gênero expressas em dois dicionários do PNLD 2006, são eles: (1) Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2004); e (2) Caldas Aulete - Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (AULETE, 2004). Nosso objetivo é explicitar as formas de representação da mulher nos dois dicionários aplicando as categorias de análise de Fairclough (2006) aos verbetes "mulher" dos dois dicionários, promovendo o diálogo entre a Análise Crítica de Discurso e a Lexicografia Pedagógica. As análises foram feitas com base em Krieger (2002), Pontes (2008; 2009), Pontes e Santiago (2009), Welker (2004) para os conceitos lexicográficos; e Fairclough (2006) e Voese (2005), para a Análise de Discurso. Os dados revelam a permanência de um discurso machista nos dois dicionários escolares analisados. Este trabalho foi desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará e líder do Grupo de Pesquisa Lexicografia, Terminologia e Ensino (LETENS).

CARTAS DO LEITOR: A EXPOSIÇÃO DA 'FACE' E A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA IMPRESSA NO JOGO DE LEITURAS
Rafael Souza da Cruz
Orientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa

Baseados em propostas da Análise Crítica do Discurso (ACD) e da Pragmática, apresentamos um recorte do projeto de pesquisa "Estudo discursivo das erratas na mídia impressa: interface entre análise crítica do discurso e pragmática", desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Edital 07/2010 - PROPESQ e REUNI 2011; código: PIC _ 4143-2010). Em termos gerais, a ACD é uma abordagem teórico-metodológica que investiga a linguagem tendo em vista um objetivo transformador das práticas sociais. Nesse contexto, são levados em conta, nos discursos, as suas formas de construção e exposição, bem como a finalidade dos mesmos e o comportamento dos indivíduos ou aparatos sociais responsáveis por estabelecê-los e difundi-los aos demais públicos. Da Pragmática, destacamos a premissa de examinar a linguagem em seu contexto de uso, e trabalhamos também com a teoria das faces, uma das linhas da Pragmática. Neste recorte analisamos uma carta do leitor, retirada de uma edição da revista Veja de 2010, na qual o leitor rebate as informações contidas na reportagem, ao apontar erros de publicação, atingindo até mesmo a conduta dos próprios editores. Cotejando a notícia publicada, objetivamos: a) ilustrar a relação entre público, leitor e revista, através das estratégias discursivas por esta utilizadas, para que ocorra a proteção da sua 'face'; b) destacar a importância da mídia impressa no cenário social e sua responsabilidade mediante um público de alto nível; c) apontar de que formas esse tipo de análise pautada no contexto de uso da linguagem pode contribuir para o desenvolvimento de uma mentalidade social crítica em sala de aula, culminando assim na melhoria do ensino e das práticas pedagógicas. Os resultados confirmam a importância de um olhar melhor crítico, no que diz respeito à leitura das notícias veiculadas pela mídia, para que não predomine uma tendência de tomá-las como fonte de verdade absoluta, tendo em vista a luta pela justiça na sociedade.

O FUNCIONAMENTO DIALÓGICO EM REPORTAGEM E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS
Ana Carolina Almeida de Barros Albuquerque
Welitânia Renata da Silva (FAFIRE)

Ao postular que a interação verbal só é possível por meio de algum gênero do discurso - sendo os gêneros tipos relativamente estáveis de enunciados realizados nas diversas esferas das atividades humanas -, Bakhtin (2002) tornou-se ponto de partida para uma série de pesquisas voltadas para o funcionamento da língua em uso. O autor de Marxismo e Filosofia da Linguagem, ao postular que sem signos não há ideologia, instaura nos estudos de linguagem uma visão que ultrapassa a concepção do signo como uma representação da realidade. Nessa perspectiva, faz-se necessário que a Linguística desenvolva um enfoque que articule as relações que unem linguagem e ideologia. Essa instância da linguagem é o discurso. A Análise Crítica do Discurso, proposta por Fairclough (2008), oferece-nos a fundamentação teórica que articula a relação entre os textos, a prática discursiva e a prática social, em uma proposta de verificar como as marcas deixadas na superfície textual revelam o discurso reprodutor/ transformador da ideologia. Nesse trabalho, analisamos o funcionamento do dialogismo em reportagem de revista, visando investigar como o entrelaçamento de vozes polêmicas - polifonia - converge para a construção do ponto de vista do enunciador frente à temática abordada. Após apresentação dos conceitos teóricos que fundamentam a análise, bem como uma breve descrição do gênero: uma reportagem publicada na revista Veja, investigamos o(s) tratamento(s) dado(s) ao discurso do outro, especificamente do dialogismo mostrado (discurso direto) e do interdiscurso. Consideramos que a análise da relação entre os recursos linguísticos utilizados para introduzir as vozes do outro na reportagem e a intencionalidade discursiva do enunciador são relevantes não só para caracterizar esse gênero do discurso, mas, sobretudo, para realizar uma leitura crítica do texto jornalístico, tão necessária ao desenvolvimento do letramento escolar que vise à formação de um leitor competente.

ÁREA TEMÁTICA 9 - ANÁLISE DO DISCURSO E ENSINO

IMAGENS DA ESCOLA: ANÁLISE DAS FIGURATIVIZAÇÕES DA ESCOLA EM RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO
Leane Araújo de Oliveira
Luiza Helena Oliveira da Silva(Universidade Federal do Tocantins)

O presente trabalho consiste na análise de relatos autobiográficos de professores da rede pública de ensino do norte do Tocantins que integram o PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica). Foram tomados como corpus relatos de vinte professores matriculados pelo PARFOR nas licenciaturas de Letras e História, ofertados pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. O objetivo da pesquisa ainda em fase inicial (PIBIC-UFT/ CNPq) é analisar modos de representação da escola nos relatos orais e escritos, contrapondo figurativizações do passado, trazidas à luz pelo exercício da memória, a figurativizações do presente. Nesse aspecto, investigam-se, entre outros aspectos, a continuidade entre esses modos de representação (figurativização) ao longo do tempo fornecidas pelo exercício de lembrar / perceber ou transformações e rupturas. Sem descuidar de considerar que toda representação deva ser pensada a partir de sua dimensão social e de sentidos social e historicamente partilhados, o trabalho busca identificar ao mesmo tempo especificidades e regularidades que caracterizam a figurativização da escola pelos sujeitos da pesquisa, analisando ainda inscrições ideológicas do discurso dos entrevistados a partir dos modos de dizer e fazer ver o universo escolar. Como fundamentação teórica, empregamos a semiótica discursiva. Considerando um percurso gerativo de sentido, a semiótica analisa o plano do conteúdo dos textos a partir de camadas que vão de níveis mais simples e abstratos aos mais superficiais e complexos. Tendo em vista o objetivo de analisar as imagens de escola produzidas no dizer dos docentes, privilegia-se aqui o nível discursivo, o mais concreto do percurso gerativo de sentido.

FRONTEIRAS DO ENSINO: ANÁLISE DA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS
Paulo Eduardo Benites de Moraes(Universidade Católica Dom Bosco)
Orientador: Neli Porto Soares Betoni Escobar Naban(Universidade Católica Dom Bosco)

O presente estudo consiste em reflexões acerca de estratégias e dispositivos incomuns utilizados pelo poeta mato-grossense Manoel de Barros, há muito radicado em Campo Grande. O autor em questão é referência para a cultura regional do centro sul do Brasil, tanto na perspectiva literária quanto no âmbito cultural, pois trata-se de um intelectual que serve-se da região para "poetar", isso explica o porquê de tantos seres e bichos representados na sua obra. Através de uma atitude imagética que envolve a desconstrução e a exploração criativa das potencialidades expressivas da língua, o poeta manifesta e desoculta a sua visão da cultura em relação a temas como a evolução da sociedade, a tecnologia e a perda de sentido. O trabalho apresenta-se com uma abordagem crítica de discurso versando sobre a produção literária de Manoel de Barros e a política de representação da língua, atribuindo significâncias às práticas sociais do discurso do poeta, bem como da literatura e a construção de identidades sociais das culturas envolvidas. Por meio de exercício de leitura de trechos significativos de sua obra e de estudiosos da visão pós-colonial balizamos este trabalho a fim contribuir com os estudos contemporâneos. Os resultados mostram que a literatura pode ser lida também pelo viés da análise crítica do discurso e que a obra de Manoel de Barros, por se

configurar numa produção extensa que tece reflexões sobre o mundo, a vida e a cultura. Temos então a possibilidade de refletir com os olhares pós-coloniais de recentes pensadores do movimento descolonial que vem ganhando força no mundo pós-moderno, e que nos dá embasamento para refletir sobre as construções culturais que tem sua mais forte expressão na língua.

LEITURA À TECNOLOGIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DOS POEMAS DE MANOEL DE BARROS NO ENSINO MÉDIO
Edmilson Fagundes de Moura (Universidade Católica Dom Bosco)
Orientadora: Neli Porto Soares Betoni Escobar Naban (Universidade Católica Dom Bosco)

O presente trabalho propõe uma reflexão das leituras dos poemas de Barros e sua escrita por meio da análise de discurso. Neste sentido, daremos ênfase para os alunos do terceiro ano do ensino médio, pensando nas provas do ENEM. Sabendo da importância da leitura e da analise do discurso para compreender e responder às questões do exame. Por muitas vezes a leitura fica a inércia por muitos motivos: cultural, recursos financeiros, livros a própria divulgação do autor. Atualmente contamos com uma ferramenta importantíssima que é a tecnologia. Manoel de Barros, poeta sul-mato-grossense, reconhecido por conotar a palavra de maneira significativa e envolver o leitor com o uso insólito das figuras de linguagem, produzindo assim um sentido original e atrativo a seus interlocutores. Muitos alunos não conhecem o autor e nenhum livro, todavia seria uma oportunidade única de levarmos suas digníssimas obras para as escolas incentivando-os a um mundo fascinante que é a leitura. Vivenciamos um mundo globalizado em que, a informação chega muito rápida, a disponibilidade de ter uma biblioteca virtual para consultar livros online já é uma realidade, além disso, a tecnologia proporciona-nos facilidade, diversidade e também própria divulgação de Manoel de Barros.

AS REPRESENTAÇÕES DE LÍNGUA NO ENEM: A HETEROGENEIDADE CONTRADITÓRIA NO DISCURSO DA VARIAÇÃO LINGUISTÍCA
Anderson Lins Rodrigues (UFCG)
Washington Silva de Farias (UFCG)

Em 1998 o Brasil está inserido em um contexto de mudanças sócio-políticas desencadeadas pela intensa urbanização, expansão do sistema educacional e pelo desenvolvimento tecnológico. O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) surge em meio a esse contexto que atribui peso significativo à educação como instrumento de qualificação profissional. O exame se propõe também a avaliar e reestruturar o ensino médio, objetivando sua adequação a esse novo cenário social. Atualmente, além de possibilitar a certificação desse nível de ensino, o Enem também é um instrumento de ingresso em muitas universidades. Ao considerar a abrangência do Enem, que mobiliza aproximadamente 6 milhões de participantes e, possivelmente, influencia na prática de muitos professores, nos propomos a compreender, à luz da Análise do Discurso, as representações de língua textualizadas em "provas de língua portuguesa" do Enem. Pressupondo que há uma relação entre discursos constituindo o discurso do nosso corpus, estabelecemos as seguintes questões neste trabalho: Quais os discursos sobre a língua que sustentam o discurso do corpus desta pesquisa? Qual o peso ideológico de cada um desses discursos? Diante da abrangência do Enem, que (re)produz imagens sobre a língua, nossa pesquisa se justifica diante da necessidade de compreender criticamente tais imagens, que, certamente, influenciam a constituição da identidade linguística de professores e alunos em nosso país. Entender como um exame de caráter avaliativo pode ressignificar o conhecimento acadêmico sobre a língua, a partir da relação entre seleção/apagamento de determinados aspectos do discurso acadêmico e persistência/silenciamento de elementos do discurso tradicional, será também uma considerável contribuição desse estudo. A partir das reflexões propostas por FARACO (2008), BAGNO (2003), ORLANDI (2005), GERALDI (1996), MAINGUENEAU (1993), GRIGOLETTO (2002), BRITTO (2003) ILARI (2007), entre outros, concluímos que o discurso do corpus analisado é tenso, conflituoso e perpassado por outros discursos sobre a língua, que a concebem por um viés dicotômico e estanque, ainda que considerando a existência do fenômeno da variação linguística.

ENSINO E DOCUMENTÁRIOS: ANÁLISE DE DISCURSO E MÍDIAS FÍLMICAS EM SALA DE AULA.
Saulo Arão de Lima Sarmento
ThyagoRuzemberg Gonzaga de Souza
Orientador: Crislane Barbosa de Azevedo

No Brasil, os meios de comunicação são cada vez mais populares, principalmente a televisão. Esse meio comunicativo tornou-se a principal fonte de informação da sociedade brasileira e é em frente a ela que o adolescente utiliza boa parte de seu tempo. A utilização desses recursos na prática de ensino faz-se menos necessária na tentativa de prender a atenção do discente e fazer com que os temas abordados sejam mais inteligíveis, do que na tentativa de formar uma mentalidade critica. Esse trabalho tem como ponto de partida um questionamento acometido após perceber que a produção de documentários é vasta e, ainda assim essa mídia tem pouca visibilidade e não é frequentemente utilizada como recurso didático no ensino. Portanto questiona-se: Como utilizar o Documentário como um recurso didático que auxilie o processo cognitivo no ensino? O trabalho foi elaborado numa perspectiva de análise do discurso de Michel Foucault, refletindo sobre a relação de poder, saber e lugar de fala dos autores dos documentários; procurando abordar uma leitura mais crítica da mídia fílmica na construção do conhecimento histórico. No final, chegamos à conclusão que o documentário, através do imaginário, tem a função de transformar o abstrato em algo mais compreensível, que possa ser observado, discutido e analisado. Concebemos que o documentário é, além de, uma narrativa sobre o conteúdo, objeto ou problema, capaz de proporcionar uma experiência àqueles que ainda não conseguem distinguir a relação narrativa e realidade.

AINTERTEXTUALIDADE NA LINGUAGEM MIDIÁTICA: UMA ABORDAGEM DE ANÁLISE DO DISCURSO NO GÊNERO BLOG
Ewerton Mendonça de Oliveira
Wadson Augusto Corrêa
Orientador: Lucinéia Contiero

O foco do presente estudo é identificar o elemento intertextualidade dentro das características da Análise do Discurso (doravante AD) em um gênero virtual emergente nos últimos tempos: o blog. Busca-se analisar o que está por trás do discurso aparentemente homogêneo em um blog na rede, a saber, o Pavablog; que elementos são usados pelo autor para instaurar essas formações discursivas em coparticipação; quais são a posição e as características que identificam um "outro" no discurso. Refletiremos e apresentaremos uma breve discussão teórica da Análise do Discurso de linha francesa, bem como os fatores que influenciam na construção do discurso, encontrando apoio em alguns teóricos que propõem esclarecimentos a respeito da teoria, como: Pêcheux (1997), Mussalin (2001), Brandão (2004) dentre outros. A partir dos aspectos discutidos a respeito da AD, mostraremos que ela vem contribuindo para os estudos linguísticos, e também para a compreensão de discursos que foram produzidos e padronizados pela sociedade. Isso se dá pelo fato de a AD conter teorias que buscam compreender a multiplicidade de sentidos nos discursos e considerando o meio social, bem como o momento enunciativo.

ÁREA TEMÁTICA 10: LETRAMENTO E ENSINO

A CONTRIBUIÇÃO DA DISCIPLINA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA PARA A CONSTRUÇÃO DE JOGOS PEDAGÓGICOS E A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA
Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral (UFRPE-UAG)
Juliana Carine Tavares Silva (UFRPE/UAG)

Este trabalho investigou a contribuição da disciplina Aquisição da Linguagem Escrita para a construção o de jogos pedagógicos e a formação do estudante de Pedagogia no que concerne ao ensino da aprendizagem da leitura e da escrita. Os objetivos específicos foram: identificar e analisar os conhecimentos adquiridos pelos alunos durante a disciplina Aquisição da Linguagem Escrita, os conhecimentos mobilizados pelos alunos no momento da construção dos jogos de alfabetização e as dificuldades apresentadas pelos alunos durante a elaboração desse recurso didático e na disciplina em questão. Para atingir tais objetivos, foi realizada uma pesquisa de campo com enfoque qualitativo, aplicado um questionário para coletar os dados, bem como foram analisados três jogos de alfabetização produzidos pelos sujeitos deste estudo investigativo. Esta pesquisa foi embasada principalmente pelos estudos da Psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro e Teberosky (1979) e os estudos de Soares (2002). Os resultados evidenciaram que os sujeitos apropriaram-se das discussões realizadas em sala de aula no que diz respeito ao trabalho envolvendo ensino do Sistema de Escrita Alfabética, bem como da linguagem que se usa para escrever. Dessa forma, foi possível chegarmos à conclusão que a maior contribuição dessa disciplina para a formação dos estudantes de Pedagogia foi à discussão das teorias de alfabetização a partir da perspectiva do letramento por essa prática permitir aos educandos fazer uso social da linguagem escrita, como também interagir com os demais variados gêneros discursivos inseridos na sociedade. Sendo assim, acreditamos que este trabalho possibilitou que os estudantes de Pedagogia concebessem uma nova metodologia de ensino pautada na perspectiva do letramento, uma vez que oportuniza ao educando uma nova forma de conceber e perceber a aquisição da leitura e da escrita.

CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO IMPLÍCITAS NO ENEM
Erika Vieira Araujo (UFRPE/UAG)
Orientadora: Sônia Virginia Martins Pereira (UFRPE/UAG)

Este trabalho tematiza as concepções de letramento subjacentes ao Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e as relações que mantêm com a formação de alunos letrados na etapa final da Educação Básica â€" o ensino médio â€" dos quais se espera habilidades mais refinadas no domínio da leitura e da escrita, que os preparem para a inserção no ambiente acadêmico e no campo profissional. Tem como objetivo descrever as práticas letradas que caracterizam o letramento escolar observadas nas propostas de redação do ENEM e correlacionar essas práticas com os fundamentos teórico-metodológicos norteadores desse exame. Adota como fundamentação teórica os pressupostos de Soares (1995 e 2006) em seus estudos sobre letramento, Kleiman (1995) e sua perspectiva sobre a prática social da escrita e Rojo (2009) que acrescenta às discussões a ideia de letramentos múltiplos. A metodologia se faz de um corpus de análise das propostas de redação do ENEM desde a realização do primeiro exame, em 1998 até a proposta constante na avaliação de 2010. A partir desta análise é feita a categorização dos elementos que caracterizam as noções de letramento implícitas nas propostas de redação e nos pressupostos do Exame como um todo. Considerações preliminares apontam para indícios de dissonância entre a ideia de práticas letradas explicitadas nas bases teóricas que fundamentam o ENEM, ainda que haja certa coerência em alguns aspectos dessa relação entre as propostas e os pressupostos.

O TRABALHO COM CONTOS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS
Aline Rafaela Lima e Silva (UFRPE)

O ensino da escrita, embora pareça uma tarefa muito simples, traz consigo uma complexidade bastante relevante no que concerne o desafio no processo de aprendizado dos mais diversos gêneros discursivos, bem como de sua aplicabilidade

nas diferentes situações comunicativas. Nesse sentido, é importante que o professor haja como mediador desse saber, levando o sujeito a refletir acerca da linguagem que se usa para escrever, de acordo com as diferentes esferas de circulação dos textos na sociedade. Este estudo teve como objetivo analisar as possibilidades de ensinar a produzir textos a partir da vivência de sequências didáticas (c.f. SHENEUWLY E DOLZ, 1992), envolvendo o gênero conto com uma turma de quinto ano do segundo ciclo. Para isso foram planejados diferentes etapas, vivenciadas ao longo de dois meses, por uma aluna do Programa de Iniciação à docência. Os alunos do 5º ano foram solicitados ao longo do trabalho a refletir sobre os aspectos sócio-discursivos e normativos referentes ao gênero conto. As crianças passaram a ver a atividade de escrita não como um processo pronto e acabado, sem nenhuma finalidade, mas sim, como uma sucessão de etapas que precisam ser planejadas, avaliadas e reelaboradas, a fim de que os interlocutores compreendam os textos escritos. Foi possível constatar, que os pequenos aprendizes perderam o medo de escrever, apropriaram-se gradativamente, das formas prestigiadas que são utilizadas na sociedade, bem como das características do gênero em questão. Além disso, os alunos ao longo da sequência refletiram e aprenderam a manipular o texto, alterando-o quanto às diferentes dimensões da textualidade (conteúdo, organização sequencial, vocabulário) e da normatividade (ortografia e concordância).

O PROJETO DE LETRAMENTO NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS DA SALA DE AULA
Alana Driziê Gonzatti dos Santos
Orientador: Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira

O trabalho tem como objetivo relatar, a partir de uma metodologia qualitativo-etnográfica, experiências obtidas no "Programa de Apoio à Melhoria da Qualidade do Ensino", realizado no segundo semestre do ano de 2010, que englobou professores em exercício de docência e em formação inicial com a finalidade de construir 'práticas de letramento' (KLEIMAN, 1995) no ambiente escolar. Os dados foram desenvolvidos em um trabalho com alunos de quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual da cidade do Natal, e o projeto teve como propósito inicial a identificação de problemas da comunidade para uma eventual mobilização de saberes e resolução conjunta com todos os 'agentes' (BAZERMAN, 2006) da situação. A partir de uma análise etnográfica da escola, o tema da sexualidade foi abordado como a situação-problema mais acentuada em sala de aula: alguns sabiam pouco sobre o assunto, outros sabiam demais e, assim, a questão passava a afetar o desempenho da turma e influenciar alunos de idade menor. Com várias visitas, foi possível construir um 'projeto de letramento' (OLIVEIRA, 2008) conjunto com os alunos a partir dessa dificuldade e transferi-la para as produções textuais dos educandos, as quais se concentraram nos mais variados 'gêneros textuais' (MARCUSCHI, 2009), como acrósticos, bilhetes, fichas, debates, roteiros, histórias, entre outros, os quais foram sendo levantados como instrumentos para trabalho dessa questão. Assim, houve a tentativa de aliar a problemática à prática de ações de leitura e escrita como métodos de resolução de problemas na sociedade, como propósito da construção de um 'projeto de letramento'. Após uma análise final, várias contribuições foram notadas por todos 'agentes' envolvidos, a partir de relatos, principalmente: a melhoria na prática de leitura e escrita dos alunos, mudança de comportamento com relação à sexualidade, maior interesse pelo ambiente escolar e a criação de consciência crítica quanto aos assuntos abordados.

LETRAMENTOS: AMPLIANDO O ACESSO AO TEXTO JURÍDICO
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos (UFPB)
Érika Karla Almeida da Silva (UFPB)

Este trabalho tem como objetivo apresentar um recorte da nossa pesquisa de iniciação científica intitulada «Práticas sociais de escrita: a retextualização de gêneros jurídicos». Considerando que a sociedade civil, nos dias atuais, participa com maior frequência das atividades jurídicas (basta observarmos a justiça trabalhista e os juizados especiais, estruturas judiciais estas que dispensam a necessidade do advogado, podendo assim, o próprio cidadão questionar os seus direitos), faz-se necessário proceder ao redimensionamento do hermetismo da linguagem jurídica, visando uma maior acessibilidade a esse letramento. Sendo assim, pretendemos refletir acerca desse hermetismo, propondo uma forma alternativa de retextualização, ou seja, uma prática de linguagem mais simplificada, clara e objetiva, pensando num leitor comum. Trata-se de uma investigação de caráter descritivo e interpretativo, que se utiliza de um corpus de base documental. Analisaremos os parâmetros de produção e a materialidade textual dos gêneros jurídicos, à luz da perspectiva teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) que tem como principais teóricos: Bronckart, Schneuwly e Dolz. Para tanto, adotamos a concepção bakhtiniana de linguagem e o conceito bronckartiano de arquitetura textual. Os resultados apontam o excesso de rebuscamento (tanto vernáculo quanto latino) característico da linguagem jurídica, estilo este que restringe a compreensão às pessoas que fazem parte desse âmbito profissional. A utilização dessa forma de linguagem indica que não se tem em vista o leitor, ocorrendo, por exemplo, o uso excessivo e desnecessário de termos técnicos do Direito, não sendo só esta a causa da não compreensão, mas também, o excesso da norma culta empregada nas peças jurídicas. Pensando no quanto o hermetismo dessa linguagem nos afeta como cidadãos, acreditamos que nosso trabalho pode contribuir para a ampliação desse domínio discursivo, visando à acessibilidade do texto jurídico, inclusive em contextos de letramento escolar.

DESENHAR FAZ PARTE DA VIDA: UMA PESQUISA EM ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO MULTILETRAMENTO
Ligivania de Barros Barboza

Esta investigação trata de um estudo sobre a importância do desenho para a formação do ser humano e como a escola, especificamente na Educação Infantil, conduz as aulas de artes, nas atividades com desenho. Para isso, observamos uma turma de Educação Infantil, com crianças de 4 e 5 anos de idade, numa escola do Agreste Meridional de Pernambuco, do município

de Paranatama, para compreender esse processo de alfabetização nesta linguagem vendo tal processo como forma de letramento. Fundamentando esta pesquisa, nos apoiamos em teóricos que estudam sobre o desenho da criança: Cox (1995), que divide o desenho em "fases" e Luquet, citado por Pillar (1996) que o divide em "estágios", principais autores estudados para a realização desta análise. Pretendemos, também, entender como a professora colaboradora dessa pesquisa, conduz as atividades com desenhos em sua sala de aula. Como contraponto, em relação aos teóricos, observamos as dinâmicas utilizadas pela professora, e notei que ela faz o uso mais correto, de acordo com o que os autores abordam, para realização desse trabalho, já que não fez nenhuma exposição ou releitura de nenhum dos desenhos, que foram trabalhados nos dias em que realizamos as observações. Como encaminhamento metodológico, realizamos uma pesquisa qualitativa etnográfica, com observações diárias (observação do andamento das aulas, anotações, fotos e recolhimento de alguns desenhos realizados em sala de aula pelas criança), por uma semana (segunda à sexta-feira), no horário de aula (7h30min às 11h30min). Para compreender melhor a importância do desenho no letramento das pessoas, realizamos paralelamente às observações, um estudo de caso com uma professora, que faz uso do desenho em sua vida pessoal e profissional, mostrando o quanto essa prática é importante para sua vida. Essa professora formada faz uso da sua habilidade com o desenho em sua sala de aula, motivando seus alunos a também sentirem prazer em desenhar, como forma de desenvolver outros tipos e níveis de letramento.

A EPIFANIA DA LEITURA: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO
Isaac Itamar de Melo Costa (UFRPE/UAG)
José André de Lira da Silva (UFRPE/UAG)

Este trabalho apresenta uma proposta de intervenção pedagógica para o ensino de leitura e escrita mediada pela literatura, no ensino médio. Busca-se com tal intervenção ambientar o alunado às colônias de gêneros literário/artístico por meio de leitura, análise e posterior produção de tais gêneros. Intenciona-se, ainda, fazer uso do gênero romance na escola, lendo-se uma obra literária completa para se fomentar o letramento literário dos alunos. Como base teórica dessa pesquisa-ação temos os estudos de Bhatia (2009) no condizente ao tratamento dos gêneros, e Adam (2009) das sequências textuais. Na mesma medida, Koch & Elias (2010), Platão & Fiorin (2007) e as publicações do Grupo de Acessoria, Pesquisa e Formação em Escrita (GRAPHE, PUC), guiam a aplicação pedagógica intencionada. Para tanto se adota uma metodologia inspirada na abordagem pedagógica americana, a princípio voltada para o estudo teológico e posteriormente aplicada ao ensino de literatura, largamente utilizada nas escolas presbiterianas de veraneio, que propõem ao aluno a solução de um "mistério" em que o livro é dividido em "partes temáticas", as quais são entregues aos alunos sempre com um enigma a respeito do desfecho da história principal, com o intuito de lhes prender a atenção e os estimular a continuarem a leitura. Esta intervenção pedagógica é implementada em escolas do ensino médio do município de Garanhuns - PE e por meio dela procura-se contribuir com o desenvolvimento dos discentes no condizente às suas habilidades de leitura e escrita, e, consequentemente, com seu letramento literário e, na mesma medida, acrescentar ao arcabouço teórico e metodológico do professor de língua portuguesa e literatura das instituições escolares, práticas pedagógicas significativas desenvolvidas a partir da ambientação dos gêneros às esferas sociais, não apenas para seu ensino, mas para seu uso.

SIGNIFICADOS DO CONTEXTO FAMILIAR COMO ESFERA DE LETRAMENTO: MEMÓRIAS E PRÁTICAS ESCOLARES
Márcia Marcia Soares Rodrigues da Câmara
(Secretaria Municipal de Educação|Natal-RN. Capes-INEP)
Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa (Centro de Educação. PPGED. UFRN. Capes-INEP)

O presente trabalho investiga os significados que o contexto familiar assume como esfera de letramento diante da aprendizagem e do ensino da escrita e da leitura no âmbito escolar. Adotamos, para isso, a análise das versões de cinco ensaios autobiográficos produzidos por professoras da Rede pública e licenciandas acerca das suas memórias e práticas escolares. Os ensaios, elaborados em situação de formação inicial e continuada, são aqui tomados, segundo Larrosa (2004), Passeggi, Barbosa e Câmara (2008), como gênero narrativo que traduz uma escrita reflexiva acerca das vivências experienciais dos seus autores. Objetivamos compreender como os significados atribuídos ao contexto familiar letrado se relacionam à aprendizagem escolar e, eventualmente, à atuação docente e, nesse sentido, adotamos a noção de letramento, de narrativas de si e de aprendizagem intergeracional (KLEIMAN, 1995, 2001, 2007; GUEDES-PINTO, 2008; PASSEGGI, 2008, 2009, 2011; BARBOSA, 2008, 2009). Ao focalizar as memórias de professoras e licenciandas sobre seu processo de formação e atuação profissional, observamos os diferentes significados que o contexto familiar assume como esfera de letramento: lugar de prazer em tensão com o domínio dos processos mecânicos que se investem na escola; esfera de transmissão dos valores e credos acerca da leitura e da escrita, que se reflete na sua escolha e atuação profissional; e, até, como espaço de práticas letradas pouco prestigiadas pela escola. Nesse sentido, pesquisar o processo de letramento nos permite sinalizar como o contexto familiar responde pelo ingresso nas práticas escolares de aprendizagem da linguagem e, em seguida, na atuação em situações de ensino. (CAPES/INEP-Observatório da Educação-Ed.038/10 - UFRN: CE-PPGED/CCHLA-PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS E O ENSINO DA ORALIDADE: UM ESTUDO DA ADEQUAÇÃO DA LINGUAGEM ÀS PRÁTICAS SOCIAIS
Daianna Fernandes de Menezes (UERN)
Orientador: Prof. Dr. Messias Holanda Dieb

Adequar a linguagem a diferentes situações comunicativas é uma necessidade humana. O homem, enquanto ser social desenvolve infinitas possibilidades de comunicação. Todavia, apenas uma variante da língua, a chamada norma culta, é privilegiada pela sociedade, rejeitando-se as demais. Dentre elas está a oralidade, incorporada desde os primeiros

anos de vida pela criança. Neste sentido, a escola, por lidar diretamente com a atividade de "ensinar" a língua, tem uma grande tarefa a realizar. Tarefa esta que, inicialmente, pareceria mais simples para a escola particular, já que dispõe de mais recursos e prestígio social que a pública. Assim, o presente trabalho tem o objetivo de caracterizar o modo como a escola privada tem trabalhado a adequação da linguagem oral às práticas sociais. Para conseguir isso, realizamos uma entrevista com dez alunos de um colégio particular, localizado no município de Lajes, Rio Grande do Norte. A entrevista deu-se a partir de conversas sobre a variedade linguística do personagem de História em Quadrinhos Chico Bento, da Turma da Mônica, criada por Maurício de Souza. Os resultados finais da pesquisa revelam visivelmente que a escola, mesmo pertencendo à rede privada, parece não ter conseguido diminuir os efeitos do preconceito linguístico acerca das variedades não privilegiadas de uso da língua. Ao contrário disso, pudemos constatar que a escola não estava trabalhando satisfatoriamente no sentido de promover o conhecimento aos alunos sobre as várias possibilidades da adequação da linguagem oral às práticas sociais. Esta descoberta nos mostra que o ensino privado, mesmo sendo considerado melhor que o público, também se prende a tradicionalismos linguísticos, assim como a escola pública, limitando as possibilidades de aprendizado.

UMA NOVA VISÃO DE LEITURA E ESCRITA "NASCIDA" EM UM PROJETO DE LETRAMENTO
Dayveson Noberto da Costa Pereira (UFRN)
Fernanda Nayara da Silva Mendonça (UFRN)
Orientador: Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira (UFRN)

O propósito deste estudo é apresentar os resultados e, consequentemente, reflexões acerca de um dos trabalhos pertencente ao projeto intitulado Laboratório de Pesquisa em Ensino-Aprendizagem de Língua Materna (LAPELM), coordenado pela Profa. Dra. Maria do Socorro Oliveira, no período de 31 de agosto de 2010 a 17 de dezembro de 2010. Levando em consideração o obscurecimento da agência dos alunos em sala de aula (BAZERMAN, 2006), visto que a escrita estudantil se encontra, muitas vezes, distante das leituras exigidas pelos professores, buscamos empregar alguns gêneros que despertassem a atenção dos alunos de 5° ano do ensino fundamental II, em uma escola municipal localizada na Zona Norte de Natal, para questionar o que estava sendo exposto; ou seja, a leitura e a escrita deixaram de ser apenas mecanismos de avaliação utilizados pelos docentes para se transformarem em duas habilidades capazes de propiciar aos estudantes um ambiente para a exposição dos seus diferentes posicionamentos. Assim sendo, fizemos uma sondagem para descobrir os gêneros que deveriam ser trabalhados com os meninos, dentre eles, foram escolhidos: o debate, o bilhete, o cordel e a receita. Todos os assuntos propostos foram aproveitados ao máximo com a ajuda dos questionamentos que vinham a surgir. Para tanto, tivemos a preocupação de trabalhar com temáticas que circulavam tanto na classe (o bullying) quanto na comunidade (a pobreza). Paralelamente, um outro objetivo estava sendo proposto, mobilizar os discentes para a criação de uma biblioteca itinerante, pois a escola possuía uma quantidade reduzida de livros e a prática da leitura se resumia apenas na decodificação de textos. Desta forma, os alunos poderiam colocar em prática tudo o que aprenderam ao longo dos meses. O embasamento teórico deste trabalho está calcado em Bazerman (2006), Soares (2004) e Kleiman (2007), teóricos que problematizam o letramento no contexto escolar. Ao final, deixamos claro que o projeto não estava sendo finalizado, pelo contrário, apenas abrimos caminhos para que ele tivesse sido iniciado. Os resultados advindos desta pesquisa estão relacionadas, principalmente, ao avanço na participação dos alunos durante as aulas e, sobretudo, na descoberta do gosto pela leitura e escrita.

MODALIZAÇÃO E SUBJETIVIDADE EM TEXTOS ACADÊMICOS
Jone jean de Sousa Correia (UFRN)
Lígia Maria da Silva (UFRN)
Orientador: Profa. Ms.Sylvia Abbott Coutinho Galvão (UFRN)

De acordo com Maingueneau (2008), o discurso é passível de acontecimentos enunciativos, nos quais o sujeito, responsável ou não pelo ato de enunciar, se apropria de certos artifícios que organizam o discurso e o atenuam com discrição. Entre tais artifícios que atuam no texto como marcadores da subjetividade discursiva, encontram-se as modalizações. A presença marcante desse procedimento linguístico-discursivo em textos acadêmicos, marcados pela busca de um discurso objetivado, tem se configurado uma temática bem frequente nas discussões das teorias linguísticas e enunciativas e, como tal, um fator interessante de investigação. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho "desenvolvido na disciplina LET0430 Leitura e produção de texto acadêmico II" é descrever e analisar as expressões modalizadoras em textos acadêmicos, empregadas pelos seus autores como forma de (des)comprometer-se com as informações por eles veiculadas em conformidade com as regras determinadas pela comunidade acadêmica (CORACINI, 1991). Partimos do princípio de que, em todos os textos, há marcas de subjetividade, mesmo que de maneira menos explícita, pois até mesmo "a frase menos modalizada abriga uma modalidade mínima" (CERVONI, 1989), manifestada, por exemplo, pelo modo verbal. Baseamo-nos numa perspectiva que alia anunciação e análise do discurso, a respeito de como se constitui a modalização nos seus mais diversos aspectos, dando enfoque ao discurso construído nos textos que constituem o corpus da nossa pesquisa: quatro textos acadêmicos desenvolvidos no mesmo campo temático, a Linguística. Os resultados permitem-nos concluir que os textos acadêmicos, apesar do seu caráter objetivo, apresentam muitas marcas de subjetividade, que acrescentam as percepções do enunciador ao seu discurso e reforçam seus "ditos" e afirmações com o discurso de outrem. Tal constatação vem reforçar a ideia de que a "objetividade e a imparcialidade representam, pois, no discurso científico, apenas aspectos bastante superficiais, sendo ilusória a crença na não interferência da subjetividade emotiva no traçado do discurso" (GUIMARÃES, 2001, p. 75).

LETRAMENTO DO PROFESSOR: FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA, TRANSMUTAÇÕES
Maria do Rosário da Silva Medeiros (UFRN)
Maria do socorro Oliveira (UFRN)

O presente trabalho versa sobre uma iniciativa de extensão, 'projetos de letramento' com professores, que visa propor alternativas para a melhoria de ensino de língua materna. Tomamos como ponto de partida teórico-metodológico 'os estudos do letramento' (BAYNHAM, 1995; GEE, 2000; KLEIMAN, 1995; STREET, 1984, 1993, 2000, 2003, 2005), e, as discussões sobre os 'projetos de letramento' como opção viável para o processo de ensino/aprendizagem (KLEIMAN, 2000; OLIVEIRA, 2008, 2010, 2011; SANTOS,2008, 2011; TINOCO, 2008, 2010, 2011). As etapas do projeto são orientadas a partir do enquadre qualitativo sob enfoque etnográfico. As ações de leitura/escrita desenvolvidas, colaborativamente, nesses 'eventos de letramento' são constituídas por colaboradores advindos da UFRN, granduandos de letras em formação inicial, com professores da rede pública municipal/estadual de Natal. O "corpus" gerado é composto por: imagens (fotos e vídeos), gravações de áudio, produções escritas do alunado e depoimentos com um grupo de participantes de reuniões reflexivas. Nas ocasiões vivenciadas até o momento, presenciamos um maior desprendimento dos alunos egressos no curso de letras no tocante a iniciação docente, bem como o empreendimento de professores em exercício, distantes do fazer acadêmico, na (re)visitação de conceitos teóricos basilares, implicando em mudanças em suas respectivas práticas em sala de aula. Baseando-se nisso, defendemos que o 'letramento do professor' demanda continuidade, pois é um processo inconcluso, um devir. A partir dessa premissa, compete aos grandes centros acadêmicos promover espaços propícios para o diálogo com as 'comunidades de aprendizagem', elencando esse fator como uma de suas prioridades nos cursos de licenciatura. Dessa forma, não se restringiria apenas a formação de profissionais para inserção no mercado de trabalho, mas, também, oportunizaria ocasiões de troca dos saberes institucionalizados da universidade com os vivenciados na "práxis" do ambiente escolar.

ÁREA TEMÁTICA 11: GÊNEROS DISCURSIVOS E ENSINO

GÊNEROS TEXTUAIS NO FACEBOOK: LEITURA, ESCRITA E POSSIBILIDADES DE INTERAÇÃO
Renato Lira Pimentel (UPE)
Orientador: Dr. Benedito Gomes Bezerra (UPE)

A revolução tecnológica que a sociedade contemporânea atravessa interfere significativamente na forma como as pessoas se expressam e interagem. Com o advento da Internet, muitos gêneros surgiram ou foram ressignificados, de forma que a literatura especializada fala em gêneros digitais ou virtuais, por eles se localizarem em ambiente eletrônico. Os gêneros que circulam na internet apresentam características próprias, decorrentes tanto de processos de hibridização como também da incorporação de várias mídias, o que assinala a presença da multimodalidade. Além disso, é importante ressaltar que são permeados por uma estrutura hipertextual. Essas características dão aos gêneros um caráter dinâmico e atrativo, embora sejam essencialmente verbais/ escritos. Com isso, surge o conceito de letramento digital, que poderia ser definido como um conjunto de conhecimentos que o usuário necessita possuir para utilizar eficazmente os recursos do ambiente eletrônico, ou seja, precisa apresentar um domínio mínimo do funcionamento e das práticas comunicativo-discursivas típicas desse ambiente. O trabalho se propõe analisar os gêneros mediados no site Facebook, segundo os estudos da Linguística de Texto propostos por Swales (1990), referentes ao conceito de propósito comunicativo e organização sóciorretórica e à noção de colônia de gêneros definida por Bhatia (2004). Os gêneros textuais presentes nesse site foram analisados segundo a organização e função comunicativa que exercem, percebendo-se as características e mudanças decorrentes de sua utilização e questões de leitura e escrita. Com a análise percebe-se que o Facebook pode ser visto como um gerador e trasmutador de gêneros, que formam uma colônia de gêneros por estarem no mesmo espaço físico.

OS GÊNEROS TEXTUAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: USOS E DESUSOS
Linda Carter Souza da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa (UFRN)

Atualmente, o uso do livro didático tem sido, cada vez mais, objeto de pesquisas, especialmente, em função da visibilidade do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Somado a esse contexto, observam-se as várias ações do Ministério da Educação voltadas às políticas de fomento à leitura e à escrita no contexto escolar (PNBE, Biblioteca do Professor). Assim, nesse contexto em que circulam nas escolas públicas livros e gêneros autênticos através de ações institucionais, coloca-se como pertinente analisar o lugar do livro didático como suporte para leitura de gêneros diversos. Desse modo, o presente estudo analisa as orientações para leitura dos gêneros textuais existentes livro didático de Língua Portuguesa. Para isso, selecionamos três livros didáticos adotados por escolas públicas da Rede municipal de Natal-RN, que constituem o corpus digital do Grupo de Pesquisa CONTAR (Observatório da Educação, UFRN. Capes-INEP). Nossa pesquisa focalizará as atividades de leitura presentes nas seções de referência desses livros didáticos, em que analisamos: as tipologias de perguntas indutoras da leitura dos gêneros, a diversidade do material textual dessas seções e a natureza de contextualização da atividade. Para a realização desse estudo, utilizamos os seguintes referenciais: Almeida (2007), Antunes (2003), Marcushi (2005), MEC/SEF (1998), Travaglia (2002) que definem os gêneros textuais e as concepções de linguagem, considerando o contexto escolar e social do aluno envolvido em todo processo. Observamos que os gêneros são diversos, mas

as suas orientações de leitura ainda carecem, nos LD analisados, de atividades que focalizem as dimensões discursivas e a variabilidade das funções sócio-comunicativas dos textos. Diante disto, percebemos que é importante e fundamental que o LD contemple diversos gêneros na tentativa de estimular o interesse e contribuir no processo de ensino e aprendizagem da leitura. (CAPES/INEP-Observatório da Educação-Ed.038/10 - UFRN: CE-PPGED/CCHLA-PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

CARLOS RUAS: HUMOR E CRÍTICA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DO PERFIL DE PERSONAGENS BÍBLICOS
Gabriela de Paiva Gomes Albuquerque (UFPE)

O presente trabalho traz uma análise dos cinco personagens principais das tiras em quadrinhos Um Sábado Qualquer, de Carlos Ruas, que trata de assuntos diversos sobre o pano de fundo da temática da religião judaico-cristã. Procurou-se comparar as características de cada personagem à descrição do seu corresponde presente no livro bíblico da Gênesis, a fim de identificar os recursos de construção aplicados pelo brasileiro e a forma como os quadrinhos fazem referência às passagens do livro sagrado. Para tal exame, tomou-se por base o dialogismo bakhtiniano e a teoria da personagem proposta por Brait (1985). Ademais, buscou-se definir os personagens fixos como elemento diferencial do gênero tira, por atuarem como fator que facilita ou impede a compreensão efetiva da comicidade a partir da determinação clara de um contexto para cada episódio publicado. Visou-se ainda mostrar, segundo o conceito de intertextualidade sugerido por Beaugrande e Dressler (1983), que o conhecimento prévio do leitor sobre os textos original e parodiado, juntamente com informações sobre atualidades e notícias recentes, é o elemento-chave para que se possa entender não só os trocadilhos feitos pelo autor, como também as críticas políticas e sociais. Espera-se que o estudo detalhado de um componente tão crucial da tira cômica possa ser levado à sala de aula, despertando o interesse dos estudantes pelo gênero, fazendo com que abandonem a ideia de que as tiras servem apenas como veículo de linguagem a ser trabalhada. Além disso, pretende-se estimulá-los a observar as técnicas de produção de maneira esmiuçada, encorajando-os a pôr o processo em prática com outros textos largamente conhecidos.

O PIBID E A PRÁTICA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL ORIENTADA PELOS GÊNEROS DISCURSIVOS
Gessyka Wiviane Delmiro (UFRN)
Janaina Arruda (UFRN)
Maria Fabiana M. de Holanda (UFRN)
Mônica da Silva Moreira (UFRN)
Valdison Ribeiro da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves(UFRN)

Toda interação verbal é pautada em um gênero discursivo, este servindo como um elo entre um "eu" e um "outro" em constante processo dialógico, pois "a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros", onde ambas extremidades cooperam para a produção do discurso, estas agindo de maneira responsiva diante de cada enunciado produzido em determinada esfera da comunicação humana. Fundamentado nesse pressuposto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (MEC-CAPES/UFRN/REUNI), no subprojeto de Língua Portuguesa, também se orienta pela concepção de gêneros discursivos de Bakhtin (2003) que os pensa como tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos em determinada esfera da comunicação humana, estes podendo ser modificados histórica e socialmente em atendimento à necessidade discursiva do sujeito. Além disso, pauta-se, também, na concepção dialógica de linguagem proposta por este teórico, objetivando a ampliação das competências discursivas dos alunos do ensino médio da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, tendo o seu foco na leitura e na escrita de diversos gêneros discursivos. Somado a isso, o PIBID está comprometido com o desenvolvimento do leitor/escritor competente para os diversos letramentos exigidos no mundo da vida. Portanto, objetivamos, por meio desse trabalho, apresentar as bases teóricas que subsidiam a prática docente dos bolsistas do subprojeto em questão no que concerne a sua prática inicial em sala de aula, enquanto professores em formação. O trabalho se insere na área da Linguística Aplicada e se orienta pelos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa de base sócio-histórica.

AS INTERFACES DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NO CURSO DE LETRAS
Lívia Maria Alvarenga de Lima
Tamires Soares de Oliveira

O objetivo deste trabalho é evidenciar e discutir algumas das dificuldades encontradas no ensino de Língua Portuguesa, constatadas durante a realização do Estágio Supervisionado IV, disciplina obrigatória na grade curricular do Curso de Licenciatura em Letras (UFPB - DLCV). Vale ressaltar que é por meio da disciplina de Estágio, que o licenciando tem a oportunidade de juntar teoria e prática. Foi através desse estágio, que tivemos a oportunidade de perceber a realidade escolar, retomando a teoria que é vista na universidade para discutir, refletir e pesquisar determinados aspectos do ensino de Língua Portuguesa na Escola Básica, buscando inová-lo. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental I e II Lions Tambaú, localizada na cidade de João Pessoa-PB. As atividades foram realizadas em uma turma de 9º ano, turno da tarde, a qual é composta por cerca de 27 alunos na faixa etária de 13 a 18 anos. No trabalho são apresentados dados da escola-campo (infra-estrutura da instituição, avaliação das aulas da professora observada e comportamento dos alunos da turma onde ocorreu o estágio), à aula ministrada, os recursos utilizados nas aulas e as sugestões e considerações, frutos de todo o processo da prática de ensino. A metodologia utilizada inclui os diag-

nósticos dos alunos, e as observações das aulas da professora. Como aporte teórico, utilizamos as considerações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), Guedes (2006) e Marcuschi (2008), os quais se tornam decisivos para constatar que é possível, ao contrário do que muitos afirmam, trabalhar com a abordagem sócio-interacionista da linguagem nas aulas de Língua Portuguesa.

UM NOVO OLHAR SOBRE O GÊNERO TEXTUAL CONTO CRUEL NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Lívia Maria Alvarenga de Lima
Tamires Soares de Oliveira

O trabalho tem por finalidade enfocar perspectivas da Literatura Brasileira Contemporânea, na disciplina de Língua Portuguesa, priorizando o gênero textual como objeto de ensino e manifestação da linguagem em uso, partindo da premissa de que o texto é a unidade básica de realização da língua presente na sociedade. Nesses termos, buscamos apresentar o universo da literatura através dos gêneros textuais e de forma comparada, em que utilizamos um filme atual que retrata a realidade do Brasil e muitas vezes o contexto familiar de muitos alunos, e comparamos com um conto cruel de Luiz Vilela "A cabeça", que despertou a atenção e curiosidade da sala. Nossa pesquisa, solicitada pela disciplina de Estágio Supervisionado V (UFPB - DLCV), foi realizada com alunos de duas turmas de 9º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Zumbi dos Palmares, localizada na Cidade de João Pessoa-PB. A fundamentação teórica apóia-se em BAKHTIN (1979) e MARCUSCHI (2008) para o entendimento a respeito dos gêneros textuais em geral. E para a compreensão da teorização do conto, utilizamos CORTÀZAR (1974) e GOTLIB (1998). Metodologicamente partiremos do perfil da escola, da conceituação dos gêneros textuais, a intervenção, o roteiro desta, e por fim, análise reflexiva da mesma. Esta prática escolar nos mostrou que, o trabalho com gênero textual "conto", denominado cruel, comparado com a realidade social, foi extremamente positivo, provocou o gosto por uma leitura que, de certa forma, não é trabalhada na escola. Tentamos proporcionar para os alunos do 9° ano, uma aula diferenciada, pois trouxemos aspectos reais da sociedade para o âmbito escolar, além de trabalhar a Literatura, já que esta é pouco vista no Ensino Fundamental.

TEXTO PUBLICITÁRIO: RELAÇÕES DE INTERGÊNEROS NA SALA DE AULA
Edilma Marinho Ribeiro
ManuellaSoares Jovem

O objetivo desse trabalho é observar como se dão as relações de intergêneros na constituição de textos publicitários e como eles se estruturam para causar os possíveis efeitos de sentido nos suportes onde são publicados. Para isso, nos baseamos no conceito de gêneros textuais BRONCKART (apud MEURER et al. 2005), que os concebe como práticas sociais e, mais do que formas, estes se constituem como verdadeiros meios de ação e em KOCH et al. (2007), que trazem o intergênero como uma prática ligada às necessidades comunicativas. O corpus a ser analisado são os textos publicitários encontrados em revistas de circulação nacional (revista Veja) e na internet. A nossa análise se dará à luz da Análise do Discurso de linha francesa, observando, sobretudo, a noção de interdiscursividade proposta por Pêcheux, que a toma como a transversalidade dos discursos, influenciando na construção dos sentidos, que se dá a partir das relações entre as formações discursivas, assim com também nos baseamos na visão bakhtiniana da linguagem, por meio da relações entre vozes na constituição do discurso. Adotaremos como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a seleção dos textos publicitários coletados. Levando em consideração os diversos gêneros que circulam no nosso dia a dia, entendemos que esta pesquisa se fará pertinente pelo fato de abordar a intertextualidade intergênero na publicidade, que tem como princípio norteador a ação de persuadir. Além da análise das relações de intergêneros, buscaremos observar como o intergênero pode ser levado para a sala de aula, como sugestão de conteúdo, inserido na abordagem dos gêneros textuais, enfatizando, sobretudo, como o intergênero se constitui no texto publicitário, permitindo que o aluno atente para as especificidades da publicidade ao compor os seus textos.

QUAL O EVENTO DEFLAGRADOR E COMO SE DÁ O PROCESSO DE ESCRITA DO GÊNERO REQUERIMENTO?
César Augusto Alves dos Santos (UFPI)
João Batista de Sá (UFPI)

A partir do estudo dos gêneros textuais, podemos compreender o comportamento e funcionamento de uma sociedade, pois, como nos afirma Miller (2009), os gêneros são ?formas de ação social?. Durante as interações sociais cotidianas, as pessoas se utilizam dos gêneros para concretizarem suas ações e para se comunicar, de acordo com o contexto em que estão inseridas. Por essa razão, Marcuschi (2003) afirma que os gêneros atuam como colaboradores da organização de uma sociedade, pois eles vão "ordenar e estabilizar as atividades comunicativas" (Marcuschi, 2003. p. 19). Levando-se em conta que a comunidade dos contadores é organizada a partir dos textos que nela circulam (DEVITT, 2004), pretendemos analisar como o gênero requerimento se comporta e organiza o trabalho nos escritórios de contabilidade, a partir da percepção de como ele é escrito (processo de escrita) e o que fez com que o gênero tenha sido produzido (evento deflagrador). O evento deflagrador se caracteriza como o motivo pelo qual o gênero foi utilizado numa determinada situação, a fim de atender uma determinada necessidade (ou mais) (ALVES FILHO, 2011). O corpus é composto por textos cedidos pelos escritórios de contabilidade localizados em duas cidades do Piauí, Teresina e Floriano, além de entrevistas realizadas com 4 contadores, todos com mais de 10 anos de experiência na área, a fim de que compreendamos melhor como se dá o processo de escrita desse gênero e o motivo que ocasionou essa escrita.

SEMINÁRIO: ASPECTOS RELEVANTES DA EXPOSIÇÃO ORAL
Adriana Ramos da Silva (UEPB)
Pedro Fernandes da Silva Júnior (UEPB)
Orientadora: Luana Francisley de Pessoa de Farias (UEPB)

O seminário é uma modalidade comunicativa diretamente voltada para transmissão de conteúdos, pois a exposição oral gera caminhos para debates e discussões, fatores essenciais para aprendizagem dos interlocutores. No entanto, devido às exigências relacionadas ao domínio da palavra pública, são encontrados vários problemas que comprometem todo o sistema linguístico e interacional, que podem ser resolvidos, obedecendo a pontos como: domínio do conteúdo, situação de comunicação e hierarquização das ideias. Partindo dessas premissas, nosso objetivo é discutir os subsídios existentes à preparação e apresentação desse gênero, auxiliando nas etapas de elaboração, apontando as principais deficiências e mostrando possíveis soluções para realização de um trabalho coerente, tendo em vista algumas dificuldades apresentadas por alunos ao se depararem com o referido gênero. Respaldamos nossa pesquisa a partir dos estudos sobre o oral, desenvolvidos por meio de alguns autores, a exemplo, Schneuwly (2007) e (Marcuschi (2008). Delimitamos nossa pesquisa ao espaço acadêmico-escolar, o qual utiliza esta atividade como meio de transmissão, e que tem por objetividade a oralidade num plano coerente. No entanto obedecendo aos princípios fundamentais de elaboração citados acima chegará ao determinado objetivo do trabalho, fazer fluir a compreensão e interação. Assim por meio deste método de organização, esperamos contribuir com o ensino dos gêneros textuais, fundamental no processo educativo.

OS GENÊROS TEXTUAIS NO LIVRO DIDÁTICO DE MATEMÁTICA: ORIENTAÇÕES DE LEITURA/ESCRITA PARA RESOLVER PROBLEMAS
Luanna Priscila da Silva Gomes (UFRN)
Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa (Centro de Educação. PPGED. UFRN) Profa. Dra. Claudianny Amorim Noronha (Centro de Educação. PPGED/ UFRN)

Os elementos conceituais e metodológicos do ensino de língua portuguesa permeiam quaisquer ações de linguagem promovidas nas várias disciplinas dos anos iniciais do ensino fundamental, campo de atuação exclusivo do pedagogo, de acordo com as Diretrizes Curriculares para o curso de graduação em Pedagogia, licenciatura (Resolução CNE/CP nº 1 de 15 de maio de 2006). Considerando os paradigmas da linguagem como discurso, em conformidade com Bakhtin (1981), questionamos: a matemática é um lugar de não leitura/escrita de textos? Quais os gêneros textuais mais recorrentes no livro didático de matemática? É possível ensinar essa disciplina a partir dos gêneros textuais? Recorremos aos estudos sobre letramento (Kleiman, 2005) e numeramento (Fonseca, 2009) para, através da pesquisa bibliográfica e documental, analisar o tratamento que os gêneros textuais recebem nas atividades de resolução de problemas no principal instrumento utilizado no cotidiano escolar: o livro didático. Para isso, analisamos as atividades de três livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (2010) e utilizados no 4º ano do ensino fundamental em escolas do município de Natal que possuem um baixo desempenho na avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Após a análise dos livros, concluímos que o material didático de matemática não explora o uso e funcionalidade social dos gêneros textuais, tratando-os de forma superficial. A pesquisa contribui no sentido de refletir sobre a necessidade de uma maior articulação entre o ensino do ler/escrever e contar nos materiais didáticos de matemática, e acerca do trabalho com o gênero textual como uma das possibilidades de desenvolver tais saberes (CAPES/INEP-Observatório da Educação--Ed.038/10 - UFRN: CE-PPGED/ CCHLA- PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

AS MANIFESTAÇÕES DO SUJEITO EM ENSAIOS ACADÊMICOS
Amanda Pinheiro Marinho (UFRN)
Elizabeth Nascimento de Lima (UFRN)
Iranildo Mota da Silva (UFRN)
Karina Dantas Villar Ramalho(UFRN)
Micarla Gabriela Ramos (UFRN)
Orientadora Profa. Sylvia Coutinho Abbott Galvão (UFRN)

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de nomeação do sujeito no texto acadêmico, por intermédio de alguns recursos linguísticos e discursivos. Para tanto, foram selecionados, aleatoriamente, 4 (quatro) ensaios acadêmicos de periódicos acadêmicos eletrônicos, sendo 2 (dois), da área de Literatura e 2 (dois), da de Linguística, publicados durante o ano de 2010. Esta pesquisa embasa-se, principalmente, nos estudos desenvolvidos por Thaschetto (2004), nos quais a autora defende, entre outros, os seguintes postulados acerca do texto de caráter científico: costuma ser entendido como um texto sem permissão de uso de recursos tanto argumentativo/persuasivos como de retórica/estilo; deve ser fechado, seguindo normas preestabelecidas, acordadas na e pela comunidade científica, sob pena de (n)dela ver-se excluído. Adotou-se, mais especificamente, a seguinte classificação de sujeito (THASCHETTO, 2004): 1) um sujeito que ousa: nomeação com eu; 2) um sujeito que se vela: nomeação com sujeito não-pessoa; 3) um sujeito que persuade: nomeação com modalizadores. Esta pesquisa fundamenta-se, ainda, nos estudos de Bakhtin (1999), segundo os quais, a escolha do gênero, por parte do sujeito, bem como a forma como este se explicita são adequadas não apenas a quem ele se dirige mas também ao lugar no qual ele está inserido. A análise do corpus revelou que o sujeito do discurso acadêmico é múltiplo. As nomeações do sujeito são encontradas a partir da intenção que o locutor pretende atingir diante do objeto de pesquisa e da Academia, podendo então revelar-se como o sujeito

ousado na utilização do eu; como o sujeito contido nas suas verdades para a Academia, utilizando esta como autoridade legítima para persuasão no discurso; e, finalmente, como o sujeito que se volta para o interlocutor, na intenção de persuadir a partir desse movimento, mesmo que de forma velada.

A OCORRÊNCIA E O USO DE METÁFORAS NA PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS
Aldeneide Mirelly da Silva Cavalcante (UPE)
Orientadora: Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (UPE)

A noção de metáfora na tradição retórica era compreendida e estudada como um recurso próprio apenas da linguagem poética e literária em geral, sendo desprezada na linguagem científica, pois não era vista como um mecanismo com função de representação e compreensão do mundo. No entanto, na perspectiva dos estudos linguísticos sobre metáfora, a teoria cognitiva da metáfora (TCM) nos mostra que esse recurso da linguagem desempenha importante relação na compreensão de nós mesmos, bem como na compreensão do mundo. Antes de ser apenas uma figura de linguagem, é uma figura de pensamento por meio da qual articulamos nossos conceitos sobre o mundo. Fundamentada na TCM, esta pesquisa tem como finalidade a investigação da ocorrência e do uso de metáforas em artigos produzidos por alunos do curso de Licenciatura em Letras da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Garanhuns. Entre os objetivos específicos, buscamos constatar a ocorrência de metáforas do tipo conceitual, orientacional e ontológica no gênero artigo científico, verificando ainda qual tipo é predominante na produção dos textos. A pesquisa tem sido desenvolvida com base na análise de um corpus de 15 artigos produzidos por estudantes participantes de projetos de iniciação científica no período de 2007 a 2011, do curso de Licenciatura em Letras da UPE, Campus Garanhuns, com o propósito de constatar a utilização de metáforas e classificar os tipos que mais aparecem nos artigos científicos. Os resultados mostram que na produção dos artigos os estudantes fazem uso de metáforas e expressões metafóricas e dessa maneira estruturam e organizam seus pensamentos recorrendo a este mecanismo cognitivo e conceitual.

BOXE INFORMATIVO NO LIVRO DIDÁTICO: UM SUPORTE PARA OS DIVERSOS FINS
Erica Poliana Nunes de Souza Cunha (UFRN)
Orientadora: Profa.Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

O livro didático tem por função levar aos alunos a maior variedade de gêneros discursivos-textuais possíveis para que o aluno amplie o seu conhecimento sobre as diferentes formas de comunicação que se concretizam por meio da real unidade da comunicação, os enunciados, cada um com suas especificidades e intencionalidades. Porém, além da forma de exposição tradicional do livro didático, nomeando cada gênero como poema, tirinha e tantos outros, seja nos capítulos de produção de texto, de gramática ou de literatura, o livro oferece também informações adicionais por meio de boxes informativos, utilizados com grande recorrência. Mas, o que seriam esses boxes informativos tão presentes em alguns livros didáticos? Seria um gênero? Seria um suporte? Para compreender tais questionamentos, propomo-nos a analisar os boxes informativos como suporte, não como gênero, para exposição de diversos textos (curiosidade, biografia e outros) presentes na coleção de livros didáticos destinados ao Ensino Médio dos autores Cereja& Magalhães (2010) intitulado "Português Linguagens". Como pressupostos teóricos que auxiliam na compreensão desta pesquisa, recorremos a BAKHTIN (2003) tomando como âncora sua concepção de língua/linguagem e enunciado, junto às discussões sobre gênero discursivo na sala de aula de RODRIGUES (2007) e MARCUSHI (2009) sobre suporte textual. Este trabalho faz parte de um maio projeto de pesquisa intitulada "Gênero discursivo: circulação, produção e análise em sala de aula" e também faz parte dos campos de investigação do grupo de pesquisa "Práticas discursivas na contemporaneidade". A metodologia utilizada para tal pesquisa é qualitativa-interpretativista e se insere na área de Linguística Aplicada.

MOBILIZANDO ESTRATÉGIAS NA PRÁTICA DE SEMINÁRIOS
Glenda Hilnara Silva Meira (UFCG)
Orientadora: Profa. Dra. Williany Miranda da Silva (UFCG)

A prática de seminário, surgida na década de 30 como técnica de ensino socializado implementada pela Escola Nova, passou, com o tempo, a apresentar concepções mais consistentes e voltadas para o processo ensino-aprendizagem, assumindo posição privilegiada no ensino, correspondendo a um dos poucos momentos em que oralidade adota caráter de objeto de ensino e oportuniza aos sujeitos envolvidos o contato com uma modalidade da língua já tão praticada, porém formalizada e voltada para as instâncias públicas. É, pois, com o interesse de observar e subsidiar um trabalho sistematizado com esse evento comunicativo, que o presente trabalho busca investigar as estratégias utilizadas pelos seminaristas, em formação inicial, na busca por didatizar o conhecimento, haja vista a estreita relação/semelhança entre as unidades que compõem os eventos seminário e aula. Nesse sentido, este estudo apresenta como corpus de análise o referente a dez seminários da disciplina Prática de Leitura e Produção de Textos II (PLPT II) do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG campus Campina Grande) no período de 2010.2. Alicerçamo-nos, pois, em dois eixos teóricos centrais: na concepção de seminário, enquanto evento comunicativo (BEZERRA, 2003; VIEIRA, 2007; SILVA, 2007) e nas recentes abordagens acerca da mobilização de saberes (HALTÉ, 2008; PETITJEAN, 2008; RAFAEL 2007; XAVIER, 2009) na qual se inclui o uso de estratégias textuais discursivas (BARROS, 1999). A análise parcial dos dados revela que a prática de seminário não se efetiva apenas por meio de empréstimo às fontes de referência, mas por mecanismos de didatização verificadas na utilização de estratégias como a Reformulação, a Exemplificação e o Reforço, em função da necessidade de adequação do saber em construção.

A FORMAÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO ATRAVÉS DO INTERDISCURSO NO GÊNERO SENTENÇA JURÍDICA
Danielly Gomes dos Reis (UFCG)
Jefferson Elierio Pontes Oliveira (UFCG)

Este trabalho tem como objetivo principal mostrar como a argumentação é construída no gênero sentença jurídica através do uso do interdiscurso. A nossa exposição está fundamentada na concepção de língua/texto como materialização do discurso defendida por (BRANDÃO, 1997); na noção de contexto histórico-social como aspecto fundamental para formação do sentido discursivo e para identificação ideológica do sujeito (MUSSALIM, 2002); nos estudos sobre argumentação, especificamente argumento de autoridade, este estando inserido no discurso do direito (PERELMAN apud KOCH, 1987); na perspectiva de interdiscurso como a união de outros discursos, ditos em outro lugar, e por sujeitos diferentes, que determinam o dizer do sujeito (DANTAS, 2007). O corpus analisado comporta quatro sentenças, sendo duas da vara cível e duas da vara criminal. A análise de dados nos leva a constatar que o gênero em questão tem uma composição determinada e estável, tendo em vista as orientações de formação da sentença, colocadas no artigo 458, I, II, III, do Código de Processo Civil, apresentando, apenas, variações estilísticas. Possui, também, uma funcionalidade social relevante por se tratar de uma decisão autoritária punitiva emanada por um sujeito competente, fundamentado no discurso legal e nos discursos morais, como observamos em alguns dos dados, sobre a conduta de outros sujeitos. Este trabalho contribui para uma análise mais profunda da construção do gênero discursivo sentença jurídica e da função primordial da argumentação no mesmo.

ÁREA TEMÁTICA 13: LITERATURA E ENSINO

USO DE TEXTOS LITERÁRIOS EM MANUAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA APLICADOS NO ENSINO MÉDIO
Sandra Maria Sousa (Universidade Estadual do Ceará - Provic)
Izadora Vasconcelos Braga (Universidade Estadual do Ceará)
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão

Este trabalho foi desenvolvido pelo GP LEER - Grupo de Pesquisa Literatura: Estudo, Ensino e (Re)leitura do mundo, e tem por finalidade apresentar os resultados da análise dos manuais didáticos do professor: Ahorasí! Língua Espanhola (2010); Enlaces: español para jóvenesbrasileños (2010); e Síntesis: curso de língua espanhola (2011); para o ensino da Língua Espanhola, utilizados no Ensino Médio. Utilizou-se como fundamentação teórica os estudos sobre uso do texto literário no ensino de espanhol de Mendoza (2004, 2007), Santos (2007) e Aragão (2006) e os estudos sobre materiais didáticos desenvolvidos por Leffa (2003) e Fernández (2000). Investigou-se se, dentre os textos apresentados em cada volume, incluem-se textos literários; que tipos de atividades de aprendizagem foram desenvolvidos a partir deles no decorrer da unidade; e centrando-se principalmente em saber, em que lugar foram introduzido esses textos literários dentro da unidade e a função que lhes foi conferida em particular. Verificou-se, também, a relação estabelecida entre os textos literários e o restante da unidade didática ou lição em que se apresenta; suas competências ou subcompetências que se propunha a desenvolver nos discentes; suas destrezas ativadas nos alunos em relação à recepção do texto e as atividades que realizam em conexão com esta. Os critérios supracitados foram inspirados no método de análise desenvolvido por Ernesto Martín Peris (1991) no artigo Textos literarios y materiales de enseñanza de español como lenguaestranjera. Dentre os resultados, destaca-se: a presença de textos literários, embora escassos, e atividades desenvolvidas a partir desses que respondem, em sua maioria, a uma demanda de mercado que solicita cada vez mais o aprendizado da fala, em detrimento da formação literária, e a formação para o vestibular.

HISTÓRIA AMBIENTAL E O USO DAS FONTES LITERÁRIAS
Rayane Dionisio da Silva

O presente trabalho em desenvolvimento, busca analisar o estudo da história ambiental por meio da literatura. A problematização da pesquisa surgiu em decorrência da investigação das obras de Raquel de Queiroz, O Quinze (1930) e Euclides da Cunha, Os sertões (1902), cujas suas narrativas predominam os problemas econômicos do Nordeste, o drama dos retirantes da seca, focalizando a dimensão social. Deste modo, buscam-se problematizar os limites e as possibilidades de pesquisa em história ambiental com base nas fontes literárias, mais precisamente os romances apesar de uma série de historiadores no Brasil, já se preocupem com estudo da relação histórica entre cultura e a natureza, o semiárido ainda parece ser um território pouco explorado no que se refere a essa abordagem histórica, em especial quando se trata de estudo que lancem mãos de obras literárias para o estudo da história dessa região. Diante disso, propomos discutir de forma preliminar as seguintes indagações: Que contribuições a literatura pode oferecer para pesquisa em História Ambiental? É possível afirmar que as obras ficcionais constituem como fontes privilegiadas para estudos históricos que enfocam temáticas relacionadas com a natureza? Quais as especificidades que a literatura apresentar para o pesquisador de história? Neste sentido, analise das obras literárias, permitiram ampliar o horizonte da história ambiental. Nos Sertões e em O Quinze, é possível perceber o ambiente da caatinga, principalmente o espaço vivenciado pelos personagens fictícios. Nessa perspectiva é valido observar a sensibilidade dos personagens em relação às chuvas, as secas, os animais, as condições climáticas á fome, á sede entre outros fatores.

USO DE TEXTOS LITERÁRIOS EM MANUAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA APLICADOS NO ENSINO MÉDIO
Marcia Joselia Maia Moreira
Orientadora: Profa. Dra. Cleudene de Oliveira Aragão

Este trabalho foi desenvolvido pelo GP LEER - Grupo de Pesquisa Literatura: Estudo, Ensino e (Re)leitura do mundo, e tem por finalidade apresentar os resultados da análise dos manuais didáticos do professor: Ahorasí! Língua Espanhola (2010); Enlaces: español para jóvenesbrasileños (2010); e Síntesis: curso de língua espanhola (2011); para o ensino da Língua Espanhola, utilizados no Ensino Médio. Utilizou-se como fundamentação teórica os estudos sobre uso do texto literário no ensino de espanhol de Mendoza (2004, 2007), Santos (2007) e Aragão (2006) e os estudos sobre materiais didáticos desenvolvidos por Leffa (2003) e Fernández (2000). Investigou-se se, dentre os textos apresentados em cada volume, incluem-se textos literários; que tipos de atividades de aprendizagem foram desenvolvidos a partir deles no decorrer da unidade; e centrando-se principalmente em saber, em que lugar foram introduzido esses textos literários dentro da unidade e a função que lhes foi conferida em particular. Verificou-se, também, a relação estabelecida entre os textos literários e o restante da unidade didática ou lição em que se apresenta; suas competências ou subcompetências que se propunha a desenvolver nos discentes; suas destrezas ativadas nos alunos em relação à recepção do texto e as atividades que realizam em conexão com esta. Os critérios supracitados foram inspirados no método de análise desenvolvido por Ernesto Martín Peris (1991) no artigo Textos literarios y materiales de enseñanza de español como lenguaestranjera. Dentre os resultados, destaca-se: a presença de textos literários, embora escassos, e atividades desenvolvidas a partir desses que respondem, em sua maioria, a uma demanda de mercado que solicita cada vez mais o aprendizado da fala, em detrimento da formação literária, e a formação para o vestibular.

PRÁTICAS DE ENSINO DE LITERATURA: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO LUGAR ATRIBUÍDO ÀS AULAS DE LITERATURA NA SOCIEDADE CAPITALISTA DE HOJE
Antônia da Silva Santos

O ensino de literatura está marginalizado e não é considerado indispensável (LEITE; 1983), (ZINANI et al; 2002), (SANTOS & ZILBERMAN; 2008), embora possa auxiliar na formação pessoal e no desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo do aluno. A literatura contribui de forma significativa na formação humana do indivíduo, pois, permite que tenha contato, através de textos literários, com a sensibilidade, a criatividade e a imaginação. Dessa forma, são necessários estudos que analisem e discutam as deficiências na aplicação dessa disciplina de forma que não só professores e alunos, mas a sociedade como um todo possam refletir e compreender os fatores que comprometem a formação de um sujeito crítico e culto. Portanto, este trabalho, viabilizado mediante pesquisa de campo e bibliográfica, se propõe a investigar o papel atribuído ao ensino de literatura na sociedade capitalista de hoje. A marginalização da literatura tem relação com o desenvolvimento do capitalismo visando atender aos interesses de uma sociedade de classes? Para responder a esse questionamento serão realizadas pesquisas bibliográficas e pesquisas de campo de caráter qualitativo e quantitativo. Será analisada 01(uma) escola pública de nível médio em Girau do Ponciano-AL, na qual serão realizadas entrevistas estruturadas e semiestruturadas com uma professora e 68 alunos de duas turmas do 3º ano do ensino médio do horário vespertino. Este trabalho está dividido em duas partes: na primeira será analisado e discutido o lugar atribuído ao ensino de literatura; no segundo será feita uma discussão acerca das práticas de ensino dessa disciplina. Concluída a pesquisa pode-se observar que não há um processo de reflexão sobre a importância da literatura. Na escola prioriza-se algumas disciplinas em detrimento de outras, o que contribui, ainda mais, para o apagamento dessa disciplina na grade curricular.

A INICIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO A PARTIR DA NARRATIVA EM CONTOS
Carla Cristina do Nascimento Silva (UFRPE/UAST)
Orientadora: Profa. Dra. Valquíria Maria de Cavalcante Moura (UFRPE/UAST)

Este trabalho tem como objetivo expor resultados parciais do subprojeto A iniciação ao texto literário a partir da narrativa em contos, proposto pelo projeto maior do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/UAST). O PIBID tem por finalidade intervir no ensino das escolas públicas a partir da ação de graduandos do curso de Licenciatura em letras com intuito de buscar o melhoramento do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e suas Literaturas no curso de Nível Médio das escolas de ensino fundamental e garantir resultados satisfatórios no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Este trabalho, especificamente, intervém na Escola Estadual Cornélio Soares, situada na cidade de Serra Talhada. Durante o decorrer da pesquisa foi utilizado textos de embasamentos teóricos e encontros de capacitações. A organização de atividades inclui desde fichamentos até resumos de textos para embasamento teórico como: Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do MEC; Considerações Intempestivas sobre o ensino de literatura, de Leyla Perrone-Moisés; A Leitura na Escola de Regina Zilberman, Literatura e Pedagogia de Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva e Literatura serve para...?Questionamentos sobre o ensino de Literatura na Educação brasileira, de Sherry Almeida, Teoria do Conto de Nádia Battella. O que se espera alcançar com o projeto PIBID de Letras da UAST, uma vez que o mesmo encontra-se em fase inicial na referida escola, é que, com as possíveis experiências, os alunos participantes tomem afeição pelo prazer de ler literatura e que se sintam motivados a absorver conhecimento, exercitando seu senso crítico partindo de leituras selecionadas. Intentamos transformar as monótonas aulas de literatura, corriqueiras no Ensino Médio público, onde os alunos aprendem fatos histórico/biográfico de épocas e autores, em momentos dinâmicos de interação com

obras artísticas. Com isso, esperamos que eles passem a ter contato espontâneo com literatura e compreendam valores oferecidos transmitindo-os para suas vidas. Assim, a Literatura poderá deixar de ser compreendida como uma disciplina metódica e passará obedecer a um caráter que deleita e educa o indivíduo que com ela se envolve.

REDESCOBRINDO A LITERATURA: ENTREMEIOS POÉTICOS EM SALA DE AULA
Emmanuelle Karla de Lima Silva

O ensino de literatura se mantém sob foco de vários estudos e pesquisas diante da presente necessidade de inovação didático-metodológica nas aulas de literatura, principalmente nas escolas públicas e de ensino médio que escolarizam a literatura e não consideram a imanência da obras artística para fazer-lhe uma disciplina relevante para o ENEM. A problematização desta questão sugeriu o trabalho realizado com o PIBID/UFRPE na Escola Estadual Cornélio Soares da cidade de Serra Talhada, Pernambuco, no qual a proposta trata da literatura pelo viés da poesia brasileira, visando leituras intertextuais, observando os aspectos que singularizam e aproximam textos literários. Leituras interdiciplinares, buscando o desenvolvimento de conhecimentos globais e a ampliação da visão crítica dos alunos. Leituras intersemióticas, as quais relacionam literatura a outras artes, como pintura e música. Podendo assim conciliar a metodologia tradicional que enfoca questões formalistas e estruturalistas dos textos, já presente em sala de aula, com a proposta de incentivo a leitura que proporcione ao aluno liberdade para imaginar e recriar o texto literário, não apenas como objeto de fruição, mas também como ciência embasada e respaldada, a nível adequado, por conceitos da teoria e crítica literária que visa encobrir o texto literário e legitimar a literatura, para formação de bons leitores. A poesia entrou neste contexto para reapresentar o prazer de descobrir o mundo e as concepções sociais por meio da linguagem artística, levando a reflexão e o desenvolvimento cognitivo, traçando assim em versos e entrelinhas um novo conceito de literatura no ensino médio, mais dinâmico e atraente para estes alunos.

A IDENTIDADE DO NEGRO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO
Amanda Pinheiro Marinho (UFRN)
Elizabeth Nascimento de Lima (UFRN)
Karina Dantas Villar Ramalho (UFRN)
Iranildo Mota da Silva (UFRN)
Micarla Gabriela Ramos (UFRN)
Orientador: Prof. Dr. Andrey Pereira de Oliveira

Os meios de comunicação, bem como a nossa sociedade, vêm ao longo dos tempos representando o negro de forma estereotipada em livros, jornais, campanhas publicitárias, dentre outros. Objetivamos com este trabalho analisar as diferentes formas de representação e a identidade do negro na literatura infantil de Monteiro Lobato, fazendo um estudo crítico do suposto preconceito em sua obra. Consideramos, portanto, que por em destaque essa questão, além de contribuir para o conhecimento da obra desse notável escritor, é também uma forma de possibilitar uma análise crítica/reflexiva acerca do suposto racismo em suas obras. Este artigo surgiu a partir de uma inquietação nossa, durante o curso da disciplina de Literatura Infanto Juvenil no semestre letivo 2010.2, acerca de uma determinação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) de retirar das bibliotecas escolares um dos livros desse escritor, tendo como fundamento argumentativo que ele abordava o negro de forma preconceituosa em sua obra ?Caçadas de Pedrinho?. Nossa análise fundamenta-se principalmente nos estudos de Marisa Lajolo (1998) e de Alfrancio Dias (2008) que revelam o negro como uma forma de por face a face diferentes segmentos sociais e como uma forma de denunciar as atrocidades cometidas com essa parcela da sociedade. Para esses autores é inegável a contribuição de Monteiro Lobato para a literatura brasileira, pois ele fez surgir um novo estilo literário no Brasil, no qual sua disseminação foi extremamente relevante para a literatura brasileira. Para realização desse trabalho buscamos não apenas analisar a presença do negro na obra deste escritor, mas também procuramos analisar os estudos realizados acerca das obras de Monteiro Lobato.

POESIA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA COM O POEMA A BAILARINA DE CECÍLIA MEIRELES
Fabrícia de Farias Sousa (UFCG)
Geovanize de Farias Sousa Araújo (Pedagoga)
Patrícia de Farias Sousa (Bolsista REUNI/POSLE/UFCG)

Sabemos que a leitura de poesia é um dos textos literário que contribui para a formação de um leitor crítico e sensível. Dado a sua importância, a poesia deve ser prestigiada nas práticas pedagógicas, no entanto, o que se constata é uma desvalorização em relação a esse gênero e, por isso, muitas vezes, está sendo relegado a um plano secundário na escola. Um dos motivos para esta situação é a falta de convívio com a leitura desse gênero em sala de aula, uma vez que muitos professores desconhecem as possibilidades de exploração da poesia e com isso, de certa forma, estão privando os alunos de conhecerem, gostarem e se sensibilizarem ao realizarem leitura de poemas. Assim sendo, para formamos leitores de poesia, é necessário que o hábito de leitura com o texto poético seja cultivado no ambiente escolar desde as séries iniciais. A partir desses conhecimentos, sugerimos uma proposta de leitura com o poema "A bailarina",de Cecília Meireles para ser trabalhada com alunos do Ensino Fundamental, especificamente numa turma do 5º ano, com o objetivo de proporcionar aos educandos uma vivência com a leitura do texto poético. Pretendemos com este artigo, apresentar uma sugestão de trabalho com a poesia e, além disso, ressaltar que é papel do educador propiciar ao aluno o encontro com o texto literário, criando condições pedagógicas para que estes possam descobrir toda riqueza e o

encanto do poema, como o ludismo sonoro, as imagens simbólicas, a expressão da linguagem figurada e etc. Utilizaremos como aporte teórico os estudos de Mello (2006), Pinheiro (2007), Frantz (1997) e Cunha (1986).

LITERATURA E EXPERIÊNCIA: NOVAS REFLEXÕES ACERCA DO TEXTO LITERÁRIO NAS ESCOLAS
Sheyla Maria Lima Oliveira
Samara Simone da Silva

Acreditamos que lidar com a literatura é, uma maneira de compreender melhor e mais a fundo o mundo e as pessoas, uma espécie de instrumento capaz de desautomatizar nossa percepção do cotidiano, agindo no sentido contrário à padronização de nossa apreensão da realidade; de desenvolver nossa sensibilidade e inteligência, habilitando-as plenamente para uma leitura mais abrangente do mundo; de despertar nossa capacidade de indignação, criando em cada um de nós uma consciência crítica da realidade circundante. Nesse âmbito, este artigo fruto de nossa experiência extensionista, procura analisar questões relacionadas ao ensino de literatura, buscando sugerir algumas estratégias que fomentem a renovação do ensino da literatura em sala de aula. Nossa reflexão central toma por base o problema da abordagem dos textos literários nas escolas, bem como, a revisão e a discussão do papel do professor em sala de aula. Desse modo, nos propomos a expor algumas ações e marcos teóricos que desenvolvemos durante a execução do nosso projeto de extensão, desenvolvido pelos alunos da Universidade Estadual da Paraíba, sob a coordenação da professora Andrea Costa. Nosso objetivo primordial repousa na revisão do procedimento metodológico da prática de textos literários, bem como nas estratégias e diretrizes no sentido de fomentar uma renovação dos métodos na abordagem dos textos literários. Em nossa atividade como extensionistas procuramos, buscar e implementar mecanismos que fomentassem o gosto pela leitura na mais tenra idade, isto é, quando a criança esta descobrindo seu mundo e deseja participar dessa realidade com sua imaginação e anseios. Dessa forma, o presente artigo tenta propor uma metodologia alternativa que fomente o gosto pela leitura prazerosa, ao mesmo tempo em que tenta rever e refletir sobre os paradigmas pedagógicos que norteiam o processo de ensino da literatura.

A CRÔNICA COMO ALTERNATIVA PARA O TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA
Ivanete Da Silva Santos

A partir do momento em que desenvolvemos trabalhos em escolas públicas, notamos que existe uma dificuldade por parte dos alunos em praticar a leitura e a produção textual. Nesse contexto, as oficinas oferecem outra possibilidade de inserção do texto literário na escola através de uma prática pedagógica diferenciada. A oficina de literatura A Crônica como alternativa para o texto literário na escola teve como objetivo incentivar alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Methódio Godoy do município de Serra Talhada a entrar em contato com o texto literário, refletindo sobre suas especificidades e características formais. A literatura faz parte da grade curricular na escola a partir do Ensino Médio. No entanto, o texto literário continua sendo excluído, já que se torna um pretexto para exercícios gramaticais, criando uma lacuna na formação de leitores de literatura. A falta de contato com o texto literário é um dos fatores que geram dificuldades de interpretação, reflexão e formação de hábitos de leitura. Um trabalho com a crônica na sala de aula pode ser um caminho para o estimulo à produção textual e à leitura. A crônica, por ser um gênero que trata de uma temática atual, envolve personagens comuns, com uma linguagem coloquial de fácil entendimento, permite maior aproximação com o universo dos leitores. Através dessa oficina houve um grande envolvimento do aluno com as obras literárias, primeiro passo para a formação de leitores. De uma forma prazerosa e dinâmica, os alunos foram levados a refletir melhor sobre o que ler, motivando o contato com a leitura e a construção do senso critico dos alunos. A literatura não se limita a informação em torno de dados biográficos e históricos e a oficina permite outra aproximação com a literatura, compreendida como fenômeno estético. O trabalho com a crônica na sala de aula foi muito bem aceito, decorrente das suas características estruturarias. Por ser um texto de pouca extensão, permite a leitura integral da obra, além de tratar temas do cotidiano. Como base teórica para nossa atuação, lançamos mão de pressuposto Para gostar de ler (Cândido, Antônio,1982). Palavras- chave: Leitura e Produção Textual. Literatura e ensino.

DOS RITMOS, DOS DISCURSOS E DAS CANÇÕES: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DA MÚSICA POPULAR A PARTIR DA NOÇÃO DE LETRAMENTO LITERÁRIO
Karolina Pimentel de Almeida

Este trabalho procura discutir o conceito de letramento literário, para então voltar-se à análise dos aspectos literários suscitados pelos produtos midiáticos, com ênfase em sua aplicação aos estudos da música popular massiva. A proposta está vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tendo financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O marco teórico encontra-se nos postulados de SOARES (1998; 2002), no tocante aos processos de desenvolvimento do letramento e também COSSON (2006) na aplicação desse letramento à literatura. Da mesma maneira, as propostas desenvolvidas por Carvalho (2006; 2010) - nas quais analisa tanto pela crítica literária, quanto pela literatura comparada, uma gama de canções que servem de base para aprofundamento em discussões literárias, semânticas, sintáticas e contextuais; também fundamentam o estudo. Resultados preliminares indicam uma maior facilidade na aplicação das teorias/práticas literárias às letras das canções, e da fixação destas teorias/práticas pelos alunos; uma vez que as canções encontram-se em constante contato com os discentes, chegando até a constituir parte importante de sua memória discursiva. Por meio desta abordagem busca-se fornecer aos discentes um maior desenvolvimento no condizente ao seu letramento literário, de forma a corrigir alguns dos problemas relativos à sua leitura/escrita que vierem à tona no desenvolvimento das atividades planejadas.

A RELATIVA ESTABILIDADE DO GÊNERO DISCURSIVO: AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS QUE POVOAM O GÊNERO CORDEL
Gilvan de Oliveira (UFRN)
Valdison Ribeiro da Silva (UFRN)

Tomando como base a conceituação de gênero discursivo proposta por Bakhtin (2003) o qual os concebe como tipos relativamente estáveis de enunciado que são produzidos em determinada esfera da atividade humana e são suscetíveis a mudanças, as quais ocorrem sócio-historicamente de acordo com as necessidades comunicativas dos usuários, gêneros estes servindo como elos entre um eu e um outro em constante processo dialógico, onde ambas extremidades cooperam para a produção do discurso, estas agindo de maneira responsiva diante de cada enunciado produzido, pretendemos mostrar como o gênero cordel tem tomado um novo caminho no que se refere à predominância da sequência textual esperada que o perpassa, expondo que não há apenas a prevalência da narratividade, mas que estão presentes também, por exemplo, a injunção e a argumentação, o que reflete o pensamento bakhtiniano de que os gêneros possuem uma certa relatividade no que tange a sua caracterização e que essa caracterização pode ser modificada ao longo do tempo e de acordo com as necessidades dos usuários. Com este trabalho, pretendemos, ainda, mostrar como esse comportamento das sequências textuais pode favorecer o trabalho com o gênero cordel em sala de aula de Língua Portuguesa. Para tanto, embasamo-nos na concepção dialógica de linguagem e de gênero discursivo de Bakhtin (2001 e 2003), fundamentamos, ainda, nossa pesquisa na concepção de Sequência Textual, proposta por Schneuwly e na abordagem do gênero cordel, de Resende (2005). O presente trabalho se insere na área da Linguística Aplicada e se orienta pelos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa de base sócio-histórica.

LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: MUDANÇA OU REPETIÇÃO DE VELHAS PRÁTICAS?
Aline Conceição Carvalho Novais (IFBAIANO de Senhor do Bonfim – BA)

O resultado de pesquisas acerca do ensino de língua portuguesa nas escolas têm contribuído para uma mudança significativa nas salas de aula e o ensino de literatura tem sido alvo de severas críticas por não conseguir despertar o gosto pela leitura em nossos jovens. É evidente que o ensino de literatura arraigado ao ensino tradicional, descaracteriza e escolariza a literatura. O aluno sai da escola demonstrando aversão pelas aulas de literatura e conseqüentemente sem interesse pelos livros. Os cursos de licenciatura em Letras têm papel importante porque são responsáveis pela formação dos futuros professores que irão lidar com esta crise de leitura na sala de aula. Assim, buscando refletir sobre a teoria versus prática, analisamos o planejamento e as aulas dos professores estagiários do curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia durante 4 meses. No decorrer deste período, recolhemos dados para refletir se a universidade consegue formar professores aptos a mudar esta situação ou se permanece o foco tradicional das aulas que se utilizam apenas do livro didático como ferramenta principal para as aulas de literatura. Para tanto, elencamos o suporte teórico que nos auxiliou na análise dos planejamentos e nas observações das aulas de Literatura: Bunzen (2006), Cosson (2006), Geraldi (1984), Lajolo (1993) e Zilberman (1981). Reconhecemos que apesar dos resultados das pesquisas e das discussões nos cursos de formação de professores apontarem a necessidade de mudança nas aulas de literatura, os avanços ainda são tímidos. Os futuros professores de literatura estão saindo da universidade reproduzindo velhas práticas em sala de aula que só contribuem para a não formação de leitores no nosso país.

TESSITURAS FEMININAS CONTEMPORÂNEAS: CAMINHANDO PELO ATROZ LABIRINTO DE LYA LUFT
Cícera de Souza Leite (UFRPE UAST)
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID de LETRAS da UAST, inserido na grande área das ciências humanas, letras e artes, abarca diversos domínios no campo lingüístico literário, como, por exemplo, o trabalho com a produção e leitura de diversos gêneros textuais. Assim como uma reflexão sobre a arte literária, em consonância ao que é proposto pelos parâmetros curriculares nacionais. Com isso esse trabalho que esta sendo desenvolvido na escola estadual Methódio de Godoy Lima localizado na cidade de Serra Talhada PE, almeja contribuir para o desenvolvimento educacional dos alunos. Esta sendo apresentado aos alunos diferentes contextos sobre o conceito do que é literatura e a apresentação de obras da grande escritora Lya Luft. O objetivo é fazer com que os alunos passem a explorar mais o universo da leitura em diferentes contextos, assim os alunos poderão refletir sobre questões teóricas didáticas relativas ao ensino de literatura no que diz respeito à produção das mulheres. O público alvo que abarcamos é todo o ensino médio da escola Methódio e isso faz com que os alunos descubram o que é a prática de leitura e como a mesma é fundamental para as suas formações.

LITERATURA BRASILERA: MULHERES EM CENA
Cícera de Souza Leite (UFRPE UAST)
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

A prática da leitura, bem como a sua análise e interpretação, é algo que se faz de extrema urgência. A constatação da falta de leitura para formação do aluno em nosso estado é fato notório nos resultados apresentados pela Secretaria de Educação do estado de Pernambuco. Especificamente, no que tange à área de Linguagens e Códigos, as pesquisas sobre o desempenho escolar dos alunos brasileiros (e agravadamente dos alunos do sertão nordestino). Com isso realizamos muitas atividades na escola Methódio de Godoy Lima. Apresentamos aos alunos diferentes contextos sobre o conceito do que é

literatura e a apresentação de obras de grandes escritoras. Em especial de escritoras femininas consagradas como: Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina, Martha Medeiros e Lya Luft. O objetivo foi fazer com que os alunos passassem a explorar mais o universo da leitura em diferentes contextos, assim os alunos puderam refletir sobre questões teóricas didáticas relativas ao ensino de literatura no que diz respeito à produção das mulheres. O público alvo que abarcamos foi todo o ensino médio da escola Methódio e isso fez com que os alunos descobrissem o que é a prática de leitura e como a mesma é fundamental para as suas formações. Os resultados nos mostram que fluíram os frutos que foram plantamos, as aprovações no ENEM foram mais significativas, o hábito da leitura foi despertado em mais alunos, aumentado assim o conhecimento de grandes escritoras e de suas obras. Isso prova que o projeto PIBID/LETRAS da UAST esta sem dúvida contribuindo para que o desenvolvimento e construção do conhecimento desses alunos sejam mais completos.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: TRILHA BARROCA NOS CAMINHOS DA SALA DE AULA
Alessandra Rodrigues de Sousa Silva - Graduada em Letras (UFRN)
Maria Aparecida Nogueira de Oliveira Lima - Graduada em Letras (UFRN)
Orientadora: Profa. Maria Eliane Souza da Silva (UFRN)

O estágio supervisionado de formação de professores para o ensino médio tem por finalidade planejar atividades e produzir materiais didáticos para os alunos do nível médio em Língua Portuguesa e Literatura. Nosso trabalho tem como objetivo apresentar uma nova perspectiva de ensino-aprendizagem nas aulas de literatura, visando como componente curricular uma abordagem lúdica dos textos literários. Desse modo, presenciamos a necessidade de uma pedagogia sensível no qual o professor atue num termo de uma menoridade, e porque não de uma literatura menor (DELEUZE,1977) no âmbito da sala de aula. O conceito de menor não se estabelece, neste contexto, numa proposição pejorativa, classificatória e/ou hierárquica da literatura e de seu docente, mas diante de uma ideia de singularidade de sua práxis. Assim, abordaremos a prática vivenciada no Estágio Supervisionado IV (2009) nas turmas do ensino médio da Escola Estadual Roberto Rodrigues Krause - Parnamirim/RN- nas turmas de primeiro, segundo e terceiro anos do turno matutino. Durante o período da regência foi proposto ao corpo discente uma prática do prazer do texto (BARTHES,2004) como estratégia consusbstancializadora de um comportamento leitor. Nossa metodologia foi fundamentada na teoria de atividades significativas do Letramento Literário: em que ?o autor de forma sutil e prazerosa, desata o nó da relação entre literatura e educação, propõe a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugere oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário? (COSSON, 2006). Tudo aliado à construção de jogos pedagógicos como objeto de aprendizagem nas aulas de literatura do período Barroco na Europa e no Brasil.

LENDO A CRÔNICA: CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO LITERÁRIO PARA A FORMAÇÃO LEITORES
Jordan Oliveira da Silva
Naiane Vieira dos Reis

Este trabalho analisa a prática docente de professores em formação na disciplina de Língua Portuguesa em uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Araguaína (norte do Tocantins), correspondentes a uma das fases do nosso estágio supervisionado da Licenciatura em Letras. Considerando as quatro observações e vinte e uma regências e tendo em vista que há conteúdos a serem cumpridos no período de docência, demos ênfase na leitura e produção de sentidos do gênero crônica, uma vez que este foi determinado pela professora titular, de modo que privilegiasse o trabalho com texto literário no sentido de levar o aluno a sentir o prazer pela leitura e formar o gosto pela literatura. Como subsídio teórico em que estão aparadas nossas reflexões e práticas, temos contribuições da teoria semiótica, dos estudos sobre letramento literário e da lingüística aplicada. Com embasamento nessas teorias, analisamos o processo da leitura de textos literários, a possível formação de leitor dentro do espaço escolar nas aulas da disciplina Língua Portuguesa e o papel do professor como agente formador de leitores. Ao se ocupar com o como um texto faz sentido, a teoria semiótica se mostra relevante para pensarmos o ensino de leitura. Ainda no sentido de levar o aluno a construir sentidos para o texto, a fruir esteticamente uma obra literária, a ser efetivamente leitor, tivemos nossa prática naquilo que anseiam os estudos a respeito do letramento literário, pois priorizamos uma prática que privilegiasse aos leitores em fomação experiência subjetiva com a literatura.

UM DEBRUÇAR-SE NAS VARANDAS DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA
Jérssica Caroline Souza Santos
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

Este projeto esta ligado a um projeto maior que é o PIBID Letras da UFRPE- UAST, que é intitulado Ciência e contexto: letramento científico na educação básica. O objetivo desse projeto é ajudar na melhoria da qualidade do ensino médio da escola pública com atividades diferenciadas que estimulem o interesse pelo conhecimento histórico e literário de obras que norteiam a fortuna crítica de autores contemporâneos consagrados através à reflexão vivenciada na literatura trazendo à baila os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais da época. Bem como esses autores utilizam de artifícios linguísticos na composição de suas obras. Tentando, com isso, diminuir os índices de defasagem escolar e um aumento dos resultados desses alunos, que em geral é baixo, nos exames propostos pelos governos federais e estaduais. A prática da leitura, bem como a sua análise e interpretação, é algo que se faz de extrema urgência. A constatação da falta de leitura para formação do aluno em nosso estado é fato notório nos resultados apresentados pela Secretaria de Educação do estado de Pernambuco. Especificamente, no que tange à área de Linguagens e Códigos, as pesquisas sobre

o desempenho escolar dos alunos brasileiros (e agravadamente dos alunos do sertão nordestino) têm demonstrado resultados desfavoráveis em relação à leitura e produção de texto. Propomos aqui uma atuação sociointerativa para as aulas de Literatura Brasileira pontuando algumas obras literárias de autores contemporâneos, no Ensino Médio da Escola Estadual MethodioGody, localizada no município de Serra Talhada. Dessa forma, chamaremos a atenção do aluno para peculiaridades do fenômeno literário através de eventos como o II Café Literário e Semana da Musica os quais, além de despertar para o cotejo da literatura com outras manifestações artísticas e com outros saberes antropológicos, possibilitará ao aluno um olhar com mais criticidade frente às produções trabalhadas na escola. A execução deste plano, bem como de todos os que integram o PIBID de Letras da UAST, constitui-se como ação efetiva de intervenção na realidade social constatada em escolas de Serra Talhada. Isso porque o projeto atuará diretamente no cotidiano escolar dos alunos de ensino médio; permitirá a graduandos em Letras a prática docente, garantindo a otimização do futuro licenciado e, ainda, dinamizará as atividades de professores em exercício na área linguístico-literária.

UM OLHAR PERQUIRIDOR NOS FIOS NARRATIVOS DE GUIMARÃES ROSA
Jérssica Caroline Souza Santos
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

Este trabalho é parte de um projeto maior: o PIBID de Letras da UFRPE/UAST, cujo título é Ciência e contexto: letramento científico na educação básica e teve como objetivo ajudar na melhoria da qualidade do ensino médio da Escola Estadual Methodio de Godoy Lima na cidade de Serra Talhada, utilizando de atividades diferenciadas das que os alunos estavam adaptados para estimular o interesse dos educandos pelo conhecimento histórico, literário e crítico das obras que norteiam a fortuna crítica do grande feiticeiro das palavras, Guimarães Rosa. Para isso foi criada uma reflexão vivenciada na literatura sobre problemas sociais, políticos, econômicos e culturais da época em um contexto cinematográfico. Tentando, com isso, diminuir os índices de defasagem escolar e um aumento dos resultados desses alunos, que em geral é baixo, nos exames propostos pelos governos federais e estaduais. A execução deste projeto, bem como de todos os que integram o PIBID Letras da UAST, constitui-se numa ação efetiva de graduandos junto à realidade social constatada em escolas de Serra Talhada, atuando diretamente no dia-a-dia dos alunos do ensino médio, com o intuito da prática da docência do futuro licenciado logo nos primeiros períodos do curso, dinamizando as atividades dos professores de língua portuguesa e literatura que estão em exercício. Este projeto, atingiu resultados mediante uma atuação sociointerativa nas aulas de literatura brasileira pontuando algumas obras literárias de autores consagrados para o estudo no ensino médio da Escola Estadual Methodio de Godoy, localizada no município de Serra Talhada, chamando a atenção dos alunos para as peculiaridades do fenômeno literário através dos eventos: Café literário e Mostra de Cinema. Os quais, além de fazerem com que o aluno acordasse para a comparação e o confronto da literatura com outras manifestações artísticas e com outros saberes antropológicos, possibilitaram ao aluno o desenvolvimento do hábito de leitura e um olhar mais crítico frente às produções trabalhadas na escola. Constatou-se através de depoimentos dos professores a melhoria dos resultados desses alunos nos exames escolares e no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), nos seguintes aspectos da língua portuguesa : análise, interpretação e produção textual.

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO
Laudefânia Soares da Silva

O presente trabalho tratará de uma análise desenvolvida a partir dos parâmetros curriculares nacionais, tendo em vista o ensino da literatura nas escolas de ensino médio. Este trabalho será desenvolvido em cunho bibliográfico, sendo essa uma pesquisa de suma importância para o âmbito da educação. A pesquisa desenvolvida mostrará um olhar mais aprofundado para as salas de aula do Brasil, para que se tenha um panorama geral de como os professores de literatura ensinam a disciplina. Será avaliado se os professores ensinam os alunos a ler ou se levam a leitura para a sala de aula, além disso, será abordado o fato de como o ensino de literatura vem sendo tido apenas para preencher lacunas de aulas de língua portuguesa. Não obstante será feito uma reflexão a respeito do fato da literatura transformar ou não o aluno em um cidadão crítico, sendo a literatura uma porta de entrada para a criticidade social, pois é necessário que o aluno leia e compreenda aquilo que lê. Tendo em vista esses aspectos do ensino de literatura no ensino médio, essa pesquisa é crucial para que o leitor possa esclarecer a forma de entendimento sobre esse ensino nas escolas. E esse estudo é importante para que se possam criar possíveis soluções, que serão levantadas no decorrer do trabalho. Foi utilizado um aponte teórico, na condução do trabalho, autores de bastante relevância no âmbito dos estudos literários, como também nos estudos de ensino e aprendizagem, tais como: Juan Díaz Bordenave e Adair Martins Pereira, dentre outros.

O TEXTO LITERÁRIO COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS
Kátia Simone Diniz de Souza
Orientador: Iêdo de Oliveira Paes

Observa-se a necessidade de um maior aprofundamento de conhecimentos nas escolas públicas, com isso, percebe-se que a prática da leitura é fundamental para análise e interpretação de todas as disciplinas. Compreende-se que o incentivo pela leitura não é uma tarefa fácil, principalmente no sertão nordestino que demonstrou resultados desfavoráveis em relação a leitura e a produção de texto. As avaliações revelam, portanto, a necessidade de repensar das políticas de ensino da Universidade e de todos os seus componentes para a formação de professores habilitados de forma competente para o exercício docente. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de

Letras da UAST, inserido na grande área das Ciências Humanas, Letras e Artes, abarca diversos domínios no campo linguístico-literário como, por exemplo, o trabalho com a produção e leitura de diversos gêneros textuais, reflexões sobre variação lingüística e arte literária, em consonância ao que é proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio. Propomos aqui uma atuação sociointerativa para as aulas de Literatura Brasileira pontuando algumas obras literárias que trazem a figura feminina em evidenciam pois é através da Literatura que o aluno, sempre em processo de formação, estabelece os seus laços críticos com a ficção e a história podendo, cada vez mais, refletir e emitir conceitos mediante o conhecimento de mundo que o mesmo compartilha na comunidade escolar. A execução deste trabalho, bem como de todos os que integram o PIBID de Letras da UAST, constitui-se como ação efetiva de intervenção na realidade social constatada em escolas na cidade de Serra Talhada no estado de Pernambuco. Isso porque o projeto atua diretamente no cotidiano escolar dos alunos de ensino médio; permitindo a graduandos em Letras a prática docente, garantindo a otimização do futuro licenciado e, ainda, dinamizará as atividades de professores em exercício na área linguístico-literária. Ainda não possuímos resultados concretos para serem demonstrados, pois este trabalho encontra-se em desenvolvimento.

A POESIA REPENTISTA: ORALIDADE E LETRAMENTO NA ESCOLA
AlynneKetllyn da Silva Morais (UFRN)
Orientador: Marcelo da Silva Amorim (UFRN)

Neste trabalho, faremos uma breve descrição de alguns traços linguísticos que permanecem ao gênero da poética oral Nordestina, o repente, em ambientes com diferentes vocações para o letramento. Assim como outros tipos de composições orais que mantiveram algum contato com o mundo letrado, o repente apresenta traços da oralidade semelhantes àqueles encontrados nas composições orais de sociedades completamente ágrafas ou apenas em vias de letramento, como ocorreu, segundo Powell (1991), na Grécia dos tempos homéricos. Além disso, serão engendradas aplicações práticas para a poesia oral no âmbito escolar. Com este estudo, buscamos explicar os mecanismos pelos quais uma arte que concebe vocalmente suas composições subsiste em um mundo saturado de sistemas sígnicos gráficos. Enquanto alguns estudos abordam o fenômeno da sobrevivência da poesia oral em contextos densamente letrados de forma tangencial, ainda são escassos os trabalhos que contemplam o problema a partir de uma perspectiva direta da linguagem e sua descrição. Privilegiaremos os elementos da língua como objetos imediatamente implicados nas condições essenciais para a preservação de um produto artístico oral que convive e compete com manifestações sígnicas das mais variadas naturezas. Mais especificamente, objetivamos: (i) identificar as relações entre oralidade e escrita com uma atualização do tema a partir de uma perspectiva da tecnologia oral; (ii) identificar estratégias na construção poética oral através de um levantamento das características específicas da oralidade primária na dicção poética repentista, tais como a reiteração verbal (versos, fórmulas e epítetos) e a repetição de dispositivos sintáticos (como os debordamentos/enjambements) e (iii) apresentar uma reflexão sobre os vínculos entre oralidade e escrita e os benefícios que eles possam trazer à perspectiva teórica da dinâmica de aprendizagem de leitura/escrita na escola.

POESIA SURDA: MECANISMO DE APOIO ÀS PRÁTICAS SOCIOINTERATIVAS NO ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURA
Maria Helena Cunha Malta de Carvalho

O presente trabalho propõe a mostra de um projeto pedagógico no qual se trabalha o ensino de Línguas: Libras (L1) e Língua Portuguesa (L2) para Surdos e de Literatura, utilizando especificamente a Poesia Surda como estratégia lúdica, artística e que permite estender uma ponte entre a Literatura Surda e a Literatura Brasileira dos ouvintes, proporcionando a valorização da cultura surda e suas manifestações socioculturais, assim como o incentivo a suas produções literárias e o acesso ao sobre as diversas obras da Literatura Brasileira. O maior objetivo é, não somente incentivar a produção e a divulgação da Literatura Surda e suas manifestações artístico- socioculturais, como forma de valorização e fortalecimento da identidade e da Cultura Surda, como também ampliar as possibilidades de trocas interculturais no ensino de Línguas e Literatura. Conforme autores da área como Skliar (1998) , SÁ (2006) e Strobel (2008) , a Poesia Surda é um dos preciosos gêneros pertencentes à literatura Surda e que trabalha não somente de modo natural com a língua de sinais, mas também revela em seu discurso as imagens do povo surdo sobre si mesmo e sobre o outro, justamente por não se restringir à exposição de dados lingüísticos de práticas sistematizadas, mas utilizando-se do lúdico, do artístico e literário, provoca a emoção, assim como a reorganização da constituição do eu, e do outro, suas representações, e releituras, à medida que se processa no ato dialógico, que o uso da língua permite.

LITERATURA NA ESCOLA DO CAMPO: PERSPECTIVAS E POSICIONAMENTOS
Francisco de Assis Neto
Orientadora: Luiza Helena Oliveira da Silva

Pensando no atual contexto concernente à Educação do Campo, em que se pede um ensino voltado especificamente para a realidade dos povos campesinos, nossa pesquisa toma como objeto de estudo a realidade do ensino em uma escola de assentamento rural no norte do Estado do Tocantins, pensando mais precisamente sobre o ensino de literatura naquela localidade. Para realização desta pesquisa, são utilizadas teorias da Linguística Textual, fazendo uso da referenciação e da utilização de metáforas como categorias linguísticas de análise. A partir de autores como Mondada & Dubois (2003), tomamos o processo da referenciação como construção de objetos de discurso, ou seja, um processo no qual os sujeitos constroem manifestações sobre o mundo, por meio de práticas discursivas e cognitivas situadas social

e culturalmente. Nesse caso, pensamos numa análise que ponha em evidência as remissões escolhidas em discursos construídos pelos alunos da escola em questão, em relação ao que pensam sobre o texto literário. Nessa análise, procura-se apreender o lugar da literatura no cotidiano dos estudantes. Esta análise se completa notando o uso constante de metáforas em textos dos alunos, entendendo esse uso como um artifício argumentativo, e, portanto, discursivo. É uma visão da metáfora em que se coloca o foco no uso, na criatividade que torna o caráter das metáforas um recurso de natureza textual e argumentativa. Trata-se de uma pesquisa estudo de caso, de cunho etnográfico, sobre o letramento literário, realizando uma investigação sobre as perspectivas de alunos a respeito do ensino de literatura e a educação para a apreensão do estético e a fruição artística. Destarte, esta pesquisa se faz a partir de questionário aplicado aos alunos, partindo-se da ideia de que esse recurso de investigação sistematiza e direciona com maior precisão ao alvo que se quer atingir na investigação.

ÁREA TEMÁTICA 14: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

LÍNGUA INGLESA NOS VESTIBULARES DA PARAÍBA: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DA FORMULAÇÃO DAS PROVAS MEDIANTE AS CONCEPÇÕES LISTADAS PELAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ESTADO

Djamara Virgínia Ferreira da Rocha Silva (UFCG)
Jessica Torquato Carneiro (UFCG),
Victória Maria Santiago de Oliveira (UFCG)

Os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio do Estado da Paraíba defendem uma concepção sócio-interacionista da língua e apresentam como objetivos do ensino de Língua Estrangeira o desenvolvimento de capacidades, como o engajamento discursivo em práticas de linguagem, reflexão sobre a natureza e funcionamento da língua e a construção da consciência e identidade social. A partir disso, o presente trabalho, vinculado às atividades do Núcleo de Estudos realizado pelo PET Letras (UFCG), visa analisar a formulação das provas de língua inglesa dos vestibulares Universidade Federal de Campina Grande e Universidade Estadual da Paraíba, realizados no ano de 2009 e 2010 respectivamente. Para realizar esta análise, coletamos as provas de vestibular e os manuais do candidato nos sites das instituições já mencionadas, observando a elaboração das questões e os conteúdos que são requeridos. Deste modo, pudemos identificar alguns princípios teóricos, sendo estes, posteriormente, comparados aos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio do Estado da Paraíba, publicados em 2006, verificando, assim, a influência teórica desse material sobre as provas de língua inglesa e se essas provas estão em consonância ou se divergem das concepções defendidas pelos documentos oficiais. Além disso, leituras sobre os princípios que regem o ensino de Língua Estrangeira Walesko (2006), bem como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000) fundamentam este trabalho.

PRÁTICA PEDAGÓGICA: ATIVIDADES PARA A SALA DE LÍNGUA INGLESA

Lidiane Cristina de Souza
José Camilo dos Santos Júnior
Jennifer Sarah Cooper

Inglês consta como uma disciplina obrigatória pelo Ministério da Educação do Brasil no ensino fundamental e no ensino médio, pelo fato de ser considerada a língua "franca" do mundo atual globalizado. Apesar de estudar inglês, na rede pública por 8 anos, alunos se queixam de não atingir um nível de fluência satisfatória na Língua Inglesa quando chegam no Ensino Superior. O objetivo da nossa pesquisa é de identificar elementos encontrados na sala de aula que dificultam o ensino/aprendizagem, nas aulas da Língua Inglesa (LI), na rede pública no Município de Santa Cruz, na região do Trairí, do Rio Grande do Norte; e propor algumas soluções desses problemas. Buscamos, através de uma pesquisa de necessidades, desejos e carências (needs/wants/lacks, Hutchinson& Waters, 1987) feita aos professores, quais seriam as dificuldades mais recorrentes em sala de aula. Com esse enfoque, os dados foram gerados a partir de questionários constituídos por perguntas abertas feitos a professores da rede pública de Santa Cruz-RN. Os resultados desse levantamento indicaram pouca motivação, falta de atividades, e barulho, entre os elementos que mais impedem o ensino/aprendizagem. Para isso, propomos uma série de atividades de LI que ofereçam aos alunos e professores oficinas que foram baseadas na teoria (IM inteligências múltiplas, Gardner, 1999). O estudo em foco traz contribuições para a reflexão de tais elementos que impedem o ensino/aprendizagem para que os alunos e professores possam aprimorar e estimular o estudo da língua de forma que os levem a uma melhor apropriação em relação ao conteúdo exposto em sala. (CERES/UFRN)

A MÚSICA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Carmem Pradella de Medeiros

A música não precisa ser explicada, ela tem um fim em si mesma. Este trabalho tem por finalidade investigar se a música pode ser um instrumento de auxílio na aprendizagem de uma língua estrangeira. Procurou-se investigar em artigos, sites, livros e experiências pessoais como os professores vêem e utilizam a música em sala de aula para ensinar uma língua estrangeira, mais especificamente o Inglês. Constatou-se com a pesquisa que a música pode ser instrumento de auxílio no trabalho pedagógico, porém, não deve limitar sua ação apenas como ferramenta de trabalho de outras áreas de conhecimento, pois ela fala por si só e contribui para o desenvolvimento integral do ser.

ONTUAÇÕES ACERCA DO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA "INGLÊS" PARA ALUNOS SURDOS EM SALA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
Alana Guedes Barbosa Ramos
Luiz Carlos Souza Bezerra

A prática de ensino de línguas, especialmente de língua estrangeira, para alunos surdos institui uma questão aos professores e pesquisadores com intuito de delinear estratégias pedagógicas que possibilitem minimizar a questão instituída. É certo que, antes de qualquer estratégia pedagógica, é cabível pensar e teorizar a respeito de uma concepção de língua, de linguagem e de surdez para que possamos fundamentar tais práticas pedagógicas. Nesse sentido, questionamos como é desenvolvida a proposta de ensino de língua estrangeira "inglês" para alunos surdos, bem como se estes estão inseridos em práticas escolares reais e concretas que evidencie o funcionamento de linguagem. Este trabalho tem por objetivo analisar a proposta de ensino de língua estrangeira "inglês" para alunos surdos em sala inclusiva. Os materiais foram coletados através de entrevistas com uma professora de inglês e com uma intérprete de língua de sinais, bem como de observações de aulas de língua inglesa, em uma escola pública estadual, na cidade de Iguatu-CE. Os dados estão sendo analisados respaldados nos referenciais teóricos de Coracini (2007, 2003). A pesquisa evidencia que a prática de ensino de língua estrangeira está calcada em uma proposta teórica que não possibilita funcionamento de linguagem, pois os alunos ainda são levados a realizarem cópias e exercícios gramaticais descontextualizados, por conseguinte prevalecendo assim uma atividade mecânica. Os resultados apontam, ainda, que há impasses na função assumida pela intérprete de Libras e pela professora, pois há momentos que aquela assume função de professora dos alunos surdos e esta assume a função de professora dos alunos ouvintes.

PROJETO BEM-TE-VI - CURSO LIVRE DE LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA: UM FOCO NO VESTIBULAR
Joselania de Souza Silva
Nelson de Souza Palitot

Um obstáculo encontrado entre os alunos de ensino médio da escola pública é o vestibular. Grande parte dos alunos da educação pública, principalmente os de escolas da periferia, fica a margem desse processo, quer pelas deficiências do ensino, pelo desinteresse no aprendizado ou na maioria das vezes, pela impossibilidade de arcar com os altos custos em escolas particulares de idiomas ou freqüentar curso preparatório. O projeto objetiva, através da motivação para o aprendizado, contribuir para o melhor rendimento do aluno na própria escola onde ele estuda, alem de possibilitar melhores desempenhos nos exames seletivos, e conseqüentemente, a inserção de uma camada marginalizada da população, na universidade. O resultado será alcançado através de workshops e aulas motivacionais com ênfase em várias abordagens de ensino. São trabalhadas abordagens múltiplas (Multiple Approaches) com diferentes métodos de ensino, a saber: Estratégias de Leitura (Inglês Instrumental), Lexical Approach (Abordagem lexical) e Gramática Contextualizada. Participam do projeto quarenta alunos, distribuídos em duas turmas de vinte (trinta e seis provenientes das séries do ensino médio e quatro selecionados na comunidade). A escolha de estudantes no nível médio se deu devido essa demanda estar se preparando para o processo seletivo de vestibular, e os workshops e aulas realizados pelo projeto se voltarem para a obtenção de um melhor desempenho dessa população específica. Os alunos, selecionados se candidataram ao projeto por vontade própria, a fim de que o estudo possa trazer resultados pelo viés de caráter motivacional, uma vez que o aluno, ao encarar a escola como um estímulo aversivo, não produz de forma espontânea. Em função disto, o critério de seleção teve como parâmetro seletivo a priorização daqueles de baixa renda familiar, e outros definidos juntamente com a coordenação pedagógica da escola campo. O projeto visa também oportunizar aos discentes do curso de Licenciatura em Língua Inglesa a delineação de sua formação profissional e do exercício de direitos e deveres, junto a uma sociedade caracterizada por forte exclusão social, numa realidade desafiadora, que certamente será fonte de formação de uma consciência cidadã e excelente laboratório para a formação da "práxis" do graduando.

A IMPORTÂNCIA DAS ABORDAGENS NO ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA: A ABORDAGEM COMUNICATIVA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA
Agápito Pereira Tôrres Neto (UERN)

Os métodos e abordagens de ensino de línguas estrangeiras estão presentes nos cursos de licenciatura em Letras e devem acompanhar os formados durante todo o tempo em que desempenha o exercício de sua profissão. Entretanto, colocar em prática as ideias pregadas por esses métodos e abordagens é um desafio para todos os que atuam na área de ensino de línguas. Visando tais aspectos e as dificuldades enfrentadas pelos professores em cumprir o seu papel de tornar o ensino e aprendizagem eficaz, a presente revisão bibliográfica tem como objetivo mostrar a importância dos métodos e abordagens e apresentar especificamente a Abordagem Comunicativa como proposta metodológica. Podemos destacar alguns autores que serviram de base para esta pesquisa: Brown (1994), Richards e Rodgers (1986), Rivers (1975), Leffa (1988), entre outros. Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica e é dividida estruturalmente em duas seções, a primeira seção é teórica e a segunda é uma proposta de ensino comunicativo em língua inglesa. Na primeira seção, uma rápida diferenciação é feita entre os termos método e abordagem e são apresentados as principais considerações a respeito do surgimento dos métodos e abordagens de ensino de línguas estrangeiras, suas características e o período histórico de sua existência, auge e declínio. Na segunda seção,

a importância do conhecimento dos métodos e abordagens pelos professores é enfatizada, uma diferenciação entre Abordagem Comunicativa e os demais métodos é feita e expõe-se uma proposta de ensino de língua inglesa baseada na Abordagem Comunicativa através de uma análise minuciosa das principais características dessa abordagem que servem como auxílio para o ensino e aprendizagem da língua inglesa.

INGLÊS INSTRUMENTAL E AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA NA COMPREENSÃO DE TEXTOS: O PONTO DE VISTA DOS DISCENTES
Ana Klarissa Barbosa Gonçalves
Isabelly Furtado da Silva
Edmar Peixoto de Lima

O presente trabalho, embora não faça parte exclusivamente das temáticas relacionadas à informática, tem o objetivo de investigar de que forma as estratégias de leitura podem facilitar o acesso dos alunos do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) à leitura de textos em Língua Inglesa. Esta temática faz parte das ações do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua Inglesa – GRUPLIN da Faculdade Leão Sampaio, Juazeiro do Norte - Ceará. Assim, partimos do entendimento que quando os alunos não possuem vocabulário suficiente para a compreensão de um texto, nós entendemos que o uso de gêneros textuais, que façam parte do cotidiano dos graduandos, neste caso, que discutam temáticas relacionadas ao curso, torna-se um incentivo para o processo de leitura e compreensão dos textos. Sabemos que para realizar a leitura com competência, o leitor proficiente utiliza estratégias que servem como guia para atingir os objetivos a que o texto se propõe. Assim sendo, para desenvolver nosso trabalho, aplicamos um questionário, por meio de uma comunidade virtual, em que os alunos do 1º semestre de ADS leram um texto, resolveram questões de interpretação e puderam repensar sobre os passos seguidos para o entendimento das ideias propostas pelo autor. Portanto, ao discutirmos as estratégias de leitura, neste trabalho, nós podemos verificar que os alunos conseguiram prever o assunto abordado por meio da análise do texto em geral, assim como, também, analisaram o título e as imagens presentes. Deste modo, percebemos então, que os alunos, sujeitos da nossa pesquisa, demonstraram facilidade para encontrar palavras cognatas e entender a ideia central do texto. No entanto, uma das principais dificuldades, encontradas nas respostas dos informantes, para compreensão dos textos, se configura na falta de vocabulário. Desta forma, podemos concluir que por meio da utilização de algumas estratégias, as atividades de leitura tornam-se mais motivadoras e interessantes, proporcionando, portanto, ao graduando, construir os sentidos, embora, percebamos, ainda, que a falta de conhecimento do vocabulário em Língua Inglesa dificulta o entendimento do texto.

A INTERDISCIPLINARIDADE E A FORMAÇÃO DOS DOCENTES DE LÍNGUA INGLESA
Carlos Vinícius Prates Fernandes
Gilvan Santos Leal (Uneb)
Orientador Esp. Ginaldo Cardoso de Araújo

Para entendermos de que forma a interdisciplinaridade pode influenciar na sala de aula de língua inglesa doravante (LI), faz-se necessário o entendimento do que é realmente ser um professor interdisciplinar, para tanto este trabalho apoia-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) e a LDB 9394/96, na perspectiva do trabalho de Fazenda (1999), além de estudos recentes sobre o ensino interdisciplinar. Com este estudo percebe - se a necessidade de conscientização dos estudantes de licenciatura, partindo do pressuposto de que o trabalho do futuro docente não é simplesmente ensinar língua inglesa (LI), mas o de serem mediadores entre o aluno e a língua em estudo, desenvolvendo uma didática que seja interdisciplinar a fim de contribuir para a formação de um cidadão capaz de criticar os diversos contextos em que vive. Buscar - se compreender o conceito de interdisciplinaridade no ensino e de que forma a essa tem sido aplicada na sala de aula de língua inglesa, analisando ainda sobre qual o papel do professor nesse processo em que a interdisciplinaridade é o alicerce. Enfatiza ainda, possíveis fatores culturais que o professor e o aluno trazem que podem interferir (positivamente/Negativamente) no ensino de LI de forma interdisciplinar e por fim entender como a interdisciplinaridade contribui na formação cidadã dos aprendizes. Chega-se a conclusão de que a razão pela qual muitos defendem que o ensino de língua inglesa deveria ser de um modo interdisciplinar, é que a partir de uma nova abordagem os aprendizes de LI, estariam realmente sendo formados para a sociedade atual que vive em constantes mudanças, principalmente no que se refere à informação, que chega muito rápida aos nossos alunos e se os professores de LI não buscarem um modo de fazer projetos que visem o trabalho em conjunto com uma ou mais áreas do conhecimento, os alunos irão cada vez mais deixar de acreditar que aprendizagem desta língua é realmente necessária para sua formação como cidadão.

INFLUÊNCIAS NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LI NAS ESCOLAS PÚBLICAS
Gilvan Santos Leal (Uneb)
Carlos Vinícius Prates Fernandes
Orientador: Esp. Ginaldo Cardoso de Araújo

Esta pesquisa propõe-se a buscar identificar como a formação dos professores de LI pode influenciar no ensino/aprendizagem da mesma, uma vez que notamos que o conhecimento em Língua Estrangeira (LE) é hoje considerado um direito, um requisito para o exercício de uma cidadania plena, não apenas para os alunos em fase escolar, mas para a maioria da população. Ao analisar estas questões quanto ao ensino de cultura na sala de aula de formação docente de LI, espera-se que quando este profissional for exercer sua profissão, não a faça de forma distorcida, como é possível vivenciar ao observar a salas de aulas de LI em escolas publicas do Município de Caetité, onde existe um curso de formação em língua

inglesa. Este tipo de pesquisa, pode contribuir para uma auto avaliação do próprio curso, uma vez que atualmente o curso de Letras com Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas é o responsável pela formação dos profissionais que atuam nesta região. Ressaltando que na resolução CNE/CP 1/2002, que versa sobre a formação docente, traz a importância de um professor que busque identificar e trabalhar o conceito de cultura nas mais diversas áreas e contextos. Neste contexto, a pesquisa justifica-se pela escassez nos estudos que versem sobre a formação docente em LI para trabalhar com cultura na sala de aula na região do semiárido baiano, especificamente no município de Caetité-Bahia, onde a Universidade do Estado da Bahia é responsável pela formação destes profissionais, além da cidade ser uma referência para o cenário educacional nacional.

O TEXTO NAS AULAS DE INGLÊS INSTRUMENTAL: O USO DAS ESTRATEGIAS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM
Diego Gomes Pereira
Bruno Sampaio Pereira
Ana Caroline
Orientador: Edmar Peixoto de Lima

Tomando por base a importância da leitura em Língua Estrangeira nos cursos de graduação, nós compreendemos que proporcionar o acesso ao domínio desta habilidade requer novas metodologias de ensino e novos direcionamentos. Assim, o presente artigo é o resultado de uma pesquisa realizada pelo Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua Inglesa – GRUPLIN, vinculado a Faculdade Doutor Leão Sampaio – Juazeiro do Norte – Ceará. Temos como objetivo, para este artigo, investigar se as Estratégias de Leituras, de fato, se configuram como mecanismo facilitador ao domínio da habilidade de Leitura no curso de Análise e Desenvolvimento de Sistema (ADS) da referida faculdade. Apropriamo-nos como aporte Teórico das discussões desenvolvidas por Isabel Solé e Almeida Filho com os estudos acerca das estratégias de Leitura, assim como dos estudiosos do interacionismo que nos auxiliam na compreensão da construção de sentidos do texto em parceria com o outro. Assim sendo, aplicamos uma oficina com os alunos do 2º semestre do curso de ADS, ao apresentarmos o texto "computer problems", podemos perceber que houve o surgimento de várias hipóteses, utilizando como análise apenas o título. E, com o desenvolvimento da leitura do texto nenhuma das hipóteses foram confirmadas, já que intencionalmente o texto escolhido proporciona quebra das expectativas do leitor, embora os alunos tenham discutido diversas possibilidades de encaminhamentos para o texto. Conseguimos notar, ainda, que somente as estratégias de leitura não ajudaram na compreensão do texto, no entanto, a relação de interação construída pelos membros da oficina foi de fato o grande diferencial. Em outras palavras, a troca de conhecimentos entre os participantes da oficina contribuiu bastante para que os alunos pudessem construir os efeitos de sentidos do texto, embora, ainda, tenhamos que ressaltar que uma das grandes dificuldades demonstradas pelo grupo seja a falta de conhecimento de vocabulário. Portanto, as estratégias de leitura se configuram como mecanismo de apoio a leitura, mas a troca de conhecimentos entre os alunos também, se revela como essencial ao processo de aprendizagem de uma Língua Estrangeira.

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE NATAL-RN: UM ESTUDO DE CASO
Wadson Augusto Corrêa
Ewerton Mendonça de Oliveira
Orientadora: Lucinéia Contiero

A proposta do presente estudo é explorar a maneira na qual a aula de língua inglesa é ministrada em uma escola da rede pública do ensino médio da cidade de Natal-RN, entre os dias 16/05/2011 a 01/06/2011, sob a luz de algumas orientações contidas nos textos dos Parâmetros Curriculares Nacionais; terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira (1998). Para tanto, observamos um caso específico e problematizamos a maneira na qual a aula é ministrada, tendo em vista o trabalho do professor reflexivo, segundo a perspectiva de Coracini (2003). Outrossim, levaremos em consideração o ponto de vista do aluno perante os diferentes métodos que o professor costuma utilizar em sua aula. Através dessa abordagem e das informações fornecidas, ansiamos discutir o que poderia ser aprimorado neste caso estudado, na maneira que a aula é conduzida do ponto de vista do aprendizado, tendo em mente os propósitos da classe em micro e macro escala, isto é, objetivos gerais do ensino médio e objetivos específicos da área do conhecimento. Nesse sentido, lançamos mão da aplicação de questionários nos três períodos de aula (matutino, vespertino e noturno) onde cada turma era composta por quarenta alunos que responderam a quinze questões. O intuito foi o de fazermos uma reflexão crítica e comparativa através da avaliação dos questionários, sempre traçando um paralelo entre o que seria uma metodologia de ensino de língua inglesa que possa facilitar o trabalho do professor e, consequentemente, o aprendizado de seus alunos. Nossos estudos demonstraram que a metodologia não abrange o idealizado pelo PCN de língua inglesa e que há ainda sérios problemas de ordem metodológica e de posicionamento do professor perante os objetivos propostos para o ciclo.

ENSINAR EM LÍNGUA INGLESA NA PERSPECTIVA VYGOTSKYANA
Géssica Fabiely Fonseca

As crianças cada vez mais cedo entram em contato com as línguas estrangeiras modernas com as influências das novas tecnologias da informação e da comunicação. Nesse sentido é imprescindível o papel da escola para que os alunos desenvolvam capacidades lingüísticas para aprenderem um idioma diferente com práticas sociais de leitura, escrita e oralidade. Este trabalho objetiva analisar o planejamento de uma docente que ensina em inglês para crianças de uma escola particular em Natal/RN e compreender como a mediação pedagógica interfere nos processos

de aquisição e desenvolvimento de habilidades e capacidades linguísticas. A metodologia usada nesse trabalho é a pesquisa de campo. Utilizamos como referencial teórico a perspectiva histórico-cultural da psicologia que tem como principal representante L.S.Vygotsky. Para Vygotsky é através da interação dialética homem-sociedade que os seres humanos aprendem e desenvolvem as funções psicológicas superiores. Entre essas funções psicológicas superiores situa-se a leitura e a escrita como atividades humanas que além de ampliar o aparato cognitivo possibilita a inclusão na cultura letrada.Essa interação homem e sociedade é mediada pelos instrumentos e signos.Nesse sentido a linguagem é o signo mediador por excelência pois é o signo que é responsável pela mediação das relações humanas.Por isso propomos compreender como a docente medeia as relações ensino-aprendizagem da língua inglesa a partir do que é organizado no planejamento das aulas.Com essa análise da dimensão didático-pedagógica do ensino percebemos a importância de um ensino de inglês que valorize os contextos sociais e educativos da criança e não um ensino de inglês baseado em memorização de palavras destituída de seus contextos o que dificulta uma aprendizagem significativa da língua inglesa.

ÁREA TEMÁTICA 15: LEITURA, ESCRITA E ENSINO

UMA DISCUSSÃO SOBRE AS ABORDAGENS DOS GÊNEROS TEXTUAIS EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jéssica Amanda de Souza Silva (UFCG)
Danielly Dayane Soares de Mâcedo (UFCG)
Orientadora: Maria do Socorro Paz e Albuquerque

Algumas propostas de produção de texto escrito contempladas em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental nem sempre incluem as orientações e condições necessários para que o produtor produza no gênero solicitado. Geralmente, a orientação se dá enfatizando a observação da estrutura organizacional do gênero, "engessada", desconsiderando sua constituição como as descreve Bakhtin (1979). Apoiando-se na perspectiva sociointeracionista, que aborda os gêneros textuais como formas verbais de ação social e considerando a sua estrutura organizacional, o produto final, a instância social onde foi/é/será produzido, os interlocutores e o suporte de divulgação, este trabalho analisa propostas de produção textual em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental, no que se refere ao ensino/aprendizagem desses gêneros, considerando que aprender a produzir textos escritos sugere o desenvolvimento de competências comunicativas que tornam o indivíduo consciente da dimensão desse aprendizado na sua vida social, como defendem Silva (2009), Garcez (1997) e Dell/Isolla (2007), e apto para produzi-lo enquanto gênero textual segundo Marcuschi (2001), Dionísio (2007) e os PCN de Língua Portuguesa (1998). Pesquisa interpretativista, cuja análise nos permitiu identificar algumas inadequações na abordagem de gêneros textuais quanto a não apresentação de gêneros disponíveis na esfera social de convívio do aluno e ênfase nas características normativo-organizacionais do gênero. Apesar dessa constatação, consideramos relevante o uso do livro didático em sala de aula, pois suas abordagens, ainda que frágeis, podem ser ampliadas sob a avaliação crítica do professor, permitindo ao aluno se apropriar do gênero ao saber utilizá-lo de acordo com sua finalidade, circunstâncias e linguagem adequada.

ENSINO DE LÍNGUA INGLESA VISTO ATRAVÉS DA LINGUÍSTICA APLICADA E DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Jordan Oliveira da Silva
Naiane Vieira dos Reis

Este trabalho analisa a prática docente de professores em formação na disciplina de Língua Inglesa em uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Araguaína (norte do Tocantins), correspondentes a uma das fases do nosso estágio supervisionado da Licenciatura em Letras. Considerando as quatro observações e vinte e uma regências e tendo em vista que há conteúdos a serem cumpridos no período de docência, demos ênfase nas estratégias de comunicação em situações problema que foram determinados pelo professor titular, de modo que privilegiasse o trabalho com o livro didático de inglês, que até o ano de 2010 não era distribuído para a rede pública de ensino no Tocantins. Como subsídio teórico em que estão aparadas nossas reflexões e práticas, temos contribuições principalmente advindas da lingüística aplicada sobre o ensino de 2ª língua. Com embasamento nas teorias dessa área, analisamos o processo da leitura de textos literários e o uso destes nas aulas de língua inglesa, o papel do professor como aquele que orienta e faz uso dos materiais didáticos, e como são feitas as leituras através de estratégias determinadas pelo professor titular. No sentido de levar o aluno a construir sentidos para o texto, a fruir esteticamente dos textos literários, a ser efetivamente leitor, tivemos nossa prática naquilo que anseiam os estudos a respeito do letramento literário, pois priorizamos uma prática que privilegiasse aos leitores em fomação experiência subjetiva com a literatura.

O TRABALHO COM PRODUÇÃO DE TEXTOS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral (UFRPE-UAG)
Cynthia Almeida (UFRPE-UAG)

Nossa pesquisa teve como objetivo investigar os conhecimentos mobilizados pelos alunos no momento de aplicação de uma sequência didática proposta à uma professora do quarto ano da rede municipal de Garanhuns e analisar qual ou quais práticas pedagógicas despertam o interesse e garantem a aprendizagem dos usos e funções da escrita pelas

crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Especificamente, nos interessava propor uma sequência didática envolvendo o gênero carta à redação, a fim de perceber os conhecimentos expostos pelos alunos sobre as especificidades desse gênero, analisar a prática pedagógica da educadora na aplicação da sequência didática e analisar o que a professora pensa sobre o ensino da produção de texto. Utilizamos três procedimentos metodológicos: a) Observação, através da vídeo gravação com a finalidade de analisar a prática pedagógica da educadora na aplicação da sequência didática, as quais foram organizadas em protocolos de observação; b) Entrevista semi-estruturada com a finalidade de identificar e analisar o que a professora pensa sobre o ensino da produção de texto; c) Sondagem com as crianças (produção de texto inicial e final) com o objetivo de perceber os conhecimentos expostos pelos alunos sobre as especificidades do gênero carta à redação. Na sondagem, as crianças foram solicitadas a fazer quatro tarefas: a produção inicial, duas produções coletivas e a produção final, para identificar se as crianças já conseguiam atender às características do gênero carta à redação. Os dados aqui examinados evidenciam que a professora conhecia o trabalho envolvendo o ensino dos gêneros textuais a partir da proposta de sequências didáticas, mas não parecia conhecer efetivamente o gênero analisado nesta pesquisa. Contudo, conseguiu mediante o planejamento de aula correspondente à metodologia desta pesquisa, ensinar alguns aspectos concernentes ao gênero carta à redação, mas algumas vezes incentivou os alunos a produzirem um relato ao invés do gênero solicitado. Mediante as análises realizadas, podemos verificar o aprendizado das crianças relacionado ao gênero carta à redação. A pesquisa concluiu o quanto a prática da professora influencia na aprendizagem dos alunos.

ESPECIFICIDADES DAS ATIVIDADES DE LEITURA E DE ESCRITA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: GÊNEROS, TIPOS E ELABORAÇÃO DIDÁTICA

CivonícioVaniele Sales (UFRN)
Gislene Alves da Silva Costa (UFRN)
Lydiane Medeiros da Costa (UFRN)

O ensino de leitura e de escrita, ao longo dos últimos vinte anos, tem passado por diversas reformulações quanto aos objetivos, objeto e unidades de ensino e aprendizagem, principalmente após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no final da década de 1990. Com isso, diversas pesquisas contemporâneas em Linguística e Lingüística Aplicada têm buscado compreender como se apresentam as atividades de leitura e de escrita nos livros didáticos de língua materna direcionados à educação básica no Brasil (ACOSTA-PEREIRA, 2007; 2008; ANTUNES, 2005; BUNZEN; MENDONÇA, 2006; KLEIMAN, 1995; MARCUSCHI, 2008; RODRIGUES, 2008; ROJO, 2004; SIGNORINI, 2006). Sob essa perspectiva, buscaremos apresentar uma discussão sobre as atividades de leitura e de escrita enunciadas em dois livros didáticos direcionados à educação básica no Brasil, especificamente livros didáticos direcionados ao ensino fundamental. Para tanto, selecionamos 5 (cinco) atividades de leitura e 5 (cinco) atividades de escrita de 2 (dois) livros didáticos de editoras e séries distintas e retomamos estudos prévios na área, assim como revisitamos os escritos do Círculo de Bakhtin (2003[1979]; 2006[1929]; 2008[1929]; 2010[1909]) quanto aos pressupostos teórico-metodológicos de análise dialógica da linguagem (BRAIT, 2006; 2007). O objetivo geral é analisar como as atividades se apresentam em relação a parâmetros enunciativo-discursivos e textuais à luz dos gêneros do discurso, dos tipos textuais e da elaboração didática. Entendemos que essa pesquisa apresenta-se relevante à medida que não apenas contribui para o desenvolvimento de pesquisas sobre o livro didático no campo da Linguística Aplicada, como também colabora para a consolidação de estudos bakhtinianos nesse campo científico.

O PIBID E AS PRÁTICAS DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Elizabeth Olegário Bezerra da Silva (UFRN)
Jefferson Eduardo da Paz Barbosa (UFRN)
Maria Rita Barros (UFRN)
Samira Gomes de Aguiar (UFRN)
Orientadora Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

O presente trabalho tem como objetivos discutir a importância da leitura e a formação de leitores no ensino médio. Tais objetivos se coadunam com as atuais preocupações que envolvem as práticas leitoras em ambiente escolar, uma vez que é de conhecimento de todos os atuais índices de competência leitora que os instrumentos de avaliação (PISA, SAEB, ENEM), dentre outros, têm tornado públicos. O PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (MEC/CAPES, UFRN-REUNI), se coloca como uma ação que pode contribuir para responder as demandas de leitura dos alunos e as lacunas de uma vida escolar em que a leitura, quase sempre, não ocupa a centralidade dos projetos de ensino. Para tanto, este trabalho fundamenta-se nas concepções de leitura advindas de Lajolo (1993); de Zilberman (1991); de Magnani (2001) e de Geraldi (1999). Para compreender as práticas de leitura, fundamenta-se, também, na concepção dialógica de linguagem de Volochinov (1988) que a compreende como prática social construída nas relações intersubjetivas e de compreensão responsiva ativa presente na obra de Bakhtin e do círculo (2003). Os resultados parciais desta pesquisa mostram que a leitura está em crise bem como a escola, como também revelam que é preciso (re)pensar as práticas de leituras em sala de aula e propor atividades significativas para o aluno que considerem seus desejos, seu conhecimento de mundo e que ampliem sua visão de mundo. Além disso, esse trabalho está comprometido com a formação do cidadão crítico cujo letramento lhe permita atuar no mundo da vida de forma responsável e ética. O trabalho se insere na área da Linguística Aplicada e tem como orientação teórico-metodológica os pressupostos da pesquisa qualitativa e interpretativista de base sócio-histórica.

LEITURA NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES SOBRE AS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DO MUNICIPIO DE ARAPIRACA

Isabella de Sena Rocha (UNEAL)
Marcelino da Rocha Souza (UNEAL)
Orientador: Fernando Augusto de Lima Oliveira (UNEAL)

Saber ler e escrever tornou-se, na atualidade, mais que motivo de ascensão social, como a princípio se imaginava, pois nesta prática está implícita a formação do indivíduo enquanto ser humano. Nesse sentido, nosso objetivo consiste em refletir as concepções e práticas de leitura dos alunos do Ensino Médio, em uma escola municipal de Arapiraca, especificamente, a posição do aluno como leitor, tendo em vista a sua necessidade de formação que atenda as exigências das práticas sociais de leitura, visando à sua proficiência nas práticas de leitura e o seu posicionamento crítico no âmbito social. Para isso, apoiamo-nos em pensamentos e concepções de vários pesquisadores e estudiosos: Geraldi (2003), Freire (2003), Solé (1998), Silveira (1999; 2005), Kleiman (2002; 2004), entre outros. Segundo Solé (1999) a leitura é um dos componentes curriculares essenciais da educação e o seu processo de aquisição ocorre de forma lenta. À medida que os estudos avançam há uma maior exigência para que seja realizada uma leitura independente por parte dos alunos. Esta pesquisa ainda está em andamento e nossas conclusões serão feitas a partir da realização de uma pesquisa qualitativa, cujo instrumento de investigação será feito através de questionários com o intuito de sabermos como os alunos concebem a leitura, suas dificuldades e suas preferências. Constatar também os vários caminhos e as varias possibilidades que surgem durante o desenvolvimento de sua competência leitora, também é um dos nossos objetivos. Assim sendo, o principal motivo dessa pesquisa é refletir sobre as concepções e práticas de leitura dos alunos do Ensino Médio e tomar conhecimento sobre o que eles concebem como leitura e o porquê de tanta aversão ao entrarem em contato com essa prática.

HIPERTEXTO COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ÂMBITO ESCOLAR

Edilaine Trajano de Almeida (UPE)
Orientador Prof. Dr. Benedito Gomes Bezerra (UPE)

Considerando a diversidade das práticas interacionais mediadas pela linguagem, a pesquisa tem como finalidade enfocar a leitura e a escrita em ambientes hipertextuais, de modo a tratar esse espaço como uma importante ferramenta a ser abordada em sala de aula. Apresentamos como pressupostos teóricos Marcuschi e Xavier (2004), Araújo e Biasi-Rodrigues (2005), Askehave e Nielsen (2004), dentre outros, evidenciando que através de atividades com hipertexto, os educandos podem tornar-se ativos participantes no processo de aquisição do saber, uma vez que terão acesso à tecnologia para buscar as informações de que necessitam. Diante do surgimento e do crescente uso das tecnologias, a troca de informações e a interação propagam-se cada vez mais nas mídias virtuais. Em função disso, o trabalho empenha-se em discutir artefatos hipertextuais, analisando as implicações que estes, como tecnologia digital, trazem para o ensino. O funcionamento dos recursos linguísticos hipertextuais no ambiente de hipermídia requer algumas reflexões no que diz respeito às novas formas de letramento na escola, colocando ainda em relevância as habilidades para leitura e escrita tanto no formato papel quanto no suporte digital. Para tanto, o aluno necessita ser bem orientado, pois o meio eletrônico possui características próprias, que interferem nos aspectos discursivos. A metodologia utilizada no presente trabalho consistiu no levantamento da utilização do hipertexto em atividades de leitura em um corpus de 05 coleções de livros didáticos de 5ª. a 8ª. séries (6°. ao 9°. anos) do ensino fundamental, recomendadas pelo PNLD. Os resultados constatam uma quantidade irrelevante de estratégias de leitura tratando-se de hipertexto, ao lado de uma presença reduzida de gêneros digitais. Discutem-se ainda as implicações das propostas de atividades com hipertexto no âmbito escolar, entendendo esse trabalho como uma forma de oportunizar ao aluno uma maior compreensão sobre o uso de tecnologias digitais na interação e comunicação, de forma que ele possa cada vez mais apropriar-se delas e utilizar os variados gêneros digitais com eficiência no dia a dia.

A CONCEPÇÃO DE ESCRITA NO PIBID: A DESMITIFICAÇÃO DA PRÁTICA EM SALA DE AULA

Bruna Rafaelle de Jesus Lopes (UFRN)
Cintia Daniele Oliveira do Nascimento (UFRN)
Daniel Bruno Miranda da Silva (UFRN)
Jone Jean de Sousa Correia (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Este trabalho tem por objetivo abordar as concepções de escrita que orientam o subprojeto de Língua Portuguesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Tais concepções visam a construir uma prática docente que estimule no aluno o desenvolvimento de habilidades de compreensão, de interpretação e de produção dos mais variados gêneros discursivos. Tal trabalho se orienta pela perspectiva de que essa atividade de escrita não é exclusiva de um determinado público, quebrando, assim, o mito falso, segundo GARCEZ (2001), de que escrever é um dom que apenas algumas pessoas têm. Neste contexto, busca-se por meio da escrita e reescrita uma melhor produção textual por parte do aluno, o que possibilitará uma auto-avaliação, formando não só o autor do texto, mas também um crítico das suas próprias produções. Para embasar nossa prática, fundamentamo-nos nas concepções bakhtinianas de gêneros discursivos, de linguagem como construção sócio-histórica de sujeitos em interação (2003; 2009) e nos postulados acerca da produção textual no ambiente escolar tomando como aporte teórico Geraldi (2003), Garcez (2008) e Antunes (2007;

2010) e ainda Marcuschi (2008). Esse trabalho com a escrita se desenvolve com alunos do turno vespertino e noturno da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, situada no bairro de Ponta Negra, na cidade do Natal/RN e campo de atuação do PIBID, e objetiva desenvolver a proficiência nas práticas de escrita desses alunos. O trabalho consiste em construir uma nova mentalidade em referência ao ato de escrever, desmitificando essa produção e orientando o aluno para aquisição de novos conhecimentos que facilitarão o seu aprendizado, no processo cognitivo, discursivo e lingüístico. Este trabalho se insere na área da Linguística Aplicada e se orienta por pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa de base sócio-histórica.

ESTUDANDO A LÍNGUA E RECONSTRUINDO A IDENTIDADE CULTURAL
Anderson de Souza Frasão (Universidade de Pernambuco)

A leitura e a escrita são domínios sistemáticos e de realização da linguagem motivados e portadores dos valores culturais, sociais e ideológicos dos povos que os realizam. A justaposição desses campos do saber, numa pesquisa, é ainda mais representativa na medida em que problematiza questões referentes à educação de grupos sociais menos prestigiados – como é o caso dos povos afrodescendentes. Sabe-se que durante muito tempo esses povos estiveram à margem da sociedade, e isso tem sido impactante no aprendizado de suas crianças e jovens. E mais ainda: ao longo dos anos uma educação eurocêntrica favoreceu a construção de vários estereótipos discriminatórios no contexto educacional brasileiro, atenuando as dissonâncias identitárias desses povos. Diante disso, reconhecer a diversidade cultural que permeia a sociedade brasileira e validar a importância de se conhecer as origens dos povos africanos e afro-brasileiros tem sido uma proposta que a educação atual tenta empreender. Nesse plano de reflexão, através do projeto de iniciação científica – Leitura e produção textual no ensino fundamental da comunidade quilombola do Castainho – PE.- estimulamos os alunos da escola Virgília Garcia Bessa, da comunidade remanescente de quilombo do Castainho, em Garanhuns – PE., à leitura e a produção textual, possibilitando que tais tivessem acesso às narrativas que contam as histórias, os mitos, os ritos e os costumes tradicionais dos povos africanos e afro-brasileiros, e assim, pudessem reescrevê-las. Com isso, possibilitamos a elevação intelectual desses alunos, a ressignificação da sua identidade cultural e a efetivação dos desígnios educacionais voltados para a diversidade cultural, nas especificidades da lei 10.639/03.

EU REESCREVO, TU REESCREVES, ELE REESCREVE: A REESCRITA NAS AULAS DE PORTUGUÊS
Monique Cezar Merencio Galdino (UFPB)
Orientadora Profa. Regina Celi Mendes (UFPB)

Contrariando concepções antigas, a escrita é hoje vista como um processo, composto por algumas etapas que, de acordo com Kato (2003), se ligam recursivamente: planejamento, escrita e reescrita. É dentro dessa nova perspectiva que a reescrita textual se apresenta como uma atividade capaz de contribuir para o desenvolvimento das capacidades discursivas do aluno, já que, ele, orientado por um parceiro mais experiente, pode revisar e reescrever seus textos, adequando-os às exigências de determinado gênero textual, finalidades comunicativas, tipo de interlocutor pretendido, etc. Feitas tais considerações, o trabalho atual pretende investigar de que forma o professor de português encaminha a atividade de reescrita textual em sala de aula, a partir da análise de 5 entrevistas feitas a professores da rede de ensino da cidade de João Pessoa/PB. A análise se respaldou na perspectiva teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) que encara a linguagem como ação (Cf. BRONCKART, 1999) e representa uma das ações do nosso plano de trabalho como bolsista IC no projeto Práticas de Letramento na Escola: A Escrita no Livro Didático. O que podemos constatar através das entrevistas é que, embora fundamental para o desenvolvimento da capacidade linguística e discursiva do aluno, a reescrita textual ainda encontra resistência nas escolas, e que, quando o processo é utilizado pelo professor, é submetido ao livro didático que, muitas vezes, não possui orientação adequada para o encaminhamento da atividade ou apresenta orientações vagas ou genéricas, insuficientes para a confecção de um bom texto.

O LUGAR DA LEITURA DO TEXTO VISUAL NOS CRITÉRIOS OFICIAIS DE AVALIAÇÃO DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA (PNLD)
Aline Regina Alves de Moura (UFRN)
Tatyana Mabel Nobre Barbosa (UFRN)

Na sociedade da informação, o texto visual tem ganhado relevo nas diferentes situações comunicativas, de modo que tem se tornado cada vez mais pertinente a imagem na cultura letrada. Desse modo, partimos da seguinte questão de pesquisa: Qual a compreensão acerca da leitura de imagem adotada pelos documentos orientadores das políticas de ensino da língua portuguesa? Para refletir sobre essas perguntas, analisamos o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que responde pela seleção de todos os materiais distribuídos nas escolas públicas, e pesquisamos os parêmetros estabelecidos pelo Guia do Livro Didático de Língua Portuguesa voltado aos anos iniciais de ensino (GLDLP/2010). Na nossa análise, focalizamos como estão organizados os critérios de avaliação e de seleção de livros didáticos no que concerne a orientações para o trabalho com a leitura do texto visual. Nesse sentido, a pesquisa foi dividida em duas etapas: inicialmente, realizamos a pesquisa bibliográfica acerca do letramento visual, educação estética, e leitura de imagem; em seguida, comparamos as orientações científicas referentes à educação visual com os critérios adotados pelo GLDLP. Os resultados preliminares apontam que o Guia dá ênfase a imagem como elemento organizador do projeto gráfico do livro didático; apresenta vagueza quanto à relação do letramento visual com o

ensino da língua portuguesa; e não destaca elementos específicos à leitura do texto visual. Nesse sentido, analisar os critérios de seleção de livros didáticos acerca da imagem como um dos códigos a serem trabalhados permitirá articular os signos visuais ao ensino da língua portuguesa e favorecer a elaboração de elementos para uma educação estética escolar. (CAPES/INEP-Observatório da Educação-Ed.038/10 - UFRN: CE-PPGED/CCHLA-PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

ANALISANDO O OA DOM CASMURRO: NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE OBJETOS DE APRENDIZAGEM.
Mayra Winnie de Sousa Lima (UECE)
Tainah Pereira Falcão (UECE)
Profa. Dra. Nukácia Meyre Silva Araújo (UECE)

O crescimento na produção de Objetos de Apredizagem no campo da Língua Portuguesa/Literatura encontra-se em uma fase significativa. Valorizando esse aumento e a importância que os OAs possuem como suporte ao ensino, haja vista que eles complementam o conteúdo dado em sala de aula, por exemplo, foi criado o BIOE (Banco Internacional de Objetos Educacionais) - um repositório administrado pelo Ministério da Educação em parceria com outras IEs, que armazena e disponibiliza esses Objetos. Devido a essa disseminação das ferramentas de ensino e à preocupação quanto à qualidade e à pertinência dos OAs disponíveis em repositórios e, tomando por base a definição de Wiley (2000) de que um OA é um recurso digital que deve ser reutilizável, apresentar propósito específico e estimular a reflexão do aluno, propõe-se nesta pesquisa uma análise valorativa, destacando algumas características que deviam estar/não estar presentes em OAs publicados. Como amostra, escolhemos o vídeo "Dom Casmurro", que trata de uma "chamada" para a leitura do livro de mesmo nome, do escritor Machado de Assis, e que traz um reconto da história, misturando a passagens da narrativa original, comentários que incitam o aluno a querer descobrir os segredos que poderá encontrar no livro. Além disso, aborda de forma dinâmica a dúvida referente à suposta traição de Capitu, esposa do narrador-personagem do romance, traça aspectos da personalidade dos personagens principais e contextualiza o livro em um programa de investigações criminais, como se vê em filmes policiais e afins, conferindo ao enredo de "Dom Casmurro" um caráter instigante, cheio de questionamentos que possam levar o aluno a estudar Literatura sem a metodologia convencional, a ler uma obra clássica, como é o exemplo, com interesse, sob um novo olhar. Assim, a partir do perfil apresentado do vídeo, traçar-se-á uma análise verificadora da pertinência e da qualidade desse OA no que diz respeito à aprendizagem.

LER E TECER: PROVOCAR SENTIDOS PARA OBTER RESULTADOS
Nadja Araújo Maciel (UNEAL)
Nibbya Karlla Pereira de Albuquerque (UNEAL)

Este trabalho faz parte do Projeto Ler e Tecer desenvolvido junto a alunos do Ensino Médio e envolve os processos de produção de sentido nos textos, na escrita e na reescrita. Nosso principal objetivo, mais do que ensinar a ler, interpretar, escrever e reescrever textos, é provocar o gosto por essas atividades, pois entendemos que não há como executar bem uma tarefa, sem antes sentir o mínimo de simpatia por ela. Partimos da hipótese de que o real motivo dos alunos não gostarem de ler é o desconhecimento ou, pior, a ideia errada do que seria ler e escrever, pois muitos consideram que essa prática é para quem domina a norma gramatical e, assim, por considerarem que não dominam tal norma, simplesmente não se interessam pela leitura. Tal sentimento é compreensível, uma vez que sempre lhes foi colocado que uma coisa estava diretamente relacionada à outra. Essa constatação é resultado de uma pesquisa feita com os alunos que, ao serem indagados se gostavam de ler e escrever, responderam, em sua maioria, que não. Portanto, trabalhar o cognitivo e os processos de produção de sentido nos textos, na escrita e na reescrita são atitudes que desenvolvem o raciocínio bem como ajuda na articulação das ideias, organizando-as dentro de um contexto coerente e coeso de produção. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo e que compreende a elaboração de sequências didáticas, abrangendo o trabalho com textos. O material selecionado inclui textos de vários gêneros discursivos e textos de interesse dos alunos. A pesquisa está sendo realizada numa escola pública federal, localizada na cidade de Arapiraca/Alagoas. As intervenções ainda estão em andamento, portanto não há como apresentar dados conclusivos sobre o projeto. O trabalho está teoricamente fundamentado em autores, como: Barthes (1988); Bordini e Aguiar (1988); Possenti (1996); Kleiman (2000); Marcuschi (2002); Rojo (2004); Perini (2005); Silva (2005), entre outros.

UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS DO OBJETO DE APRENDIZAGEM "DRUMMOND E O JOGO DA PEDRA"
Cássia Joene Sobreira de Oliveira (UECE)
Suellen Fernandes dos Santos (UECE)
Orientadora: Profa. Dra. Nukácia Meyre Silva Araújo (UECE)

Com o avanço da tecnologia, a relação entre ensino e aprendizagem vem passando por grandes mudanças. Novas propostas metodológicas e ferramentas inseridas nesse contexto digital vêm surgindo como apoio ao trabalho do professor. Os objetos de aprendizagem (AO's), por exemplo, vêm se tornando uma ferramenta de apoio bastante utilizada no processo de ensino e aprendizagem de diversas disciplinas, pois se trata de um recurso digital que pode ser reutilizado em diferentes contextos educacionais, seja no ensino presencial ou no ensino à distância e é também adaptável à diversas situações de ensino aprendizagem. Esse crescente uso e produção nos leva a refletir sobre a qualidade e pertinência dos AO's publicados em repositórios. Considerando que os repositórios estabelecem critérios

que priorizam os aspectos técnicos e não apresentam critérios que deem conta da qualidade do OA armazenado em seus bancos, buscamos, nesta pesquisa, avaliar um objeto educacional destinado ao ensino de língua portuguesa, analisando, além dos aspectos técnicos, a adequação do OA do ponto de vista linguístico e didático-pedagógico a fim de detectar se as atividades presentes no OA cumprem seus objetivos e se apresentam conteúdo que desenvolvam a competência discursiva do aluno como usuário da língua. O OA a ser analisado está disponível no Banco Internacional de Objetos de Aprendizagem-BIOE e tem como título "Drummond e o jogo da pedra" disponível. Trata-se de um jogo interativo onde o aluno deve acertar a pedra preciosa certa, e logo depois, pôr em ordem os versos do poema "No Meio do Caminho" de Carlos Drummond de Andrade.

A PRODUÇÃO TEXTUAL NAS DIFERENTES ÁREAS: QUAIS ORIENTAÇÕES OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS APONTAM?
Luanna Priscila da Silva Gomes (UFRN)
Tatyana Mabel Nobre Barbosa (UFRN)

A escrita é atividade básica presente em quaisquer áreas de ensino. Considerando o caráter polivalente do pedagogo, o presente estudo toma esse profissional como mediador privilegiado de letramento (Kleiman, 2005; 1995) e, por isso, faz-se necessária a pesquisa das aproximações, diferenças e divergências entre as concepções de produção textual adotadas por cada uma das áreas em que atua. Nesse sentido, partiremos da análise dos documentos do Ministério da Educação que contêm referenciais curriculares e orientações voltadas a prática pedagógica nos diferentes níveis e áreas de ensino, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), de ciências naturais, história, geografia, matemática e de língua portuguesa dos anos iniciais do ensino fundamental para analisar o que é escrever nas diferentes áreas. Nosso enfoque nos PCN visa a contribuir para o avanço das políticas de ensino direcionadas aos anos iniciais que repercutem na produção textual no contexto escolar. A análise identificou cinco abordagens para o trabalho com a produção de textos: a escrita como resultado da leitura; a escrita socialmente situada; a mediação na produção de textos; a escrita para registro das aprendizagens; o processo de produção textual. O conjunto dos PCN sinaliza o papel do pedagogo como mediador de gêneros diversos e formador de neoprodutores textuais. No entanto, os diferentes gêneros que predominam em cada disciplina e objetivos de escrita diversos, conforme identificados em nossa análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais, colocam como necessária a continuidade dessa investigação e sinalizam a importância de identificar as particularidades de escrita de cada área, de modo a contribuir para uma prática de produção textual mais articulada no contexto escolar. (CAPES/INEP-Observatório da Educação-Ed.038/10 - UFRN: CE-PPGED/CCHLA-PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

ENSINO DO TEXTO ESCRITO NA ESCOLA: ORIENTAÇÕES DOS LIVROS DIDÁTICOS PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO-ESCRITOR
Lucila Carvalho Leite (Mestranda PPGED – UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa. (PPGED – UFRN)

De acordo com os indicadores oficiais como IDEB, SAEB e Prova Brasil, os alunos da educação básica demonstram dificuldade em dominar estratégias de escrita, planejamento, delimitação do tema, reescrita, adequação ao gênero requerido, etc. Nesse sentido, este trabalho objetiva refletir sobre as orientações para a produção de texto presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa e destinados ao 5º ano do Ensino Fundamental, em virtude do lugar de destaque que esses materiais ocupam nas políticas públicas em educação, seja como delimitador da proposta pedagógica a ser trabalhada em sala, seja como instrumento de apoio para professores e alunos. Então, focalizamos livros didáticos adotados em escolas da rede pública municipal de Natal que estão abaixo da meta do IDEB (2009). Em vista disso, estudos realizados por Bakhtin, Koch, Marcushi, dentre outros teóricos, contribuíram para a realização deste estudo, uma vez que esses referenciais estão em correspondência com a abordagem interacionista e sócio-discursiva da linguagem, de maneira que auxiliaram na formação dos conceitos de língua, texto e gênero textual. Consideramos também os referenciais teóricos oficiais como norteadores para a realização da investigação, como, por exemplo, os PCN de Língua Portuguesa, o PNLD e os Referenciais Curriculares Municipais para o Ensino Fundamental. No decorrer das análises realizadas, evidenciamos que ainda existem orientações para a produção escrita que renegam o entendimento do texto como produto de um trabalho discursivo, o que destitui o seu valor interacional e sua função social nas práticas comunicativas. Por isso, ao apontarmos aspectos recorrentes e/ou ausentes que favorecem ou que impedem a aplicação eficaz das propostas de escrita expressas nas coleções analisadas, elaboramos procedimentos teórico-metodológicos que visam a contribuir na reflexão e no melhor aproveitamento dos livros didáticos no que concerne ao ensino do texto escrito. (CAPES/INEP-Observatório da Educação-Ed. 038/10 - UFRN: CE-PPGED/CCHLA-PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

A LEITURA EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: DIÁLOGO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO
Rodrigo Luiz Silva Pessoa (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Quando falamos no ensino da História, podemos afirmar que a leitura e a escrita estão aliadas à disciplina de maneira intrínseca e inseperável, afinal, a história é feita quando lemos os documentos históricos escritos pelos nossos antepassados ou escrevemos os documentos históricos para as gerações futuras. É a partir desse princípio que, quando partimos para o ensino de História nas escolas, a leitura e as escrita se mostram como ferramentas essenciais para uma prática proficiente dos alunos na disciplina. Essa iniciativa de ler e escrever dentro da perspectiva da História deve partir, além do professor, do Livro Didático (LD) adotado pela escola, já que a nossa história é ensinada por meio de textos para lerem

serem lidos e interpretados. O LD deveria orientar-se por essa visão e apresentar uma abordagem de leitura e de escrita adequados a essa situação, propondo questões que venham a construir sentidos sobre o texto, bem como considerando as múltiplas interpretações. O objetivo primeiro do trabalho será efetuar uma análise de um livro didático da disciplina, da autoria de BOULOS (2009), referente ao 9º ano do ensino fundamental, observando seções do livro nas quais o texto é posto em pauta e analisar como o LD o aborda, ou seja, se as suas práticas são adequadas a um projeto de formar um leitor crítico e proficiente. Como embasamento teórico do trabalho, consideramos a noção de linguagem como concreta, dialógica e constitutiva/constituinte do sujeito, presente em BAKHTIN (2003), bem como as noções sobre livro didático de História que estão em OLIVEIRA (2010), SEAL (2010) e CAIMI (2010). Além disso, nos reportaremos às noções presentes nos PCN sobre a leitura e a escrita nessa área e em seus materiais didáticos. O trabalho se insere na área de Linguística Aplicada e é uma pesquisa de natureza qualitativo-interpretativista.

PROJETO DE MONITORIA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA
Michel Lima Fontoura
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Este trabalho tem por objetivo apresentar as ações do projeto de monitoria "Leitura e produção de textos na esfera acadêmica: práticas e saberes", o qual foi iniciado no primeiro semestre de 2011. Tal projeto tem por finalidade proporcionar ao monitor o contato efetivo com a sala de aula e a experiência com o ensino, integrando, assim, a teoria à prática, conforme as orientações dos documentos oficiais da UFRN para a monitoria. O projeto tem como fundamento teórico a concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010) e como instrumento organizador das atividades de leitura e de escrita/reescrita o gênero discursivo compreendido segundo as postulações da ADD. As ações do projeto consideram a necessária inserção do licenciando nas atividades de sala de aula, considerada, no projeto, como espaço formador por excelência para o exercício da docência. Nesse sentido, o projeto prevê o planejamento e elaboração de atividades para os componentes curriculares aos quais o projeto se vincula, como também, a formação teórica necessária para um trabalho com a leitura e a escrita em ambiente escolar/acadêmico. A metodologia do projeto se fundamenta em uma concepção dialógica de linguagem que a considera enquanto prática social e intersubjetiva constituída e constituinte de sujeitos. Nessa perspectiva, a mediação, a relação com o outro é condição sinequa non para a aprendizagem. Os resultados apontam para resultados exitosos no que concerne à integração teoria/prática e no que diz respeito à formação do licenciando para a docência.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO PNLD PARA A LEITURA E ESCRITA EM LIVROS DIDÁTICOS DE MATEMÁTICA
Renata Lucena Alves de Souto Lopes (Graduanda de Pedagogia-UFRN. Bolsista Capes-INEP)
Profa. Dra. Tatyana Mabel Nobre Barbosa (Centro de Educação. PPGED. UFRN. Capes-INEP) Profa. Dra. Claudianny Amorim Noronha (Centro de Educação. PPGED/PPGECNM. UFRN. Capes-INEP)

Tendo em vista a relevância da leitura e da escrita como práticas sócio-discursivas fundamentais para todas as áreas ao longo da escolaridade obrigatória, faz-se pertinente o estudo das políticas públicas nacionais indutoras das atividades de ensino que envolvem tais ações de linguagem na educação básica. Nesse sentido, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação, através dos seus critérios de análise, seleção e distribuição de livros didáticos se constitui num importante ponto aglutinador das políticas do ensino da leitura e da escrita nas diferentes áreas. Assim, tendo em vista que a área de matemática é uma das que mais se recente de orientações pedagógicas para o ensino, nosso trabalho focaliza os parâmetros adotados pelo PNLD para a seleção dos livros didáticos que se voltam à mediação didática da linguagem para o ensino desse componente curricular. Adotamos para análise o Guia do Livro Didático de Matemática (2010), voltado ao 3º e 5º anos do ensino fundamental, e consideramos os trabalhos de Marcuschi, Rangel, Rojo e Nacaratto como referenciais teóricos básicos. Os resultados preliminares apontam que a abordagem da linguagem é sinalizada - adequação vocabular, clareza, uso de gêneros diversos, diferentes representações, uso de textos longos, auxiliar na compreensão dos textos -, focalizando o processo de comunicação e compreensão do material textual do livro didático. Nosso trabalho aponta, assim, elementos para reflexão do enfoque dado à linguagem naquele que é, atualmente, um dos programas de maior repercussão direta na prática escolar e, além disso, permite ampliar a visão do papel da leitura e da escrita além da área de língu aportuguesa. (CAPES/INEP-Observatório da Educação-Ed.038/10 - UFRN: CE-PPGED/CCHLA--PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

YAATHÊ: ENSINO BILÍNGUE COM SUA ESCRITA PADRÃO
Yracoama Cruz da Silva (UPE/FACETEG)

Pesquisas encontradas por vários Autores no qual a escrita de cada um foi feita conforme sua interpretação da Língua Yaathê falada por os indígenas Fulni-ô,na cidade de Águas Belas-PE,sendo eles os representantes da cultura e língua oralmente passada de pai para filho,tendo mantido até os dias de hoje a sua língua viva com total conscientização de sua importância linguística para esse povo de uma cultura Milenar,os Fulni-ôs é a única etnia de Pernambuco que mantem suas tradições culturais convivendo com os não-índios e a diversidade cultural;essa divisão territorial é feita através de um rio que divide a Aldeia e cidade.Em pernambuco existe outros povos indígenas mas perderam sua língua,alguns falam a de vizinhos,as suas tradições ainda é vivenciado por eles,e,outros perderam totalmente sua cultura e língua.Visando essas pesquisas destaca-se o objetivo desta,sendo uma das maneiras de preservar a identidade do Fulni-ô viva, com a escrita é a segunda forma de memorizar a língua Yaathê Fulni-ô.

GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR: LEITURA E ESCRITA DE TEXTOS ARGUMENTATIVO.O QUE REVELA A PRODUÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO??
Josineide Maria dos Santos (UFRPE-UAG)

Este trabalho aborda o gênero textual redação escolar e as relações que mantém com as competências exigidas pelo Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM para a produção desse gênero. Tem como objetivos, verificar como se desenvolve na escola o ensino do texto dissertativo-argumentativo com estudantes do 3º ano do ensino médio, público-alvo do ENEM e analisar o domínio do aluno sobre o gênero estudado. Adota como fundamentação teórica os pressupostos de Marcuschi (2002) sobre o que define o gênero textual e qual sua funcionalidade; Dolz & Schneuwly (2004) que compreendem os gêneros escolares como práticas de linguagem tornadas objetos de ensino e sugerem um procedimento metodológico para o processo de ensino e aprendizagem desses gêneros; Bezerra (2009), que aborda como a análise de gêneros é feita na atualidade e quais os princípios que a sustenta; e Marcuschi, B. (2007), que apresenta as especificidades do gênero redação escolar. A metodologia se vale de um corpus de redações produzidas por estudantes do 3º ano do ensino médio de uma escola pública, analisadas à luz dos critérios estabelecidos na Matriz de competências do ENEM. A partir da análise é feita a categorização dos elementos que caracterizam a escrita do aluno quanto à apropriação do gênero. Resultados parciais indicam que os alunos compreendem o gênero, mas apresentam dificuldades na elaboração do texto dissertativo-argumentativo, por não dominarem elementos próprios deste. Também se observa que o nível de produção em que os alunos se enquadram relaciona-se à ausência de um ensino sistemático do gênero.

DIÁRIOS (HOJE) DE LEITURA E (AMANHÃ) DE ESCRITA CONSTRUINDO O ETHOS DOS ALUNOS INGRESSANTES NO CURSO DE LETRAS
Anderson Menezes da Silva (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

Esta pesquisa objetiva analisar a construção do ethos discursivo em diários de leitura produzidos por alunos ingressantes no curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no semestre letivo 2010.1. O trabalho é um desdobramento das atividades do Projeto de Monitoria "As Práticas de Leitura e Escrita na Esfera Acadêmica" da disciplina "Leitura e Produção de textos". Na referida disciplina, os alunos foram convidados a registrar suas experiências de leitura por meio de diários nos quais pudessem estabelecer um diálogo com os textos teóricos lidos. O corpus a ser analisado, evidentemente, são os diários de leitura. Interessa ressaltar que a mencionada atividade objetiva ampliar as competências de leitura e de escrita, sendo o diário de leitura um gênero discursivo que, além de proporcionar o registro das leituras, possibilita a escrita responsiva e dialógica. No entanto, análises outras podem ser depreendidas dessa produção. É isso a que se propõe este estudo, analisando-se o ethos discursivo construído pelos alunos. Para promover a investigação, recorreu-se à concepção de linguagem dialógica e de gêneros discursivos proposta por Bakhtin (2003), às proposições de Maingueneau (2006, 2008) e Charaudeau (2006) acerca da construção do ethos discursivo e aos trabalhos de Alves (2007) e Machado (1998) sobre o diário de leituras. A pesquisa se desenvolve na área da Linguística Aplicada e tem como orientação uma abordagem qualitativa dos dados.

ÁREA TEMÁTICA 16: ENSINO DE PORTUGUÊS

O PROFESSOR PESQUISADOR NA VISÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA/UFRN
Maria Cilene de Menezes Silva (UFRN)
Lucrécio Araújo de Sá Júnior(UFRN)

O ensino do português tem subjacente uma determinada concepção de língua. Tudo depende de um conjunto de princípios teóricos nos quais os elementos lingüísticos são compreendidos. O professor não é mais repetidor e não pode mais ficar esperando por receitas. O novo perfil do professor deve ser de pesquisador, com seus alunos, produzindo conhecimento. Muitos professores, entretanto, parecem estar descontentes com as explicações teóricas, o que pode ser justificado, se a teoria que eles estudaram não os ajudou a tornar a sua atividade pedagógica mais produtiva. Porém, tal descontentamento pode significar que haja uma incompreensão do que seja a pesquisa e da interdependência da teoria com a prática, ou ainda que os professores possam estar se acomodando quando esperam que alguém lhes diga o que fazer e como o fazer, dispensando-os do constante trabalho de estudar e reinventarem suas práticas. A educação escolar deve ser vista como um processo social com função política voltado para desenvolvimento global do aluno e da sociedade. Diante das inquietações em relação à formação docente o presente estudo tem como objetivo investigar se os professores do curso de Curso de Especialização em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa/UFRN/2011, percebem-se e assumem-se como pesquisador. Para esclarecer melhor a questão objetivamos conhecer qual diferença apontada pelos professores entre ensino e pesquisa. O intuito é analisar se há uma relação entre ensino e pesquisa nas aulas de LP ministradas por esses professores. Os dados serão discutidos em termos de implicações na prática e na formação docente.

O PIBID E A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA
Jéssica Jerlane Ferreira da Silva (UFRN)
Kívia Natália Ramos Passos (UFRN)
Thaís Karine Moura de Souto (UFRN)
Valquíria Samara P. F. V. Saldanha (UFRN)
Vanessa Cristina Maia dos Anjos (UFRN)
Orientadora: Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves

A formação inicial e contínua de professores é um elemento prioritário para o aperfeiçoamento da educação básica brasileira, para isso se faz necessária a adoção de políticas públicas que incentivem e financiem a formação profissional desses indivíduos. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política do estado que visa melhorar a qualidade de formação dos professores, objetivando antecipar o vínculo entre os futuros docentes e as salas de aula da rede pública, construindo, assim, uma ponte entre o ensino superior (licenciaturas), a escola e o sistema público da educação. As dificuldades tais como medo, insegurança, desestímulo podem ser superadas, em parte, na medida em que o futuro docente vivencia e passa a ter mais convívio com as práticas de sala de aula. Neste sentido, o PIBID surge não só como um estímulo inicial ao licenciando, mas também como uma formação impulsionadora para a permanência desses estudantes nos cursos de licenciatura, oferecendo várias ações que os auxiliem a perceber as diversidades existentes no contexto educativo, para que estes sejam capazes de ter uma postura atuante, construindo uma metodologia que atenda as necessidades dos alunos, respeitando os conhecimentos empíricos de cada um, bem como sua cultura, linguagem e origem social. A interação aluno-professor, em um processo colaborativo de troca de conhecimentos, constroi não só bons alunos, mas também bons professores. Esse trabalho se fundamenta nos pressupostos de Bakhtin (2010, 2003) sobre linguagem, em Nóvoa (1999) sobre formação de professores e nos documentos oficiais que parametrizam o ensino de Língua Portuguesa no Brasil.

A ABORDAGEM GRAMATICAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: UM ESTUDO NO 9º ANO DA UNIDADE MUNICIPAL DE ENSINO JOSÉ DOS SANTOS NUNES (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS)
Cintia de França Silva (UNEAL)
Sérgio Ferreira Lima (UNEAL)
Orientador Fernando Augusto de Lima Oliveira

O indivíduo passa cotidianamente por vários processos de codificação e descodificação de mensagens. Isso porque ele consegue, desde cedo, se fazer entender linguisticamente, através da interação social. Na maioria dos casos, o falante não tem consciência de que dentro da sua própria língua existe uma gramática, viva e atuante, responsável pela formação, estrutura e organização dos códigos usados na produção de enunciados. A disciplina de Língua Portuguesa desenvolve a performance linguística gradualmente, à proporção que o aluno é inserido, num contexto textual e discursivo. Nessa conjuntura, o ensino de gramática torna-se um instrumento de análise fundamental para incrementar o estudo da linguagem. Na maioria das escolas brasileiras, ensina-se a língua materna de maneira descontextualizada e não funcional. Um dos motivos é porque os conteúdos são transmitidos, quase sempre, por meio de práticas de memorização terminológicas e normativas. Em vista disso, uma pesquisa está sendo realizada com as turmas de 9º ano, na Unidade Municipal de Ensino José dos Santos Nunes, rede municipal de ensino da cidade de São Sebastião-Alagoas. Foram levantados questionamentos a respeito da forma como a gramática da Língua Portuguesa é abordada pelos docentes e assimilada pelos alunos. O 9º ano foi focalizado por exercer um papel de "divisor de águas" entre duas esferas educacionais: o Ensino Fundamental e o Médio. O objetivo é demonstrar que o conhecimento acumulado na Educação Básica pode ser insuficiente para proporcionar aos jovens uma entrada para um ensino médio de qualidade. Assim sendo, de acordo com POSSENTI (1996), ensinar o Português padrão é um objetivo da escola. Ao obter domínio sobre as mais diversas variantes lingüísticas, e prudência para adaptá-las conforme a necessidade comunicativa, os educandos adquirem maior competência e versatilidade no uso de suas habilidades sociolingüísticas.

ALGUÉM/NINGUÉM; CADA/VÁRIOS: INDEFINIDOS OPERADORES DE DETRMINAÇÃO
Joana Darc Rodrigues da Costa

Os pronomes indefinidos são normativamente conceituados como sendo palavras que indefinem algo, tornando-o vago, impreciso ou genérico quanto a referência. Porém, ao observarmos a língua em situações de uso efetivo, é possível perceber que elas não se resumem a tal definição. Seus usos podem variar conforme as pretensões dos enunciadores e podem apresentar graus de especificidade fugindo dessa ideia de indeterminação. Assim, embasando-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativa, proposta por AntoiniCulioli, para quem o enunciado é um agenciamento de formas a partir do qual os mecanismos enunciativos podem ser analisados, este trabalho visa analisar os pronomes indefinidos como marcadores de operação de determinação nominal, a fim de caracterizá-los a partir de operações abstratas que estão subjacentes a sua manifestação nos enunciados. Para nós, determinação é considerada como um conjunto de operações elementares através das quais o nome é resultado. Com base no pressuposto descrito, propomos uma descrição da língua em seu funcionamento apresentando os usos das palavras que indicam "indefinição", isto é, os pronomes indefinidos, analisando e identificando os sentidos promovidos pelos sujeitos em enunciados, aprofundando a ideia de que eles contribuem para a significação do enunciado. Para tanto, desenvolvemos nossas análises nos limitando aos usos das palavras: alguém, ninguém, cada e vário encontradas na fala de

estudantes de 5º ano de escola particular, corpus fornecido pelo banco de dados do projeto Aspectos gramaticais do português falado por teresinenses (UFPI) constituído de gravações de amostras da fala de 96 informantes, alunos da 5ª e 9ª séries do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio.

A PRODUÇÃO TEXTUAL NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL
Jaciara Ferreira da Silva (FAESC)
Maria Rosilda Araújo Silva dos Santos (FAESC)
Ramon Gomes da Silva (FAESC)

Este artigo tem como tema a produção textual e pretende apresentar o resultado de uma pesquisa científica que investigou o ensino da produção textual a partir de gêneros, partindo da hipótese de que há lacunas nesta prática, já que o cenário educacional atual nos mostra isto por meio de resultados divulgados por órgãos oficiais como o IDEBE e IDEPE. A investigação está embasada nas teorias propostas por Marcuschi (2002) que prioriza a utilização de gêneros na sala de aula, Bakhtin (1997) com a abordagem dialógica, Bronckart (1994) que foca a importância do interacionismosociodiscursivo no ensino da linguagem e sob a ótica de estudos já realizados por Bazerman (2006). Para gerar dados foi desenvolvida uma pesquisa de campo em escolas de rede pública na cidade de Escada - PE, em que foram entrevistados dez (10) professores de Língua Portuguesa do 7º ao 9º ano, além de observação de aulas, exame do contrato didático, aplicação e análise de exercícios respondidos por 30 alunos das séries já citadas, indicados pelos professores envolvidos por apresentarem bom desempenho durante as atividades diárias. Assim, comprovou-se a hipótese inicial e pode contribuir com a qualificação da prática pedagógica ampliando a visão quanto ao processo de aprendizagem da língua e à potencialização dos gêneros nas escolas de forma significativa, ao se perceber que não há como divorciar o trabalho com a linguagem dos gêneros, já que ela ocorre por meio deles.

A ANÁLISE LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: CONCEPÇÕES, CAMINHOS E ELABORAÇÃO DIDÁTICA
Maria do Livramento Silva Assunção
Maria Luciana de Araújo
Luzineide de Sousa Silva

Estudos em Lingüística Aplicada e Linguística têm procurado discutir e ressignificaras práticas de ensino e de aprendizagem da gramática na educação básica, especialmente no que diz respeito às questões metodológicas de ensino de línguas (ANTUNES, 2005; 2009; BUNZEN; MENDONÇA, 2006; GERALDI, 2005; MARCUSCHI, 2008; MENDONÇA, 2006; POSSENTI, 2005, ROJO, 2005), seja sob a ordem das práticas de leitura e de escrita, seja sob a perspectiva da prática de análise linguística na escola. Tais estudos têm procurado compreender as diferenças teóricas, metodológicas e aplicadas a respeito das práticas de análise lingüística na educação básica à luz dos estudos enunciativo-discursivos e textuais contemporâneos. Partindo de estudos prévios e relacionando-os aos escritos do Círculo de Bakhtin (2003[1979], 2006[1929]; 2008[1929]; 2010[1909])) sobre a análise dialógica da linguagem (BRAIT, 2006; 2007), buscaremos, na presente pesquisa, investigar como se enunciam as atividades de análise linguística em dois livros didáticos direcionados à educação básica no Brasil. Objetivamos, especificamente, compreender (a) as concepções de linguagem e de gramática que consubstanciam essas atividades; (b) a relação diferencial entre o ensino de gramática e o ensino de análise linguística; (c) os pressupostos teórico-metodológicos que subsidiam (ou não) as atividades com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais e (d) como se enunciam as atividades de análise linguística com base na revisão de literatura previamente discutida. Acreditamos que a pesquisa apresenta-se relevante, pois colabora para as discussões atuais sobre o tema nos campos da Linguística Aplicada e da Linguística, assim como contribui para a ressignificação do ensino de línguas na escolarização básica.

A LOCUÇÃO ADJETIVA NO ENSINO DE PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM
IuryMazzili Gomes Dantas
José Romerito Silva

Os livros didáticos de Português, tanto no nível fundamental como no médio, apresentam a locução adjetiva como um subtópico adicional na exposição sobre a classe lexical adjetivo. Nesse sentido, seguindo de perto o modelo adotado pela tradição gramatical, focalizam esse tipo de expressão linguística enfatizando sua função sintática de adjunto adnominal e seu caráter de equivalência semântica com diversos adjetivos de conteúdo similar. Desse modo, apontam para a possibilidade de intercâmbio semântico-funcional entre a locução adjetiva e seu par adjetival correspondente. Disso resulta uma caracterização dessa categoria linguística de forma idealizada e reducionista, uma vez que não leva em consideração o uso efetivo da língua em situações reais de interlocução. Este trabalho, portanto, consiste numa proposta de análise da locução adjetiva, considerando sua multifuncionalidade na conceitualização referencial e na construção do conteúdo informativo do texto, observando, ainda, se, de fato, haveria (ou não) condições de permuta entre a locução e o adjetivo "substituto". Para tanto, recorre a uma aproximação entre às contribuições teóricas da linguística cognitivo-funcional e da linguística de texto, conforme explicitadas em autores como Croft (1991), Tomasello (1998), Liberato (2001), Antunes (2009), Passeggiet al. (2010), entre outros, bem como das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). O material de análise constitui-se de textos de variados gêneros discursivos existentes nos livros didáticos pesquisados. Busca-se, assim, verificar as possibilidades de estudo da locução adjetiva e seu valor no discurso, em contraponto ao que é abordado no próprio manual didático. Espera-se, com isso, contribuir para um trabalho de ensino-aprendizagem de língua materna mais focado na realidade discursiva do cotidiano social.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS ALFABETIZADOS NA LIBRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Claudianny Amorim Noronha
Maria José Silva Lobato
Tatyana Mabel (UFRN)

No contexto atual, a inserção de pessoas com necessidades educativas especiais na escola tem se revelado um fato já incontornável, em função do apoio de políticas públicas nessa direção. A lei no 10.436, de 24 abril de 2002, reconhece oficialmente a Língua Brasileira de sinais como meio legal de comunicação e expressão, sendo regulamentada através do decreto n 5.626, de 22 de dezembro de 2002. Para a escola, um dos maiores desafios é o trabalho com a leitura e a escrita da língua portuguesa para o aluno com surdez, uma vez que a falta de domínio ou domínio precário dessa língua reflete significativamente na sua vida acadêmica e na sua participação social, cultural e profissional efetiva. Por meio da língua materna (LIBRAS), a escolarização dos educandos surdos inseridos nas escolas regulares, vem passando por gradativas adaptações curriculares e as pesquisas se intensificam nessa área e recursos didáticos estão sendo criados. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é identificar quais são as estratégias para ensino da leitura e da escrita da língua portuguesa para um aluno com surdez, alfabetizado na LIBRAS. Tomaremos como material para análise o ensaio autobiográfico produzido por uma professora da Rede pública em situação de formação continuada, onde relata suas memórias escolares e o trabalho junto a alunos com surdez. Partiremos da noção da LIBRAS como língua da modalidade visual-gestual (ou espaço-visual), natural e completamente desenvolvida, não derivada do português e, portanto, com estruturas e gramática própria. Na análise do ensaio, a professora relata o uso de jogos, música e livros para auxiliar na aprendizagem do aluno surdo a ler e escrever; relata o uso de histórias em sequência e do diário coletivo. As estratégias têm em comum sociabilização e inserção do aluno no mundo letrado da língua portuguesa. Essas análises pretendem formular as categorias iniciais para o avanço da pesquisa na área e contribuir na reelaboração de questões sobre a inclusão que se pretende para o deficiente auditivo, a fim de que possa ser usuário da língua portuguesa e inserir plenamente nas práticas escolares. (CAPES/INEP-Observatório da Educação-Ed.038/10 - UFRN: CE-PPGED/CCHLA-PPGEL/CCET-PPGECNM - 2011-14|Grupo CONTAR).

GÊNEROS TEXTUAIS E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
José Robson da Silva (UFRPE)
Orientador: Adeilson Pinheiro Sedrins

A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel, essas diferenças se refletem na linguagem (GERALDI, 1995, p.35). Diante disso, a escola tem um papel importante na vida do aluno, cabendo a ela despertá-lo, expor e ampliar a diversidade de gêneros textuais para se chegar a um leque de conhecimentos linguísticos. Mas nem sempre essa realidade se efetiva no ensino de língua portuguesa, nas escolas de ensino fundamental e médio, onde a língua materna nem sempre é tida como meta primordial para proporcionar ao educando o desenvolvimento das habilidades que façam com que ele tenha cada vez mais capacidade de usar um número maior de recursos da língua para produzir efeitos de sentido em diversas situações do processo de interação verbal. Diante do exposto, buscamos neste trabalho pensar no estudo sócio-histórico dos gêneros textuais como uma das maneiras de entender o próprio funcionamento social da língua. Para este trabalho apresento reflexões iniciais de uma pesquisa resultado de minha atuação enquanto bolsista de iniciação à docência do PIBID-LETRAS, desenvolvido em uma escola pública da rede estadual, localizada no município de Serra Talhada, cujo corpus é composto de produções de diversos gêneros textuais como, por exemplo, literatura de cordel, crônicas, letras de música, etc. produzidos por alunos do ensino médio da referida escola. O objetivo é verificar nas produções dos alunos como se dá a constituição dos diferentes gêneros textuais, observando os recursos linguísticos por eles utilizados, para garantir as especificidades de cada gênero textual, bem como atentando para a variação de estilo (e de outros níveis gramaticais). A análise fundamenta-se nos estudos de Marcuschi (2001), Koch (1997), Bronckart (2001), Schneuwly (1994) dentre outros. Espera-se que tais produções levem os alunos a refletirem como se deu o processo de construção de cada gênero, bem como reconhecer as especificidades de cada um, possibilitando assim a desmistificação da questão da unidade linguística da Língua Portuguesa a partir de reflexões que sejam alicerçantes não só para o ensino de língua, mas para a própria construção do sujeito critico.

A ORALIDADE EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE ABORDAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS
Ester Suassuna Simões
Paula Antunes Sales de Melo
Emanuelle de Sousa Pacheco

A oralidade foi, por muito tempo, esquecida quanto objeto de ensino sistemático na aula de língua portuguesa. Tal realidade se deveu à falsa ideia de oposição entre fala e escrita, sendo a primeira associada à falta de planejamento e espontaneidade, e, assim, encarada como conhecimento já dominado pelo aluno e de abordagem desnecessária em sala de aula. No entanto, desde a década de 80, quando a linguagem passa a ser estudada numa perspectiva interacionista, a oralidade vem sendo trabalhada em um contínuo com a escrita, mais ou menos formal a depender da situação de interação na qual seja utilizada. Assim, o ensino de oralidade passou a ter maior importância e a ser mais constantemente objeto de pesquisas científicas. Tendo em vista esses aspectos, objetivamos estabelecer relações entre as conclusões de três pesquisas realizadas em programas de pós-graduação no Brasil no que diz respeito à presença da oralidade e dos gêneros orais em livros didáticos de língua portuguesa, e à forma como esses são abordados, principalmente em relação aos objetivos traçados pelos PCNs e pelo PNLD. Para isso, utilizamos, como principais teóricos, Geraldi (2006), que aborda as

diferentes concepções de linguagem; Marcuschi (2003) e Bakhtin (2000), que tratam dos gêneros textuais; Milanez (1993) e Cavalcanti e Marcuschi (2005), que abordam as concepções de oralidade; e Dolz, Schneuwly e Haller (2004), que trazem a questão do trabalho com os gêneros orais na sala de aula de língua materna. Observamos, nas três pesquisas, a presença da oralidade nos livros didáticos analisados pelas autoras. No entanto, aponta-se uma problemática em relação à forma como a oralidade e os gêneros orais são abordados: muitas vezes, se fazem presentes ainda como meio para a aprendizagem de outros conteúdos da língua. Apesar disso, as autoras encontram também alguns exemplos de propostas de trabalho sistemático com gêneros orais formais públicos, o que mostra a consciência de que o conteúdo abordado na escola deve ultrapassar o conhecimento prévio dos alunos. No caso do trabalho com a oralidade, é preciso lhes possibilitar novas experiências para que, quando necessário, se adequem às distintas situações em que a modalidade oral é exigida.

NOVOS RECURSOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO
Adriana Roque Lima (UFRPE)
Orientador: Inaldo Firmino Soares (UFRPE)

Este trabalho tem o objetivo de analisar alguns recursos teórico-metodológicos de auxílio ao professor no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Estimular a reflexão do estudante frente a questões de ensino-aprendizagem, incluindo o próprio discurso pedagógico, a linguagem da produção textual (oral e escrita), a análise lingüística e leitura, favorecendo a construção de um conhecimento articulado ao propósito da linguagem. Desenvolver a reflexão em torno da problemática do ensino de Língua Portuguesa em suas especificidades, discutindo as alternativas existentes e as possibilidades de integrar teoria e prática. Apresentar sugestões práticas e interativas em sala de aula de Língua Portuguesa e criar novas dinâmicas. Promover eventos interativos de reflexão sobre novos recursos educacionais para os alunos de ensino médio e propiciar ao estudante conhecimentos teórico-metodológicos relativos ao processo de ensino e aprendizagem, capacitando-o para uma atuação competente e efetiva na escola. Trabalhar conteúdos e propostas metodológicas na área de Língua Portuguesa, buscando o desenvolvimento de um trabalho alternativo. Aprofundar as discussões e estimular propostas de trabalho sobre a interação teoria e prática na relação pedagógica professor-aluno e objeto de conhecimento, abarcando determinações de caráter micro e macroestrutural com vistas ao exercício profissional crítico e criativo, constituído a partir de uma concepção de ensino vinculada com a pesquisa. É através de um trabalho mais criativo e dinâmico que o professor pode se estimular na construção de seu fazer pedagógico e os alunos, para construírem aprendizagens significativas, devem ser animados a praticarem os procedimentos partindo da orientação para a autonomia. Ensinar é um processo que envolve alunos e professores num diálogo constante, é criar condições para que os alunos desenvolvam as condições básicas de domínio das diversas linguagens, de modo a poder sistematizar o conhecimento e expressar tanto suas dúvidas e suas descobertas e criações.

UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE ARAPIRACA – ALAGOAS
Alessandra dos Prazeres da Silva Reis
Darlla Vicente da Silva (UNEAL)
Orientador Fernando Augusto de Lima Oliveira

Este trabalho visa apresentar um estudo reflexivo sobre como está sendo desenvolvido o ensino de gramática na rede pública municipal de Arapiraca: contextualizada ou puramente tradicional? As propostas mais recentes postulam que o que deve ser trabalhado em sala de aula são os fatores ligados às práticas de linguagem. Porém, a maioria dos professores, tanto de ensino médio, quanto do fundamental, tem uma grande dificuldade no que diz respeito às concepções de linguagem e ao ensino gramat ical que devem ser adotadas no contexto escolar. Para o desenvolvimento desta pesquisa partimos da hipótese de que o ensino deste município é tradicional, uma vez que impossibilita levar os alunos a uma reflexão mais funcional da sua língua materna. Segundo os PCN's (p.28), não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano – uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. Em função disso, dicute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é o que, para que e como ensiná-la. Bagno (2000:87) diz que a gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento linguístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa. Assim sendo, a gramática em si não justifica seu papel de única fonte para o ensino da língua nas escolas, tanto do ponto de vista teórico quanto do prático, bem como o código normativo da linguagem, tomado no geral.

ÁREA TEMÁTICA 17: CULTURAS POPULARES E ENSINO

CANTORIA DE VIOLA FEMININA: IMPROVISO DE REPENTE NA SALA DE AULA
Andréia Maria da Silva Lopes (Bolsista CAPES/POSLE/UFCG)
Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros (Bolsista CAPES/PIBID/UFRN)

Dos vários gêneros da cultura popular oral, a cantoria é uma modalidade que permeia o Nordeste brasileiro desde o século XIX. Embora fossem analfabetos, os cantadores tinham um conhecimento nato do mundo, trazendo em suas canto-

rias temas diversos como: política, religião, figuras mitológicas, como também coisas do cotidiano do homem sertanejo. Embora a cantoria de viola seja predominante de voz masculina, é possível encontrar no nordeste, em estados como Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, várias mulheres que se destacaram e se destacam nesta cultura oral. Este trabalho visa tecer considerações sobre uma manifestação cultural de grande valor: a cantoria de viola. Desse modo, objetivamos refletir sobre o tema e investigar a ocorrência dessa prática na Cidade de Currais Novos/RN, a partir da atuação feminina. Além disso, temos o anseio de transcender o meio acadêmico e chegar à sala de aula de ensino básico através de uma sugestão para o ensino com a cantoria de viola. O estudo foi desenvolvido a partir de três etapas: pesquisa bibliográfica, na qual revisitamos teóricos como Sobrinho (2003), Filho (1972) e Maxado (1980); em seguida, fomos a campo e entrevistamos uma repentista/violeira. Por fim, de posse dessa análise dos dados refletimos sobre a relevância da entrada dessa arte no âmbito escolar subsidiado em Pinheiro (2001). Em virtude disso, constatamos que a cantoria de viola se caracteriza como uma forma de resistência da cultura popular em que se destaca a voz feminina, a qual também atua como firmadora de sua identidade cultural. Sendo assim, esse estudo na sala de aula pode vir a contribuir com a formação do aluno, uma vez que este pode conhecer um pouco de sua própria cultura, refletindo, portanto, sobre sua identidade cultural e a sociedade em que está inserido.

ALIENAÇÃO E SUBMISSÃO DA CULTURA POPULAR DENTRO DO CÂNONE LITERÁRIO
Elba Ramalho da Silva (UEPB)
Orientadora: Andréa de Morais Costa Buhler (UEPB)

A atual configuração educacional apresenta-se um tanto distorcida, tendo em vista que alguns padrões sociais desfavorecem grande parcela da sociedade, privilegiando apenas parte dela. Nesta esfera da sociedade, torna-se perceptível as lacunas existentes, as quais na sua maioria são decorrentes de um sistema educacional seletivo e excludente, uma vez que o mesmo na primazia da triagem dos conteúdos atribui status a alguns gêneros literários, enquanto que praticamente aliena a existência de outros, como é o caso do gênero literário cordel, o qual é submisso, devido ao fato de ser visto como algo inferior em comparação ao erudito. Nesta perspectiva, a presente pesquisa tem o objetivo de promover uma reflexão sobre a exclusão do gênero cordel, sobretudo nas escolas, a qual ocorre devida o preconceito instalado no discurso cultural representado; apresentando assim, suporte que defende a inclusão do gênero no cronograma escolar como uma ferramenta educativa influenciadora no processo de formação de leitores, bem como, um excelente artifício incentivador da alfabetização dos nordestinos, devido ao teor didático e educativo atribuído à tipologia do assunto. Desta forma tais suportes são de fundamental importância, uma vez que a inclusão do cordel nas escolas ocasionará uma expansão cultural, e bem como, a diminuição do preconceito sobre a poesia popular nordestina. Vale resaltar que o ensino da literatura como disciplina escolar tem sido revisto permanentemente por teóricos como Ayala (2003), Brasil (1998), Campos (1977) Fidelis (2005), Freire (1988), Galvão (2001), Kleiman (2001), Zilberman (1988). Guardando as particularidades dos interesses, esses teóricos, além de revisitar o problema do cânone literário, reivindicam uma programática pedagógica que ultrapasse o ensino opaco e mecânico da literatura, sugerindo, assim, abordagens diferenciadas que permitam uma relação mais dinâmica entre o texto e o leitor-aluno. Logo, busca-se promover uma discussão sobre o preconceito instalado na cultura nordestina, o qual é repassado através do cordel e também possibilitar de forma indireta uma conscientização de que cada gênero literário tem um valor significativo dentro de uma sociedade de classes.

CIRANDA, CIRANDINHA VAMOS TODOS CIRANDAR: A BUSCA PELO RESGATE DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.
Ana Maria Souto Luz da Silva (UFRPE-UAG)
Orientadora: Maria Jaqueline Paes de carvalho (UFRPE-UAG)

Considerando que a vida da criança gira em torno do brincar e, que este ato é importantíssimo para a constituição do ser humano, vê-se a necessidade de se resgatar aquelas brincadeiras tradicionais, que remetem a recordações da infância de muitas pessoas, uma vez que o brincar, ao longo do tempo, vem sofrendo grandes modificações. Em decorrência disso, o presente trabalho tem por finalidade abordar o tema em busca pelo resgate das brincadeiras tradicionais na educação infantil. Traça o objetivo de analisar a relação entre brincadeiras vividas hoje pelas crianças na hora do recreio de uma escola de Educação Infantil e as brincadeiras vivenciadas antigamente na mesma região da escola. É o fruto de uma pesquisa feita na Cidade de Saloá - PE, em uma instituição de ensino público, por meio dos seguintes procedimentos metodológicos: observação de brincadeiras efetivadas pelas crianças no recreio, entrevista com professoras e com idosos da comunidade onde se localiza a escola. Como fundamentação teórica traça um panorama histórico geral sobre as brincadeiras infantis no Brasil, com base em Atman (2008). Em seguida, defende a ideia de que brincar se aprende brincando, mostra o percurso que favorece a aquisição da aprendizagem na criança, de maneira a respeitar seu desenvolvimento. Para este último aspecto teórico, tem-se apoio nos estudos de vários autores, dentre eles, Borba (2007); Dornelles, (2001); Kishimoto, (2004); Vygostky (1988); Leontiev, (2006); Santomé, (2001). Como implicação pedagógica, a realização deste estudo enfatiza a busca por novas possibilidades de uso das brincadeiras, que venham a contribuir para a educação infantil, sendo de fundamental importância que o educador possa se utilizar da memória como fonte histórica, estimulando as crianças de hoje a conhecerem outras possibilidades de brincadeiras, inclusive, as tradicionais.

ÁREA TEMÁTICA 18: FUNCIONALISMO E ENSINO

ITENS CONJUNTIVOS NA ESCRITA PERNAMBUCANA DOS SÉCULOS XVIII E XIX: UM ESTUDO FUNCIONALISTA

Cleber Alves de Ataide (UFRPE/SERRA TALHADA)
Daniele Cardoso (UFRPE/SERRA TALHADA)
Ivanilson José da Silva (UFRPE/SERRA TALHADA)

As diferentes possibilidades de emprego das conjunções subordinadas e coordenadas têm sido um dos aspectos gramaticais bastante discutidos por diversos professores-pesquisadores. Christiano (2004) investigou em cartas oficiais da administração da Capitânia da Paraíba do século XVII e XVIII o uso de várias conjunções a fim de identificar a trajetória sócio-histórica das conjunções e saber que valores semânticos elas assumiram, e se esses valores podem estar correlacionados a restrições estruturais. Silva (2001) analisou as diferenças nos processos sintático- estruturais de conexão de frases, mostrando como os conectivos de coordenação e de subordinação se comportavam sintático e semanticamente no século XV, na versão mais antiga em português dos Diálogos de São Gregório. Como proposto igualmente por Christiano 2002) no projeto em "Elementos conjuntivos na produção escrita: um estudo diacrônico", nossa investigação parte também da hipótese de que as conjunções coordenadas e subordinadas, além da função sintática primitiva, podem ter-se revestido, na trajetória sócio-histórica, de novos valores semânticos em diferentes contextos lingüísticos. Caso nossa hipótese se confirme, resta-nos verificar se esses mesmos valores permanecem nos textos atuais.Para tanto, utilizaremos como referencial teórico um dos princípios básicos do funcionalismo, a teoria da gramaticalização. Diacronicamente, serão analisados diferentes gêneros textuais dos séculos XVIII, XIX e XX, tais como manuscritos oficiais e particulares, cartas do leitor e editoriais entre outros, coletados pela equipe regional em Pernambuco, no Projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB). De posse dos resultados, pretendemos compará-los com os já obtidos na Paraíba (Christiano: 2005, 2006 e 2008) e na Bahia (Silva, 2001).

ÁREA TEMÁTICA 19: COGNIÇÃO E ENSINO

LINGUAGEM E MEMÓRIA: INTERFACES DO ACESSO LEXICAL

Aniela Improta França (ACESIN/UFRJ)
Joyse Ashley Vitorino de Medeiros (ICe/UFRN)
Sidarta Ribeiro (ICe/UFRN)

No presente trabalho apresentamos uma proposta de investigação sobre o acesso lexical a palavras compostas no PB. O que acontece no cérebro quando reconhecemos uma palavra? Como fazemos a correspondência entre a informação sensorial, seja ela acústica, visual ou tátil, e as representações armazenadas no léxico? E ainda, a forma como acessamos as palavras é influenciada pelo modo como esse léxico está organizado? Modelos de decomposição plena (full-parsing) sugerem que, no momento do acesso lexical, as palavras são decompostas em unidades menores, a saber, morfemas. Ou seja, o pressuposto central desses modelos é que as palavras estão armazenadas em nossa memória sob a forma de unidades mínimas significativas. Nossa proposta consiste em investigar a realidade psicológica de um desses modelos (i.e., a Morfologia Distribuída), a partir de um teste de decisão lexical. O teste terá como objetivo investigar se há alguma diferença psicologicamente relevante e empiricamente mensurável no modo como processamos palavras simples e compostas. Para tanto, realizaremos um teste de decisão lexical no qual os voluntários terão que avaliar se as palavras que lhes serão apresentadas são legítimas ou pseudopalavras. Durante o experimento, além de palavras reais, simples e compostas, serão exibidas também pseudopalavras simples e compostas. A partir das médias de seus tempos de reação e médias das respostas eletrofisiológicas obtidas por eletroencefalograma, verificaremos se existe diferença nesse processamento dessas categorias. Nossa hipótese é que se houver uma diferença relevante, isso pode se dever ao fato que a representação das palavras na mente é morfologicamente estruturada. Acreditamos que o estudo desse tópico traz ainda conseqüências significativas as metodologias de ensino de primeira e segundas línguas, pois há evidências de que o aprendizado lingüístico baseado em morfemas é mais eficaz que o ensino de palavras inteiras.

ANÁLISE DE VERBETES DE VOCÁBULOS QUE REPRESENTAM CORES

Thaísa Maria Rocha Santos

O presente artigo objetiva comparar os verbetes de vocábulos que designam cores em dois dicionários, levando em consideração a teoria do desenvolvimento mental do indivíduo, formulada por Jean Piaget. Os dicionários utilizados nesta pesquisa foram os dicionários Mini Aurélio (2008) e Saraiva Infantil (2008). O corpus escolhido consiste em um conjunto de informações nas cores básicas: amarelo, azul, branco, preto, vermelho e verde. Os dados revelam que é importante a adequação dos diferentes tipos de dicionários a seus públicos-alvo, devido, principalmente, ao fato de, segundo Jean Piaget, cada fase do desenvolvimento mental humano conter características intelectuais diferentes e peculiares. Percebemos, portanto, através da análise do nível de complexidade em relação às definições em estudo e de suas constituições figurativas e metaforizadas, que os verbetes de ambos os dicionários em análise estão de acordo com sua função, definidas pelos estudiosos, e com o uso da linguagem que se insere de acordo com as competências linguísticas de cada público-alvo, ao qual cada dicionário se destina.

MANOEL DE BARROS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Diego Bezerra de Oliveira
Raíssa Vale Miranda Cavalcante

Um dos objetivos desse estudo é obter de poemas selecionados de Manoel de Barros uma facilitação do ensino de literatura no ensino fundamental. Identificar na poesia do escritor elementos que permitam elucidar dispositivos linguisticos conhecidos como figuras de linguagem, dado que o autor utiliza-se de recursos como a sinestesia e a metáfora. Podemos então compreender a expressão de ideias em imagens e a relação dos signos com percepções sensoriais. Logo, o objetivo principal é conduzir os alunos à experiência imagética para a compreensão das figuras de linguagem na literatura. A pesquisa é de caráter didático e teve como base teórica as contribuições de Jackobson, por sua relação irrestrita com a literatura, sua importância no progresso dos elementos da comunicação, através das funções da linguagem, presentes no livro "Linguística e comunicação". No entremeio desta perspectiva imagética e utilizando-se de uma análise semiológica, utilizamos os estudos de Lucia Santaella sobre semiótica em Louis Hjelmslev, além se seus próprios estudos em comunicão semiótica e intersemiótica e sua contribuição no estudo do diálogo entre poesia e as diversas linguagens artisticas no livro "Porque as comunicações e as artes estão convergindo?" e Roland Barthes, pelo livro "Elementos de semiologia". Através deste trabalho evidenciamos uma alternativa de ferramenta metodológica para realizar a inclusão de uma literatura de caráter rebuscado e não convencional, das raízes de nossa cultura, para as salas de aula de ensino fundamental. As relações visuais e pictóricas da poesia de Manoel de Barros dialogam com o imaginário infantil, possibilitando uma melhoria na produção cognitiva da criança e do adolescente.

Isnério Souza | 84 9191.1239

Organizado por
Marco Antonio Martins
Lucrécio Araújo de Sá Júnior
Maria das Graças Soares Rodrigues
Sulemi Fabiano Campos

REALIZAÇÃO

GELNE
www.gelne.org.br

SEDE

ppgel programa de pós-graduação em estudos da linguagem

DLET DEPARTAMENTO DE LETRAS UFRN

APOIO

UFRN UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CCHLA-UFRN

PROEX PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

ABRALIN Associação Brasileira de Linguística

CAPES

DLEM

CENTRO DE EDUCAÇÃO DPEC DFPE

PPGED

Museu Câmara Cascudo UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

NCCEN Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses UFRN

PPGL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS UERN

UP Universidade Potiguar LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES Escola de Educação Letras

EDITORA Comprometida com a educação

COOPERATIVA CULTURAL UNIVERSITÁRIA Sua livraria na UFRN

10 anos 2001/2011 a editora de quem ama as letras

editora contexto Promovendo a Circulação do Saber

EDUFRN Editora da UFRN

SEDIS SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA